DO AUTOR DE "PODER ABSOLUTO"

DAVID BALDACCI

A EMBOSCADA

A quem recorrer quando não restou ninguém?



Rocco

David Baldacci

A EMBOSCADA

Titulo original
Last Man Standing
2001
Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos

Editora Rocco

Sinopse

Foram precisos apenas dez segundos para que Web London perdesse tudo: os amigos, sua equipe, sua reputação. Membro de uma equipe de resgate de reféns, unidade de elite do FBI, Web entrou num beco sem saída, a caminho do esconderijo de um traficante de drogas, e deparou com uma emboscada de alta tecnologia, projetada para matar todos os seus companheiros.

Agora, sofrendo com as acusações de viúvas angustiadas e as suspeitas dos outros agentes, Web tenta reconstituir sua vida, com a ajuda de uma psiquiatra, Claire Daniels. Para isso, ele precisa descobrir por que foi o único homem a sobreviver à emboscada... e encontrar a única outra pessoa que saiu viva daquele beco, um menino de dez anos, desaparecido desde então.

A investigação de Web leva-o dos cortiços de Washington às colinas ondulantes da Virgínia em que se criam cavalos... enquanto pessoas ao seu redor são violentamente silenciadas. Por instinto, Web acredita que sabe onde o assassino atacará na próxima vez. Só que, desta vez, ele pode não sobreviver ao ataque.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, localidades e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, locais ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright (c) 2001 by Columbus Rose, Ltd.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 - 8º andar 20030-021 - Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br
Printed in Brazil / Impresso no Brasil
preparação de originais Ebréia de Castro Alves

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B146e Baldacci, David
A emboscada / David Baldacci; tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. - Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
Tradução de: Last man standing
ISBN 978-85-325-21777-4
1. Ficção americana. I. Lemos, A.B. Pinheiro de (Alfredo Barcellos Pinheiro de), 1938-. II. Título.
07-1207 CDU - 821.111(73)-3

A todos os professores e outros voluntários em todo o país que ajudaram a fazer com que o projeto All America Reads se tornasse uma realidade.

Este livro é também dedicado à memória de Yossi Chaim Paley (14 de abril de 1988 - 10 de março de 2001), o jovem mais bravo que já conheci.

"*Um homem acusado erradamente é sempre vilipendiado pelas massas ignorantes.*
Se esse homem atirar a esmo, é inevitável que acerte em alguma coisa."

ANÔNIMO

"*Rapidez, surpresa e violência de ação*."

LEMA DA EQUIPE DE RESGATE DE REFÉNS

Agradecimentos

AGRADECIMENTOS A MEUS BONS AMIGOS PHILIP EDNEY E NEAL SCHIFF, DO FBI, por toda a sua ajuda e conselhos. Obrigado por sempre me apoiarem.

Obrigado ao agente especial W.K. Walker por sua ajuda e conselho.

Ao Dr. Steve Sobelman, por sua valiosa ajuda com os aspectos psicológicos descritos no livro e por ser um homem extraordinário e um querido amigo. Steve, amaríamos você de qualquer maneira, mesmo que não fosse casado com Sloane Brown, sua fabulosa esposa.

A meus maravilhosos amigos Kelly e Scott Adams por toda a sua ajuda e conselho com os termos equestres do livro, e por me acompanharem pela neve durante dois mil acres. Kelly, obrigado também por me ensinar a montar o Boo. Voltarei para mais!

A meu novo amigo, Dr. Stephen P. Long, por sua ajuda referente à Oxycontin. Steve, seus comentários foram perceptivos e acertaram em cheio.

A Lisa Vance e Lucy Childs por manterem em ordem minha vida literária.

A Art e Lynette por tudo o que fazem por nós.

A Steve Jennings, por ler mais uma vez cada página com sua visão de águia.

À Dra. Catherine Broome, por me explicar pacientemente questões médicas complicadas, de uma forma que até eu pude compreender.

A Aaron Priest por todos os seus grandes conselhos sobre este livro. Eu lhe sou grande devedor.

A Francês Jalet-Miller por mais um magnífico trabalho de editoração. Você se superou desta vez, Francie. E a Rob McMahon por seus comentários muito ponderados.

A Deborah Hocutt por tornar minha vida muito melhor. E a seu mando, Daniel, por criar um incrível site na Internet.

A Michelle por manter nosso mundo louco no rumo certo.

A todas as pessoas maravilhosas da família da Warner Books, incluindo Larry, Maureen, Jamie, Tina, Emi, Martha, Karen, Jackie Joiner e Jackie Meyer, Bob Castillo, Susanna Einstein, Kelly Leonard e Maja Thomas:

vocês são os melhores.

E, finalmente, a meu amigo Chris Whitcomb, agente da Equipe de Resgate de Reféns, que, além disso, é um extraordinário escritor e uma das pessoas mais incríveis que já conheci. Chris, eu não poderia ter escrito este livro sem você. Foi além do cumprimento do dever para me ajudar e nunca esquecerei. Desejo a você todo o sucesso em sua carreira de escritor. Você merece.

1

WEB LONDON EMPUNHAVA UM RIFLE SEMIAUTOMÁTICO SR 75, fabricado sob medida por um armeiro lendário. O SR não se limitava a ferir carne e osso, desintegrava-os. Web nunca saía de casa sem essa arma, que se destacava sobre todas as outras, pois era um homem mergulhado na violência. Estava sempre disposto a matar e fazia questão de fazê-lo com eficiência, sem erro. Se algum dia tirasse uma vida por engano, seria capaz de atrair a bala para si mesmo, por toda a angústia que isso lhe causaria. Nos termos mais simples possíveis, era dessa maneira complexa que Web ganhava o pão de cada dia. Não podia dizer que adorava seu trabalho, mas queria se distinguir no que fazia.

Apesar de manter uma arma na mão quase em todos os momentos despertos da vida, Web não era do tipo que dispensasse atenção exagerada às suas armas. Nunca chamara uma pistola de amiga, nem lhe dera qualquer apelido carinhoso. Mas as armas eram parte importante da vida de Web, mesmo não sendo coisas fáceis de domar, como os animais selvagens. Até mesmo agentes policiais treinados erravam o alvo e todo o resto oito em dez vezes. Para Web, no entanto, isso não apenas era inaceitável, mas também suicida. Ele tinha muitas características peculiares, mas o desejo de morte nunca fora uma delas. Havia muitas pessoas que gostariam de matá-lo, e uma ocasião isso quase acontecera.

Cerca de cinco anos antes, não morrera por pouco, com um ou dois litros de sangue derramado, no chão do ginásio de uma escola, no meio dos corpos de outros homens, já mortos ou agonizantes. Depois que superou os ferimentos, surpreendendo os médicos, Web passou a andar com o SR, em vez da submetralhadora que seus companheiros preferiam. O rifle parecia com o Ml6, usava uma enorme bala .308. Era uma excelente escolha se intimidar fosse o objetivo. Pois o SR fazia com que todo mundo quisesse ser seu amigo.

Através da janela escura do Suburban, Web observava cada agrupamento de pessoas nas esquinas, os movimentos suspeitos de humanidade espreitando de vielas escuras. Enquanto se infiltravam ainda mais por território hostil, Web voltou a concentrar sua atenção na rua, pois sabia que cada veículo podia ser um inimigo armado sob disfarce. Procurava por qualquer olhar sugestivo, aceno de cabeça ou dedos batendo

furtivos em celulares, numa tentativa de causar algum mal ao velho Web.

O Suburban virou a esquina e parou. Web olhou para os seis outros homens espremidos lá dentro. Sabia que pensavam as mesmas coisas que ele: saia depressa e com segurança, corra para se proteger e mantenha fogo cerrado. O medo não chegava a entrar na equação; o nervosismo, porém, era outro problema. A adrenalina de alta octanagem não era sua amiga; ao contrário, poderia com a maior facilidade levá-lo à morte.

Web respirou fundo, para se tranquilizar. Precisava que a frequência cardíaca se situasse entre sessenta e setenta. A 85 batidas, a arma poderia tremer contra seu torso; a noventa batidas, não dava para operar com eficiência, pois a oclusão de sangue nas veias e os nervos comprimidos nos ombros e braços combinavam-se para garantir que não haveria um desempenho em nível aceitável. Com mais de cem batidas por minuto, a pessoa perdia as habilidades motoras mais refinadas e não seria capaz de atingir um elefante com um canhão a um metro de distância. O que seria a mesma coisa que colar um cartaz na testa pedindo MATE-ME DEPRESSA, porque esse seria seu destino inevitável.

Web expirou devagar e se tranquilizou. Para ele, havia calma a ser destilada do caos fermentando.

O Suburban voltou a se mover. Virou mais uma esquina e parou. Pela última vez, Web sabia. O silêncio do rádio foi rompido quando Teddy Riner falou pelo microfone na haste que se projetava dos fones nos ouvidos para a boca: — Charlie para COT. Solicito concessão de autoridade e permissão para entrar em amarelo.

Através de seu próprio microfone, Web ouviu a resposta sucinta do COT, ou Centro de Operações Táticas: — Um momento, Charlie Um. Fique de prontidão.

No mundo colorido de Web, "amarelo" era a última posição de esconderijo e cobertura. Verde era o local de crise, o momento da verdade: a ruptura. A travessia do pedaço de terra sagrado que se estendia da segurança relativa e do conforto do amarelo até o verde do momento da verdade podia ser bastante acidentada; — Concessão de autoridade... — murmurou Web, baixinho, para si mesmo.

Era apenas uma forma de pedir autorização para abater as pessoas a tiro, se fosse necessário. A impressão, no entanto, era de que se pedia permissão a seu chefe para cortar uns poucos dólares no preço de um carro usado. O silêncio do rádio foi rompido outra vez quando o COT comunicou: — COT

para todas as unidades. Vocês têm concessão de autoridade e permissão para entrar em amarelo.

Muitíssimo obrigado, COT. Web se aproximou das portas de carga do Suburban. Ele seguiria na frente, com Roger McCallam na retaguarda. Tim Davies iria no meio. Riner era o líder da equipe. Big Cal Plummer e os outros dois atacantes, Lou Patterson e Danny Garcia, estavam prontos, com as metralhadoras, as granadas de flash bang, que emitiam um clarão e um tremendo barulho, mas sem estilhaços, e as pistolas .45. Os dois sempre aparentavam a maior calma. Assim que as portas fossem abertas, todos se espalhariam, como uma massa em movimento, à procura de ameaças em todas as direções. Correriam pisando com as pontas dos pés primeiro, depois os calcanhares, os joelhos um pouco dobrados para absorver o recuo, caso tivessem de disparar. A máscara no rosto de Web reduzia seu campo de visão para uma modesta área de observação: a Broadway em miniatura da iminente turbulência da vida real, sem a exigência de ingresso caro ou traje passeio. Sinais com as mãos seriam suficientes dali por diante. Quando as balas voavam em sua direção, a pessoa tendia de qualquer maneira a manter a boca fechada E Web nunca fora de falar muito no trabalho.

Ele observou quando Danny Garcia fez o sinal-da-cruz, o que sempre acontecia. E Web fez o comentário que sempre fazia quando Danny se persignava, antes das portas do Chevy abrirem: — Deus é esperto demais para aparecer por aqui, Danny. Estamos por nossa própria conta e risco.

Web sempre dizia isso em tom zombeteiro, só que não era nenhum gracejo.

Cinco segundos depois, as portas de carga abriram e a equipe saltou do ponto zero. Em circunstâncias normais, os homens gostavam de seguir direto para o ponto de destino, derrubando tudo pela frente com seus explosivos. Essa logística, no entanto, era um pouco arriscada ali. Carros abandonados, geladeiras descartadas e outros objetos volumosos bloqueavam a passagem para o alvo.

O silêncio do rádio foi rompido de novo quando um dos atiradores de tocaia da Equipe Raios X se manifestou. Havia homens na viela em frente, avisou a Raios X, mas não eram parte do grupo que Web estava caçando. Ou, pelo menos, os atiradores de tocaia achavam que não. Como se fossem um só, Web e sua Equipe Charlie levantaram e avançaram pela viela. Os sete membros da Equipe Hotel haviam sido largados por um segundo Suburban no outro lado do quarteirão, para atacarem o alvo pela retaguarda

esquerda. O plano era o encontro de Charlie e Hotel no meio daquela zona de combate, disfarçada de bairro residencial.

Web e sua companhia seguiam para leste agora, acompanhados por uma tempestade se aproximando. Raios, trovoadas, vento e chuva horizontal costumavam prejudicar as comunicações no solo, o posicionamento tático e os nervos dos homens, em geral no momento crítico em que todos precisavam operar com o máximo de eficiência. Apesar de todos os recursos tecnológicos, a única reação disponível ao acesso de fúria da Mãe Natureza e à logística deficiente em terra era simplesmente a de correr mais depressa. Eles avançaram pela viela, uma faixa de asfalto estreita, cheia de buracos e lixo por toda parte. Havia prédios nos dois lados, os tijolos envernizados marcados por décadas de batalhas com armas de fogo. Algumas haviam sido travadas entre mocinhos e bandidos, mas a maioria envolvera jovens lutando com seus irmãos pelo tráfico de drogas, por mulheres ou apenas porque tinham vontade de brigar. Ali, uma arma fazia com que você se tornasse um homem, mesmo que fosse apenas um menino, saindo de casa depois de assistir aos desenhos animados na manhã de sábado, convencido de que se abrisse um buraco grande em alguém o outro ainda poderia se levantar e continuar a brincar.

Eles alcançaram o grupo que os atiradores de tocaia haviam identificado, bandos de negros, latinos e asiáticos, comprando e vendendo drogas. Ao que parecia, a perspectiva de uma viagem e a promessa de uma transação sem qualquer complicação, na base do pague e leve, prevaleciam sobre todas as questões difíceis de raça, credo, cor ou filiação política. Para Web, a maioria daquelas pessoas dava a impressão de estar a uma única fungada, picada de agulha ou pílula ingerida da sepultura. Admirava-se de que aquela patética assembleia de otários ainda tivesse a energia ou lucidez de pensamento para consumar o negócio simples de dinheiro por uma pequena embalagem de inferno cerebral disfarçado de poção para se sentir bem... e mesmo assim só na primeira vez em que se metia o veneno no corpo.

Diante da muralha intimidativa de Charlie, com suas armas e coletes de Kevlar, todos os drogados, à exceção de um, caíram de joelhos, com súplicas para não serem mortos ou presos. Web se concentrou no jovem que permaneceu de pé. Tinha a cabeça envolta por um pano vermelho, simbolizando a fidelidade a alguma gangue. O garoto tinha cintura fina e ombros largos. Usava um short esfiapado de ginástica com uma camisa

curta de malha, meio torta no tronco musculoso. Também exibia uma atitude de arrogância e superioridade, do tipo que dizia Sou mais inteligente, mais decidido e sobreviverei a você. Web não pôde deixar de admitir, no entanto, que o garoto assumia os trapos e a atitude com uma postura admirável.

Foi preciso apenas trinta segundos para determinar que todos ali, com exceção de Bandana, estavam chapados e que nenhum tinha uma arma nem um celular que poderia ser usado para avisar o alvo. Bandana tinha uma faca, mas facas não tinham a menor chance contra Kevlar e submetralhadoras. Por isso, deixaram que ficasse com a faca. Mas enquanto a Equipe Charlie seguia adiante, Cal Plummer correu de costas com o MP-5 apontado para o jovem traficante, por precaução.

Bandana gritou alguma coisa na esteira de Web, um comentário de que admirara o rifle e queria comprá-lo. Daria um bom dinheiro pelo rifle, garantiu... e depois o usaria para matar Web e os outros. RÁ! RÁ! RÁ! Web olhou para os telhados. Sabia que os membros das equipes Uísque e Raios X postavam-se lá em cima, em posição de disparo, com suas armas apontadas para o cérebro daquele bando de perdedores. Os atiradores de tocaia eram os melhores amigos de Web. Ele compreendia exatamente como consideravam sua função, porque fora um deles durante anos.

Por meses a fio, Web estivera estendido em pântanos com muito miasma, pequenas cobras rastejando sobre seu corpo. Ou se espremera em fendas de montanhas geladas, castigadas pelo vento, observando através da luneta do rifle para oferecer cobertura e informações às equipes de ataque. Como atirador de tocaia, desenvolvera muitas habilidades importantes, como mijar numa garrafa sem fazer barulho. Outras lições incluíam empacotar sua comida com absoluta precisão, para poder encontrar os carboidratos pelo toque na mais total escuridão, e dispor as balas para uma recarga ideal, usando um rigoroso modelo militar, que demonstrara sua utilidade muitas e muitas vezes. Não que ele pudesse transferir para o setor privado quaisquer desses talentos singulares, mas Web também não via qualquer possibilidade de que isso pudesse acontecer.

A vida de um atirador de tocaia oscilava de um extremo de dormência para outro. Sua missão era alcançar a melhor posição de disparo com o mínimo de exposição pessoal. Em muitas ocasiões, esses dois objetivos eram incompatíveis. Você apenas fazia o melhor que podia. Horas, dias, semanas, até meses sem nada, exceto o tédio, o que tendia a desgastar o

moral, até que as habilidades básicas eram testadas por momentos de fúria incontrolável e confusão total. E sua decisão de atirar significava que alguém morreria. Por outro lado, nunca se podia ter certeza se sua própria morte estava ou não incluída na equação.

Web sempre conseguia projetar essas imagens num relance, de tão nítidas que eram em sua memória. Uma bala com uma depressão de cinco pontas na frente estaria pronta num carregador de mola, esperando para dilacerar um inimigo, a uma velocidade duas vezes maior que a do som, assim que o dedo de Web puxasse o gatilho, acionado sem qualquer dificuldade a uma pressão de um quilo. Assim que alguém entrava em sua zona da morte, Web disparava... e no mesmo instante um ser humano se transformava em cadáver desabando no chão. Os tiros mais importantes de Web como atirador de tocaia, no entanto, haviam sido aqueles que ele não disparara. A atividade era assim. Não era um trabalho para homens de coração fraco, idiotas ou até os que tinham inteligência mediana.

Web disse um agradecimento silencioso aos atiradores de tocaia lá em cima e continuou a correr pela viela.

Encontraram em seguida um menino, talvez com nove anos, sentado sem camisa num bloco de concreto, sem qualquer adulto à vista. A tempestade iminente fizera a temperatura cair pelo menos uns dez graus, e o mercúrio continuava baixando. Apesar disso, o menino estava sem camisa. Será que nunca tivera uma camisa?, especulou Web. Já conhecera muitas crianças que viviam na mais absoluta miséria. Não se considerava cínico, mas era realista. Sentia pena daquelas crianças, mas não havia muita coisa que pudesse fazer para ajudá-las. E, no entanto, as ameaças podiam partir de qualquer parte hoje em dia; por isso, numa reação automática, o olhar de Web deslocou-se da cabeça aos pés do menino. Felizmente, não avistou nenhuma ameaça; não sentia o menor desejo de atirar numa criança.

O menino olhou para ele. Sob a poça de luz do único lampião na viela que ainda não fora destruído a tiros, as feições do garoto estavam delineadas com absoluta nitidez. Web notou o corpo muito estreito, os músculos nos ombros e braços já firmes se desenvolvendo, em torno das costelas salientes, como a casca das árvores que cresce ao redor de um ferimento no tronco. Um corte de faca riscava a testa do menino. E o buraco pregueado e saliente na face esquerda era a marca inconfundível de uma bala, como Web sabia muito bem.

— Os danados para o inferno! — disse o menino, com a voz cansada.

Depois ele riu; ou, para ser mais preciso, cacarejou. As palavras e a risada ressoaram como címbalos na cabeça de Web. Ele não tinha a menor ideia do motivo e ficou todo arrepiado. Já vira antes crianças desesperançadas como aquele menino. Havia muitas por ali, em toda parte. E, entretanto, havia alguma coisa diferente acontecendo na cabeça de Web. Só que ele não podia determinar o que era. Talvez estivesse naquela atividade há tempo demais... mas aquele não era o pior momento possível para começar a pensar a respeito?

O dedo de Web pairava perto do gatilho do rifle. Ele seguiu em frente, em passadas ágeis, mesmo enquanto tentava se livrar da imagem do menino. Embora também muito magro e carecendo de músculos ostensivos, Web possuía enorme força mecânica nos braços compridos e dedos fortes. Havia uma força que nem todos percebiam nos ombros naturalmente largos. E ele era de longe o mais rápido da equipe, além de ter mais resistência. Era capaz de correr em revezamentos de dez quilômetros durante o dia inteiro. E preferia a rapidez, agilidade e resistência no lugar de músculos avantajados. As balas dilaceravam músculos com a mesma facilidade com que penetravam em gordura. Mas o chumbo não poderia lhe fazer mal algum se não pudesse atingi-lo.

A maioria das pessoas descreveria Web London, com seus ombros largos e 1,88m de altura, como um grandalhão. De modo geral, porém, as pessoas concentravam sua atenção no lado esquerdo do rosto ou o que restara dele. Web tinha de admitir, embora relutante, que era espantosa a reconstrução que podiam fazer hoje em dia com carne e osso destruídos. Com a luz apropriada, isto é, quase nenhuma claridade, era difícil notar a antiga cratera, a nova elevação da face, com os delicados enxertos de osso e pele. Era mesmo extraordinário, diziam todos. Isto é, todos menos Web.

Ao final da viela, eles pararam mais uma vez, todos agachados. Teddy Riner estava ao lado de Web. Pelo microfone do Motorola, Riner comunicou-se com o COT, informando que Charlie se encontrava em amarelo, e pedindo permissão para entrar em verde, o "local de crise", o alvo, que era simplesmente um termo de fantasia para a porta da frente. Web segurou o SR75 com uma das mãos, enquanto com a outra tocava na pistola .45 fabricada sob encomenda, mantida no coldre tático baixo, na perna direita. Tinha uma pistola idêntica na placa de cerâmica para traumas em seu peito. Tocou-a também, em seu ritual que precedia um ataque.

Web fechou os olhos e imaginou como o minuto seguinte transcorreria. Correriam até a porta. Davies seguiria na frente, pelo centro, liderando a carga. Os atacantes levariam uma granada de flash bang na mão menos firme. As travas de segurança das armas estariam soltas. Os dedos firmes permaneceriam fora do gatilho até chegar o momento de matar. Davies removeria as seguranças mecânicas da caixa de controle e verificaria o cordão de detonação, preso na carga de arrombamento, à procura de problemas e torcendo para não encontrar nenhum. Riner comunicaria as palavras imortais ao COT: "Charlie em verde." COT responderia, como sempre fazia: "Fiquem de prontidão, tenho o controle." Essa resposta sempre deixava Web irritado. Afinal, quem podia dizer que tinha o controle, fazendo o que eles faziam?

Durante toda a sua carreira, Web nunca ouvira falar de qualquer ocasião em que o COT tivesse chegado ao fim da contagem regressiva. Depois da contagem de dois, os atiradores de tocaia focalizavam os alvos e disparavam. Uma porção de ,308s atirando ao mesmo tempo representava um tremendo barulho. Depois, a carga de arrombamento explodia antes que o COT anunciasse "um". O furacão de altos decibéis punha para fora até os seus próprios pensamentos. Na verdade, se alguma vez você ouvisse o COT finalizar a contagem regressiva, podia ter certeza de que estava numa situação crítica, porque significava que a carga não funcionara. E essa era, com certeza, a pior maneira de iniciar um dia de trabalho.

Quando o explosivo arrombasse a porta, Web e sua equipe invadiriam o alvo, lançando as flash bangs. O artefato tinha um nome apropriado, já que o flash, clarão, deixava qualquer um ofuscado, enquanto o bang, estrondo, estourava os tímpanos desprotegidos. Se deparavam com mais portas trancadas, era inevitável que cedessem com certa facilidade aos disparos devastadores da espingarda de Davies, ou a uma tira adesiva que parecia de borracha, mas continha o explosivo C4, a que virtualmente nenhuma porta podia resistir. Eles seguiriam os padrões determinando, visando mãos e armas, atirando com precisão, pensando em manobras de xadrez. A comunicação seria através de toques e gestos. Localize os pontos críticos, descubra os reféns e tire-os da zona de perigo o mais depressa possível... e vivos. A única coisa em que nunca se pensava era a possibilidade de morrer. Exigia tempo e energia demais desviados dos detalhes da missão, desviados dos instintos mais profundos, desviados da disciplina de fazer esse tipo de coisa muitas e muitas vezes, até que se tornava uma parte de tudo o que

fazia você... tudo o que você era.

Segundo fontes confiáveis, o prédio que iam atacar agora continha todas as engrenagens financeiras de uma grande operação de drogas baseada na cidade. Incluída nos benefícios potenciais daquela noite estava a captura de contadores e escriturários, testemunhas valiosas para o governo, se Web e seus homens pudessem retirá-los vivos. Dessa maneira, os federais poderiam processar os chefões em termos criminais e cíveis, por diversas acusações. Até mesmo os grandes traficantes temiam uma investida frontal da Receita Federal, pois quase nunca pagavam impostos ao Tio Sam. Fora por isso que haviam chamado a equipe de Web. Aqueles homens especializavam-se em matar pessoas que precisavam morrer, mas também eram muito eficientes quando tinham de manter alguém vivo. Pelo menos até que o resgatado estendesse a mão sobre a Bíblia, prestasse depoimento, e evitasse um mal maior por um longo período.

Quando o COT voltou a se comunicar, foi para iniciar a contagem regressiva: — Cinco, quatro, três, dois...

Web abriu os olhos, respirou fundo. Estava pronto. Pulsação em 64, Web tinha certeza. Muito bem, pessoal, o objetivo está bem à nossa frente. Vamos tomá-lo. O COT tornou a fazer contato pelos fones em seus ouvidos, concedendo aprovação para a corrida até a porta da frente.

E foi exatamente nesse instante que Web ficou paralisado. Seus homens saíram da cobertura para o verde, o ponto crítico, mas Web não se mexeu. Era como se os braços e as pernas não fossem mais parte de seu corpo, a sensação que se experimenta quando se adormece com um membro por baixo do corpo e se acorda para descobrir que toda a circulação desocupou essa extremidade. Não parecia ser medo ou o chamado nervosismo do fugitivo; afinal, Web vinha exercendo aquela atividade há muito tempo. E, no entanto, só conseguia observar enquanto a Equipe Charlie corria. O pátio fora identificado como a última principal zona de perigo antes do ponto de crise. Por isso, a equipe acelerou ainda mais, olhando por toda parte, à procura do menor sinal de resistência iminente. Nem um homem sequer notou que Web não os acompanhava. Com o suor porejando de todo o corpo, cada músculo empenhado contra a força que o detinha, qualquer que fosse, Web conseguiu levantar-se, lentamente, e deu alguns passos vacilantes. Com pés e braços parecendo envoltos por chumbo, o corpo em fogo, a cabeça explodindo, ele cambaleou para a frente mais um pouco e alcançou o pátio. Caiu então, de cara no chão, enquanto a equipe se

afastava.

Levantou os olhos, a tempo de ver a Equipe Charlie em disparada, o alvo em sua mira, aparentemente suplicando para que o inimigo aparecesse e recebesse o que merecia. A equipe se encontrava a cinco segundos do impacto. E esses segundos mudariam a vida de Web London para sempre.

2

TEDDY RINER CAIU PRIMEIRO. DOS DOIS SEGUNDOS QUE LEVOU para chegar ao chão, já estava morto em um. No outro lado, Cal Plummer também caiu, como se tivesse sido abatido com uma machadada por um gigante. Enquanto Web observava, impotente, a linha compacta de atacantes foi recebida a tiros, que atravessaram Kevlar primeiro, para em seguida dilacerarem carne. Um momento depois, não havia mais nada. Não era justo que homens tão bons morressem daquela maneira.

Antes das armas começarem a disparar, Web caíra por cima de seu rifle. Ficou espremido sob seu corpo. Mal conseguia respirar; o colete de Kevlar e as armas pareciam esmagados contra o diafragma. E havia alguma coisa em sua máscara. Não podia saber, mas era parte de Teddy Riner, fragmentos do enorme buraco redondo aberto em seu corpo, através do colete à prova de bala, com o tamanho da palma de um homem. Parte de Riner voara para trás, até o lugar em que Web caíra, o último homem da Equipe Charlie... e, ironicamente, o único ainda vivo.

Web ainda sentia-se paralisado, nenhum dos membros reagindo às súplicas do cérebro para que entrasse em ação. Teria sofrido um derrame aos 37 anos de idade? E depois, abruptamente, os sons de tiroteio pareceram desanuviar sua mente. As sensações voltaram aos braços e pernas, e ele conseguiu arrancar a máscara e rolar para ficar deitado de costas. Exalou um fluxo de ar fétido e soltou um grito de alívio. Agora, Web olhou direto para o céu. Viu raios riscarem o céu, embora não fosse capaz de ouvir os rumores profundos das trovoadas, abafados pelo tiroteio.

Teve um impulso poderoso, embora insano, de erguer a mão para o redemoinho por cima, talvez para confirmar a presença das balas voando por ali. Era como uma criança advertida a não tocar no fogão quente, mas que não consegue pensar em qualquer outra coisa. Em vez disso, estendeu a mão para o cinto, abriu uma bolsa no lado e tirou o visor térmico. Na noite mais escura, o visor térmico captava todo um mundo invisível a olho nu, acentuando o que se costumava chamar de assinatura de calor, que era o calor irradiado por quase todas as coisas.

Embora fosse incapaz de ver as balas mesmo com o visor térmico, Web pôde com alguma facilidade divisar as trilhas de vapor deixadas pelas balas. Também observou que o fogo mais intenso vinha de duas direções: o prédio

de apartamentos miseráveis bem à frente e a estrutura quase em ruínas à direita. Através do visor térmico ele olhou para o segundo prédio e divisou apenas vidros quebrados. Um instante depois, no entanto, divisou uma coisa que deixou seu corpo ainda mais tenso. Clarões de disparos apareciam ao mesmo tempo em cada uma das janelas arrebentadas. Deslocavam-se através das aberturas, paravam por alguns segundos e depois voltavam, quando os canos das armas — que ainda não podia ver — completavam o arco de fogo.

Enquanto o tiroteio recomeçava, Web rolou de novo e ficou de barriga para baixo. Olhou para o prédio-alvo original pelo visor térmico. Havia também uma fileira de janelas no andar inferior do alvo. E os mesmos clarões de tiros ocorriam ali, com o mesmo movimento sincronizado. Web pôde divisar agora os canos compridos de metralhadoras. Através do visor térmico, as silhuetas das armas eram avermelhadas, da cor de tijolos, o metal quente da quantidade de munição disparada. Nenhum contorno humano, contudo, aparecia no visor, e se houvesse qualquer homem nas proximidades, o visor de Web o teria detectado. Ele teve certeza de que olhava para alguma espécie de linha de fogo acionada por controle remoto. Sabia agora que sua equipe caíra numa emboscada, fora atraída para uma armadilha, sem que o inimigo arriscasse a vida de qualquer dos seus homens.

As balas ricocheteavam nas paredes por trás e à sua direita. Web podia sentir os fragmentos de metal caindo ao redor, por toda parte, como gotas de chuva endurecidas. E fragmentos ricocheteados atingiram seu Kevlar uma dúzia de vezes, mas já sem a maior parte da velocidade e capacidade letal. Ele mantinha as pernas e braços sem proteção comprimidos contra o asfalto. Sabia que nem mesmo seu colete de Kevlar podia resistir a um impacto direto, pois as metralhadoras, quase certamente, disparavam balas de calibre .50, cada uma tão comprida quanto uma faca de manteiga, com força suficiente para penetrar numa blindagem. Web pôde avaliar tudo isso pelos estampidos supersônicos das armas e pela assinatura de calor do clarão do cano. E a trilha de vapor de uma bala de calibre .50 também era uma coisa inesquecível. Na verdade, você sentia o estampido antes mesmo de ouvir o som do disparo. Deixava todos os cabelos do corpo arrepiados, como um raio fazia antes do golpe fatal.

Web gritou os nomes de seus companheiros, um a um. Não houve resposta. Nenhum movimento. Nem gemidos, nem contrações de corpo,

qualquer coisa que pudesse indicar que ainda havia vida em algum lugar ali. Mesmo assim, Web continuou a gritar os nomes, várias vezes, como uma insana chamada num quartel. Por toda parte, ao seu redor, latas de lixo explodiam, vidros eram estilhaçados, paredes de alvenaria eram erodidas, como se rios impetuosos estivessem abrindo desfiladeiros. Aquela era a praia da Normandia, na Segunda Guerra Mundial, ou talvez fosse mais apropriado pensar em termos da famosa Carga de Pickett, o general confederado, na Guerra Civil americana; e Web acabara de perder todo o seu exército. Os vermes da viela fugiram do massacre. Aquele pátio ficou livre de ratos, como jamais acontecera. Nenhum inspetor municipal jamais realizara um trabalho tão eficiente quanto as balas de calibre .50 naquela noite.

Web não queria morrer. Mas cada vez que olhava para o que restara da equipe, uma parte sua queria acompanhá-los no destino. A família lutava e morria unida. O pensamento exercia certa atração sobre Web. Até sentiu que os músculos das pernas se contraíam, na perspectiva do salto para a eternidade. Alguma coisa mais forte prevaleceu, porém, e ele permaneceu estendido no chão. Morrer era perder. Desistir era permitir que todos tivessem morrido em vão.

E onde estavam Raios X e Uísque? Por que não desciam em cordas para o resgate? O problema é que os franco-atiradores nos prédios dando para o pátio não podiam descer sem ser mortos pelas balas das metralhadoras. Mas havia outros atiradores nos telhados dos prédios ao longo da viela pela qual Charlie passara. Esses poderiam descer. Mas o COT lhes daria sinal verde? Talvez não, se o COT não soubesse o que estava acontecendo; e como poderia saber? O próprio Web não sabia direito o que acontecia e se encontrava no meio da batalha. Só que não podia ficar esperando que o COT tomasse uma decisão, até que uma bala extraviada concluísse o extermínio de sua equipe.

Ele sentiu que uma tênue camada de pânico o envolvia, apesar dos anos de treinamento projetado expressamente para banir essa fraqueza de sua psique. Precisava de ação. Tinha de fazer alguma coisa. O microfone perdido quando caíra, Web tirou o Motorola portátil da tira de velcro no ombro. Apertou o botão de transmissão e gritou: — Charlie para COT! Charlie para COT! Não houve resposta. Ele mudou para a frequência de apoio e, depois, para uma frequência geral. Ainda nada. Olhou para o rádio e desanimou. A parte da frente quebrara no momento da queda. Web

rastejou para a frente, até encontrar o corpo de Cal Plummer. Quando tentou tirar o rádio de Plummer, alguma coisa bateu em sua mão. Web a retirou no mesmo instante. Um ricochete apenas; um impacto direto teria acabado com sua mão. Web contou os cinco dedos ainda na mão. A dor intensa fê-lo sentir vontade de lutar, de viver. Quando menos não fosse, para destruir quem fizera aquilo, embora seu manancial de recursos estivesse quase esgotado. E, pela primeira vez em sua carreira, Web especulou se a oposição que enfrentava agora não seria melhor do que ele.

Web sabia que ainda podia, se parasse de pensar, levantar-se de um pulo e disparar contra o nada, só para ser morto. Por isso, concentrou-se no cenário tático.

Estava numa zona de morte confinada com o maior cuidado, com arcos de fogo automático em dois lados, formando um ângulo de destruição de noventa graus, de tal forma que nenhum agente humano poderia conter. Muito bem, essa era a situação de combate. Agora, o que ele deveria fazer? Qual era o capítulo relacionado no manual? Aquele que dizia "Você está fodido"? Os sons eram ensurdecedores. Não dava para ouvir nem as batidas de seu coração. A respiração saía com dificuldade. Onde estavam Uísque e Raios X? E Hotel? Não podiam correr mais depressa? Mas o que eles podiam fazer ali? Eram treinados para atirar em alvos humanos, tanto de longe quanto de perto.

Web gritou:

— Não há nada em que vocês possam atirar! O queixo comprimido com força contra o peito, Web estremeceu surpreso quando viu o menino, o mesmo menino sem camisa que sentava antes num bloco de concreto. As mãos nos ouvidos, o menino agachava-se na esquina da viela pela qual Web e seus companheiros haviam chegado. Se entrasse no pátio, Web sabia que o menino só sairia dali num saco do necrotério... provavelmente em dois sacos, porque aquelas balas poderiam cortar seu corpo magricela ao meio.

O menino deu um passo à frente, à beira da parede, quase no pátio. Talvez tencionasse ajudar. Talvez esperasse que o tiroteio cessasse para poder retirar dos corpos tudo o que tivesse algum valor, inclusive as armas, que mais tarde seriam revendidas em becos escuros. Ou talvez estivesse apenas curioso. Web não sabia com certeza. Nem se importava.

As armas pararam de atirar. Houve um súbito silêncio. O menino deu outro passo para a frente. Web gritou. Ele ficou imóvel. Era óbvio que não esperava que os mortos gritassem com os vivos. Web ergueu a mão, apenas

um pouco, e mandou que ele recuasse. Mas os disparos recomeçaram, abafando o final de sua advertência. Web rastejou sob a saraivada de tiros, gritando para o menino a cada contorção e arremetida do corpo: — Para trás! Recue!

O menino não saiu do lugar. Web continuou a fitá-lo, o que era difícil quando se rasteja de barriga para baixo, com medo de perder a cabeça se levantá-la por mais um centímetro sequer. O menino finalmente fez o que Web pensava que ele faria: começou a recuar. Web rastejou mais depressa. O menino se virou para correr, e Web gritou-lhe para que parasse. Foi uma surpresa quando ele obedeceu.

Web estava quase na beira da viela. Tinha de tentar e calcular tudo com precisão, pois havia agora um novo elemento de perigo para o garoto. Durante a pausa nos disparos, Web ouvira gritos e passos sincronizados a distância. Estavam chegando. Web concluiu que todos viriam: Hotel e os atiradores de tocaia, além da unidade de reserva que o COT sempre mantinha de prontidão para emergências. E se aquilo não se qualificava como emergência, nada mais o seria. Isso mesmo, eles viriam correndo para o resgate... ou, pelo menos, era o que pensavam. O que estariam fazendo, porém, era correr às cegas para o perigo, sem qualquer informação confiável.

O problema foi que a criança também ouviu a aproximação. Web percebeu que o menino sabia exatamente o que e quem eles eram, como um batedor farejando a terra e deduzindo por isso a localização das grandes manadas de búfalos. O menino se sentia acuado e com bons motivos. Web sabia que ser visto na companhia de pessoas como ele representava uma sentença de morte por ali. Os poderosos presumiriam que ele era um traidor e jogariam seu corpo no lixo com a recompensa.

O menino se contorceu todo, olhando para trás, no momento mesmo em que Web aumentou o ritmo. Perdera metade de seu equipamento no asfalto, ao rastejar daquela maneira, como uma serpente apressada de noventa quilos. Podia sentir o sangue escorrendo de uma dúzia de arranhões nas pernas, mãos e rosto. A mão esquerda ardia como se mil vespas tivessem feito um banquete ali. A blindagem pessoal era muito pesada agora. O corpo doía todo a cada movimento dos braços e pernas. Poderia largar o rifle, mas refletiu que a arma ainda teria algum proveito. Não, nunca abandonaria seu SR75.

Web sabia o que o menino tencionava fazer. Com a retirada abortada,

ele pensava em correr através do pátio e desaparecer em um dos prédios no outro lado. O menino podia ouvir as balas, da mesma forma que Web. Mas não podia ver as linhas de fogo. Não teria como se esquivar. E, no entanto, Web sabia que o garoto tentaria.

O menino pulou da esquina e Web levantou-se de um pulo no último segundo possível. Os dois se encontraram na beira da zona de segurança. Era uma colisão que Web não poderia deixar de ganhar dez vezes em dez. O menino começou a chutá-lo, e os punhos desferiram socos em seu rosto e peito, enquanto os braços compridos de Web envolveram-no. Web começou a se afastar pela viela, carregando o menino. Socar Kevlar não era fácil para as mãos, e o menino acabou desistindo. Olhou para Web.

— Não fiz nada. Pode me soltar.

— Vai morrer se sair correndo por ali! — gritou Web, acima do barulho do tiroteio. Ele levantou a mão ensanguentada. — Estou usando uma blindagem no corpo e não poderia sobreviver ali. Aquelas balas o cortariam ao meio.

O guri se acalmou enquanto estudava o ferimento de Web, que o carregou para longe do pátio e das metralhadoras. Agora, podiam pelo menos conversar sem gritar. Por algum estranho impulso, Web tocou na cicatriz de bala no rosto do menino, murmurando: — Teve muita sorte antes.

O menino soltou um grito e debateu-se. Conseguiu se desvencilhar dos braços de Web. Com a maior agilidade, antes que Web tivesse tempo de piscar, virou-se para correr de volta pela viela.

— Se entrar correndo ali no escuro, sua sorte acabará — disse Web. — As balas vão destruí-lo.

O garoto parou e virou-se. Pela primeira vez, os olhos pareceram focalizar Web. Depois, espiou na direção do pátio.

— Eles estão mortos?

Em resposta, Web tirou o rifle do ombro. O menino deu um passo para trás, à visão da arma intimidativa.

— O que vai fazer com isso, mister?

— Fique aqui e mantenha-se abaixado.

Web se virou paia o pátio. Sirenes soavam por toda parte. A cavalaria estava chegando, tarde demais, como sempre acontecia. A melhor atitude no momento era não fazer nada. Mas ele não podia ficar de braços cruzados. Web tinha um trabalho para finalizar. Ele arrancou uma folha de

papel do bloco que levava no cinto e escreveu um bilhete. Depois, tirou o casquete que usava sob o capacete e disse ao menino: — Pegue isto. Recue pela viela, andando, em vez de correr. Levante o casquete e entregue o bilhete aos homens que estão chegando.

O menino pegou os itens, os dedos compridos enroscando-se em torno do casquete e do papel dobrado. Web tirou da bolsa a pistola de foguete luminoso e carregou-a.

— Quando eu atirar, você se manda. — Uma pausa, e Web reiterou: — Ande, não corra.

O menino olhou para o bilhete. Web não tinha a menor ideia se ele sabia ler. Por ali não se podia presumir que as crianças recebiam a educação elementar que, em outras áreas, era considerada coisa líquida e certa.v — Qual é seu nome? — perguntou Web.

O menino precisava se acalmar agora. Pessoas nervosas cometiam erros. E Web sabia que os companheiros avançando destruiriam qualquer um que corresse em sua direção.

— Kevin.

Ao dizer seu nome, ele pareceu de repente o menino assustado que de fato era. O que fez Web se sentir ainda mais culpado pelo que lhe estava pedindo para fazer.

— Meu nome é Web, Kevin. Faça o que eu disser e nada de errado vai lhe acontecer. Pode confiar em mim.

E a garantia fez com que se sentisse ainda mais culpado. Web apontou para o céu a pistola de foguete luminoso. Olhou para Kevin, acenou com a cabeça, com expressão tranquilizadora, e depois disparou. O foguete luminoso seria a primeira advertência. O bilhete levado por Kevin seria a segunda. O menino se afastou andando, mas andando depressa.

— Não corra! — gritou Web.

Ele tornou a se virar para o pátio. Prendeu o visor térmico na mira Picatinny do rifle.

O foguete luminoso vermelho ensanguentou o céu. Em sua mente, Web viu os atacantes e atiradores de tocaia pararem, a fim de avaliar aquela nova ocorrência. Isso daria ao menino tempo para alcançá-los. Kevin não morreria, pelo menos não naquela noite. Quando veio a nova pausa nos disparos, Web saiu da viela para o pátio. Deitou-se, levantou o rifle para uma posição de disparo e baixou o bipé. Comprimiu a coronha contra o ombro. As três janelas bem na frente eram seus primeiros alvos. Podia ver

os clarões dos canos a olho nu, com relativa facilidade, mas o visor térmico permitia-lhe mirar os contornos aquecidos das metralhadoras. Era o que ele queria acertar. O SR75 trovejou, e uma metralhadora depois de outra foi explodida. Web inseriu outro carregador de vinte balas. Mirou e puxou o gatilho. Mais quatro metralhadoras foram silenciadas de vez. A última metralhadora ainda disparava quando Web rastejou para a frente e lançou uma granada de concussão. E, depois, houve silêncio, até que Web esvaziou as duas pistolas de calibre .45 nas aberturas das janelas, os cartuchos ejetados caindo das armas como paraquedistas saltando da barriga de um avião. Quando o último tiro foi disparado, Web dobrou-se, sugando o ar precioso. Estava tão quente que podia entrar em combustão espontânea. Depois, as nuvens se abriram e a chuva caiu com toda a força. Ele olhou e divisou um atacante todo blindado entrar no pátio, cauteloso. Web tentou acenar, mas o braço não atendeu à ordem do cérebro: continuou inerte, ao lado do corpo.

Web olhou para os corpos destroçados de sua equipe, os amigos estendidos no pavimento molhado. Arriou de joelhos. Continuava vivo, mas não queria. A última coisa que Web London recordou daquela noite foi observar as gotas de seu suor caírem nas poças d'água tingidas de sangue.

3

RANDALL COVE ERA UM HOMEM ENORME, COM GRANDE força física e também um extraordinário instinto de sobrevivência, duas coisas que desenvolvera, com muito esforço, ao longo dos anos. Era agente secreto do FBI há quase 17 anos. Infiltrara-se em gangues de traficantes latinos em Los Angeles, em bandos de hispânicos na fronteira do Texas com o México e em quadrilhas de europeus no sul da Flórida. A maioria de suas missões fora coroada com um sucesso surpreendente, embora às vezes angustiante. No momento, estava armado com uma semiautomática .40, as balas com uma cavidade na ponta, para se abrirem como pequenas panquecas ao penetrarem num corpo, causando uma devastação interna e provavelmente a morte. Também levava numa bainha uma faca serrilhada, que podia usar para cortar artérias vitais num relance. Sempre se orgulhava de ser profissional e confiável em seu trabalho. Agora, havia pessoas ignorantes que não hesitariam em condená-lo como um criminoso brutal, que deveria receber uma pena de prisão perpétua — ou, melhor ainda, a pena de morte — por seus terríveis pecados. Cove sabia que sua situação era crítica, e sabia também que era o único que podia livrá-lo daquela enrascada.

Cove arriou em seu carro. Observou enquanto os homens embarcavam em seus veículos e partiam. Logo depois que passaram, Cove ergueu-se, esperou um pouco e foi atrás. Baixou o gorro de esqui sobre os cabelos recém-cortados, todas as tranças rastafári desaparecidas... e já estava mais do que na hora, refletira ele. Os carros pararam mais adiante. Cove também parou. Quando viu os homens saltarem dos veículos, tirou uma câmera da mochila e fotografou-os. Depois, guardou a Nikon, pegou um binóculo de visão noturna e ajustou o ampliador de distância. Acenava com a cabeça para si mesmo enquanto contava os homens, um a um.

Respirou fundo, soltou um longo suspiro e imprimiu um ritmo acelerado à sua vida assim que o grupo desapareceu dentro de um prédio. Na universidade, Cove fora uma versão maior e mais rápida de Walter Payton, o grande astro do futebol americano. Jogador natural de Oklahoma, era um consenso de craque no futebol americano, um atleta que todos os times da liga principal disputavam a peso de ouro e outros privilégios. Até que uma ruptura nos tendões dos dois joelhos, numa queda durante um treino,

reduziram-no de um supernatural, com a garantia de que seria disputado pelos grandes times, para um atleta que tinha apenas habilidades normais, e não era mais capaz de entusiasmar os treinadores. Milhões de dólares potenciais desapareceram de um momento para outro. Ele passara dois ou três anos em depressão, à procura de desculpas e compaixão. Sua vida afundara, até que não tinha mais para onde ir. Fora nesse momento que a encontrara. A esposa fora uma intervenção divina, ele sempre acreditara, salvando da destruição sua carcaça miserável, numa autocompaixão abjeta. Com sua ajuda, ele se recuperara e realizara o sonho secreto de ser um agente do FBI na vida real.

Ele pulara de um lugar para outro no FBI. Era uma ocasião em que as oportunidades para negros no FBI ainda eram bastante restritas. Cove fora pressionado a trabalhar como agente secreto no tráfico de drogas, porque a maioria dos "bandidos", como os superiores declararam à queima-roupa, era de sua cor. Você pode andar como eles andam, falar como eles falam e assumir o papel sem qualquer dificuldade, argumentaram seus superiores. E ele não podia realmente argumentar em contrário. Era um trabalho bastante perigoso e nunca monótono. Randall Cove nunca suportara se sentir entediado. E mandou mais criminosos para a prisão em um mês do que a maioria dos agentes em uma carreira inteira. Ainda por cima, eram da turma de cima, os planejadores, os que ganhavam a maior parte do dinheiro, não os pobres coitados que vendiam drogas nas esquinas, sempre a uma fungada de uma sepultura de indigente. Cove e a esposa tinham dois lindos filhos. Já pensava em mudar de carreira quando, subitamente, seu mundo desabara e ele não tinha mais esposa ou filhos.

Ele se empertigou quando os homens saíram, entraram nos carros e partiram. Mais uma vez, Cove seguiu-os. Havia perdido alguma coisa que nunca mais poderia recuperar. Seis homens morreram porque cometera um erro, porque fora enganado, como um agente sem qualquer experiência. Ficara com o orgulho ferido e uma raiva incandescente. E sentia-se profundamente intrigado com o sétimo membro da equipe destruída. O homem sobrevivera, embora devesse ter morrido também. Aparentemente, ninguém sabia por quê, embora ele ainda fosse inexperiente. Cove queria fitá-lo nos olhos e indagar: como é possível que você ainda esteja respirando? Mas ele não tinha a ficha de Web London e sabia que não havia a menor possibilidade de vê-la tão cedo. Cove era do FBI, é verdade, mas sem dúvida todos pensavam que ele se tornara um traidor. Os agentes

secretos deveriam viver quase à margem da sociedade, não é mesmo? E todos deveriam ter problemas mentais, não é mesmo? Fora um trabalho ingrato o que ele fizera durante todos aqueles anos, mas isso não tinha importância, porque ele o realizara por si mesmo e ninguém mais.

Os carros entraram no longo caminho para uma casa. Cove parou. Tirou mais algumas fotos e depois fez a volta. Ao que tudo indicava, a atividade fora encerrada por aquela noite. Ele voltou para o único lugar em que podia estar seguro agora e que não era sua casa. Ao fazer uma curva e acelerar, um par de faróis surgiu do nada e começou a acompanhá-lo. O que não era nada bom, ainda mais numa rua como aquela. A atenção de seus semelhantes não era uma coisa que Cove procurava, muito menos estimulava. Ele fez uma curva; o outro carro também. Muito bem, o problema era sério. Cove acelerou. O carro em sua perseguição também. Ele estendeu a mão para o coldre no cinto, tirou a pistola e soltou a trava de segurança.

Olhou pelo espelho retrovisor, na tentativa de determinar quantos homens teria de enfrentar. Estava muito escuro para isso, pois não havia postes de iluminação por aquelas bandas. A primeira bala estourou o pneu traseiro direito, a segunda bala o traseiro esquerdo. Enquanto ele fazia um esforço para controlar o carro, um caminhão saiu de uma rua transversal e atingiu-o de lado. Se sua janela estivesse levantada, a cabeça de Cove a teria atravessado. O caminhão tinha uma caçamba de remoção de neve na frente, embora não fosse inverno. Acelerou, empurrando o carro de Cove. Ele não conseguiu mais controlá-lo. O sedã foi empurrado por cima de um guardrail, instalado ali para evitar que os veículos despencassem pela encosta íngreme sobre a qual fora construída a curva. O carro virou de lado, sobre a terra, e rolou pela encosta. As portas se abriram no impacto. O carro foi parar no fundo rochoso da encosta e explodiu em chamas.

O carro que seguira Cove parou na curva. Um homem saltou, correu até o guardrail arrebentado e olhou para baixo. Viu as chamas, testemunhou a explosão quando o vapor do combustível foi alcançado pelo fogo. E voltou correndo para seu carro. Os dois veículos deixaram o local, derrapando no cascalho do acostamento.

Enquanto se afastavam, Randall Cove levantou-se lentamente do local para onde fora arremessado quando a porta do motorista se soltara, no primeiro impacto da capotagem. Perdera a arma e sentia que tinha duas costelas quebradas, mas continuava vivo. Olhou para baixo, para o que

restava de seu carro, e depois para cima, na direção pela qual haviam se afastado os homens que tentaram matá-lo. As pernas trêmulas, Cove começou a subir lentamente pela encosta. Web apertou a mão ferida, com a sensação de que a cabeça estava prestes a explodir. Era como se tivesse tomado três doses rápidas de tequila e estivesse prestes a vomitá-las. O quarto do hospital estava vazio. Havia um homem armado no corredor, para garantir que nada acontecesse com Web ou, pelo menos, mais nada além do que já acontecera.

Web passara o dia inteiro e parte da noite pensando em tudo o que ocorrera. Não se encontrava mais próximo das respostas do que na ocasião em que fora levado para o hospital. O comandante de Web já fora visitá-lo, junto com vários membros de Hotel e alguns dos atiradores de tocaia de Uísque e Raios X. Falaram pouco, todos atordoados com a angústia pessoal, na incredulidade pelo fato de que uma coisa assim pudesse lhes acontecer. E Web percebera, nos olhos de todos, alguma suspeita, dúvidas sobre o que teria ocorrido naquele pátio.

— Sinto muito, Debbie — murmurou Web, para a imagem da viúva de Teddy Riner.

Ele disse a mesma coisa a Cynde Plummer, mulher de Cal, também viúva agora. E continuou na lista, seis mulheres no total, todas suas amigas. Os maridos haviam sido seus parceiros, seus companheiros. Web se sentia tão desolado quanto qualquer das esposas.

Ele soltou a mão ferida e usou-a para tocar no lado de metal da cama. Era um ferimento lamentável para apresentar como consequência da tragédia. Não levara nenhum tiro direto.

— Nem uma única bala me acertou na ocasião — disse ele para a parede. — Absolutamente nenhuma!

Uma pausa, e ele acrescentou para o tubo de soro: — Pode compreender como isso é inacreditável?

Quando se calou, alguém disse: — Vamos pegá-los, Web.

A voz o surpreendeu, pois não ouvira ninguém entrar no quarto. E era evidente que uma voz acompanhava um corpo. Web se ergueu na cama, lentamente, até divisar os contornos do homem ali. Percy Bates sentava numa cadeira do lado da cama. Estudava o chão de linóleo como se fosse um mapa que o levaria a um lugar que continha todas as respostas.

Diziam que Percy Bates não mudara nem um pouco em 25 anos. O homem não perdera nem ganhara um único quilo em seu corpo de 1,76m de

altura. Os cabelos eram pretos como carvão, sem o menor vestígio de branco, e penteados da mesma forma que ele usava quando entrara pela primeira vez no FBI, recém-saído da academia. Era como se ele tivesse sido congelado no tempo, o que era extraordinário numa linha de trabalho que costumava envelhecer as pessoas muito antes do tempo. Bates se tornara quase um mito no FBI. Desbaratara as operações dos traficantes de drogas na fronteira entre o Texas e o México. Depois, tornara-se o terror dos criminosos da Costa Oeste, trabalhando no escritório em Los Angeles. Tivera uma ascensão rápida na hierarquia e no momento era um dos principais nomes do escritório regional de Washington. Tinha experiência em todas as divisões do FBI e era do tipo que sabia como juntar peças dispersas.

Bates, que todos chamavam de Perce, era em geral um homem de fala mansa. Mas podia arrasar um subordinado com um único olhar, que fazia com que a pessoa se sentisse indigna de ocupar meio metro quadrado de espaço. Podia ser o seu melhor aliado ou o pior inimigo. Talvez um homem se tornasse assim depois de crescer com um nome como Percy.

Web já estivera na extremidade de uma das clássicas tiradas de Bates, quando se encontrava sob as ordens diretas do homem, em sua vida profissional anterior no FBI. Uma parte dos insultos fora merecida, pois Web cometera erros enquanto aprendia a ser um bom agente. Bates, no entanto, tinha seus prediletos em quem descarregar e, como todo mundo, às vezes procurava um bode expiatório para atribuir a culpa quando tudo saía errado. Por isso, Web não aceitava as declarações do homem pelo que ele dizia expressamente. E também não aceitava o tom suave como um símbolo de paz e boa vontade. Mas na noite em que Web perdera metade do rosto, na fúria do combate, Bates fora um dos primeiros à sua cabeceira. O que Web nunca esquecera. Não, Percy Bates não era uma equação simples... nenhum deles era. Bates e ele nunca seriam companheiros de bar. Web, porém, nunca achara que era preciso beber com alguém para respeitá-lo.

— Sei que já nos deu os dados preliminares, mas precisaremos de um depoimento completo assim que tiver condições — declarou Bates. — Mas não há pressa. Tire o tempo que precisar. Recupere suas forças primeiro.

A mensagem era evidente. O que acontecera naquele pátio deixara todos abalados. Não haveria explosões de Bates. Pelo menos não por enquanto.

— Tenho mais arranhões do que qualquer outra coisa — murmurou Web em resposta.

— Disseram que sofreu um ferimento de bala na mão. E tem cortes e equimoses por todo o corpo. Os médicos comentaram que parecia que alguém o agredira com um bastão de beisebol.

— Nada...

Web se sentiu exausto por dizer essa única palavra.

— Ainda precisa descansar. Só depois ouviremos seu depoimento. — Bates levantou-se. — E se tiver condições, embora eu saiba que será muito difícil, ajudaria muito se pudesse voltar ao local e reconstituir o que aconteceu exatamente.

E como eu consegui sobreviver? Web acenou com a cabeça em concordância.

— Não há pressa — repetiu Bates. — Não será fácil. Mas daremos um jeito.

Ele apertou o ombro de Web e virou-se para a porta. Web se mexeu, tentando sentar.

— Perce?

No escuro, o branco dos olhos de Bates era a única coisa visível para Web. Como um par de dados, marcando a soma de dois.

— Todos morreram, não é?

— Todos — confirmou Bates. — Você foi o único que restou, Web.

— Fiz tudo o que podia.

A porta foi aberta e fechada. Web ficou sozinho. No corredor, Bates conferenciou com alguns homens, vestidos como ele, com terno azul-escuro, camisa com botões nas pontas do colarinho, gravata discreta, sapatos pretos de sola de borracha e pistolas enormes em coldres pequenos, de prender no cinto com um clipe.

— Teremos um pesadelo com a mídia — comentou um dos homens. — Na verdade, já começou.

Bates jogou na boca um pedaço de goma de mascar, substituto dos Winstons que deixara de fumar, pela quinta vez.

— A necessidade de lidar com os jornalistas não ocupa um lugar de destaque na minha lista de prioridades — declarou ele.

— É preciso mantê-los informados, Perce. Se não fizer isso, eles presumem o pior e começam a especular. Já saíram coisas na Internet em que você não acreditaria. Por exemplo, que o massacre está ligado ao retorno apocalíptico de Jesus, ou tem alguma relação com uma conspiração

comercial chinesa. De onde tiram todas essas besteiras? O caso está levando à loucura o pessoal de relações com a mídia.

— Não posso acreditar que alguém tenha coragem de fazer isso conosco — murmurou outro homem, que se tornara grisalho e gorducho a serviço de seu país.

Bates sabia que aquele agente em particular não vira qualquer coisa além do tampo de sua escrivaninha, em mais de dez anos no FBI, mas gostava de agir como se tivesse ampla experiência de campo.

— Nem os colombianos, nem os chineses, nem mesmo os russos teriam coragem de nos atacar dessa maneira — acrescentou o homem.

Bates o fitou.

— Somos "nós" contra "eles". Já esqueceu? Tentamos liquidá-los durante todo o tempo. Pensa que eles não querem retribuir o favor?

— Mas pense a respeito, Perce. Eles acabam de exterminar todo um pelotão em nossa própria casa!

O velho estava indignado. Ao estudá-lo, Perce viu um elefante sem presas, prestes a cair e morrer, para virar jantar dos carnívoros da selva.

— Não sabia que já tínhamos o controle daquela parte de Washington. — Há dois dias Bates não dormia e já começava a sentir a pressão do cansaço. — Ao contrário, tinha a impressão de que o território era deles, enquanto nós não passávamos de visitantes.

— Sabe muito bem o que eu quis dizer. O que teria provocado esse tipo de ataque?

— Não sei... mas talvez seja porque estejamos nos empenhando ao máximo para acabar com o tráfico de um bilhão de dólares por dia, e isso começa a deixá-los furiosos, seu idiota!

Ao dizer isso, Bates acuou o homem num canto. Mas depois concluiu que o cara era inofensivo demais para valer uma suspensão.

— Como ele está? — perguntou outro homem, louro, o nariz avermelhado de uma gripe.

Bates se encostou na parede, mascando o chiclete. Deu de ombros.

— Acho que o problema maior é com a mente, mais do que qualquer outra coisa. Mas era de esperar.

— Um cara de sorte é tudo o que eu posso dizer — comentou Nariz Vermelho. — E qualquer um pode tentar adivinhar como conseguiu sobreviver.

Bates levou apenas um segundo para descarregar em cima do homem:

— Você acha que é sorte ver os seis homens de sua equipe serem metralhados diante de seus olhos? É isso o que está querendo dizer, seu filho-da-puta?

— Não falei com essa intenção, Perce. Sabe disso.

Nariz Vermelho desatou a tossir, como se quisesse mostrar a Bates que estava doente demais, sem a menor disposição para brigar. Bates se afastou de Nariz Vermelho, enojado com todos.

— Neste momento, não sei de nada. Não... retiro o que disse. Sei que Web destruiu sozinho oito ninhos de metralhadora e salvou outro pelotão e um garoto do gueto. Sei pelo menos isso.

— O relatório preliminar diz que Web ficou paralisado.

O comentário partiu de outro homem, que acabara de se juntar ao grupo naquele instante, embora fosse evidente que se mantinha acima de todos os outros. Dois agentes impassíveis acompanhavam o intruso.

— E a verdade, Perce, é que sabemos apenas o que Web nos contou — acrescentou ele.

Embora aquele homem fosse obviamente superior a Percy Bates em termos hierárquicos, também era evidente que Bates tinha vontade de esfolá-lo vivo, embora não ousasse. O homem continuou: — London tem muita coisa para explicar. E vamos entrar nessa investigação com os olhos bem abertos... muito mais abertos do que na noite passada. Ontem à noite foi uma desgraça. Ontem à noite nunca mais se repetirá. Não enquanto eu estiver no comando.

Ele olhou firme para Bates antes de arrematar, com um sarcasmo brutal: — Dê minhas lembranças a London.

Com isso, Buck Winters, chefe do escritório regional do FBI em Washington, afastou-se pelo corredor, seguido pela escolta robótica.

Bates ficou olhando para as costas do homem com profunda aversão. Buck Winters fora um dos principais supervisores na linha de frente em Waco. Na opinião de Bates, com sua inépcia contribuíra para a carnificina que acabara ocorrendo ali. Depois, à estranha maneira das grandes organizações, Winters recebera uma promoção depois de outra por sua incompetência, até que alcançara o comando do escritório regional de Washington. Talvez o FBI apenas relutasse em admitir que fizera uma lambança ali. Promover os responsáveis pelo trágico fracasso em Waco talvez fosse uma mensagem insistente ao mundo de que o FBI considerava-se inocente no caso. Era verdade que, mais tarde, muitas cabeças rolaram

por causa da morte dos fanáticos religiosos que seguiam David Koresh na pequena cidade do Texas. Mas a cabeça de Buck Winters ainda continuava firme em seus ombros. E, para Percy Bates, Buck Winters representava muito do que havia de errado com o FBI.

Bates tornou a se encostar na parede, cruzou os braços e mastigou o Wrigley's com tanta força que os dentes doeram. Tinha certeza de que o velho Buck fora correndo conferenciar com o diretor do FBI, talvez com o procurador-geral, o cargo que correspondia a ministro da Justiça, provavelmente até com o presidente dos Estados Unidos. Pois que ele fizesse o que bem quisesse, desde que não se metesse no caminho de Percy Bates.

O grupo se dispersou, os homens se afastaram sozinhos ou aos pares, até que só Bates e os guardas uniformizados permaneceram no corredor. Finalmente, Bates também foi embora, as mãos nos bolsos, os olhos fixados no nada. Na saída, ele cuspiu o chiclete numa lata de lixo.

— Babacas e idiotas... — murmurou. — Babacas e idiotas…

4

WEB, COM UMA CALÇA E TÚNICA CIRÚRGICAS AZUIS, guardou seus pertences pessoais numa bolsa. Olhou para o céu ensolarado pela janela do quarto no hospital. As camadas de gaze em torno da mão ferida eram irritantes; deixavam-no com a sensação de que usava uma luva de boxe.

Já ia abrir a porta para sair quando ela se abriu por si mesma. Ou, pelo menos, foi essa a impressão que Web teve, até que o homem apareceu.

— O que está fazendo aqui, Romano? — perguntou Web, surpreso.

O homem não respondeu de imediato. Tinha cerca de 1,80m de altura, em torno de oitenta quilos, corpo esguio e forte. Os cabelos escuros eram ondulados. Usava um velho blusão de couro, um boné de beisebol dos Yankees e jeans. A insígnia do FBI estava presa no cinto; o cabo de uma pistola projetava-se do coldre de clipe.

Romano olhou para Web de alto a baixo, até que se fixou na mão enfaixada. Apontou-a.

— Isso é tudo? É a porra do seu ferimento? Web olhou para a mão e tornou a fitar Romano.

— Ficaria mais feliz se o buraco fosse na minha cabeça?

Paul Romano era um atacante que integrava a Equipe Hotel. Era bastante intimidativo, destacando-se entre homens que mantinham essa atitude. Sempre se sabia o que esperar desse homem, e geralmente não era nada bom. Romano e Web nunca haviam sido muito ligados. Talvez porque Web levara mais tiros, supunha ele, e Romano ressentia-se da ideia de que o outro era mais heroico ou mais corajoso.

— Só vou perguntar uma vez, Web, e quero uma resposta franca. Se quiser me enganar, eu mesmo acabo com você.

Web fitou o outro e se adiantou, para que sua vantagem de altura parecesse ainda mais evidente. Sabia que isso também deixava Romano furioso.

— Puxa, Paulie, você também me trouxe flores e bombons?

— Só quero que me diga a verdade, Web. — Romano fez uma pausa. — Você teve cagaço?

— Claro, Paulie. Aquelas metralhadoras não eram brincadeira.

— Já sei sobre isso. Quero saber antes. Quando a Equipe Charlie foi

liquidada. Você não estava com os outros. Por quê?

Web sentiu o rosto ficar quente e odiou-se por isso. De modo geral, resistia às provocações de Romano. Mas a verdade era que, agora, Web não sabia o que dizer.

— Alguma coisa aconteceu, Paulie. Em minha cabeça. Não sei exatamente o que foi. Mas não tive nada a ver com a emboscada, caso tenha enlouquecido e esteja pensando nisso.

Romano sacudiu a cabeça.

— Não pensei que havia virado um traidor, Web, mas apenas que se tornou um covarde.

— Se isso é tudo o que tem a me dizer, então pode se mandar.

Romano tornou a fitá-lo, de alto a baixo. Web se sentia menos e menos homem a cada olhar desdenhoso. Sem dizer mais nada, Romano virou-se e saiu. Web teria preferido que o homem se retirasse na esteira de mais um insulto, em vez de um silêncio deliberado.

Web esperou mais alguns minutos, antes de abrir a porta outra vez.

— O que está fazendo? — perguntou o guarda, aturdido.

— Os médicos me deram alta. Não avisaram a você?

— Ninguém me disse nada.

Web levantou a mão enfaixada.

— O governo não vai pagar mais uma noite no hospital por causa de um arranhão na mão. E eu não tenho a menor intenção de pagar a diferença do meu salário.

Web não conhecia o guarda, mas parecia do tipo que se mostrava compreensivo com essa alegação de bom senso. Não esperou resposta. Saiu andando pelo corredor. Sabia que o guarda não tinha qualquer base para impedi-lo. Apenas comunicaria o fato a seus superiores, o que já devia estar fazendo naquele exato momento.

Web deixou o hospital por uma porta lateral. Encontrou um telefone público e ligou para um amigo. Uma hora depois, estava em sua casa de rancho, com um jirau, em Woodbridge, uma tranquila comunidade suburbana da Virgínia. Vestiu um jeans, mocassins e um blusão azul-marinho. Tirou a gaze da mão e a substituiu por um único Band-Aid, de simbolismo evidente. Não queria compaixão de ninguém, não com seis de seus maiores amigos estendidos no necrotério.

Verificou suas mensagens. Não havia nenhuma importante, embora ele soubesse que isso logo mudaria. Abriu a caixa de incêndio, tirou a pistola

de nove milímetros de reserva que guardava ali e meteu o coldre no cinto. Embora, em termos técnicos, não tivesse atirado em ninguém, a situação era agora um caso a ser avaliado pela Comissão de Revisão de Tiroteio, a CRT, pois Web disparara suas armas. Haviam sido confiscadas, o que significava quase a mesma coisa que cortar suas mãos. Depois, haviam-no alertado para seus direitos e tomaram seu depoimento. Era o procedimento padrão, mas mesmo assim fez com que se sentisse um criminoso. Mas não podia viver sem ferramentas. Era paranoico por natureza, e o massacre de sua equipe fazia com que se sentisse um esquizoide ambulante, capaz de ver ameaças reais em bebês e lindas adolescentes.

Ele foi até a garagem, ligou seu Ford Mach One preto, de 1978, e saiu.

Web tinha dois veículos: o Mach e um velho Suburban, que o levara e à Equipe Charlie a muitos jogos de futebol americano dos Redskins, a praias na Virgínia e Maryland, a encontros regados a cerveja, e a diversas outras atividades de um lado para outro da Costa Leste. Cada homem tinha o seu lugar designado no Suburban, com base na antiguidade e capacidade, que era a maneira pela qual se distribuía tudo no mundo em que Web trabalhava. Haviam passado por momentos extraordinários no velho Suburban. Agora, Web especulava quanto dinheiro poderia conseguir pelo veículo, porque não podia mais se imaginar a dirigi-lo.

Ele entrou na Interestadual 95 e seguiu para o norte. Teve a maior dificuldade no verdadeiro curso de obstáculos que era o Trevo de Springfield, que parecia ter sido projetado por um engenheiro rodoviário no meio de uma viagem de cocaína. Agora que estava sendo submetido a uma extensa reforma, prevista para durar pelo menos dez anos, o motorista passando por ali todos os dias tinha a opção de rir ou chorar, enquanto anos de sua vida se escoavam, com o progresso do tráfego sendo medido em centímetros. Web atravessou a ponte da Rua 14, passou pela zona noroeste, onde ficavam todos os principais monumentos e para onde eram atraídos os dólares dos turistas, e logo entrou numa parte da cidade não muito atraente.

Web era um agente especial do FBI, mas não se considerava assim. Em primeiro lugar e acima de tudo, era um integrante da Equipe de Resgate de Reféns (ERR), o grupo de tocaia para uma situação de crise. Não passava muito tempo com agentes que não fossem da ERR. Não chegava ao local do crime logo depois que as balas paravam de ser disparadas. De modo geral, comparecia logo no início, correndo, esquivando-se, atirando, ferindo e de vez em quando matando também. Havia apenas cinquenta agentes na ERR,

porque o processo de seleção era muito rigoroso. O tempo médio de permanência na ERR era de cinco anos. Web contrariara essa tendência e já estava no oitavo ano de serviço. A ERR era chamada atualmente com uma frequência cada vez maior para cuidar de situações críticas, no mundo inteiro. Por isso, havia uma política tácita da ERR de que todos deviam se manter a uma distância da Base Andrews da Força Aérea que pudesse ser percorrida de carro em pouco tempo. Mas a cortina fechara sobre essa parte de sua vida. Web não tinha mais uma equipe.

Nunca ocorrera a Web que seria o único sobrevivente de qualquer coisa. Porque não era essa a sua natureza. Todos haviam gracejado a respeito, até fizeram um bolo mórbido de apostas sobre quem morreria numa noite daquelas. Web quase sempre era o primeiro na lista, porque parecia ser sempre o primeiro na linha de fogo. Agora, no entanto, torturava Web não saber o que se interpusera entre ele e o sétimo caixão. E a única coisa pior do que a culpa era a vergonha.

Ele estacionou o Mach junto do meio-fio, pouco antes da barreira policial. Mostrou a insígnia aos homens postados ali, todos aturdidos por vê-lo. Esquivou-se pela viela à frente dos repórteres, que correram em sua direção. Vinham transmitindo ao vivo do local desde o massacre, por meio dos caminhões com as antenas parabólicas ligadas aos satélites. Web acompanhara parte do noticiário no hospital. Forneciam ao público os mesmos fatos, muitas e muitas vezes, usando gráficos e imagens, exibindo expressões solenes e dizendo coisas como "Isso é tudo o que sabemos neste momento. Mas continuem conosco, pois com certeza teremos outras notícias mais tarde, mesmo que tenhamos de revolver toda a merda. É com você, Sue." Web avançou apressado pela viela.

A tempestade da noite passada há muito se afastara pelo Atlântico. O ar que viera por trás era o mais frio que a cidade não experimentava há algum tempo. Construída num pântano, Washington D.C. enfrentava o calor e a umidade melhor do que o frio e a neve. Quando a neve caía, a única rua que tinha a probabilidade de ser limpa era a que ficava em seus sonhos.

Ele encontrou Bates no meio da viela.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Bates.

— Disse que queria que eu relatasse tudo. Estou aqui para explicar o que aconteceu.

Enquanto Bates olhava para sua mão, Web acrescentou: — Vamos

começar logo, Perce. Cada minuto conta.

Desde o ponto exato em que o Chevy os deixara, Web reconstituiu os passos de sua equipe. A cada passo que o levava na direção do alvo, Web podia sentir a raiva e o medo aumentarem. Os corpos haviam sido removidos, mas as manchas de sangue continuavam ali. Nem mesmo a chuva forte, ao que tudo indicava, fora capaz de lavar todo o sangue. Em sua mente, Web recordou cada movimento que fizera, cada emoção que sentira.

Os ninhos de metralhadora destruídos estavam sendo desmontados e examinados por pessoas que sistematicamente tiravam convicções legais de fragmentos microscópicos. Outros percorriam o pátio quadrado, ajoelhavam, abaixavam, identificavam coisas. Basicamente, procuravam respostas em objetos que não pareciam dispostos a fornecer qualquer informação. Web não se sentia confiante. Era bastante improvável que arcos bem definidos e espirais simples nas armas estivessem à espera dos técnicos em impressões digitais. Quem planejara aquela complexa emboscada não seria tão descuidado. Web se esgueirou entre as manchas de sangue como se estivesse andando na ponta dos pés em algum cemitério... e não era isso mesmo?

— As janelas foram pintadas de preto para que as armas não fossem avistadas até começarem a disparar — disse Bates. — Não haveria reflexos de luz nos canos, absolutamente nada.

— É bom saber que fomos emboscados por profissionais — murmurou Web, amargurado.

— Fez um bom trabalho com as metralhadoras — comentou Bates, apontando para uma das armas destruídas.

— Um SR75 é capaz de fazer isso.

— É um autêntico projeto militar. Seis canos, ao estilo Gatling, a estrutura apoiada num tripé, com as bases aparafusadas no chão, para não alterar a posição de disparo. Havia caixa de munição e cintos de balas. Um total de quatro mil balas em cada arma. A média seria de quatrocentos tiros por minuto. Na intensidade máxima, poderia chegar a oito mil.

— Quatrocentos eram mais do que o suficiente. E havia oito armas. O que dá 32 balas voando em sua direção a cada sessenta segundos. Sei disso porque todas deixaram de me acertar por poucos centímetros, com exceção de uma bala ricocheteada.

— Com um índice de disparos tão baixo, as armas poderiam atirar por

muito tempo.

— Foi o que aconteceu.

— O impulso para acioná-las era elétrico. As balas tinham a capacidade de penetrar em blindagens.

Web balançou a cabeça.

— Descobriu o que desencadeou a ação?

Bates o levou para uma parede de alvenaria no outro lado da viela que Web percorrera. Era parte do prédio perpendicular ao edifício abandonado, e a origem de metade dos tiros que haviam exterminado Charlie, com exceção de Web. O que fora invisível no escuro era apenas um pouco mais evidente à luz do dia.

Web se ajoelhou para examinar o que reconheceu como um aparelho de laser. Um pequeno buraco fora aberto num tijolo, com o ponto de laser e a bateria inseridos ali. O buraco era mais profundo do que a bateria. Assim, depois de inserido, o artefato se tornava praticamente invisível. Os atiradores de tocaia não poderiam identificá-lo de suas posições lá em cima, mesmo que estivessem procurando por aquilo. As informações não continham qualquer sugestão sobre a possível existência, até onde Web sabia. O foco do laser era na altura dos joelhos. O fluxo invisível devia com certeza se estender por todo o pátio quando ativado.

— O facho é rompido, os disparos começam e não param mais, a não ser por alguns segundos de pausa depois de cada ciclo, até que a munição acabe. — Ele olhou ao redor, aturdido. — E se um cachorro, gato ou uma pessoa passando por aqui ativasse o sistema antes de nossa chegada?

Pela expressão de Bates, era evidente que ele já considerara essa possibilidade.

— Estou pensando que as pessoas foram discretamente avisadas para se manter a distância. O que não se poderia fazer com os animais. Por isso, imagino que o laser foi armado através do controle remoto.

Web se ergueu.

— Ou seja, esperaram até estarmos quase chegando para ativar o laser. Isso significa que a pessoa deveria estar relativamente próxima.

— Ela podia ouvir a aproximação de vocês. Ou receber informações a respeito. Talvez esperasse até virarem a esquina, antes de acionar o controle remoto e fugir.

— Não vimos ninguém no pátio, e meu visor térmico não captou uma temperatura de 37 graus em parte alguma.

— A pessoa podia estar dentro do prédio... em qualquer dos prédios. Aponta o controle remoto por uma janela, aperta o botão e desaparece em seguida.

— Os atiradores de tocaia e a Hotel não viram nada?

Bates sacudiu a cabeça.

— A história de Hotel é de que não viu nada, até que o menino trouxe seu bilhete.

À menção de Hotel, Web pensou em Paul Romano e se sentiu ainda mais deprimido. Era bem provável que Romano estivesse naquele momento em Quantico, dizendo a todo mundo que Web se tornara um covarde, deixara sua equipe morrer e tentava atribuir a culpa a um lapso mental.

— E Uísque? E Raios X? Eles devem ter visto alguma coisa. Web se referia aos atiradores de tocaia nos telhados dos prédios.

— Viram algumas coisas, mas ainda não estou preparado para conversar a respeito.

O instinto de Web avisou que era melhor não insistir nesse ponto. O que os atiradores lá em cima poderiam dizer? Que viram Web parar de repente, depois se jogar no chão, enquanto seus companheiros eram exterminados?

— O que me diz da DEA? Eles estavam com Hotel e também tinham uma equipe de reserva.

Bates e Web trocaram um olhar. Bates balançou a cabeça.

O FBI e a DEA não eram os melhores amigos. A DEA, Web sempre pensara, era como um irmão caçula que vive chutando a canela do mais velho, até que o outro revida; nesse momento, o caçula foge, reclamando para todo mundo.

— Bom, creio que temos de aceitar isso até que alguma coisa nos leve a rejeitar — comentou Web.

— Isso mesmo. Algum de vocês usava o equipamento de visão noturna?

Web compreendeu no mesmo instante a lógica da pergunta. Os óculos de visão noturna teriam captado o laser, transformando-o numa faixa de luz longa e inconfundível.

— Não. Só peguei meu visor térmico depois que os tiros começaram. Os atacantes não costumam usar o VN. Pode-se ver qualquer fonte de luz ambiente com os óculos, mas fica-se basicamente cego se se precisa tirá-los para começar a atirar. E os atiradores nos telhados também não deveriam usá-los durante o ataque, pois o equipamento afeta demais a percepção de profundidade.

Bates tornou a acenar com a cabeça para os prédios dilapidados em que as metralhadoras haviam sido armadas.

— Os técnicos examinaram as armas. Cada uma apresentava um sinal. Eles estão pensando que houve uma demora de alguns segundos entre o momento em que a Equipe Charlie interrompeu o facho de laser e o instante em que as metralhadoras foram ativadas. Seria o período necessário para se ter certeza de que todos os homens estariam na zona da morte. O pátio e as linhas de tiro eram bastante amplos para permitir isso.

Web sentiu uma súbita vertigem e pôs a mão na parede. Era como se estivesse de novo experimentando a paralisia que sofrera durante o ataque trágico.

— Você deveria ter se permitido mais tempo para se recuperar — disse Bates, enquanto passava o braço pela cintura de Web, para ampará-lo.

— Já sofri cortes de papel piores do que isso.

— Não estou falando de sua mão.

— Minha cabeça também está ótima, mas agradeço sua preocupação. — Web falou em tom ríspido, para relaxar no instante seguinte. — Neste momento, quero apenas fazer, não pensar.

Durante a meia hora subsequente, Web indicou as posições e forneceu descrições de todas as pessoas por quem haviam passado naquela noite. Também relatou tudo o mais que pôde recordar, desde o momento em que Charlie deixara a área final de preparação até que a última bala fosse disparada no pátio.

— Acha que alguém ali podia estar trabalhando com o alvo? — perguntou Bates, referindo-se às pessoas pelas quais Web e os companheiros haviam passado na viela.

— Por aqui tudo é possível — respondeu Web. — É óbvio que houve um vazamento. E pode ter sido em qualquer etapa do acontecimento.

— Há uma porção de possibilidades nesse ponto. Vamos avaliar algumas.

Web deu de ombros.

— Não era um cenário de bipe de triplo oito.

Ele se referia ao número oito que aparecia três vezes em seu pager representando uma ordem para que todos os agentes de ERR se apresentassem imediatamente em Quantico. Web continuou: — O alvo da noite passada foi indicado com antecedência, para que todos na ERR pegassem os equipamentos necessários e para que as posições do pessoal

fossem definidas. Depois, partimos nos Suburbans. Fizemos a concentração preliminar em Buzzard Point e fomos para a área final de preparativos para a ação. Tínhamos até um procurador federal disponível, para o caso de precisarmos de algum mandado judicial de busca adicional. Os atiradores de tocaia já estavam em suas posições. Vieram mais cedo, apresentando-se como operários que fariam um conserto nos telhados de dois prédios no caminho. Também houve o acerto com a polícia local, como sempre. Depois que deixamos o último ponto de cobertura, Teddy Riner pediu e recebeu concessão de autoridade, por causa da logística hostil. Queríamos autorização para atirar numa mosca, se fosse necessário. Sabíamos que atacar o alvo pela frente e nos expor ao fogo no pátio era arriscado, mas também achávamos que eles não esperariam por essa manobra. Além disso, a posição e a configuração do prédio não possibilitavam muitas opções. Recebemos luz verde para o deslocamento até o local de crise, para depois esperar a contagem regressiva do COT. Tínhamos um ponto externo primário de arrombamento. O plano de ataque era de nos dividirmos assim que entrássemos no prédio e atacar por dois lados, enquanto Hotel e o pessoal da DEA investiam atrás. Havia uma unidade de reserva e os atiradores de tocaia nos telhados para nos proporcionar cobertura e fogo de apoio. Ou seja, um ataque rápido e fulminante, como sempre.

Os dois homens sentaram em latas de lixo. Bates jogou o pacote de chiclete fora, tirou um maço de cigarros do bolso e ofereceu um a Web, que recusou.

— A polícia local tinha conhecimento do alvo, não é mesmo? — perguntou Bates.

Web confirmou com um aceno de cabeça.

— Da localização física aproximada. Para manter presença, ajudar a isolar a área, impedir o acesso de pessoas fora do perímetro, procurar companheiros do alvo para adverti-los de que não deveriam chegar perto... essas coisas.

— Quanto tempo você acha que a polícia local teve, caso o vazamento tenha sido ali?

— Uma hora.

— Ninguém prepara uma armadilha assim em uma hora.

— Quem era o agente secreto nesse caso?

— Nem preciso dizer que você tem de levar o nome para a sepultura. — Bates fez uma pausa, presumivelmente pela ênfase. — Seu nome é Randall

Cove. Um autêntico veterano. Trabalha o alvo por dentro. Ou seja, no fundo do esgoto. Afro-americano. Com a constituição de um caminhão. Pode se igualar aos melhores nas manobras de rua. E já participou de um milhão de missões desse tipo.

— E qual é a história dele?

— Não perguntei.

— Por que não?

— Não consigo encontrá-lo. — Bates fez uma pausa. — Você sabe com certeza se Cove estava a par do momento em que seria efetuada a batida?

Web ficou surpreso com a pergunta.

— Seu pessoal deve saber a resposta melhor do que o meu. Só posso lhe dizer com certeza que não fomos informados de que podia haver um agente secreto ou um alcaguete no alvo. E se eles deveriam estar presentes, teríamos sido informados nas instruções prévias. Assim, saberíamos de quem se tratava e como eram fisicamente, para que pudéssemos algemá-los e prendê-los como os outros. Dessa maneira, o verdadeiro alvo não seria alertado e não tentaria matá-los.

— O que você sabe sobre o alvo?

— Era o centro de operações financeiras dos traficantes, com a presença do pessoal de contabilidade. Queriam essas pessoas como testemunhas em potencial, e por isso deveriam ser tratadas como reféns. Deveríamos tirá-las de lá o mais depressa possível, antes que alguém percebesse o que fazíamos e decidisse eliminá-las, para não contarem o que sabiam. Nosso plano de ataque foi aprovado, as ordens operacionais, emitidas. Recebemos as plantas do alvo e construímos um protótipo em Quantico. Treinamos ao máximo e conhecíamos cada palmo do prédio. Recebemos as normas de combate, nada fora do comum, e embarcamos no Suburban. Fim da história.

— Vocês costumam fazer sua própria vigilância. — Bates referia-se à observação do alvo pelos atiradores de tocaia através de binóculos e lunetas de mira.

— Alguma coisa por aí?

— Nada de especial ou teríamos sido informados nas instruções. Exceto pelo possível ângulo das testemunhas, para mim não passava de mais uma batida numa casa do tráfico.

— Se fosse apenas isso, não precisariam de vocês para a operação. O escritório regional de Washington poderia usar sua equipe da SWAT.

— Fomos informados de que o problema logístico era fundamental. E

sabíamos que se o alvo reagisse e estivesse com material bélico, a SWAT não teria como controlar a situação. Havia também o aspecto das testemunhas em potencial. O que era suficiente, por si só, para que nos encarregássemos da operação. Mas nenhum de nós esperava oito metralhadoras acionadas por controle remoto.

— Obviamente, era tudo besteira. Que nos deram como a verdade suprema. Exceto pelas metralhadoras, o prédio estava vazio. Foi uma emboscada do princípio ao fim. Não havia contadores, não havia registros, não havia nada.

Web esfregou a mão nos buracos de bala nos tijolos. Muitos eram tão profundos que dava para ver o concreto por trás. Com toda a certeza, balas capazes de perfurar uma blindagem. A única coisa boa fora que todos em sua equipe haviam tido morte instantânea.

— Os atiradores nos telhados devem ter visto alguma coisa.

Web acalentava a esperança de que eles pudessem ter avistado o que o deixara paralisado. Mas como poderiam?

— Ainda não acabei de conversar com eles.

Bates não disse mais nada a respeito. Outra vez, Web decidiu que era melhor não pressioná-lo.

— Onde está o garoto? — Web hesitou, tentando lembrar o nome. — Kevin.

Bates também hesitou por um segundo.

— Desapareceu.

Web empertigou-se.

— Como é possível? Não passa de um menino!

— Não estou dizendo que foi dele a iniciativa de desaparecer.

— Sabemos quem é?

— Kevin Westbrook. Tem alguns parentes, mas quase todos são hóspedes do estado. Tem um irmão mais velho, conhecido nas ruas como Big F... o F significa isso que você está pensando. Chefe de uma gangue de rua, é tão grande quanto uma árvore e tão inteligente quanto um pós-graduado de Harvard. Trabalha com metanfetaminas, maconha jamaicana, as melhores coisas. Ainda não conseguimos obter provas para incriminá-lo. E esta área é seu território.

Web esticou os dedos da mão ferida. O Band-Aid não estava ajudando como deveria, e ele se sentiu culpado por sequer pensar a respeito.

— É uma grande coincidência que o irmãozinho do cara que domina esta área estivesse sentado na viela quando passamos.

Mesmo enquanto falava sobre o menino, Web pôde sentir uma mudança em seu corpo, como se a própria alma escapulisse. Chegou a pensar que poderia desmaiar. Web começou a especular se precisava de um médico ou de um exorcista.

— Ele mora aqui por perto. E pelo que descobrimos, sua vida familiar não é das melhores. Provavelmente ele a evitava por completo sempre que podia.

— O irmão mais velho também desapareceu? — perguntou Web, quando seu equilíbrio começou a voltar.

— Não se pode dizer que ele tenha um endereço normal. Qualquer um em seu tipo de atividade está sempre em movimento. Não temos qualquer indício direto de que ele cometeu sequer uma contravenção, mas o estamos procurando mesmo assim. — Bates fitou Web nos olhos. — Tem certeza de que você está bem?

Web descartou a indagação com um aceno da mão.

— Como exatamente perderam o garoto?

— Isso não está muito claro no momento. Saberemos mais depois que terminarmos de verificar em todo o bairro. Alguém deve ter visto as metralhadoras chegando e sendo instaladas. Mesmo por aqui, isso é fora do normal.

— E acha mesmo que alguém vai lhe contar alguma coisa?

— Temos de tentar, Web. Só precisamos de um par de olhos.

Os dois permaneceram calados por um momento. Depois, Bates ergueu os olhos, com uma expressão contrafeita.

— Web, o que realmente aconteceu?

— Diga logo o que está pensando. Como é possível que tenha ocorrido algo comigo justo no momento da emboscada?

— É o que estou dizendo.

Web olhou pelo pátio, para o ponto exato em que caíra no asfalto.

— Saí por último da viela. E foi como se não pudesse me mexer. Pensei que havia sofrido um derrame. Depois, arriei no chão, um instante antes dos tiros começarem. Não sei por quê.

A mente de Web ficou em branco por um segundo e depois as imagens voltaram, como se ele fosse um aparelho de televisão e um raio tivesse caído nas proximidades.

— Acabou em um segundo, Perce. Só foi preciso um segundo. No pior momento possível da história do mundo.

Ele fitou Bates para avaliar a reação. Os olhos contraídos do outro informavam a Web tudo o que precisava saber.

— Não precisa se sentir tão angustiado — acrescentou Web. — Também não acredito.

Bates não fez qualquer comentário. Web decidiu abordar a outra razão para sua presença ali.

— Onde está a bandeira?

Como Bates se mostrasse surpreso, Web explicou: — A bandeira da ERR. Tenho de levá-la de volta a Quantico.

Em cada missão da ERR, o membro mais antigo recebia a bandeira da ERR para levar entre seus equipamentos. Quando a missão era concluída, a bandeira era devolvida ao comandante da ERR. Agora, como único sobrevivente, Web tinha a obrigação de entregá-la.

— Venha comigo — disse Bates.

Havia um furgão do FBI estacionado ali perto. Bates abriu uma das portas traseiras, entrou e pegou uma bandeira dobrada ao estilo militar. Estendeu-a para Web.

Web a segurou com as duas mãos. Olhou para as cores por um momento, cada detalhe do massacre projetando-se mais uma vez em sua mente.

— Tem alguns buracos — comentou Bates.

— Todos nós temos.

5

WEB FOI NA MANHÃ SEGUINTE À SEDE DA ERR EM QUANTICO.

Pegou a Rota 4, do quartel do Corpo de Fuzileiros Navais. Passou pela academia do FBI, ao estilo de campus universitário, que servia aos recrutas do FBI e da DE A. Web permanecera 13 semanas intensas e estressantes de sua vida ali, aprendendo a ser um agente do FBI. Em troca, recebia uma ninharia e dormia num quarto de dormitório com um banheiro partilhado... e ainda tinha de levar suas próprias toalhas! Mas adorara tudo e devotara cada momento desperto para se tornar o melhor agente do FBI que podia, porque sentia que nascera para aquela atividade.

Saíra da academia como um agente do FBI, novo em folha e juramento prestado. Recebera um Smith & Wesson 357, que exigia uma absurda pressão de quatro quilos para disparar. Quase nunca alguém atirava no próprio pé com aquela arma. Os recrutas usavam agora pistolas semiautomáticas Glock .40, com carregadores de vinte balas e um gatilho muito mais fácil de apertar. Mas Web ainda tinha lembranças afetuosas de seu Smith & Wesson com o cano enorme. Armas mais requintadas, porém, não significava necessariamente melhores. Ele passara os seis anos seguintes aprendendo a ser um agente do FBI na prática. Sentira-se desesperado com o infame labirinto burocrático, descobrira pistas, pressionara informantes, respondera a queixas criminais, permanecera horas sentado a ouvir grampos telefônicos, realizara vigilâncias que haviam durado a noite inteira, desenvolvera casos para levar a julgamento e prendera pessoas que não podiam mais continuar em liberdade. Web chegara a um ponto em que conseguia formular um plano de batalha em cinco minutos, enquanto guiava um carro do FBI — ou Bucar, como era sempre chamado, sendo Bu de Bureau — a 180 quilômetros horários, controlando o volante com os joelhos e usando as mãos para pôr os cartuchos na espingarda. Aprendera a interrogar suspeitos, definindo os fatos básicos, e depois a fazer perguntas para confundi-los, a fim de avaliar mais tarde quando estavam mentindo. Também aprendera a prestar depoimentos sem ser envolvido por um hábil advogado de defesa, cujo único objetivo era não descobrir a verdade; em vez disso, esses advogados preferiam ocultá-la.

Seus superiores, inclusive Percy Bates (quando Web fora transferido para o escritório local de Washington, depois de vários anos no Meio-Oeste), haviam acrescentado à sua ficha pessoal sucessivos elogios, impressionados com sua dedicação, habilidades físicas e mentais, e a capacidade de pensar enquanto agia. Atuara à margem das normas em algumas ocasiões, mas pensava que a maioria dos agentes eficientes fazia a mesma coisa, porque algumas regras do FBI eram estúpidas demais. O que era mais uma coisa que Percy Bates lhe ensinara.

Web estacionou, saltou do carro e se encaminhou para o prédio da ERR, que não poderia ser considerado bonito por qualquer pessoa que o visse. Fora recebido ali de braços abertos. Homens duros e calejados, que haviam visto mais morte e perigo do que o cidadão médio podia sequer imaginar, confraternizavam com ele em salas privadas. A ERR não era um lugar em que alguém se mostrasse ansioso em exibir sua vulnerabilidade e emoções. Nenhum homem queria disparar armas e arriscar a vida ao lado de alguém tímido e sensível. Você largava sua aura afetuosa e emotiva na porta quanto entrava no trabalho, deixando prevalecer seu estado alfa machista e agressivo. Tudo ali baseava-se na antiguidade e competência; esses dois atributos, de modo geral, embora nem sempre, eram equivalentes.

Web devolveu a bandeira a seu comandante. Era um homem esguio e musculoso, de cabelos grisalhos, que ainda podia superar a maioria de seus homens na ação. Aceitou a bandeira com dignidade e um aperto de mãos, que se transformou num abraço quando passaram para a privacidade de sua sala. Pelo menos não o odiavam, pensou Web.

O prédio de administração da ERR fora construído para alojar cinquenta funcionários, mas agora cem pessoas trabalhavam ali. Havia apenas dois banheiros para todo esse pessoal; por isso, sempre se enfrentava uma fila para o xixi, até mesmo para a de tocaia dos agentes federais empenhados na luta contra o crime. Existiam pequenas salas por trás da área de recepção para o comandante que tinham o nível de AEC — Agente Especial no Comando. Abaixo dele, ficavam dois supervisores, das equipes de ataque e das equipes de atiradores de tocaia. Os agentes da ERR tinham cubículos numa área que parecia uma colmeia, ao longo de um corredor, dividido entre atacantes e atiradores de elite. Havia apenas uma sala de aula no prédio, que também servia como sala de reunião e sala de instruções, pois havia deficiência de espaço. Na prateleira na parede do fundo da sala via-se uma fileira de canecas de café. Sempre que um helicóptero pousava ali, a

força do rotor fazia com que as canecas vibrassem. Por algum motivo, esse som sempre fora tranquilizante para Web. Significava que membros da equipe voltavam para a base, ele supunha.

Ele foi visitar Ann Lyle, que trabalhava no escritório. Ann tinha sessenta anos, muito mais velha do que as outras mulheres na administração. Podia ser considerada a matriarca e mãe extraoficial dos veteranos que podiam chamar a ERR de sua casa. A regra tácita era a de que não se dizia um palavrão na presença de Ann, nem se usava qualquer tipo de linguagem ou gestos grosseiros. Tanto os novatos quanto os veteranos que não respeitavam essa política logo se descobriam alvo de retaliação, variando de cola no capacete a um soco mais violento numa sessão de treinamento, que o deixava especulando se não perdera um dos pulmões. Ann estava na ERR quase desde a criação, depois de trabalhar no escritório regional de Washington por muitos anos. Ficara viúva durante esse período. Sem filhos, deixava que toda a sua vida girasse em torno do trabalho. Sempre escutava os agentes jovens e solteiros que queriam partilhar seus problemas, e distribuía conselhos sensatos. Também servia como conselheira conjugal extraoficial da ERR, e em mais de uma ocasião conseguira evitar um divórcio. Fora visitar Web no hospital todos os dias, enquanto ele esperava para recuperar seu rosto, com uma frequência muito maior do que a própria mãe dele. Regularmente, Ann levava para o escritório doces e biscoitos que fazia em casa. Era conhecida como fonte primária de informações sobre todas as coisas relacionadas com o FBI e a ERR. Era também exímia navegadora no pântano burocrático das requisições do FBI. Se a ERR precisasse de qualquer coisa, grande ou pequena, podia-se contar com Ann Lyle para obtê-la.

Web a encontrou em sua sala. Entrou, fechou a porta e sentou à sua frente.

Os cabelos de Ann já eram brancos há vários anos, e o corpo perdera a forma, mas os olhos ainda exibiam aparência juvenil e o sorriso continuava lindo.

Ann se levantou e abraçou Web, que precisava muito de um gesto assim. O rosto dela estava molhado de lágrimas. Era muito ligada aos membros da Equipe Charlie, que sempre se empenhavam em demonstrar-lhe sua afeição.

— Não parece nada bem, Web.

— Já tive dias melhores.

— Eu não desejaria isso a ninguém, nem mesmo ao meu pior inimigo. Mas você é a última pessoa do mundo com quem isso deveria ter acontecido, Web. Neste momento, minha vontade é de começar a gritar e nunca mais parar.

— Obrigado, Ann. Ainda não consigo entender o que aconteceu. Nunca fiquei paralisado desse jeito antes.

— Você passou os últimos oito anos de sua vida, Web querido, sendo alvo de tiros. Não acha que isso acaba tendo consequências? Afinal, você é humano.

— É justamente esse o problema, Ann. Eu deveria ser mais do que humano. É por isso que estou na ERR.

— Você precisa agora é de um longo descanso. Quando foi a última vez que tirou férias? Pode sequer se lembrar?

— Preciso mesmo é de algumas informações, e você pode me ajudar.

Ann aceitou a mudança no rumo da conversa, sem fazer qualquer comentário.

— Farei o que puder. Sabe disso.

— Um agente secreto chamado Randall Cove. É dado como desaparecido em ação.

— O nome me é familiar. Creio que conheci um Cove quando trabalhava no escritório regional de Washington. Disse que ele está desaparecido?

— Era o agente infiltrado na última operação da ERR. Acho que ele nos enganou, ou descobriram sua identidade. Preciso de tudo o que você puder encontrar a seu respeito. Endereços, pseudônimos, contatos conhecidos, qualquer coisa.

— Se ele trabalhava em Washington, não devia morar aqui. Não se esqueça da regra extraoficial dos quarenta quilômetros para os agentes secretos. Você não vai querer esbarrar em um de seus vizinhos enquanto está trabalhando. Para as missões mais importantes, podem trazer agentes de outras partes do país.

— Sei disso. Mas os quarenta quilômetros ainda deixam muitas possibilidades. Talvez possamos obter registros telefônicos, comunicações com o escritório regional de Washington, esse tipo de coisa. Não sei como você pode dar um jeito, mas preciso muito de tudo o que puder descobrir.

— Os agentes secretos costumam usar cartões telefônicos de valor baixo em suas ligações. Compram em lojas de conveniência, gastam tudo e

adquirem outro. Assim não há qualquer registro.

Web sentiu que suas esperanças diminuíam.

— Está querendo dizer que não há vestígio?

Ele nunca tivera de localizar um agente secreto. Ann exibiu seu lindo sorriso.

— Sempre se pode dar um jeito, Web. Deixe-me procurar um pouco.

Ele olhou para as próprias mãos.

— Estou me sentindo como um americano no Forte Álamo que os mexicanos esqueceram de incluir no massacre.

Ann balançou a cabeça em compreensão.

— Tem café fresco na cozinha e um bolo de nozes e chocolate que eu trouxe. Vá se servir, Web. Sempre foi magro demais.

As palavras seguintes de Ann, depois de uma breve pausa, fizeram Web levantar os olhos para seu rosto maravilhosamente tranquilizador.

— E pode ter certeza de que estou vigiando sua retaguarda, meu bem. Ouço todos os comentários. E ninguém, absolutamente ninguém, vai dizer qualquer coisa contra você enquanto eu estiver sentada aqui.

Ao deixar a sala, Web especulou se Ann Lyle não consideraria algum dia a possibilidade de adotá-lo.

Ele encontrou um terminal de computador vazio e acessou o banco de dados da ERR. Ocorrera-lhe, como tinha certeza de que já ocorrera a outros, que a aniquilação de sua equipe podia ser um caso puro e simples de vingança. Passou tempo considerável ali, revisando casos em que a ERR atuara. As lembranças afloraram, de sucessos emocionantes e fracassos angustiantes. O problema era que, se se somassem todas as pessoas afetadas por uma missão da ERR, incluindo famílias e amigos, além de lunáticos que gostavam de se envolver em casos famosos, os números se elevavam a milhares. Web teria de deixar essa parte aos cuidados de outros. Tinha certeza de que os computadores do FBI já estavam naquele momento fazendo um levantamento dos dados.

Web desceu pelo corredor principal. Parou por um momento à frente da sala de fotos de operações passadas da ERR. Havia ali registros visuais de muitos sucessos espetaculares. O lema da Equipe de Resgate de Reféns era simples: "Rapidez, surpresa e violência de ação." A ERR desenvolvia suas grandes operações de acordo com isso. Web olhou para a foto de um terrorista na lista dos mais procurados que fora apanhado em águas

internacionais ("arrebatado", como costumavam dizer), como um caranguejo que não desconfiava da captura iminente, e levado a julgamento, sendo condenado à prisão perpétua. Havia fotos da operação de uma força-tarefa internacional numa plantação de coca num país latino-americano. E, finalmente, lá estava uma foto de uma situação de refém muito tensa, num prédio do governo em Chicago. No fim, todos os reféns foram salvos, e três dos cinco sequestradores morreram. Infelizmente, nem sempre acabava assim.

Web deixou o prédio da administração e olhou para a árvore que havia ali. Era uma variedade da árvore que era o símbolo do Kansas, em memória do agente da ERR que morrera num acidente de treinamento. Cada vez que passava pela árvore, Web fazia uma prece silenciosa para que fosse a única a ser plantada. Mas não se podia esperar que as preces fossem atendidas. Se plantassem uma árvore para cada agente morto em trabalho, muito em breve teriam uma floresta ali.

Ele precisava muito fazer alguma coisa, qualquer coisa, para não se sentir um fracasso total. Foi até o arsenal, pegou um rifle 308 e um pouco de munição. Precisava se acalmar e, ironicamente, praticar tiro ao alvo sempre o tranquilizava. Como isso exigia precisão e concentração, todos os outros pensamentos eram excluídos, por mais perturbadores que pudessem ser.

Ele passou pela sede original da ERR, um prédio estreito e alto, mais parecendo um silo estilizado, em vez da base de uma unidade de tocaia da polícia federal. Parou e olhou para a encosta em que ficavam os estandes de tiro. A distância para os alvos chegava a ser de mil metros. Havia operários trabalhando num bosque adjacente, a fim de aumentar as instalações sempre crescentes da ERR. Haveria ali um novo estande de tiro, todo fechado. Por trás do estande ao ar livre, as árvores eram verdes e frondosas. Sempre parecera uma estranha justaposição para Web: as belas cores da natureza servindo como pano de fundo para o lugar em que ele aprendera, ao longo dos anos, as melhores maneiras de matar. Mas ele representava o lado do bem e isso fazia com que tudo fosse certo. Pelo menos era o que insinuavam as normas que acompanhavam a insígnia.

Ele armou os alvos. Queria assumir o papel de um atirador de tocaia, a distância do alvo. As cartas eram um pouco espalhadas em leque pelo apoio do alvo. Assim, apenas uma pequena parte de cada carta era visível, a não ser pela carta da frente. O objetivo era conseguir uma mão vitoriosa. O

problema era que só se podia contar uma carta que fosse atingida de forma bem definida. Se você acertasse de raspão em outra carta, não podia alegar que era seu alvo. E só podia disparar cinco tiros. A margem de erro era mínima. Era o tipo de exercício tenso para relaxar uma pessoa... se essa pessoa fosse um agente da ERR.

Web assumiu uma posição a cem metros dos alvos. Ao se deitar no chão, ele pôs um pequeno saco de feijão sob a coronha do 308, para sustentar o peso da parte superior do corpo, enquanto se acomodava. Alinhou o corpo com o curso do coice, a fim de minimizar o salto do cano. Comprimiu os quadris contra o chão, abriu os joelhos na largura dos ombros e virou os tornozelos de lado. Tudo isso visava diminuir seu perfil de alvo, caso alguém estivesse querendo acertá-lo. Acertou a configuração apropriada na calibração da mira. Calculou o vento também. A umidade era elevada, e por isso ele acrescentou um clique extra de meio minuto. Como um atirador de elite, ele registrara em seu diário todos os tiros que disparara durante uma missão. Era um estudo muito valioso sobre os efeitos ambientais nas balas disparadas. Também podia explicar por que um atirador errara o alvo, o que era a única ocasião em que alguém lhe dava alguma importância. Quando acertava o alvo, estava apenas fazendo seu trabalho, e não havia motivo para receber a chave da cidade como prêmio por isso. Não havia nenhum detalhe que pudesse ser considerado pequeno demais quando se tinha de matar alguém a uma grande distância. Uma insinuação de sombra através da lente da mira podia fazer com que um atirador menos alerta eliminasse um refém, não um sequestrador.

Web apertou de leve a empunhadura granulada da pistola. Comprimiu a coronha contra o ombro, encostou o rosto na coronha, fixou a mira e segurou a almofada da coronha com a mão fraca para ajeitar o bipé do 308. Web respirou fundo e soltou o ar devagar. Nenhum músculo podia interferir na ligação entre Web e o tiro. Os músculos eram inconstantes; ele precisava de osso no osso, porque osso não se alterava. Web sempre usara a técnica de emboscada em suas missões como franco-atirador. O atirador esperava até que o alvo entrasse numa zona da morte predeterminada. Fixava a mira um pouco à frente do alvo. Depois, contava os pontos na retícula para calcular a distância até o alvo, ângulo de incidência e velocidade. Era preciso calcular também a elevação, o vento e a umidade. E esperava-se para matar, como a aranha proverbial em sua teia. Sempre se atirava no crânio por uma razão muito simples: os alvos baleados na cabeça nunca revidavam.

Osso sobre osso. Pulsação em 64. Web deixou escapar o ar dos pulmões pela última vez; o dedo deslizou para o gatilho, e ele disparou cinco tiros, com os movimentos precisos de um homem que fizera aquilo mais de cinquenta mil vezes. Repetiu o processo mais quatro vezes, três vezes a cem metros de distância. A derradeira mão de pôquer foi jogada a duzentos metros, que era a distância máxima para o pôquer do atirador de tocaia.

Quando verificou os alvos, Web não pôde deixar de sorrir. Tinha um royal flash de espadas em duas mãos, ases com rei em duas outras e um full hand em duzentos; nenhuma das outras cartas fora atingida. E nenhuma bala fora desperdiçada, o que significava, no jargão do FBI, que todos os tiros haviam atingido o alvo. Isso lhe permitiu se sentir bem durante cerca de dez segundos, mas a depressão voltou no instante seguinte.

Ele levou a arma de volta ao arsenal e continuou sua caminhada. No quartel adjacente do Corpo de Fuzileiros Navais ficava a Yellow Brick Road, a estrada dos tijolos amarelos, nome derivado do filme O mágico de Oz, um curso de obstáculos terrível, com 12 quilômetros de extensão, cordas pendendo de cinco metros de altura, buracos com arame farpado à espera de um escorregão e queda, além de penhascos rochosos. Durante os dias de qualificação para a ERR, Web percorrera aquele curso tantas vezes que memorizara cada palmo do terreno. As disputas entre as equipes incluíam corridas de 25 quilômetros, cada homem carregando mais de vinte quilos de equipamentos, inclusive objetos preciosos, como tijolos, que não podiam cair no chão, para que sua equipe não perdesse. Havia também provas de natação em águas geladas e imundas, ou subidas por escadas de 15 metros que apontavam direto para o céu. Havia ainda uma subida pelo "hotel do sofrimento", uma escalada de apenas quatro andares, mas com todos os obstáculos possíveis e imaginários, e o salto pela amurada de um velho navio para o rio James. Depois que Web ingressara na KR. o "hotel do sofrimento" fora modificado, com cabos de guia, grades e redes. Não restava a menor dúvida de que isso tornava a escada mais segura, mas também, em sua opinião, muito menos divertida. De qualquer forma, as pessoas com medo de altura não eram aprovadas. Pular de rapei de um helicóptero para uma densa floresta separava os homens dos meninos. Afinal, se você perdia o ponto de freio, um carvalho de trinta metros de altura passaria a conhecer suas entranhas muito bem.

E antes de se formar, cada recruta tinha de passar também pela estufa, uma torre de concreto de três andares, com persianas de aço tapando as

janelas. A configuração do interior, com o chão rendado, permitia que um fogo no fundo projetasse a fumaça até o topo em segundos. O desafortunado recruta era largado no terceiro andar e tinha de usar o tato, a coragem e o instinto para encontrar o caminho até lá embaixo e sair a salvo. Sua recompensa por sobreviver era a água de um balde jogada em seus olhos para limpá-los da fumaça, e a oportunidade de fazer a mesma coisa de novo, minutos mais tarde, agora com um boneco de setenta quilos nas costas.

Espremidos entre tudo isso, havia dezenas de milhares de tiros disparados, aulas que teriam deixado Einstein perplexo e confuso, exercícios físicos que deixariam muitos atletas olímpicos ofegando de exaustão, além de roteiros para decisões em frações de segundo. A soma total era suficiente para fazer um homem renunciar à bebida, rastejar por uma cela acolchoada e falar sozinho. E a cada passo do caminho você era observado por agentes da ERR, criticando-o em cada erro e em cada triunfo. Só se podia acalentar a esperança de ter mais acertos do que erros, mas nunca se podia saber, porque os agentes não informavam. Para eles, você era a ralé, uma ralé que se esforçava ao máximo, mas nem por isso deixava de ser ralé. E você sabia que eles nem sequer reconheceriam sua presença em qualquer lugar, até que se formasse.

E era mais do que provável que eles nem comparecessem ao seu enterro se acabasse morrendo durante as provas.

Web acabara sobrevivendo a tudo. Depois de se formar na Escola de Treinamento de Novos Agentes, fora "recrutado" como atirador de elite. Passara mais dois meses no curso específico do Corpo de Fuzileiros Navais, onde aprendera com os melhores as habilidades de campanha, como observação, camuflagem e como matar com rifle e luneta. Depois disso, Web passara sete anos na ERR, primeiro como atirador de elite e depois como integrante das equipes de ataque. Ou seja, o tédio insuportável de longas esperas, às vezes nas piores condições possíveis, ou a perspectiva de matar ou morrer, no mundo inteiro, em confrontos com seus habitantes mais desvairados. Em troca, ele recebia todas as armas e munição que quisesse, e um salário equivalente ao que um jovem de 16 anos poderia ganhar, durante a hora do almoço, programando computadores. Em tudo e por tudo, era, sem dúvida, um emprego sensacional.

Web caminhou pelo hangar em que eram guardados os enormes helicópteros Bell 412, assim como os MD530s, muito menores. Estes eram

chamados de Passarinhos, porque eram ágeis e velozes. Podiam transportar quatro homens dentro e mais quatro nos patins, a uma velocidade de 120 nós, ou mais de duzentos quilômetros horários. Web já voara nos 530s nas piores situações, e os Passarinhos sempre o trouxeram de volta, algumas vezes pendurado de uma corda de cabeça para baixo. Mas ele também nunca fora muito exigente na maneira como sobrevivia às missões.

O estacionamento dos veículos da ERR tinha uma cerca gradeada. Web parou e fechou o casaco contra o vento frio. O céu estava se tornando rapidamente nublado, com a entrada na área de um sistema de tempestade, o que costumava acontecer àquela hora do dia naquela época do ano. Ele entrou no estacionamento e sentou no teto do único transporte blindado da unidade. Correu os olhos pelas fileiras de Suburbans. Os veículos haviam sido alterados com escadas que lhes permitiam encostar num prédio e subir para o covil de um criminoso no quinto andar. Havia caminhões para levar os equipamentos, jet skis, caminhões para servir refeições e um barco de casco rígido, com amuradas infláveis, projetado para as forças especiais da marinha. O barco tinha dois motores Chrysler V-8. Web só podia comparar os efeitos a entrar num prédio no momento em que está sendo demolido... e entrar na bola de demolição. Ele já viajara no barco em diversas ocasiões... ou melhor, sobrevivera às viagens.

Tinham tudo ali, de equipamentos para missões na selva a expedições no Ártico. Treinavam para todas as circunstâncias e se empenhavam ao máximo no trabalho. Ainda assim, podiam ser vencidos por coincidências, pela sorte inesperada de oponentes inferiores ou pelo planejamento hábil e informações internas de um traidor.

Começou a chover e Web foi se abrigar no centro de treinamento. Era um prédio grande, construído como um armazém, com longos corredores para simular os que se encontravam em hotéis, e paredes revestidas de borracha que podiam ser mudadas de posição. Era muito parecido com um estúdio de Hollywood. Se tinham bastante sorte para obter as plantas de um alvo, podiam fazer uma reconstituição do local ali para o treinamento com os parâmetros exatos. O último protótipo construído ali fora para a operação em que Charlie deixara de existir. Enquanto estudava a configuração, ocorreu a Web que nunca chegara a ver o interior do prédio real. Não haviam sequer alcançado a porta da frente. Previa que em breve desmontariam tudo aquilo, nos preparativos para a próxima operação. O resultado não poderia ser pior, não é mesmo?

As paredes revestidas de borracha absorviam as balas, pois a ERR muitas vezes praticava com munição genuína. As escadas eram feitas de madeira, para não permitir os ricochetes. Mas a equipe descobrira, por sorte sem ferimentos graves, que os pregos na madeira podiam enviar as balas para direções indesejadas. Ele passou pela fuselagem de avião que fora construída para que pudessem treinar em cenários de sequestro aéreo. Pendia de vigas e podia ser levantada ou baixada para os propósitos de treinamento.

Em quantos terroristas imaginários ele atirara ali? O treinamento compensara, pois ele repetira tudo na vida real, quando um avião americano fora sequestrado em Roma. Os terroristas ordenaram que o avião voasse primeiro para a Turquia e depois para Manila. Web e sua equipe decolaram da Base Andrews da Força Aérea duas horas depois de divulgada a notícia do sequestro. Acompanharam os movimentos do avião sequestrado num C141 da Força Aérea. No aeroporto em Manila, onde o jato estava sendo reabastecido, os terroristas jogaram na pista dois reféns mortos, ambos americanos, um deles uma menina de quatro anos. Uma declaração política, eles anunciaram orgulhosos. E foi a última declaração que fizeram na vida.

A decolagem do avião sequestrado fora protelada primeiro pelo mau tempo, depois por uma falha mecânica. Por volta de meia-noite, horário local, Web e a Equipe Charlie entraram no avião, disfarçados como mecânicos. Três minutos depois, havia cinco terroristas mortos e mais nenhum refém abatido. Web atirara em um deles com seu .45 apontado direto para a lata de Coke diet que o homem tinha na boca. Até hoje, ele ainda não era capaz de beber esse refrigerante. Mas nunca se arrependera de ter puxado o gatilho. A imagem do corpo inocente de uma menina na pista — americana, iraniana ou japonesa, não fazia diferença para Web — era toda a motivação de que precisava para puxar o gatilho contra o mal. Aqueles homens podiam alegar toda a opressão geopolítica do mundo, invocar todas as divindades poderosas e oniscientes de suas religiões, apresentar todas as justificativas meio idiotas que quisessem para poderem detonar suas bombas e disparar suas armas. Mas nada disso tinha qualquer significado para Web quando começavam a matar pessoas inocentes, crianças em particular. E ele as combateria enquanto quisessem realizar sua dança pervertida de pecado e destruição em qualquer lugar do mundo... pois aonde quer que eles pudessem ir, Web também podia.

Ele passou por pequenas salas com paredes revestidas de borracha, onde

havia cartazes de criminosos pendurados em estacas, apontando uma arma em sua direção. Numa reação instintiva, ele apontou um dedo para os cartazes e simulou que atirava. Com uma pessoa armada, você sempre se concentrava nas mãos, não nos olhos, porque não havia qualquer registro na história de uma pessoa morta por um par de olhos. Ao baixar sua "arma", Web não pôde deixar de sorrir. Era tudo muito fácil quando não havia ninguém disparando tiros reais contra você. Em outras salas, havia cabeças e troncos de bonecos em estacas, a "pele" e o volume reproduzindo os humanos reais. Web desferiu chutes de lado contra as cabeças, acompanhados por uma série de golpes paralisantes na altura dos rins, antes de seguir adiante.

Ouviu movimento dentro de outra sala e deu uma olhada. Um homem de camiseta e calça de camuflagem limpava o suor do pescoço, dos ombros e dos braços musculosos. Havia cordas compridas penduradas do teto. Era uma das salas em que os homens treinavam subida e descida rápida por cordas. Web ficou observando enquanto o homem subia e descia três vezes, em movimentos ágeis e firmes, os músculos dos braços e ombros se contraindo e relaxando. Assim que o homem acabou, Web entrou na sala e disse: — Ei, Ken, você nunca tira um dia de folga?

Ken McCarthy olhou para Web. Sua expressão não era exatamente o que Web teria chamado de cordial. McCarthy era um dos homens nos telhados de prédios na viela na noite em que a Equipe Charlie deixara de existir, sob uma barragem de balas de calibre 50. McCarthy era negro, 34 anos de idade, de naturalidade texana. Como soldado do exército, conhecera o mundo à custa do Tio Sam. Era um ex-integrante das forças especiais da marinha, mas não exibia a arrogância ostensiva que muitos de seus companheiros tendiam a assumir. Com apenas 1,78m de altura, era capaz de levantar um caminhão. Alcançara o grau de faixa preta em três tipos de artes marciais. Era o agente mais eficiente na água que a ERR já tivera. Também era capaz de acertar um tiro entre os olhos de uma pessoa a mil metros de distância, na calada da noite, sentado no galho de uma árvore. Um veterano de três anos da ERR, era retraído, ensimesmado e carecia do humor macabro da maioria dos agentes. Web lhe ensinara coisas que McCarthy ainda não sabia ou estava tendo dificuldade para aprender. Em troca, McCarthy partilhara com Web algumas de suas extraordinárias habilidades. Ao que Web soubesse, McCarthy nunca tivera qualquer problema com ele. Mesmo assim, a expressão do homem nesse momento

talvez anunciasse o fim dessa tendência. Era possível que Romano tivesse virado todo mundo contra ele.

— O que está fazendo aqui, Web? Pensei que ainda estivesse no hospital, cuidando de seus ferimentos.

Web deu outro passo na direção do homem. Não gostou do tom nem das palavras de McCarthy, mas podia compreender de onde vinham. Também podia compreender de onde viera a atitude de Romano. Todos esperavam que cada um realizasse seu trabalho com absoluta precisão. A perfeição era o que se pedia ali. Web nem chegara perto dessa perfeição. Claro que teria sido liquidado pelas metralhadoras, se não tivesse falhado. Mas isso não contava para aqueles homens.

— Presumo que você viu tudo.

McCarthy tirou as luvas de exercício e esfregou os dedos grossos, com calos enormes.

— Teríamos descido por cordas para a viela, mas o COT mandou que continuássemos em nossas posições.

— Não havia nada que vocês pudessem fazer, Ken.

McCarthy ainda olhava para seus pés.

— Finalmente recebemos autorização para descer. Demorou demais. Fizemos o contato com Hotel. Tudo demorou demais. Continuamos a tentar fazer contato com vocês pelo rádio. O COT não sabia o que estava acontecendo. Acho que nossa cadeia de comando se rompeu. Creio que você sabia disso.

— Estávamos preparados para tudo, exceto para o que aconteceu.

McCarthy sentou numa esteira de borracha no chão. Levantou os joelhos. Fitou Web.

— Ouvi dizer que você saiu um pouco atrasado da viela e que caiu, ou alguma outra coisa.

Alguma outra coisa. Web sentou ao lado de McCarthy.

— As metralhadoras foram acionadas por um laser, mas o laser deve ter sido ligado por controle remoto. Assim, as balas não dispariam antes do tempo para atingir o alvo errado. Alguém devia estar por perto para fazer isso.

Web deixou a última frase pairando no ar enquanto seu olhar permanecia fixado em McCarthy.

— Já conversei com o pessoal do escritório regional de Washington.

— Era de esperar.

— Temos uma AAF, Web.

Uma AAF era uma investigação de ataque a um agente federal; no caso, eram várias.

— Sei de tudo isso, Ken. Não sei direito o que aconteceu comigo. Não foi assim que planejei. E fiz tudo o que podia. — Web respirou fundo. — E se eu pudesse voltar no tempo para mudar, pode ter certeza de que o faria. Agora, terei de conviver com o que aconteceu pelo resto da vida, Ken. Espero que você possa compreender isso.

McCarthy levantou o rosto. A expressão hostil se desvanecera.

— Não havia nada em que atirar, Web. Não havia nada que nós lá de cima pudéssemos destruir. Tanto treinamento e não pudemos fazer nada. Tínhamos três homens nos prédios que davam para o pátio e nenhum deles pôde sequer disparar um tiro eficiente contra as metralhadoras. Não queriam disparar, porque acharam que uma bala ricocheteada poderia atingir você.

— Viu o menino?

— O menino negro? Vi sim, quando ele desceu pela viela com seu casquete e o bilhete.

— Também passamos por ele na ida.

— Vocês devem ter bloqueado nossa visão. E a luz naquela viela refletia-se de maneira estranha lá em cima.

— E os outros caras, os que estavam comprando e vendendo drogas?

— Tínhamos um atirador focalizado neles durante todo o tempo. Não saíram de onde estavam até que os tiros começaram. Nesse momento, todos correram. Jeffries disse que também pareciam surpresos. Partimos quando o COT nos deu a luz verde.

— O que aconteceu depois?

— Fizemos a ligação com Hotel, como eu disse. Vimos o foguete luminoso, paramos e nos espalhamos. Foi então que o garoto apareceu. Recebemos seu bilhete, o aviso. Everett e Palmer se adiantaram para um reconhecimento. Era tarde demais.

McCarthy fez uma pausa. Web viu uma única lágrima deslizar pelo rosto bonito, ainda jovem... um rosto normal, como o que Web outrora tinha.

— Nunca ouvi falar de um tiroteio assim em toda a minha vida. E nunca me senti tão desamparado em toda a minha vida.

— Fez o seu trabalho, Ken, e isso é tudo o que pode fazer. — Web fez

uma pausa. — Parece que não conseguem encontrar o menino. Sabe alguma coisa a respeito?

McCarthy balançou a cabeça em negativa.

— Alguns caras de Hotel ficaram com o garoto. Romano e Cortez, se não me engano.

Romano de novo. O que era lamentável, pois significava que Web teria de procurá-lo.

— O que você fez?

— Fui para o pátio com alguns dos outros. Vimos você, mas estava fora do nosso alcance. — McCarthy tornou a baixar os olhos. — E vimos o resto de Charlie.

Ele fitou Web de novo, antes de acrescentar: — Alguns atiradores me contaram que você voltou para lá. Viram o que você fez e não puderam acreditar. Disseram que deve ter a sorte dos irlandeses por ter voltado. Acho que eu não seria capaz.

— Seria sim, Ken. E teria feito muito melhor do que eu.

McCarthy pareceu surpreso com o elogio.

— Depois que saiu do pátio, lembra de ter visto o garoto de novo? McCarthy pensou a respeito por um momento.

— Acho que ele estava sentado numa lata de lixo. A essa altura, todo mundo começava a aparecer na viela.

— Viu alguém assumir a custódia do menino? McCarthy fez uma pausa, tentando se lembrar.

— Não. Tenho a vaga recordação de Romano conversando com alguém, mas isso é tudo.

— Reconheceu alguém?

— Sabe que não costumamos nos encontrar com a polícia.

— E o pessoal da DEA?

— Isso é tudo que posso lhe dizer, Web.

— Conversou com Romano?

— Um pouco.

— Não acredite em tudo o que ouvir, Ken. Não é saudável.

— Inclusive o que você disser? — indagou McCarthy, incisivo.

— Inclusive o que eu disser.

Ao deixar Quantico em seu carro, Web compreendeu que tinha muito terreno para cobrir. Oficialmente, a investigação não era sua; sob certos aspectos, no entanto, era mais sua do que de qualquer outra pessoa. Mas

primeiro tinha de resolver um problema, ainda mais importante do que descobrir quem armara a emboscada para sua equipe. E descobrir o que acontecera com um menino que tinha um buraco de bala no rosto e não vestia camisa.

6

SEIS FUNERAIS.

WEB COMPARECEU A SEIS FUNERAIS, NOS TRÊS dias seguintes. No quarto, ele já não era mais capaz de derramar uma única lágrima. Entrava na igreja ou na agência funerária e escutava pessoas que não conhecia falarem sobre os mortos que ele conhecera melhor do que compreendia a si mesmo sob certos aspectos. Era como se os seus nervos tivessem se dissolvido junto com parte da alma. De certa forma, sentia-se incapaz de reagir como deveria. E apavorado com a possibilidade de desatar a rir quando deveria chorar.

Nos serviços religiosos, apenas metade dos caixões estava aberta. Em alguns mortos, o tamanho e posição dos ferimentos que os matara permitia que os caixões ficassem abertos. Ao contemplar os rostos pálidos, murchos e rígidos, com os corpos encolhidos em caixas de metal, aspirando a fragrância de flores e ouvindo os soluços das pessoas ao redor, Web desejou estar também num caixão, ser levado para debaixo da terra, a fim de se esconder para sempre. O funeral de um herói; havia maneiras muito piores de ser lembrado.

Ele tornara a envolver a mão com camadas de gaze, porque se sentia culpado de andar entre os desconsolados sem qualquer sinal de ferimento. Era uma coisa patética com que se preocupar, ele sabia, mas sentia que sua presença era um tapa para os sobreviventes. Tudo o que as pessoas sabiam de fato era que Web London escapara quase sem qualquer arranhão. Ele fugira? Abandonara os companheiros à morte? Web percebia essas indagações no rosto de algumas pessoas. Seria sempre esse o destino do único sobrevivente?

Os cortejos fúnebres passaram entre filas intermináveis de homens e mulheres de uniforme enquanto centenas de outros vestiam os ternos e sapatos discretos do FBI. Motociclistas seguiram na frente, passando pelas ruas com as pessoas paradas nas calçadas, bandeiras a meio mastro em vários prédios. O presidente americano compareceu, acompanhado pela maioria dos membros de seu gabinete, além de outras pessoas importantes. Por alguns dias, o mundo inteiro não falou de outra coisa que não o massacre de seis homens de bem numa viela da capital americana. Não se falou muito sobre o sétimo homem, pelo que Web se sentiu grato. Ainda

assim, especulou por quanto tempo sua moratória poderia durar.

A cidade de Washington estava profundamente abalada. E não era apenas pelo destino dos homens abatidos na emboscada; as implicações eram perturbadoras. Os criminosos haviam mesmo se tornado tão ousados? A sociedade começava a desmoronar? As forças policiais não eram mais capazes de manter o controle? O grande destaque do sistema americano de combate ao crime, o FBI, começava a perder seu brilho? Os serviços noticiosos do Oriente Médio e da China estavam exultantes, ressaltando outro exemplo da decadência ocidental que um dia deixaria a arrogante América de joelhos. Havia vivas ressoando pelas ruas de Bagdá, Teerã, Pyongyang e Pequim ao pensamento de os Estados Unidos entrando em colapso, com uma crise alimentada pela mídia de pois de outra. Os sábios no território americano formulavam tantos cenários absurdos que Web não abria mais jornal, não ligava a televisão nem o rádio. Se alguém lhe perguntasse, porém, ele diria que o mundo inteiro, não apenas os Estados Unidos, vinha sofrendo um processo de desagregação... e há muito tempo.

Houve algum alívio no fogo cruzado, embora o catalisador fosse outra tragédia terrível. Um jato comercial japonês caíra ao largo da costa do Pacífico. Os jornalistas se concentraram nessa notícia, deixando de lado a viela e seus mortos, pelo menos por enquanto. Ainda havia aí alguma possibilidade de vender jornais, mas fragmentos de corpos flutuando no mar era uma atração muito maior do que a morte de agentes do FBI, uma notícia que já tinha alguns dias. E Web também sentiu-se grato por isso. Deixe-nos sozinhos para lamentar em paz.

Ele fora interrogado na sede nacional do FBI, no Hoover Building, e no escritório regional de Washington, em três ocasiões, por várias equipes de investigação. Usavam blocos e canetas ou gravadores. Alguns agentes mais jovens até apareceram com laptops. Fizeram a Web mais perguntas do que ele tinha respostas a oferecer. Mas quando ele informou a cada grupo que não sabia por que ficara paralisado e depois caíra, as canetas pararam de escrever no papel, os dedos ficaram suspensos sobre os teclados.

— Quando diz que ficou paralisado, foi porque viu alguma coisa? Ouviu algo que o levasse a ter essa reação?

O homem falava no mesmo tom, o que significava para Web que havia uma inflexão quase imperceptível de incredulidade ou mesmo de descrença total.

— Não sei.

— Não sabe de nada? Não tem certeza se ficou paralisado?

— Não tenho certeza de nada. Não podia me mexer. Era como se estivesse paralisado.

— Mas voltou a se mexer depois que sua equipe foi morta?

— Isso mesmo.

— O que mudou para permitir que o senhor fizesse isso?

— Não sei.

— E caiu quando chegou ao pátio?

— Isso mesmo.

— Um momento antes das metralhadoras abrirem fogo — disse outro investigador.

Web mal pôde ouvir sua resposta: — Isso mesmo.

O silêncio que acompanhou essas respostas chegou perto de dissolver o ânimo já abalado de Web.

Durante cada sessão de interrogatório, Web mantivera as mãos em cima da mesa, o olhar firme no rosto da pessoa que fazia a pergunta, o corpo esguio um pouco inclinado para a frente. Aqueles homens eram todos profissionais, interrogadores calejados. Web sabia que, se desviasse os olhos, coçasse a cabeça da maneira errada ou, pior ainda, cruzasse os braços, eles concluiriam no mesmo instante que ele era uma porra de um mentiroso. Web não estava sendo insincero, mas também não dizia toda a verdade. Mas se começasse a falar sobre a maneira como a visão de um menino exercera um estranho efeito nele, isso talvez o levasse inexplicavelmente a ficar paralisado, o que salvara sua vida — ou como se sentira nessa ocasião envolto por concreto, para voltar a ser capaz de se mexer sem problemas segundos depois — estaria liquidado no FBI. O pessoal dos escalões superiores tendia a desaprovar os agentes de campo que faziam comentários insanos. Mas havia pontos em seu favor. Aquelas metralhadoras não haviam se desintegrado por si mesmas. As balas de seu rifle podiam ser encontradas em todas. Os atiradores de tocaia haviam observado tudo, ele advertira a Equipe Hotel e salvara o menino ainda por cima. Ele fez questão de que todos soubessem disso. Podem me chutar enquanto estou caído, amigos, mas não com força demais. Afinal, sou um herói.

— Ficarei bem — assegurara Web a todos. — Só preciso de um pouco de tempo para me recuperar.

E, por um momento terrível, Web pensou que essa podia ser a primeira

mentira que dissera durante todo o dia.

Tornariam a chamá-lo quando fosse necessário, informaram. Por enquanto, queriam apenas que ele não fizesse nada. Deveria aproveitar todo o tempo de que precisasse para se recuperar. O FBI oferecera a ajuda de um conselheiro, um profissional de saúde mental; mais do que isso, até insistira. Web disse que iria consultá-lo, embora ainda houvesse um estigma no serviço para quem procurava esse tipo de ajuda. Quando tudo parecesse em ordem, Web foi informado, seria designado para outra equipe de atiradores ou de atacantes, se assim desejasse, até que a Equipe Charlie pudesse ser reconstituída. Se não, ele poderia ocupar outro cargo. Falou-se até em permitir que ele queimasse uma transferência para um "escritório de preferência", o que lhe permitiria escolher o lugar em que se aposentaria. Esse tipo de tratamento era em geral reservado aos agentes mais antigos e indicava que o FBI não sabia o que fazer com ele. Oficialmente, Web estava no meio de um inquérito administrativo que podia evoluir para uma investigação completa, dependendo do rumo dos acontecimentos. Mas ninguém lera para Web seus Direitos de Miranda, o que era ao mesmo tempo bom e mau. Bom porque a leitura dos direitos dos acusados, conhecidos como Direitos de Miranda, o precedente que introduzira essa condição no sistema judiciário americano, significaria que ele estava preso; e ruim porque qualquer coisa que dissesse durante o inquérito poderia ser usada contra ele em ação penal ou cível. A única coisa que ele fizera de errado, aparentemente, fora ter sobrevivido. No entanto, isso era uma fonte de culpa muito mais forte do que qualquer coisa de que o FBI pudesse acusá-lo.

Asseguraram-no que qualquer coisa que ele quisesse poderia ter. Eram todos seus amigos. Podia contar com apoio total.

Web perguntou como ia a investigação da emboscada e não obteve resposta. Era o que podia esperar como "apoio total", pensou ele.

— Trate de melhorar — dissera outro homem. — É a única coisa em que precisa se concentrar agora.

Quando ele saía do último interrogatório, recebeu uma pergunta final: — Como está a mão?

Web não conhecia o homem. Embora a pergunta parecesse inocente, havia alguma coisa nos olhos do homem que deixou Web com vontade de agredi-lo. Em vez disso, ele se limitou a dizer que estava bem, agradeceu a todos e se retirou.

Na saída da última sessão, passara pela Galeria da Honra do FBI, onde havia placas para cada agente morto no cumprimento do dever. Haveria em breve um acréscimo grande na parede, o maior ao mesmo tempo na história do FBI. Web especulara às vezes se algum dia acabaria ali, com sua vida profissional compactada num pedaço de madeira e latão, pendurado numa parede. Ele deixou o Hoover e foi para casa, assediado por mais dúvidas do que queria confrontar.

O FBI também representava oficialmente Fidelidade, Bravura e Integridade, e naquele momento Web não sentia que possuía qualquer dessas qualidades.

7

FRANCIS WESTBROOK ERA UM GIGANTE, COM A ALTURA E O peso de um defensor do futebol americano. Independentemente do tempo ou da estação, suas roupas de preferência eram uma camisa tropical de seda de mangas curtas, calça esporte combinando e mocassins de camurça, sem meias. A cabeça era calva, as orelhas grandes cobertas por botões de diamantes e os dedos enormes engalanados com anéis de ouro. Não era um dândi nem qualquer coisa parecida, mas simplesmente não havia tantas coisas em que pudesse gastar seus ganhos fabulosos com as drogas sem que a lei decidisse bisbilhotar... ou, pior ainda, a Receita Federal. E ele também gostava de ostentar. Naquele momento, Westbrook sentava no banco traseiro de um enorme sedã Mercedes preto, com as janelas escuras. Ao lado sentava seu lugar-tenente, Antoine Peebles. O carro era guiado por um jovem alto e forte chamado Toona. No banco do passageiro estava seu chefe de segurança, Clyde Macy, o único branco em toda a equipe de Westbrook. Era fácil perceber que o homem carregava essa distinção com o maior orgulho. Peebles tinha uma barba bem aparada e cabelo afro. Era baixo e corpulento. Usava um terno Armani e óculos escuros de grife. Parecia mais um executivo de alto nível de Hollywood do que um traficante. Macy parecia um esqueleto respirando. Preferia roupas pretas e uma aparência profissional. Com a cabeça raspada, podia ser facilmente confundido com um neonazista.

Isso representava o círculo interno do pequeno império de Westbrook, e o líder desse império tinha na mão direita uma pistola de nove milímetros e parecia procurar em quem usá-la.

— Está querendo me dizer que mais uma vez perdeu Kevin? Ele fitou Peebles, apertando a pistola com mais força ainda. A trava de segurança era na coronha, e Westbrook acabara de soltá-la. Peebles pareceu ter percebido isso, mas mesmo assim não hesitou ao responder: — Se você deixasse a gente manter alguém vigiando ele, 24 horas por dia, sete dias por semana, isso não aconteceria. Ele sai à noite de vez em quando. Saiu naquela noite e não voltou.

Westbrook deu um tapa em sua coxa enorme.

— Kevin estava naquela viela. Os federais pegaram meu irmão, mas agora não estão mais com ele. Kevin se envolveu com essa merda de

alguma forma, e isso aconteceu bem no meu território. — Ele bateu com a arma na porta. — Quero Kevin de volta!

Peebles o fitou com evidente nervosismo, enquanto Macy não deixava transparecer qualquer reação. Westbrook pôs a mão no ombro do motorista.

— Toona, reúna alguns homens e procure em toda parte da porra desta cidade, entendeu? Sei que você já fez isso uma vez, mas faça de novo. Quero o garoto de volta, são e salvo, entendeu? São e salvo... e não volte enquanto não o tiver encontrado! Você me entendeu, Toona?

Toona olhou pelo espelho retrovisor.

— Entendi, entendi.

— Foi armação — declarou Peebles. — Para lançar a culpa em você.

— Pensa que não sei disso? Pensa que você é inteligente só porque esteve na universidade, enquanto eu sou burro? Sei que os federais vão sair atrás de mim por causa disso. Sei da notícia que se espalhou pelas ruas. Alguém está querendo juntar todas as gangues, quase como se fosse a porra de um sindicato. Mas eles sabem que eu não vou entrar nessa merda, e isso estraga os planos desses desgraçados.

Westbrook tinha os olhos injetados. Quase não dormira nas últimas 48 horas. Sua vida era assim mesmo; sobreviver até a noite era em geral o grande projeto do dia. E tudo o que podia pensar agora era num menino perdido em algum lugar. Estava próximo da beira do abismo, podia sentir. Sempre soubera que esse dia poderia chegar, mas ainda assim não estava preparado.

— Quem pegou Kevin vai me avisar. Eles querem alguma coisa. Querem que eu entregue meu território. Só pode ser isso.

— E você vai dar?

— Eles podem ficar com qualquer coisa que eu tiver. Desde que Kevin volte.

Westbrook fez uma pausa. Olhou pela janela para as esquinas, vielas e bares ordinários por que passavam e pelos quais se infiltravam seus tentáculos das drogas. Também tinha um negócio movimentado nas comunidades suburbanas, onde se ganhava o dinheiro de verdade.

— Isso mesmo, quero Kevin de volta. E depois vou matar todos os filhos-da-puta. Pessoalmente. — Ele apontou a pistola para um inimigo imaginário. — Vou começar pelos joelhos e vou subindo.

Peebles olhou cauteloso para Macy, que ainda não dera qualquer sinal de reação; era como se fosse feito de pedra.

— Ninguém entrou em contato conosco até agora — comentou Peebles.

— Mas vão entrar. Não levaram Kevin porque querem brincar de bambolê com ele. É a mim que eles querem. Pois estou bem aqui. Podem vir para a festa. Estou pronto. Podem trazer o primeiro filho-da-puta.

Uma pausa e Westbrook acrescentou mais calmo: — Me contaram que um dos caras não apagou naquele pátio. É verdade?

Peebles confirmou com um aceno de cabeça.

— Web London.

— Dizem que as metralhadoras eram de calibre .50. Como alguém pode escapar?

Peebles deu de ombros. Westbrook olhou para Macy.

— O que você sabe, Mace?

— Ninguém está dizendo nada certo neste momento, mas ouvi dizer que o cara não entrou no pátio. Ficou com medo, teve um chilique, uma coisa assim.

— Um chilique ou uma coisa assim... Descubra o que puder sobre esse homem e me diga. Um cara que escapa de um negócio assim pode ter alguma coisa para me dizer. Por exemplo, onde está Kevin. — Westbrook olhou para seus homens. — Os caras que atiraram nos federais são os mesmos que pegaram Kevin. Podem contar com isso.

— Como eu disse, a gente devia ter vigiado ele durante o tempo todo — comentou Peebles.

— E que tipo de vida ele ia ter? Kevin não vai viver assim, não por minha causa. Mas se os federais vierem para cima de mim, tenho de apontar para outra direção. Mas a gente precisa saber qual seria essa direção. Com seis federais mortos, eles não vão querer fazer acordos. Querem enrabar alguém, mas eu estou fora dessa.

— Não tem qualquer garantia de que as pessoas que levaram Kevin vão soltar ele — disse Peebles. — Sei que você não quer ouvir isso, mas não temos como saber se Kevin está vivo.

Westbrook se recostou no banco.

— Ele está mesmo vivo. Não tem nada de errado com Kevin. Pelo menos não por enquanto.

— Como você pode ter certeza?

— Simplesmente tenho, isso é tudo o que você precisa saber. Só quero que descubra alguma coisa sobre esse federal filho-da-puta.

— Web London.

— É isso aí, Web London. E se ele não tiver o que preciso, então vai querer ter morrido com seus companheiros. Pise fundo, Toona, temos negócios a tratar.

O carro acelerou pela noite.

8

WEB LEVOU DOIS DIAS PARA MARCAR UMA CONSULTA COM um psiquiatra independente que o FBI costumava usar. Havia especialistas no serviço, mas Web optara por alguém de fora. Não sabia direito por quê, mas não parecia certo descarregar tudo que tinha na cabeça para alguém que era seu colega de trabalho. Certo ou não, Web achava que falar com o psiquiatra dos federais era a mesma coisa que falar com os federais, pois não haveria a confidencialidade do paciente.

O FBI ainda se encontrava na Idade Média na questão da saúde mental de seu pessoal, o que provavelmente era culpa dos próprios agentes individuais tanto quanto da organização. Até vários anos antes, se você trabalhava no FBI e sentia-se estressado, ou tinha problemas com álcool ou drogas, guardava para si mesmo e tratava da questão à sua maneira. Os agentes da velha guarda não pensavam jamais em procurar aconselhamento, assim como não sairiam de casa sem sua arma. Se um agente buscava ajuda profissional, ninguém tomava conhecimento, e certamente ninguém falava a respeito. De certa forma, você ficaria marcado para sempre se falasse. O processo de doutrinação de ser um membro do FBI parecia incutir um estoicismo e uma independência obstinada difíceis de superar.

Depois, os altos escalões finalmente concluíram que era preciso cuidar do estresse de trabalhar no FBI, refletido nos índices crescentes de alcoolismo e abuso de drogas, além da elevada incidência de divórcios. Foi instituído um Programa de Assistência ao Empregado, ou PAE. Cada divisão do FBI passou a ter um coordenador e um conselheiro do PAE. Se o conselheiro interno não conseguia cuidar da situação, encaminhava o paciente para uma fonte externa aprovada, como Web optara. O PAE não era muito conhecido no FBI, e Web nunca recebera qualquer material escrito sobre sua existência. Era o tipo de coisa que quase era sussurrada de ouvido em ouvido. O antigo estigma, apesar de todos os esforços, persistia.

O consultório do psiquiatra ficava num edifício no condado de Fairfax, perto de Tyson's Corner. Web já conhecia o Dr. O'Bannon, um dos psiquiatras que trabalhavam ali. O primeiro contato ocorrera anos antes, quando a ERR fora chamada para resgatar alguns estudantes numa escola particular em Richmond, no estado da Virgínia. Um bando de tipos paramilitares, pertencentes a um grupo intitulado Free Society, ou

Sociedade Livre, aparentemente empenhado em criar uma cultura ariana através de sua versão particular de limpeza étnica, invadira a escola e de imediato matara duas professoras. A situação de impasse prolongara-se por quase 24 horas. A ERR finalmente entrara nas instalações, quando parecia que os homens estavam na iminência de matar de novo. Tudo transcorria com perfeição até que alguém alertara os Frees, pouco antes da ERR desfechar o ataque. O tiroteio resultante deixara cinco Frees mortos, dois agentes da ERR feridos e Web em estado crítico. O único outro refém morto fora um menino de dez anos chamado David Canfield.

Web estava bastante perto de levar o menino a um lugar seguro, quando tudo desandara. O rosto do menino morto aparecia tanto em seus sonhos que Web procurara aconselhamento voluntariamente. Na ocasião, não havia o PAE. Por isso, depois de se recuperar dos ferimentos, Web fizera um pedido discreto a outro agente e obtivera o nome de O'Bannon, que o vinha tratando em segredo. Fora uma das coisas mais difíceis que Web já fizera, porque equivalia a admitir que não podia cuidar sozinho de seus problemas. Nunca falara a respeito com outros membros da ERR e teria cortado a língua antes de revelar que estava consultando um terapeuta. Os colegas considerariam isso uma fraqueza, e não havia espaço na ERR para qualquer tipo de fraqueza.

Os agentes da ERR haviam tido um contato anterior com terapia de saúde mental e não correra muito bem. Depois de Waco, o FBI chamara alguns conselheiros para uma conversa direta com os homens abalados, como um grupo, em vez de sessões individuais. O resultado teria sido cômico se não tivesse sido de uma tristeza patética. Fora a última vez em que o FBI tentara qualquer coisa desse tipo com o pessoal da ERR.

O encontro mais recente de Web com O'Bannon acontecera logo depois da morte de sua mãe. Depois de algumas sessões, Web concluíra que as coisas nunca mais seriam certas nesse ponto. Mentira para O'Bannon, dizendo que se sentia bem. Não culpava O'Bannon, pois sabia que nenhum médico poderia endireitar aquela confusão. Seria preciso um milagre.

O'Bannon era baixo e corpulento. Costumava usar uma camisa preta de gola rulê, o que acentuava sua papada ainda mais. Web lembrava que o aperto de mão de O'Bannon era mole, e a atitude, bastante afável. Tivera vontade de sair correndo pela porta no primeiro encontro. Em vez disso, seguira O'Bannon para outra sala e mergulhara em águas perigosas.

— Poderemos ajudá-lo, Web. Levará algum tempo. Lamento conhecê-lo

em circunstâncias tão difíceis, mas as pessoas não costumam me procurar quando tudo é maravilhoso. Suponho que é esse o meu destino na vida.

Web disse que estava bem, mas sentiu o maior desânimo. Era evidente que O'Bannon não tinha uma varinha mágica para fazer com que seu mundo voltasse a ser normal.

Sentaram na sala de O'Bannon. Não havia divã, mas apenas um sofá pequeno, que não era bastante grande para alguém deitar. O'Bannon já explicara: — É a maior percepção equivocada em nossa área. Nem todo psiquiatra tem um divã.

A sala era árida, com paredes brancas, móveis de fabricação industrial e bem poucos itens de natureza pessoal. Fazia com que Web se sentisse tão confortável como se estivesse no corredor da morte, à espera de fritar na cadeira elétrica. Tiveram uma conversa amena, presumivelmente para descontrair Web e fazer com que começasse a se abrir. Havia um bloco e uma caneta ao lado de O'Bannon, mas ele não os pegou.

— Farei isso mais tarde — explicou O'Bannon quando Web perguntou sobre a ausência de anotações. — Por enquanto, vamos apenas conversar.

Ele tinha um olhar penetrante, que deixou Web apreensivo, embora a voz fosse suave e relativamente tranquilizadora. Depois de uma hora, a sessão terminou. Web não percebeu qualquer progresso no que sentia. Sabia mais sobre O'Bannon do que o psiquiatra a seu respeito. Não haviam falado sobre nenhum dos problemas que o perturbavam.

— Essas coisas levam tempo, Web — comentou O'Bannon enquanto o acompanhava até a porta. — Mas não se preocupe, vai acontecer. Apenas demora um pouco. Roma não se fez num dia.

Web quis perguntar quanto tempo exatamente levaria para fazer Roma naquele caso, mas apenas se despediu. A princípio, Web pensara que nunca mais procuraria aquele homem baixo e roliço, em seu consultório árido. Mas acabara voltando. E O'Bannon trabalhara seus problemas em uma sessão depois de outra, levando-o a confrontar as coisas. Mas Web nunca esquecera o menino que fora assassinado a sangue-frio quando ele se encontrava a poucos passos de distância, mas fora incapaz de salvá-lo. Não seria saudável esquecer uma coisa assim.

O'Bannon dissera a Web que ele e outros de clínicas psiquiátricas atendiam às necessidades do pessoal do FBI há muitos anos, e já tinham ajudado agentes e servidores burocráticos a superar inúmeras crises. Web ficara surpreso, pois presumira que era um dos poucos a procurar

aconselhamento profissional. O'Bannon o fitara com uma expressão sugestiva e comentara: — Só porque as pessoas não falam a respeito não significa que não querem tratar de seus problemas e melhorar. É claro que não posso revelar nomes, mas pode ter certeza de que não é o único do FBI que me procura. Os agentes que escondem a cabeça na areia, como o avestruz, são bombas-relógios esperando o momento de explodir.

Agora, Web especulava se ele também seria uma bomba-relógio. Entrou no prédio e seguiu para os elevadores, sentindo que cada passo era mais pesado do que o anterior.

Quando sua mente estava longe dali, Web quase esbarrou numa mulher que vinha pelo outro lado. Ele pediu desculpa e apertou o botão do elevador. As portas abriram e os dois entraram. Web apertou o botão para seu andar e recuou. Enquanto subiam, olhou para a mulher. Tinha altura mediana, era esbelta e muito atraente. Calculou que ela devia ter uns trinta e tantos anos. Usava um terninho cinza com a gola de uma blusa branca aparecendo por cima. Os cabelos eram pretos e ondulados, cortados curtos. Os brincos eram pequenos. Levava uma pasta de executiva. Os dedos compridos apertavam as alças com alguma tensão, notou Web, cuja vida profissional levava-o a notar detalhes, porque pequenas coisas podiam determinar o futuro... ou sua ausência.

O elevador parou no andar de Web. Ele ficou um pouco surpreso quando a mulher saiu também. Mas depois lembrou que ela não apertara o botão de seu andar. Não podia se gabar de sempre observar os detalhes. Seguiu-a até o consultório. A mulher olhou para trás.

— Posso ajudá-lo?

A voz era baixa e precisa, soando convidativa e confortadora para Web. Os olhos de um azul profundo atraíram a atenção de Web. Eram grandes, tristes e inquisitivos. Olhos que prenderam sua atenção.

— Estou aqui para me consultar com o Dr. O'Bannon.

— Tem consulta marcada?

Ela parecia cautelosa, pensou Web. Mas ele também sabia Que as mulheres tinham todo o direito de se manter desconfiadas quando deparavam com estranhos. Já vira os resultados de muitas confrontações e eram imagens que nunca saíam de sua mente.

— Tenho sim. Na quarta-feira, às nove da manhã. Cheguei um Pouco cedo.

Ela lhe lançou um olhar simpático.

— Hoje é terça-feira.

Web murmurou um "Merda!" enquanto balançava a cabeça, desolado.

— Acho que estou confundindo os dias. Desculpe incomodá-la.

Ele se virou para sair. Tinha quase certeza de que nunca mais voltaria.

— Desculpe, mas o senhor me parece muito familiar.

Web se virou lentamente e a mulher acrescentou: — Não costumo ser tão intrometida, mas tenho certeza de que já o vi antes.

— Se trabalha aqui, é bem provável. Já procurei O'Bannon em outras ocasiões.

— Não, não foi aqui. Creio que foi na TV. — A compreensão finalmente estampou-se em seu rosto. — O senhor é Web London, o agente do FBI, não é mesmo?

Ele não pôde decidir o que dizer por alguns momentos. A mulher se limitou a fitá-lo, aparentemente aguardando que ele confirmasse sua observação.

— Sou eu mesmo. — Web olhou além dela. — A senhora trabalha aqui?

— Tenho um consultório.

— Quer dizer que também é psico?

Ela estendeu a mão.

— Preferimos psiquiatra. Sou Claire Daniels.

Web lhe apertou a mão. Depois, os dois ficaram parados ali, contrafeitos.

— Vou fazer café — anunciou a mulher, finalmente. — Se quiser uma xícara, será um prazer.

— Não precisa se incomodar.

Ela se virou e abriu a porta. Web a seguiu.

Sentaram na pequena sala de recepção e tomaram o café. Web correu os olhos pelo espaço vazio.

— Os consultórios estão fechados hoje?

— Não. A maioria das pessoas não chega antes das nove horas.

— Sempre me surpreendeu o fato de vocês não terem recepcionista.

— Queremos que as pessoas se sintam o mais à vontade possível aqui. E ser anunciado por uma estranha, porque está aqui para receber tratamento, pode ser intimidativo. Sabemos quando temos uma consulta, e a campainha da porta avisa quando alguém chega. Saímos no mesmo instante para receber a pessoa. Temos esta área de espera comum porque é inevitável,

mas em geral não gostamos de deixar os pacientes sentados aqui, conversando. Isso pode ser bastante constrangedor.

— Mais ou menos como pessoas sentadas em torno de uma mesa jogando "adivinhe qual é minha psicose"?

Ela sorriu.

— Algo parecido. O Dr. O'Bannon abriu esta clínica há muitos anos e sempre se importou com o conforto das pessoas que vêm até aqui em busca de ajuda. A última coisa que se pode querer é aumentar o nível de ansiedade de pessoas já ansiosas.

— Conhece bem O'Bannon?

— Conheço. Até já trabalhei para ele. Depois, ele simplificou sua vida, e cada um trabalha por conta própria agora. Mas ainda partilhamos a clínica. E preferimos assim. Ele é muito bom. Tenho certeza de que poderá ajudá-lo.

— Acha mesmo? — indagou Web, sem o menor vestígio de esperança.

— Creio que, como o resto do país, tenho acompanhado o que aconteceu. Lamento muito por seus colegas.

Web tomou o café em silêncio. Claire acrescentou: — Se está pensando em esperar, devo informar que o Dr. O'Bannon está dando aula na Universidade George Washington. Não virá hoje.

— Não tem problema. O erro foi meu. Obrigado pelo café.

Web se levantou.

— Gostaria de que eu avisasse a ele que esteve aqui hoje, Sr. London?

— O nome é Web. E não precisa se incomodar. Acho que não voltarei na quarta-feira.

Claire também se levantou.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-lo?

Ele ergueu sua xícara.

— Já fez o café.

Web respirou fundo. Era tempo de sair dali. Em vez disso, ele Perguntou, aturdido ao ouvir suas palavras: — O que vai fazer daqui a uma hora?

— Apenas cuidar de uns papéis.

Ela baixou os olhos, um pouco vermelha, como se Web a tivesse convidado para o baile da escola. Mas em vez de dizer não ao seu avanço, Claire estava, por algum motivo, estimulando-o.

— Em vez disso, gostaria de conversar comigo?

— Em termos profissionais? Não é possível. Você é paciente do Dr. O'Bannon.

— E de um ser humano para outro?

Web não tinha a menor ideia de onde vinham suas palavras. Claire hesitou por um instante e depois pediu-lhe para esperar. Entrou numa sala. Voltou poucos minutos depois.

— Tentei falar com o Dr. O'Bannon na universidade, mas não conseguiram localizá-lo. Sem falar com ele eu não posso aconselhá-lo. Deve compreender que é um problema ético delicado, Web. Não posso tirar os pacientes do Dr. O'Bannon.

Web se sentou abruptamente.

— Nunca seria justificado?

Ela pensou a respeito por um instante.

— Suponho que poderia ser, se seu médico não estivesse disponível e você estivesse em crise.

— Ele não está disponível, e estou mesmo em crise.

Web estava sendo absolutamente sincero, pois era como se estivesse outra vez naquele pátio, incapaz de se mexer, incapaz de fazer qualquer coisa para ajudar, inútil. Se ela ainda o recusasse, Web não tinha certeza se seria capaz de levantar e sair.

Em vez disso, Claire levou-o pelo corredor para seu consultório. Fechou a porta depois que entraram. Web olhou ao redor. Não poderia ser maior a diferença entre as salas de Claire Daniels e O'Bannon. As paredes ali eram de um cinza suave, em vez de brancas. Havia um toque aconchegante e feminino nas cortinas com estampado de flores, em vez de persianas de fabricação industrial. Havia fotos penduradas por toda parte, a maioria de pessoas, presumivelmente da família. Os diplomas na parede indicavam as impressionantes conquistas acadêmicas de Claire Daniels: diplomas das universidades de Brown e Colúmbia, diploma de medicina da Universidade de Stanford. Em cima de uma mesa havia um jarro de vidro com uma etiqueta: "Terapia num jarro." Havia velas apagadas em mesas e cactos em dois cantos. Em prateleiras e no chão havia dezenas de animais de pelúcia. Via-se também uma poltrona de couro encostada numa parede. E, por Deus, Claire Daniels tinha um divã!

— Quer que eu sente ali?

Web apontou para o divã, fazendo um esforço desesperado para manter

o controle. Subitamente, desejou não estar armado, porque começava a se sentir um pouco descontrolado.

— Para ser franco, se não se importa, prefiro o sofá.

Foi onde ele arriou. Observou enquanto Claire trocava os sapatos de saltos baixos por sandálias, que estavam ao lado do sofá. A visão momentânea dos pés descalços provocou uma reação inesperada em Web. Não tinha nada de sexual; fez Web pensar na pele ensanguentada no pátio, nos restos da Equipe Charlie. Claire sentou no sofá. Pegou um bloco e uma caneta na mesinha ao lado. Tirou a tampa da caneta. Web respirou depressa várias vezes, a fim de controlar os nervos.

— O'Bannon não toma anotações durante as sessões — comentou ele.

— Sei disso — respondeu ela com um sorriso irônico. — Mas não creio que a minha memória seja tão boa quanto a dele. Sinto muito.

— Nem sequer perguntei se você está na lista de médicos externos aprovados pelo FBI. Sei que O'Bannon está.

— Também estou. E esta sessão terá de ser comunicada a seu supervisor. Política do FBI.

— Mas não o conteúdo da sessão.

— Claro que não. Apenas informarei que tivemos uma sessão. As mesmas regras básicas de confidencialidade aplicam-se aqui, como se fosse uma relação normal entre psiquiatra e paciente.

— Regras básicas?

— Há modificações, Web, por causa do seu tipo especial de trabalho.

— O'Bannon explicou isso quando nos encontramos pela primeira vez. Mas acho que eu nunca entendi direito.

— Tenho a obrigação de comunicar a seu supervisor se, durante a sessão, for revelada qualquer coisa que represente uma ameaça para você mesmo ou para os outros.

— Acho que é justo.

— Acha mesmo? Do meu ponto de vista, isso deixa muita coisa ao meu critério. Porque uma coisa que alguém acha benigna outra pessoa pode considerar uma ameaça genuína. Por isso, não tenho tanta certeza se essa política é justa com você. Mas, se quer saber, nunca precisei usar esse critério, e já faz bastante tempo que trabalho com pessoas do FBI, DEA e outras agências policiais.

— O que mais deve ser informado?

— O outro ponto destacado é o uso de drogas ou terapias específicas.

— Claro. O serviço é muito rigoroso nessas questões. Tem-se de comunicar até mesmo os remédios que não precisam de receita médica e que se está tomando. — Web olhou ao redor. — Sua sala é bastante confortável. O consultório de O'Bannon lembra uma sala de operações.

— Cada um aborda seu trabalho de maneira diferente.

Claire olhou para a cintura de Web. Ele baixou os olhos e viu que o blusão abrira, deixando à mostra a coronha da pistola. Fechou o blusão enquanto Claire olhava para seu bloco.

— Desculpe, Web. Não é a primeira vez que vejo um agente armado. Mas suponho que uma pessoa que não vê isso todos os dias...

— Pode achar assustador — arrematou Web.

Ele olhou para os bichos de pelúcia.

— Por que tantos animais?

— Tenho muitas crianças como pacientes... infelizmente. Os animais fazem com que se sintam mais à vontade. Para dizer a verdade, também fazem com que eu me sinta mais relaxada.

— É difícil acreditar que crianças precisem de psiquiatra.

— A maioria tem transtornos alimentares, como bulimia e anorexia. Em geral, os problemas derivam de questões de controle entre as crianças e os pais. Não é um mundo fácil para as crianças.

— Também não é dos melhores para os adultos.

Claire lhe lançou um olhar que Web interpretou como uma rápida avaliação.

— Você já passou por muita coisa na vida.

— Mais do que alguns, menos do que outros. Não vai me fazer um teste de manchas de tinta, não é?

Web falou em tom de gracejo, mas a indagação era a sério.

— Os psicólogos aplicam o Rorschach, MMPI, MMCI e testes neurológicos. Sou apenas uma humilde psiquiatra.

— Tive de fazer o MMPI quando ingressei na Equipe de Resgate de Reféns.

— O Inventário de Personalidade Multifásica de Minnesota. Conheço bem esse teste.

— É projetado para descobrir os pirados.

— De certa forma, é isso mesmo. Como foi?

— Alguns caras não foram aprovados. Eu calculei para que servia o teste e tratei de mentir.

Claire Daniels alteou um pouco as sobrancelhas e tornou a olhar na direção da pistola.

— É confortador saber disso.

— Acho que não sei direito a diferença... entre psicólogos e psiquiatras.

— Um psiquiatra tem de fazer o curso preparatório de medicina, mais quatro anos da faculdade de medicina. Depois disso, ainda tem de fazer três anos de residência em psiquiatria num hospital. Fiz também um quarto ano de residência em psiquiatria legal. Desde então, trabalho em clínica particular. Como os outros médicos, os psiquiatras podem receitar medicamentos, enquanto os psicólogos, em geral, não.

Web fechava e abria as mãos, nervoso. Claire, que o estudava atentamente, disse: — Por que não lhe digo como desenvolvo meu trabalho? Depois, se você quiser, podemos continuar. Acha justo?

Web acenou com a cabeça em concordância. Ela se recostou nas almofadas.

— Como psiquiatra, eu me baseio nos padrões de comportamento humano normal. Assim, posso reconhecer quando determinado comportamento situa-se fora das normas. Posso citar um exemplo óbvio, com o qual você deve estar familiarizado: os serial killers. Na grande maioria dos casos, essas pessoas sofreram abusos sistemáticos e terríveis quando eram crianças. Quando jovens, apresentam padrões óbvios de raiva, como torturar pequenos animais, passarinhos. Assim, transferem a dor e a crueldade que lhes foram infligidas para coisas vivas menos poderosas. Logo passam para animais maiores e outros alvos à medida que se tornam mais velhas, mais fortes e mais ousadas. Até progridem para seres humanos quando se tornam adultas. Na verdade, é uma evolução Previsível.

Claire fez uma pausa.

— Você deve também escutar com uma espécie de terceiro ouvido. Considero o que alguém me diz pelas palavras em si, mas também procuro as indicações por trás dessas declarações. Os seres humanos estão sempre incluindo outras mensagens em suas declarações. Um psiquiatra usa muitos chapéus, às vezes ao mesmo tempo. A chave é escutar, escutar de verdade, o que está sendo dito, nas palavras, na linguagem do corpo, esse tipo de coisa.

— Como gostaria de começar comigo?

— Em geral, peço ao paciente para preencher um questionário sobre suas experiências, mas creio que posso pular essa parte. De um ser humano

para outro.

Claire deu um sorriso afetuoso. Web finalmente sentiu que o calor em sua barriga começava a se desvanecer.

— Mas vamos falar um pouco sobre sua vida, as informações típicas. Depois poderemos seguir adiante.

Web respirou fundo.

— Farei 38 anos em março. Não sei como, fiz a faculdade de direito da Universidade da Virgínia e consegui me formar. Trabalhei no gabinete do promotor em Alexandria durante seis meses, até que compreendi que não era a vida para mim. Decidi me candidatar ao FBI junto com um amigo. Era apenas um capricho, para descobrir se éramos capazes de passar. Fui aprovado, mas ele não. Sobrevivi à vida difícil na academia e estou no FBI há 13 anos afortunados. Comecei como agente especial, trabalhando em várias missões, em inúmeros escritórios de todo o país. Há pouco mais de oito anos, candidatei-me à ERR, como chamamos a Equipe de Resgate de Reféns. E parte do GRIC, o Grupo de Reação a Incidentes Críticos, embora isso seja um setor recente. Eles esfolam a gente no processo de seleção. Noventa por cento dos candidatos não são aprovados. Primeiro, privam você de sono, deixam-no exausto em termos físicos, e depois o obrigam a tomar decisões súbitas de vida e morte. Fazem você trabalhar e se sacrificar como uma equipe, e ainda assim competir uns com os outros, porque não há muitas vagas disponíveis. Não era fácil. Vi homens das forças especiais da marinha e do exército, até mesmo da Força Delta, entrarem em colapso, chorarem, desmaiarem, sofrerem alucinações, ameaçarem suicídio ou assassinato, qualquer coisa para fazer com que seus algozes parassem. Por milagre, consegui sobreviver. Depois, passei mais cinco meses na Escola de Treinamento de Novos Agentes, ou ETNA. Caso ainda não tenha percebido, o FBI adora acrônimos. Estamos baseados em Quantico e sou um atacante.

Claire pareceu confusa, e ele explicou: — A ERR tem as unidades Azul e Ouro, com quatro equipes em cada uma. São espelhos uma da outra, e por isso podemos cuidar ao mesmo tempo de duas crises em lugares diferentes. Metade das equipes é formada por atacantes, ou força principal de ataque, e a outra metade é constituída por atiradores de tocaia. Os atiradores treinam na Escola de Atiradores de Reconhecimento e Eliminação do Corpo de Fuzileiros Navais. Trocamos de posições periodicamente. Comecei como atirador de tocaia. De modo geral, eles ficavam com a pior parte de uma missão. É verdade que a situação melhorou muito depois que a ERR foi

reorganizada, em 1995. Ainda assim, passam-se semanas deitado na lama e neve, debaixo de chuva, espionando o alvo, descobrindo as fraquezas do oponente que, mais tarde, ajudarão você a matá-lo. Ou talvez mesmo a salvar sua vida, porque a observação pode revelar alguma coisa indicando que o adversário não reagirá em determinadas situações. Você espera para atirar na melhor oportunidade, nunca sabendo se o tiro vai acarretar uma tempestade de fogo em sua direção.

— Você fala como se já tivesse experimentado alguma coisa desse tipo.

— Uma das minhas primeiras missões foi em Waco.

— Entendo...

— Neste momento, faço parte da Equipe Charlie, na Unidade Azul.

Fazia, corrigiu Web mentalmente. Não existia mais uma Equipe Charlie.

— Quer dizer que não é um agente do FBI?

— Todos nós somos do FBI. Você precisa ter pelo menos três anos como agente especial e um desempenho superior para poder se candidatar ao ingresso na ERR. Usamos as mesmas insígnias, as mesmas credenciais. Mas o pessoal da ERR se mantém separado. Temos instalações exclusivas, e só participamos de missões da ERR. Treinamos juntos. Habilidades básicas, o que chamamos de "nós", e combate pessoal.

— O que são essas coisas?

— Os nós cobrem o treinamento com armas de fogo. Combate pessoal é o treinamento para as lutas corpo-a-corpo. As habilidades com armas de fogo e no combate pessoal são as mais perecíveis. Por isso, você está sempre treinando.

— Parece muito militar.

— E é mesmo. Somos de fato militares. Dividimos nosso tempo em dever ativo e treinamento. Se você está de serviço e surge uma missão, você vai. Qualquer momento de folga durante o dever ativo é ocupado em projetos especiais e treinamentos especiais, como subir por uma corda, descer em rapei de um helicóptero, treinamento no mar, primeiros socorros. E também temos o treinamento de campo, o que chamamos de vigilância e surpresa nos bosques. Pode ter certeza de que nossos dias são bastante movimentados.

— Posso imaginar — murmurou Claire.

Web olhou para seus sapatos. Os dois permaneceram em silêncio por algum tempo.

— Cinquenta machos alfa juntos não é às vezes uma boa coisa. — Web

sorriu. — Sempre tentamos superar uns aos outros. Já ouviu falar das armas Taser, que disparam dardos eletrificados para paralisar as pessoas?

— Sei o que é.

— Pois temos uma competição para descobrir quem consegue se recuperar mais depressa depois de atingido por um desses dardos.

— Que horror!

— Sei que é uma loucura. — Uma pausa e Web acrescentou: — Não venci. Caí como se tivesse sido derrubado por um astro do futebol americano. Mas temos esse tipo de mentalidade. Somos ultracompetitivos.

Ele fez outra pausa. Ficou mais sério.

— Mas somos bons no que fazemos. E nosso trabalho não é fácil. O que ninguém mais quer fazer, nós assumimos. Nosso lema oficial é "para salvar vidas". E, na maioria das vezes, conseguimos. Tentamos pensar em todas as possibilidades, pois não há muita margem para erros. E se conseguimos ou não pode depender de uma corrente baixada numa porta, se viramos à esquerda em vez da direita, se tomamos a decisão de não atirar quando deveríamos. E hoje em dia, se o alvo sofre um pequeno arranhão enquanto está tentando nos liquidar, todo mundo começa a reclamar e processar. Enquanto isso, os agentes do FBI vão tombando como moscas. Talvez minha vida fosse muito diferente hoje se eu tivesse saído depois de Waco.

— Por que não saiu?

— Porque tenho muitas habilidades especiais que posso usar para proteger os cidadãos honestos. Para proteger os interesses deste país de pessoas que querem destruí-lo.

— Isso é muito patriótico. Alguns céticos podem contestar essa filosofia.

Web a fitou em silêncio por longos segundos, antes de responder: — Quantos comentaristas da TV já tiveram uma espingarda de cano serrado espetada no nariz, quando algum bandido desvairado, cheio de drogas, com o dedo no gatilho, decide se vai ou não acabar com a sua vida? Ou esperou no meio do nada, enquanto um psicótico que se apresenta como Jesus descobre em seu próprio livro sagrado que é certo trepar com os filhos de seus discípulos, mexendo com a psique do país, para acabar tendo seus 15 minutos de fama numa bola de fogo, que mata junto com ele todas as pobres crianças violentadas? Se os céticos têm algum problema com minha motivação ou métodos, então podem pôr mãos à obra e fazer tudo o que eu faço. Esperam a perfeição dos mocinhos num mundo em que isso nunca vai

acontecer. E os bandidos podem cortar a cabeça de mil bebês, mas ainda assim os advogados deles gritam indignados se você sequer os arranha quando tenta prendê-los. É certo, porém, que diretores do FBI cometem erros quando dão as ordens. Alguns não deveriam estar nos cargos que ocupam porque são incompetentes. Eu não estava em Ruby Ridge, mas aquilo foi um desastre desde o primeiro minuto, e os federais foram mais culpados do que todos os outros pela morte de pessoas inocentes. Mas, em última análise, tudo depende de caras como eu, seguindo essas ordens, homens que se estrepam Porque tiveram a ousadia de fazer o que acreditam ser a coisa certa, e são criticados pelo privilégio. Esse é o meu mundo, Dra. Daniels. Seja bem-vinda ao inferno.

Web respirou fundo, começou a tremer e olhou para Claire, que parecia tão atordoada quanto ele se sentia.

— Desculpe — acrescentou ele —, mas no fundo sou um idiota patriótico quanto a essas coisas.

Quando Claire falou, pareceu pesarosa: — Acho que eu deveria pedir desculpas. Tenho certeza de que às vezes acha seu trabalho ingrato.

— É o que estou sentindo neste momento.

Depois de mais alguns momentos de silêncio contrafeito, Claire pediu: — Fale-me de sua família.

Web se recostou. Pôs as mãos atrás da cabeça. Respirou depressa, várias vezes. Sessenta e quatro batidas por minuto, Web. Isso é tudo de que você precisa. Sessenta e quatro batidas por minuto. Pode ser tão difícil assim? Ele se inclinou para a frente.

— Claro. Nenhum problema. Sou filho único. Nasci na Geórgia. Nós mudamos para a Virgínia quando eu tinha seis anos.

— Esse nós inclui você, sua mãe e seu pai?

Web sacudiu a cabeça em negativa.

— Não. Apenas minha mãe e eu.

— E seu pai?

— Ele não foi. O Estado queria mantê-lo por mais algum tempo.

— Ele era empregado do governo?

— Pode-se dizer que sim. Estava na prisão.

— O que aconteceu com ele?

— Não sei.

— Nunca sentiu curiosidade?

— Se sentisse, eu a teria satisfeito.

— Muito bem. Vocês foram para a Virgínia. O que aconteceu depois?

— Minha mãe tornou a casar.

— E como você se relacionava com seu padrasto?

— Muito bem.

Claire não disse nada, aparentemente esperando que ele continuasse. Como Web permanecesse calado, ela disse: — Fale-me sobre seu relacionamento com sua mãe.

— Ela morreu há nove meses. Portanto, não temos mais um relacionamento.

— Qual foi a causa de sua morte? — Uma pausa. — Se não se importa que eu pergunte.

— O Grande B.

Claire parecia confusa.

— Está se referindo ao Grande C? Câncer?

— Não. Ao Grande B, de bebida.

— Você disse que ingressou no FBI por um capricho. Pode ter sido mais do que isso?

Web lhe lançou um olhar rápido.

— Está querendo saber se me tornei policial porque meu pai era um criminoso?

Claire sorriu.

— Você é bom nisso.

— Não sei por que ainda estou vivo, Claire. Por tudo o que é certo, eu deveria ter morrido com a minha equipe. E isso está me levando à loucura. Eu não queria ser o único sobrevivente.

O sorriso de Claire desapareceu no mesmo instante.

— Isso é importante. Vamos conversar a respeito.

As mãos de Web se comprimiram. Ele levantou e olhou pela janela.

— Tudo isso é confidencial, não é mesmo?

— Absolutamente confidencial.

Web tornou a sentar.

— Entrei na viela. Junto com a minha equipe. Estávamos quase chegando ao pátio e, nesse momento... nesse momento...

Ele fez uma pausa.

— Nesse momento, fiquei paralisado. Não conseguia me mexer. Não sei o que aconteceu. Minha equipe avançou para o pátio, mas eu não pude acompanhar. Finalmente pude me mexer, mas sentia que pesava uma

tonelada, que tinha os pés metidos em blocos de concreto. E caí, porque não podia me manter de pé. Simplesmente caí. E depois...

Web parou de falar outra vez. Levou a mão ao rosto, não o lado danificado. Apertou com força, como se quisesse impedir que coisas saíssem dele.

— E depois as metralhadoras começaram a disparar. E eu sobrevivi, enquanto todos os outros morreram.

A caneta estava imóvel na mão de Claire, que o fitava atentamente.

— Está tudo bem, Web. Você precisava pôr isso para fora.

— Foi só isso! O que mais posso acrescentar? Tive um acesso! Sou um covarde!

Ela falou com calma e precisão: — Sei que é muito difícil falar a respeito, Web, mas eu gostaria que repassasse todos os acontecimentos que levaram à sua paralisia, como você chamou. O mais exatamente que puder se lembrar. Isso pode ser muito importante.

Web relatou os detalhes a partir do momento em que as portas do Chevy foram abertas até o ponto em que não pudera mais cumprir o seu dever, quando assistira aos amigos morrerem. Ao terminar, sentia-se totalmente atordoado, como se tivesse perdido a alma ao relatar uma história tão lamentável.

— Deve ter sido algum fator paralisante — comentou Claire. — Gostaria de saber se você já havia sentido algum sintoma antes que isso o atingisse de forma tão intensa. Algo como uma drástica mudança de pulsação, respiração rápida, medo, suor frio, boca ressequida.

Web pensou a respeito, enquanto repassava mentalmente cada passo que dera na missão. Começou a balançar a cabeça, numa resposta negativa, mas disse de repente: — Havia um menino na viela.

Ele não ia revelar a Claire Daniels a importância que Kevin Westbrook começava a adquirir na investigação, mas havia algo que podia lhe contar.

— Quando passamos, ele disse uma coisa — continuou Web. — Muito estranha. Lembrei que sua voz parecia a de um velho, sob alguns aspectos. Podia-se dizer pela aparência que a vida não fora muito generosa com ele.

— Não lembra o que ele disse?

Web sacudiu a cabeça.

— Deu-me um branco nesse ponto. Mas foi uma coisa esquisita — Mas o que ele disse fez você sentir algo, além da compaixão usual?

— Escute, Dra. Daniels...

— Por favor, chame-me de Claire.

— Está bem, Claire. Não estou tentando parecer um santo. Meu trabalho já me levou algumas vezes ao inferno. Tento não pensar a respeito de outras coisas, como as crianças.

— Dá a impressão de que não seria capaz de realizar seu trabalho se pensasse nisso.

Web a fitou nos olhos.

— É o que acha que pode ter me acontecido? Vi o menino e alguma coisa se rompeu dentro de mim?

— É possível, Web. A síndrome do estresse pós-traumático induz à paralisia física, junto com várias outras debilitações físicas. Acontece com mais frequência do que as pessoas imaginam. O estresse de combate é característico.

— Mas nada havia acontecido até aquele momento. Nenhum tiro fora disparado.

— Você vem fazendo isso há muitos anos, Web. Tudo pode se acumular dentro de você, e o efeito dessa acumulação pode se manifestar nos momentos mais inoportunos, nas circunstâncias mais lamentáveis. Você não é a primeira pessoa a entrar em algum tipo de combate e experimentar essa reação.

— É a primeira vez que aconteceu comigo — declarou Web com irritação. — E minha equipe havia passado pelas mesmas situações, mas nenhum deles ficou paralisado.

— Mesmo que tenha sido a primeira vez que aconteceu com você, Web, deve compreender que todos são diferentes. Não pode se comparar com mais ninguém. Não seria justo com você.

Ele apontou um dedo para Claire.

— Deixe-me dizer o que é justo. O que é justo é que talvez fizesse diferença naquela noite. Talvez pudesse ter feito alguma coisa, visto alguma coisa que me permitiria alertar os homens. Talvez eles ainda estivessem vivos, e eu não estivesse sentado aqui, tentando compreender por que eles morreram.

— Compreendo que você está furioso e que a vida muitas vezes não é justa. Tenho certeza de que você já testemunhou milhares de exemplos desse fato. O problema é encontrar a melhor maneira de você lidar com o que aconteceu.

— Como exatamente se pode lidar com algo assim? Não pode ficar pior

do que já é.

— Sei que pode parecer uma situação sem esperança, mas se — na pior se você não pudesse trabalhar os problemas e continuar com a sua vida.

— Minha vida? Ah, sim, minha vida... acho que ainda me resta alguma coisa. Quer trocar de lugar comigo? Será um bom negócio.

— Quer voltar à ERR? — perguntou ela, incisiva.

— Quero — respondeu Web, sem hesitar.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Então temos um objetivo pelo qual ambos podemos trabalhar.

Web subiu a mão pela coxa e parou na saliência da pistola.

— Acha mesmo que é possível? Na ERR, se você não tem um desempenho físico e mental perfeito, cai fora.

Cair fora, pensou Web, do único lugar em que já se sentira adaptado.

— Podemos tentar, Web. Mas também sou muito boa em meu trabalho. E prometo que farei tudo o que puder para ajudá-lo. Só preciso de sua cooperação.

Ele a fitou nos olhos.

— Está bem. Terá toda a minha cooperação.

— Há algum problema muito perturbador em sua vida neste momento? Alguma coisa estressante fora do normal?

— Não.

— Disse que sua mãe morreu há pouco tempo.

— Isso mesmo.

— Fale de seu relacionamento com ela.

— Eu faria qualquer coisa por minha mãe.

— Posso então presumir que era muito ligado a ela?

Web hesitou por tanto tempo que Claire finalmente acrescentou; — Neste momento, Web, a verdade absoluta é muito importante.

— Minha mãe tinha seus problemas. A bebida, por exemplo. E detestava o que eu fazia para ganhar a vida.

O olhar de Claire desviou-se outra vez para o ponto em que estava a arma, sob o blusão.

— O que não tem nada de excepcional para uma mãe. O que você faz é muito perigoso.

Ela contemplou seu rosto por um instante e apressou-se em desviar os olhos. Mas Web notara.

— Pode ser.

Ele virou a face avariada para o outro lado. Era um movimento em que se tornara tão hábil que às vezes nem percebia que o fazia.

— Há uma coisa que me deixa curiosa, Web. O que você herdou de sua mãe? Ela deixou alguma coisa que tenha um significado especial?

— Deixou-me a casa. Isto é, não deixou expressamente para mim, pois não fez testamento. Mas, pela lei, a casa ficou para mim.

— Planeja morar na casa?

— Nunca!

A veemência provocou um sobressalto em Claire. Web se apressou em acrescentar, em tom mais calmo: — Tenho minha própria casa. Não preciso da casa que foi de minha mãe.

— Entendo... — Claire escreveu uma anotação. Depois, pareceu mudar de assunto conscientemente: — Por falar nisso, já foi casado alguma vez?

Web sacudiu a cabeça em negativa.

— Pelo menos não no sentido convencional.

— Como assim?

— Todos os outros homens na minha equipe tinham uma família. Eu sentia que tinha uma porção de esposas e filhos por intermédio deles.

— Quer dizer que era muito ligado a seus companheiros?

— Em nossa linha de trabalho, você tende a se manter unido. Quanto melhor os homens se conhecem, melhor trabalham juntos, o que pode salvar sua vida numa missão. Além disso, eram todos maravilhosos. Eu gostava da companhia deles.

Assim que Web acabou de dizer isso, o fogo em sua barriga voltou. Ele se levantou de um pulo e encaminhou-se para a porta.

— Para onde vai? — indagou Claire, atônita. — Apenas começamos. Ainda temos muita coisa para falar.

Web parou na porta.

— Já falei o suficiente por enquanto.

Ele saiu e fechou a porta. Claire não fez qualquer movimento para segui-lo. Largou o bloco e a caneta e ficou olhando para a porta.

9

NO CEMITÉRIO NACIONAL DE ARLINGTON, PERCY BATES caminhou do Centro dos Visitantes pelo caminho pavimentado que levava à Casa Custis-Lee. Depois que Robert E. Lee escolhera seu estado natal da Virgínia e o comando das forças 94 confederadas, em vez de uma oferta similar da União, no início da Guerra Civil, o Governo Federal reagira a essa rejeição pelo confisco da casa do general. Segundo alguns autores, a Administração Lincoln oferecera a propriedade de volta ao general confederado durante a guerra. Tudo o que ele precisava fazer, para recuperar a casa, era voltar e pagar os impostos. Lee, é claro, não aceitara a oferta de Lincoln. Sua propriedade fora convertida no que é agora o cemitério nacional de maior prestígio. Esse fragmento da história sempre provocara um sorriso em Bates, nascido em Michigan, embora a mansão fosse agora uma espécie de memorial para Lee, sendo popularmente conhecida como Casa Arlington.

Bates chegou à porta da frente da Casa Arlington. Virou-se para contemplar a que considerava a melhor vista de toda a Washington e talvez do país. De lá, toda a capital americana estendia-se a seus pés. Bates especulou se o velho Bobby Lee alguma vez pensara nisso ao levantar todas as manhãs e olhar pela janela.

O cemitério se estendia por seiscentos acres e era dominado por lápides brancas, simples e uniformes. Havia também alguns memoriais muito ornamentados aos mortos, erguidos por sobreviventes ou outras pessoas agradecidas, mas era o mar de lápides brancas, que no ângulo certo criava a ilusão de um terreno coberto de neve, mesmo no verão, o que as pessoas mais lembravam da visita. O Cemitério Nacional de Arlington era o lugar de repouso final dos soldados americanos mortos em combate por seu país, generais de cinco estrelas, um presidente assassinado, sete ministros do Supremo Tribunal Federal, líderes famosos de minorias e muitos outros que se qualificaram a ser enterrados naquele santuário nacional. Havia mais de duzentos mil mortos ali, e esse número aumentava à média de 18 corpos por dia de semana.

Bates já estivera lá muitas vezes. Em diversas ocasiões, comparecera a funerais de amigos e colegas. Em outras ocasiões, fora como uma espécie de guia turístico, quando sua família recebia visitantes de outras cidades.

Um espetáculo predileto era assistir à mudança da guarda, formada por soldados do Terceiro Regimento de Infantaria dos Estados Unidos, que mantinha vigilância 24 horas por dia sobre o Túmulo do Soldado Desconhecido. Bates olhou para o relógio. Chegaria a tempo, se se apressasse.

Ao chegar à área, Bates pôde ver que a multidão já se reunia ali, quase todos visitantes de outras cidades, com suas câmeras e filhos. O guarda de serviço cumpria sua meticulosa rotina de marchar 21 passos, parar 21 segundos, transferir o rifle para o outro ombro e depois marchar de volta pelo mesmo caminho estreito.

Bates muitas vezes se perguntava se o rifle do guarda estaria alguma vez carregado. De qualquer forma, tinha a impressão de que alguém que tentasse saquear ou profanar um daqueles túmulos seria recebido com uma reação rápida e dolorosa. Se havia um terreno sagrado em todo o país para os militares, era aquele. O Cemitério Nacional de Arlington estava no mesmo nível de Pearl Harbor.

Quando a troca de guarda começou, a multidão aumentando e se adiantando para aproveitar as oportunidades de fotos, Bates olhou para a esquerda. Depois, começou a abrir caminho entre as fileiras de turistas, descendo os degraus. A troca da guarda era uma cerimônia minuciosa e levaria algum tempo para ser concluída. O espetáculo atraía a atenção de quase todo mundo no cemitério, mas não de Percy Bates.

Ele contornou o enorme Anfiteatro Memorial, ao lado da área dos túmulos. Seguiu em frente, atravessou o Memorial Drive e contornou o Memorial do Ônibus Espacial Challenger. Depois, voltou e entrou no anfiteatro. Desceu para a área do palco, com suas enormes colunas, frontão triangular e balaustradas. Foi até uma parede, onde tirou do bolso um mapa do cemitério, que se pôs a estudar.

O homem estava oculto da vista de Bates ou de qualquer outra pessoa. Tinha uma pistola num coldre no cinto, e uma das mãos tocava na coronha, enquanto se aproximava da posição de Bates. Seguira Bates por grande parte do cemitério, certificando-se de que o agente do FBI estava mesmo sozinho.

— Não pensei que ia aparecer até que me deu o sinal lá atrás — comentou Bates.

O mapa ocultava por completo seu rosto, de qualquer pessoa que pudesse estar observando.

— Precisava ter certeza de que as condições eram seguras.

Randall Cove permaneceu escondido atrás de um trecho da Parede.

— Verifiquei se era seguido.

— O que qualquer um de nós pode fazer, alguém do outro lado é capaz de fazer melhor.

— Não posso questionar o argumento. Por que você gosta de sempre marcar um encontro comigo num cemitério?

— Aprecio a paz e o sossego. Quase nunca frequento outros lugares. — Cove fez uma pausa. — Armaram para cima de mim.

— Foi o que calculei. Mas tenho seis homens mortos e o sétimo é um ponto de interrogação neste momento. Sua cobertura foi descoberta internamente? Em vez de eliminarem você, eles forneceram informações erradas para fazer a ERR cair numa armadilha? Preciso de detalhes, Randy.

— Estive pessoalmente naquele prédio. Fui um participante em potencial. Queria verificar a operação. Vi escrivaninhas, arquivos, computadores, homens fazendo cálculos, o dinheiro, o produto, tudo o que se pode imaginar. E vi com meus próprios olhos. Não informaria a vocês se não tivesse visto pessoalmente. Não sou um principiante.

— Não tenho a menor dúvida a respeito. Mas não havia nada no prédio quando chegamos lá. A não ser as oito metralhadoras.

— Sei disso. Fale-me sobre London. Confia nele?

— Tanto quanto confio em qualquer um.

— Qual é a história dele? Por que continua vivo?

— Acho que nem mesmo ele sabe. Diz que ficou paralisado.

— Um dos momentos mais oportunos para isso.

— Ele destruiu as metralhadoras. E salvou um menino.

— Um menino muito especial, diga-se de passagem. Nada menos que Kevin Westbrook.

— Tem razão.

— Entramos nisso para caçar o Westbrook mais velho, porque a turma lá de cima achava que era tempo de acabar com ele, para se vangloriar. Quanto mais me aprofundei, no entanto, mais me convenci de que ele é um peixe pequeno, Perce. O cara tem uma vida boa, mas também não é nenhum exagero. Não tenta conquistar outros pontos. E se mantém discreto.

— Mas se não é ele, então quem é?

— Há cerca de oito traficantes controlando os principais pontos de venda nas ruas desta cidade, e Westbrook é apenas um deles. Em termos

coletivos, eles vendem uma tonelada da merda. Multiplique essa ação por todas as grandes áreas metropolitanas, daqui para Nova York e para o sul até Atlanta, e você tem uma operação em grande escala.

— Está querendo dizer que um único grupo controla todo esse fluxo? É impossível.

— Não é bem isso. O que estou dizendo é que um único grupo controla toda a distribuição de Oxycontin das áreas rurais para as metropolitanas, por toda a extensão da Costa Leste.

— Oxycontin não é aquela droga de tarja preta, vendida apenas sob rigorosa receita médica?

— Isso mesmo. Estão chamando de heroína dos caipiras, porque o tráfico ilegal começou nas áreas rurais. Mas agora está se transferindo para as grandes cidades. E onde se pode ganhar muito dinheiro. Afinal, os caipiras das montanhas não têm tanto dinheiro quanto os habitantes da cidade grande. E a morfina sintética, para dor crônica ou doentes terminais. Os viciados transformam em pó para fungar, fumar ou injetar. O efeito é parecido com o da heroína.

— Só que a dose é liberada a intervalos. Portanto, se você toma uma pílula inteira desse jeito, abreviando o tempo, pode acabar se matando.

— São cem mortes até agora, e o número continua crescendo. Não é uma droga tão potente quanto a heroína, mas tem o dobro do efeito da morfina. Como é uma droga legal, algumas pessoas acham que é segura, mesmo quando se abusa. Ou você consegue médicos para dar receitas falsas ou assalta farmácias e casas de pacientes que usam a droga.

— É uma situação terrível — concordou Bates.

— Foi por isso que o FBI e a DEA criaram uma força-tarefa conjunta. E o problema não é apenas a Oxy. Há outras drogas também, como Percocet e Percodan. Agora podem-se vender os "Perks" nas ruas a dez ou quinze dólares a dose. É preciso tomar 15 pílulas de Percocet para obter o mesmo efeito de uma pílula de oitenta miligramas de Oxy.

Durante a conversa, Bates olhara ao redor, de maneira disfarçada, várias vezes, a fim de verificar se alguém os observava. Mas não havia ninguém. Cove escolhera um bom lugar para o encontro, concluiu Bates. Afinal, ninguém podia vê-lo, e a maneira como Bates virava-se para a parede, com o mapa levantado, dava a impressão de que era apenas um turista querendo se orientar.

— O governo fiscaliza a distribuição de drogas controladas, é claro —

comentou Bates. — Se um médico ou uma farmácia começa a aviar dezenas de milhares das mesmas pílulas, o alarme soa. Mas é preciso se preocupar também com a remessa através da fronteira.

— Tem razão.

— Por que eu não sabia desse ângulo da Oxy, Randy?

— Porque só agora descobri essa parte. Não sabia que estava lidando com uma operação de Oxy quando comecei a investigar. Pensava que era apenas um negócio comum, com coca e heroína. Mas depois comecei a ver e ouvir coisas. Parece que a maior parte da droga vem de pequenas cidades ao longo das Montanhas Apalaches. Durante muito tempo, as transações eram isoladas, conduzidas na maior parte pelos próprios viciados. Mas tenho a impressão de que agora há uma única força em atuação, reunindo tudo, organizando as remessas para as grandes cidades. Pense no passo seguinte. Isso pode ser a mãe de todos os grandes negócios, o que alguém percebeu pelo menos por aqui. Os padrões são os de uma operação de drogas de fato, mas com margens de lucros três vezes maiores que as obtidas pelos cartéis, com um risco muito menor.

São essas as pessoas que procuramos. As pessoas que eu pensava que operavam do prédio que a ERR atacou. Achava que poderíamos descobrir tudo e desbaratar a operação se capturássemos os contadores. E fazia sentido esconder o centro de operações financeiras numa grande cidade.

— Porque nas áreas rurais esse tipo de coisa chamaria muita atenção — arrematou Bates.

— Exatamente. E eles têm muito incentivo. Digamos que você vende um milhão de pílulas por semana, a um valor nas ruas de cem milhões de dólares. Pode agora compreender por que fiquei tão interessado.

— Mas as pessoas que controlam o produto não teriam o menor incentivo para liquidar toda uma unidade da ERR. Atrairiam um perrengue indesejável. Por que fariam isso?

— Tudo o que posso dizer é que a operação que vi naquele prédio não era de Westbrook. Era imensa. Muita atividade, bem mais do que os negócios dele poderiam gerar. Se eu achasse que era apenas Westbrook, não teria recomendado uma batida da ERR — Poderíamos pegar um peixe pequeno, mas o maior teria escapado. Assim, acho que Westbrook está oferecendo o produto em Washington, da mesma forma que outros distribuidores. Mas não tenho qualquer prova concreta. O cara é muito esperto e tem bastante experiência.

— Mas você conseguiu atrair alguém na operação. Isso é valioso.

— Pode ser. Mas na minha linha de trabalho, o informante de hoje é o morto de amanhã.

— Portanto, alguém encenou uma autêntica produção da Broadway para nós, aparelhando o prédio para dar a impressão de que era uma operação de drogas em grande escala. Alguma ideia a respeito?

— Nenhuma. Depois que passei as informações e o ataque foi montado, quem me passou para trás não precisava mais do velho Randall Cove. Creio que tenho sorte por continuar vivo, Perce. Mais do que isso, tenho me perguntado por que ainda estou vivo.

— O mesmo acontece com Web London. Acho que é uma reação normal depois de um massacre.

— Não é isso. Alguém tentou me liquidar depois do ataque da ERR. Custou meu Bucar e duas costelas quebradas.

— Por que não nos avisou? Você tem de voltar, Randy. Para contar tudo o que sabe, a fim de tentarmos descobrir o que aconteceu.

Bates olhou ao redor mais uma vez. O encontro não podia demorar muito mais tempo. Só podia fingir que estudava o mapa do cemitério por certo prazo, antes de levantar suspeitas. Mas não queria partir sem Randall Cove.

— Não posso fazer isso agora de jeito nenhum, Perce — respondeu Cove, num tom que levou Bates a baixar o mapa. — E não posso porque a merda vem lá do fundo.

— E o que significa isso exatamente? — perguntou Perce, com irritação.

— Significa que essa merda fede por dentro, e não tenho a menor intenção de entregar minha vida nas mãos de alguém, se não souber que vão jogar limpo comigo.

— Isso é o FBI, Randy, não a KGB.

— Talvez seja para você. Sempre esteve do lado de dentro, Perce. Mas eu sempre estive na periferia, ao máximo possível. Se voltar agora, sem saber o que aconteceu, é bem possível que acabe 100 desaparecendo para sempre. Sei que tem muita gente pensando que eu estava por trás do que aconteceu com o pessoal da ERR.

— Isso é um absurdo!

— Tão absurdo quanto seis homens massacrados? Como o inimigo conseguiria o que ocorreu, sem informações internas?

— Essas coisas acontecem em nosso trabalho.

— Ainda não percebeu que as coisas estão saindo erradas por toda parte? Missões fracassadas, dois agentes secretos mortos em ação no ano passado, equipes de ataque se apresentando para o momento decisivo e não encontrando ninguém no local, importantes apreensões de drogas sendo frustradas porque alguém foi avisado. Acho que tem algum rato grande e sórdido no FBI vendendo os companheiros... inclusive eu!

— Não me venha com uma teoria de conspiração, Randy.

A voz de Cove tornou-se mais calma.

— Queria que você soubesse que não tive nada a ver com o que aconteceu. Tem a minha palavra, porque é a única coisa que posso oferecer neste momento. Espero ter outras coisas mais tarde.

— Quer dizer que tem alguma pista? — Bates fez uma pausa. — Claro que acredito em você, Randy, mas há pessoas perante as quais sou responsável. Compreendo sua preocupação. Muitas coisas lamentáveis têm acontecido, e estamos tentando descobrir a fonte. Mas você deve também entender minhas preocupações.

Outra pausa.

— Se voltar agora, Randy, eu lhe darei todas as garantias de que velarei por você como se fosse meu pai no leito de morte, está bem? Espero que possa confiar em mim, depois de tudo o que passamos juntos. Sabe que já interferi muitas vezes em sua defesa.

Não houve resposta de Cove.

— Diga o que precisa para voltar, Randy, e verei o que posso fazer.

Também não houve resposta. Bates praguejou baixinho e seguiu, apressado, para o outro lado da parede. Avistou a porta de saída no outro lado do espaço. Foi até lá, mas encontrou a porta trancada. Deu a volta correndo pelo anfiteatro e saiu. A cerimônia da troca de guarda já acabara, e as pessoas espalhavam-se pelos caminhos pavimentados e o terreno do cemitério. Enquanto olhava por toda parte, Bates sabia que já o perdera de vista. Apesar do enorme tamanho, Cove passara muitos anos aprendendo a desaparecer em qualquer ambiente. Por tudo o que Bates sabia sobre Randy, ele podia estar vestido como um empregado do cemitério, ou possivelmente como um turista. Bates jogou o mapa numa lata de lixo e foi embora.

10

O BAIRRO PELO QUAL WEB GUIAVA SEU CARRO ERA IDÊNTICO à maioria dos outros na área. Casas modestas do pós-guerra, de linhas retas, caminhos de cascalho para a entrada de carros, toldos de lona. Os jardins na frente eram mínimos, mas havia um espaço maior nos fundos, onde se viam garagens independentes, churrasqueiras em áreas cobertas e macieiras com o tronco rachado, proporcionando uma sombra confortadora. Era a terra de famílias das classes trabalhadoras, que ainda se orgulhavam de suas casas e nunca tomavam como certa a ida dos filhos para a universidade. Hoje, os homens mexiam em carros velhos no frescor da garagem, enquanto as mulheres se reuniam nos degraus de varandas da frente para tomar café, fumar um cigarro e trocar fofocas sob um sol muito quente para essa época do ano e um céu que havia finalmente se livrado dos vestígios da última tempestade. Crianças de short e tênis corriam de um lado para outro da rua em patinetes que exigiam o uso das pernas para andarem.

Ao parar na frente da casa de Paul Romano, Web pôde ver Paulie, como todos o chamavam, trabalhando sob o capô de um Corvette Stingray clássico, que era seu orgulho e alegria. A esposa e os filhos se divertiam ali perto com a mangueira. Originário do Brooklyn, Paul Romano era do tipo "não tenho medo de sujar os dedos", o que combinava com um bairro como aquele, com seus mecânicos, técnicos de cabos de eletricidade, motoristas de caminhão e assim por diante. A única diferença era que Romano podia matar alguém de cem maneiras diferentes, se quisesse, e não havia nada que se pudesse fazer para evitar. Paul Romano era um daqueles que conversavam com suas armas e davam-lhes nomes, como se costuma fazer com os animais de estimação. O MP-5 era Freddy, em homenagem ao Freddy de A hora do pesadelo, enquanto os dois .45 eram Cuff e Link, tartarugas do filme Rocky. Isso mesmo, por mais difícil que fosse acreditar, Paul Romano do Brooklyn era um grande fã de Sly Stallone... embora estivesse sempre se queixando que "a porra do Rambo não passa de um babaca idiota".

Romano levantou os olhos, surpreso, quando Web se aproximou e deu uma olhada no motor do Corvette azul-nassau, com uma capota branca conversível. Web sabia que o carro era de 1966, o primeiro ano de produção

do famoso motor de 450 cavalos, porque Romano lhe contara a respeito — e a todo mundo na ERR — mais de mil vezes.

— Quatro marchas, velocidade máxima de 270 quilômetros horários, deixa qualquer outro para trás nas ruas — dissera ele, até que Web cansara de ouvir. — Inclusive radiopatrulhas, carros envenenados, até metade dos veículos que disputam as corridas de stock car nas pistas menores.

Web especulara muitas vezes como seria a vida de um garoto girando porcas e desmontando carros na garagem junto com o pai. Aprendendo sobre carburadores, esportes, mulheres, todas as coisas que faziam com que valesse a pena viver. Ei, pai, sabe como é quando a garota está do seu lado e você fica pensando se deve passar o braço por seus ombros, talvez correr o risco de pôr a mão ali? Isso mesmo, ali. Tem de me ajudar, pai, pois você já foi jovem, não é? Não me diga que nunca pensou nessas coisas, porque eu estou aqui, não é mesmo? E quando devo partir para o beijo? Que sinais devo procurar? Pai, não vai acreditar, mas não consigo entender essas mulheres malucas. Por acaso é mais fácil compreender quando elas ficam mais velhas? E o velho piscava, sorria sugestivo, tomava um gole de uma cerveja, dava uma tragada num Marlboro, sentava, limpava a graxa das mãos num trapo e dizia: Preste atenção, Júnior, pois vou contar como a coisa funciona. Explicarei tudo para você, e é melhor anotar, porque é o evangelho, filho. Agora, contemplando a cavidade do Corvette, Web imaginou como se sentiria com uma conversa assim.

Romano o fitou e não fez qualquer comentário sobre o motor de 450 HP que podia deixar para trás qualquer carro envenenado. Limitou-se a dizer:
— A cerveja está naquela caixa. Pegue uma lata. E não precisa ficar à vontade.

Web pegou uma Budweiser, mas sem deixar uma nota de um dólar em pagamento.

— Sabe, Paulie, a Bud não é a única cerveja que existe. Algumas marcas sul-americanas são maravilhosas. Devia experimentar.

— Com o meu salário?

— Ganhamos o mesmo dinheiro.

— Tenho mulher e filhos, enquanto você não tem porra nenhuma Romano apertou mais um pouco uma porca, depois passou por Web e ligou o motor. Parecia bastante potente para irromper pela caixa de papel fino que o continha.

— Ronrona como um gatinho — comentou Web enquanto tomava um

gole da cerveja.

— Como um tigre.

— Podemos conversar? Tenho algumas perguntas.

— Você e mais uma porção de gente. Claro, vamos conversar. Tenho todo o tempo do mundo. Afinal, o que tenho para fazer no meu dia de folga? Divertir-me? Quem precisa de diversão? Do que você precisa agora? De uma malha de balé? Posso perguntar se minha mulher tem alguma para emprestar.

— Eu agradeceria se não dissesse tantas sacanagens a meu respeito para o pessoal em Quantico.

— E eu agradeceria se não me desse ordens. E tem mais uma coisa: é melhor se mandar da minha propriedade. Tenho padrões de qualidade quanto às pessoas com quem convivo.

— Vamos apenas conversar, Paulie. Você me deve isso.

Romano apontou a chave de porca.

— Não lhe devo nada, London.

— Depois de oito anos trabalhando nessa merda, acho que ambos devemos um ao outro mais do que jamais seremos capazes de pagar.

Os dois homens ficaram se olhando por um longo momento, até que Romano finalmente largou a chave de porca, limpou as mãos, desligou o tigre e se encaminhou para o quintal dos fundos. Web considerou que era um convite para segui-lo. Por um lado, no entanto, ele refletiu que era bem possível que Romano fosse apenas entrar na garagem para pegar uma chave de porca maior, a fim de agredi-lo.

No jardim dos fundos, a grama estava aparada, as árvores podadas e uma enorme roseira crescia ao lado da garagem. A temperatura devia estar em torno de 27° C ao sol, o que era bastante agradável depois de tanta chuva. Os dois pegaram cadeiras de jardim e se acomodaram. Web observou a mulher de Romano, Angie, pendurar roupas no varal para secar. Ela viera do Mississippi. Os Romano tinham dois meninos. Angie era pequena, com um corpo atraente, cabelos louros compridos, olhos verdes fascinantes e aquele olhar de "vou devorar você, querido". Vivia flertando, tocando em seu braço, roçando em sua perna com o pé, dizendo que você era bonito, mas não passavam de gestos inocentes. Às vezes levava Romano à loucura, mas Web podia perceber que ele adorava que outros homens se sentissem atraídos por sua mulher. Era parte do que fazia Romano funcionar. Mas quando Angie Romano se enfurecia, era melhor tomar

cuidado. Web também já vira esse aspecto de Angie em algumas reuniões sociais do pessoal da ERR. Podia ser uma mulher pequena, mas era uma ameaça implacável e fazia com que homens enormes e confiantes, que usavam armas como meio de vida, se apressassem em procurar um esconderijo quando a viam seguir pela trilha da guerra.

Paul Romano era agora um atacante da Equipe Hotel. Ingressara na ERR na mesma ocasião que Web, e durante cerca de três anos haviam atuado juntos como atiradores de tocaia. Romano integrara a Força Delta antes de entrar para o FBI. Tinha uma compleição parecida à de Web, carecendo de músculos enormes. Mas os músculos que ele tinha eram como cabos, pois não se podia parti-los. E tinha um motor que nunca deixava de funcionar. Podia acontecer qualquer coisa que ele nunca parava. Uma ocasião, durante um ataque noturno ao baluarte de um grande traficante no Caribe, a lancha deixara Romano longe demais da praia. Carregando quase trinta quilos de equipamentos, ele mergulhara a uma profundidade de cinco metros. Em vez de se afogar, como aconteceria com quase todo mundo, Romano caíra no fundo do mar, levantara, encontrara um jeito de se orientar, caminhara até a terra, prendendo a respiração por quatro minutos e participara do ataque. Por causa de uma falha nas comunicações, o traficante não se encontrava exatamente onde deveria estar. Por isso, fora Romano quem o pegara, depois de matar dois seguranças. E as únicas coisas de que Romano reclamara depois foram de ter molhado os cabelos e perder a pistola chamada Cuff.

Romano tinha tatuagens por quase todo o corpo, dragões, facas e cobras, além de um coração com o nome ANGIE no bíceps esquerdo. Web o conhecera no primeiro dia da seleção de candidatos para a ERR naquele ano. A maioria dos candidatos estava reunida numa sala, todos nus e muitos assustados, aguardando o terror que sabiam que teriam de enfrentar. Web observara os outros, à procura de cicatrizes nos joelhos ou ombros, o que indicaria fraqueza física, ou expressões que demonstrassem paralisia mental. Era ao mesmo tempo a livre iniciativa e o darwinismo em sua expressão máxima. Web procurava qualquer coisa que pudesse lhe proporcionar uma vantagem sobre os concorrentes. Sabia que apenas metade sobreviveria ao primeiro corte, que ocorreria em duas semanas, e apenas um em dez receberia um convite para voltar e realmente se matar.

Romano viera da equipe da SWAT do FBI na cidade de Nova York, onde tinha a reputação de ser extremamente intimidativo, mesmo num

grupo de pessoas intimidativas. Não parecia assustado entre setenta homens pelados na mesma sala, naquele primeiro dia de qualificação para a ERR. Web tivera a impressão de que era um homem que adorava a dor, que se sentia ansioso em começar o treinamento da ERR para encarar tudo de peito aberto. E que aproveitaria para infligir também alguma dor. Naquela ocasião, Web não sabia se conseguiria obter uma das vagas na ERR, mas tivera certeza desde o primeiro dia de que Paul Romano seria um dos escolhidos. Os dois sempre haviam sido supercompetitivos, e Romano muitas vezes deixava Web furioso. Mas Web não podia deixar de admirar a capacidade e coragem do homem.

— Você queria conversar — disse Romano. — Pode começar.

— Kevin Westbrook. O garoto na viela.

Romano acenou com a cabeça para sua cerveja.

— Certo.

— Ele está desaparecido.

— Você é quem diz.

— Conhece Bates? Percy Bates?

— Não. Deveria?

— Ele está chefiando a investigação do escritório regional de Washington. Ken McCarthy disse que você e Mickey Cortez estiveram com Kevin. O que pode me dizer?

— Não muita coisa.

— O que o garoto disse?

— Nada.

— A quem entregaram o garoto?

— A dois ternos. Investigadores.

— Tem os nomes?

Um aceno de cabeça negativo.

— Sabe qual a diferença entre falar com você e falar com um muro, Paulie?

— Qual?

— Absolutamente nenhuma.

— O que você quer que eu diga, Web? Vi o garoto, observei o garoto e depois o garoto foi embora.

— Está me dizendo que ele não contou nada?

— Ficou de boca fechada. Disse seu nome e deu o endereço. Anotamos. Mickey ainda tentou arrancar mais alguma coisa, mas não conseguiu nada.

Mas também Cortez não é capaz de conversar nem com os próprios filhos. Não sabíamos na ocasião qual era o papel do garoto em tudo aquilo. Estávamos a caminho do pátio, vimos seu foguete luminoso e paramos. Depois, o garoto surgiu da escuridão com seu casquete e um bilhete. Eu não sabia se ele estava ou não do nosso lado. E não queria criar problemas legais com perguntas que não deveria fazer.

— O que foi uma atitude previdente de sua parte. Mas entregou-o aos ternos sem dizer nada? Como explica isso?

— Eles mostraram suas credenciais e disseram que estavam ali para levar o garoto. Ponto final. Não tínhamos autoridade para dizer não. A ERR não realiza investigações, Web. Apenas atacamos e mantemos o terreno conquistado. Os ternos é que investigam. Além do mais, eu tinha outras preocupações. Você sabe que Teddy Riner e eu estivemos juntos na Força Delta.

— Claro que sei, Paulie. Mais ou menos a que horas os ternos apareceram? Romano pensou por um momento.

— Não estávamos lá há muito tempo. Ainda era escuro. Por volta de duas e meia.

— O escritório regional de Washington é muito eficiente, mandando ternos para pegar o garoto tão depressa.

— E o que você queria que eu dissesse? Ei, vocês não podem levar o garoto, porque são eficientes demais, e não é assim que o FBI funciona? Isso seria ótimo para minha carreira. Poderia me despedir para sempre da aposentadoria integral, com todas as regalias.

— Pode me dar uma descrição desses caras?

Romano pensou a respeito por um momento.

— Já dei aos agentes.

— Um bando de outros caras. Agora descreva pra mim. Não vai te matar, pode confiar em mim.

— Se eu fosse tão estúpido assim, você não era capaz de me vender todo o Brooklyn.

— Vamos, Paulie, de atacante para atacante. Da Equipe Hotel para o que restou da Charlie.

Romano tornou a pensar a respeito por um momento. Pigarreou.

— Um deles era branco. Um pouco mais baixo do que eu. Magro, mas forte. Satisfeito?

— Não. Cabelos?

— Baixo e louro... um federal. O que mais poderia ser? Acha que J. Edgar usava rabo-de-cavalo?

— Há quem diga que usava. E que também gostava de um vestido. Jovem, velho, meia-idade?

— Na casa dos trinta anos. O padrão. Terno típico de federal, talvez um pouco mais elegante. Muito mais do que qualquer coisa que você tenha em seu armário, London.

— Olhos?

— Ele usava óculos escuros.

— As duas e meia da madrugada?

— Podiam ser óculos escuros de grau. Nunca me passou pela cabeça interrogar o cara sobre a escolha dos óculos.

— Lembra de tudo isso, mas não consegue recordar o nome do cara?

— Ele mostrou suas credenciais e me afastei. Estou no local do crime, com pessoas correndo por todos os lados e seis dos nossos companheiros assassinados. O cara veio buscar o garoto e o levou. Andava como um agente e falava como um. É bem provável que fosse meu superior na hierarquia.

— E o que me diz de seu parceiro?

— Como?

— O parceiro, o outro terno. Você disse que eram dois.

— Certo. — Romano não parecia tão seguro agora. Esfregou os olhos. Tomou um gole da cerveja. — O segundo cara nem chegou perto. O primeiro terno apontou para ele, disse que era seu parceiro e ficou nisso. O outro passou todo o tempo falando com policiais.

Web assumiu uma expressão cética.

— Paulie, isso significa que você nem mesmo tem certeza se o cara com quem falou estava mesmo com o outro. Ele podia estar trabalhando sozinho e enganou você direitinho. Contou tudo isso a um autêntico e confirmado agente do FBI?

— Você era um autêntico agente do FBI, Web. Acostumado a investigar esse tipo de merda. Eu era da Força Delta. Só entrei no FBI para integrar a SWAT e depois a ERR. Faz muito tempo que esqueci de bancar o investigador. Apenas ataco e mantenho o terreno conquistado. Não mais do que isso. Ataco e liquido o inimigo.

— Pode ter causado a morte de um garoto.

Romano o fitou com expressão furiosa por alguns segundos. Depois

acalmou-se e desviou os olhos. Web calculou que Romano pensava em seus dois filhos. Queria que o cara se sentisse culpado, para que o erro crasso nunca mais se repetisse.

— É bem provável que o menino esteja agora em algum lixão. Tem um irmão. Um cara meio estourado. Conhecido como Big F.

— É o que acontece com todos eles.

— O garoto não deve ter tido uma vida das mais agradáveis. Viu o buraco de bala no seu rosto. Não devia ter mais de dez anos.

Romano tomou outro gole da cerveja. Limpou a boca.

— Seis dos nossos homens morreram, quando isso não deveria ter acontecido. E ainda estou me perguntando por que o sétimo não morreu também.

Ele lançou um olhar insinuante para Web quando este falou: — Se isso faz com que se sinta melhor, estou recebendo ajuda profissional para tentar descobrir o que aconteceu.

Foi uma confidência difícil para Web fazer, ainda mais para 108 Romano, e ele se arrependeu no instante seguinte.

— Faz com que eu me sinta tão bem que tenho vontade de sair pelas ruas gritando: "Web tem procurado um psico para tratar da cabeça. O mundo está são e salvo."

— Pense um pouco, Paulie. Acha que eu queria ficar paralisado ali? Acha que eu queria ver toda a minha equipe fuzilada?

— Acho que você é o único que pode responder a essas perguntas, London.

— Sei que tudo parece horrível, mas por que está me sacaneando desse jeito?

— Quer saber por quê? Quer realmente saber?

— Claro que quero.

— Está bem. Falei com o garoto. Ou melhor, o garoto falou comigo. E quer saber o que o garoto disse?

— Estou sentado aqui, Paulie.

— Disse que você estava tão apavorado que chorava que nem um bebê. Disse que você suplicou para que ele não contasse a ninguém. Que você era o maior cagão que ele já vira, um grande covarde. Disse que você até tentou lhe entregar sua arma, porque estava com medo de usá-la.

A ingratidão de um garoto...

— E você acreditou nessas besteiras?

Romano tomou um gole da cerveja.

— Não a parte sobre a arma. Você não daria a porra daquele SR75 a ninguém.

— Muito obrigado, Romano.

— Mas o guri deve ter visto algo para dizer essas coisas. Afinal, por que ele mentiria sobre tudo?

— Não sei, Paulie. Talvez porque eu seja do FBI, e ele odeia os caras que representam a lei. Por que não pergunta a alguns dos atiradores no telhado? Eles podem dizer se eu estava chorando ou atirando. Ou talvez você não acredite neles também.

Romano ignorou a observação.

— Acho que as pessoas se tornam covardes durante todo o tempo, mas é claro que eu não sei como isso acontece.

— Quer saber de uma coisa? Você é mesmo um filho-da-puta.

Romano largou a cerveja e levantou-se.

— Quer descobrir até que ponto sou mesmo um filho-da-puta?

Os dois pareciam prestes a iniciar uma briga quando Angie se aproximou, cumprimentou Web e deu-lhe um abraço confortador, acompanhado por palavras tranquilizadoras.

— Paulie, talvez Web queira ficar para o jantar — disse ela. — Vou fazer costeletas de porco.

— Talvez eu não queira que Web fique para as costeletas de porco, está bem? — resmungou Romano.

Angie se inclinou, agarrou Romano pela camisa e puxou-o.

— Dê-nos licença por um minuto, Web.

Web observou Angie arrastar o marido para o lado da garagem e dar-lhe o que só podia ser descrito como um esporro de proporções intimidativas. Ela bateu com o pé descalço no chão, sacudiu a mão diante do rosto do marido, numa perfeita encenação de um sargento-instrutor arrasando com um recruta. E Paul Romano, que era capaz de matar qualquer coisa que vivesse, ficou imóvel, de cabeça baixa, aceitando em silêncio o que dizia sua "pequena mulher". Angie finalmente arrastou o marido de volta ao lugar em que Web esperava.

— Vamos, Paulie, pergunte a ele.

— Angie, não precisa obrigá-lo...

Ele foi interrompido rispidamente: — Cale a boca, Web!

E Web se calou. Angie bateu na parte de trás da cabeça do marido, ainda

calado.

— Ou você pergunta a ele ou vai dormir na garagem com a porra daquele carro.

— Quer ficar para jantar, Web? — perguntou Romano enquanto olhava para o gramado, os braços cruzados.

— Um jantar de costeletas de porco — acrescentou Angie. — Por que não fala como se realmente quisesse, Paulie?

— Não gostaria de ficar para jantar, Web? Teremos costeletas de porco.

Romano falou na voz mais mansa que Web já ouvira, sem sequer fitá-lo nos olhos. Angie era mesmo capaz de produzir milagres. E com todo o sofrimento de Romano, como Web podia dizer não? Mas a verdade é que ele se sentiu tentado a recusar o convite, só para deixar Romano ainda mais irritado.

— Claro que ficarei, Paulie. Obrigado pelo convite.

Enquanto Angie se afastava para preparar o jantar, os dois homens ficaram tomando cerveja, olhando para o céu.

— Se isso faz com que você se sinta melhor, Paulie, quero que no saiba que Angie também me deixa apavorado.

Romano levantou os olhos e pela primeira vez, pelo menos na lembrança recente de Web, sorriu. Web baixou os olhos para sua cerveja.

— Acho que você contou a todo mundo o que o menino disse.

— Não.

Web o fitou, surpreso. Romano continuou a olhar fixo para a frente.

— Por que não?

— Porque não era verdade.

— Obrigado.

— Sei quando os garotos estão mentindo. Tenho experiência com os meus filhos. Acho que eu estava apenas querendo sacanear você. Parece que se tornou um hábito.

— Mas não posso realmente acreditar que o guri tenha dito tudo isso, Paulie. Salvei sua vida. A segunda sorte que ele teve. Foi graças a mim que não ficou com outro buraco de bala na cabeça.

Romano o fitou perplexo.

— O garoto não tinha ferimento de bala.

— Claro que tinha. Na face esquerda. E tinha também uma cicatriz de faca na testa, do tamanho do meu dedo mínimo.

Romano sacudiu a cabeça.

— Estive com o menino, Web. Talvez não tenha prestado muita atenção a ele, mas não deixaria de perceber um detalhe assim. Sei como parece um ferimento de bala, porque tenho o meu. E já acertei muitos caras para saber qual é o resultado.

Web se empertigou na cadeira.

— Qual era a cor da pele do garoto?

— A cor da pele? Onde está querendo chegar? Ele era negro, é claro!

— Sei disso, Paulie. Mas negro de pele clara? Ou pele escura?

— Pele clara. Lisa como bunda de bebê, sem qualquer marca. Juro que é a pura verdade, por tudo quanto é mais sagrado.

Web bateu com a mão no braço da cadeira.

— Droga!

Kevin Westbrook, pelo menos o que Web encontrara, tinha pele marrom, da cor de chocolate.

Depois do jantar com os Romano, Web visitou Mickey Cortez e ouviu a mesma história. Não ouviu outras informações sobre o garoto. Nem a identidade do terno que o levara, mas teve a confirmação da hora. E não havia ferimento de bala no rosto.

Portanto, quem fizera a troca de garotos? E por quê?

11

FRED WATKINS SAIU DO CARRO DEPOIS DE OUTRO LONGO DIA de trabalho na Procuradoria dos Estados Unidos. Levava uma hora e meia para guiar de sua comunidade de classe média no norte da Virgínia até Washington e mais ou menos o mesmo tempo na volta para casa. Noventa minutos para percorrer pouco mais de 15 quilômetros... ele balançou a cabeça ao pensar a respeito. E seu trabalho ainda não acabara. Apesar de ter se levantado às quatro da madrugada e já haver trabalhado dez horas hoje, ainda tinha pelo menos mais três horas à sua espera na pequena sala de sua casa que usava como escritório. Um jantar frugal, seguido por algum tempo agradável com a mulher e os filhos adolescentes, e continuaria na jornada de trabalho até meia-noite. Watkins se especializou em casos de destaque do crime organizado no Departamento de Justiça, em Washington, depois de longa temporada como um humilde promotor em Richmond, atuando contra os pequenos criminosos que encontrava pela frente. Gostava do trabalho e achava que prestava um serviço relevante ao país. Era relativamente bem remunerado por isso. Apesar do horário de trabalho às vezes muito longo, ele achava que sua vida era boa. O filho mais velho iria para a universidade no outono, e o outro dali a dois anos. Ele e a esposa tinham planos para viajar depois, conhecer algumas partes do mundo que só haviam visto em revistas de viagens. Watkins também pensava em se aposentar mais cedo e se tornar professor-adjunto na Faculdade de Direito da Universidade da Virgínia, onde se formara. O casal aventava a possibilidade de talvez se mudar algum dia para Charlottesville, em cará ter permanente, a fim de escapar da masmorra em que se transformara o tráfego no norte da Virgínia. Ele massageou o pescoço e aspirou o ar fresco da noite clara e amena. Era um bom plano, de modo geral, e pelo menos o casal tinha um plano. Alguns de seus colegas recusavam-se, obstinados, a pensar além do dia seguinte, muito menos nos anos subsequentes. Mas Watkins sempre fora um homem prático, de bom senso. Sempre fora assim que encarara o exercício da profissão e a maneira como cuidava da vida.

Ele fechou a porta do carro e subiu pela calçada para sua casa. No caminho, acenou para uma vizinha que saía de carro. O vizinho da casa ao lado estava fazendo um churrasco e o cheiro da carne penetrou por suas narinas. Talvez acendesse também a churrasqueira naquela noite.

Como a maioria das pessoas na área de Washington, Watkins também lera as notícias sobre a emboscada da unidade da Equipe de Resgate de Reféns com profundo interesse e crescente desespero. Trabalhara com alguns daqueles homens num caso e só tinha coisas boas a dizer sobre sua bravura e profissionalismo. Aqueles caras eram os melhores, pelo menos na sua opinião, e realizavam um trabalho que quase ninguém mais se mostrava disposto a fazer. Watkins achava que tinha uma vida difícil, até saber o que aqueles homens passavam. Lamentava especialmente por suas famílias, e até pensava em indagar se fora criado um fundo para ampará-las. Se não houvesse um fundo, Watkins estava pensando em criá-lo. Apenas mais um item para acrescentar à lista antiga de coisas a fazer, mas era assim que a vida acontecia, pensava ele.

Ele não viu nada até o momento em que a ave se elevou dos arbustos e partiu em sua direção. Watkins gritou e abaixou-se. O pássaro deixou de atingi-lo por poucos centímetros; era o mesmo gaio azul. O desgraçado parecia ficar à sua espera na maioria das noites, como se tentasse fazer o melhor que podia para lhe provocar um infarto prematuro.

— Não desta vez — disse Watkins para a criatura em fuga. — Nem nunca. Vou pegá-lo antes que me pegue.

Ele riu e subiu os degraus para a varanda da frente. O celular tocou no instante em que abria a porta. O que seria agora ?, pensou ele. Poucas pessoas tinham aquele número. Sua mulher era uma delas, mas não ligaria porque sem dúvida o vira parar o carro. Só podia ser do escritório. E se era do escritório, só podia significar que acontecera alguma coisa que o ocuparia pelo resto da noite, talvez até exigisse que voltasse para Washington.

Ele pegou o celular, verificou que a identificação da chamada não estava disponível, pensou em não atender. Mas não era assim que Fred Watkins fazia as coisas. Podia ser importante, mas talvez fosse apenas um engano. Não, nada de churrasco naquela noite, pensou ele, enquanto apertava o botão para falar, pronto para confrontar o problema, qualquer que fosse.

Encontraram o que restava de Fred Watkins nos arbustos da casa no outro lado da rua, para onde fora lançado pela explosão que desintegrara sua casa. No instante em que apertara o botão de falar, uma pequena faísca do telefone provocara a explosão do gás que enchera sua casa. Watkins tinha pouca probabilidade de detectar o gás ao abrir a porta por causa do

cheiro do churrasco na casa ao lado. De alguma forma, sua pasta sobreviveu, ainda ligada à mão, que fora virtualmente reduzida a osso. Os documentos preciosos estavam intactos, à espera de que outro procurador tomasse o lugar do falecido. Os corpos da mulher e filhos foram encontrados nos destroços. As autópsias mostrariam que todos já haviam morrido de asfixia. Houve necessidade de quatro horas para apagar o incêndio. As chamas atingiram duas outras casas. Felizmente, mais ninguém sofreu ferimentos sérios. Apenas a família Watkins deixou de existir. A questão da maneira como ele e a mulher viveriam a aposentadoria, depois de uma vida de trabalho árduo, acabou com o casal. Não tiveram problema para encontrar o celular de Watkins, porque derretera em sua mão.

Mais ou menos na ocasião em que a vida de Fred Watkins chegava ao fim, 145 quilômetros ao sul de Richmond, o juiz Louis Leadbetter embarcava no banco traseiro de um carro oficial sob o olhar vigilante de um delegado federal. Leadbetter era juiz federal criminal, posição que ocupava há dois anos, promovido do cargo de juiz do Circuito Judicial de Richmond. Por causa de sua relativa juventude — tinha apenas 46 anos — e de sua excepcional capacidade jurídica, muitas pessoas em posições de poder acompanhavam seu desempenho como um eventual candidato ao Tribunal de Recursos do Quarto Circuito, talvez mesmo para ocupar um dia uma vaga no Supremo Tribunal Federal. Como juiz nas trincheiras legais, Leadbetter presidira muitos julgamentos de variável complexidade, emoção e erupção vulcânica em potencial.

Vários homens que ele condenara à prisão haviam-no ameaçado de morte. Uma ocasião, ele quase fora vítima de uma carta-bomba, enviada por uma organização de supremacia branca que não gostava da firme convicção de Leadbetter de que todas as pessoas, independentemente de credo, cor ou etnia eram iguais diante dos olhos de Deus e da lei. Essas circunstâncias determinaram que Leadbetter passasse a contar com segurança adicional. Um fato recente aumentara as preocupações com sua segurança.

Ocorrera uma fuga ousada da prisão, de um homem que jurara se vingar de Leadbetter. A prisão era muito longe e as ameaças tinham sido feitas há vários anos, mas as autoridades, sensatamente, não queriam que o bom juiz corresse qualquer risco desnecessário. Leadbetter, por seu lado, queria apenas levar a vida como sempre levara e não gostava muito da segurança reforçada. Mas como já escapara da morte por um triz, era bastante pragmático para compreender que a preocupação era provavelmente

legítima. E não queria sofrer uma morte violenta nas mãos de algum desgraçado sórdido que deveria estar apodrecendo numa prisão. O juiz Leadbetter que não queria dar essa satisfação ao homem.

— Alguma notícia de Free? — perguntou ele ao delegado federal.

O fato de que o homem que escapara da prisão chamava-se Free (livre, em inglês) sempre irritara Leadbetter. Ernest B. Free. A inicial do meio e o sobrenome não eram os seus verdadeiros, é claro. Ele mudara de nome legalmente, quando ingressara num grupo paramilitar neoconservador, cujos associados haviam todos assumido esse sobrenome, como um simbolismo das ameaças percebidas à sua liberdade. Na verdade, o grupo intitulava-se Sociedade Livre, o que era irônico, por serem violentos e intolerantes com qualquer um que não parecesse com eles, ou que discordasse de suas convicções repletas de ódio. Formavam o tipo de organização que a América podia com certeza dispensar. Não obstante, eram um exemplo dos tipos bastante impopulares de grupos que a Primeira Emenda à Constituição dos Estados Unidos visava proteger. Mas não quando esses grupos matavam. Não, não quando matavam. Nenhum papel, por mais respeitado que fosse, podia proteger alguém das consequências de um ato assim.

Free e outros membros de seu grupo haviam invadido uma escola, matado duas professoras e capturado vários alunos e professores como reféns. As autoridades locais cercaram a escola, e uma equipe da SWAT fora chamada. Mas Free e seus companheiros estavam fortemente armados, com armas automáticas e blindagem pessoal. Por isso, os agentes federais especializados em resgates, que estavam baseados em Quantico, foram mobilizados. A princípio, parecia que a situação seria resolvida de forma pacífica. Mas irrompera um tiroteio dentro da escola e a Equipe de Resgate de Reféns decidira entrar. Seguira-se uma terrível batalha. Leadbetter ainda podia recordar com absoluta nitidez a imagem angustiante de um menino morto na calçada, ao lado dos cadáveres de duas professoras. Ernest B. Free, ferido, acabara se entregando, depois que seus cúmplices foram mortos.

Houvera alguma dúvida se Free deveria ser julgado por um tribunal federal ou estadual. Embora se acreditasse que a escola se tornara um alvo porque estava na vanguarda da integração e na melhoria das relações raciais, e as opiniões racistas de Free fossem bastante conhecidas, ainda assim teria sido difícil provar, Leadbetter não podia deixar de reconhecer. Para começar, os três mortos — o menino e as duas professoras — eram

brancos. Assim, parecia relativamente fraco julgar Free pela violação da lei federal de crime de ódio racial. E embora fosse possível acusar Free de atentado contra agentes federais, parecia que a melhor perspectiva era simplificar tudo, julgá-lo num tribunal estadual e tentar a pena de morte por múltiplos homicídios. Só que o resultado não fora o que todos tencionavam.

— Nenhuma, senhor juiz — respondeu o delegado federal, tirando Leadbetter de suas reminiscências.

O delegado trabalhava com Leadbetter há algum tempo, e os dois mantinham bom relacionamento.

— Se quer minha opinião — acrescentou ele —, o plano do homem é seguir para o México e, de lá, para a América do Sul. Onde vai se ligar a nazistas, gente de sua laia.

— Espero que ele seja recapturado e levado de volta ao lugar a que pertence.

— É bem provável que isso aconteça. Os federais já estão trabalhando no caso e dispõem de todos os recursos necessários.

— Eu queria que o desgraçado fosse condenado à morte. Era isso que ele merecia.

Era uma das poucas coisas que Leadbetter lamentava em sua atuação como juiz de circuito. Mas o advogado de Free levantara a questão da insanidade, e até chegara perto de alegar uma suposta lavagem cerebral pelo "culto", como descrevera a organização a que Free pertencia. O advogado estava apenas cumprindo seu dever. Mas conseguira levantar dúvida suficiente na mente dos promotores sobre as possibilidades de uma condenação consistente. Por isso, fora feito um acordo com o advogado de defesa antes do júri se pronunciar. Em vez de uma pena de morte em potencial, Free pegaria uma sentença de vinte anos a prisão perpétua, com uma possibilidade, por menor que fosse, de receber algum dia a liberdade condicional. Leadbetter não concordara com o acordo, mas não tivera opção que não aceitá-lo. A mídia fizera uma pesquisa informal com os jurados mais tarde. Free rira por último. Todos os jurados teriam votado pela condenação, e todos recomendariam a pena de morte. A imprensa dera o maior destaque a essa pesquisa. Todos acabaram embaraçados. Free fora transferido, por diversas razões, para uma prisão de segurança máxima no Meio-Oeste. E fora desse lugar que conseguira escapar.

Leadbetter ajeitou sua pasta no banco. Lá dentro, dobrado com todo cuidado, havia um exemplar do seu amado New York Times. Leadbetter

nascera e estudara na cidade de Nova York, antes de seguir para o sul e se fixar em Richmond. O ianque transplantado adorava seu novo lar. Mas todas as noites, quando chegava em casa, dedicava exatamente uma hora à leitura do Times. Fora seu hábito durante todos aqueles anos, e o jornal era entregue no tribunal todos os dias, antes de sua saída. Era um dos poucos atos de relaxamento que o juiz ainda era capaz de desfrutar.

Enquanto o delegado tirava o carro da garagem do tribunal, seu celular tocou. Ele atendeu no mesmo instante.

— Como é mesmo? Claro, senhor juiz. Pode deixar que o avisarei.

O delegado desligou e informou a Leadbetter: — Era o juiz Mackey. Ele pediu que o senhor desse uma olhada na penúltima página do primeiro caderno do Times, se quer ler uma notícia espantosa.

— Ele disse o que era?

— Não, senhor. Disse apenas para o senhor ler e ligar de volta Para ele.

Leadbetter pegou o jornal com a maior curiosidade. Mackey era um bom amigo, e seus interesses intelectuais eram similares. Se Mackey achava que alguma notícia era fascinante, provavelmente era mesmo. O carro parou num sinal de trânsito. O que era ótimo, porque Leadbetter não era capaz de ler num carro em movimento sem se sentir mal. Ele tirou o jornal da pasta, mas estava muito escuro para ver dentro do carro. Ele estendeu a mão, acendeu a luz e abriu o jornal. O delegado, contrariado, lançou um olhar para trás.

— Senhor juiz, já pedi para não acender essa luz. Faz com que se torne um alvo fácil...

O barulho de vidro estilhaçado interrompeu a voz do delegado, enquanto o juiz Louis Leadbetter tombava para a frente, as páginas do seu precioso New York Times agora manchadas de sangue.

12

INFORMARA A WEB QUE A MÃE DE KEVIN WESTBROOK PROVAVELMENTE estava morta, embora ninguém pudesse dar certeza. Desaparecera há vários anos. Viciada em metanfetamina e crack, era bem provável que tivesse acabado a vida com a picada de uma agulha suja ou uma fungada de droga impura. A identidade do pai de Kevin era desconhecida. Ao que parecia, essas não eram lacunas incomuns de história pessoal no mundo em que Kevin Westbrook vivia. Web seguiu por uma área de Anacostia que a própria polícia evitava, até uma casa de dois andares, quase em ruínas, no meio de outras casas similares. Kevin supostamente morava ali, com uma miscelânea de primos, tios e outras pessoas de parentesco indefinido. Web não sabia direito qual era a situação de vida de Kevin, quem era o responsável por ele... e, aparentemente, ninguém mais sabia. Era a versão nova e melhorada da típica família americana. A área parecia um reator que viesse apresentando vazamentos há várias décadas. Tinha-se a impressão de que nenhuma flor ou árvore era capaz de crescer ali. O gramado nos terrenos mínimos exibia um amarelo doentio. Até mesmo os cachorros e gatos nas ruas pareciam prestes a desfalecer. Todas as pessoas, lugares e coisas pareciam totalmente consumidos.

A casa era uma verdadeira pocilga. Lá fora, o fedor de lixo em decomposição era insuportável. Dentro, o mau cheiro era agravado pelo espaço restrito. A combinação letal atingiu Web com o maior impacto quando passou pela porta, a tal ponto que ele até pensou que poderia perder os sentidos. Sem a menor hesitação, preferiria em qualquer dia aspirar gás lacrimogêneo do que aquela toxina de fabricação doméstica.

As pessoas que sentavam à sua frente não pareciam indevidamente preocupadas por Kevin não estar mais ali. Talvez o desaparecimento de uma criança fosse rotina depois de um tiroteio de grandes proporções. Um jovem mal-humorado sentava no sofá.

— A gente já falou tudo pra polícia — declarou ele, mais cuspindo as palavras para Web do que falando.

— Estou apenas pedindo uma confirmação.

Web não queria pensar no que Bates faria se descobrisse que ele andava investigando por conta própria. Mas devia isso a Riner e aos outros... e que se danasse a política oficial do FBI. Ainda assim, sentia um frio no

estômago, como se houvesse um freezer lá dentro.

— Cale a boca, Jerome — disse a mulher com cara de avó, sentada ao lado de Jerome.

Os cabelos dela eram prateados, os óculos, grandes, o busto, enorme, e não admitia brincadeiras. Não dera seu nome a Web, e ele não insistira; constava dos arquivos do FBI sem dúvida, mas ele o localizara por outras fontes. A mulher era tão grande quanto um carro pequeno e dava a impressão de que podia acabar com Jerome sem a menor dificuldade. E parecia também que podia acabar com o próprio Web sem muito esforço. Pedira para ver a insígnia e as credenciais de Web duas vezes, antes de tirar a corrente da porta.

— Não gosto de permitir a entrada em minha casa de pessoas que não conheço — explicou ela. — Sendo ou não da polícia. Esta área não é segura, tem tanto tempo quanto posso me lembrar. E a ameaça parte dos dois lados.

Ela disse isso com as sobrancelhas levantadas e um olhar sugestivo que penetrou até o fundo da alma de agente federal de Web.

Para ser sincero, eu não queria estar aqui, ainda mais porque tenho de prender a respiração para não vomitar, Web teve vontade de dizer. Ao sentar, ele pôde ver entre as rachaduras largas nas tábuas do assoalho a argila compacta sobre a qual a casa fora construída. Não devia proporcionar um calor confortável no inverno. Lá fora, a temperatura devia estar em torno de 18° C, mas ali dentro fazia o maior frio. Não havia o som confortador de uma lareira acesa, nem o cheiro apetitoso de comida sendo preparada na cozinha da vovó. Num canto da sala, via-se uma pilha de latas de Pepsi diet. Alguém estava preocupado com o peso. Ao lado, no entanto, havia uma pilha de lixo do McDonald's. Provavelmente de Jerome, pensou Web. Ele dava a impressão de ser fissurado em Big Mac e batata frita.

— Posso compreender — disse Web. — Moram aqui há muito tempo?

Jerome soltou uma risada desdenhosa enquanto vovó baixava os olhos para as mãos cruzadas. Foi ela quem respondeu: — Tem três meses. Passamos muito tempo na casa anterior. Arrumamos tudo lá.

— Mas depois decidiram que a gente ganhava muito dinheiro para viver num lugar tão bom e despejaram a gente — acrescentou Jerome, furioso. — Simplesmente nos expulsaram.

— Ninguém disse que a vida é justa, Jerome. — Vovó correu os olhos pela sala imunda. Respirou fundo, de maneira que desvaneceu toda a

esperança de Web. — Também vamos arrumar esta casa. Vai ficar ótima.

Ela, porém, não parecia muito segura, Web notou.

— A polícia fez algum progresso na investigação do desaparecimento de Kevin?

— Por que não pergunta a eles? — indagou vovó. — Não estão nos dizendo nada sobre o pobre Kevin.

— Eles perderam o garoto — disse Jerome enquanto afundava ainda mais nas almofadas murchas e manchadas que passavam por sofá.

Web não tinha como saber se o sofá ainda tinha qualquer armação. O teto estava aberto em três pontos diferentes, ao que Web podia ver, e tão vergado que quase não se precisava de escada para chegar ao segundo andar. Bastava estender as mãos e dar um impulso para subir. As paredes tinham um mofo negro, e o resto de tinta era provavelmente à base de chumbo. E, com toda a certeza, havia asbesto nos canos. Por toda parte, podia-se ver excremento de ratos. Além disso, Web seria capaz de apostar mil dólares como os cupins já haviam roído a maior parte da madeira na casa. Provavelmente era por isso que tinha uma pequena inclinação para a esquerda, como ele observara da calçada da frente. A Defesa Civil devia ter condenado toda aquela área, ou então iam tomar café e contar piadas em algum lugar, em vez de fiscalizar.

— Vocês têm uma foto de Kevin?

— Claro que temos — respondeu vovó. — A gente já deu uma à polícia.

— Têm outra?

— Não vamos dar porra nenhuma para você — resmungou Jerome.

Web se inclinou para a frente, deixando que a coronha da pistola se destacasse.

— Vai me dar tudo o que eu quiser, Jerome. E se não abandonar essa atitude, eu mesmo o levarei à delegacia para verificar todos os registros contra você, descobrir se não há algum mandado de prisão e retirá-lo de circulação por uma longa temporada. A menos que você tente brincar comigo, alegando que nunca foi preso.

Jerome desviou os olhos, murmurando: — Merda!

— Fique calado, Jerome — interveio vovó. — Não abra mais a porra dessa boca.

Agora somos nós, vovó, pensou Web.

Ela pegou uma carteira e tirou uma foto. Estendeu-a para Web. Quando

o fez, os dedos começaram a tremer e a voz ficou presa na garganta. Mas logo ela se recuperou e disse: — É a minha última foto de Kevin. Por favor, não a perca.

— Tomarei o maior cuidado. Terá a foto de volta.

Web olhou para a foto. Era mesmo Kevin. Ou, pelo menos, o Kevin que ele salvara na viela. Portanto, o garoto que Romano e Cortez haviam encontrado era outro, que mentira e dissera que era Kevin Westbrook. O que exigia algum planejamento, mas também alguma improvisação. E qual seria o propósito?

— Disse que entregou uma foto de Kevin à polícia?

Vovó confirmou com um aceno de cabeça.

— Ele é um bom menino. Vai à escola quase todos os dias. Uma escola especial, porque ele é um menino especial.

Havia um tom de orgulho em sua voz. Web sabia que por ali a escola era uma façanha que se devia apregoar, talvez em segundo lugar apenas depois da sobrevivência à noite.

— Tenho certeza de que ele é um bom menino.

Web olhou para Jerome, de olhos desvairados, perdido numa vida de crime. Você também já foi um bom menino, não é mesmo, Jerome?

— Os homens eram guardas uniformizados?

Jerome se levantou.

— Está pensando que a gente é idiota? Eram do FBI, cara, que nem você.

— Sente-se, Jerome — disse Web.

— Sente-se, Jerome — repetiu vovó.

Jerome se sentou.

Web pensou depressa Se o FBI tinha uma foto de Kevin, então os agentes já sabiam que haviam mantido o garoto errado sob custódia, mesmo que por um breve período. Ou será que não? Romano não tinha a menor ideia de que eram dois meninos. Apenas o descrevera como um garoto negro. E se todo o relatório oficial fosse assim? Se o falso Kevin Westbrook desaparecera antes que Bates e os outros chegassem ao local, então todos saberiam apenas que um garoto negro, em torno de dez anos, chamado Kevin Westbrook, que morava no endereço tal, perto da viela, havia desaparecido. Viriam àquela casa para conversar com a família, obter uma foto e continuariam na investigação. Não era provável que pedissem a Romano e Cortez para confirmar a identificação positiva pois não havia

motivos para desconfiar de uma troca. E Ken McCarthy dissera que os atiradores nos telhados não haviam olhado direito para o verdadeiro Kevin quando a Equipe Charlie passara por ele a caminho do pátio. Talvez apenas Web soubesse da troca.

Web olhou ao redor. Pela avó — ou qualquer que fosse o parentesco da mulher com Kevin — fez um esforço para não deixar transparecer sua repulsa.

— Kevin morava mesmo aqui?

Bates dissera que a vida doméstica de Kevin era miserável e que era provável que o garoto a evitasse sempre que pudesse. Isso explicaria por que estava sozinho na rua em plena madrugada, em vez de ficar ali, deitado na cama. O ambiente era mesmo horrível, mas não devia ser pior que muitas outras casas na área. A pobreza e o crime prevaleciam por toda parte, e as marcas que deixavam não eram nem um pouco agradáveis. Vovó, no entanto, parecia sólida como uma rocha. Uma boa pessoa, e parecia gostar mesmo de Kevin. Por que ele a evitaria?

Vovó e Jerome trocaram um olhar.

— Na maior parte do tempo — respondeu vovó.

— Onde ele morava no resto do tempo?

Nenhum dos dois disse nada. Web observou vovó baixar os olhos para seu colo volumoso, enquanto Jerome fechava os olhos e balançava a cabeça ao ritmo de alguma música em sua mente.

— Sei que Kevin tem um irmão. É com ele que Kevin morava no resto do tempo?

Os olhos de Jerome ficaram esbugalhados. Vovó parou de olhar para o próprio colo. Pelas expressões em seus rostos, era como se Web estivesse lhes apontando uma arma e acabara de dizer para fazerem a última oração.

— Não o conheço — respondeu vovó. — Nunca vi.

Ela se balançou para a frente e para trás, como se de repente alguma coisa a machucasse. Não parecia que poderia dominar alguém naquele momento. Parecia apenas uma velha apavorada.

Quando Web olhou para Jerome, ele se levantou de um pulo e escapou, antes que Web pudesse fazer qualquer coisa. Ele ouviu a porta da frente ser aberta e fechada, com uma batida, depois o som de passos correndo.

Web olhou para vovó.

— Jerome também não o conhece — murmurou ela.

13

CHEGOU A MANHÃ DO SERVIÇO MEMORIAL OFICIAL. WEB levantou cedo, tomou uma chuveirada, fez a barba e vestiu seu melhor terno. Era o momento da homenagem e do lamento formal pelos amigos, mas Web queria apenas escapar para o mais longe que pudesse.

Não falara com Bates sobre o que descobrira com Romano e Cortez, nem de sua visita à casa de Kevin. Web não sabia direito por que não o fizera, apenas que não andava com disposição para confiar em ninguém. Além disso, sabia que Bates o censuraria por ter interferido na investigação. Para Web, Bates identificara o garoto como Kevin Westbrook. O que significava que o garoto lhe dera esse nome, ou que fora transmitido por Romano e Cortez, se Kevin desaparecera antes de Bates chegar ao local. Web teria de confirmar qual das duas coisas acontecera. Se Bates vira o outro garoto, então saberia que eram dois os envolvidos depois de pegar a foto de Kevin com a avó.

Web dera a um garoto com um ferimento de bala no rosto um bilhete para entregar a seus companheiros da ERR. Esse garoto dissera a Web que seu nome era Kevin. O bilhete fora entregue, mas aparentemente não pelo mesmo garoto a quem Web o dera. Portanto, entre o momento em que dera o bilhete ao menino que dissera se chamar Kevin e o instante em que o bilhete fora entregue, ocorrera uma troca de garotos. O que só podia ter acontecido na viela, entre o ponto em que Web se encontrava e a unidade da ERR avançando. Não chegava a ser muito espaço, mas era o suficiente para efetuar a troca. O que significava que outras pessoas estavam à espreita na viela, esperando que aquilo acontecesse, talvez esperando que muito mais coisas acontecessem.

O aparecimento de Kevin na viela teria sido planejado? Ele trabalhava para o irmão, Big F? Deveria verificar se havia sobreviventes e não esperava encontrar ninguém? E quando descobrira Web vivo, isso frustrara o plano de alguém? Mas que plano seria? E por que trocar de garoto? E por que o falso Kevin mentira e dissera que Web era um covarde? E quem era o terno que levara o garoto substituto? Bates se mantivera de boca fechada sobre o desaparecimento do garoto. O terno que falara com Romano seria mesmo um agente do FBI? Se não, como um impostor poderia ter aparecido de repente com as credenciais, uma postura bastante impressiva para

enganar Romano e Cortez, e depois escapar impune, na companhia de outro impostor? Era desconcertante, e Web tinha tantas dúvidas que recorrer a Bates em busca de respostas e partilha de informações não ocupava posição de destaque em sua lista de itens que demandavam ação.

Ele estacionou o Mach One tão perto da igreja quanto podia. Já havia muitos carros ali, e as vagas eram relativamente poucas. A igreja era um monólito de pedra de fachada sombria, construída no fim do século XIX, quando o mandamento arquitetônico era claro: "Vossa casa de culto terá mais torrinhas, balaustradas, colunas jônicas, pedimentos, frontões, portas, janelas e arabescos na pedra do que o templo do próximo."

Era naquela igreja que presidentes americanos, ministros do Supremo Tribunal, deputados, senadores, embaixadores e outras autoridades menores, em graus variados, faziam suas orações, cantavam hinos e de vez em quando se confessavam. Líderes políticos eram com frequência fotografados ou filmados quando subiam ou desciam os degraus largos, com uma Bíblia na mão e uma expressão de tementes a Deus. Apesar da separação entre Igreja e Estado na América, Web sempre acreditara que os eleitores gostavam de ver um pouco de devoção nas autoridades eleitas. Nenhum membro da ERR frequentava aquela igreja, mas os políticos não podiam dispensar um cenário grandioso para suas palavras de conforto. E o templo pequeno e simples perto de Quantico, onde alguns membros da Equipe Charlie costumavam fazer suas orações, aparentemente não estava à altura da ocasião.

O céu era claro, o sol esquentava um pouco e a brisa ligeira era revigorante. Era uma tarde bonita demais para uma coisa tão deprimente quando um serviço memorial, na opinião de Web. Mesmo assim, ele subiu os degraus da igreja, cada estalido dos sapatos engraxados na pedra simulando o barulho do cilindro de um revólver virando, uma câmara, uma bala, uma vida potencialmente exterminada de cada vez. Web refletiu que havia muitas dessas analogias violentas em sua vida. Enquanto outros viam esperança, ele testemunhava apenas as feridas de uma humanidade infeccionada e degenerada. Deus, que atitude! Não era de admirar que ele nunca fosse convidado para festas.

Havia agentes do Serviço Secreto por toda parte, com seus coldres no ombro, rostos impassíveis e fios saindo do ouvido. Web teve de passar por um detector de metais antes de entrar na igreja. Mostrou sua arma e a identificação do FBI, o que informava ao Serviço Secreto que Web só seria

separado de sua arma se morresse.

Assim que abriu a porta, Web quase esbarrou na retaguarda da massa de pessoas que conseguira, de alguma forma, espremer-se na igreja. Ele recorreu à tática um tanto agressiva de mostrar a insígnia do FBI, o que fez o mar se abrir para lhe dar passagem. Num canto, uma equipe de cinegrafistas instalara seus equipamentos e transmitia todo o espetáculo. Que idiota dera a autorização?, especulou Web. E de quem fora a ideia de convidar todo mundo para o que deveria ser uma cerimônia privada? Era assim que os sobreviventes deveriam lembrar seus mortos, como se estivessem num circo?

Com a ajuda de alguns companheiros, Web conseguiu espremer-se em um dos bancos. Olhou ao redor. As famílias estavam nas duas primeiras filas, isoladas por uma corda. Web baixou a cabeça em oração. Fez uma prece para cada um dos homens, a mais longa para Teddy Riner, que fora seu mentor, um agente excepcional, um pai maravilhoso, um bom homem sob todos os aspectos. Web deixou escapar umas poucas lágrimas ao compreender o quanto perdera naqueles poucos segundos de inferno. Mas quando olhou para o lugar em que as famílias sentavam, refletiu que não perdera tanto quanto aquelas pessoas.

A realidade começou a dominar os filhos menores, pois Web podia ouvir seus soluços ao terem certeza agora de que o pai partira para sempre. E o choro continuou ao longo de todos os discursos cansados, das baboseiras clichês dos políticos, de que era preciso endurecer com o crime, aos pregadores que não haviam conhecido nenhum dos homens que tanto enalteciam.

Eles combateram o bom combate, Web teve vontade de levantar e dizer. Morreram protegendo todos nós. Nunca os esqueçam, pois foram todos inesquecíveis, à sua maneira. Fim do discurso. Amém. Vamos tocar os hinos.

O serviço memorial finalmente acabou, e a congregação deixou escapar um suspiro coletivo de alívio. Na saída, Web falou com Debbie Riner, ofereceu algumas palavras de conforto a Cynde Plummer e Carol Garcia, trocou abraços e palavras com mais algumas pessoas. Agachou-se e falou com as crianças pequenas, apertou os corpos trêmulos em seus braços. Não queria mais largá-los. Aquela entrega física tão simples ameaçava fazer com que Web desatasse a chorar. As lágrimas nunca haviam sido fáceis para ele, e durante os últimos dias derramara mais do que em todo o resto de sua

vida. Mas o contato com as crianças estava deixando-o sufocado.

Alguém bateu em seu ombro. Ao se levantar e se virar, Web pensava que ia confortar mais uma pessoa desolada. A mulher que o fitava, no entanto, não parecia precisar ou querer sua compaixão.

Julie Patterson era a viúva de Lou Patterson. Tinha quatro filhos e esperava o quinto, mas abortara três horas depois de saber que se tornara viúva e mãe sozinha. Os olhos vidrados informaram a Web que a mulher estava drogada, e ele torceu para que fosse com drogas por receita médica. E Web pôde sentir também o cheiro de álcool. Pílulas e bebida nunca eram uma boa combinação, ainda mais num dia como aquele. Entre todas as esposas, Julie fora a menos próxima de Web. Isso acontecia porque Lou Patterson o amava como se fosse um irmão, e Web sentia que Julie tinha ciúme desse relacionamento.

— Acha mesmo que deveria estar aqui hoje, Web? — indagou Julie.

Ela cambaleou nos sapatos pretos de saltos altos. Os olhos não conseguiam focalizar direito. As palavras saíam engroladas, a língua se movendo para formar outra antes mesmo de completar a anterior. Tinha o rosto inchado, a pele muito pálida, mas com manchas vermelhas. Não carregara o bebê por tempo suficiente para a barriga dilatar, e essa oportunidade perdida parecia ter aprofundado sua mágoa. Deveria ter ficado em casa, de cama, e Web se perguntou por que não estava.

— Julie, vamos sair para que você possa respirar um pouco de ar fresco. Deixe-me ajudá-la.

— Fique longe de mim!

Julie falou em voz bastante alta para que as pessoas num raio de seis ou sete metros parassem e olhassem. A equipe de TV foi atraída pela voz alteada, e tanto o câmera quanto o repórter presumiram ao mesmo tempo que era uma mina de ouro em potencial, passando a se concentrar nos dois.

— Vamos sair, Julie — repetiu Web, a voz baixa, pondo a mão de leve no ombro da mulher.

— Não vou a lugar nenhum com você, seu filho-da-puta!

Ela arrancou a mão de Web, que soltou um grunhido de dor, levando a mão ferida para junto do corpo. As unhas de Julie haviam rasgado o ferimento, rompendo os pontos. A mão começou a sangrar.

— Qual é o problema? Sua mãozinha está doendo, seu filho-da-puta covarde? Logo você, com a cara de Frankenstein! Como sua própria mãe suportaria olhar para você? Seu monstro!

Cynde e Debbie tentaram falar com ela, consolá-la, mas Julie empurrou-as e tornou a se aproximar de Web.

— Ficou paralisado antes dos tiros começarem, só que não sabe por quê? E depois caiu no chão? E espera que todo mundo acredite nessa mentira?

O bafo de álcool era tão intenso que Web teve de fechar os olhos por um momento. O que serviu apenas para aumentar ainda mais sua sensação de equilíbrio precário.

— Seu covarde! Deixou que eles morressem! Quanto você conseguiu? Quanto o sangue de Lou valeu para você, seu filho-da-puta?

— Sra. Patterson... — A voz, muito calma, era de Percy Bates, que se aproximara. — É melhor ir logo para seu carro, antes que o trânsito piore. Já reuni seus filhos ali.

Os lábios de Julie tremeram à menção dos filhos.

— Quantos são?

Bates pareceu confuso, e ela acrescentou: — Quantos filhos?

Julie estendeu a mão para a barriga lisa e deixou-a ali. Manchas de lágrimas marcavam a frente do vestido preto. Julie focalizou Web mais uma vez, os lábios se contraindo quase num rosnado.

— Eu deveria ter cinco filhos. Cinco filhos e um marido. Agora, tenho quatro filhos e não tenho mais Lou. Meu Lou morreu e perdi meu bebê, seu desgraçado!

A voz se alteara de novo, enquanto a mão descrevia círculos frenéticos na barriga, como se ela estivesse esfregando uma lâmpada mágica, talvez formulando um desejo para que o bebê e o marido voltassem. A câmera de televisão registrava tudo. E o repórter escrevia suas anotações rapidamente.

— Sinto muito, Julie — murmurou Web. — Fiz tudo o que podia.

Ela parou de esfregar a barriga e cuspiu no rosto de Web.

— Isto é por Lou. — Ela cuspiu de novo. — Isto é por meu bebê. Vá para o inferno, Web London!

Ela deu um tapa em Web, aceitando em cheio na face avariada. Quase caiu com o esforço.

— E isto é por mim, seu filho-da-puta! Seu... seu monstro! Aberração da natureza!

Toda a energia de Julie se consumira, e Bates teve de ampará-la, para impedir que caísse no chão. Eles saíram e a multidão, nervosa, começou a deixar a igreja, em pequenos grupos, conversando, muitos lançando olhares

furiosos na direção de Web.

Web não se mexeu. Nem mesmo limpara a saliva de Julie. Tinha o rosto vermelho no lugar em que ela o atingira. Acabara de ser proclamado um monstro, aberração da natureza, covarde e traidor. Julie Patterson podia muito bem ter cortado sua cabeça e a jogado na sarjeta. Web teria espancado até a morte qualquer homem que lhe dissesse aquelas coisas. Mas partindo de uma viúva e mãe desconsolada, os insultos tinham de ser aceitos e, em vez de reagir, ele sentia vontade de acabar com a própria vida. Nada do que Julie dissera era verdade, mas como ele poderia contestá-la?

— Seu nome é Web... Web London, não é mesmo? Sei que é um momento difícil, mas a notícia não pode esperar. Estaria disposto a nos dar uma entrevista?

Web não respondeu, e o repórter insistiu: — Só vai demorar um minuto. Apenas umas poucas perguntas.

— Não.

Web começou a se afastar. Não tinha certeza, até aquele momento, se seria capaz de andar.

— Vamos ter de falar com a mulher também — insistiu o repórter. — E não vai querer que o público tenha apenas o lado dela sobre o que aconteceu. Estou lhe oferecendo uma oportunidade de contar sua história. Nada mais justo.

Web se virou e agarrou o homem pelo braço.

— Não há "lados". E deixe aquela mulher em paz. Ela já sofreu o suficiente pelo resto de sua vida. Deixe-a em paz. Fique longe dela. Está me entendendo?

— Estou apenas fazendo o meu trabalho.

O homem retirou a mão de Web de seu braço com todo o cuidado. Olhou para o câmera. Excelente, foi o pensamento tácito irradiado entre os dois.

Web passou pela porta e deixou para trás a igreja dos ricos e famosos. Entrou no Mach, ligou-o e partiu. Tirou a gravata e abriu a carteira para verificar se tinha dinheiro suficiente. Parou numa loja de bebidas e comprou duas garrafas de Chianti barato e uma embalagem com seis latas da cerveja Negra Modelo.

Foi para casa, trancou todas as portas, fechou as cortinas de todas as janelas. Foi até o banheiro, acendeu a luz e contemplou — se no espelho. A pele no lado direito do rosto era um pouco escura, relativamente lisa, alguns

fios de barba nos pontos em que não se barbeara direito. Um lado bom da pele, não muito ruim. "Lado de pele." Era assim que tinha de analisar agora. Já haviam passado há muito os dias em que alguém podia comentar sobre seu rosto bonito. Julie Patterson, porém, não tivera a menor hesitação em falar de sua aparência. Mas Frankenstein? Essa foi nova, Julie. Depois de algum tempo para pensar a respeito, ele já não se sentia agora tão compreensivo em relação à mulher. Você teria perdido Lou há muito tempo se Frankenstein não fizesse o que fez, e que lhe custou metade do rosto. Esqueceu isso, Julie ? Eu não esqueci. É uma coisa que vejo todos os dias.

Ele virou um pouco para revelar o lado esquerdo do rosto. Não havia qualquer vestígio de barba ali. E a pele nunca ficava bronzeada. Os médicos haviam avisado que isso poderia acontecer. E como se não fosse suficiente, a pele era esticada demais. As vezes, quando queria rir ou sorrir demais, Web não conseguia, porque metade do seu rosto não queria cooperar. Parecia até que dizia pode esquecer, companheiro, e dê uma olhada no que fez comigo! E a lesão alcançara a beira do olho, de tal forma que a órbita era mais puxada para a têmpora do que o normal. Antes das operações, isso o deixava com uma aparência de total desequilíbrio. Agora estava um pouco melhor, embora fosse inevitável que os dois lados do rosto permanecessem desalinhados para sempre.

Sob a pele transplantada havia massas de plástico e metal, que tinham substituído o osso destruído. O titânio em seu rosto acionava os detectores de metal em aeroportos quase todas as vezes. Não se preocupem, meus amigos. É apenas o AK-47 que tenho escondido no rabo.

Web se submetera a inúmeras operações para levar seu rosto àquele ponto. Os médicos haviam realizado um bom trabalho, mas ele sempre seria considerado desfigurado. Finalmente, os cirurgiões lhe disseram que haviam alcançado o fim de suas habilidades profissionais, até mesmo de seus milagres médicos, e lhe desejaram tudo de bom. Fora um ajustamento mais difícil do que ele imaginara, e até hoje ainda não podia dizer que conseguira por completo. Não era o tipo de coisa que se podia superar, pensava Web, pois a imagem fitava-o do espelho todas as manhãs.

Ele inclinou a cabeça um pouco mais para o lado. O colarinho da camisa baixou deixando à mostra o antigo ferimento de bala na base do pescoço. Fora atingido um pouco acima do colete à prova de balas. O fato de a bala não ter alcançado nenhuma artéria vital nem a espinha só podia ser considerado um milagre. O ferimento parecia uma queimadura de charuto,

uma enorme queimadura de charuto na pele, gracejara ele, estendido no leito do hospital, com um lado do rosto desaparecido e dois buracos enormes no corpo. E todos os companheiros haviam rido junto com ele, embora desse para sentir o nervosismo geral. Todos estavam mais ou menos convencidos de que ele conseguiria se recuperar. Inclusive o próprio Web. Mas nenhum deles podia imaginar o pesadelo físico e emocional que havia por baixo daquelas bandagens. Os cirurgiões plásticos haviam proposto a cobertura dos buracos de bala. Mas Web não aceitara. Já estava cansado de os médicos tirarem pele de várias partes de seu corpo para grudar em outras. Aquilo era o máximo a que o velho Web estava disposto a ir.

Ele tocou no peito, onde se destacava a outra "queimadura de charuto" em toda a sua glória. A bala entrara pelo peito e saíra por trás do ombro, contornando o Kevlar nos dois lados, ainda com força suficiente para detonar a cabeça de um cara que se encontrava por trás dele, pronto para rachar seu crânio ao meio com um facão. E quem disse que ele não tinha sorte? Web sorriu para si mesmo no espelho.

— Sorte é o que a sorte faz — murmurou ele para seu reflexo.

A ERR sempre tivera a maior consideração por Web pelo heroísmo que ele demonstrara naquela noite. Fora a situação de reféns na escola em Richmond, Virgínia, executada pela Sociedade Livre. Web passara há pouco tempo de atirador de elite para atacante, e ainda tateava, ansioso em exibir seu valor na linha de frente. A explosão fora de uma mistura de fabricação doméstica. Teria atingido Lou Patterson em cheio se Web não saltasse e o empurrasse para o lado. A bola de fogo acertara-o no lado esquerdo do rosto, derrubando-o e derretendo o escudo contra a pele. Ele se livrara do escudo, junto com uma boa parte da pele, e continuara a lutar. A adrenalina que sempre fluía com a batalha era a única coisa que bloqueava a dor terrível.

Os Frees abriram fogo e Web fora atingido no torso. A segunda bala acertara seu pescoço. Muitos homens inocentes teriam morrido se não fosse pelo que Web fizera depois que sofrera esses ferimentos. Em vez de enfraquecê-lo, os tiros pareceram energizá-lo pela maneira como lutara, matara homens que tentavam matá-lo e a seus companheiros. Arrastara homens da equipe para lugares seguros, inclusive o falecido Louis Patterson, que levara um tiro no braço um minuto depois que Web o salvara das chamas. Os atos que Web realizara naquela noite haviam superado em muito o que fizera no pátio, pois ficara gravemente ferido naquela ocasião,

não apenas com um arranhão na mão, não apenas com um ferimento que um mero Band-Aid poderia resolver. Para os veteranos e novos operadores da ERR, Web era uma lenda viva. E no mundo altamente competitivo do macho alfa não havia maneira melhor de se destacar na hierarquia social do que a coragem e habilidade demonstradas no calor da batalha. E custara-lhe apenas uns poucos pontos na escala da vaidade e a maior parte do sangue em seu corpo.

Web nem sequer se lembrava da dor. Mas depois que a última bala fora disparada e o último homem tombara, ele também arriara. Tocara no ferimento aberto no rosto e sentira o sangue escorrendo dos dois ferimentos, o que o levara à conclusão de que finalmente chegara seu momento de morrer. Entrara em estado de choque na ambulância, e, quando fora entregue aos cuidados dos médicos no Hospital Universitário da Virgínia, sua linha no monitor era quase reta. Como voltara à vida naquela noite era um mistério. Web não tinha uma resposta. Nunca fora um homem religioso, mas começara a pensar em coisas como Deus.

A recuperação fora a coisa mais dolorosa que Web já enfrentara. Embora fosse um herói, não havia qualquer garantia de que poderia voltar à ERR. Se não estivesse em plenas condições físicas, não o aceitariam, herói ou não... pois era assim que tinha de ser. E Web nunca teria concordado que as condições fossem diferentes. Quantos pesos levantara, quantos quilômetros correra, quantos muros escalara, de quantos helicópteros saltara de rapei, quantos tiros disparara? Por sorte, os ferimentos no rosto não afetaram a vista ou a mira. Sem a perfeição nesse ponto, ninguém continuava na ERR. O assédio psicológico da recuperação, no entanto, fora até pior do que o sofrimento físico. Ele seria capaz de atirar quando fosse necessário? Ficaria paralisado em crise e acarretaria um risco para sua equipe? Mas isso nunca acontecera... ou, pelo menos, não até que ele alcançara aquele pátio. Conseguira voltar, percorrendo todo o caminho. Levara quase um ano, mas ninguém poderia dizer que não merecia voltar por seus próprios méritos, sem cortar caminhos. Agora, o que as pessoas diriam? Conseguiria voltar dessa vez? O problema não era físico agora; estava tudo em sua cabeça, o que se tornava cem vezes mais aterrador. Web cerrou o punho e bateu no espelho, rachando a parede pré-fabricada por trás.

— Não os deixei morrer, Julie — disse ele para o vidro estilhaçado.

Ele olhou para a mão. Não estava nem sangrando. Sua sorte persistia,

não é mesmo?

Abriu o armarinho de remédios e tirou o vidro de pílulas diferentes. Colecionara-as ao longo do tempo, de uma variedade de fontes, algumas oficiais, outras não-oficiais. Usava-as para ajudá-lo a dormir, mas só de vez em quando. Era bastante cauteloso, porque quase se tornara viciado em analgésicos enquanto reconstruíam seu rosto.

Web apagou a luz, e o Frankenstein desapareceu. Afinal, todos sabiam que os monstros se sentiam mais à vontade no escuro.

Desceu em seguida. Com todo o cuidado, arrumou as garrafas de bebida e sentou, como um general com seus assessores, traçando o plano de batalha. Mas não abriu uma única garrafa. O telefone tocou a intervalos de poucos minutos, mas Web nunca atendeu. Bateram na porta várias vezes, e ele ignorou. Continuou sentado ali, olhando para a parede, até que ficou muito tarde. Procurou entre as pílulas diferentes, pegou uma, examinou-a e tornou a largar no vidro. Encostou-se numa cadeira e fechou os olhos. As quatro horas da madrugada adormeceu no chão do porão. Web ainda não se dera o trabalho de lavar o rosto.

14

SETE HORAS DA MANHÃ. WEB SOUBE PORQUE O RELÓGIO NO console da lareira estava badalando quando se ergueu, meio tonto, do piso do porão. Massageou as costas e a nuca. Ao sentar, o pé bateu numa das garrafas de vinho, que caiu e quebrou parcialmente. O Chianti se esparramou pelo chão. Ele jogou a garrafa fora e limpou a sujeira. O vinho lhe manchou as mãos de vermelho e, por um momento atordoado, a mente lerda o informou que levara um tiro enquanto dormia.

Um barulho numa janela dos fundos fez com que subisse correndo a escada e pegasse a pistola. Web passou pela porta da frente com a intenção de dar a volta e surpreender quem estivesse lá atrás. Talvez fosse apenas um cachorro ou um esquilo, mas Web achava que não. Pés humanos tomando todo o cuidado para não fazer barulho tinham um som característico, se você soubesse como escutar... e Web sabia.

Quando ele abriu a porta, o avanço de pessoas em sua direção quase o fez levantar a arma e disparar. Os repórteres acenavam com microfones, canetas e folhas de papel. Gritavam perguntas tão depressa que, cumulativamente, pareciam estar falando mandarim. Pediam-lhe que olhasse para um lado e outro, a fim de poderem tirar uma foto, filmá-lo, como se fosse alguma celebridade ou, talvez mais apropriado, um animal no zoológico. Web olhou além deles para a rua, onde as naves da mídia, com seus mastros eletrônicos, estavam agora atracadas. Os dois agentes do FBI designados para vigiar sua casa pareciam tentar conter a multidão, mas era evidente que estavam perdendo a batalha.

— O que vocês querem? — berrou Web.

Uma mulher num terninho bege de linho, os cabelos louros impecáveis, adiantou-se e plantou os pés em saltos altos no alpendre, a poucos centímetros de Web. Seu perfume forte provocou náuseas no estômago vazio de Web.

— É verdade que está alegando que caiu antes do resto de sua equipe ser morta, mas não pode explicar por quê? E foi por isso que sobreviveu?

A mulher alteou as sobrancelhas, indicando o que exatamente pensava dessa história absurda.

— Eu...

Outro repórter estendeu seu microfone, quase tocando na boca de Web.

— Há informações de que você não chegou a disparar sua arma, que os tiros cessaram por algum motivo. Dizem que não correu qualquer perigo. O que pode dizer a respeito?

As perguntas continuavam, enquanto os corpos se comprimiam mais próximos.

— É verdade que foi suspenso quando trabalhava no escritório regional de Washington por um tiroteio em violação das normas, resultando no ferimento de um suspeito?

— Mas o que isso...

Web não pôde continuar. Outra mulher investiu pelo flanco.

— Tenho uma informação de boa fonte de que o garoto que você supostamente salvou no tiroteio era, na verdade, um cúmplice de tudo que aconteceu.

Web lhe lançou um olhar aturdido.

— Um cúmplice do quê? De quem?

A mulher o fitou com um olhar penetrante.

— Eu esperava que pudesse me responder.

Web bateu a porta. Correu até a cozinha, pegou as chaves do Suburban e tornou a sair. Abriu caminho pela aglomeração, olhando para os dois agentes com um pedido de ajuda. Eles se adiantaram, puxaram e empurraram algumas pessoas, mas Web teve a nítida impressão que de não havia muito empenho... e os dois evitaram o contato visual. Então é assim que vai ser, pensou Web.

A multidão arremeteu subitamente, barrando a passagem para o veículo.

— Saiam da minha frente! — berrou Web.

Ele olhou ao redor. Todos os vizinhos observavam a cena. Homens, mulheres e crianças que eram seus amigos, ou pelo menos conhecidos, contemplavam o espetáculo com olhos arregalados e bocas escancaradas.

— Vai responder às acusações da Sra. Patterson?

Web parou e olhou para o repórter que fizera a pergunta. Era o mesmo que o abordara no serviço memorial.

— Vai? — insistiu o homem, com expressão sombria.

— Eu não sabia que Julie Patterson tinha autoridade para fazer acusações — declarou Web.

— Ela deixou bem claro que o senhor agiu com covardia, ou estava de alguma forma envolvido. Que foi subornado.

— Ela não sabia o que estava dizendo. Ela acabou de perder o marido e

o filho que esperava.

— Então está dizendo que as acusações são falsas? — insistiu o homem, empurrando o microfone para mais perto ainda.

Alguém empurrou o repórter pelas costas. Seu braço foi projetado para a frente, e o microfone atingiu Web na boca, arrancando sangue. Antes que tivesse tempo para pensar, Web desferiu um soco. O homem caiu, com a mão no nariz. Mas não pareceu nem um pouco transtornado pela agressão. Em vez disso, gritou para seu câmera: — Pegou isso? Pegou isso?

Todos tornaram a se adiantar. Web, no meio do círculo, foi empurrado de um lado para outro pelo puro peso da multidão. Os flashes espoucavam em seu rosto, deixando-o ofuscado. Enormes aparelhos de vídeo zumbiam sem parar, enquanto dezenas de vozes gritavam ao mesmo tempo. Pressionado por todos os lados, Web tropeçou num cabo e caiu. A multidão apertou o cerco, mas ele conseguiu se levantar. A situação já escapara por completo ao controle. Web sentiu um punho ossudo atingi-lo nas costas. Ao se virar, reconheceu o atacante como um homem que morava na mesma rua, que nunca dera a menor importância a Web como vizinho ou ser humano. Antes que Web pudesse reagir, o homem saiu correndo. Quando tornou a olhar ao redor, Web compreendeu que a multidão não era mais formada apenas por repórteres ansiosos por um Prêmio Pulitzer. Aquilo era uma turba quase incontrolável.

— Saiam da minha frente! — Web virou-se para os dois agentes. — Vocês vão ou não ajudar?

— Alguém chame a polícia! — gritou a loura perfumada, apontando para Web. — Ele acaba de agredir aquele pobre coitado. Todo mundo viu.

Ela se abaixou para ajudar o repórter caído enquanto várias pessoas pegavam seus celulares.

Era um nível de caos que Web jamais experimentara, e ele já vira mais tumultos do que a maioria das pessoas. Não pôde mais aguentar. Sacou sua pistola. Os agentes do FBI mostraram-se subitamente interessados mais uma vez. Web apontou a pistola para o alto e disparou quatro tiros. Por todos os lados, a multidão bateu em retirada. Alguns se jogaram no chão, gritando, suplicando que ele não os matasse, que estavam apenas fazendo seu trabalho, por mais miserável que pudesse ser. A loura perfumada deixou seu querido amigo repórter cair de novo no jardim lamacento, virou-se e correu para se salvar. Os saltos altos afundaram no gramado mole, e ela tirou os sapatos. Sua bunda carnuda era um grande alvo se Web estivesse

disposto. O repórter com o nariz ensanguentado rastejava de barriga pelo chão, gritando: — Está pegando isso, Seymour? Que merda! Responda logo! Está pegando isso?

Os vizinhos recolheram os filhos e correram para suas casas. Web guardou a pistola e se encaminhou para o Suburban. Quando os agentes federais se aproximaram, ele se limitou a dizer: — Nem pensem nisso.

Ele embarcou no utilitário e ligou o motor. Baixou a janela e disse para os dois homens, antes de partir: — Obrigado pela ajuda.

15

VOCÊ FICOU LOUCO? — BUCK WINTERS OLHAVA PARA WEB, parado na porta da pequena sala de reunião do escritório regional de Washington, com Percy Bates ao seu lado. — Como pôde sacar e disparar a arma na frente de um bando de repórteres, e tudo sendo filmado ainda por cima? Perdeu o juízo?

— Talvez — respondeu Web. — Quero saber quem vazou a informação para Julie Patterson. Pensei que a investigação sobre a Equipe Charlie fosse confidencial. Como ela soube o que eu disse aos investigadores?

Winters fitou Bates com expressão de repulsa.

— Você era o mentor desse camarada, Bates. Como pôde fazer tudo errado?

Ele fez uma pausa, tornando a olhar para Web, antes de continuar: — Há muitas pessoas cuidando do caso. Não banque a virgem surpresa por alguma coisa ter vazado, ainda mais para uma mulher que quer saber o que aconteceu com seu marido. Você perdeu a cabeça, Web, armou a maior confusão... e não foi a primeira vez.

— Saí de minha casa e fui atacado. Meu próprio pessoal não levantou um dedo para ajudar. As pessoas me esmurravam, gritavam acusações na minha cara. Fiz o que qualquer um teria feito na mesma situação.

— Mostre o que ele fez, Bates.

Em silêncio, Bates foi até um aparelho de TV no canto. Pegou o controle remoto e apertou alguns botões.

— Com os cumprimentos do departamento de mídia — acrescentou Winters.

A fita começou a correr. Web viu o interior da igreja durante o serviço memorial. Em termos mais específicos, viu Julie Patterson esfregando a barriga sem criança, gritando com ele, cuspindo em seu rosto, esbofeteando-o com toda a força. E ele apenas parado ali, aceitando tudo em silêncio. Sua declaração sobre ter feito tudo o que podia estava misteriosamente ausente, ou no mínimo não podia ser ouvida. Na fita, tudo o que ele dizia para Julie era "sinto muito". Dava a impressão de que fora o próprio Web quem puxara o gatilho contra Lou Patterson.

— E essa não é a melhor parte — disse Winters, que se levantou e tirou

o controle remoto da mão de Bates.

Ele acionou o aparelho e Web assistiu à cena diante de sua casa se desenrolar na TV. Fora editada com a maior habilidade, de maneira a fazer desaparecer o clima de turba fora de controle, de toda e qualquer ameaça. Os repórteres individuais eram apresentados como sendo decididos — até mesmo insistentes —, mas gentis e profissionais sob todos os aspectos. O que fora agredido por Web parecia especialmente heroico, sem sequer se dar ao trabalho de esconder o nariz ensanguentado, mas fazendo o seu trabalho de introduzir o espectador na loucura que estava prestes a ver. E depois Web apareceu, como um animal raivoso. Gritava e se debatia. Sacou a arma. A velocidade da cena, quase em câmera lenta, dava a impressão de que era um movimento deliberado e controlado, não de um homem lutando pela vida. Havia ainda momentos cinematográficos assustadores, de vizinhos correndo com seus filhos, escapando do demônio enlouquecido. E, depois, Web aparecia sozinho, frio, determinado, guardando a arma e se afastando calmamente do caos que ele causara.

Web nunca vira nada tão bem engendrado fora de um filme de Hollywood. Ele parecia sádico, a encarnação do mal, o homem com a cara de Frankenstein. A câmera dera vários closes na pele avariada, mas sem qualquer referência à maneira como ele adquirira as lesões. Web balançou a cabeça, olhou para Winters e disse: — Não foi assim que aconteceu. Não sou Charles Manson.

Winters se mostrou ainda mais irritado.

— Quem se importa se é verdade ou não? A percepção é tudo. Agora, as cenas estão sendo mostradas em todos os canais de TV da cidade. E também em rede nacional. Meus parabéns. Você virou uma grande notícia no país inteiro. O diretor voltou de uma reunião de alto nível em Denver quando foi informado do incidente. Sua batata está assando, London... e no fogo bem alto.

Web arriou numa cadeira, sem dizer nada. Bates sentou à sua frente e bateu com uma caneta na mesa.

Winters permaneceu de pé, as mãos cruzadas nas costas. Para Web, parecia que o homem estava adorando a situação.

— Você sabe muito bem que o procedimento padrão do FBI num caso como esse é não fazer nada. Já adotamos antes a tática de enfiar a cabeça na areia como o avestruz. As vezes funciona, às vezes não, mas os escalões superiores gostam da tática passiva. Quanto menos se disser, melhor.

— Eles que se danem. Não estou pedindo ao FBI para fazer porra nenhuma por mim, Buck.

Bates interveio na conversa: — Não vamos ficar de braços cruzados, Web. Não desta vez. — Bates foi enumerando os pontos nos dedos. — Primeiro, a turma de relações com a mídia também está preparando seu filme. O mundo pensa neste momento que você é uma espécie de psicótico. Todos descobrirão que é um dos nossos agentes mais condecorados. E distribuiremos matérias para a imprensa detalhando tudo o que você já fez. Segundo, embora Buck esteja com vontade de estrangulá-lo neste momento, dará uma entrevista coletiva amanhã, ao meio-dia, a ser transmitida pela televisão, para declarar expressamente que você é um agente excepcional e mostrar o nosso filme em toda a sua glória. E divulgaremos alguns detalhes do que aconteceu na viela para demonstrar que você não se virou e fugiu, mas conseguiu sozinho destruir um poder de fogo que daria para exterminar todo um batalhão do exército.

— Não pode fazer isso enquanto a investigação ainda estiver em andamento — protestou Web. — Pode queimar algumas pistas.

— Estamos dispostos a correr o risco.

Web olhou para Winters.

— Não me importo nem um pouco com o que essas pessoas dizem a meu respeito. Sei o que fiz. E o que eu não quero é fazer qualquer coisa que prejudique a descoberta das pessoas que exterminaram minha equipe.

Winters se inclinou para Web, os rostos separados por poucos centímetros.

— Se dependesse de mim, você já estaria perdido. Mas para alguns no FBI você é uma espécie de herói, e por isso tomaram a decisão de defendê-lo. Claro que argumentei em contrário, porque isso não nos ajuda em nada. Serve apenas para melhorar sua imagem. — Ele olhou para Bates. — Mas seu amigo aqui ganhou a batalha.

Web olhou para Bates, surpreso. Winters continuou: — Mas não a guerra. E não tenho o menor interesse em transformá-lo num mártir. — Winters olhou para o rosto avariado de Web. — Um mártir desfigurado. Agora, Bates vai conduzi-lo por todo o espetáculo do FBI, para limpar sua cagada. Mas não ficarei para assistir, porque me deixaria nauseado. Mas quero que preste atenção ao que vou dizer, London. Muita atenção. Você está pendurado por um fio neste momento, e eu adoraria cortar esse fio. Ficarei observando-o de perto, tão de perto que poderei até contar suas

respirações. E quando você fizer outra cagada, o que é inevitável, o martelo vai bater e você estará liquidado para sempre. Quando isso acontecer, para celebrar fumarei o maior charuto que puder encontrar. Fui bem claro?

— Foi sim... muito mais claro agora do que as ordens que deu em Waco.

Winters se empertigou. Os dois se fitaram por um longo momento, até que Web acrescentou: — Sempre me perguntei, Buck, por que você foi o único na cadeia de comando... desculpe, a cadeia de caos... que não teve a carreira arruinada por aquela cagada. Sentado por horas a fio quando era atirador de tocaia, algumas vezes cheguei a pensar que trabalhava para os Branch Davidians, a seita dos fanáticos de Waco, por causa de todas as decisões estúpidas que você tomou.

Bates interveio bruscamente: — Cale a porra dessa boca, Web! — Ele olhou para Winters, ansioso. — Eu assumo daqui por diante, Buck.

Winters fitou Web por mais alguns segundos, antes de se encaminhar para a porta. Mas parou ali e olhou para trás.

— Se dependesse da minha vontade, não haveria nenhuma ERR... e ainda darei um jeito para que minha posição prevaleça. E adivinhe quem será o primeiro filho-da-puta a cair? É o que você deve esperar da cadeia de comando!

Winters saiu e fechou a porta. Web deixou escapar um suspiro do ar que nem sabia que estava prendendo. No instante seguinte, Bates caiu em cima dele.

— Arrisco meu pescoço por você cobrando todos os favores que me deviam aqui. Mas na primeira oportunidade você quase estraga tudo sacaneando Winters daquele jeito. E mesmo um idiota tão grande quanto parece?

— Devo ser — respondeu Web, em tom de desafio. — Mas não pedi nada. A imprensa pode acabar comigo, mas nada, absolutamente nada, vai prejudicar a investigação.

— Você ainda vai me causar um infarto. — Bates finalmente acalmou-se. — Muito bem, aqui estão suas ordens. Vai permanecer afastado por algum tempo. Não volte para casa. Pegue um carro em nossa garagem. Siga para algum lugar distante e permaneça por lá. Pagaremos todas as contas. A comunicação será através de seu celular seguro. Faça contato em intervalos regulares. Por pior que seja sua imagem na televisão neste momento, vai melhorar depois que contarmos nossa história. E se eu descobrir que chegou perto de Buck Winters, em qualquer momento dos próximos trinta anos,

vou fuzilá-lo pessoalmente. Agora, caia fora!

Bates foi até a porta, mas Web permaneceu sentado.

— Por que está fazendo tudo isso, Perce? Corre um risco enorme ao me defender.

Bates estudou o chão por um momento, antes de responder: — Vai parecer sentimental, e talvez seja mesmo, mas de qualquer maneira é a verdade. Faço isso porque o Web London que conheço arriscou a vida por este serviço mais vezes do que consigo lembrar. Porque o vi num leito de hospital durante três meses, sem saber se ia se recuperar. Você poderia ter se aposentado, com remuneração integral, saindo por cima. E passaria o resto da vida pescando ou fazendo qualquer outra coisa que os agentes aposentados do FBI costumam fazer. Mas voltou ao serviço ativo, tornou a se expor na linha de fogo. Não conheço muitos homens que seriam capazes de fazer isso.

Bates fez uma pausa, respirando fundo.

— E porque sei o que você fez naquela viela, mesmo que o resto do mundo não saiba. Mas todos vão descobrir, Web. Não restam muitos heróis hoje em dia. Mas você é um deles. Isso é tudo o que direi a respeito. E nunca mais me pergunte, mas nunca mesmo.

O homem se retirou, deixando Web a refletir sobre o outro lado de Percy Bates. Já era quase meia-noite e Web estava outra vez em ação. Pulava cercas e muros, esgueirava-se pelo quintal dos vizinhos. O objetivo naquela noite era simples, embora absurdo. Tinha de entrar furtivamente em sua própria casa, por uma janela nos fundos, porque a mídia continuava lá na frente, pronta para abordá-lo. E afundá-lo no instante seguinte. Dois agentes uniformizados do FBI estavam ali, contando com o apoio de uma radiopatrulha da polícia estadual da Virgínia, as luzes azuis no teto iluminando a escuridão. Web torcia para que não houvesse uma turba, não houvesse mais distúrbios. E não haveria, se ninguém o visse entrando às escondidas pela janela do banheiro de sua própria casa.

Em silêncio, no escuro, ele arrumou algumas roupas numa mochila grande de lona, acrescentou munição extra e mais alguns equipamentos que achava que poderiam ser úteis. Saiu como entrara, pela janela do banheiro. Pulou a cerca para o quintal do vizinho. Parou ali. Abriu a mochila e tirou um visor de luz ambiente, operado por bateria, que fazia com que a escuridão parecesse tão clara quanto o dia, embora em tonalidades esverdeadas. Usou-o para estudar o exército acampado diante de sua casa.

Focalizou a lente de aumento para ter uma visão melhor. Aquelas pessoas pareciam ter um único propósito na vida naquele momento: o de descobrir qualquer possível sujeira e que se danasse a verdade. Isso fez Web chegar à conclusão de que qualquer possibilidade de vingança, por menor que fosse, deveria ser aproveitada sempre que surgisse oportunidade. E naquele momento ele podia se desforrar daquela gente, com uma dose generosa. Pegou uma pistola de foguetes luminosos, carregou um cartucho, mirou para um ponto diretamente por cima dos repórteres e disparou. O foguete subiu, explodiu e iluminou o céu num tom amarelo brilhante. Web observou pelo visor quando o bando de cidadãos exemplares levantou os olhos, apavorados. Depois, todos correram, gritando de medo. Não restava a menor dúvida de que eram as pequenas coisas que tornavam a vida tão doce: longas caminhadas, chuvaradas, filhotes de cachorros, deixar encagaçados um bando de repórteres hipócritas.

Ele correu de volta para o Crown Vic que Bates lhe arrumara e foi embora. Passou a noite num motel ordinário perto da Rota 1, ao sul de Alexandria. Ali, podia pagar em dinheiro, ninguém o incomodaria, e o único serviço de quarto era o saco do McDonald's que você levava, ou o refrigerante e pacote de salgadinhos que comprava na máquina automática, acorrentada a uma coluna coberta de grafites, junto de seu quarto. Ele ficou assistindo à televisão enquanto comia o cheeseburger e as batatas fritas. Depois, tirou da mochila o vidro de pílulas e tomou duas. Mergulhou num sono profundo e excepcionalmente não foi despertado por pesadelos.

16

NO INÍCIO DE CERTA MANHÃ DE SÁBADO, SCOTT WINGO conduziu sua cadeira de rodas pela rampa e abriu a porta do prédio de alvenaria de quatro andares, construído no século XIX, onde ficava seu escritório de advocacia. Divorciado, com filhos crescidos, Wingo tinha um próspero escritório de advocacia criminal em Richmond, a cidade em que nascera e onde permanecera durante toda a vida. O sábado era o dia em que podia usar o escritório sem ser perturbado por telefones tocando, teclados fazendo barulho, colegas apressados e clientes exigentes. Deixava essas amenidades para os dias de semana. Ele entrou, fez um bule de café, temperado com seu bourbon predileto, Gentleman Jim, e foi para sua sala. Scott Wingo & Associates, Advogados, era uma instituição de Richmond há quase trinta anos. Durante esse período, Wingo passara de um escritório do tamanho de um closet, em que era o único participante, basicamente defendendo qualquer um com dinheiro suficiente para lhe pagar, até diretor de uma firma com seis advogados, um investigador particular em tempo integral e uma equipe de apoio de oito pessoas. Como único acionista da firma, Wingo tinha rendimentos de até sete dígitos num bom ano, nunca baixando da metade da casa de seis dígitos nos anos ruins. Seus clientes também haviam se tornado mais prósperos. Wingo resistira durante anos a aceitar os traficantes de drogas como clientes. Mas o enorme fluxo de dinheiro era inegável e ele se cansara de ver advogados de qualidade inferior ficando com esse dinheiro. Confortava-se com o pensamento de que qualquer pessoa, independentemente do ato hediondo que cometera, merecia uma defesa competente e até mesmo inspirada.

Wingo era consideravelmente competente como advogado num tribunal. Sua presença diante de um júri não diminuíra nem um pouco pelo confinamento a uma cadeira de rodas, há cerca de dois anos, por causa da diabetes avançada, agravada por problemas nos rins e no fígado. Sob alguns aspectos, ele achava que sua capacidade de influenciar um júri fora aumentada pelas dificuldades físicas. Muitos advogados do estado invejavam a sucessão de vitórias de Wingo. Era também detestado pelos que consideravam que ele não passava de um meio para que criminosos ricos evitassem as consequências merecidas por seus atos infames. O próprio Wingo, é claro, não pensava assim. Mas há muito desistira de tentar

ganhar esse debate, porque era uma das poucas questões que, na sua opinião, não valia a pena discutir.

Ele morava numa casa luxuosa em Windsor Farms, bairro próspero e cobiçado de Richmond; guiava um sedã Jaguar adaptado à sua deficiência; fazia viagens na primeira classe ao exterior quando queria; era bom com os filhos e generoso com a ex — esposa, com quem mantinha relacionamento cordial. Mas, acima de tudo, ele trabalhava. Aos 59 anos, Wingo sobrevivera a muitas predições sobre sua morte prematura. Em geral, essas predições derivavam de seus problemas de saúde, ou por causa de ameaças de clientes descontentes, ainda mais das pessoas do outro lado de um crime, convencidas de que não se fizera justiça em grande parte por Wingo se destacar no que fazia melhor, que era incutir uma dúvida razoável na mente dos doze jurados. Contudo, ele sabia que seu tempo estava se esgotando. Podia sentir nos órgãos cansados, nos problemas de circulação, a fadiga geral. Calculava que trabalharia até morrer, e não seria uma forma ruim de partir.

Ele tomou um gole do café misturado com Gentleman Jim. Pegou o telefone. Gostava de trabalhar pelo telefone, mesmo nos fins de semana, ainda mais quando ligava de volta para pessoas com quem não queria falar. Era raro encontrá-las na manhã de sábado, e ele deixava recado, dizendo que lamentava não ter conseguido falar. Fez dez ligações assim e sentiu que estava sendo muito produtivo. A boca já começava a ficar ressequida, provavelmente de tanto falar. Por isso, tomou outro gole do café com uísque. Concentrou-se numa petição que estava preparando. Se fosse deferida, suprimiria provas contra uma quadrilha de arrombadores que ele defendia. A maioria das pessoas não compreendia que os julgamentos eram muitas vezes ganhos antes mesmo de se entrar na sala do tribunal. Nesse caso, o deferimento da petição significaria que não haveria julgamento, pois a promotoria não teria qualquer base para continuar.

Depois de várias horas de trabalho e mais telefonemas, ele tirou os óculos e esfregou os olhos. A diabetes vinha causando a maior devastação em quase todo o seu corpo, e ele descobrira na semana anterior que também tinha glaucoma. Talvez o Senhor estivesse castigando-o pelo trabalho que fazia neste mundo.

Wingo teve a impressão de ouvir uma porta sendo aberta em algum lugar. Calculou que um de seus advogados muito bem pagos decidira fazer algum trabalho no fim de semana. Os jovens hoje em dia não tinham a

mesma ética de trabalho da geração de Wingo, embora ganhassem quantias absurdas. Quando ele não trabalhara nos fins de semana durante os primeiros 15 anos do exercício da advocacia? Os garotos de hoje resmungavam se tinham de trabalhar além das seis da tarde. Ah, seus olhos o estavam matando! Ele terminou de tomar o café, mas a sede voltou com a mesma intensidade. Abriu uma gaveta da mesa e bebeu da garrafa com água que guardava ali. Agora, sentia a cabeça latejando. E as costas doendo. Encostou um dedo no pulso e contou. O coração também estava fora de controle. Mas isso acontecia quase todos os dias. Já tomara sua insulina e não precisaria de outra dose por algum tempo. Ainda assim, pensou na conveniência de antecipar o horário. Talvez a taxa de açúcar no sangue tivesse despencado por algum motivo. Estava sempre ajustando a insulina, porque não conseguia determinar a dosagem certa. O médico já lhe dissera que deveria parar de beber, mas isso não aconteceria, Wingo sabia. Para ele, o bourbon era uma necessidade, não um luxo. Teve certeza dessa vez de ouvir a porta.

— Olá? — gritou ele. — É você, Missy?

Missy, pensou Wingo. Missy era sua cadela, que morrera há dez anos. De onde tirara essa ideia? Ele tentou se concentrar na petição, mas a visão se tornara tão turva e o corpo tinha tantas reações esquisitas que começou a se sentir apavorado. Talvez estivesse sofrendo um infarto, embora não sentisse qualquer dor no peito, nem dormência e palpitação no braço e ombro esquerdos.

Olhou para o relógio, mas não conseguiu determinar a hora. Precisava fazer alguma coisa.

— Alô? — gritou Wingo de novo. — Preciso de ajuda!

Ele teve a impressão de ouvir passos se aproximando, mas ninguém apareceu. Mas que desgraçado!

— Filho-da-puta!

Wingo pegou o telefone e conseguiu guiar a mão para o nove, e depois duas vezes para o um. Esperou, mas ninguém atendeu no outro lado. Era o destino dos seus dólares de contribuinte. Você discava para 911, emergência, e não havia ninguém para atender.

— Preciso de ajuda! — gritou ele ao telefone.

Só então notou que não havia qualquer som no fone. Desligou e tornou a levantar o fone. O aparelho estava mudo. Oh, merda! Ele bateu com o telefone, errou a posição e jogou-o no chão. Puxou o colarinho da camisa,

pois tinha alguma dificuldade para respirar. Há algum tempo vinha pensando em comprar um celular, mas sempre adiava.

— Tem alguém por aí?

Agora ele pôde ouvir os passos com toda a nitidez. A respiração era quase impossível, como se houvesse alguma coisa lhe espremendo a garganta. O suor escorria pelo corpo. Olhou para a porta. Através da visão enevoada, viu a porta sendo aberta. A pessoa entrou na sala.

— Mamãe? — Não podia ser sua mãe, pois em novembro faria vinte anos que ela morrera. — Preciso de ajuda, mamãe. Não estou me sentindo bem.

Só que não havia ninguém ali, é claro. Wingo estava apenas sofrendo alucinações.

Ele escorregou para o chão, porque não conseguia mais se manter na cadeira. Rastejou pelo chão, ofegante, quase sem conseguir respirar.

— Mamãe... — balbuciou ele, a voz rouca, para a figura na alucinação. — Tem de ajudar seu filho que não está nada bem.

Wingo se arrastou ao encontro da mãe, só que ela desapareceu no momento em que mais precisava. Ele encostou a cabeça no chão. Fechou os olhos lentamente. E balbuciou pela última vez:

— Tem alguém aí? Preciso de ajuda.

17

FRANCIS WESTBROOK SE SENTIA FRUSTRADO, SUAS operações prejudicadas. Os lugares que costumava frequentar, os pontos de venda em que conduzia seus negócios, não estavam mais disponíveis. Os federais, ele sabia, estavam à sua procura, e quem armara tudo aquilo também tentava arrancar seu couro, sem a menor sombra de dúvida. Westbrook não podia presumir qualquer outra coisa. Em sua linha de trabalho, a paranoia extrema era de fato a única coisa que o mantinha vivo. Por isso, ele se escondia, pelo menos durante a hora seguinte, num armazém frigorífico em Southeast Washington. A dez minutos de carro do lugar em que estava sentado com o rabo congelando, ficavam o Capitólio e outros grandes monumentos nacionais. Westbrook vivera toda a vida em Washington e nunca visitara um único monumento. Aqueles edifícios magníficos, glórias de uma grande nação, não significavam absolutamente nada para ele. Não se considerava um americano, um washingtoniano, ou um cidadão de qualquer coisa. Era apenas outro irmão tentando sobreviver. Seu objetivo, aos dez anos de idade, era viver até 15 anos. Depois, seu objetivo passou a ser o de alcançar os vinte anos antes de ser morto. Depois, o de chegar a 25 anos. Ao completar trinta anos, dois anos antes, oferecera uma festa à altura de uma pessoa que alcançava o estágio de octogenário, porque essa era a realidade do seu mundo. Tudo era relativo, talvez mais ainda aos olhos de Francis Westbrook do que de outras pessoas.

O que ocupava grande parte do seu pensamento agora era a maneira como fizera a maior cagada com Kevin. Seu desejo de deixar que o menino levasse uma vida mais ou menos normal levara-o a ser descuidado com a segurança de Kevin. Houve um tempo em que Kevin passava todo o tempo com ele. Mas depois irrompera uma violenta batalha, Kevin levara um tiro no rosto e quase morrera. Francis nem mesmo pudera levá-lo ao hospital, porque provavelmente seria preso. Depois disso, deixara Kevin viver com uma quase-família, uma velha e seu neto. Mantinha-se atento a Kevin e visitava-o sempre que podia, mas deixava o menino ter sua liberdade, porque toda criança precisava disso.

E a verdade era que Kevin não iria crescer como Francis. Teria uma vida real, longe das armas e drogas, longe do caminho mais rápido para a mesa de autópsia com uma etiqueta pendurada no dedão do pé. Na

convivência com Francis, testemunhando uma vida assim, qualquer jovem se sentiria tentado a experimentar também esse lado "excitante" da vida. E depois que você o fazia, ficava preso pelo resto dos seus dias, porque aquele poço de aparência tão atraente e inocente era de areia movediça, com muitas cobras venenosas, todas alegando que eram suas amigas, até o momento em que alguma cravava as presas no seu pescoço. Só que isso não aconteceria com Kevin. Fora o compromisso que Francis assumira quando Kevin nascera. Mas talvez já fosse tarde demais. E seria muito irônico se Kevin não sobrevivesse a ele.

Apesar de comandar uma das mais lucrativas operações de drogas na área metropolitana de Washington, Westbrook nunca fora preso por qualquer coisa, nem mesmo por uma contravenção, embora já estivesse no "negócio" há 23 anos. Começara muito cedo e nunca olhara para trás, porque não havia nada para ver. Orgulhava-se de sua ficha limpa, apesar da carreira criminosa. Nem tudo era sorte; na verdade, a maior parte era decorrente de seus planos de sobrevivência muito bem articulados, da maneira como fornecia informações para as pessoas certas quando era necessário; essas pessoas, por sua vez, deixavam que ele continuasse a cuidar de suas operações em paz. Esse era o segredo de tudo, não balançar o barco, não criar problemas nas ruas, não atirar em ninguém nem em nada, se for possível evitar. Não sacaneie os federais, porque eles dispõem do potencial humano e do dinheiro para transformar sua vida num inferno, e ninguém precisava dessa merda. Sua vida já era bastante complicada. E, no entanto, a vida não valia nada sem Kevin.

Ele olhou para Macy e Peebles, suas sombras gêmeas. Confiava neles tanto quanto confiava em qualquer um, o que não era muita coisa. Sempre andava com uma arma e tivera de usá-la mais de uma vez para salvar a pele. Só era preciso aprender essa lição uma vez. Ele olhou para a porta pela qual Toona acabara de entrar.

— Tem uma notícia para mim, não é mesmo, Toona? Uma boa notícia sobre Kevin.

— Nada ainda, chefe.

— Pois então volte para a rua e continue a procurar.

Com expressão amargurada, Toona retirou-se no mesmo instante. Westbrook olhou para Peebles.

— Fale comigo, Twan.

Antoine "Twan" Peebles parecia desolado. Ajustou os óculos de leitura

de alto custo com todo o cuidado. A vista do homem era excelente, Westbrook sabia. Peebles apenas pensava que usar óculos ajudava-o a assumir o papel de um executivo, tentando ser o que nunca seria, um cidadão decente. Westbrook já aceitara a vida que levava há muito tempo. Na verdade, a opção fora feita por ele no momento em que nascera, no banco traseiro de um Cadillac em cima de blocos de concreto. A mãe fungava coca no instante mesmo em que Francis escorregava por suas pernas, para os braços de seu homem no momento, que pusera a criança de lado, cortara o cordão umbilical com uma faca suja e obrigara a nova mãe a fazer sexo oral nele. A mãe lhe contara tudo isso mais tarde, em detalhes, como se fosse a história mais engraçada do mundo.

— Não é uma boa notícia — avisou Peebles. — Nosso principal distribuidor disse que não sabe se pode continuar a fornecer o produto pra gente até que diminua a pressão sobre você. E nossos estoques estão muito baixos.

— Ora, isso não chega a ser problema.

Westbrook se recostou. Tinha de manter uma fachada forte diante de Peebles, de Macy e do resto do pessoal, mas a verdade é que era mesmo um problema. Como qualquer revendedor, Westbrook tinha obrigações com os clientes. Se não pudessem obter com ele o que precisavam, tratariam de procurar com outro. Seu tempo de sobrevivência não seria longo. E depois que se desapontavam os clientes, eles quase nunca voltavam a fazer negócios com você.

— Cuido disso mais tarde. O que descobriu sobre o tal de Web London?

Peebles abriu uma pasta de arquivo que tirara de uma maleta de couro e ajustou os óculos de leitura mais uma vez. Com seu lenço com monograma, Peebles limpara com todo o cuidado o lugar em que sentava, deixando claro que realizar uma reunião num armazém frigorífico estava abaixo de sua dignidade. Peebles gostava de rolos de notas nos bolsos, boas roupas e bons restaurantes, lindas mulheres fazendo o que queria com ele ou para ele. Ingressara no ramo quando as operações com drogas eram muito menos violentas, dirigidas de maneira ordenada, com contadores e computadores, fichas de clientes, lavagem de dinheiro sujo, carteiras de investimentos e até casa de veraneio para onde se viajava de jato particular.

Dez anos mais velho do que Peebles, Westbrook crescera nas ruas. Vendera crack por centavos a pedra, dormira em buracos, passara fome muitas vezes, esquivara-se de tiros e atirara em outros sempre que

precisava. Peebles era bom no que fazia; providenciava para que a operação de Westbrook transcorresse sem problemas, que o produto chegasse quando deveria e saísse para as pessoas a que se destinava. E também garantia que as contas recebíveis — Westbrook tivera um acesso de riso quando Peebles usara esse termo pela primeira vez — fossem pagas com pontualidade. O dinheiro passava por uma lavagem eficiente, exceto o fluxo de caixa investido de forma prudente, as inovações na indústria incorporadas, as mais novas tecnologias utilizadas, tudo sob o olhar vigilante de Antoine Peebles. Ainda assim, Westbrook não era capaz de respeitá-lo.

Mas quando surgiam questões pessoais, o que significava basicamente que alguém tentava sacaneá-los, Antoine Peebles sempre ficava de fora. Não tinha estômago para essa parte da operação. Era o momento em que Westbrook assumia o controle e cuidava de tudo. E era o momento em que Clyde Macy fazia jus a todos os dólares que ganhava.

Westbrook olhou para seu garotinho branco. Achara que era uma piada quando Macy o procurara para pedir um emprego.

— Está no lado errado da cidade, garoto — dissera a Macy. — A cidade dos brancos é lá no Northwest. Leve seu rabo branco para o lugar a que pertence.

Westbrook pensara que seria o fim de qualquer conversa, até que Macy liquidara dois caras que tentavam interferir em seus negócios. Na ocasião, Macy explicara que era um serviço gratuito prestado para demonstrar seu valor. E o pequeno skinhead nunca falhara com seu chefe. Quem poderia imaginar que o enorme negro Francis Westbrook poderia se tornar um empregador de oportunidades iguais?

— Web London está no FBI há mais de 13 anos. — Peebles parou, tossiu, e assoou o nariz. — Trabalha na Resgate de Reféns faz uns oito anos. É muito respeitado. Tem inúmeros elogios em sua ficha. Foi gravemente ferido e quase morreu durante uma missão. Coisa de milicianos.

— Milicianos? — repetiu Westbrook. — Ah, sim... os brancos armados que acham que foram sacaneados pelo governo. Deviam conhecer a situação dos negros para saberem como levam uma vida boa.

Peebles continuou: — Há uma investigação em andamento sobre o tiroteio no pátio.

— Diga alguma coisa que eu ainda não saiba, Twan, porque meu rabo está congelando e dá para perceber que o seu também.

— London está consultando um psiquiatra. Não é do FBI. Uma firma de

fora.

— Sabemos quem é?

— E um grupo que tem consultório em Tyson's Corner. Ainda não sei qual dos psiquiatras está tratando de London.

— Pois descubra logo. Ele vai falar para o psico coisas que não vai contar a mais ninguém. E talvez a gente possa conversar depois com o cara.

— Certo.

Peebles escreveu uma anotação.

— E sabe me dizer o que eles estavam procurando naquela noite, Twan? Não acha que isso pode ser importante?

Peebles se mostrou irritado ao ouvir isso.

— Eu já ia chegar a esse ponto.

Ele folheou mais alguns papéis enquanto Macy limpava a pistola, meticulosamente, removendo do cano partículas de poeira que só ele podia ver. Peebles encontrou o que procurava e olhou para o chefe.

— Não vai gostar disso.

— Há muita merda que não me agrada. Diga logo.

— A informação é de que estavam atrás de você. O prédio seria o local de todas as nossas operações financeiras. Contadores, computadores, arquivos, todo o esquema. — Peebles balançou a cabeça. Dava a impressão de que fora ofendido, como se sua honra pessoal fosse questionada. — Como se fôssemos bastante estúpidos para centralizar tudo. Mandaram a ERR porque queriam tirar de lá vivos os caras que cuidam do dinheiro para testemunhar contra você.

Westbrook ficou tão espantado com a informação que nem mesmo repreendeu Peebles por falar em "nossas" operações financeiras. Eram só de Westbrook, pura e simplesmente.

— E por que eles pensaram isso? Nunca sequer usamos aquele prédio. E eu jamais entrei ali.

Westbrook se lembrou de repente de uma coisa, mas decidiu guardá-la em segredo. Quando se queria negociar, era preciso ter um trunfo. Talvez ele tivesse esse trunfo. Um fato relacionado com aquele prédio. Quando estava começando a operar nas ruas, Westbrook conhecera o lugar muito bem. Era parte do projeto de conjuntos habitacionais construídos na década de 1950, com financiamentos federais, projetados para proporcionar às famílias pobres os subsídios de que precisavam para se recuperar. Vinte anos ou mais depois, tornara-se um dos piores centros de tráfico de drogas

da cidade, com assassinatos quase todas as noites. Os garotos brancos das comunidades de classe média assistiam à TV à noite enquanto Westbrook via assassinatos nos fundos de sua casa. Mas havia alguma coisa naquele prédio e em outros iguais que os federais talvez não soubessem. E a informação entrou em seu "arquivo para negociação". Ele começou a se sentir melhor, mas só um pouco.

Peebles ajeitou os óculos na extremidade do nariz enquanto fitava Westbrook.

— Estou presumindo que o FBI tinha um agente secreto nessa operação, e que esse agente informou o contrário.

— E quem é ele?

— Ainda não sabemos.

— Pois eu tenho de descobrir essa merda de qualquer maneira. Quero saber quem anda por aí dizendo mentiras a meu respeito.

Alguma coisa muito fria atingiu o peito de Westbrook subitamente, embora ele tentasse manter uma fachada decidida. Não mais se sentia tão bem. Se um agente do FBI descobrira o que ele julgara ser o centro de operações de Westbrook, isso significava que o FBI concentrara sua atenção nele. Por quê? Não tinha uma operação tão grande e não era o único traficante de seu nível na cidade. Muitos outros faziam coisas piores do que ele. Ninguém jamais tentara entrar em seu território. Há anos se mantinha discreto e sossegado, sem causar problemas para os outros.

— Quem avisou o FBI sabia que cordões puxar — disse Peebles. — Ninguém mobiliza a ERR se não tiver alguma coisa muito importante acontecendo. Atacaram aquele prédio porque achavam que estava cheio de provas que poderiam ser usadas contra você. Pelo menos é o que dizem nossas fontes.

— E o que encontraram ali, além das armas?

— Nada. O prédio estava vazio.

— Ou seja, o agente secreto deu uma informação falsa?

— Ou suas fontes armaram pra cima dele.

— Ou armaram para cima de mim, querendo me derrubar. O problema, Twan, é que os tiras não vão se importar com o que não encontraram ali. Vão continuar a pensar que eu estava por trás, porque aconteceu em meu território. Ou seja, quem armou a jogada não estava correndo qualquer risco. Manipularam o baralho contra mim desde o início. E eu não tinha a menor possibilidade de ganhar a parada. Estou certo, Twan, ou você pensa

diferente?

Westbrook observou Peebles atentamente. A linguagem corporal do homem mudara sutilmente. Westbrook, que tinha o instinto de observar essas coisas, um instinto que o salvara em diversas ocasiões, notou o detalhe sem a menor sombra de dúvida. E sabia por quê. Apesar da instrução universitária, de sua habilidade para administrar os negócios, Peebles não era tão rápido quanto Westbrook ao avaliar uma situação para chegar à conclusão certa. Seu instinto prático empalidecia em comparação com o instinto do chefe. E havia uma razão simples para isso: Westbrook passara anos sobrevivendo graças a esse instinto, ao mesmo tempo em que o desenvolvia com uma precisão cada vez maior. Peebles nunca fora obrigado a fazer isso.

— Provavelmente você está certo.

— Provavelmente...

Westbrook fitou o outro com expressão sombria, até que Peebles baixou os olhos para seus papéis.

— Portanto, como eu penso que é provável, não sabemos porra nenhuma sobre London, a não ser que ele está vendo um psico porque ficou paralisado na hora do ataque. Ele podia estar por dentro de tudo, mas tratou de fingir e disse que teve um problema na cabeça.

— Tenho certeza de que é isso — concordou Peebles.

Westbrook se recostou e sorriu.

— Não, não é, Twan. Eu só queria verificar se você podia finalmente demonstrar um pouco da malandragem da rua. Mas você não chegou lá. Nem de longe.

Peebles ficou surpreso.

— Mas você disse...

— Eu sei o que disse, Twan. Posso ouvir minha voz muito bem. — Ele se inclinou para a frente. — Tenho visto a TV e lido os jornais para saber o que dizem sobre esse Web London. O cara é mesmo um herói. Levou tiros e uma porrada de outras coisas.

— Também tenho acompanhado o noticiário — disse Peebles. — E não vi nada que me convencesse de que London não está na armação. Até a viúva de um dos seus próprios homens acha que ele é culpado. E viu o que aconteceu na frente da casa dele? O cara sacou a arma e disparou contra um bando de repórteres. Ele é louco.

— Não. Ele disparou para o ar. Se um homem assim quisesse matar

alguém, a pessoa não teria como escapar. É fácil perceber que o sujeito sabe tudo sobre armas.

Peebles não estava disposto a recuar.

— Acho que ele não entrou naquele pátio porque sabia que as armas estavam ali. Caiu no chão antes mesmo das armas começarem a disparar. Só podia saber.

— Acha que isso é certo, Twan? Ele tinha de saber?

Peebles confirmou com um aceno de cabeça.

— Você queria minha opinião. É essa.

— Pois deixe-me te informar mais um pouco. Alguma vez esteve num tiroteio?

Peebles olhou para Macy, depois de novo para Westbrook.

— Não. Graças a Deus.

— Deve mesmo dar graças por isso. Pois eu já estive. E você também, não é, Mace?

Macy acenou com a cabeça afirmativamente e largou a pistola para acompanhar a conversa.

— As pessoas não gostam de levar tiros, Twan. Não seria natural gostar de uma coisa como ter a cabeça estourada. Se London estava na armação, poderia ter feito uma porção de coisas para se manter a distância. Podia dar um tiro no próprio pé durante o treinamento, comer algum alimento estragado e ir para o hospital, bater de carro num muro e quebrar o braço, todas essas merdas, a fim de nem chegar perto do local da emboscada. Mas ele estava lá com o resto de sua equipe. De repente, não conseguiu seguir adiante e sua equipe foi liquidada. O que um homem vendido faz nesse momento, se é bastante estúpido para chegar perto do local? Vai continuar lá atrás, disparar alguns tiros para um lado e outro do pátio e depois procurar o psico, dizendo que sua cuca fundiu. Mas o que um homem culpado não faz mesmo é entrar naquele pátio e destruir as metralhadoras. Permanece lá atrás, seguro e confortável, para depois receber sua grana por trair todo mundo. Mas o cara entrou no pátio e fez uma coisa que nem mesmo eu teria colhão para fazer. — Westbrook fez uma pausa. — E ele também fez outra coisa pirada.

— O que foi?

Westbrook sacudiu a cabeça, pensando que Peebles tinha sorte por ser tão competente em sua parte da operação, porque era deficiente em todo o resto.

— A menos que o mundo inteiro esteja mentindo, aquele homem salvou Kevin. E não tem a menor possibilidade de alguém culpado se preocupar com uma merda assim.

Peebles se recostou, com a cara de um cachorro com o rabo entre as pernas.

— Mas se você tem razão e London não está envolvido, então ele também não sabe onde Kevin se encontra.

— Isso mesmo. Ele não sabe. Na verdade, eu também não sei de nada, exceto por algumas porras que não têm a menor importância, não é mesmo? — Ele olhava duro para Peebles enquanto falava. — E não estou mais perto de ter Kevin de volta do que estava há uma semana, não é mesmo? Sente-se feliz com isso, Twan? Porque eu não me sinto.

— O que vamos fazer? — perguntou Peebles.

— Ficamos de olho em London e descobrimos que psico ele está consultando. E esperamos. Os caras não levaram Kevin por nada. Eles virão procurar a gente e veremos então o que acontece. Mas posso lhe adiantar uma coisa: se eu descobrir que alguém me traiu e entregou Kevin, o cara pode fugir para o Pólo Sul que eu o encontro, e o dou de comida aos ursos polares, pedacinho a pedacinho. Se alguém acha que não sou de merda nenhuma, é melhor torcer para nunca descobrir se é verdade.

Apesar do frio na sala, uma gota de suor desceu da testa de Peebles enquanto Westbrook encerrava a reunião.

18

O AR ALI NÃO ERA FRESCO, OS CHEIROS ERAM ÀS VEZES quase insuportáveis, mas pelo menos era quente. Davam-lhe toda a comida que ele queria, e era gostosa. E tinha livros para ler, embora a luz não fosse boa. Mas pediam desculpas por isso. E haviam providenciado blocos de desenho e lápis de cera quando ele pedira. O que tornava a prisão um pouco mais fácil. Quando a situação de sua vida se tornava desesperadora, sempre podia recorrer aos desenhos para encontrar algum conforto. Apesar da gentileza de todos, no entanto, sempre que alguém entrava no quarto ele tinha certeza de que seria o momento de sua morte. Afinal, por que outro motivo o teriam levado àquele lugar se não para matá-lo?

Kevin Westbrook correu os olhos pela sala. Era muito maior do que o quarto que tinha em casa. Mas parecia sufocá-lo cada vez mais, como se estivesse encolhendo... ou ele estivesse se tornando cada vez maior. Sem ver o nascer e o pôr-do-sol, não era possível determinar a hora, como ele descobrira. Kevin nem se dava mais ao trabalho de perguntar. Tentara uma vez, gritando através da porta, mas o homem entrara no quarto e lhe dissera para não fazer isso. Falara em um tom muito gentil, numa voz que nada tinha de ameaçadora, apenas como se Kevin tivesse pisado num canteiro de flores muito apreciado. O menino sentira que o homem seria capaz de matá-lo se gritasse de novo. Os caras que tinham a fala mansa eram sempre os mais perigosos.

Havia um permanente estrépito de metal, sons estridentes e o barulho de água correndo nas proximidades. Juntos, provavelmente encobririam qualquer barulho que ele pudesse fazer. Mas era bastante irritante e afetava seu sono. Os homens pediam desculpas por isso também. Eram mais educados do que sequestradores deveriam ser, pensava Kevin.

Bem que ele procurara meios para fugir, mas a sala tinha apenas uma porta e vivia trancada. Por isso ele se limitava a ler os livros e fazer os desenhos. Comia e bebia, à espera do momento em que alguém viria matá-lo.

Absorvido em outro desenho, decifrável apenas para ele, Kevin teve um arrepio ao ouvir os passos. Enquanto prestava atenção à porta sendo destrancada, imaginou se sua hora chegara.

O homem era o mesmo que lhe dissera para não gritar. Kevin já o vira

antes, mas não sabia seu nome.

Queria saber se Kevin estava confortável, se precisava de mais alguma coisa.

— Não. Estão me tratando muito bem. Mas vovó deve estar preocupada comigo. Talvez seja melhor eu voltar para casa agora.

— Ainda não. — O homem empoleirou-se na beira da mesa e olhou para o menino no canto. — Tem dormido bem?

— Tenho.

O homem queria saber, mais uma vez, o que exatamente acontecera entre Kevin e o homem na viela, o que o agarrara, entregara o bilhete e mandara que saísse dali.

— Não disse nada a ele, porque não tinha nada para dizer.

O tom de Kevin era mais desafiador do que ele gostaria, mas o homem já fizera aquelas perguntas antes, ele dera as mesmas respostas e agora começava a se sentir cansado da rotina.

— Pense um pouco — insistiu o homem, calmamente. — Ele é um investigador treinado. Pode ter registrado alguma coisa que você disse, embora não parecesse importante na ocasião. É um garoto esperto e será capaz de lembrar.

Kevin apertou o lápis de cera na mão, com toda a força, até que as articulações estalaram.

— Fui até a viela como você mandou. Fiz o que me disse para fazer e não teve mais nada. Você disse que ele não ia conseguir se mexer. Que ia ficar paralisado, mas não foi o que aconteceu. Ele me deixou apavorado. Estava enganado nesse ponto.

O homem estendeu a mão e Kevin se encolheu todo. Mas o homem limitou-se a apertar seu ombro gentilmente.

— Não dissemos que não devia chegar perto daquele pátio? Mandamos que continuasse sentado, esperando que fôssemos buscá-lo. Calculamos tudo direitinho. — O homem soltou uma risada. — Você nos fez pular etapas, filho.

Kevin sentiu a mão apertar seu ombro com mais força. Apesar do riso, dava para sentir que o homem estava aborrecido. Por isso, ele resolveu mudar de assunto.

— Por que levaram o outro garoto?

— Era apenas uma coisa para ele fazer, como você. Ele ganhou um bom dinheiro, como você. Na verdade, você não devia vê-lo. Mas tivemos de

mudar as coisas, porque você saiu do lugar em que devia ficar. O que deixou a gente numa situação difícil.

A mão apertou o ombro de Kevin mais um pouco.

— Quer dizer que já o deixaram ir embora?

— Conte toda a sua história, Kevin. Aquele menino não é da sua conta. Diga por que fez o que fez.

Como Kevin podia explicar? Não tinha a menor ideia do que aconteceria quando fizera o que haviam mandado. As armas começaram a atirar e ele ficara apavorado. Mas fora um terror mesclado de curiosidade. Um medo curioso, uma vontade de descobrir o que causara; como se você soltasse uma pedra de uma ponte na estrada sem qualquer outro propósito que não o de assustar algum motorista, apenas para ver sua ação resultar num engavetamento de cinquenta carros e numerosas mortes. Por isso, quando deveria ter fugido dali, Kevin avançara pela viela para ver o que fizera. E as metralhadoras, em vez de fazerem-no fugir, haviam — no atraído ainda mais, como o horror e o fascínio de um cadáver.

— E, depois, aquele homem gritou para mim — disse Kevin agora a seu sequestrador.

Oh, Deus, como aquilo o assustara! A voz se elevando do meio daqueles cadáveres, a voz dizendo que recuasse, ficasse longe, advertindo-o!

Kevin olhou para o homem depois que descreveu tudo. Fizera o que haviam mandado por uma das razões mais antigas do mundo, dinheiro, o suficiente para ajudar a avó e Jerome a morarem numa casa melhor. Dinheiro suficiente para permitir que Kevin pensasse que estava ajudando, cuidando dos outros, em vez de ser sempre cuidado. A avó e Jerome haviam-no advertido que não deveriam aceitar ofertas de dinheiro fácil de pessoas que circulavam pelo bairro para fazer coisas que não deveriam. Muitos amigos de Kevin tinham sido enganados dessa maneira, e agora estavam mortos, aleijados, presos ou desiludidos pelo resto da vida. O próprio Kevin poderia ser acrescentado à lista dos sofredores, com apenas dez anos de idade.

— E depois você ouviu os outros se aproximando pela viela — induziu o homem.

Kevin acenou com a cabeça enquanto pensava naquele momento. Ficara apavorado. Armas à sua frente, homens com mais armas cortando seu único caminho de fuga. Só podia escapar pelo pátio. Ou pelo menos fora o que pensara. O homem o impedira de fazer isso e salvara sua vida. Nem sequer

o conhecia, mas mesmo assim ajudara-o. O que era uma experiência nova para Kevin.

— Como era mesmo o nome daquele homem? — perguntou ele.

— Web London — respondeu o sequestrador. — É o cara com quem você falou. E é nele que estou interessado.

— Eu disse a ele que não tinha feito nada. — Kevin torcia para que essa resposta, mais uma vez, fizesse o homem se retirar, deixando-o voltar a seu desenho. — E ele me avisou que eu também ia morrer se entrasse no pátio. Mostrou a mão, onde ele levou um tiro. Comecei a correr na outra direção, e ele disse que também iam me matar se eu fizesse isso. Foi quando ele me deu o casquete e o bilhete. Disparou aquele foguete luminoso e mandou que eu me afastasse. Foi o que fiz.

— Ainda bem que tínhamos outro garoto esperando para tomar seu lugar. Se não fosse por isso, você ficaria numa situação muito difícil.

Kevin teve o pressentimento de que não fora tão bom assim para o outro garoto.

— E London voltou mesmo para o pátio.

Kevin acenou com a cabeça em confirmação.

— Olhei para trás uma vez. Ele estava com aquela arma enorme nas mãos. Entrou de novo no pátio e ouvi aquela arma atirar. Continuei a andar, o mais depressa que podia.

Isso mesmo, ele andara depressa, até que alguns homens saíram de um vão de porta e o agarraram. Kevin tivera um vislumbre do outro garoto, mais ou menos de sua idade e tamanho, mas um estranho para ele. Parecia tão apavorado quanto Kevin. Um dos homens lera o bilhete e perguntara a Kevin o que acontecera. E, depois, o outro menino pegara o casquete e o bilhete, e fora enviado para entregar no lugar de Kevin.

— Por que levaram aquele garoto?

Como o homem não respondesse, Kevin acrescentou: — Por que mandaram que ele entregasse o bilhete no meu lugar? O homem ignorou a pergunta.

— London parecia fora de si? Dava a impressão de que não estava pensando direito?

— Disse o que eu tinha de fazer. Ele estava pensando direito, pelo que percebi.

O homem respirou fundo, balançou a cabeça, obviamente ponderando a respeito. Depois sorriu para Kevin.

— Você nunca vai compreender como isso é extraordinário, Kevin. Web London deve ser muito especial para fazer isso.

— Não me contou tudo o que ia acontecer.

O homem continuava a sorrir.

— Porque você não precisava saber, Kevin.

— Onde está o outro garoto? Por que o levaram?

— Quando se pensa em todas as emergências, quase tudo dá certo.

— O outro garoto morreu?

O homem se levantou.

— Diga-nos se precisar de mais alguma coisa. Tentaremos cuidar de você da melhor forma possível.

Kevin decidiu fazer sua ameaça.

— Meu irmão deve estar à minha procura.

Ele não dissera isso antes, mas pensara a respeito em cada minuto. Todos conheciam o irmão de Kevin. E quase todos no mundo de Kevin tinham medo de seu irmão. Kevin torcia para que aquele homem também tivesse medo. Ficou decepcionado ao perceber, pelo rosto do homem, que isso não acontecia. Talvez aquele homem não tivesse medo de coisa alguma.

— Procure descansar, Kevin. — O homem deu uma olhada nos desenhos. — Até que você tem talento. Quem sabe, pode até não acabar como seu irmão.

O homem saiu e trancou a porta. Kevin tentou evitar, mas as lágrimas começaram a escorrer pelas faces, pingando no cobertor. Ele as removeu, mas outras vieram. Kevin arriou num canto. Chorou tanto que ficou sem fôlego. Depois, puxou o cobertor por cima da cabeça e continuou sentado no canto, em total escuridão.

19

WEB CONDUZIU O CROWN VIC PELA RUA EM QUE SUA MÃE morara. Era um bairro à beira da ruína, seu potencial jamais fora consumado, a vitalidade há muito se esgotara. Mas o lugar, que trinta anos antes era rural, ficava agora no meio de prósperas comunidades da classe média, cada vez mais extensas, as pessoas se levantando às quatro horas da madrugada para chegar ao escritório às oito. Dentro de cinco anos, um incorporador compraria todas aquelas propriedades desvalorizadas, derrubaria as casas e outras muito caras surgiriam da poeira das que haviam sido sacrificadas por muito pouco.

Web saltou do Crown Vic e olhou ao redor. Charlotte London fora uma das pessoas mais velhas morando ali, e sua casa, apesar dos esforços de Web, era tão dilapidada quanto as outras. A cerca de arame estava enferrujada, prestes a cair. Os toldos de metal da casa haviam vergado ao peso da água e exibiam um limo que não dava mais para limpar. A árvore solitária à frente, um bordo, havia morrido, as folhas marrons do ano anterior sussurravam uma triste melodia à brisa. A grama não era cortada há algum tempo, porque Web não aparecia por lá para empurrar o cortador. Ele lutara com o maior esforço, ao longo dos anos, para manter a casa como era antes, mas acabara desistindo, porque a mãe não demonstrava o menor interesse pela manutenção da casa e do jardim. Agora que ela morrera, Web calculava que teria de vender a casa em algum momento; só não queria lidar com esse problema agora, talvez nunca.

Ele entrou e olhou ao redor. Estivera ali logo depois da morte da mãe. A casa estava na maior desordem, exatamente como a mãe a deixara. Passara um dia inteiro limpando a casa e levara dez sacos de lixo de quarenta quilos para a calçada. Mantivera a eletricidade, a água e o esgoto sanitário ligados depois da morte da mãe. Não porque imaginasse a possibilidade de residir ali, mas alguma coisa o levara a agir daquela forma. Agora, ele verificou os cômodos, limpos, exceto pela poeira e uma ou outra teia de aranha. Sentou, olhou para o relógio e ligou a TV no momento em que uma novela era interrompida para uma reportagem especial. Era a prometida reunião do pessoal do FBI com a imprensa. Web se inclinou para a frente e ajustou a imagem e o som.

Ficou surpreso quando Percy Bates apareceu no pódio. Onde estava

Buck Winters?, pensou Web. Ouviu Bates discorrer sobre a excepcional carreira de Web no FBI. Exibiu-se um filme favorável, mostrando Web recebendo vários prêmios, medalhas e citações de diretores do FBI e até do presidente dos Estados Unidos. Bates falou do horror no pátio e da coragem e determinação de Web ao fazer o que fizera, quando confrontado com um inimigo de poder de fogo tão superior.

Uma cena mostrou Web no hospital, com metade do rosto enfaixado. Levou-o a erguer a mão e tocar no ferimento antigo. Sentiu-se orgulhoso e vulgar ao mesmo tempo. Desejou subitamente que Bates não tivesse feito aquilo. A "promoção" não mudaria a opinião de ninguém a seu respeito. Apenas fazia com que ele parecesse na defensiva. Os jornalistas tratariam de crucifica-lo, provavelmente acusariam o FBI de corporativismo ao proteger um dos seus. E talvez, de certo modo, fosse isso mesmo. Web deixou escapar um gemido baixo. Pensara que a situação não poderia ficar pior, mas era o que estava acontecendo. Ele desligou a TV. Continuou sentado, de olhos fechados. Em sua imaginação, sentiu que alguém punha a mão em seu ombro. Só que não havia ninguém ali. Sempre experimentava essa sensação quando vinha para casa; a presença da mãe estava por toda a parte.

Charlotte London mantivera, até o dia de sua morte, os cabelos na altura dos ombros, antes de um louro glorioso e sensual, depois de um tom prateado elegante e exuberante. A pele permanecera sem rugas, porque ela era alérgica ao sol, e se protegera durante toda a sua vida. E o pescoço era longo e liso, com músculos firmes na base. Web especulara quantos homens teriam sido seduzidos por aquela curva delicada e irresistível. Quando era adolescente, Web tivera sonhos com sua mãe jovem e sensual, de que até hoje se envergonhava.

Apesar da bebida e de hábitos alimentares não muito saudáveis, a mãe não engordara um único quilo em quarenta anos, e o peso permanecera quase todo em suas locações originais. Quando se arrumava direito, ainda era muito atraente aos 59 anos de idade. Fora uma pena que seu fígado não tivesse aguentado mais. O resto poderia ter continuado por um bom tempo.

Embora ela fosse linda, era seu intelecto que atraía a maioria das pessoas. As conversas entre mãe e filho, no entanto, eram bizarras. Ela não assistia à TV.

— Não é à toa que a chamam de caixa dos idiotas — comentava ela com frequência. — Prefiro ler Carnus. Ou Goethe. Ou Jean Genet. Genet

me faz rir e chorar ao mesmo tempo. Não sei por quê, pois não há nada de engraçado em Genet. Seus temas são abomináveis. Depravados. Com muito sofrimento. Quase todos autobiográficos.

— Claro, Genet, Goethe... — dissera-lhe Web, anos antes. — São G-men, como eu.

A mãe não entendera a piada.

— Mas essas coisas podem ser maravilhosamente atraentes... até mesmo eróticas — comentara a mãe.

— Que coisas?

— Infâmia e depravação.

Web respirara fundo. Sentira vontade de dizer que testemunhara tanta infâmia e depravação que faria o velho Jean Genet vomitar o almoço. Pensara em explicar à mãe que essas coisas não eram nem um pouco divertidas, porque um dia alguém transbordando de infâmia e depravação podia bater em sua porta e acabar com sua vida violentamente. Em vez disso, permanecera calado. A mãe costumava exercer esse efeito sobre ele.

Charlotte London fora uma criança-prodígio, impressionando as pessoas com sua inteligência. Depois da universidade, Charlotte viajara pelo mundo sozinha, durante quase um ano. Web sabia porque vira as fotos e lera o diário da mãe. E isso acontecera no tempo em que as moças não faziam essas coisas. Ela até escrevera um livro, registrando suas aventuras. O livro era vendido até hoje. O título era London Times; London era seu nome de solteira, e ela voltara a usá-lo depois que o segundo marido morrera. Também mudara legalmente o sobrenome de Web, que deixara de ser Sullivan, depois que se divorciara do primeiro marido. E até hoje ele não sabia por que recebera um nome tão estranho quanto Web, com apenas um b. Procurara na árvore genealógica da mãe e não encontrara resposta. E a mãe se recusara com firmeza a explicar por que lhe dera esse nome.

Quando o filho era pequeno, a mãe partilhara com ele muitas das coisas que vira e fizera em suas viagens na juventude. Web pensara que eram as histórias mais maravilhosas que já ouvira. E desejara partir em viagens com ela, escrever tudo em seu diário, tirar fotos da mãe linda e aventureira contra um fundo de águas cristalinas na Itália, um pico nevado na Suíça ou um café com mesas ao ar livre em Paris. A linda mãe e o dinâmico filho que enfrentavam o mundo haviam dominado seus pensamentos na infância. Mas depois ela casara com o padrasto de Web e esses sonhos se desvaneceram.

Web abriu os olhos e levantou-se. Foi primeiro ao porão. Uma densa

camada de poeira cobria cada superfície. Web nada encontrou que fosse remotamente parecido com o que procurava. Tornou a subir e foi para os fundos da casa, onde ficava a cozinha. Abriu a porta e olhou para a garagem pequena, que alojara, entre outras coisas, o antigo Plymouth Duster da mãe. Web podia ouvir os gritos das crianças brincando no play próximo. Fechou os olhos e encostou o rosto na grade enquanto absorvia os sons. Em sua imaginação, quase podia ver a bola de futebol americano sendo lançada, as pernas firmes correndo atrás, o pequeno Web pensando que sua vida acabaria se não conseguisse pegar aquela bola. Farejou o ar, sentindo o cheiro de fumaça de lenha misturado com o aroma agradável da grama recém-cortada. Não havia nada melhor, ao que parecia; e, no entanto, era apenas um cheiro, nunca durava por muito tempo. E depois tornava-se a despencar na merda da vida. Só que a merda, como ele descobrira, nunca era temporária.

Em sua visão, Web corria mais e mais. Estava ficando escuro, e ele sabia que a mãe o chamaria em breve. Não para comer, mas para procurar os vizinhos, a fim de filar cigarros para o padrasto. Ou dar um pulo no Foodway próximo, com dois dólares e uma história triste para o velho Stein, que dirigia a loja com um coração maior do que deveria. O pequeno Web vivia correndo para o Foodway. E sempre cantava uma triste canção irlandesa, cuja letra a mãe lhe ensinara. Uma ocasião, Web perguntara onde ela aprendera aquela canção. Como a origem de seu nome, a mãe nunca respondera.

Web podia recordar nitidamente o Sr. Stein se agachando, com os óculos grandes, o velho cardigã, o avental branco impecável, aceitando as notas amassadas de um dólar de "Webbie" London, como ele gostava de chamá-lo. O velho ajudava Web a escolher a comida para o jantar, e talvez para o desjejum no dia seguinte. As mercadorias, é claro, sempre custavam mais que dois dólares. Stein, no entanto, nunca dissera nada sobre o custo. Só que não era tão reservado com outras coisas.

— Diga à sua mãe para não beber tanto! — gritava ele, quando Web partia para casa com dois sacos cheios de compras. — E diga àquele demônio que é o marido dela que Deus o castigará pelo que tem feito se a mão de um homem não cuidar disso primeiro. E agradeceria se Deus me concedesse essa honra. É o que peço em minhas orações todas as noites, Webbie. Diga isso a ela. E a ele também!

O velho Stein era apaixonado pela mãe de Web, o que também

acontecia com quase todos os homens da vizinhança, casados ou não. Na verdade, o único homem que não parecia apaixonado por Charlotte London era aquele com quem ela casara.

Ele subiu e olhou para a escada embutida do sótão, no meio do corredor. Bastava baixá-la. Era o lugar por onde deveria ter começado a busca, é claro, mas não queria subir ali. Mas, finalmente, puxou a corda, baixou a escada e subiu. Acendeu a luz e no mesmo instante olhou para todos os cantos escuros. Respirou fundo outra vez e disse a si mesmo que os covardes quase nunca realizavam qualquer coisa com sua vida, que ele era um grande e destemido atacante da ERR, com uma nove milímetros carregada no coldre. Permaneceu no sótão e passou a hora seguinte conferindo compulsivamente mais elementos de sua história do que lhe interessava.

Os anuários da escola estavam ali, com as fotos contrafeitas de garotos e garotas tentando parecer mais velhos do que eram; não muitos anos passariam antes que começassem a tentar desesperadamente parecer o contrário. Ele também passou algum tempo decifrando os textos escritos por colegas no anuário, descrevendo planos grandiosos para o futuro. Nenhum plano se consumara para qualquer dos colegas que Web conhecia, inclusive ele próprio. Seu antigo blusão da universidade e o capacete de futebol americano estavam guardados numa caixa. Houve um tempo em que ele podia lembrar de onde viera cada arranhão no capacete. Agora, não podia sequer lembrar o número que usava. Havia livros escolares velhos e inúteis, cadernos que continham apenas desenhos sem o menor interesse, feitos por mãos entediadas... suas mãos entediadas.

Num canto, via-se um cabideiro com roupas dos últimos quarenta anos, acumulando poeira, mofo e buracos de traças. Havia ainda discos antigos, empenados pelo calor e pelo frio. Havia figurinhas de astros do beisebol e futebol americano que poderiam valer uma pequena fortuna agora se Web não as tivesse usado como alvos para dardos e tiros de espingarda de ar comprimido. Havia peças de uma bicicleta que Web se lembrava vagamente de ter possuído, ao lado de meia dúzia de lanternas estragadas. Havia também uma estatueta muito boa de terracota que sua mãe esculpira, mas fora tão danificada pelo padrasto que agora não apenas era cega, mas também carecia de orelhas e de nariz.

Tudo era um triste memorial para uma família bastante comum que, na verdade, não tivera nada de comum, sob determinados aspectos.

Web já começava a pensar em desistir quando encontrou o que procurava.

A caixa estava por baixo de uma coleção de livros da mãe na universidade, obras de filósofos, escritores e pensadores há muito mortos. Web examinou rapidamente o conteúdo da caixa. Era o suficiente para começar. Seria um péssimo investigador se não pudesse seguir aquelas pistas até descobrir alguma coisa. Sentia-se surpreso por nunca ter notado antes, enquanto crescia na casa. Mas também não procurava naquele tempo.

Ele se virou e olhou para o canto mais distante do sótão. Estava escuro, imerso nas sombras, mas ele quase podia jurar que alguma coisa se movera ali. Estendeu a mão para a arma. Detestava aquele sótão. E, no entanto, não sabia por quê. Afinal, era apenas um sótão.

Web levou a caixa para o carro. Na volta para o motel, usou o celular para falar com Percy Bates.

— Bom trabalho, Perce. Um dia faz uma diferença e tanto. Mas o que aconteceu com o velho Bucky?

— Winters deu para trás no último minuto.

— Era de esperar. Prevendo a minha queda. E deixou a batata quente nas suas mãos.

— Para ser franco, eu me ofereci, quando ele começou a se esquivar.

— Você é um homem de bem, Perce, mas nunca subirá mais alto no FBI se continuar a fazer a coisa certa.

— Como se eu me importasse com isso.

— Alguma novidade?

— Descobrimos a origem das armas. Foram roubadas de uma instalação militar na Virgínia. Há dois anos. Uma informação que não ajuda muito. Mas vamos seguir todas as pistas até o fim.

— Algum sinal de Kevin Westbrook?

— Nenhum. E nenhuma outra testemunha se apresentou. Ao que parece, todas as pessoas por ali foram acometidas de cegueira e surdez.

— Imagino que já falou com as pessoas com quem Kevin vivia. Descobriu alguma coisa por esse lado?

— Não muito. Como eu disse, ele costumava evitar a casa.

Web escolheu as palavras seguintes com todo o cuidado: — Ou seja, ninguém ama o garoto? Nenhuma velhinha, nenhuma avó à sua espera?

— Tem uma velha. Achamos que ela é madrasta da mãe de Kevin ou

algo parecido. Não fez a menor questão de explicar o relacionamento. Era de imaginar que seria muito simples dizer uma coisa ou outra, mas as novas famílias ampliadas são assim. O pai na prisão, a mãe desaparecida, o irmão morto, a irmã puta, os bebês largados por toda parte, com qualquer pessoa que pareça um pouquinho respeitável, o que acontece em geral com as pessoas mais idosas. A velha parecia sinceramente preocupada com o menino, mas também está apavorada. Todos por lá estão apavorados.

— Perce, você chegou a se encontrar com Kevin antes de seu desaparecimento?

— Por quê?

— Quero determinar uma linha de tempo entre o momento em que o vi pela última vez e o instante em que ele desapareceu.

— Uma linha de tempo... eu gostaria de ter pensado nisso — comentou Bates, sarcástico.

— Pare com isso, Perce. Não estou tentando interferir no trabalho de ninguém, mas salvei a vida daquele garoto e gostaria que ele continuasse vivo.

— Sabe muito bem que a probabilidade de o garoto aparecer vivo é mínima, Web. Quem quer que o levou não estava planejando uma festa-surpresa para o menino numa lanchonete. Procuramos em todos os lugares que nos ocorreram. Mandamos avisos de busca a todos os estados próximos, até mesmo para as fronteiras com o Canadá e o México. Não é provável que tenham mantido o garoto na cidade.

— Mas se ele estivesse trabalhando para o irmão, poderia estar seguro. Claro que já ouvi dizer que o tal de Big F é um filho-da-puta dos mais escrotos, mas liquidar o próprio irmão? Não dá para acreditar.

— Já vi coisas piores. E você também.

— Mas você viu Kevin?

— Não, não vi o garoto pessoalmente. Ele desapareceu antes que eu chegasse ao local. Satisfeito agora?

— Falei com os caras da ERR que tomaram conta do garoto. Disseram que o entregaram a dois ternos do FBI.

Web decidira não mencionar a informação de Romano de que apenas um homem tivera um envolvimento direto, porque queria ouvir o que Bates diria a respeito.

— Com certeza ficará aturdido ao saber que também conversei com eles e descobri a mesma coisa.

— Não souberam me dar os nomes dos agentes. Você teve sorte nesse ponto?

— Ainda é um pouco cedo para saber.

Web desistiu de qualquer pretensão de afabilidade.

— Não, Perce, não é. Passei muitos anos fazendo o que você faz. Sei o que acontece com esses casos. Se não pode me dizer a esta altura quem eram os ternos, isso significa que não eram do FBI. Significa que dois impostores entraram num local do crime controlado pelo FBI, no seu local do crime, e levaram um garoto que era testemunha-chave. Talvez eu possa ajudar.

— Essa é a sua teoria. E não quero nem preciso de sua ajuda.

— Está me dizendo que estou enganado.

— O que estou dizendo é que não vai se meter na minha investigação. E falo sério.

— Não se esqueça de que era a minha equipe!

— Compreendo isso. Mas se eu descobrir que está fazendo qualquer coisa, perguntando a qualquer um, seguindo qualquer pista, então vai se ver comigo. Espero ter sido bastante claro.

— Tornarei a ligar para você quando esclarecer o caso.

Web desligou, censurando-se por ter descartado seu último trunfo no FBI. Fora tão sutil quanto um caminhão de lixo, mas também Bates parecia despertar o espírito de pitbull nas pessoas. E pensar que ele ligara apenas para agradecer a participação de Bates na coletiva de imprensa!

20

CLAIRE ESTICOU OS BRAÇOS E REPRIMIU UM BOCEJO. Levantara muito cedo e trabalhara até tarde na noite anterior; essa se tornara a rotina de sua vida. Casada aos 19 anos com o namorado da escola secundária, fora mãe aos vinte anos e se divorciara dois anos depois. Os sacrifícios que fizera durante os dez anos subsequentes, enquanto frequentava os cursos de medicina e psiquiatria, eram numerosos demais para recordar. Mas não se arrependia da filha, que acabara de ingressar na universidade. Maggie Daniels era inteligente, saudável e bem-ajustada. O pai não quisera qualquer participação na criação da filha e agora também não teria qualquer papel em sua vida adulta. Na verdade, a decisão a respeito cabia a Maggie, Claire sabia, mas a filha nunca perguntara muito sobre o pai e aceitara com a maior naturalidade o fato de ter sido criada apenas pela mãe. Claire nunca voltara a participar dos círculos sociais e finalmente chegara à conclusão de que a carreira seria sua vida.

Ela abriu a pasta e estudou as anotações que escrevera. Web London era um sujeito fascinante para qualquer pessoa estudiosa da psicologia humana. Pelo pouco que Claire inferira, antes de sua partida abrupta do consultório, o homem era um cartaz ambulante de problemas pessoais. Pelas questões óbvias na infância ao desfiguramento quando adulto e o tipo de trabalho perigoso que fazia — e parecia adorar — uma pessoa podia devotar sua vida profissional a um paciente assim. A batida na porta interrompeu seus pensamentos.

— Pois não?

A porta foi aberta. Um dos colegas de Claire parou na porta.

— Talvez você queira assistir ao que está passando na TV.

— O que é, Wayne? Estou muito ocupada.

— Uma reunião do FBI com a imprensa. Web London. Eu o vi saindo daqui no outro dia. Ele teve uma sessão com você, não é mesmo?

Ela franziu o rosto à pergunta. Não respondeu. Mas levantou-se e seguiu-o à área de recepção, onde havia um pequeno aparelho de TV. Já estavam ali vários outros psiquiatras e psicólogos com consultórios no conjunto, inclusive Ed O'Bannon. Era hora do almoço, e nenhum deles parecia ter um paciente marcado no horário. Alguns comiam enquanto assistiam.

Durante os dez minutos seguintes, Claire Daniels teve uma visão muito mais profunda da vida e carreira de Web London. Descobriu-se levando a mão à boca quando viu Web no hospital, a maior parte do rosto e do tronco enfaixada. O homem sofrera muito, mais do que qualquer um deveria suportar. E Claire sentiu um impulso incrivelmente forte para ajudá-lo, apesar da maneira dramática como ele encerrara a sessão. Depois que o programa terminou, e os outros começaram a voltar para suas salas, Claire foi falar com O'Bannon.

— Ed, lembra que o informei que conversei com Web London quando você não estava disponível?

— Claro que lembro, Claire. E fico grato por isso, para ser sincero. — Ele baixou a voz. — Ao contrário de alguns outros por aqui, sei que posso confiar em você, pois não vai se apropriar de meus pacientes.

— Agradeço sua confiança, Ed. Mas a verdade é que tenho um interesse particular por Web. E houve certa empatia na sessão. — Uma pausa e ela acrescentou, com firmeza: — Quero assumir a terapia dele.

O'Bannon se mostrou surpreso e sacudiu a cabeça.

— Não, Claire. Já conversei com London antes e sei que ele é muito difícil. Nunca chegamos a explorar tudo, mas ele parece ter graves problemas nas questões mãe-filho.

— Sei de tudo isso, mas quero muito trabalhar em seu caso.

— E eu agradeço seu interesse, mas ele é meu paciente e é muito importante a continuidade do tratamento, começando pela manutenção do terapeuta.

Claire respirou fundo.

— Podemos deixar que Web decida?

— Como assim?

— Pode falar com Web e deixá-lo decidir qual de nós dois prefere?

O'Bannon pareceu bastante aborrecido.

— Não creio que isso seja necessário.

— Nós dois nos entendemos muito bem, Ed, e talvez outro par de olhos possa ser benéfico.

— Não me agrada o que você insinua, Claire. Minhas credenciais são impecáveis. Caso ainda não saiba, servi no Vietnã, onde tratei de casos de síndrome de combate, fadiga de guerra e prisioneiros de guerra que sofreram lavagem cerebral. Fui muito bem — sucedido.

— Web não é um militar.

— A ERR é tão militar quanto é possível para uma agência civil. Conheço a espécie e falo sua língua. Acho que minha experiência é a mais apropriada ao caso.

— Não estou sugerindo qualquer coisa em contrário. Mas Web me disse que não se sentia totalmente à vontade com você. E sei que concordaria que deve sempre prevalecer o que for melhor para o paciente.

— Não preciso que me faça um sermão sobre a ética profissional. — O'Bannon fez uma pausa. — Mas ele disse mesmo isso... que não se sentia totalmente à vontade comigo?

— Disse. Mas acho que é mais um reflexo do que você disse, que ele é muito difícil. Por tudo o que sei, ele pode não gostar de mim também depois que for iniciado o tratamento. — Claire pôs a mão no ombro de O'Bannon. — Vai ligar para ele? Hoje? O'Bannon concordou, relutante: — Está bem.

Web guiava o carro quando o telefone tocou. Verificou o identificador de chamadas. Era um número na Virgínia que ele não reconheceu. Atendeu com alguma cautela: — Alô?

— Web?

A voz pareceu familiar, mas ele não determinou no mesmo instante a quem pertencia.

— Aqui é o Dr. O'Bannon.

Web piscou, surpreso.

— Como obteve este número?

— Você me deu. Em nossa última sessão.

— Estive pensando que...

— Conversei com Claire Daniels, Web.

Ele sentiu que o rosto se tornava quente.

— Ela falou sobre a nossa sessão.

— Falou. Mas não contou o que vocês discutiram, é claro. Sei que você estava numa crise, e Claire tentou entrar em contato comigo, antes de atendê-lo. É por isso que resolvi ligar agora.

— Não estou entendendo.

— Claire disse que vocês dois se deram muito bem. Acha que você ficaria mais à vontade se fosse atendido por ela. Como é meu paciente, nós dois precisamos concordar com essa mudança.

— Escute, Dr. O'Bannon…

— Quero que saiba, Web, que fomos bem-sucedidos no passado ao lidar com seus problemas. Acho que podemos ser de novo.

Claire provavelmente estava apenas exagerando um pouco a sua incerteza em relação a mim. Mas precisa saber que Claire não tem a mesma experiência que eu. Tenho analisado agentes do FBI há mais tempo do que ela. Não gosto de dizer isso, mas aqui entre nós, Claire estaria fora de seu nível com você. — Ele fez uma pausa, dando a impressão de que aguardava a resposta de Web. — Vai continuar a me procurar?

— Vou ficar com Claire.

— Como, Web!

— Quero Claire.

O'Bannon ficou calado por um momento, antes de perguntar, em tom brusco: — Tem certeza?

— Claro que tenho.

— Nesse caso, pedirei a Claire para entrar em contato com você. Espero que os dois se combinem direito.

A linha ficou muda. Web continuou a guiar. O telefone tocou outra vez dois minutos depois. Era Claire Daniels.

— Acho que você se sente o homem perseguido — disse ela, num tom apaziguador.

— É agradável ser popular.

— Gosto de terminar o que comecei, Web, mesmo que signifique irritar um colega.

— Claire, agradeço por tudo e sei que eu disse a O'Bannon que preferia assim, mas...

— Por favor, Web. Acho que posso ajudá-lo. Ou, pelo menos, gostaria de tentar.

Ele pensou a respeito por um momento, enquanto olhava para a caixa de papelão. Que tesouros continha?

— Posso encontrá-la nesse telefone?

— Ficarei aqui até às cinco horas.

— E depois?

Web parou num posto de gasolina e anotou o telefone de casa e o celular de Claire. Disse que ligaria mais tarde e encerrou a conversa. Incluiu os números na memória do seu celular, retornou à estrada e procurou avaliar toda a situação. O que não lhe agradava era o fato de Claire estar tentando com muito empenho, talvez até demais.

Ele foi para o quarto no motel. Verificou as mensagens no telefone de sua casa. Umas poucas pessoas que haviam assistido à coletiva de imprensa

desejavam-lhe boa sorte. E uma quantidade igual de vozes — que ele não reconheceu — dizia basicamente que as pessoas queriam dar uma porrada no seu rosto covarde e desfigurado. Web teve a impressão de ouvir a voz de Julie Patterson, com crianças berrando ao fundo, mas não pôde ter certeza. Não estaria no alto da lista de telefones de Julie.

Web sentou no chão, encostado na parede. Sentiu de repente tanta pena de Julie que começou a tremer. Claro que a situação era difícil para ele naquele momento, mas isso acabaria passando. Julie tinha o resto da vida para enfrentar, com o peso de um marido perdido e uma criança que não nascera para sempre pendurado em seu pescoço. Sem falar em quatro crianças pequenas para criar sozinha. Era uma sobrevivente, como Web. E os sobreviventes sentiam mais dor porque precisavam juntar os pedaços de alguma forma e continuar a viver.

Ele fez a ligação. Uma criança atendeu. Era Lou Jr., o mais velho, com 11 anos, o homem da casa agora.

— Sua mãe está, Louie? Sou eu, Web.

Houve uma longa pausa.

— Você matou o nosso pai, Web?

— Não, Louie, não fui eu. Sabe disso. Mas vamos descobrir quem foi. Chame sua mãe, filho.

Web ouviu o menino largar o telefone e se afastar. Enquanto esperava, sentiu que começava a tremer mais uma vez, porque não tinha absolutamente a menor ideia do que diria à mulher. Seu nervosismo aumentou quanto ouviu passos se aproximando do telefone. Só que a pessoa pegou o fone e não disse nada. Depois de longo momento, ele murmurou:
— Julie?

— O que você quer, Web? A voz era cansada. Ironicamente, o tom de cansaço era mais doloroso para Web do que os gritos furiosos na igreja.

— Queria saber se há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar.

— Não há nada que você ou qualquer outra pessoa possa fazer.

— Deveria ter alguém com você. Não é bom ficar sozinha neste momento.

— Minha irmã e minha mãe vieram de Newark.

Web respirou fundo. Assim era melhor. Julie pelo menos parecia calma, racional.

— Vamos descobrir quem fez isso, Julie. Nem que eu precise levar o resto da minha vida. Só queria que você soubesse disso. Lou e os outros

significavam tudo para mim.

— Faça o que precisar fazer, mas isso não os trará de volta, Web.

— Viu a coletiva de imprensa na TV?

— Não. E, por favor, não ligue de novo.

Julie desligou. Web continuou sentado no chão, absorvendo a conversa. Não imaginara que ela diria que estava arrependida por tê-lo atacado na igreja. Seria esperar demais. O que o perturbava mesmo era o fato de se sentir descartado por Julie. Por favor, não ligue de novo? Talvez as outras esposas sentissem a mesma coisa. Nem Debbie, nem Cynde, nem qualquer das outras havia feito contato para saber como ele estava. Mas, ele disse a si mesmo, a perda de todas elas era muito maior do que a sua. Haviam perdido o marido. Ele apenas perdera os amigos. Havia uma enorme diferença. No seu caso, porém, não era o que parecia.

Ele atravessou a rua, foi a uma loja 7-Eleven e comprou um café. Começara a chuviscar e a temperatura caíra. Um dia quente e bonito se tornara agora cinzento e úmido, o que era bastante comum naquela área, e constituía um reforço para seu espírito suicida.

Web voltou ao quarto, sentou no chão e abriu a caixa de papelão. Os documentos estavam mofados, as poucas fotos amareladas e rasgadas. No entanto, ele ficou fascinado, porque não vira aquelas coisas antes. Em parte porque nunca soubera que a mãe guardara aqueles itens de seu primeiro casamento. E, também, porque nunca revistara a casa à sua procura. Não sabia direito por que não. Talvez o relacionamento com o padrasto sufocasse todo o interesse que Web pudesse ter pelo pai.

Ele arrumou as fotos no chão, como um leque, antes de começar a examiná-las. O pai, Harry Sullivan, fora um homem bonito. Muito alto, ombros largos, tinha cabelos escuros ondulados, com gomalina e topete, fitando a câmera com expressão confiante. Parecia um astro do cinema da década de 1940, jovem e imponente, com um brilho malicioso nos olhos azuis. Web podia entender que Harry Sullivan seria atraente para uma jovem que talvez fosse ingênua, apesar de sua inteligência e viagens pelo mundo. Web se perguntou como o pai pareceria agora, depois de anos na prisão, depois de décadas do que ele presumia ser uma vida a caminho do nada.

Em outra foto, Sullivan passava o braço pela cintura fina de Charlotte. O braço era tão comprido que contornava o tronco, os dedos logo abaixo dos seios, talvez até tocando-os. Os dois pareciam muito felizes. Na

verdade, Charlotte London, em sua saia pregueada e cabelos armados, parecia mais bela, mais encantadora e mais animada por estar viva do que Web jamais a vira. Mas ele refletiu que devia ser parte da juventude. Os dois ainda não haviam enfrentado os momentos difíceis. Web levou a mão ao rosto. Os tempos difíceis não eram nada agradáveis e nem sempre tornavam as pessoas mais fortes. Ao contemplar a mãe, tão cheia de vida, Web teve dificuldade para acreditar que ela morrera mesmo.

Enquanto a chuva caía mais forte, Web continuou sentado no chão, tomando café e examinando os outros. Pegou a certidão de casamento dos Sullivans. Ficou surpreso ao descobrir que a mãe a guardara. Mas não podia esquecer que fora seu primeiro casamento, por pior que tivesse acabado. A assinatura do pai era surpreendentemente pequena para um homem tão grande e de aparência tão confiante. E as letras não eram precisas, como se o velho Harry se sentisse embaraçado com o exercício de escrever seu nome, sem saber direito como desenhá-las. Um homem sem instrução, concluiu Web.

Ele largou a certidão e pegou outro papel. Uma carta. No alto, o cabeçalho de uma instituição correcional na Geórgia. A data da carta era de um ano depois que mãe e filho fugiram do condenado em que o marido e pai se tornara. E aquela assinatura era mais arrojada, as letras maiores, formadas com mais precisão, como se o homem tivesse se empenhado nisso. Era verdade que ele tinha muito tempo "livre" na prisão.

O conteúdo da carta era breve. Um pedido de desculpa para Charlotte e Web. Quando saísse da prisão, ele alegava, seria um homem mudado. Faria o que fosse certo para os dois. Na verdade, a carta dizia que Harry Sullivan tentaria cumprir todas essas promessas. Web tinha de admitir que talvez fosse uma honestidade brutal da parte de Sullivan, o que não era fácil para um homem apodrecendo lentamente na prisão. Web já conduzira muitos interrogatórios, o suficiente para saber que barras de aço, fechaduras reforçadas e falta de futuro como uma pessoa livre tendiam a fazer com que as pessoas mentissem da maneira mais desavergonhada se achassem que isso ajudaria sua causa. Ele se perguntou se os documentos do divórcio teriam sido entregues ao pai logo depois do envio daquela carta. O que isso fazia com um homem na prisão? A liberdade perdida, depois a esposa e o filho também perdidos? Com toda a certeza, não deixava muita coisa para uma pessoa. Web jamais culpara a mãe por fazer o que ela fizera. Também não a culpou agora. Mas aqueles fragmentos da história da família levaram-

no a sentir um pouco de pena de Harry Sullivan, onde quer que ele pudesse estar agora, morto ou vivo.

Web largou a carta. Passou as duas horas seguintes examinando as outras coisas na caixa. A maior parte era completamente inútil para sua tentativa de localizar o pai. Apesar disso, Web verificou tudo, quanto menos não fosse para ter uma noção melhor do homem. Sua mão se fechou em torno de duas coisas que podiam ser uma pista. A primeira era uma licença de motorista com o prazo expirado, com uma foto do pai. A outra, mais importante, era o cartão da Previdência Social. As duas abriam todos os tipos de possibilidades. E Web tinha ainda mais um ângulo para explorar.

Engoliu seu orgulho, ligou para Percy Bates e pediu desculpa num grau quase embaraçoso. Depois, deu o nome de Harry Sullivan, o número da Previdência Social e uma estimativa do tempo em que ele estivera encarcerado na prisão na Geórgia. Web pensara em ligar para Ann Lyle com esse pedido, mas não queria recorrer a ela com muita frequência. Ann já tinha bastante para fazer, e a ERR precisava de toda a sua atenção naquele momento. Além do mais, ela ainda não atendera ao pedido de Web sobre Cove, e ele não queria que se sentisse pressionada.

— Quem é esse cara? — perguntou Bates.

Ao se candidatar ao FBI, Web dera o nome de seu pai verdadeiro. Os investigadores queriam mais detalhes. Pedira à mãe na ocasião para fornecer mais informações sobre o homem, o que ela recusara. Web dissera aos investigadores que não sabia do paradeiro do pai e não tinha informações que pudessem ajudar a localizá-lo. Até onde ele sabia, fora o fim das indagações. Passara na verificação de antecedentes e iniciara sua carreira no FBI. Tivera o último contato com o pai aos seis anos de idade, e o FBI não podia considerá-lo de maneira desfavorável só porque seu pai era um ex-condenado.

— Apenas um cara que preciso descobrir — respondeu Web para Bates.

Web sabia que o FBI era meticuloso nas verificações de antecedentes e podia muito bem ter mais informações sobre seu pai. Nunca se sentira inclinado a procurar sua ficha, ao longo dos anos. E, no entanto, Bates podia saber que Harry Sullivan era o pai de Web. Mas se sabia, estava mentindo muito bem.

— Alguma coisa a ver com a investigação?

— Não. Como você disse, tenho de me manter a distância. Mas agradeceria se me prestasse esse favor.

Bates respondeu que faria o que pudesse e desligou em seguida.

Web pôs tudo de volta na caixa e guardou-a num canto. Pegou o celular e ligou de novo para sua caixa de correspondência. Tornara-se obsessivo nesse ponto desde o pátio e não sabia direito por quê. Quando ouviu a voz, ficou contente por ser tão diligente. Debbie Riner queria saber se Web poderia jantar em sua casa naquela noite. Ele ligou de volta no mesmo instante e disse que podia. Ela assistira ao programa na TV.

— Nunca tive qualquer dúvida a seu respeito, Web.

Ele deixou escapar um longo suspiro. A vida parecia muito melhor agora. Projetou na tela o número que queria. Já passava de cinco horas, portanto Claire Daniels não estaria mais no consultório. O dedo hesitou sobre o botão. Mas ele acabou fazendo a ligação. Claire informou que estava no carro, seguindo para casa.

— Posso recebê-lo de manhã. Nove horas.

— Já resolveu todos os meus problemas?

— Sou eficiente, mas não tão rápida.

Web percebeu que sorria pelo comentário, enquanto ela acrescentava: — Agradeço por me deixar ser sua terapeuta. Sei que a mudança é difícil.

— Posso lidar com a mudança, Claire. É a parte de enlouquecer que me perturba. Vejo você amanhã, às nove horas.

21

O JANTAR COM DEBBIE RINER E OS FILHOS NÃO CORREU TÃO bem quanto Web esperava. Carol Garcia também compareceu, com um de seus filhos. Sentaram à mesa de jantar, mantiveram uma conversa irrelevante, evitando as questões relacionadas à total destruição de suas vidas. Quando os Garcia fizeram o sinal da cruz no peito, Web pensou no que dizia a Danny Garcia antes de cada missão. Web estava certo, porque Deus não os acompanhara naquela noite. Contudo, ele se limitou a murmurar: — Pode passar as batatas, por favor?

Os operadores da ERR não encorajavam os grupos de apoio entre suas esposas. Em alguns casos, era porque não queriam que as mulheres trocassem comentários sobre os maridos. Os agentes revelavam muitos aspectos pessoais no treinamento e durante as missões, e nem todos eram agradáveis. Um deslize inadvertido de um dos homens para sua mulher podia se espalhar como fogo em mato seco para as outras, se a confraternização entre elas fosse intensa. Em outros casos, era para desestimular as mulheres da preocupação coletiva com a morte, a troca de informações incorretas, as especulações e falsidades gritantes geradas pelo medo do lugar em que seus maridos se encontravam, quanto tempo permaneceriam ausentes, se estavam mortos.

As crianças ciscavam a comida, arriadas em suas cadeiras. Era evidente que não queriam estar ali. Todas, até mesmo a filha de sete anos de Debbie Riner, que amara Web quase desde o dia em que nascera, pareciam aliviadas quando ele se despediu.

— Mantenha contato — pediu Debbie enquanto o beijava nas faces.

Carol se limitou a acenar para ele, de uma distância segura, enquanto ajeitava o filho de olhos sonolentos no quadril largo.

— Claro — respondeu Web. — Cuide-se bem. Obrigado pelo jantar. E se precisar de alguma coisa, basta me avisar.

Ele partiu no Vic, sabendo que provavelmente nunca mais veria aquelas pessoas. Era tempo de seguir adiante: fora essa a mensagem óbvia do jantar.

Na manhã seguinte, às nove horas em ponto, Web entrou no mundo de Claire Daniels. Ironicamente, a primeira pessoa que viu ali foi o Dr. O'Bannon.

— É um prazer tornar a vê-lo. Aceita um café?

— Sei onde está. Posso buscar.

— Sabe, Web, estive no Vietnã. Nunca sob fogo, pois naquele tempo já era psiquiatra. Coisas acontecem em combate, coisas que você nunca imagina que podem acontecer. Mas provavelmente você acaba se tornando mais forte por isso. E trabalhei com prisioneiros de guerra que foram torturados pelos malditos vietcongues. Foram submetidos a coisas terríveis, à clássica manipulação física e mental; os agitadores eram postos no ostracismo, privados de todo e qualquer apoio moral e físico. O controle de suas vidas, até a posição de dormir, o lançamento de cada indivíduo contra outro, em nome do grupo, como foi definido por seus captores. Claro que não é ético um psiquiatra tirar pacientes de outro. Por isso, com toda a franqueza, fiquei um pouco surpreso com a atitude de Claire. Mas creio que ela concordaria que a questão mais importante é o que for melhor para você, Web. Portanto, se você algum dia mudar de ideia em relação a trabalhar com Claire, estarei à sua disposição.

Ele deu um tapinha nas costas de Web, exibiu o que tencionava ser uma expressão encorajadora e se afastou.

Claire saiu de sua sala momentos depois, viu-o e tomaram café juntos. Observaram quando um técnico de uniforme, com uma caixa de ferramentas na mão, saiu do closet em que ficavam as caixas de eletricidade e telefone e foi embora.

— Algum problema? — perguntou Web.

— Não sei — respondeu Claire. — Acabo de chegar.

Enquanto tomavam o café, Web avaliou-a. Claire usava uma blusa e uma saia até os joelhos, deixando à mostra pernas bonitas e bronzeadas. Mas os cabelos, embora curtos, estavam despenteados. Ela pareceu notar a observação de Web, pois passou a mão para ajeitá-los.

— Tenho andado depressa em torno do prédio de manhã, para fazer um pouco de exercício. O vento e a umidade não são bons para os cabelos. — Ela tomou um gole do café e acrescentou açúcar. — Está pronto?

— Mais pronto do que estou é impossível.

Quando entraram no consultório, Claire deu uma olhada em duas pastas em cima da mesa enquanto Web observava um par de tênis no canto. Devia ser o que ela usava no exercício. Web a fitou, nervoso.

— Em primeiro lugar, Web, quero lhe agradecer por ter bastante confiança em mim e permitir-me assumir seu tratamento.

— Não sei por que fiz isso — disse ele, com toda a franqueza.

— Qualquer que tenha sido o motivo, vou me empenhar ao máximo para que sua decisão tenha sido acertada. O Dr. O'Bannon não ficou muito satisfeito, mas a preocupação primária é com você. — Ela levantou uma pasta. — Esta é a pasta que o Dr. O'Bannon me entregou quando assumi seu caso.

Web tentou um sorriso contrafeito.

— Pensei que haveria mais coisas na pasta.

— Para dizer a verdade, pensei a mesma coisa — informou Claire, surpreendentemente. — Contém as anotações de algumas sessões normais. Ele receitou vários antidepressivos. O que também não tem nada de extraordinário.

— E isso é bom ou mau?

— Bom, se o ajudou, e presumo que ajudou, pois voltou a uma vida produtiva.

— Mas?

— Mas talvez seu caso mereça um pouco mais de investigação. Devo dizer que estou surpresa por ele não tê-lo hipnotizado. É muito competente nisso, e em geral faz parte do seu esquema de tratamento. O'Bannon tem um curso na Universidade George Washington, onde às vezes hipnotiza um estudante. Faz coisas como levá-lo a bloquear uma letra do alfabeto, de tal maneira que o estudante olha para a palavra "gato" no quadro-negro e lê "ato". Ou o leva a acreditar que há um mosquito zumbindo junto de seu ouvido. Essas coisas. Fazemos isso como parte de uma rotina para demonstrar as alucinações visuais e auditivas induzidas.

— Lembro que conversamos a respeito na primeira vez em que o vi, há alguns anos. Eu não quis, e por isso não fizemos.

— Entendo... — Claire levantou uma pasta muito mais grossa. Ao olhar inquisitivo de Web, ela acrescentou: — Sua pasta oficial do FBI. Ou pelo menos uma parte.

— Foi o que imaginei. Mas pensei que era confidencial.

— Você assinou uma autorização de liberação quando concordou com o aconselhamento. A pasta é rotineiramente entregue ao terapeuta, para ajuda no tratamento, menos qualquer informação ultrassecreta ou que não deva ser vista por alguém de fora. O Dr. O'Bannon transferiu a pasta para mim quando você se tornou meu paciente. Examinei-a meticulosamente.

— Um bom trabalho.

Web estalou as articulações dos dedos, fitando-a com expressão de

expectativa.

— Não mencionou, em nossa entrevista inicial, que seu padrasto, Raymond Stockton, morreu de uma queda em casa, quando você tinha 15 anos.

— Não? Pensei que tivesse contado. Mas você não fez anotações, não tem como conferir, não é mesmo?

— Pode ter certeza de que eu não esqueceria, Web. Também disse que se dava bem com seu padrasto, não é mesmo?

Ela baixou os olhos para a pasta aberta. Web sentiu o coração acelerar e as orelhas arderem. A técnica de interrogatório era clássica. Ela o bloqueava primeiro e depois dava um empurrão para derrubá-lo.

— Tínhamos algumas divergências. Quem não tem?

— Há páginas e páginas de acusações de agressão. Algumas apresentadas pelos vizinhos, outras por você. Todas contra Raymond Stockton. É a isso que você se refere como "algumas divergências"?

Ele corou, furioso, e Claire apressou-se em acrescentar: — Não estou sendo sarcástica. Quero apenas tentar compreender seu relacionamento com o homem.

— Não há nada para compreender porque não tínhamos um relacionamento.

Claire tornou a consultar suas anotações, indo para a frente e para trás. Web observava cada movimento com crescente ansiedade.

— A casa que sua mãe lhe deixou é a mesma em que Stockton morreu?

Ele não disse nada.

— Web, é a mesma...

— Eu ouvi! — O tom foi brusco. — É a mesma casa. E daí?

— Eu só estava perguntando. Acha que vai vendê-la?

— Por que se importa com isso? Tem uma atividade paralela como corretora de imóveis?

— Começo a ter a impressão de que você tem problemas em relação à casa.

— Não foi um lugar agradável para passar a infância.

— Compreendo isso. Mas, muitas vezes, para melhorar e seguir adiante você precisa confrontar seus medos.

— Não há nada naquela casa que eu precise confrontar.

— Por que não falamos a respeito mais um pouco?

— Não acha que estamos indo longe demais, Claire? Procurei-a porque

minha equipe foi destruída, e isso me deixou confuso. Vamos nos ater a esse ponto. Esqueça o passado. Esqueça a casa e esqueça os meus pais. Eles não têm nada a ver comigo ou com quem eu sou.

— Ao contrário, eles têm muito a ver com quem você é. Sem compreender seu passado, não posso ajudá-lo com o presente ou o futuro. É simples assim.

— Por que não me dá logo algumas pílulas e encerramos a sessão? Dessa maneira, o serviço fica satisfeito, certo de que recebi minha massagem mental e você realizou seu trabalho.

Claire sacudiu a cabeça.

— Não trabalho assim, Web. Quero ajudá-lo. Acho que posso ajudá-lo. Mas você tem de trabalhar comigo. Não posso fazer concessões nesse ponto.

— Pensei que havia dito que eu precisava combater a síndrome ou algo parecido. O que isso tem a ver com meu padrasto?

— Apenas falamos que essa era uma possibilidade para o que aconteceu com você naquela viela. Não disse que era a única possibilidade. Precisamos explorar meticulosamente todos os ângulos, se queremos mesmo tratar de suas dificuldades.

— Dificuldades... fala como se fosse muito simples. Como se eu estivesse me lamentando por ter acne.

— Podemos usar outro termo, se você preferir. Mas isso não vai afetar a maneira como encaramos as questões.

Web cobriu o rosto com as mãos. Depois, falou através desse escudo: — O que exatamente você quer de mim?

— Honestidade, na medida em que você puder oferecê-la. E acho que pode, se realmente tentar. Tem de confiar em mim, Web.

Ele retirou as mãos.

— Muito bem, aqui vai a verdade. Stockton era um canalha Viciado em pílulas e álcool. E parece que nunca passou dos anos 60. Tinha um emprego de escritório de baixo nível, onde precisava usar terno para trabalhar. Nas horas de folga, imaginava-se outro Dylan Thomas.

— Ou seja, está me dizendo que ele era uma espécie de sonha dor frustrado, talvez mesmo um impostor?

— Queria ser mais intelectual e mais talentoso do que minha mãe, mas não era, nem de longe. Sua poesia era uma merda; não conseguiu ter nada publicado. A única coisa que tinha em comum com o velho Dylan era o fato

de que bebia demais. Acho que pensava que a garrafa lhe proporcionaria inspiração.

— E ele batia na sua mãe?

Claire apontou para a pasta.

— É o que está escrito aí?

— Na verdade, o que não está dito aí é ainda mais interessante Sua mãe nunca apresentou qualquer acusação contra Stockton.

— Nesse caso, acho que devemos acreditar no que está escrito — Ele batia na sua mãe? Mais uma vez, Web não respondeu.

— Ou só em você?

Web levantou os olhos lentamente, ainda em silêncio.

— Só em você? E sua mãe deixava que isso acontecesse?

— Charlotte quase não estava em casa. Cometera um erro ao casar com aquele sujeito. Sabia disso e procurava evitá-lo.

— Entendo. Imagino que o divórcio não fosse uma opção.

— Ela já fizera isso uma vez. Acho que não queria se incomodar de novo. Era mais fácil sair de casa à noite.

— E deixava-o com um homem que sabia que o maltratava? E como isso fazia você se sentir?

Web não respondeu.

— Alguma vez conversou com ela a respeito? Para dizer como isso fazia você se sentir?

— Não adiantaria. Para ela, o cara nunca existiu.

— Significando que ela reprimia a memória?

— Significando qualquer coisa que você queira que signifique. Nunca falamos a respeito.

— Você estava em casa quando seu padrasto morreu?

— Talvez. Não me lembro. Também reprimi essa lembrança.

— O registro diz apenas que seu padrasto caiu. Como ele caiu?

— Do alto da escada do sótão. Guardava seu estoque secreto de felicidade lá em cima. Estava chumbado ao sair, errou um degrau, bateu com a cabeça na beira da abertura, despencou lá de cima e quebrou o pescoço ao se esborrachar no chão. A polícia investigou e chegou à conclusão de que foi morte acidental.

— Sua mãe estava em casa quando aconteceu? Ou havia saído em um de seus passeios?

— Pretende ser agora uma agente do FBI?

— Apenas tento compreender a situação.

— Charlotte estava em casa. Foi ela que chamou a ambulância. Mas, como eu disse, ele já havia morrido.

— Você sempre chamou sua mãe pelo primeiro nome?

— Parecia apropriado.

— Imagino que você sentiu alívio com a morte de Stockton.

— Digamos apenas que não chorei no funeral.

Claire se inclinou para a frente e falou em voz muito baixa: — A próxima pergunta será muito difícil, Web. Se não quiser responder agora, tudo bem. Mas não posso deixar de fazê-la em casos de maus-tratos parentais.

Web levantou as mãos.

— Ele nunca tocou em minhas partes íntimas e nunca me obrigou a tocar em suas partes íntimas, entendido? Nada disso. Perguntaram na ocasião e eu disse a verdade. O cara não era um molestador. Era apenas um filho-da-puta cruel e sádico, que compensava uma vida de inseguranças e desapontamentos ao encher de porrada um menino. Se ele tivesse se metido comigo sexualmente, eu mesmo teria encontrado um jeito de matá-lo. — Web compreendeu o que acabara de dizer e apressou-se em acrescentar: — Mas o cara poupou o trabalho de todo mundo ao tomar a iniciativa de cair do sótão.

Claire se recostou. Empurrou a pasta para o lado. Essa pequena providência aliviou um pouco a ansiedade de Web, que se empertigou na cadeira.

— É óbvio que você recorda o tempo com seu padrasto e o detesta, por bons motivos — disse Claire. — Tem pensado mais nas lembranças de seu pai natural?

— Pais são sempre pais.

— E isso significa que você junta seu pai verdadeiro e Raymond Stockton na mesma balança?

— Poupa o trabalho de pensar demais a respeito, não é mesmo?

— A saída mais fácil em geral não resolve nada.

— Com toda a sinceridade, Claire, eu não saberia por onde começar.

— Muito bem. Vamos voltar ao pátio por um momento. Sei que será doloroso, mas temos de passar por isso de novo.

Web voltou ao pátio e foi mesmo doloroso.

— Lembra se o primeiro grupo de pessoas por que passou teve algum

tipo de efeito sobre você?

— Nada mais além de imaginar se um deles tentaria nos matar ou avisaria alguém. Mas eu sabia que eles estavam sob a mira de nossos atiradores de tocaia. Portanto, fora o potencial de morte instantânea, tudo estava tranquilo.

Se ela ficou desconcertada com o sarcasmo, não deixou transparecer. O que impressionou Web.

— Projete o menino na sua imaginação. Lembra exatamente o que ele disse?

— Isso é mesmo importante?

— A esta altura, não sabemos o que é importante e o que não é.

Web deixou escapar um suspiro profundo.

— Está bem. Vi o garoto. Ele olhou para nós e disse...

Web parou nesse ponto, porque podia ver Kevin em sua mente com absoluta nitidez. O buraco de bala no rosto, a cicatriz de faca na testa. Era um garoto miserável, que obviamente já tivera uma vida longa e infeliz.

— Ele disse... ele disse... "Os danados para o inferno." Foi isso que ele disse. — Web fitou Claire, numa súbita animação. — Isso mesmo. E depois riu. Uma risada estranha, mais como um cacarejo.

— Em que momento você se sentiu afetado?

Web pensou a respeito.

— Eu diria que foi quando ele falou. Parecia que um nevoeiro se infiltrava no meu cérebro. — Web fez uma pausa. — "Os danados para o inferno." Foi exatamente o que ele disse. E está acontecendo de novo. Posso sentir os dedos formigando. É uma loucura.

Claire escreveu algumas anotações, antes de fitá-lo.

— É um vocabulário bastante estranho para um menino usar, ainda mais naquela parte da cidade. "Danados" e "inferno" podem ser usados, mas "danados para o inferno"? Parece um tanto arcaico, como se fosse de outra era. Talvez puritano, fogo e enxofre. O que você acha disso?

— Para mim, parece uma expressão da época da Guerra Civil.

— É tudo muito estranho.

— Acredite em mim, Claire, quando digo que toda aquela noite foi estranha.

— Sentiu mais alguma coisa?

Web pensou por um longo momento.

— Estávamos esperando pelas ordens finais para atacar o alvo. E

recebemos. — Ele balançou a cabeça. — Assim que ouvi as ordens pelo fone de ouvido, fiquei paralisado. Foi imediato. Lembra que lhe falei sobre as armas Taser com que brincamos na ERR?

Claire acenou com a cabeça em confirmação, e ele acrescentou: — Foi como se tivesse sido atingido por um daqueles dardos eletrificados. Não conseguia me mexer.

— Alguém poderia tê-lo alvejado com uma arma Taser na viela? Teria sido por isso que você ficou paralisado?

— Impossível. Ninguém estava tão perto assim, e o dardo não teria penetrado no Kevlar que eu usava. E finalmente, mas não menos importante, o dardo ficaria espetado em mim, não é mesmo?

— Tem razão. — Claire escreveu mais algumas anotações. — Você declarou antes que ficou paralisado, mas conseguiu levantar e entrar no pátio.

— Foi a coisa mais difícil que já fiz em toda a vida, Claire. Tinha a sensação de que pesava uma tonelada. Nada em mim funcionava direito. Até que a paralisia prevaleceu. Caí e fiquei estendido ali. Um momento depois, os tiros começaram.

— Quando ocorreu o início de sua recuperação?

Web pensou um pouco.

— A sensação foi de que passei anos sem poder fazer qualquer movimento. Mas não foi tanto tempo assim. No momento em que as metralhadoras começaram a disparar, senti que tudo voltava, pouco a pouco. Podia mexer as pernas e os braços, mas ardiam demais... como acontece quando você fica com o braço ou a perna dormente e depois a circulação se restabelece, entende? Foi as sim que me senti. E não se pode dizer que precisava das pernas naquele momento, pois não tinha para onde ir.

— Quer dizer que a recuperação foi espontânea? Não se lembra de ter feito alguma coisa que pudesse paralisá-lo? Talvez um problema nas costas, sofrido durante o treinamento? Já teve alguma vez uma lesão neurológica? Isso também poderia imobilizá-lo.

— Nada parecido. Se não se está em condições físicas perfeitas, não se participa de uma operação.

— Quer dizer que ouviu as armas disparando, e as sensações começaram a voltar a seu corpo?

— Isso mesmo.

— Mais alguma coisa?

— O garoto. Já vi milhões iguais. E, no entanto, ele parecia diferente. Não consegui tirá-lo da cabeça. Não era apenas porque ele fora baleado. Também já vi outros garotos assim. Não sei direito o que era. Tornei a vê-lo enquanto as metralhadoras disparavam. Ele estava agachado na viela. Mais um passo e seria cortado ao meio. Gritei para que ele recuasse. Rastejei em sua direção Deu para perceber que ele estava apavorado. Podia ouvir a Equipe Hotel se aproximando por um lado, enquanto eu e as metralhadoras disparando estávamos no outro lado. E pressenti que ele tentaria escapar através do pátio. Seria o seu fim. Não podia deixar que isso acontecesse, Claire. Pessoas demais já haviam morrido naquela noite. Ele pulou e eu pulei também. Agarrei-o a tempo Tratei de acalmá-lo, porque ele gritava que não tinha feito nada. Mas quando um menino diz isso, é claro que você sabe que ele está escondendo alguma coisa.

Web respirou fundo.

— Como eu disse, consegui acalmá-lo. Ele perguntou se minha equipe havia morrido, e respondi que sim. Entreguei-lhe o bilhete e meu casquete, depois disparei o foguete luminoso. Sabia que era a única maneira de evitar que Hotel o matasse quando ele se aproximasse no escuro. E eu não queria que o garoto morresse, Claire.

— Deve ter sido uma noite horrível para você. Mas deveria se sentir bem por salvá-lo, Web.

— Deveria mesmo? Para que o salvei? Para voltar às ruas? É um menino especial. Tem um irmão chamado Big F, que controla uma das operações locais de drogas. Ele é um perigo.

— Quer dizer que tudo isso pode envolver um dos inimigos desse tal de Big F?

— É possível. — Web fez uma pausa, decidindo se deveria ou não revelar a informação. — Alguém trocou os garotos. Na viela.

— Trocou os garotos? Como assim?

— O Kevin Westbrook que eu salvei não foi o menino que entregou o bilhete à Equipe Hotel. E o menino que desapareceu da cena do crime não foi o Kevin Westbrook que salvei.

— Por que alguém faria isso?

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares, e está me levando à loucura. O que eu sei é que salvei Kevin Westbrook naquele pátio, e depois o garoto foi trocado para dizer à Equipe Hotel que eu me comportara como um covarde. Por que ele faria isso?

— Quase parece que ele tentava desacreditá-lo intencionalmente.

— Um garoto que eu nem mesmo conhecia? — Web sacudiu a cabeça. — Alguém estava tentando fazer com que eu ficasse na pior, não resta a menor dúvida, e instruiu o garoto sobre o que dizer. Depois entrou em cena para sumir com o falso Kevin. É provável que este garoto já esteja morto. E o verdadeiro Kevin também.

— Parece que alguém tramou algo bastante sério contra você — comentou Claire.

— E eu adoraria saber por quê.

— Só podemos tentar descobrir, Web. Posso ajudá-lo em alguma coisa, mas investigação policial está fora da minha jurisdição.

— Para ser franco, pode estar também fora do meu nível. Não fiz praticamente nenhum trabalho de investigação durante os últimos oito anos. — Ele mexeu no anel em seu dedo. — O'Bannon me fez um pequeno discurso sobre a síndrome do combate quando cheguei ao consultório.

Claire alteou as sobrancelhas.

— É mesmo? Seu ângulo do Vietnã?

Ela parecia estar fazendo um esforço para não sorrir.

— Não pensei que fosse a primeira vez que ele usava essa argumentação. Mas é isso o que você pensa que é... apesar do que aconteceu com o garoto?

— Não posso responder agora, Web. Ainda não.

— Sei que os soldados ficam assim. As pessoas atiram neles e acabam pirando. Todo mundo pode compreender isso.

Claire o observava atentamente.

— Mas?

Web passou a falar muito depressa: — Mas a maioria dos soldados recebe apenas um pequeno treinamento antes de ser lançada no inferno do combate. Não sabem nada sobre matar alguém. Não sabem nada sobre o que é estar na linha de fogo pra valer. Já eu fui treinado durante a maior parte de minha vida adulta para fazer esse trabalho. Fui alvo de coisas que você nem acreditaria, Claire. De fogo de metralhadoras a disparos de morteiro. Se me atingissem, nada restaria de mim. Consegui matar homens com a maior parte do sangue em meu corpo derramada no chão. E nunca, nem uma única vez, perdi o controle como naquela noite. E quando isso aconteceu, ainda não haviam disparado nenhum tiro. Pode me dizer como é possível?

— Sei que está procurando respostas, Web. E temos de continuar a procurar. Mas uma coisa já posso lhe dizer: quando se está tratando com a mente, qualquer coisa é possível.

Web a fitou nos olhos, balançando a cabeça. Não podia deixar de especular como conseguiria sair da estrada pela qual enveredara.

— Não é uma grande ajuda, não é mesmo, doutora? Quanto o FBI está lhe pagando para não me dizer nada? Ele se levantou abruptamente e saiu. Mais uma vez, Claire não tentou detê-lo. Não que pudesse, é claro. Outros pacientes já haviam se retirado antes do final da hora, mas nunca nas duas primeiras sessões. Claire se recostou na cadeira e repassou suas anotações. Depois pegou um gravador e começou a ditar.

Sem que Claire soubesse, escondido no detector de fumaça no teto havia um sofisticado aparelho de escuta, que usava a corrente elétrica do prédio, além de contar com uma bateria para qualquer emergência. Cada psiquiatra e psicólogo que trabalhava ali tinha um aparelho de escuta similar escondido em sua sala. O closet em que ficava o quadro de telefones tinha grampos eletrônicos adicionais, um dos quais quebrara, o que causara a visita do "técnico" naquela manhã.

Esses ouvidos bisbilhoteiros haviam coletado uma grande quantidade de informações sobre todos os pacientes que entravam ali. Ao longo do último ano, mais de cem agentes do FBI, de todas as divisões, inclusive agentes secretos, de investigação de corrupção pública, do escritório de Washington e ERR, além de mais de vinte esposas, haviam se apresentado ali, confiantes na mais absoluta confidencialidade, enquanto revelavam seus segredos e problemas. Haviam recebido tudo menos isso.

Assim que Web deixou o consultório, Ed O'Bannon também saiu. Desceu no elevador para a garagem subterrânea, entrou em seu Audi e partiu. Enquanto guiava, pegou o celular e apertou um número. A campainha tocou algumas vezes, mas a ligação finalmente foi atendida.

— O momento é favorável? — perguntou ele, ansioso.

A pessoa no outro lado da ligação respondeu que era um momento tão bom quanto outro qualquer, se a conversa fosse breve e objetiva.

— London esteve aqui hoje.

— Eu já soube — respondeu a voz. — Meu funcionário esteve aí para consertar um pequeno defeito. Como está o velho Web?

O'Bannon engoliu em seco, nervoso.

— Está consultando outra pessoa, uma psiquiatra. — Ele se apressou

em acrescentar: — Tentei ao máximo impedi-lo, mas não adiantou.

O'Bannon teve de afastar o fone do ouvido, de tão alta e furiosa a resposta da outra pessoa.

— Não é o que eu tencionava — explicou ele. — Não pude acreditar que ele pudesse mesmo passar para essa psiquiatra. Foi inesperado... Quem é? Seu nome é Claire Daniels. Já trabalhou para mim. Está aqui há anos. É muito competente. Em outras circunstâncias, não seria um problema. E eu não podia insistir demais sem que eles ficassem desconfiados.

A outra pessoa fez uma sugestão que deixou O'Bannon tremendo. Ele parou o carro no acostamento.

— Não é possível. Matá-la só serviria para despertar suspeitas. Conheço London. Talvez até muito bem. Ele é inteligente. Se acontecer alguma coisa com Claire, vai investigar até descobrir tudo. Ele é assim. Confie em mim. Lembre-se de que trabalhei com o sujeito durante muito tempo. Foi por isso que você me contratou.

— Mas não foi o único motivo — disse a outra pessoa. — E pagamos muito bem a você, Ed. Não gosto nem um pouco que ele converse com essa tal de Daniels.

— Tenho tudo sob controle. Se conheço London, ele vai aparecer mais algumas vezes e depois abandonar o tratamento por completo. E se alguma coisa resultar das sessões, nós saberemos no mesmo instante. Ficarei atento.

— É melhor que fique mesmo. Pois no instante em que não tiver mais o controle, nós entraremos em cena.

A ligação foi cortada. O'Bannon, transtornado, deu a partida no carro e continuou a viagem.

22

WEB PASSARA UM TEMPO CONSIDERÁVEL NO VIC, circulando pelas ruas próximas ao local do massacre. Estava de licença remunerada e não participava da investigação oficial. Assim, não podia solicitar apoio, caso precisasse, nem tinha uma noção nítida do que procurava. A escuridão das ruas era quebrada pelo clarão uniforme dos sinais de trânsito. Havia câmeras em muitos daqueles cruzamentos, ostensivamente para fotografar os motoristas que avançavam o semáforo vermelho. Web, no entanto, achava que as câmeras também serviam como meios de vigilância nas áreas em que era elevado o índice de crimes. Mas não podia deixar de apreciar a engenhosidade dos criminosos locais. Muitas câmeras haviam sido arrancadas dos postes. Algumas apontavam para o céu, outras para o chão, umas poucas para prédios. Havia ainda inúmeras quebradas. Era a frustração do esquema do Big Brother.

Web continuava a verificar as ligações para sua casa. Mais nenhuma esposa telefonara. Cynde e Debbie provavelmente já haviam informado às outras que fora realizado o trabalho sujo de afastar Web de suas vidas. Ele quase podia ouvir o suspiro coletivo de alívio das mulheres.

Web finalmente marcara outra sessão com Claire. Ela não mencionara seu insulto ao partir, não fizera qualquer comentário sobre a segunda saída abrupta do consultório. Apenas anotara a hora e dissera que estaria à sua espera. Ela não deve mesmo ser nada suscetível, pensou Web.

Havia várias outras pessoas na área de espera quando Web chegou. Nenhuma parecia disposta a fazer um contato visual, e Web também não tentou. Refletiu que devia ser sempre assim na sala de espera de um psiquiatra. Quem queria que estranhos vissem sua presença ali por uma questão de insanidade?

Claire saiu para recebê-lo, com um sorriso tranquilizador. Entregou-lhe uma xícara de café, já com creme e açúcar, como ele gostava. Foram para a sala de Claire. Ele passou a mão pelos cabelos.

— Peço desculpas pelo que aconteceu na última vez, Claire. Não costumo ser tão grosso assim. Sei que você está apenas tentando ajudar e que nada é fácil de descobrir.

— Não peça desculpas por fazer exatamente o que deveria fazer, Web. Ou seja, pôr para fora todos esses pensamentos e sentimentos para que

possa lidar com eles.

Web deu um sorriso contrafeito.

— Por onde começamos hoje, doutora? Marte ou Vénus?

— Vamos começar pela exploração do transtorno de estresse pós-traumático, para verificar se pode mesmo se aplicar ao seu caso.

Web sorriu interiormente. Era algo com que ele podia lidar.

— Como fadiga de combate?

— Esse termo é muitas vezes usado de maneira equivocada, e quero ser um pouco mais precisa. Em termos clínicos, é bem provável que você tenha sofrido um estresse traumático com os acontecimentos naquele pátio.

— Concordo nesse ponto.

— Vamos testar essa conclusão. Se for esse o diagnóstico, há vários métodos comprovados de lidar com isso, inclusive técnicas de administração de estresse, padrões de sono e nutrição apropriados, exercícios de relaxamento, reformulação cognitiva e medicamentos ansiolíticos.

— Parece muito simples — comentou Web, sarcástico.

Ela o fitou com uma expressão que Web achou estranha.

— Às vezes é mesmo simples. — Claire baixou os olhos para os a papéis. — Muito bem. Notou mudanças físicas em você? Calafrios, vertigem, dor no peito, pressão alta, dificuldade na respiração, fadiga, náusea, qualquer coisa assim?

— Na primeira vez em que voltei ao pátio, para tentar descobrir o que aconteceu, senti um pouco de vertigem.

— Alguma coisa desde então?

— Não.

— Tem se sentido excessivamente excitado desde então?

Web não tinha muito tempo para pensar.

— Não... nada demais.

— Tem abusado de alguma substância para ajudá-lo a suportar?

— Nada. Ao contrário, tenho até bebido menos.

— Tem flashbacks do evento?

Web sacudiu a cabeça em negativa.

— Sente-se atordoado, com vontade de evitar a vida, as pessoas?

— Não. Quero descobrir o que aconteceu. Quero ser proativo.

— Sente-se mais furioso, irritado e hostil do que o normal com as pessoas? — Ela sorriu. — Excluindo sua companhia no momento.

Web retribuiu o sorriso.

— Não, Claire. Para ser franco, acho que tenho me mantido relativamente calmo.

— Depressão persistente, ataques de pânico, ansiedade intensificada ou formação de fobias?

— Nada parecido.

— Tem lembranças repetitivas do evento que se intrometem subitamente em seus pensamentos? Em outras palavras, sonhos traumáticos ou pesadelos? Web falou devagar enquanto avançava por aquele campo minado mental.

— Na noite no hospital, depois do que aconteceu, tive alguns pesadelos. Fui drogado, mas lembro que fiquei pedindo desculpas às esposas dos meus companheiros durante a noite inteira.

— O que é perfeitamente natural nas circunstâncias. Qualquer coisa parecida desde então?

Web sacudiu a cabeça em negativa.

— Ando muito ocupado com a investigação — disse ele, como defesa. — Mas penso a respeito durante todo o tempo. Fiquei abalado com o que aconteceu. Como se um peso enorme me comprimisse. Nunca senti nada parecido.

— Mas já teve experiência com a morte, em sua linha de trabalho, não é mesmo?

— Já, sim, mas nunca com a de qualquer homem da minha equipe.

— Acha que pode ter bloqueado de sua mente parte do que aconteceu, o que chamamos de disfunção da memória ou síndrome amnésica?

— Não, pois me lembro de todos os detalhes — respondeu Web, cansado.

Enquanto Claire olhava para suas anotações, Web acrescentou, num súbito impulso: — Eu não queria que eles morressem, Claire. Lamento muito que isso tenha acontecido. Faria qualquer coisa para tê-los de volta.

Ela o fitou nos olhos. Largou as anotações.

— Quero que me escute com toda a atenção, Web. Só porque você não tem os sintomas do transtorno de estresse pós-traumático não significa que não se importa com o que aconteceu com seus amigos. Não significa que não esteja sofrendo. Tem de compreender isso. O que vejo em você é um homem que está sofrendo todos os sintomas normais de quem passou por uma situação terrível, que deixaria a maioria das pessoas incapaz de

funcionar, pelo menos por longo tempo.

— Mas não é o meu caso.

— Você possui habilidades excepcionais, anos de treinamento e uma constituição psicológica que o ajudaram consideravelmente a ser selecionado para a ERR em primeiro lugar. Descobri muita coisa sobre a ERR desde que conversamos pela primeira vez. Sei que a pressão física a que são submetidos é extraordinária, mas a provação mental é ainda mais impressionante. Por causa de sua constituição física e psicológica, Web, pode suportar mais do que quase todo mundo. Sobreviveu àquele pátio, obviamente não apenas vivo, mas também com a mente intacta.

— Quer dizer que não tenho o transtorno de estresse pós-traumático?

— Acho que não.

Web baixou os olhos para suas mãos.

— Isso significa que acabamos?

— Não. Só porque não está traumatizado pelo que aconteceu naquele pátio, isso não significa que não tenha alguns problemas que precisam ser trabalhados. Talvez sejam problemas que já tinha muito antes de ingressar na ERR.

Ele se recostou, com uma desconfiança imediata; parecia que não era capaz de se controlar.

— Por exemplo?

— Estamos aqui para falar sobre isso. Você mencionou que se sentia parte da família de seus companheiros. O que me leva a indagar se alguma vez quis ter sua própria família.

Web pensou a respeito por algum tempo.

— Sempre pensei que teria uma família grande, com muitos filhos para jogar bola, muitas meninas para mimar, deixar que enrolassem o velho pai, que sorriria durante todo o tempo.

Claire pegou o bloco e a caneta.

— E por que não teve?

— Os anos passaram sem que eu percebesse.

— Isso é tudo?

— Não é suficiente?

Ela estudou o rosto dele, o lado bom e o mau. Web virou o rosto, como fizera na última vez.

— Você sempre faz isso?

— Faço o quê?

— Vira o lado danificado do rosto quando alguém o observa — Não sei. Com toda a sinceridade, não penso a respeito.

— Tenho a impressão, Web, de que você pensa com muito cuidado em tudo o que faz.

— Talvez fique surpresa.

— Não falamos sobre relacionamentos pessoais. Tem algum relacionamento romântico com alguém?

— Meu trabalho não me deixa tempo para isso.

— Mas todos os outros homens de sua equipe eram casados.

— Talvez fossem melhores do que eu.

— Quando sofreu os ferimentos no rosto?

— Precisamos mesmo falar disso?

— Parece que é um assunto que o deixa angustiado. Podemos tratar de outra coisa.

— Não! Não me sinto nem um pouco angustiado!

Web se levantou. Tirou o paletó. Enquanto Claire observava, com crescente espanto, Web desabotoou o primeiro botão da camisa para revelar o ferimento de bala no pescoço.

— Tive ferimentos na face direita antes deste ferimento. — Ele mostrou o buraco de bala na base do pescoço. — Alguns supre — macistas brancos, que se intitulavam Sociedade Livre, capturaram uma escola em Richmond. Enquanto meu rosto estava em chamas, um deles me acertou uma bala de Magnum .357. Um ferimento limpo, pois a bala saiu pelo outro lado. Mais um milímetro para a esquerda e eu estaria morto, ou tetraplégico. Tenho outro ferimento de bala, mas não vou mostrar o buraco. E bem aqui.

Ele tocou na cicatriz, perto da axila, antes de continuar: — A bala era o que chamamos no ramo de Chunneler. Lembra do túnel sob o Canal da Mancha, com aquelas enormes máquinas de perfuração que usaram? Esse tipo de bala faz a mesma coisa, Claire. Tem uma capa de aço. Entra no corpo numa espiral, com a velocidade de Mach Três. E pulveriza qualquer coisa que esteja no caminho. Passou direto por meu corpo e matou o cara que estava atrás de mim, pronto para rachar minha cabeça com um facão. Se fosse uma bala dundum, em vez de ter uma capa de aço, teria ficado em meu corpo, e eu morreria do golpe com o facão. — Ele sorriu. — Dá para acreditar que o tiro tenha sido disparado num momento tão oportuno?

Claire baixou os olhos, sem dizer nada.

— Ora, doutora, não desvie os olhos. Ainda não viu o melhor.

Ela levantou os olhos, enquanto Web levava a mão ao próprio queixo e virava o lado danificado do rosto.

— Esta beleza foi feita por uma bomba incendiária que quase matou meu bom companheiro Lou Patterson... sabe quem é, o falecido marido daquela mulher que me humilhou diante do mundo inteiro. Tenho certeza de que a viu na TV. A droga do escudo derreteu em meu rosto. Disseram que um médico e uma enfermeira desmaiaram quando me viram no hospital em Richmond. Todo o lado do rosto era um ferimento aberto, em carne viva. Alguém comentou que eu dava a impressão de que já entrara em decomposição. Cinco operações, Claire... e a dor... devo dizer que a dor não melhorava. Tiveram de me amarrar na cama muitas vezes. E quando vi o que restou do meu rosto, minha única vontade era enfiar uma arma na boca e puxar o gatilho. Quase fiz isso. E quando, finalmente, tudo ficou para trás, quando saí do hospital, era engraçado ver como as mulheres saíam correndo, aos gritos, quando o velho Web se aproximava. Tive de jogar no vaso meu caderninho de endereços... e puxar a descarga. Por isso, não costumo ter encontros românticos, e o casamento ficou em posição secundária para coisas importantes, como levar o lixo para a calçada e cortar a grama.

Ele se recostou, abotoou a camisa e perguntou, em tom afável: — Deseja saber mais alguma coisa?

— Assisti à coletiva da imprensa com o FBI, quando revelaram muita coisa sobre a maneira como você sofreu os ferimentos. O que você fez naquela escola foi de um heroísmo incrível. Contudo, parece que sua visão de si mesmo é a de um homem sem atrativos e inaceitável para as mulheres. — Uma pausa. — E também estou me perguntando se você pensa que teria dado um bom pai.

Essa mulher não desiste!, pensou Web. Ele disse com toda a calma, fazendo um tremendo esforço para se controlar: — Eu gostaria de pensar que sim.

— Não é isso. Perguntei se você pensa que seria um bom pai.

— Mas que droga de pergunta é essa? — indagou Web, irritado.

— Se tivesse filhos, acha que algum dia seria capaz de espancá-los?

Web se ergueu um pouco na cadeira.

— Estou a dois segundos de sair daqui, Claire! E nunca mais voltar!

Ela o fitou em silêncio, até que ele tornou a arriar na cadeira.

— Quando começamos a terapia, Web, eu disse que você tinha de

confiar em mim. A terapia não é fácil, ainda mais se você tem problemas que não quer tratar. Só estou tentando ajudar, mas você precisa ser franco comigo. Se quer perder tempo com histrionices, a decisão é sua. Prefiro ser mais produtiva.

A psiquiatra e o agente federal fitaram-se em silêncio por longo momento. Foi Web o primeiro a piscar. Recostou-se na cadeira. Acabara de ter uma compreensão muito melhor do que Romano costumava enfrentar com Angie.

— Eu jamais bateria nos meus filhos. Por que agiria assim, depois do que Stockton fez comigo?

— O que você diz parece perfeitamente lógico. Mas a realidade é que muitos pais que maltratam seus filhos também foram maltratados quando eram crianças. Não é tão fácil quanto aprender com os erros dos pais, porque nossa psique emocional não funciona com tanta eficiência. E as crianças não estão equipadas para pensar assim. São impotentes para resistir aos maus-tratos. Com isso, reprimem o ódio, a raiva e os sentimentos de desamparo, muitas vezes ao longo dos anos. Não desaparecem por si mesmos, esse caldeirão borbulhante de confusão, os sentimentos de traição ou baixa autoestima que acompanham a criança maltratada... papai e mamãe não podem me amar porque me bateram, e deve ter sido culpa minha, porque papai e mamãe não podem fazer nada errado. As crianças maltratadas crescem e têm filhos. As vezes, conseguem superar seus problemas e se tornam pais excepcionais. Outras vezes, porém, a raiva e o ódio que permaneceram latentes por tanto tempo acabam aflorando e se voltam contra os próprios filhos, que são submetidos às mesmas coisas que os pais sofreram.

— Eu nunca levantaria a mão contra uma criança, Claire. Sei que a maneira como ganho a vida pode dar a impressão do contrário, mas não sou desse tipo.

— Acredito em você, Web. Pode ter certeza de que acredito. Mas há algo mais importante: você também acredita?

Ele ficou outra vez com o rosto vermelho.

— Acho que está me insultando.

— Pois então deixe-me reformular a pergunta de maneira mais direta. Acha possível que sua decisão de não casar e não ter filhos pode derivar do fato de ter sido maltratado e sentir medo de maltratar seus próprios filhos? Não é uma coisa sem precedentes, Web... não é mesmo. Alguns podem até

alegar que é o supremo sacrifício.

— Ou a suprema fuga de seus problemas.

— Alguns podem alegar isso também.

— Qual é a sua opinião?

— É bem possível que no seu caso sejam as duas coisas. Mas se é esse o motivo pelo qual você se absteve de casar e constituir família, podemos procurar uma solução, Web. E embora eu possa compreender como as lesões em seu rosto podem tornar difícil que algumas mulheres se sintam atraídas por você, não pense que todas são assim, porque não é o que acontece.

Ele começou a balançar a cabeça, mas parou de repente e fitou-a.

— Quando eu estava em Montana, vigiando um grupo revoltado contra o governo, passava meu turno mirando com meu rifle de tocaia os caras que passavam pela janela. Ficava horas assim, todos os dias, esperando pelo momento em que teria de matar um deles. Esse tipo de coisa deixa qualquer um esgotado, Claire, a parte da espera para matar. Por isso, quando estava de folga, à noite, sob as estrelas, no meio de Montana, costumava escrever cartas.

— Para quem?

Web pareceu um pouco embaraçado. Demorou um momento para continuar, pois nunca antes revelara isso a ninguém.

— Fingia que tinha filhos. — Ele balançou a cabeça. Não podia sequer olhar para Claire agora. — Até inventei nomes, como Web Júnior, Lacey. A caçula era Brooke, ruiva, com dentes faltando. E eu escrevia cartas para todos. Até mandei para minha casa, onde as encontraria quando voltasse. No meio da espera para matar um bando de desgraçados em Montana, com tão pouco poder de fogo que era até irônico, eu escrevia para Brooke Louise, avisando que papai voltaria para casa em breve. Até comecei a acreditar que tinha mesmo uma família. Foi a única coisa que me fez aguentar, porque no final precisei puxar o gatilho e a população de Montana teve a menos dois habitantes.

Ele parou de falar, limpou a boca, engoliu o que parecia ser um enorme fluxo de bílis e baixou os olhos para o carpete.

— Quando voltei para casa, encontrei todas aquelas cartas à minha espera. Mas nem mesmo as li. Já sabia o que diziam. A casa estava vazia. Sem Brooke Louise.

Web finalmente levantou os olhos.

— Uma piração, não é... escrever cartas para filhos que não existem?

Sem sequer tentar, Web pôde perceber que finalmente deixara Claire Daniels emocionada. Quando deixou a sala de Claire e viu duas pessoas conversando na área de espera, em voz baixa, Web ficou aturdido por um momento, porque o contexto era errado. O'Bannon estava parado ali, o que era de esperar, pois trabalhava no consultório. A mulher em sua companhia, porém, não deveria estar ali. Quando virou o rosto e avistou Web, Debbie Riner não pôde conter uma exclamação de surpresa.

O'Bannon também olhou para Web e logo se adiantou, com a mão estendida.

— Não sabia que viria hoje, Web. Acho que nem poderia saber, pois Claire e eu não partilhamos nossas agendas. Seria um pesadelo ético se o fizéssemos.

Web não apertou a mão do médico. Continuou a olhar fixamente para Debbie, que parecia paralisada, como se tivesse sido surpreendida num colóquio amoroso com O'Bannon. O médico olhou para um e outro.

— Vocês dois se conhecem? — Ele bateu com a mão na testa e respondeu à própria pergunta: — Claro. A ERR.

Web se aproximou de Debbie, que tirou um lenço de papel da bolsa.

— Está se tratando com O'Bannon, Deb?

— Isso é confidencial, Web — interveio o médico.

Web o descartou com um aceno de mão.

— Já sei que é tudo segredo.

— Jamais gostei desta área de espera comum... não é boa para a privacidade do paciente. Mas não há outra configuração possível.

Era evidente que os dois não prestaram a menor atenção à sua queixa. Ele acrescentou: — Até a próxima, Debbie. — O'Bannon olhou para Web com expressão inquisitiva.

— Mantenha a calma, Web. Sei que Claire está fazendo maravilhas por você.

Está mesmo, Web teve vontade de dizer. A mulher tem feito tantas maravilhas por mim que está me levando à loucura.

Web abriu a porta para Debbie. Os dois se dirigiram aos elevadores. Ela não o fitava. Web sentiu que ficava com o rosto cada vez mais vermelho, de raiva, embaraço, não sabia direito o quê. Decidiu falar: — Vim procurar uma psico para me ajudar a aguentar o que aconteceu. Acho que você resolveu fazer a mesma coisa.

Debbie assoou o nariz e finalmente fitou-o.

— Venho tendo sessões com o Dr. O'Bannon há mais de um ano, Web.

Ele a fitou, outra vez completamente aturdido. Nem ouviu quando a porta do elevador abriu.

— Não vai descer? — perguntou Debbie.

Saíram para a rua. Já iam se afastar, por direções opostas, quando Web conteve sua confusão e disse: — Tem tempo para um café, Deb? Web tinha certeza absoluta de que Debbie não teria tempo nenhum para pessoas como ele.

— Há uma loja da Starbucks logo depois da esquina. Conheço esta área muito bem.

Sentaram num canto isolado, com duas xícaras de Grande, enquanto máquinas reluzentes zumbiam e despejavam café para os clientes sedentos.

— Disse há mais de um ano? Vem consultando um pisco durante todo esse tempo?

Debbie mexeu a canela no fundo de sua xícara.

— Algumas pessoas passaram a vida inteira em terapia, Web.

— Outras pessoas... não as pessoas como você.

Ela o fitou de uma forma como nunca fizera antes.

— Deixe-me falar um pouco sobre as pessoas como eu, Web. Quando casei com Teddy, ele estava no início da carreira militar. Eu sabia o que nos aguardava, postos no exterior, num país em que ninguém falava a nossa língua, ou em algum quartel perdido no interior dos Estados Unidos, onde se tinha de percorrer mais de cem quilômetros de carro para ir ao cinema. Mas eu amava Teddy e aceitei tudo de olhos abertos. Depois ele ingressou na Força Delta. E as crianças começaram a nascer. Embora ficássemos a maior parte do tempo no mesmo lugar, Teddy nunca permanecia ali. Na metade do tempo, eu não sabia onde ele se encontrava. Se estava morto ou vivo. Lia a respeito do que ele fazia nos jornais, ou assistia pela CNN, como todo mundo. Mas superamos isso. Ele foi para a EER. E pensei que nossa vida ia melhorar. Só que nunca me disse que a ERR era ainda pior do que a Força Delta, ou que passaria ainda mais tempo ausente do que antes. Podia suportar isso quando tinha vinte anos, ainda sem filhos. Não tenho mais vinte anos, Web. E tenho três filhos que criei quase sozinha, com o salário de Teddy... que depois de tantos anos de serviços prestados ao país ainda ganhava mais ou menos a mesma coisa que um caixa do Kmart ganha. Era eu que ficava com as crianças todos os dias. E quando a caçula queria saber

por que o papai tinha de viajar, por que não voltava logo para casa, eu não tinha resposta para dar.

— Ele morreu combatendo o bom combate, Deb. Morreu por seu país.

Ela bateu com o punho na mesa, com tanta força que os outros clientes viraram-se para olhar, surpresos.

— Tudo isso é besteira, como você sabe muito bem!

Com um esforço monumental Debbie recuperou o controle. Para Web, a mulher parecia um vulcão em erupção, tentando desesperadamente conter a lava.

— Ele fez sua opção, Web. Queria estar com seus companheiros, suas armas e suas aventuras. — A voz se tornou mais calma, mais triste. — Ele amava a todos. Amava você, Web. Oh, Deus, não pode imaginar o quanto ele o amava! Muito mais do que gostava de mim, ou de seus próprios filhos, porque não os conhecia tão bem quanto conhecia você. Afinal, vocês lutavam juntos, salvavam a vida uns dos outros, todos os dias enfrentavam o perigo e eram bastante competentes e bem treinados para sobreviverem. Como uma equipe. A melhor equipe que já existiu. Ele conversava com vocês sobre coisas que nunca me diria. Tinha toda essa outra vida, da qual eu nunca poderia participar. E era mais emocionante do que qualquer outra coisa que ele tinha.

Debbie abriu os braços.

— Como uma simples esposa e família podiam competir com tudo isso? Teddy só me contava uma ou outra coisa sobre o que fazia, apenas migalhas para manter a paz na família. — Ela sacudiu a cabeça. — Houve muitos dias em que odiei todos vocês por tirá-lo de nós.

Ela levou um lenço de papel aos olhos para enxugar as lágrimas. Web teve vontade de estender a mão e tocá-la, mas não sabia se seria bem recebido. Sentia-se culpado por crimes horríveis, sem jamais saber que fora indiciado.

— Teddy também fazia terapia?

Debbie enxugou os olhos e tomou um gole de café.

— Não. Ele dizia que se descobrissem alguém na ERR consultando um psiquiatra teriam de expulsá-lo. Não havia margem para qualquer fraqueza na ERR. Além disso, argumentava Teddy, ele não precisava ir a um analista. Não havia nada de errado com ele, mesmo que eu tivesse algum problema absurdo. Não queria que eu fosse, mas finquei pé pela primeira vez. Tinha de fazê-lo, Web. Tinha de falar com alguém. E não sou a única esposa na

ERR que se trata com um psiquiatra. Há outras, como Angie Romano.

Angie Romano! Web especulou se ela vinha falar sobre Paulie. Talvez ele a espancasse. Não, era mais provável que ela batesse em Paulie.

— Lamento que não fosse feliz, Deb. Você merecia.

Web tinha em casa centenas de fotos em que aparecia com seus companheiros da Charlie se divertindo juntos. E nenhuma esposa aparecia naquelas fotos, porque elas nunca eram convidadas. Web julgara os outros sem se pôr no lugar deles. Não era um erro que gostaria de repetir, pois a exposição da ignorância pessoal podia ser devastadora e total. Debbie o fitou, tocou em sua mão, até tentou sorrir.

— Agora que já descarreguei em cima de você, como uma tonelada de tijolos, como vai sua terapia?

Web deu de ombros.

— Está indo. Não sei para onde. Não sei se chega perto do que você perdeu, mas subitamente me ocorreu que aqueles caras eram tudo o que eu tinha na vida. Agora, eles morreram, e eu continuo aqui, não sei por quê. E acho que nunca saberei o motivo.

— Lamento o que Julie Patterson fez com você. Ela está totalmente transtornada. Nunca foi muito estável antes. Ressentia-se de vocês, acima de qualquer outra coisa.

— Julie pode fazer tudo de novo comigo que eu aceitarei — murmurou ele, incisivo.

— Deveria sair agora, Web. Já pagou o que devia. Serviu a seu país. Deu o suficiente. Não podem lhe pedir mais.

— Calculo que depois de trinta anos de psicopapo estarei tão bom quanto se fosse novo.

— A terapia funciona, Web. O'Bannon até me hipnotizou. Levou-me a pensar sobre coisas que eu nunca imaginei que seria capaz de encarar. Acho que estavam ocultas bem lá no fundo. — Debbie apertou a mão de Web. — Sei que o jantar na minha casa foi horrível. Queríamos fazer com que se sentisse bem, mas sei que não conseguimos. Fiquei surpresa por você não ter fugido aos gritos antes da sobremesa.

— Não era sua obrigação fazer com que eu me sentisse bem.

— Você sempre lidou otimamente com os filhos de todo o mundo ao longo dos anos. Quero que saiba o quanto nos sentimos gratas por isso. E não há nenhuma de nós que não se sinta contente por você ter sobrevivido. Sabemos como arriscou a vida, ao longo dos anos, para manter nossos

maridos vivos.

Debbie se inclinou e tocou no lado avariado do rosto de Web. Deslizou os dedos macios para cima e para baixo da superfície áspera. Web não retirou o rosto.

— Todas nós sabemos o preço que você pagou, Web.

— Neste momento, parece que valeu a pena.

23

TOONA VOLTOU AO BANCO DO MOTORISTA, FECHOU E TRANCOU a porta. Estendeu o braço comprido e entregou o envelope a Francis, sentado no banco traseiro do Lincoln Navigator preto. Macy sentava na parte intermediária, de óculos escuros, apesar de as janelas serem escurecidas. Tinha um rádio com fone de ouvido, a arma no coldre. Peebles não estava com eles. Francis olhou para o envelope, mas não o pegou.

— De onde isso veio, Toona? Não me entregue uma merda que não sabe de onde veio. Ensinei direitinho.

— Está limpo. Já verificaram, chefe. Não sei de onde veio, mas não é uma carta-bomba ou qualquer outra coisa parecida.

Francis pegou o envelope e mandou Toona partir. Assim que tateou o objeto dentro do envelope, Francis soube o que era. Abriu o envelope e tirou o anel. Era pequeno, de ouro, e não caberia em seu dedo mínimo. Mas coubera no dedo médio de Kevin quando Francis o comprara para o irmão. No lado de dentro do anel, estavam gravados os nomes de Kevin e Francis. A inscrição dizia: FRANCIS E KEVIN. PARA SEMPRE.

Francis sentiu que as mãos começavam a tremer. Levantou os olhos e percebeu que Toona o observava pelo espelho retrovisor.

— Vamos logo embora, Toona, ou vai acabar numa caçamba de lixo com todas as balas da minha pistola na cabeça.

O Navigator deixou o meio-fio, com Toona já acelerando.

Francis tornou a baixar os olhos para o envelope. Com o maior cuidado, tirou a carta. Era toda escrita em letras de forma, como se costuma ver nos filmes de mistério na televisão. Quem estava com Kevin pedia... não, mandava Francis fazer uma determinada coisa, se quisesse ver o menino vivo de novo. E o que lhe diziam para fazer era estranho. Francis esperava uma exigência de dinheiro ou que renunciasse a uma parte ou a todo o seu território. Claro que ele atenderia. Mas depois que tivesse Kevin de volta, descobriria os sequestradores e os mataria, provavelmente com as próprias mãos. Só que não eram essas as exigências. Por isso, Francis ficou confuso e, de repente, sentiu mais medo por Kevin do que antes, porque não tinha a menor ideia do que aquelas pessoas queriam. Conhecia as motivações que levavam as pessoas a fazerem qualquer coisa, de tirar o dinheiro dos outros

a acabar com a vida de alguém. Pensava que já sabia de tudo. E, pelo conteúdo da carta, aquelas pessoas obviamente sabiam de uma coisa que Francis também conhecia, uma coisa especial sobre a localização do prédio em cujo pátio os federais haviam sido metralhados.

— De onde veio esta carta, Toona?

Os olhos de Toona encontraram-se com os dele no espelho retrovisor.

— Twan disse que estava no lugar no centro. Alguém enfiou por baixo da porta.

O lugar no centro era um apartamento, um dos poucos lugares que Francis usava mais do que algumas vezes. Estava registrado no nome de uma empresa, cujo único propósito era permitir que Francis, o traficante, possuísse alguma coisa legalmente sem que a polícia batesse em sua porta. Decorara-o muito bem, com obras de arte originais de alguns irmãos do gueto que admirava e que tentavam fazer o que era quase impossível: levar uma vida honesta. Isso mesmo, Francis Westbrook era uma espécie de patrono das artes. E o apartamento também tinha móveis sob encomenda, bastante grandes e resistentes para que ele pudesse se acomodar sem quebrá-los. O endereço do apartamento era um de seus segredos mais bem guardados, o único lugar em que podia relaxar de verdade. Agora, alguém descobrira a localização, violara o apartamento. Francis sabia que nunca mais poderia ir lá.

Ele dobrou a carta e guardou-a no bolso, mas manteve o pequeno anel na mão enorme. Depois, tirou a foto do bolso da camisa e contemplou-a. Fora tirada quando Kevin fizera nove anos.

Francis tinha o menino nos ombros. Haviam ido a um jogo dos Redskins usando camisas iguais. Francis era tão grande que a maioria das pessoas no estádio pensara que ele era um Redskins. Isso mesmo, enorme e negro daquele jeito não devia servir para mais nada, a não ser jogar futebol americano. Ele se lembrou, no entanto, que Kevin achara isso sensacional. Melhor do que seu velho ser um traficante de drogas, pensou Francis.

E o que o filho realmente pensava dele, o homem que acreditava ser seu irmão mais velho, mas que na verdade era seu pai? O que ele pensaria quando fosse apanhado num fogo cruzado para matar Francis? Francis recordou a ocasião em que segurara Kevin com um dos braços, protegendo-o, enquanto a outra mão empunhava uma arma e disparava contra os filhos-da-puta que haviam transformado uma festa de aniversário em zona de morte. Não pudera nem levá-lo ao hospital. Tivera de deixar isso aos

cuidados de Jerome. Kevin gritava que queria o irmão, mas Francis nada podia fazer, porque a polícia vigiava o hospital depois do tiroteio. Esperavam que homens com alguma bala no corpo aparecessem para algemá-los. Há muito tempo a polícia procurava um pretexto para prendê-lo. E Francis teria de partir numa visita prolongada a alguma penitenciária de segurança máxima, pelo ato caridoso de levar o filho ferido aos médicos que podiam salvá-lo.

Ele sentiu lágrimas aflorando aos olhos e fez um esforço para reprimi-las. Só podia se recordar de ter chorado apenas duas vezes em toda a sua vida. Quando Kevin nascera, e quando fora baleado e quase morrera. Seu plano sempre fora o de ganhar bastante dinheiro para sustentá-lo e a Kevin. Porque no momento em que Francis se aposentasse do "negócio", partindo para sua pequena ilha em algum lugar, o filho o acompanharia, para longe das drogas, das armas e das mortes prematuras que os cercavam. Talvez até ele tomasse coragem para contar a verdade a Kevin: que era seu pai. Não sabia direito por que criara essa mentira de que era o irmão mais velho. Seria medo da paternidade? Ou as mentiras eram apenas parte essencial da vida de Francis Westbrook?

Seu celular tocou nesse instante, como a carta informava que aconteceria. Deviam estar vigiando-o. Lentamente, ele levou o aparelho ao ouvido.

— Kevin?

Toona virou a cabeça ao ouvir o nome. Macy se manteve impassível.

— Você está bem, homenzinho? Eles estão te tratando legal?

Francis balançou a cabeça ao ouvir a resposta. Falaram durante cerca de um minuto, e depois a ligação foi cortada. Francis largou o celular.

— Mace? — disse ele.

Macy se virou no mesmo instante para fitá-lo.

— Temos de pegar o tal de Web London, Mace. As coisas mudaram.

— Fala em matar ou trocar informações? Quer que ele venha ao nosso encontro ou vamos procurá-lo? Seria melhor se ele nos encontrasse, caso seja uma troca de informações. Mas se você quer sua morte, vou correr atrás para fazer o serviço.

Macy era sempre lógico assim. Lia seus pensamentos, refletia sobre a situação, avaliava as possibilidades e diminuía a pressão que seu chefe sentia, ao fazer essa análise, tomar as decisões mais difíceis. Francis sabia que Toona nunca seria assim e, nesse sentido, até mesmo Peebles tinha uma

capacidade limitada. Era irônico que um branco, com uma veia de maldade, pudesse se tornar uma espécie de seu número um, uma alma irmã, na medida em que isso podia acontecer entre um branco e um negro.

— Informação, por enquanto. Portanto, ele nos encontra. Quanto tempo você calcula?

— Ele tem bisbilhotado naquele Bucar, provavelmente à procura de pistas. Eu diria que não deve demorar muito. Ele vem em nossa direção, com uma linda isca pendurada à sua frente.

— Vamos fazer isso. Mais uma coisa, Mace: foi muito bom me avisar daquela outra coisa.

Francis lançou um olhar para Toona.

— Estou apenas fazendo meu trabalho — respondeu Macy.

Kevin olhou para o homem enquanto ele guardava o telefone.

— Saiu-se muito bem, Kevin.

— Quero ver meu irmão.

— Um passo de cada vez. Acaba de falar com ele. Já sabe agora que não somos maus. Afinal, também nos preocupamos com a família.

O homem riu de modo que fez Kevin pensar que ele não se importava nem um pouco com qualquer família. Ele esfregou o dedo onde estivera o anel.

— Por que me deixou falar com ele?

— É importante que ele saiba que você está bem.

— Para que ele faça o que você mandar.

— Você é mesmo um garoto esperto. Quer um emprego? O homem riu de novo, virou-se e saiu trancando a porta.

— Eu só quero é sair daqui! — gritou Kevin para a porta fechada.

24

WEB NÃO LIA JORNAL HÁ VÁRIOS DIAS. FINALMENTE comprou um exemplar do Washington Post e deu uma olhada enquanto tomava um café, sentado a uma mesa perto do chafariz no Reston Town Center. Vinha fazendo círculos lentos pela área metropolitana de Washington, enviando as contas de motel para o FBI. Depois de algum tempo, ele levantou os olhos e sorriu dos garotos que subiam na platibanda e jogavam moedas de um centavo na fonte, enquanto as mães seguravam-nos pela camisa, para que não caíssem na água.

Passara pela seção de esportes, notícias locais, vida urbana, seguindo para o primeiro caderno. Sua atitude desinteressada desapareceu quando chegou à página A6. Releu a notícia três vezes e estudou com toda atenção as fotos que a acompanhavam. Quando se recostou e digeriu tudo, descobriu-se a chegar a conclusões que não pareciam possíveis, que eram absurdas demais. Ele tocou no lado lesionado do rosto e depois comprimiu um dedo em cada buraco de bala. Depois de todo aquele tempo, teria de confrontar o assunto de novo?

Ele teclou um número de código no celular. Bates não estava. Web deixou recado. Bates ligou alguns minutos mais tarde. Web falou da notícia.

— Louis Leadbetter. Ele foi o juiz em Richmond que julgou o caso da Sociedade Livre. Foi fuzilado. Watkins foi o promotor no julgamento. Sua casa explodiu no momento em que ele entrava. Tudo no mesmo dia. E depois temos a Equipe Charlie. Fomos a equipe que atendeu ao pedido do escritório de Richmond. Matei pessoalmente dois dos Freebies, antes de ter o rosto assado e ganhar dois buracos de bala. E depois temos o próprio Ernest B. Free. Fugiu da prisão... há três meses? Um dos guardas foi subornado para escondê-lo num furgão de entrega. Acabou com a garganta cortada por isso.

A resposta de Bates foi surpreendente: — Sabemos de tudo isso, Web. Nossos computadores registraram a fuga e depois as duas mortes... assassinatos. E mais uma coisa.

— O que é?

— É melhor você vir até aqui.

Ao chegar ao escritório regional de Washington, Web foi conduzido à sala de operações estratégicas, que tinha todo o aparato que se podia esperar

do centro federal de combate ao crime, inclusive as paredes revestidas de cobre, sofisticado sistema de segurança interna, esquema de interferência em todos os portais vulneráveis, scanners de retinas e palmas, incontáveis computadores de alta potência, equipamentos de vídeo... e, o mais importante de tudo, café fresco em grandes quantidades e biscoitos Krispy Kreme à vontade.

Web se serviu de uma xícara. Cumprimentou algumas das pessoas que circulavam apressadas pela enorme sala. Olhou para os diagramas gerados por computador, mostrando o pátio e a área ao redor. Estavam pregados em quadros montados nas paredes. Havia tachinhas em vários pontos dos diagramas representando, Web sabia, pistas significativas. O barulho de passos, o estrépito incessante dos teclados de computador, a campainha dos telefones, o barulho de papéis manuseados e o crescente calor irradiado pelos corpos indicavam a Web que havia alguma coisa acontecendo. Ele já participara antes daquela sala de operações.

— O que aconteceu no atentado em Oklahoma City fixou um padrão muito alto — comentou Bates, com um sorriso irônico, quando Web sentou na sua frente. — Agora, todo mundo espera que examinemos uns poucos fragmentos de metal, verifiquemos algumas fitas de vídeo, procuremos algumas placas de carro, apertemos algumas teclas de computador e, bingo, temos o culpado poucas horas depois.

Ele largou o bloco na mesa e acrescentou: — Mas quase nunca funciona assim. Como em tudo, você precisa de algumas dicas. Pois temos uma porção, enviadas por telegramas. Não resta a menor dúvida de que alguém quer que saibamos que está por aí.

— Seguirei uma pista qualquer que seja a forma como apareça, Perce. Ninguém pode controlar como é seguida.

— Quer saber de uma coisa? Detestei quando você deixou o escritório de Washington para descer por cordas e disparar aquelas armas enormes. Se continuasse comigo, poderia ter se tornado um dia um competente agente do FBI.

— Você faz a cama, deita e morre. Disse que havia mais alguma coisa?

Bates acenou com a cabeça em confirmação. Estendeu um recorte de jornal para Web, que deu uma olhada.

— Scott Wingo... o nome lembra alguma coisa?

— Claro que lembra. Foi o advogado que defendeu nosso amigo Ernest B. Free. Não estive no julgamento, pois ainda me recuperava dos

ferimentos. Mas os outros me falaram sobre Wingo.

— Inteligente e insidioso. Conseguiu um acordo excepcional para seu cliente. E agora morreu.

— Assassinado?

— Passaram atropina no telefone. Você pega o fone e comprime contra a pele, perto das narinas. A atropina é absorvida através das membranas muito mais depressa do que seria pela corrente sanguínea. Faz a pulsação disparar, restringe a respiração, pode causar alucinações, tudo no prazo de uma hora. Se se tem problemas renais ou dificuldades circulatórias, o corpo não consegue se livrar rapidamente da substância, o que apressaria os efeitos do veneno. Wingo era diabético, tinha problemas cardíacos e estava confinado a uma cadeira de rodas. Portanto, a atropina era uma escolha perfeita. Ele foi sozinho para o escritório no sábado. Assim, não havia ninguém por perto para ajudá-lo quando ele começou a sentir os efeitos da atropina. E todos sabiam que nos fins de semana ele retornava muitos telefonemas... pelo menos foi o que o pessoal de Richmond disse.

— Ou seja, quem o matou conhecia sua história médica e sua rotina de trabalho?

Bates tornou a acenar com a cabeça em confirmação.

— Leadbetter foi baleado quando acendeu a luz para ler uma notícia sobre a qual outro juiz teria lhe falado. O delegado federal que atendeu a ligação informou que fora o juiz Mackey. Claro que não foi.

— O telefone de novo.

— Isso não é tudo. O vizinho de Watkins estava saindo de casa em seu carro na ocasião. Contou à polícia que viu Watkins enfiar a mão no bolso e tirar o telefone. Não ouviu a campainha tocar, mas parecia que Watkins estava atendendo uma ligação. Quando ele apertou o botão para falar, a faísca fez o gás na casa explodir.

— Espere um pouco — interrompeu Web. — Um celular não é como um interruptor de luz. Não tem o tipo certo e a quantidade de faísca elétrica para provocar uma explosão de gás.

— Examinamos o celular ou o que restou do aparelho. O pessoal do laboratório teve de raspá-lo da mão de Watkins. Alguém plantou um solenoide dentro do aparelho, para que causasse o tipo de faísca necessária para explodir o gás.

— O que significa que alguém tinha de pegar o celular, provavelmente enquanto ele dormia ou se encontrava longe por algum motivo, plantar o

solenoide e depois ficar observando quando aconteceu, para fazer a chamada no momento certo.

— Isso mesmo. Verificamos os registros dos telefones de Watkins e do delegado federal. As duas chamadas foram feitas com cartões descartáveis, que você compra em qualquer esquina e depois joga fora. Não há nenhum registro.

— Como os agentes secretos usam. Posso presumir que o seu ainda não apareceu?

— Esqueça nosso agente secreto.

— Não posso. Voltarei a falar sobre ele mais tarde. Qual é a última informação sobre Free?

— Não há nenhuma. É como se o cara tivesse ido para outro planeta.

— A organização continua ativa?

— Infelizmente, sim. Deve lembrar que eles negaram a participação na invasão da escola em Richmond. Ernie não denunciou os companheiros. Disse que planejara tudo sozinho, sem que os outros soubessem. Os outros fanáticos estavam mortos, dois deles graças a você. Não conseguimos obter depoimentos de outros membros. Por isso a Sociedade Livre nunca foi acusada de qualquer coisa. Passaram algum tempo retraídos, por causa de toda a publicidade negativa. Mas a notícia é de que estão retomando as atividades com sangue novo.

— Onde é a base deles agora?

— No sul da Virgínia, perto de Danville. Estamos vigiando o local. Calculamos que o velho Ernie iria para lá depois da fuga. Mas até agora isso não aconteceu.

— Depois de tudo isso, podemos obter um mandado de busca nas instalações?

— Como? Procuramos o juiz e dizemos que temos três homicídios, seis, se contarmos a família de Watkins, e achamos que essa Sociedade Livre pode estar por trás disso, mas que não temos absolutamente nenhuma prova que a ligue à emboscada contra a ERR ou a qualquer outro crime? A União Americana das Liberdades Civis não adoraria ter essa arma contra nós? — Uma pausa. — Mas faz sentido. Promotor, juiz, motivo perfeito para a vingança.

— Mas por que o advogado de defesa? Ele salvou Ernie da injeção letal. Por que liquidá-lo?

— Tem razão. Só que não estamos falando de pessoas racionais, Web.

Por tudo o que sabemos, esses homens estão furiosos porque seu companheiro de loucura passou um único dia na prisão. Ou talvez Ernie tenha discutido com seu advogado e decidiu liquidá-lo ao escapar.

— Mas pelo menos isso deve acabar com as mortes. Não restou mais ninguém.

Bates abriu uma pasta, tirou um papel e uma foto.

— Não é bem assim. Deve lembrar que duas professoras também foram assassinadas na escola.

Web respirou fundo, enquanto as recordações angustiantes afloravam.

— E o menino, David Canfield.

— Uma das professoras assassinadas era casada. Adivinhe o que aconteceu? O marido morreu há três dias, no oeste de Maryland, quando voltava do trabalho tarde da noite.

— Homicídio?

— Não temos certeza. Foi um acidente de carro. A polícia ainda está investigando. Parece que ele foi atingido por um carro, e o outro motorista fugiu.

— Algum telefone envolvido?

— Havia um celular no carro. Depois que entramos em contato, a polícia disse que vai verificar os registros telefônicos para saber se o homem recebeu alguma ligação pouco antes do desastre.

— E a família da outra professora?

— O marido e os filhos mudaram-se para o estado do Oregon. Já fizemos contato, e eles estão sob proteção 24 horas por dia. E não vamos parar por aí. Lembra dos pais de David Canfield, Billy e Gwen?

Web acenou com a cabeça numa resposta afirmativa.

— Billy Canfield foi me visitar no hospital duas ou três vezes. É um bom sujeito. Sofreu muito com a morte do filho, mas quem não sofreria? Não conheci a esposa e nunca mais vi Billy.

— Eles se mudaram. Vivem agora no condado de Fauquier, cuidando de um haras.

— Aconteceu alguma coisa estranha com eles?

— Entramos em contato assim que fizemos a ligação. Disseram que não acontecera nada fora do normal. Já sabiam da fuga de Free. E Billy Canfield disse não querer nossa ajuda, que está tu torcendo para que o filho-da-puta tente pegá-lo, pois adoraria es tourar sua cabeça com uma espingarda.

— Billy Canfield não é nenhum frouxo. Compreendi isso quando ele foi

me visitar no hospital. Um homem agressivo, firme, decidido. Alguns membros da equipe que depuseram no tribunal me contaram que ele também se mostrou determinado durante o julgamento. Esteve perto de ser processado por desacato em algumas ocasiões.

— Ele tinha uma empresa de caminhões de transporte, mas vendeu-a depois que o filho morreu.

— Se os Frees estão por trás das mortes em Richmond, o condado de Fauquier é muito mais próximo do que Oregon. Os Canfield podem correr perigo.

— Sei disso. Estou pensando em fazer uma visita para tentar incutir um pouco de bom senso em Billy.

— Irei com você.

— Tem certeza de que quer ir? Sei que é sempre melhor não reconstituir os acontecimentos naquela escola em Richmond.

Web sacudiu a cabeça.

— Não é uma coisa que você possa deixar para trás, Perce, não importa quanto tempo passe. As duas professoras morreram antes de chegarmos lá. Eu não pude fazer nada. Mas David Canfield foi assassinado durante o meu turno.

— Você fez mais do que qualquer um poderia ter feito e quase morreu. E tem um emblema permanente no rosto para lembrar o que aconteceu. Não há motivo para se sentir culpado.

— Estou vendo que você não me conhece.

Bates o examinou atentamente.

— Está certo. Mas não vamos esquecer de você, Web. Se destruir a Equipe Charlie era o objetivo dos Frees, ainda não conseguiram tudo. Você é o último homem.

Mas por pouco, pensou Web.

— Não se preocupe comigo. Sempre olho para os dois lados antes de atravessar a rua.

— Falo sério, Web. Se tentaram uma vez, tentarão de novo. Esses homens são fanáticos.

— Eu sei. Não se esqueça de que tenho um "emblema permanente".

— E mais uma coisa. Durante o julgamento, Wingo apresentou uma petição contra a ERR e o FBI por morte ilegal.

— Pura besteira.

— Tem razão. Mas permitiu que eles fizessem algumas descobertas

sobre a ERR. A Sociedade Livre deve ter obtido informações sobre métodos, procedimentos, e assim por diante. Pode tê-los ajudado a armar a emboscada.

Web ainda não pensara nessa perspectiva. Mas fazia sentido.

— Prometo que você será o primeiro a saber se eu receber algum telefonema estranho. E sempre vou verificar meu telefone para saber se besuntaram atropina. Agora, fale-me sobre esse agente secreto. Talvez os Frees estejam envolvidos, mas precisariam ter alguma ajuda interna. Sei que esse agente é negro e é difícil para mim acreditar que os Frees trabalhariam com um homem de cor. Mas não podemos descartar nenhuma possibilidade neste momento. Você me disse que Cove era solitário. O que mais sabe a seu respeito?

Web não recebera resposta de Ann Lyle sobre suas indagações a respeito de Cove. Por isso decidira ir direto à fonte.

— Muita coisa. Está tudo na pasta com o cabeçalho de "Agentes Secretos do FBI, Tudo o que Você Sempre Quis Saber".

— Esse cara pode ser a chave de tudo, Perce.

— Não é. Aceite a minha palavra.

— Só estou dizendo que já trabalhei em casos assim. E ao contrário do que você pensa, não esqueci o que significa ser um agente do FBI quando ingressei na ERR. Tive um grande mestre... e não deixe que o elogio lhe suba à cabeça. E outro par de olhos é outro par de olhos. Não era o que você sempre me dizia?

— Desculpe, Web, mas não é assim que funciona. Normas são normas.

— Se bem me lembro, você dizia uma coisa diferente naquela época.

— Os tempos mudam, as pessoas mudam.

Web se recostou. Pensou por um momento na maneira como deveria jogar seu trunfo.

— Está bem. Mas o que diria se eu lhe contasse uma coisa que não sabe, mas que pode ser importante?

— Ficaria irritado por não ter me contado antes.

— Acabei de descobrir.

— É mesmo?

— Quer ouvir ou não?

— O que você vai pedir em troca?

— Eu lhe dou uma informação sobre o caso e você faz a mesma coisa para mim.

— Que tal me contar sem nada em troca?

— Em nome dos velhos tempos.

Bates bateu com os dedos na pasta à sua frente.

— Como vou saber se é uma coisa que poderei usar?

— Se não for, então você não me deve nada. Confiarei no seu julgamento.

Bates o fitou em silêncio por um longo momento.

— Pode falar.

Web falou sobre a troca de Kevin Westbrook. Enquanto relatava o que descobrira, o rosto de Bates ficou corado. Web compreendeu que a pulsação do homem deixara a casa de 64 e provavelmente avançara bastante pela casa dos três dígitos.

— Quando foi exatamente que você descobriu isso? E quero a informação detalhada.

— Quando tomava uma cerveja com Romano e mencionei que o Kevin Westbrook que eu vira na viela tinha um buraco de bala no rosto. Romano insistiu que o garoto não tinha nenhuma cicatriz. E Cortez confirmou. E não precisa falar com eles. Eu disse que o informaria o mais depressa possível.

— E informou. Mas quem trocaria o garoto e por quê?

— Não tenho a menor ideia. Mas estou lhe dizendo que o garoto que salvei na viela e o garoto que Romano entregou aos supostos agentes do FBI eram diferentes. — Ele bateu com um dedo na mesa. — Qual é a sua opinião? A informação vale ou não?

Em resposta, Bates abriu uma pasta, embora recitasse os fatos de memória.

— Randall Cove. Idade, 44 anos. Esteve no FBI durante toda a sua carreira. Foi um dos melhores jogadores universitários de futebol americano do país, jogando por Oklahoma, mas estourou os joelhos antes da convocação para a liga profissional. Aqui está uma foto recente.

Bates a estendeu, e Web estudou o rosto. O cara tinha a barba aparada, cabelos rastafári e olhos que só podiam ser descritos como penetrantes. Era um homem enorme, com 1,90m de altura, pesando 110 quilos. Parecia bastante forte para lutar com um urso pardo e talvez vencer. Web se inclinou para a frente. Enquanto fingia examinar a foto, lia tanto quanto podia da pasta que Bates abrira. Seus anos como agente do FBI haviam-lhe ensinado muitos truques para ajudar na retenção da memória de curto prazo, até o momento em que pudesse anotar tudo. E também se tornara bastante

eficiente na leitura de cabeça para baixo. Bates disse: — Ele sabe cuidar de si mesmo e conhecia as ruas melhor do que muita gente. E é capaz de manter a calma sob pressão.

— Parece que os brancos educados em Princeton, com nomes como William e Jeffrey, nunca parecem capazes de se infiltrar no mundo das drogas nos Estados Unidos. Não consigo entender por quê. Mencionou antes que ele não tinha esposa ou filhos. Cove nunca se casou?

— A esposa morreu.

— E não tinham filhos?

— Tinham.

— O que aconteceu?

Bates mudou de posição na cadeira, contrafeito.

— Já faz bastante tempo.

— Estou ouvindo.

Bates deixou escapar um longo suspiro. Não parecia disposto a falar.

— Perdi toda a minha equipe, Perce. Agradeceria se me contasse tudo.

Bates se inclinou para a frente, as mãos cruzadas sobre a mesa.

— Ele trabalhava numa missão na Califórnia. Com cobertura total, porque a investigação envolvia a Máfia russa, e esses caras são capazes de disparar um míssil em seu rabo se você tossir perto deles. Fazem com que a nossa Máfia pareça brincadeira de criança.

Bates parou de falar.

— E que mais?

— A cobertura explodiu. Descobriram sua família.

— E mataram todos?

— Seria mais apropriado dizer que os retalharam. — Bates limpou a garganta. — Vi as fotos.

— Onde estava Cove?

— Haviam-no mandado para longe, intencionalmente, a fim de evitarem qualquer interferência.

— E não foram atrás dele também?

— Tentaram, mais tarde. Como eram homens de bem, esperaram que Cove enterrasse a família. Ele os esperava quando chegaram.

— E matou-os também?

Bates começou a piscar rapidamente, e Web notou um tique no olho esquerdo.

— Foram retalhados. Também vi essas fotos.

— E o FBI deixou que esse cara continuasse a trabalhar? Não acreditam em aposentadoria prematura para agentes com a família massacrada?

Bates abriu os braços, em resignação.

— O FBI bem que tentou, mas ele não admitiu. Queria continuar a trabalhar. E para ser franco, depois do que aconteceu com sua família, o cara trabalhou por mais tempo e com mais empenho do que qualquer outro agente secreto. Veio para o escritório de Washington, a fim de afastá-lo da Califórnia. E deixe-me informá-lo que ele conseguiu se infiltrar em lugares em que nunca estivemos antes. Obtivemos condenações para traficantes em larga escala em todo o país graças ao trabalho de Randall Cove.

— O cara é um herói.

Bates finalmente controlou o tique nervoso.

— Ele é heterodoxo e adota métodos próprios. Os escalões superiores não aceitam isso de bom grado, mesmo que seja de agentes secretos, com ou sem a família massacrada. Mas nada disso contou para Cove. Não posso dizer que não prejudicou sua carreira. Mas, por outro lado, não é provável que o serviço tivesse um lugar para um homem assim fora do trabalho como agente secreto. Tenho certeza de que ele sabia disso também. Mas sempre fez o jogo do FBI. Sempre protegeu suas costas. E sempre cumpriu suas missões. Até agora.

— E o extermínio de sua família pelos russos... isso não deveria afetar sua posição no Birô?

Bates deu de ombros.

— Cove achou que não. E vem trabalhando sem parar desde então.

— Sabe o que dizem sobre a vingança, Perce, que é o único prato que se come frio.

Bates tornou a dar de ombros.

— É possível.

Web começou a fazer projeções.

— Isso me leva a pensar que talvez um cara assim tenha permanecido no FBI e conduzido minha equipe no caminho da perdição para Armagedon com a intenção de se vingar da morte da esposa e dos filhos. Vocês não têm nenhum controle de qualidade sobre essas merdas?

— Terra para Web: os agentes secretos são uma espécie diferente. Vivem uma mentira durante todo o tempo, e às vezes se aprofundam tanto que mudam de lado, ou enlouquecem por completo. É por isso que o Birô troca periodicamente o pessoal, suspende as missões, dá tempo para os

agentes recarregarem a bateria.

— E fizeram tudo isso com Cove? Tiraram-no da missão, deixaram que recarregasse as tranças rastafári? Ofereceram aconselhamento de crise depois que ele enterrou a família?

Bates não disse nada.

— Ou ele era tão bom em seu trabalho que o deixaram continuar, aos trancos e barrancos, até que entrou em erupção em cima de minha equipe?

— Não vou discutir esse assunto com você. Não posso falar a respeito.

— E se eu lhe dissesse que isso é uma merda inaceitável?

— E se eu lhe dissesse que você está passando das medidas?

Os dois se fitaram em silêncio por um longo momento, furiosos, até que o fogo amainou.

— E as informações dele? — indagou Web. — Eram todas procedentes?

— Cove sempre se manteve apartado. Era o único que tinha acesso às suas fontes. Não é exatamente o nosso procedimento normal, mas não se podiam questionar os resultados. Eram essas as suas regras.

— Quer dizer que não sabemos mais nada sobre esse alvo? Você disse que era o centro financeiro de alguma operação de drogas. De quem?

— Há divergências nas opiniões a respeito.

— Essa é ótima, Perce. Adoro um quebra-cabeça.

— Não trabalhamos com uma ciência exata, Web. A área da missão é controlada por um grupo, o de Big F... já lhe disse isso.

— Portanto, era sua operação que atacávamos naquele prédio.

— Cove achava que não.

— Não sabia com certeza.

— Nunca se pode ter certeza. Acha que bandidos andam com um crachá no peito indicando a que organização pertencem?

— Qual era a opinião de Cove?

— Que o centro financeiro pertencia a uma organização muito maior. Talvez à rede que fornece uma droga chamada Oxycontin para a área de Washington. Já ouviu falar?

— Os caras do DEA estão sempre falando a respeito em Quantico. Não é preciso refinar a substância em laboratório, nem dar um jeito de contrabandear do exterior. Basta se apossar de um suprimento, o que se pode fazer de meia dúzia de maneiras diferentes, e depois começar a recolher o dinheiro.

— O Nirvana de um criminoso — comentou Bates, sarcástico. — É um

dos analgésicos mais potentes e mais receitados no mercado neste momento. Bloqueia os sinais de dor dos nervos para o cérebro e proporciona uma sensação de euforia. Normalmente, toma-se uma dose a intervalos de 12 horas. Mas se você injeta a droga esmagada ou fuma há um fluxo no cérebro que alguns dizem ser quase igual ao efeito da heroína. Também pode levar o viciado a uma parada respiratória, o que acontece com frequência.

— Um agradável efeito colateral. Está me dizendo que não sabe quem é o sujeito na organização que passou as informações?

Bates bateu na pasta de arquivo à sua frente.

— Temos algumas ideias. Agora, tudo é extraoficial.

— A esta altura, posso aceitar rumores e mentiras.

— Para Cove se infiltrar tão fundo, calculamos que o informante é do círculo interno. Ele investigava a operação de Westbrook quando descobriu o negócio com a Oxy. Mas tenho de presumir que a pessoa que usava para se infiltrar na operação de Westbrook é a mesma que o ajudou a entrar nessa nova área. Antoine Peebles é o chefe de operações de Westbrook, na falta de um termo melhor. Mantém um controle rígido, e é em grande parte por sua causa que não conseguimos descobrir nada contra Westbrook. Este aqui é Westbrook, e o outro é Peebles.

Bates estendeu duas fotos. Web as examinou. Westbrook era um monstro, muito maior até do que Cove. Parecia ter passado por uma guerra. Os olhos que fitavam do papel, mesmo em duas dimensões, tinham a sagacidade que se costuma encontrar em sobreviventes. Já a foto de Peebles era completamente diferente.

— Westbrook é um velho guerreiro. Peebles parece ter se formado em Stanford.

— Isso mesmo. Achamos que Peebles é o novo tipo de traficante, não tão violento, mais profissional e ambicioso. A notícia que circula nas ruas é a de que alguém está querendo juntar todos os distribuidores locais para tornar a operação mais eficiente, aumentando o poder de negociação com os fornecedores primários, melhorando a economia operacional. Em suma, um autêntico esquema financeiro profissional.

— Parece que o velho Antoine está interessado em se tornar o CEO, o executivo principal, em vez de um mero COO, o chefe de operações.

— É possível. Já Westbrook saiu das ruas. Viu e fez tudo o que se pode imaginar. Mas soubemos que talvez esteja procurando uma saída do mundo

das drogas.

— Peebles pode ter um interesse diferente, se é mesmo ele quem se encontra por trás da organização dos grupos locais. Mas fornecer informações valiosas a Cove não combina com a posição de herdeiro potencial. Se você destrói a operação, o que resta para Peebles administrar?

— O que é um problema — admitiu Bates.

— Quem mais está em cena?

— O chefe da segurança de Westbrook. Clyde Macy.

Bates mostrou a foto de Macy. O homem dava a impressão, para ser o mais gentil possível, de que deveria estar ocupando um lugar em algum corredor da morte. Macy era tão branco que parecia anêmico; um skinhead, com o tipo de olhos calmos, mas implacáveis, que Web associava aos piores serial killers que já conhecera.

— Se Jesus visse esse cara se aproximando, tenho certeza de que gritaria pela polícia.

— Ao que parece, Westbrook só trabalha com os melhores — comentou Bates.

— Como Macy pode ser aceito por todos os irmãos? Parece um supremacista branco.

— Mas não é. Ele só raspa a cabeça porque não gosta de cabelos. Não sabemos muito a seu respeito antes da vinda para Washington. Nunca pudemos provar, mas achamos que ele era soldado de dois chefões que foram despachados para a Shangri-La federal, em Joliet. Depois disso, ele veio para Washington e ingressou no grupo de Westbrook. Tem uma reputação bem merecida de lealdade e extrema violência. Um verdadeiro alucinado, mas um profissional, à sua maneira.

— Como qualquer bom criminoso deve ser.

— Seu primeiro grande ato de maldade foi bater com um cutelo na cabeça da avó, sob a alegação de que ela roubava sua comida no jantar.

— Como ele pôde circular em liberdade depois de um crime assim?

— Tinha apenas 11 anos e ficou num centro de delinquentes juvenis. Desde então, os únicos delitos contra ele são três multas por excesso de velocidade.

— Um cidadão exemplar. Importa-se se eu ficar com essas fotos?

— À vontade. Mas se encontrar Macy num beco escuro ou numa rua bem-iluminada, meu conselho é o mesmo: corra o mais depressa que puder.

— Sou da ERR, Perce. Faço picadinho e devoro homens como ele no

café da manhã.

— Como quiser. Continue a dizer isso a si mesmo.

— Se Cove é mesmo tão bom quanto você diz, então não caiu simplesmente numa emboscada. Há mais alguma coisa acontecendo.

— É possível. Mas todo mundo comete erros.

— Confirmou que Cove não sabia quando atacaríamos?

— Confirmei. Cove não foi avisado da data.

— Por que ele não sabia?

— Não queriam vazamentos, e ele não teria qualquer participação direta. Portanto, era alguém que não precisava saber.

— Essa é ótima. Você não confia em seu próprio agente secreto. Mas isso não significa que ele não poderia obter a informação de outra fonte. Por exemplo, do escritório regional de Washington.

— Ou da ERR.

— E a presença das testemunhas potenciais era uma informação que veio de Cove?

Bates balançou a cabeça, e Web acrescentou: — Sabe, Perce, teria sido ótimo saber de tudo isso antes.

— Só sabe quem precisa saber, Web. E você não precisava saber disso para realizar seu trabalho.

— Como pode dizer isso quando não tem a menor ideia da maneira como realizo meu trabalho?

— Está passando dos limites outra vez, meu amigo. Não pressione demais.

— Alguém se importa que seis homens tenham sido mortos?

— No esquema geral das coisas, Web, a resposta é não. Só pessoas como você e eu se importam.

— Mais alguma coisa que eu não preciso saber?

Bates pegou uma pasta descartável de uma enorme pilha de documentos no lado da mesa. Tirou um envelope de papel pardo e abriu-o.

— Por que não me disse que Harry Sullivan era seu velho?

Web se levantou no mesmo instante e foi se servir de outra xícara de café. Não precisava de fato da cafeína extra, mas isso lhe dava tempo para pensar numa resposta ou numa mentira. Quando tornou a sentar, Bates ainda examinava o conteúdo do envelope. Ao fitar Web, deixou claro que ainda queria uma resposta para a pergunta, antes de entregar o material.

— Nunca realmente pensei nele como meu pai. Tinha apenas seis anos

quando nos separamos. Para mim, era apenas um homem como outro qualquer. — Depois de um momento, Web perguntou: — Quando descobriu que ele era meu pai?

Bates desceu um dedo por uma das folhas.

— Só depois que peguei sua ficha de verificação de antecedentes. Para ser franco, olhando para a ficha de prisões e condenações, fico surpreso que ele tivesse tempo para engravidar sua mãe. — Uma pausa e Bates acrescentou, sedutor: — Tem muita coisa aqui.

Web teve vontade de arrancar a ficha das mãos de Bates e sair correndo da sala. Mas continuou sentado ali, olhando as páginas invertidas, à espera. O movimento na sala parecia ter desaparecido para ele agora. Havia apenas ele, Bates e, naquela ficha, seu pai.

— Então por que se mostra subitamente interessado em alguém que "era apenas um homem como outro qualquer", para repetir suas palavras?

— Acho que essas coisas começam a ter importância depois de uma certa idade.

Bates pôs o envelope com o material na pasta e estendeu-o para Web.

— Divirta-se.

25

A PRIMEIRA COISA QUE WEB NOTOU QUANDO VOLTOU AO motel foi que havia uma mancha de óleo recente na vaga de estacionamento que vinha usando. O que nada tinha de excepcional, é claro, pois outro hóspede poderia ter estacionado ali, embora ficasse bem na frente do quarto de Web. Antes de destrancar a porta, ele examinou a maçaneta, fingindo que procurava a chave. Infelizmente, nem mesmo Web era capaz de determinar se uma porta fora aberta com uma gazua. Não fora forçada, mas alguém eficiente poderia abrir aquela fechadura no tempo necessário para espirrar sem deixar o menor vestígio.

Web abriu a porta, a outra mão na coronha da arma. Levou cerca de dez segundos para descobrir que não havia ninguém no pequeno quarto. Nada estava fora do lugar. Até mesmo a caixa que trouxera do sótão da mãe continuava ali, cada pedaço de papel exatamente onde o deixara. Web, no entanto, tinha cinco tipos diferentes de armadilhas que montara em pontos diferentes do quarto, e três haviam sido desarmadas. Ao longo dos anos, Web desenvolvera o sistema, sempre que viajava. Quem revistara seu quarto era bom, mas não perfeito. O que era confortador, como saber que o monstro de duzentos quilos que você está prestes a enfrentar tinha o telhado de vidro e fazia pipi na cama.

Era irônico que alguém tivesse revistado seu quarto enquanto conversava com Bates. Web nunca fora ingênuo em relação à vida, porque conhecera sua parte pior, quando criança e como adulto. Contudo, a única coisa com que sempre pensara que podia contar era o FBI, com todas as pessoas que lhe davam vida, além das formalidades técnicas e das armas. Pela primeira vez em sua carreira, essa fé era abalada.

Ele arrumou seus poucos pertences e partiu em cinco minutos. Foi para um restaurante perto de Old Town Alexandria. Estacionou numa vaga de onde poderia avistar o carro através das janelas do restaurante. Enquanto almoçava, começou a se enfronhar na vida de Harry Sullivan.

Não fora brincadeira o comentário de Bates. O pai de Web fora hóspede de algumas das melhores instituições correcionais do país, a maioria no Sul, onde Web sabia que mantinham algumas jaulas para humanos excepcionais. Os crimes do pai eram inúmeros, mas tinham um motivo comum. Eram basicamente crimes financeiros de baixo nível, fraudes em negócios, desvio

de dinheiro, e assim por diante. Por algumas transcrições judiciais e registros de prisão, Web pôde constatar que a principal arma do velho foram uma conversa envolvente e mais ousadia e desfaçatez do que qualquer ser humano deveria ter.

Havia várias fotos do pai, de frente, de perfil, da esquerda e direita, com a pequena placa com o número de identificação de prisioneiro debaixo do rosto. Web já vira muitas fotos de presos, e todas eram parecidas: mostravam o rosto de pessoas abaladas, apavoradas, prontas para cortar os pulsos ou estourar os miolos. Em todas as suas fotos, no entanto, Harry Sullivan estava sorrindo. Era como se tivesse passado os policiais para trás, embora o preso fosse ele. Mas o pai não envelhecera bem. Não era mais o homem bonito das fotos na caixa guardada no sótão. A última série de fotos mostrava um velho, embora ainda estivesse sorrindo, mesmo com poucos dentes. Web não tinha motivo para se importar com ele, mas era difícil testemunhar o declínio do homem na glória impessoal da Kodak.

Enquanto lia alguns depoimentos em julgamentos do pai, ele não pôde deixar de rir algumas vezes. Um homem insinuante e esperto destacava-se nos diálogos, com o experiente vigarista batalhando com promotores determinados a tirá-lo de circulação.

— Sr. Sullivan — perguntou um promotor não é verdade que na noite em questão estava...

— Peço desculpas, meu rapaz, mas poderia informar que noite foi essa? Minha memória já não é tão boa quanto antes.

Web quase podia ver o promotor revirando os olhos, enquanto respondia: — Dia 26 de junho, senhor.

— Ah, isso mesmo. Continue, meu rapaz. Tenho certeza de que sua mãe se orgulha de você.

Na transcrição, o funcionário do tribunal escrevera entre parênteses: "Risos no tribunal."

— Sr. Sullivan, não sou "seu rapaz".

— Perdoe-me, filho, pois não sou muito experiente nessas questões. Não foi por mal. A verdade é que não sei como tratá-lo. Embora na vinda da cadeia para este tribunal tenha ouvido outros chamarem-no de nomes que eu não usaria com meu pior inimigo no mundo. Palavras que fariam minha pobre mãe, católica e temente a Deus, revirar-se em sua sepultura. Atacando sua honestidade e integridade... que homem pode suportar tanto?

— Não me importo nem um pouco com o que criminosos possam dizer

a meu respeito.

— Peço perdão, filho, mas as piores palavras partiram dos guardas.

"Risos de novo", registrara o estenógrafo. Trovoadas de risos, concluiu Web, a julgar pelo regimento de pontos de exclamação acrescentado em seguida.

— Podemos continuar, Sr. Sullivan? — indagou o promotor.

— Pode me chamar de Harry. Esse é o nome pelo qual tenho sido tratado desde que este velho irlandês peidorrento veio ao mundo.

— Sr. Sullivan!

O protesto era do juiz, Web leu. Mas ele sentiu que nessas duas palavras havia uma risada reprimida, embora devesse estar enganado. Mas o sobrenome do juiz era O'Malley, e talvez ele e Harry Sullivan partilhassem um ódio contra os ingleses, se nada mais.

— Pode ter certeza de que não o chamarei de Harry!

Web quase podia ver a indignação virtuosa nas feições do homem por ter de manter uma discussão com um criminoso comum... e levar a pior.

— Ora, meu rapaz, sei que é seu trabalho mandar este velho murcho para uma cela fria e escura, onde os homens tratam outros homens sem a menor dignidade. E tudo por causa de um pequeno mal-entendido, que poderia equivaler a não mais que um julgamento equivocado, ou talvez uma ou duas canecas de cerveja a mais do que eu deveria ter bebido. Mas mesmo assim pode me chamar de Harry. Sei que tem de fazer essa coisa terrível, mas não há razão para que não possamos ser amigos.

Ao terminar a leitura desse capítulo em particular da vida do pai, Web constatou, com alguma satisfação, que o júri absolvera Harry Sullivan de todas as acusações.

No último crime, o pai fora mandado para a prisão por vinte anos, sua sentença mais longa. Até agora, cumprira 14 anos da sentença numa prisão na Carolina do Sul, que Web sabia ser terrível, a um passo do inferno. Ainda tinha mais seis anos para cumprir, a menos que fosse solto sob liberdade condicional ou, então, o que era mais provável, morresse atrás das grades.

Web comeu o último pedaço do sanduíche de pastrami e tomou o último gole de sua Dominion Ale. Havia mais uma ficha para verificar. Não demorou muito para ler e deixou Web ainda mais atordoado e confuso.

O FBI era mesmo competente; não haviam deixado pedra sobre pedra. Quando investigava os antecedentes de alguém, fazia questão de descobrir

tudo. Se você se candidatava a trabalhar no FBI, em qualquer cargo, os investigadores falavam com todos com quem você tivera qualquer contato durante toda a sua vida. A professora na primeira série, o supervisor de sua rota quando você entregava jornais no tempo de garoto, até mesmo a garota bonita que levara ao baile de formatura e para a cama em seguida. E, com toda certeza, haviam falado também com o pai da garota, a quem você tivera de explicar seu comportamento infame mais tarde, quando o segredo transpirara, apesar de ter sido a filhinha inocente que rasgara sua calça na excitação e levara os preservativos. O líder da tropa de escoteiros, os parentes afins, o gerente do banco que recusara seu primeiro pedido de empréstimo para a compra de um carro, a mulher que cortava seus cabelos... nada, absolutamente nada, era sagrado quando o FBI entrava no caso. Era inevitável que localizassem o velho Harry Sullivan.

Ele acabara de se instalar na pequena cela de aposentadoria na Carolina do Sul e dera aos agentes que investigavam os antecedentes sua opinião insignificante sobre Web London, seu filho. "Meu filho." Fora uma expressão que Harry Sullivan usou 34 vezes durante a reunião, porque Web se deu ao trabalho de contar.

Harry Sullivan deu a "seu filho" a melhor recomendação que alguém poderia dar a outra pessoa, embora só tivesse conhecido "seu filho" durante os seis primeiros anos de sua vida. Mas, segundo Harry Sullivan, um bom irlandês era capaz de dizer se "meu filho" tinha o que era necessário quase desde o dia em que tirava a fralda. E seu filho tinha o que era preciso para ser o melhor agente que o FBI já tivera ou jamais teria, e podiam citá-lo nesse ponto. E se quisessem levá-lo a Washington para dizer isso aos poderosos, ele iria com a maior satisfação; e embora estivesse com as pernas e as mãos algemadas, ainda assim seu coração estaria explodindo de orgulho. Não havia nada no mundo que fosse bom demais para "seu filho".

Web continuou a ler. A cabeça foi baixando mais e mais, até que quase bateu na mesa com a última declaração escrita de Harry Sullivan: "E será que os bons agentes, os melhores agentes", ele começara, "se importariam de dizer a 'meu filho' que o pai pensava nele todos os dias, que durante todos aqueles anos não o deixara fora de seu coração em um único dia, que não era provável que tornassem a se encontrar, mas Harry Sullivan queria que 'seu filho' soubesse que o amava e queria o melhor para ele? E que não pensasse muito mal do velho por tudo o que acontecera? Se os bons agentes dissessem isso a 'seu filho', ele ficaria lhes devendo para sempre. Teria o

maior orgulho em lhes pagar uma ou duas canecas de cerveja, se algum dia surgisse a oportunidade, embora essa perspectiva não parecesse nem um pouco promissora, considerando sua situação atual, mas nunca se podia saber o que o futuro reservava."

Só que nunca disseram nada a Web. Ele nunca vira aquele relatório, até agora. Será que nunca havia margem no FBI para contornar um pouco as regras? Tudo tinha de ser rígido, apenas como eles queriam? E, no entanto, Web poderia ter descoberto aquelas informações anos antes, se realmente quisesse. Só que não quisera.

O próximo pensamento que aflorou em Web deixou-o com uma expressão sombria. O FBI enviara sua ficha para Claire Daniels. Ela já estaria a par de todas aquelas informações sobre Harry Sullivan? Se estivesse, por que não falara nada?

Web meteu tudo no envelope, pagou a conta e voltou para o Vic. Seguiu para uma das garagens do FBI. Trocou o Vic por um Grand Marquis novo e saiu por um portão que era visível da rua pela qual entrara. O FBI não era muito pródigo com os Bucars disponíveis, mas o Grand tinha uma experiência de dez mil quilômetros, e Web persuadira o supervisor de que merecia um carro melhor muito mais do que o veterano de vinte anos para quem deveria ser encaminhado. E se alguém tivesse alguma restrição, acrescentara Web, que fosse falar com Buck Winters, que era o seu maior amigo.

26

BATES AINDA ESTAVA NA SALA DE OPERAÇÕES ESTRATÉGICAS quando o homem entrou. Bates o fitou, fazendo o melhor possível para evitar que a consternação transparecesse em seu rosto.

Buck Winters sentou à sua frente. O vinco da calça do terno era impecável, o brilho nos sapatos de acordo com o regulamento. O lenço no bolsinho do paletó parecia ter sido dobrado com o auxílio de uma régua. Era alto, de ombros largos, rosto confiante e inteligente, um cartaz ambulante da imagem que o FBI queria projetar. Talvez fosse por isso que ele subira tanto.

— Vi London deixando o prédio.

— Ele veio saber suas ordens.

— Posso imaginar... — Winters pôs as palmas na mesa e pareceu estudar cada detalhe no rosto de Bates. — Por que você se importa tanto com esse sujeito?

— Ele é um bom agente. E, como você disse, fui mais ou menos seu mentor.

— Com toda a franqueza, não é o tipo de coisa que eu reivindicaria.

— Ele quase se matou pelo Birô muito mais vezes do que você e eu juntos.

— Ele é impulsivo e estourado. Como todos os caras da ERR. Não são parte de nós. Fazem o que querem e torcem o nariz para os outros, como se fossem superiores. O que são mesmo, no fundo, é um bando de alfas ansiosos por puxar o gatilho.

— Somos todos membros da mesma equipe, Buck. Eles integram uma unidade especializada, que cuida de coisas que ninguém mais pode enfrentar. Claro que eles são presunçosos. Quem não seria? Mas somos todos agentes do FBI, e todos trabalhamos pelo mesmo objetivo.

Winters balançou a cabeça.

— Acredita mesmo nisso?

— Claro que acredito. Se não acreditasse, não estaria aqui.

— Eles também são a causa de alguns dos piores momentos do FBI.

Bates baixou a pasta em suas mãos.

— É nesse ponto que você está completamente enganado. O Birô os lança no fogo de um momento para outro. Quando alguma coisa estoura, em

geral por causa de ordens ineptas lá de cima, que qualquer homem na linha de frente percebe no mesmo instante que não pode dar certo, são eles que arcam com toda a pressão. Para ser sincero, estou surpreso que nunca tenham pedido para se separar de nós.

— Você nunca fez o jogo necessário para subir no FBI, Perce. Está no ponto máximo que alguém como você pode alcançar, o que chamamos aqui de teto de vidro... ou, no seu caso, teto de aço.

— Gosto do lugar em que estou.

— Um pequeno conselho. Quando você para de subir no FBI, logo começa a cair.

— Obrigado pelo conselho de carreira — disse Bates, o tom brusco.

— Tenho recebido seus memorandos sobre a investigação. Para ser franco, contêm poucas informações.

— São os resultados da investigação.

— Qual é a situação de Cove? Foi bastante vago nesse ponto.

— Não há muito o que relatar.

— Espero que esteja trabalhando sob a suposição de que qualquer agente secreto do FBI que não se apresenta depois de todo esse tempo está morto ou, se não estiver morto, trocou de lado. Neste caso, devemos procurá-lo com uma ordem de prisão.

— Cove não passou para o outro lado.

— Quer dizer que falou com ele? É curioso, porque não encontrei essa informação em nenhum de seus relatórios.

— Ainda estou tentando me situar. Mas recebi informações de Cove.

— E o que nosso ilustre agente secreto diz sobre essa confusão?

— Cove acha que armaram para cima dele.

— Uma conclusão surpreendente — comentou Winters, sarcástico.

— Ele não quer se apresentar agora porque está convencido de que há um traidor escondido em algum lugar do FBI.

Bates olhou firme para Winters enquanto dizia isso, embora não soubesse direito por quê. Não era possível que Winters estivesse vazando segredos, não é mesmo?

— Ele sabe tudo sobre os vazamentos acontecendo e as missões frustradas — acrescentou Bates. — Acha que o desastre com a ERR foi mais um episódio assim.

— Uma teoria interessante, mas presumo que ele não tem qualquer prova a respeito.

Bates achou o comentário estranho.

— Pelo menos nenhuma que estivesse disposto a partilhar comigo. Tenho a situação sob controle, Buck. Sei como você anda ocupado e não quero atravancar sua lendária visão com pequenos detalhes. Tem a minha palavra de que saberá antes se alguma coisa grande estiver para acontecer. Dessa maneira, poderá organizar o circo da mídia. É muito bom nessa atividade.

Winters não poderia deixar de perceber o sarcasmo, mas optou por ignorá-lo.

— Se bem me lembro, você e Cove já foram muito ligados... na Califórnia, não é mesmo?

— Trabalhamos juntos.

— Na ocasião em que a família dele foi assassinada.

— Isso mesmo.

— Um desastre para o FBI.

— Na verdade, sempre achei que foi um desastre para a família de Cove.

— O que me deixou perplexo é como tudo isso pôde acontecer. Pelo que sei, Cove descobriu o centro de operações financeiras de um grupo de traficantes naquele prédio.

— E a ERR foi mobilizada para atacá-lo — disse Bates. — Havia testemunhas em potencial no prédio. A ERR se especializa em tirar essas pessoas vivas de situações críticas.

— E fizeram um excelente trabalho... nem conseguiram se manter vivos.

— Armaram uma emboscada.

— Concordo. Mas como? Se não foi Cove, então quem foi?

Bates pensou em seu encontro com Randall Cove no cemitério. Cove achava que havia um vazamento no Birô, o que explicaria todas as coisas que estavam saindo erradas. Bates observou Winters por um momento.

— Para conseguir alguma coisa nessa ordem, eu diria que a pessoa deve ter informações internas que só circulam nos escalões superiores.

Winters se recostou.

— Os mais altos. Informações internas... de dentro do Birô?

— Isso mesmo.

— É uma acusação muito grave, Bates.

— Não estou fazendo nenhuma acusação. Apenas indiquei uma

possibilidade.

— Seria muito mais fácil um agente secreto passar para o outro lado.

— Você não conhece Randall Cove.

— E talvez você o conheça bem demais. Por isso vê a floresta, mas não percebe uma árvore.

Winters se levantou.

— Nada de surpresas, Bates. Nada de importante pode acontecer sem que eu saiba antes. Entendido?

Enquanto Winters se afastava, Bates murmurou para si mesmo: — Tão entendido quanto Waco, Buck.

Web estava em seu carro quando Ann Lyle ligou.

— Lamento demorar tanto, mas eu queria ter uma coisa concreta para você.

— Não tem importância. Acabei de descobrir algumas coisas sobre Cove pelo Birô. Como era de esperar, foi tão difícil quanto arrancar os dentes.

— Pois arrumei alguém para você conversar.

— Quem? Cove?

— Sou eficiente, mas nem tanto, Web. Descobri um sargento da polícia de Washington que era um contato regular de Cove no tempo em que ele trabalhou pela primeira vez no escritório regional de lá há alguns anos.

— Um policial local como contato de um agente secreto do FBI? Como é possível?

— Não é tão excepcional que agentes secretos usem um policial em quem confiam como intermediário, Web. Cove teve um homem assim em sua primeira passagem por Washington, e ele está disposto a conversar com você.

Web parou o carro, pegou papel e uma caneta e anotou o nome de Sonny Venables, que ainda usava uniforme, no Primeiro Distrito de Washington. Ann também deu o telefone do homem.

— Mais alguém está a par da ligação com Venables, Ann?

— Sonny não disse nada, e creio que ele teria mencionado se alguém o procurasse. Ele foi o contato informal de Cove naquela época, mas já se passaram muitos anos. A maioria das pessoas não deve se lembrar. Embora Sonny Venables seja do tipo que sobressai.

— Fala como se o conhecesse.

— Quando se está há tanto tempo nisso como eu, Web querido, você

acaba conhecendo todo mundo. E já trabalhei muito com policiais de Washington.

— E Venables está disposto a conversar comigo? Por quê?

— A única coisa que ele disse foi que já tinha ouvido falar de você. E acrescentei meus elogios, se é que isso vale alguma coisa.

— Mas ainda não sabemos qual é a dele?

— Acho que cabe a você descobrir.

Ann desligou. Web fez a ligação. Venables não estava, e Web deixou seu nome e número do celular. Venables ligou de volta vinte minutos depois. Combinaram um encontro naquela tarde. Web também fez uma pergunta, e Venables respondeu que tentaria descobrir o que fosse possível. Se o cara fornecesse informações sobre Cove, então Web poderia seguir essa pista. Mas havia uma coisa que perturbava Web em relação a Bates. Ele não dissera a Web que Cove trabalhara no escritório regional de Washington antes da temporada na Califórnia. Não que fosse tão importante. Bates mostrara a ficha de Cove, e Web poderia descobrir por si mesmo. Apenas não tivera tempo para examinar toda a história do homem. Mas por que Bates não contara?

Venables pedira a Web que fosse encontrá-lo no início da tarde num bar na área de sua ronda, o que nada tinha de estranho. Web sabia que assim se podia matar a sede e ao mesmo tempo ouvir informações que poderiam ajudar a esclarecer um caso mais tarde. Um policial não valia nada se não soubesse administrar seu tempo.

Sonny Venables era branco, quarenta e poucos anos, veterano de quase vinte anos na polícia, como disse a Web enquanto compravam as cervejas. Tinha mais de 1,80m de altura e era corpulento, com o tipo de massa muscular que não vem de levantar pesos. Mas parecia capaz de fazer o military press, como era chamado o supino sentado, que nem um profissional. Usava um boné de beisebol, em que se lia TODOS OS PESCADORES VÃO PARA O CÉU, e um blusão com o logotipo da NASCAR, a associação nacional de stock car. O pescoço era quase tão grosso quanto a cabeça larga. A voz era um pouco anasalada, com o charme sulista. Web notou os contornos circulares de uma lata de fumo de mascar no bolso traseiro do jeans, quando se encaminharam para um reservado. Acomodaram-se com as cervejas num canto sossegado.

Venables trabalhava no turno da noite, informou a Web. Até gostava, porque era mais emocionante.

— Mas vou me aposentar em breve, assim que completar vinte anos de serviço. Poderei pescar à vontade, tomar cerveja e assistir a carros velozes em pistas pequenas pelo resto da minha vida, como faz a maioria dos bons policiais.

Ele sorriu das próprias palavras e tomou um gole longo de sua cerveja Red Dog. Na vitrola automática, Eric Clapton cantava sobre Layla. Web olhou ao redor. Dois homens jogavam sinuca na sala dos fundos, com uma pilha de notas de vinte dólares e duas Bud Lights na beira da mesa. Olhavam de vez em quando para o reservado, mas não deixavam transparecer se reconheciam Venables ou Web.

Venables fitou Web por cima da borda da caneca de cerveja. Seu rosto continha rugas em quantidade suficiente para que pudesse ser considerado experiente e rude. Um homem que já testemunhara muita coisa na vida, a maioria ruim... assim como ele, pensou Web.

— Sempre me perguntei sobre os caras da ERR.

— O que há para se perguntar? Somos apenas policiais com um pouco mais de brinquedos à nossa disposição.

Venables riu.

— Dê algum crédito a si mesmo. Tenho alguns amigos no FBI que tentaram ingressar na ERR e saíram com o rabo entre as pernas. Disseram que preferiam parir um filho, com apenas um palito entre os dentes para aliviar a dor, do que passar por aquilo de novo.

— Pela foto que vi de Randall Cove, ele dava a impressão de que poderia ingressar na ERR.

Venables estudou o colarinho da cerveja por um momento.

— Deve estar se perguntando o que Randy Cove tinha em comum com alguém como eu, um cara que parece um aristocrata com a cara de um pobre trabalhador rural.

— Isso me passou mesmo pela cabeça.

— Fomos criados juntos, numa pequena cidade no Mississippi... tão pequena que nem tinha nome. Nossa diversão estava no esporte, porque não havia muito mais para fazer. E o time de nossa cidadezinha foi campeão estadual de futebol americano por dois anos consecutivos. Também jogamos juntos em Oklahoma.

Venables balançou a cabeça.

— Randy era o cara que corria de trás com a bola, o mais extraordinário que já conheci. Os Sooners marcaram muitos pontos devido à sua

habilidade. Eu jogava na defesa. Titular durante três anos seguidos, como ele. Bloqueava para Randy em cada jogada. Jogava o corpo na frente dos adversários como um trem de carga em disparada. Adorava cada minuto, embora esteja agora começando a sentir os efeitos. Bastava dar um pouco de espaço para Cove e o garoto sumia. Eu levantava os olhos de uma pilha de corpos, e ele já estava chegando ao final do campo, em geral arrastando um ou dois caras que tentavam detê-lo. Fomos campeões nacionais em nosso último ano por causa dele. O time da Universidade de Oklahoma não acreditava nos passes longos. Bastava entregar a bola a Randy Cove e deixar que ele fizesse o resto.

— Parece uma amizade que tinha tudo para durar.

— E durou. Nunca tive talento suficiente para virar profissional, mas Randy tinha. Todo mundo... e era todo mundo mesmo... queria Randy em seu time.

Venables parou de falar. Passou os dedos pela mesa. Web decidiu que era melhor esperar que o homem continuasse quando quisesse.

— Eu estava junto no treino quando ele estourou os joelhos. Não era como hoje, quando o cara faz uma cirurgia, para voltar a jogar no ano seguinte, como se estivesse novo. Sua carreira acabou. De um momento para outro. E o futebol americano era tudo o que ele tinha. Sentamos naquele campo e choramos juntos durante quase uma hora. Nunca chorei tanto em qualquer outra ocasião. Nem mesmo no enterro de minha mãe. Mas amava Randy. Ele era extraordinário.

— Era?

Venables fixou mexendo no pimenteiro por um longo momento. Depois, recostou-se e levantou o boné. Web viu uma mecha de cabelos grisalhos crespos aparecer.

— Presumo que sabe o que aconteceu com a família dele — murmurou Venables.

— Ouvi alguma coisa. Por que não me conta o que sabe?

— O que há para contar? O FBI fez uma cagada e isso custou a Randy a vida de sua mulher e de seus filhos.

— Encontrou-se com ele na ocasião?

Venables deu a impressão de que queria jogar sua cerveja na cara de Web.

— Ajudei a carregar os caixões nos funerais. Alguma vez já carregou o caixão de uma criança de quatro anos? — Web sacudiu a cabeça, e Venables

continuou: — Posso lhe garantir que é uma coisa que a gente nunca mais esquece.

— Foi o que Cove lhe disse... que a culpa foi do Birô?

— Nem precisava me dizer. Eu era policial. Sei como essas coisas acontecem. Vim para Washington porque minha mulher é daqui. Randy começou com os federais também aqui. Creio que já sabe disso. Usava-me como intermediário porque sabia que podia confiar em mim, o que é uma coisa rara em sua linha de trabalho.

— Parece ser uma coisa rara em muitas linhas de trabalho.

Os dois partilharam um olhar compreensivo, que veio numa boa ocasião, talvez reforçando um vínculo incipiente.

— Depois, Randy foi transferido para a Califórnia, e foi lá que exterminaram sua família.

— Soube que ele se vingou.

Venables fitou Web com um olhar frio, um olhar que dizia que sabia de muito mais segredos do que estava disposto a partilhar.

— Você não faria a mesma coisa?

— Acho que sim. Cove deve ser mesmo extraordinário. Os russos não são fáceis.

— Experimente crescer com a cor errada na pobreza do Mississippi. — Venables se inclinou para a frente, os cotovelos apoiados na mesa. — Já ouvi falar de você. Pelos jornais, e alguma coisa por Ann Lyle.

Ele parou de falar. Parecia estar avaliando Web. Só depois de um momento é que Web compreendeu que ele examinava o lado avariado de seu rosto.

— Em quase vinte anos na polícia, talvez tenha sacado a arma uma dúzia de vezes e atirei em seis ocasiões. Errei o alvo quatro vezes, mas acertei em duas. Nunca fui ferido no serviço, nem mesmo uma unha quebrada. É uma coisa de que posso me gabar. Nesta cidade, especialmente hoje em dia. Trabalho no Primeiro Distrito, que não chega a ser tão branco e rico quanto o Northwest, mas também não é como o sexto e sétimo distritos, em Anacostia, onde sua equipe foi massacrada. E tenho o maior respeito pelos caras que cruzam a fronteira, levam tiros e conseguem voltar. Você parece ser um anúncio ambulante desse tipo de homem.

— Nunca pedi para ser.

— O fato é que te respeito, ou não estaria sentado aqui com você. Mas nunca vai me convencer de que Randy fez alguma coisa errada. Sei que o

trabalho secreto afeta a mente e que Randy tem motivos para não gostar do Birô. Mas o que aconteceu com sua equipe não teve nenhuma participação dele. Quero que saiba disso.

— E eu quero que você compreenda uma coisa. Embora pareça totalmente sincero, a tal ponto que não me importaria de tomar cerveja com você em outra ocasião, não posso aceitar sua declaração apenas porque a fez.

Venables balançou a cabeça num gesto de compreensão.

— Acho que seria um idiota rematado se aceitasse.

— Ele poderia ter caído fora. Verifiquei isso. O FBI lhe ofereceu uma vida nova, com aposentadoria integral. Por que acha que ele não aceitou?

— E passar os quarenta anos seguintes cortando a grama numa casa igual às outras ao redor, em algum bairro de classe média no Meio-Oeste? Randy não suportaria. O que mais ele podia fazer exceto continuar a trabalhar? Pode parecer engraçado, mas ele se orgulhava de seu trabalho. Achava que era bom no que fazia.

— É o que também acontece comigo. E é por isso que estou aqui. Quero descobrir a verdade. Se Cove teve alguma participação, posso querer me vingar, como ele fez. Não posso prometer que não o farei, amigo seu ou não. Mas se ele nada teve a ver com o caso, serei seu melhor companheiro. E pode ter certeza, Sonny, de que a maioria das pessoas prefere ter a mim como amigo do que como inimigo.

Venables se recostou. Pareceu pensar a respeito. Deu a impressão de que tomava uma decisão. Inclinou-se para a frente, olhou para os jogadores de sinuca, passando giz no taco, fumando charuto e tomando cerveja.

— Não tenho a menor ideia do paradeiro de Randy. Não tenho notícias dele desde que tudo isso aconteceu. Na verdade, já não tinha muito antes.

— Portanto, não conversou com ele sobre o que estava acontecendo?

— Deve compreender que fui o contato na primeira passagem de Randy por Washington. Tornei a vê-lo quando voltou a trabalhar aqui, mas não para tratar de negócios, por assim dizer. Eu sabia que ele trabalhava em alguma coisa importante, mas não me explicou o que era.

— Quer dizer que vocês dois já não eram tão ligados?

— Éramos tão ligados quanto se pode ser de alguém como Randy. Depois do que aconteceu com sua família, acho que nunca mais ele poderia ser muito ligado a alguém. Nem mesmo ao velho Sonny Venables, do Mississippi, o cara que fazia todos aqueles bloqueios para ele.

— Ele mencionou se estava usando algum outro contato na polícia?

— Não. Se fosse usar alguém na polícia, seria eu.

— Quando foi a última vez que o viu?

— Há pouco mais de dois meses.

— Como ele parecia?

— Calado, com os pensamentos em outro lugar. Para ser franco, não parecia muito bem.

— Ele não apareceu em sua casa durante algum tempo. O FBI verificou isso.

— Eu nunca soube onde ele morava. Sempre nos encontrávamos em território neutro, por causa de seu trabalho. E nos limitávamos a conversar sobre os velhos tempos. Acho que ele só queria alguém com quem pudesse conversar. Se precisasse de mim para fazer alguma coisa, eu não hesitaria em aceitar.

— Como ele entrava em contato com você quando queria encontrá-lo?

— Nunca ligava para minha casa. Telefonava para a delegacia. Usava um nome diferente a cada vez. E sempre que me encontrava, dizia qual seria seu nome na ligação seguinte. Assim, eu sempre saberia que era ele.

— E ele não ligou mais?

Web o observava atentamente. Venables parecia estar sendo honesto, mas nunca se podia ter certeza.

— Não. Não tive mais nenhuma notícia. E comecei a me preocupar com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa com ele. Na ocupação de Randy, é uma preocupação que faz sentido.

Web se recostou.

— Portanto, acho que não pode me ajudar a localizá-lo.

Venables terminou de tomar sua cerveja.

— Vamos dar uma volta.

Saíram. A rua estava quase vazia. O dia de trabalho não terminara, e a maioria das pessoas ainda se encontrava nos escritórios, contando os minutos para poder escapar, calculou Web.

— Em sua primeira passagem pelo escritório regional de Washington, havia um lugar que Randy usava como caixa de correspondência, se queria me deixar uma mensagem. E me disse que também o usaria para trocar de roupa, como uma espécie de casa segura.

— O Birô sabia disso?

— Não. Acho que já naquele tempo ele não confiava muito nos escalões

superiores. Era por isso que me usava.

— Uma iniciativa compreensível. Esteve nesse lugar ultimamente?

Venables sacudiu a cabeça em negativa.

— Não sei por quê, acho que tinha medo do que poderia encontrar. Nem mesmo sei se Randy continua a usá-lo. Pode ter sido demolido.

— Importa-se de me dar esse endereço?

— Você fuma, não é?

— Não, não fumo.

— Passou a fumar agora.

Venables tirou do bolso um maço de Winstons e entregou-o a Web, que o pegou.

— É melhor acender um cigarro, caso alguém esteja observando.

Venables estendeu uma caixa de fósforos. Web acendeu um cigarro e guardou o maço no bolso.

— Agradeço sua ajuda. Mas se Cove estava envolvido...

Ele deixou o resto da frase pairando no ar.

— Se Randy fez uma coisa assim, não creio que ele gostaria de continuar a viver.

Sonny Venables se afastou. Web voltou para seu carro, abriu o maço de Winstons e tirou o pedaço de papel enrolado. Olhou para o endereço escrito ali. Dentro do maço também havia três fotos pequenas, dobradas. Web pedira antes que Venables informasse sobre qualquer criança negra, de pele clara, mais ou menos da idade de Kevin Westbrook, que tivesse desaparecido na cidade durante o último mês. Obviamente, aquilo era o que ele descobrira. Web examinou as três fotos; eram todas versões um pouco diferentes de Kevin, concluiu ele. Todas as esperanças de uma vida decente, as expressões lhe diziam, já haviam acabado. Ele ligou o carro e partiu. Vinte minutos depois, Web olhou pela janela do carro, o ânimo mais baixo do que em qualquer outra ocasião anterior. O comentário casual de Venables acertara em cheio no alvo. Onde antes ficava a velha casa segura de Randall Cove havia agora um buraco de obra aberto, com um guindaste enorme no meio. Operários saíam naquele momento do local, depois do que parecia ter sido um dia de trabalho difícil, pelo que Web pôde avaliar. A julgar pelo nível de trabalho já realizado ali, Web tinha de presumir que Cove não usara aquele esconderijo no passado recente. Era um total beco sem saída. Web amassou o pedaço de papel com o endereço e jogou-o no chão do carro. Contudo, ainda tinha mais uma pista para seguir no caso de Randall Cove.

Ligou para Romano do carro.

— Tem tempo para bisbilhotar um pouco?

Ele pegou Romano e seguiram para o sul, na direção de Fredericksburg. Romano correu os olhos pelo interior do carro.

— Um carro de merda.

— É um Grand Marquis. O diretor provavelmente anda num carro assim.

— Nem por isso deixa de ser uma merda.

— Tentarei conseguir um carro que lhe agrade na próxima vez.

Ele olhou para Romano e imaginou o que Angie dissera ao psiquiatra a respeito do marido. Com Romano como o outro significativo, era provável que Angie tivesse muita coisa para falar com um profissional de saúde mental.

— Como estão as coisas na ERR?

— As mesmas de sempre. Não fomos chamados para qualquer coisa. Estamos apenas treinando.

— Espere mais um pouco, Paulie. Tenho certeza de que em breve estará disparando suas armas de novo.

— Talvez eu devesse ingressar na Legião Estrangeira francesa ou qualquer coisa parecida.

— Você apenas não quer admitir quando as coisas estão boas.

— Os caras têm falado de você, Web.

Web deveria estar esperando por aquela mudança na conversa, mas mesmo assim se surpreendeu.

— E o que estão dizendo?

— As opiniões são mais ou menos divididas, contra e a favor.

— Pensei que fosse mais popular.

— Não é isso. Ninguém acha que você é covarde, Web. Já fez muitas loucuras ao longo dos anos. Quase tantas quanto eu.

— Mas...

— Mas alguns caras acham que se você ficou paralisado uma vez pode ficar de novo. O que houve com você não faria muita diferença para o que aconteceu com a Equipe Charlie. Na próxima vez, no entanto, pode ser diferente.

Web olhava fixamente para a frente.

— Acho que não posso argumentar com essa lógica. Talvez eu é que devesse ingressar na Legião Estrangeira. Está armado?

— Os políticos mentem?

Randall Cove morava nos arredores de Fredericksburg, Virgínia, cerca de oitenta quilômetros ao sul de Washington D.C., que era a sua área de trabalho. Era mais ou menos o dobro da distância mínima que os agentes secretos deviam manter entre os dois lugares — quarenta quilômetros — segundo Ann Lyle. O endereço domiciliar de Cove era uma das informações que Web lera furtivamente na ficha que Bates examinava.

Como evitaram por pouco o tráfego intenso que haveria um pouco mais tarde, pararam quarenta minutos depois na rua tranquila do bairro de classe média em que Cove morava. Era uma fileira de casas em carbono, muitas com uma placa de locação na frente. Não havia mães ou crianças fora das casas, embora o tempo fosse agradável e poucos carros estivessem estacionados na rua. O local parecia abandonado e Web sabia que continuaria assim até que as pessoas que trabalhavam em Washington ou no norte da Virgínia começassem a chegar. O lugar tinha a cara de comunidade-dormitório. A maioria dos moradores, com toda a certeza, era de pessoas solteiras ou casais sem filhos. Residiam ali até que seus salários ou as necessidades da família em expansão os impelissem a mudar. Ele podia compreender o motivo pelo qual Cove escolhera aquele lugar para morar. Não havia vizinhos curiosos, as pessoas mantinham-se retraídas, e quase ninguém aparecia durante o dia, quando era mais provável que ele ficasse em casa. Web sabia que a maioria dos agentes secretos na área das drogas realizava suas caçadas durante a noite. Havia um Bucar com placa do governo estacionado à frente da casa.

— Babá federal — comentou Romano.

Web pensou por um momento na melhor maneira de lidar com a situação. Foi até o Bucar. Ele e Romano saltaram.

O agente baixou a janela, olhou para as identificações do FBI que os dois apresentaram e depois fitou Web.

— Você é tão famoso agora que nem precisava mostrar a identificação — comentou o agente, que Web não conhecia.

Ele era jovem, cheio de vigor e promessa. Web calculou que devia estar odiando a vida naquele momento, vigiando uma casa que ninguém esperava que Randall Cove ou qualquer outra pessoa procurasse. Ele saiu do carro e estendeu a mão para a dupla.

— Chris Miller, do escritório regional de Richmond.

Ele mostrou a própria identificação, que tirou do bolso interno direito do

paletó, a fim de dar o aperto com a mão forte. Era assim que o FBI ensinava. Mesmo que não fizesse mais nada, o Birô pelo menos ensinava a seus agentes o desempenho certo nos pequenos detalhes. Sem olhar, Web sabia que Miller tinha uma camada extra no forro do paletó para que a arma que carregava ali não abrisse um buraco. Também sabia que no momento em que estacionara, saltara e se aproximara do carro Miller o observara pelo espelho retrovisor. Fitara os olhos de Web, porque os olhos revelavam as intenções de uma pessoa.

Os homens trocaram apertos de mãos. Web olhou para a casa silenciosa e escura.

— Estão de vigia 24 horas por dia?

— Oito, oito e oito — respondeu Miller, cansado. Ele olhou para o relógio. — Ainda faltam três horas para meu turno acabar.

Web se encostou no sedã.

— Presumo que nada de emocionante acontece por aqui.

— Nada... a menos que se conte uma briga de gatos que observei há duas horas. — Ele fez uma pausa, fitando Web atentamente. — Estive pensando em me candidatar à ERR.

— Sempre precisamos de homens eficientes.

Seis homens, para ser mais preciso, pensou Web, para reconstituir a Equipe Charlie.

— Ouvi dizer que os testes são terríveis.

Romano soltou um grunhido.

— Pegue tudo o que ouviu, multiplique por dez e chegará perto da verdade.

Pela expressão cética de Miller, Web deduziu que o agente mais jovem não acreditava nisso. Mas ele era jovem, com muita confiança em sua capacidade, como sempre acontecia com os jovens.

— Estiveram em Waco? — Quando Web e Romano acenaram com a cabeça em confirmação, Miller acrescentou: — Atiraram contra vocês?

— Para ser franco, tento banir toda essa parte do meu subconsciente — disse Web.

Claire Daniels não ficaria orgulhosa?

— Deu para perceber.

Pela atitude de dúvida de Miller, Web teve certeza de que o jovem agente não entendera o comentário.

— Há quanto tempo está no Birô? — perguntou Romano.

— Quase dois anos.

— Quando completar três, pode tentar o ingresso na ERR. Ligue para mim na ocasião. Se quiser mesmo, posso lhe mostrar algumas coisas.

Romano estendeu um cartão. Enquanto Miller guardava-o no bolso, Romano e Web trocaram olhares divertidos.

— Seria sensacional — disse Miller. — Já me contaram que vocês dispõem de um poder de fogo espetacular.

Web sabia que a atração inicial para muitos estava nas armas. Conhecia vários homens que só haviam ingressado no FBI pela oportunidade de carregar e usar armas sofisticadas.

— É verdade. E lhe ensinaremos por que é sempre melhor se você não precisar usá-las.

— Sei...

Miller pareceu desapontado, mas Web sabia que ele logo haveria de superar. Depois de um momento de silêncio constrangedor, Miller perguntou: — Posso ajudá-los em alguma coisa?

— Só viemos até aqui porque eu queria conhecer a casa. Sabe alguma coisa sobre o cara?

— Não muito. Sei que ele está envolvido no que aconteceu com vocês. O que me leva a especular como alguém pode entregar seus próprios companheiros dessa maneira.

— Tem razão. Dá o que pensar. — Web correu os olhos pela fileira de casas. Havia um bosque por trás. — Espero que tenham alguém cobrindo a retaguarda.

Miller sorriu.

— Alguma coisa. O quintal dos fundos é cercado. Temos um cachorro ali. Se alguém tentar entrar, terá uma surpresa e tanto. Acho que sai mais barato do que postar dois agentes aqui.

— Tem razão. — Web olhou para o relógio. — Está chegando a hora do jantar. Já comeu?

Miller sacudiu a cabeça em negativa.

— Trouxe biscoitos e outras coisas. E uma garrafa de água mineral. Mas já acabou. E, como eu disse, ainda tenho mais três horas de espera, antes da chegada de meu substituto. A pior parte é não ter um banheiro para usar.

— Nem me fale sobre isso. Participei de muitas missões de vigilância no Meio-Oeste. Cobria fazendas com milhares de acres, que se suspeitava serem centros de distribuição de drogas. Também vigiei parques de

estacionamento de trailers à procura de bons velhinhos que achavam que um trabalho decente incluía assaltar bancos e atirar em pessoas com espingardas de cano serrado. Tinha de me segurar, mijar numa garrafa ou me esconder no meio do mato e soltar tudo.

— E muito chato — disse Romano. — Quando eu estava na Força Delta, costumávamos nos agachar em fileira para cagar. Você passa a conhecer um cara muito bem quando caga ao seu lado. Um dia tive de atirar num homem quando estava cagando. E foi muito chato.

Miller não pareceu gostar de nenhuma dessas perspectivas de se aliviar. Vestia-se de maneira impecável, Web notou, e mijar 246 numa garrafa ou correr o risco de revelar sua presença não fazia parte da imagem do jovem agente.

— Há um Denny's aqui perto. Se quiser jantar, podemos esperar aqui até você voltar.

Miller pareceu indeciso sobre o abandono do posto.

— Ofertas como essa não aparecem todos os dias, Chris. — Web abriu um pouco o paletó para mostrar a Miller que estava armado. — E, se quer mesmo saber, participei dos tiroteios em Waco. Pode ir jantar tranquilo.

— Tem certeza de que não haverá problemas?

Foi Romano quem respondeu, num tom intimidativo: — Se aparecer alguém que não deveria estar aqui, vai desejar ter enfrentado o cachorro em vez de nós.

Ao ouvir isso, o agente Miller tornou a entrar em seu carro e partiu.

Web esperou até que ele estivesse fora de vista, antes de abrir a mala de seu carro. Tirou um pequeno aparelho, junto com uma lanterna. Olhou ao redor, antes de se encaminhar para a frente da casa de Cove, acompanhado por Romano.

— Aquele cara todo "mauricinho" não aguentaria dois minutos na ERR — comentou Romano.

— Nunca se sabe, Paulie. Você conseguiu entrar e ficar, não é mesmo?

— Vai mesmo arrombar a casa?

— Vou sim. Se tem algum problema com isso, fique esperando no carro.

— Não há muita coisa na vida com que eu não tenha um problema.

O pequeno aparelho abriu a porta da frente em alguns segundos. Web e Romano entraram. Web fechou a porta e acendeu a lanterna. Viu o painel do alarme ao lado da porta da frente, mas não estava armado. Presumivelmente, só Cove conhecia o código. Atravessaram um pequeno

corredor e entraram na sala. Web projetou o facho da lanterna para todos os cantos. Os dois mantinham a mão em suas armas. Havia poucos móveis. Era provável que Cove não passasse muito tempo ali, presumiu Web. Fizeram uma busca rápida no primeiro andar. Não encontraram nada de interesse, o que não surpreendeu Web. Cove era um veterano, e os veteranos não deixavam registros detalhados do que faziam para que outros os encontrassem.

O porão estava inacabado. Havia umas poucas caixas ali. Romano e Web revistaram-nas rapidamente. A única coisa que atraiu a atenção de Web foi uma foto emoldurada de Cove com a esposa e os filhos. Web a iluminou, com a lanterna inclinada para evitar os reflexos no vidro. Cove usava terno, sem tranças rastafári, o rosto bonito e confiante. O sorriso era contagiante. Apenas de olhar para a foto, Web sentiu os cantos dos lábios se contraindo. Um braço grande contornava a mulher, enquanto o outro envolvia as duas crianças. A mulher era de uma beleza extraordinária, cabelos até a altura dos ombros, um enorme sorriso e olhos que poderiam deixar qualquer homem atordoado. O menino e a menina haviam saído à mãe. Teriam crescido para se tornarem lindas pessoas, com toda a certeza, enquanto o pai e a mãe envelheciam juntos. Era assim que a vida deveria seguir, mas quase nunca acontecia, pelo menos para pessoas que faziam o que Cove e Web faziam para ganhar a vida. O fotógrafo captara o outro lado de Randall Cove, focalizando o homem como marido e pai. Web imaginou o antigo astro do futebol americano universitário jogando uma bola para o filho no quintal dos fundos; talvez o menino tivesse herdado as habilidades atléticas do pai. Talvez pudesse ter a carreira profissional que fora negada ao pai. Num filme de Hollywood, isso podia acontecer, mas raramente acontecia na injustiça da vida real.

— Uma linda família — comentou Romano.

— Só que não existe mais.

Web não se deu ao trabalho de explicar. Guardou a foto na caixa. Os dois subiram. Quando a luz da lanterna iluminou a porta corrediça nos fundos, alguma coisa se jogou contra o vidro. Ao mesmo tempo, Web e Romano sacaram suas armas. Um momento depois, ouviram latidos e compreenderam que era o cachorro cumprindo seu dever.

Pelo menos um cachorro nunca o denunciaria; talvez fosse esse o verdadeiro motivo pelo qual eram os melhores amigos do homem, pensou Web. Levavam seus segredos para a sepultura.

Os dois foram para o segundo andar, querendo acabar logo, antes que Miller voltasse. Web não gostava de enganar um companheiro, mas não queria ser apanhado realizando uma busca não autorizada na casa de um importante suspeito. Bates ficaria furioso por causa disso, e Web não poderia culpá-lo. Havia dois quartos lá em cima, ligados por um banheiro.

O quarto da frente, que dava para a rua, era o de Cove. A cama estava arrumada e o closet continha algumas roupas. Web pegou uma camisa e suspendeu-a contra seu corpo. Quase poderia encaixar a perna em um dos braços da camisa. Web não teria gostado de jogar na defesa para enfrentar um homem assim; seria a mesma coisa que tentar conter uma van em alta velocidade.

O quarto nos fundos da casa estava vazio. Tudo indicava que nunca fora usado. A parte interna do pequeno closet não tinha arranhões de cabide nas paredes, e o carpete não apresentava marcas de móveis. Os dois já iam se retirar quando Web notou uma coisa. Olhou para as janelas, passou pelo banheiro de ligação e olhou para as janelas ali. O quarto da frente tinha venezianas, para proporcionar privacidade, o que era lógico, pois dava para a rua. Web tornou a atravessar o banheiro, para o outro quarto. Havia cortinas ali também, só que não eram persianas. Em vez disso, era uma cortina antiquada de enrolar ao subir. O quarto dos fundos dava para um bosque denso, e por isso não havia ali o problema de privacidade. Web olhou pela janela e viu que o sol se punha. O quarto dos fundos era virado para o norte; portanto, não receberia o sol da tarde, que exigiria uma cortina para bloqueá-lo. E como o quarto não era usado, por que ter cortinas? E se alguém optava por um tipo de cortina, por que não usar o mesmo em toda a casa? Com as persianas, passava um pouco de claridade e ainda se tinha um grau razoável de privacidade. Com aquela cortina antiquada, era tudo ou nada; e com pouca claridade entrando pelas janelas e sem uma luz no teto, aquele quarto ficaria em perpétua escuridão. Não fazia muito sentido, mas talvez Cove tivesse herdado aquela disposição de um morador anterior e não sentisse o menor interesse em mudá-la.

— O que acionou sua antena? — indagou Romano.

— A escolha das cortinas.

— Está gostando de coisas de mulher agora?

Web o ignorou. Foi até a janela. A cortina estava toda levantada. Pegou a corda e deu um puxão, a cortina fez o que tinha de fazer: desceu. Web foi para a outra janela, e também deu um puxão na corda. A cortina não desceu.

Por um instante, ele quase desistiu e foi embora. Mas depois focalizou a luz da lanterna no mecanismo e verificou que fora travado. A cortina não desceria de jeito nenhum. Web o destravou e tornou a puxar a corda. A cortina desceu. Romano deixou escapar um murmúrio de espanto quando um envelope escondido na cortina enrolada caiu nas suas mãos, literalmente. Ele olhou para Web, impressionado.

— Você é mesmo bom nisso.

— Vamos embora, Paulie.

Web tornou a levantar a cortina. Desceram a escada apressados. Romano deu uma olhada para confirmar se a barra estava limpa, antes de saírem. Web fechou a porta da frente.

Foram para o carro. Web acendeu a luz no teto e acomodou-se para saber o que havia descoberto.

Abriu o envelope e tirou um recorte de jornal amarelado. Era do Los Angeles Times, noticiando a morte da família de um agente secreto, nas mãos da Máfia russa. A autoridade falando em nome do FBI fez uma declaração veemente contra os criminosos e jurou que seriam levados à justiça. O homem foi identificado como alguém muito próximo da investigação. Era o supervisor do agente secreto, que o Birô se recusara a identificar, embora os nomes das pessoas de sua família fossem do conhecimento público. Web balançou a cabeça ao ler o nome do representante oficial do FBI.

Percy Bates.

Miller voltou alguns minutos depois. Saltou e se encaminhou para o outro carro. Afagou a barriga.

— Obrigado pela ajuda.

— Não foi nada — disse Romano. — Também já passamos por isso.

— Aconteceu alguma coisa durante a minha ausência?

— Absolutamente nada.

— Deixo o serviço daqui a duas horas. Não estariam interessados em tomar uma cerveja comigo?

— Nós...

Web olhou além de Miller, porque o sol poente acabara de se refletir em algum objeto, a distância.

— Cuidado, Web! — gritou Romano, porque obviamente vira a mesma coisa.

Web estendeu a mão para Miller, pegou sua gravata e tentou puxá-lo

para baixo. O tiro acertou Miller bem no meio das costas.

A bala saiu pelo peito, passou zunindo pela frente de Web e espatifou a janela no lado de passageiro. Romano já saíra do carro e se abrigara por trás de uma das rodas. Levantou a arma por cima do capô, mas não atirou.

— Saia daí, Web!

Por uma fração de segundo, Web ainda segurou a gravata de Miller, enquanto o corpo do jovem agente deslizava pelo lado do carro. Web viu os olhos do morto fitando-o, um instante antes do corpo bater no chão.

— Web, saia logo da porra desse carro ou eu mesmo vou atirar em você!

Web se abaixou enquanto outra bala espatifava a janela traseira do Bucar. Saiu do carro e foi se postar atrás da roda traseira. Na academia, aprendera que o melhor era se agachar por trás da roda de um carro, porque havia poucas armas que podiam disparar balas capazes de atravessar tanto metal.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou Romano.

— Só vi o primeiro reflexo. Numa luneta. A mil metros de distância, no bosque, entre as duas casas. Miller está morto.

— Não é fácil. Estou calculando uma bala de .308, com capa de aço, uma luneta Litton com potência de dez.

— O mesmo tipo de material que usamos — respondeu Web. — Mantenha a cabeça baixa.

— Obrigado por me avisar, Web. Eu já ia me levantar e chamar a mamãe.

— Não podemos responder ao fogo. Nossas pistolas não têm esse alcance.

— Por que não me diz alguma coisa que eu não saiba? Tem alguma ferramenta na mala do carro?

— Teria, se estivesse no meu carro.

Outro tiro atingiu o sedã e os dois se abaixaram. Mais um tiro foi disparado, estourando o pneu dianteiro esquerdo. Mais outro tiro e o vapor elevou-se do radiador.

— Não acha que alguém já deveria estar chamando a polícia? — disse Romano. — Ou será que os atiradores de tocaia fazem parte agora da rotina de um bairro de classe média?

— Meu telefone está no carro.

— Não tente pegá-lo. Quem está lá no mato sabe o que faz.

Esperaram mais cinco minutos, sem que qualquer outro tiro fosse

disparado, e finalmente ouviram as sirenes a distância. Web levantou a cabeça pelo lado e olhou através das janelas do carro. Não divisou mais nenhum reflexo no bosque.

A polícia chegou. Web e Romano mostraram suas insígnias e fizeram sinais para que os policiais se abaixassem. Depois de mais alguns minutos, Web rastejou até a viatura e explicou a situação. Não houve mais tiros. Pouco depois, ao que parecia, todos os policiais do condado apareceram no local, acompanhados por alguns patrulheiros estaduais. O bosque foi vasculhado sem que se encontrasse qualquer pessoa. Mas uma estrada de terra, no outro lado, levando à parte principal do condomínio, tinha marcas de pneus. Também encontraram algumas cápsulas de rifle usadas. Romano acertara: .308 com capa de aço.

Chris Miller foi oficialmente declarado morto. A ambulância levou o corpo. Web notou a aliança de casamento no dedo antes de o saco com o corpo ser fechado. A Sra. Miller receberia a temida visita do representante do FBI naquela noite. Ele balançou a cabeça e olhou para Romano.

— Estou ficando cansado desta vida.

27

WEB E ROMANO PRESTARAM DEPOIMENTO PELO MENOS TRÊS vezes. Bates apareceu e deu um esporro em Web por conduzir uma investigação não autorizada.

— Eu disse que estariam à sua procura, Web — ressaltou Bates. — Mas você é um filho-da-puta teimoso e não quis escutar.

— Ei, vá com calma! — protestou Romano.

— Eu conheço você? — indagou Bates, fitando-o.

— Paul Romano, atacante da Equipe Hotel.

Ele estendeu a mão. Bates ignorou o gesto e tornou a se virar para Web.

— Sabia que Buck Winters está procurando qualquer pretexto para destruí-lo? — Ele olhou para Romano. — Para acabar oficialmente com toda a ERR? E você entra no jogo dele!

— Só estou tentando descobrir o que aconteceu com meus companheiros — respondeu Web. — E você faria a mesma coisa se estivesse no meu lugar.

— Não jogue essa merda na minha cara!

Bates parou de falar abruptamente, porque Web levantou o recorte de jornal.

— Encontrei isto na casa.

Bates estendeu a mão, lentamente, e pegou o recorte.

— Quer falar a respeito? — indagou Web.

Bates os levou para longe do local do crime. Foram para um canto isolado. Ele olhou para Romano e depois para Web.

— Não se preocupe com ele — disse Web. — Tem autorização para ouvir informações ultrassecretas.

— Até participei uma vez da proteção VIP oferecida a Arafat — comentou Romano. — Quando fala em alvo, não pode imaginar como havia gente atrás daquele homem.

— Não mencionou que trabalhava com Cove quando a família dele foi morta, Perce — comentou Web.

— Não lhe devo a história da minha vida — respondeu Bates, em tom brusco.

— Mas talvez me deva uma explicação.

Bates dobrou o recorte e guardou-o no bolso.

— Não foi culpa de ninguém. Cove não errou, e nós também não. Foi um mero acaso e muita sorte dos russos. Eu gostaria de poder voltar atrás, mas ninguém pode. Randy Cove é um agente extraordinário.

— Quer dizer que Cove não tem motivo para tentar se vingar?

— Não. Falei com ele. Quase foi morto pouco depois que acabaram com a Equipe Charlie. E garantiu que viu o prédio cheio de todas as coisas que deveriam estar ali.

— Ou seja, a história que Cove conta é que armaram para cima dele, a fim de que nos fornecesse informações falsas — comentou Web. — Saíram os arquivos e computadores e entraram as armas?

— Mais ou menos isso. Era um pavio de prazo curto. Cove disse que esteve no prédio pouco antes de vocês atacarem. Estava convencido de que havia se infiltrado numa operação de drogas em larga escala.

— Não estou querendo lhe dizer como deve fazer seu trabalho, Perce, mas o melhor neste momento é trazê-lo de volta. Agora que foi descoberto, ele vai precisar de proteção.

— Cove é capaz de cuidar de si mesmo. E pode fazer mais se continuar por fora. É bem possível que esteja se aproximando de um grande fornecedor de drogas.

— Não estou interessado nessa parte. Só quero os caras que nos armaram aquela emboscada.

— É justamente esse o problema, Web. Podem ser os mesmos.

— Não faz muito sentido. Por que um fornecedor de drogas haveria de querer que o Birô fosse atrás dele com todos os seus recursos?

— Pode haver diversos motivos. Vingança. Manter os distribuidores na linha. Até mesmo incriminar um rival para suportar a pressão, reduzindo a concorrência.

— Deixe-me pegar esses caras — interveio Romano — e reduzirei algumas coisas, como a expectativa de vida de todos.

— Portanto, presumo que ele não esteja fazendo contatos regulares — disse Web.

— Como sabe disso?

— Se ele é mesmo tão bom assim, saberá que todos pensam que participou na armação. Em consequência, vai se manter retraído, sem confiar em ninguém, empenhado em sua própria investigação, na tentativa de descobrir a verdade antes que alguém o pegue.

— É uma boa dedução, Web.

— Para ser franco, falo por experiência própria.

— Por falar em experiência pessoal, finalmente recebi um telefonema de Billy Canfield. Vou me encontrar com ele amanhã, em sua fazenda. Quer me acompanhar?

— Eu disse que queria. Quer ir também, Paulie?

Bates olhou para Romano.

— Você é o mesmo Paul Romano que foi da Força Delta e da SWAT de Nova York?

— Só há um Paul Romano — respondeu Romano, sem a menor sugestão de presunção.

— Arafat, hem?

— Quando se quer mandar os melhores...

— Muito bem, considere-se temporariamente transferido. Falarei com seu comandante.

Romano ficou surpreso.

— Transferido para fazer o quê?

— Tudo o que eu mandar. Vejo vocês dois amanhã.

Web deixou Romano em casa. Antes de sair do carro, Romano disse: — Ei, Web, acha que esse novo posto paga mais? Angie tem falado que precisa comprar uma nova lavadora-secadora de roupa, e talvez eu termine o porão.

— Se eu fosse você, não mencionaria nada para Angie. Terá sorte se não ganhar menos agora.

Romano balançou a cabeça ao sair.

— A história da minha vida.

Web guiou a esmo por algum tempo. Sentia-se angustiado por Chris Miller e não invejava as pessoas que teriam de contar à esposa. Torcia para que Miller não tivesse filhos, mas ele parecia ser do tipo que os teria assim que casasse. Havia sofrimento demais no mundo. Finalmente, ele decidiu que precisava de outra dose do antiquado trabalho de polícia.

Pegou a avenida de contorno, a Capital Beltway, passou pela Interestadual 395 e conduziu o Mercury providenciado por Bates pela ponte quase destruída da Rua 14, onde caíra, há alguns anos, um avião que decolara do Aeroporto Nacional durante uma nevasca. Seguiu para uma área da cidade que poucos cidadãos respeitadores das leis, a não ser que estivessem perdidos ou carregassem uma arma e uma insígnia, ousavam frequentar, ainda mais àquela hora da noite.

O cenário era familiar para Web. Era o mesmo caminho que sua equipe

percorrera na última noite que passara neste mundo. Web sabia que o carro e as placas do governo apregoavam que era um agente federal, mas não se importava. Durante uma hora, percorreu cada beco sem saída, cada viela, cada buraco na parede, qualquer caminho que parecesse promissor. Passou várias vezes por radiopatrulhas que circulavam em busca de encrenca, o que era quase a mesma coisa que ser um gato num aviário: isso se encontrava quase por toda parte.

Já ia desistir quando seu olhar foi atraído por um brilho vermelho, por baixo de um lampião. Reduziu a velocidade do carro, pegou o binóculo de confiança na bolsa e olhou direito. Provavelmente não era nada, pois muitos ali gostavam de usar um lenço na cabeça e muitos deles eram vermelhos. Vermelho de sangue; até as pessoas por ali tinham um senso de determinação e também um certo humor em seu trabalho. Poucos segundos depois, o pulso de Web acelerou abruptamente. O homem até usava as mesmas roupas, uma blusa curta sobre os ombros largos, com um short abaixo da racha do traseiro. Era o bom fornecedor de crack e outras drogas ilegais da viela em que a Equipe Charlie realizara sua última incursão.

Web desligou o motor e deixou que o carro deslizasse até parar. Saltou sem fazer barulho. Pensou em levar a espingarda, mas depois decidiu que a pistola seria suficiente. Era difícil agarrar alguém com a espingarda nas mãos. Ele foi descendo devagar pela rua, a pistola na mão, sempre se mantendo nas sombras. Havia um poste pelo qual tinha de passar a caminho do garoto. No momento mesmo em que entrou na poça de luz, alguém gritou em algum lugar. O garoto levantou os olhos e viu-o. Web soltou um palavrão baixinho e começou a correr.

— Ainda quer negociar o meu rifle? — gritou ele.

O garoto disparou pela viela. Web sabia que não deveria segui-lo por ali, nem mesmo armado. Por isso, parou. Entrar naquela viela sem qualquer apoio seria a mesma coisa que ligar para a funerária e encomendar seu caixão. Ainda assim, foi uma decisão difícil, pois Web queria agarrar Bandana mais do que qualquer outra coisa naquele instante. Na maneira de pensar de Web, ao estilo de ligar os pontos, talvez tivesse sido Bandana quem apertara o controle remoto para ativar o laser que acionara as metralhadoras, causando a morte de seus maiores amigos. Ele finalmente tomou uma decisão. Haverá outra noite, meu amigo. E na próxima vez não vou parar enquanto não estiver com as mãos em seu pescoço.

Web se virou para voltar ao carro. Foi quando os viu se aproximando.

Pareciam não ter pressa. Havia talvez uma dúzia. Junto com as sombras alongadas, ele pôde ver também as armas diversas que os homens empunhavam. Afastado de seu carro, Web entrou na viela e começou a correr. Ouviu o grupo por trás fazer a mesma coisa.

— Merda! — murmurou ele para si mesmo.

Alguém podia dizer que não fora uma armação?

A claridade projetada pelo poste logo ficou para trás. Web só podia contar com a pouca claridade do ambiente, que vinha do céu, e os passos correndo em seu encalço. Infelizmente, naquele labirinto de paredes altas, os ecos não eram guias confiáveis. Web virou à esquerda e à direita, até que se sentiu irremediavelmente perdido. Virou uma última esquina e parou. Calculou que metade do grupo já devia ter contornado o quarteirão para bloquear sua fuga, embora tivesse corrido em círculos. Tinha a impressão de que ainda podia ouvi-los se aproximando, mas não podia determinar de que direção. Entrou em outra viela e parou. Escutou. Silêncio. Um silêncio que não lhe agradou. Silêncio significava atividade furtiva. Ele olhou para a esquerda, direita, para cima. Para cima. Parecia a melhor opção. Subiu por uma escada de incêndio próxima, mas parou de repente. Os passos estavam próximos. E Web logo viu por quê. Os dois homens contornaram a esquina. Eram altos e esguios, as cabeças raspadas, vestidos de couro, com os jeans largos que se costumavam usar na prisão, sapatos de saltos de aço que ansiavam, com toda certeza, meter na cara de Web.

Os dois pararam e olharam ao redor. Estavam diretamente debaixo dele. Assim como Web fizera, olharam para a esquerda e direita. Ele calculou que seria apenas uma questão de segundos antes que olhassem também para cima. Por isso, ele se jogou, cada pé acertando na cabeça de um homem e arremessando-o contra a parede. Caiu meio sem jeito, torcendo um pouco o tornozelo. Como os homens corpulentos gemessem e tentassem levantar, Web bateu com a coronha da pistola em suas nucas. Os dois arriaram para um longo cochilo. Web pegou suas armas, jogou-as numa caçamba de lixo ali perto e saiu correndo.

Ainda podia ouvir passos correndo, além de tiros ocasionais. Não sabia se eram seus perseguidores, ou apenas um conflito entre quadrilhas rivais, um fato corriqueiro ali, ocorrendo quase todas as noites. Web virou outra esquina e foi atingido por um golpe violento. O impacto derrubou-o. Perdeu a arma ao se esparramar no asfalto. Rolou pelo chão e levantou-se, com os punhos erguidos.

Bandana estava parado ali, com uma faca quase tão grande quanto ele na mão. Sorria, o mesmo sorriso de quem come merda, que exibira na viela na noite em que a Equipe Charlie desaparecera.

Web notou que ele segurava a arma com alguma habilidade. Era bem provável que o garoto já tivesse participado de uma centena de brigas com faca. Era mais baixo do que Web, mas também mais musculoso, e provavelmente mais rápido. Aquele seria o teste clássico da juventude contra a experiência.

— Venha conhecer um pouco de experiência, meu jovem — murmurou Web enquanto se preparava para a defesa.

O garoto atacou, a lâmina da faca se movimentando tão depressa que Web mal pôde acompanhá-la. Mas nem precisava, porque desferiu um chute em curva, acertando em cheio as pernas de Bandana, que desabou no asfalto. O garoto se levantou no mesmo instante, mas bastou para receber um chute na cabeça. Com o garoto atordoado, Web avançou. Agarrou o braço que empunhava a faca, dando uma chave para obrigá-lo a largar a arma. Sem a segurança da faca e com o antebraço quebrado, o garoto fugiu, os gritos de dor ecoando pela viela. Deixara a atitude arrogante ao lado da faca, no chão ensanguentado. Web sacudiu a cabeça, atordoado, para desanuviá-la. Começou a cambalear para a frente, a fim de recuperar sua pistola. Nunca a alcançou.

Web só podia observar, em silêncio, enquanto os homens avançavam de todos os lados, bloqueando sua passagem para a arma. Empunhavam escopetas e pistolas. Web podia sentir que todos estavam muito satisfeitos em vê-lo ali, em inferioridade numérica de dez para um. Web calculou que nada tinha a perder se assumisse uma postura agressiva. Mostrou o emblema do FBI.

— Eu poderia prender todos vocês por porte ilegal de armas. Mas como estou me sentindo generoso, e não quero nem pensar em todos os formulários que teria de preencher, podem ir embora, cada um para cuidar de sua vida. Vamos esquecer o que aconteceu aqui. Mas só desta vez. Não tentem a mesma merda de novo.

A resposta dos homens foi se adiantarem ainda mais. A reação de Web foi recuar, até ficar de costas contra a parede, não tendo mais para onde escapar. A suprema fuga teria de ficar confinada à sua imaginação. E foi nesse instante que dois homens bem à sua frente foram empurrados para o lado, com tanta violência que parecia até que a gravidade fora suspensa por

baixo deles.

No espaço aberto, Web descobriu-se olhando para o maior homem que já vira fora de um jogo de futebol americano profissional. O gigante tinha cerca de dois metros de altura e devia pesar no mínimo 180 quilos. Web compreendeu que aquele novo antagonista devia ser o lendário Big F.

O homem vestia uma camisa de seda grená, de mangas curtas, tão grande que Web poderia usá-la como manta. Uma calça bege de linho cobria as pernas longas, que até pareciam curtas de tão largas e maciças. Ele não usava meias, os pés em mocassins de camurça. A camisa estava aberta até o umbigo, embora a temperatura fosse inferior a 10° C, com uma brisa que fazia o frio entrar por dentro da pele. O crânio era coberto por uma leve penugem. As feições acompanhavam o tamanho, com um nariz enorme e orelhas cônicas, cada uma com uma dúzia de diamantes inseridos, brilhando de maneira impressionante na claridade precária.

Ele não perdeu tempo. Seguiu direto até Web. Quando Big F estendeu a mão para agarrá-lo, Web acertou em sua barriga um golpe violento que teria derrubado um pugilista peso-pesado. Mas Big F limitou-se a soltar um grunhido. Depois, levantou Web. Inclinou-se para trás, como se fosse lançar um peso em alguma competição esportiva, e arremessou os noventa e poucos quilos de Web pela viela, a uma distância de três ou quatro metros. Os outros homens vaiaram e gritaram, numa exultação animal, trocando cumprimentos pela humilhação do agente federal, batendo palmas, os punhos se encontrando.

Web ainda nem conseguira levantar direito quando o homem o atacou de novo. Desta vez ele segurou Web pelo cinto, levantou-o, e jogou-o em cima de uma fileira de latas de lixo. Web se ergueu mais depressa, ofegante, nauseado com a surra que estava levando. Antes que Big F pudesse alcançá-lo, Web projetou-se para a frente, os ombros abaixados, lançando todo o seu corpo muito forte contra a barriga do oponente. Foi como se Web tivesse investido contra uma picape, porque de nada adiantou. Ele desabou no asfalto sem ter conseguido tirar Big F do lugar por um centímetro sequer. Sentiu o ombro deslocado. Levantou-se, fingiu que estava gravemente ferido e depois explodiu num salto, desferindo um chute que acertou Big F no lado da cabeça. Manchas de sangue apareceram no canto da orelha de Big F. Web notou, com satisfação, que aliviara o gigante de alguns diamantes, deixando o lóbulo da orelha cheio de fragmentos ensanguentados.

Big F, no entanto, continuou de pé, como um dos prédios de alvenaria ao redor. Web costumava derrubar sacos de cinquenta quilos de seus suportes com aquele chute. Como era possível? Só que ele não teve tempo para pensar a respeito, porque Big F, movendo-se mais depressa do que um homem de seu tamanho jamais deveria ser capaz, acertou com o antebraço enorme o lado da cabeça de Web, num golpe que o deixou atordoado, quase apagando. Poucos segundos depois, Big F meio carregava, meio arrastava Web, os sapatos e o paletó perdidos em algum ponto da viela. A calça estava rasgada, e as pernas e braços sangravam por ele ser arrastado pelo chão.

Aparentemente só pela diversão, porque Web já não oferecia mais qualquer resistência, Big F jogou-o de cabeça contra uma caçamba de lixo. Web apagou e continuou assim até sentir que era jogado em alguma coisa macia. Abriu os olhos; era o interior do Mercury. Ele estremeceu quando Big F bateu a porta e afastou-se. O cara não dissera uma só palavra, e Web nunca se sentira tão humilhado em toda a sua vida. Não era de admirar que vovó e Jerome tivessem se comportado daquela maneira. Era bem provável que Jerome ainda estivesse correndo.

Web sentou lentamente. Tateou o corpo à procura de ossos quebrados. Quando abriu a mão direita, um papel caiu. Web viu os números e palavras escritos. Espantado, olhou para o lugar em que Big F estivera, mas ele já não se encontrava mais ali. Web guardou o papel no bolso, pegou as chaves, ligou o Mercury e partiu. Os pneus traseiros cantaram quando ele acelerou, querendo sair dali o mais depressa possível. Deixava para trás o paletó, os sapatos, a pistola e grande parte de sua confiança.

28

AINDA ERA DE MANHÃ CEDO, E WEB ESTAVA MERGULHADO na banheira de outro motel ordinário. Todo o seu corpo doía. Os arranhões nas pernas e braços ardiam como se ele tivesse sido marcado por um ferro em brasa. Tinha um galo enorme na testa, no ponto em que batera na caçamba de lixo, e um talho no lado bom do rosto, no qual ainda havia, provavelmente, alguns grãos de asfalto. Podia-se dizer que estava envelhecendo muito bem. Talvez tentasse a carreira de modelo quando deixasse o FBI.

O telefone tocou. Web estendeu a mão para atender. Era Bates.

— Vou pegá-lo e a seu companheiro dentro de uma hora, na casa de Romano.

Web gemeu.

— Qual é o problema? — perguntou Bates.

— A noite de ontem. Estou com uma tremenda ressaca.

— Sinto muito, Web. Uma hora. Esteja lá ou procure outro planeta para viver.

Bates desligou. Exatamente uma hora depois, Bates pegou Web e Romano. Seguiram para a região de criação de cavalos da Virgínia. Bates olhou para os novos ferimentos de Web.

— O que aconteceu com você? É melhor não ter destruído outro carro, porque depois do Mercury terá de andar de bicicleta.

Bates olhou para o carro de Web, estacionado à frente da casa de Romano.

— Escorreguei quando saía da banheira.

— E ficou todo machucado assim só de cair da banheira?

Era evidente que Bates não acreditava.

— Sabe o que dizem, Perce: a maioria dos acidentes acontece em casa.

Bates o fitou em silêncio por um longo momento, antes de decidir que era melhor não insistir no assunto. Tinha muitas outras coisas em sua lista por fazer.

Depois de uma hora de viagem, saíram da autoestrada. Percorreram vários quilômetros de estradas menores, sinuosas, com curvas fechadas, margeadas por bosques densos. Perderam um desvio em algum ponto, pois foram parar numa estrada de terra que mal dava para a passagem de um

único carro. Web olhou para um portão de metal, meio torto, com uma placa ao lado que dizia: FAZENDA EAST WINDS. PROIBIDO CAÇAR, PESCAR, INVADIR. OS VIOLADORES SERÃO PROCESSADOS COM O RIGOR DA LEI.

East Winds, eles sabiam, era o nome do haras de Canfield. Deviam ter chegado pelos fundos, concluiu Web. Ele sorriu ao ler o aviso. Aquelas pessoas falavam sério; ele estava tremendo de medo. Web olhou para Romano, que também sorria, provavelmente pensando a mesma coisa. A cerca de madeira era baixa. O lugar ficava no meio do nada.

— Alguém que soubesse o que fazer poderia pular essa cerca em um segundo, ir até a casa principal, matar os Canfield e todo mundo que estivesse lá, tomar um drinque, assistir à televisão, e é bem provável que ninguém saberia até o degelo da primavera — comentou Romano, com conhecimento do assunto.

— E como homicídio não consta dos crimes relacionados na placa — acrescentou Web —, ficaria livre de ser processado.

— Parem de dizer besteira — resmungou Bates.

Mas Web podia perceber que ele estava bastante preocupado. A propriedade era muito vulnerável.

Finalmente encontraram a volta correta e alcançaram a entrada da frente para East Winds. Os portões lembraram Web dos que havia na frente da Casa Branca. E, no entanto, com toda a vulnerabilidade da propriedade, os porões grandes eram uma piada da perspectiva da segurança. Por cima da entrada havia uma arcada de metal, em que se lia o nome do haras, as letras com arabescos. E, para cúmulo, os portões estavam abertos! Havia um interfone ao lado. Bates apertou o botão. Esperaram um pouco até que alguém atendeu.

— Agente Especial Bates, do FBI.

— Podem entrar — disse a voz. — Sigam pela estrada e virem à direita no primeiro desvio para alcançar a casa principal.

Enquanto Bates dava a partida, Web comentou: — Não há circuito fechado de TV. Podíamos ser Charlie Manson e companhia.

Seguiram em linha reta. A terra verde ondulante estendia-se até onde a vista podia alcançar, grande parte delimitada por cercas baixas. Havia enormes fardos de feno nos campos. Viram um pequeno lago num lado. A estrada principal era asfaltada. Depois de uma longa reta, a estrada fez uma curva em torno de uma fileira de carvalhos e nogueiras, com pinheiros

pequenos espremidos nos intervalos. Através das árvores, à direita, eles tinham vislumbres de uma enorme estrutura.

Finalmente alcançaram uma casa de pedra enorme, com dois andares, as janelas em arcadas altas, ao estilo italiano clássico, com largas portas corrediças por baixo. No alto, havia um domo revestido de estanho, com a pátina do tempo, encimado por um cata-vento, mostrando um homem montado num cavalo. Para Web, parecia o tipo de cor que um programa popular de TV podia tentar registrar e depois vender para as massas como uma coisa muito mais chique do que a simples deterioração causada pelo tempo.

Viraram à direita, para longe da casa de carruagens, e seguiram por um comprido caminho pavimentado. Alguns dos maiores bordos que Web já vira em toda sua vida estavam ali, em fileiras ao lado da estrada, formando uma cobertura natural de galhos e folhas.

Web arregalou os olhos quando contemplou o que havia à frente. Era a maior casa que já vira, toda de pedra, com um enorme pórtico na frente, sustentado por seis colunas maciças.

— Parece ser do tamanho do Hoover Building — murmurou Romano.

Bates parou o carro na frente e disse antes de sair: — É uma casa, Romano. Tome cuidado com o que diz e tente não embaraçar o Birô.

A enorme porta foi aberta por um homem.

Billy Canfield não envelhecera bem, pensou Web.

Ainda era alto e esguio, mas os ombros largos e o peito musculoso — de que ele se lembrava das visitas de Billy no hospital — haviam definhado. Os cabelos eram agora mais ralos e quase brancos. O rosto se tornara ainda mais rude. Quando Canfield saiu para recebê-los, Web notou que o homem mancava um pouco. Percebeu que um joelho virava para dentro um pouco mais do que o normal. Canfield, ele calculou, estaria agora com sessenta e poucos anos. Há 15 anos, casara pela segunda vez, com Gwen, mulher muito mais jovem. Tinha filhas adultas do primeiro casamento. Além disso, também tivera um filho com Gwen, o menino de dez anos que fora morto pelos membros da Sociedade Livre na escola em Richmond. Web ainda via nos sonhos o rosto de David Canfield com bastante frequência. O sentimento de culpa não se atenuara ao longo dos anos; se alguma diferença ocorrera, tornara-se ainda mais intenso.

Canfield fitou cada um, ameaçador, de baixo das sobrancelhas hirsutas. Bates estendeu a mão forte e mostrou sua identidade com a outra, como o

Birô ensinava, observou Web.

— Sou o agente Bates, do escritório regional do FBI em Washington, Sr. Canfield. Obrigado por nos receber.

Canfield o ignorou. Olhou para Web.

— Conheço você, não é mesmo?

— Web London, Sr. Canfield. Sou da Resgate de Reféns. Fui baleado em Richmond naquele dia. Visitou-me no hospital. O que significou muito para mim. Quero que saiba disso.

Canfield acenou com a cabeça, lentamente. Estendeu a mão para Web, que a apertou.

— Agradeço o que tentou fazer na ocasião. Fez tudo o que era possível. Arriscou sua vida para salvar meu filho. — Ele fez uma pausa. Olhou para Bates.

— Mas eu lhe disse pelo telefone que nada aconteceu aqui. E se o filho-da-puta aparecer, ele é que vai acabar morto, não o contrário.

— Compreendo sua posição, Sr. Canfield.

— Billy.

— Obrigado, Billy. Mas deve entender que três pessoas ligadas ao que aconteceu naquela escola em Richmond já foram assassinadas. É bem possível que haja uma quarta vítima. Se a Sociedade Livre está por trás disso... e devo dizer que ainda não encontramos nenhuma prova concreta... mas se está, você pode ser um alvo. É por isso que estamos aqui.

Canfield olhou para o relógio.

— Quer me manter trancado em algum lugar? Tenho um haras para dirigir e posso lhe garantir que não dá para administrá-lo no piloto automático.

— Sei disso. Mas há providências discretas que podemos adotar...

— Se querem continuar a conversar, venham comigo. Tenho coisas a fazer.

Bates trocou olhares com Web e Romano, depois deu de ombros. Seguiram Canfield até um Land Rover preto e embarcaram.

Canfield não esperou que prendessem o cinto de segurança. Pisou no acelerador, partindo em alta velocidade. Web sentava ao seu lado no banco da frente. Examinou o haras ao redor.

— Na última vez em que tivemos contato, o senhor tinha uma companhia de transporte rodoviário de carga em Richmond. Como veio parar num haras no condado de Fauquier?

Canfield tirou um cigarro do bolso da camisa e acendeu-o. Baixou um pouco a janela e soprou a fumaça para fora.

— Gwen não me deixa fumar em casa. Dou minhas tragadas quando posso. É uma boa pergunta, Web, dos caminhões aos cavalos. Às vezes me faço essa pergunta e penso que gostaria de voltar aos caminhões. Nasci e fui criado em Richmond. Gosto de lá. Aquela cidade me emociona, de modo positivo e negativo... e já conheci os dois lados da moeda.

Ele deu outra tragada.

— Mas Gwen sempre amou os cavalos. Cresceu num haras no Kentucky. Acho que está no seu sangue. Tudo o que isto aqui fez por mim foi subir minha pressão. Seja como for, decidimos tentar. E ainda não está definido se nos saímos bem ou mal. Como apliquei aqui todo o dinheiro que tinha, pelo menos temos um incentivo para fazer com que tudo dê certo.

— O que exatamente se faz num haras? — perguntou Romano, inclinando-se para a frente. — Os únicos cavalos que já vi na vida são aqueles que puxam charretes em torno do Central Park. Fui criado na Big Apple.

— Lamento saber disso, ianque. — Canfield lançou um olhar para Romano. — Não sei seu nome.

— Romano... Paul Romano. Os amigos me chamam de Paulie.

— Não somos amigos, por isso vou chamá-lo apenas de Paul. A finalidade principal de um haras, Paul, é arrancar seu dinheiro. O que faz com todo empenho. Você paga uma nota alta por uma propriedade como esta. Compra alguns cavalos, que custam os olhos da cara. Paga preços absurdos pela cobertura de algum garanhão filho-da-puta, cheio de tesão, para emprenhar suas éguas, só porque ele teve algumas vitórias nas corridas. E depois a natureza o presenteia com alguns potros, que tratam de arrancar o pouco dinheiro que ainda lhe resta. E quando os animais completam um ano, você já gastou o suficiente para mandar uma dúzia de filhos estudar em Harvard. Passa a torcer para que um deles se mostre bastante promissor. Assim, pode vendê-lo a um otário qualquer e talvez obter um retorno de cinco por cento do seu dinheiro, depois de trabalhar 16 horas por dia. E se isso não acontecer, o banco para o qual se vendeu trata de tomar tudo o que você já possuiu em toda a sua vida. E você morre na miséria, sem um teto sobre a cabeça, sem uma muda de roupa, sem qualquer pessoa que possa chamar de amiga. — Ele olhou para Romano. — É isso aí, Paul. Tem mais alguma pergunta?

— Nenhuma — respondeu Romano, recostando-se. — O senhor esgotou o assunto.

Chegaram a um conjunto formado por celeiros, estábulos e outras construções. Canfield levou o Land Rover por uma arcada de madeira triangular. Informou que fora copiada da propriedade de George Washington em Mount Vernon, só que custara muito mais caro.

— Este é o centro equestre. Baias dos cavalos, um grande celeiro para o feno, escritório de administração, sala dos treinadores, banheiras para os animais, currais de montaria e todo o resto. O Pequeno Rincão de Deus.

Canfield riu enquanto saltava do Land Rover. Os agentes do FBI acompanharam-no. Canfield chamou um homem que conversava com vários outros, provavelmente peões, pelo que Web pôde avaliar.

— Ei, Nemo, pode vir até aqui um momento?

O homem se aproximou. Era mais ou menos da altura de Web, mas corpulento, com o físico de alguém que trabalhava com o corpo para ganhar a vida. Tinha cabelos pretos, curtos e espetados, começando a ficar grisalhos nas têmporas, rosto forte e bonito. As roupas eram típicas de um rancho: jeans largo e um blusão de brim desbotado. Botas pontudas. Não eram de luxo, nada de couro de aligátor ou canguru, nada de biqueira de prata. Estavam empoeiradas e rachadas do uso constante, esfoladas nos pontos em que os estribos deviam forçar no couro. Luvas de lona enlameadas projetavam-se do bolso de trás da calça. Ele tirou o chapéu Stetson manchado de suor enquanto se aproximava. Limpou o suor da testa com um pano.

— Nemo Strait é o gerente do haras. Nemo, esses homens são do FBI. Vieram até aqui para me dizer que corro perigo, porque deixaram o filho-da-puta que matou meu filho fugir da prisão, e ele pode estar querendo me matar.

Strait lançou a todos um olhar extremamente hostil. Web estendeu a mão.

— Sou o agente Web London.

Strait apertou a mão estendida. Web sentiu que o homem imprimia uma força extra no aperto. Nemo Strait era muito forte e, obviamente, queria que Web soubesse disso. Web percebeu que ele avaliava seu rosto avariado. De modo geral, despertava compaixão, o que Web detestava. Nemo, porém, mostrou-se apenas um pouco mais carrancudo, como se tivesse sofrido ferimentos muito piores num bom dia. Web gostou do homem no mesmo

instante. Canfield apontou para Web.

— Esse homem tentou salvar meu filho, o que é mais do que posso dizer de alguns outros envolvidos no caso.

— Na minha opinião, o governo não presta para nada, exceto para se intrometer na vida das pessoas.

Nemo olhou para Web enquanto falava. A voz era rural, com mergulhos profundos entre cada sílaba, acompanhando os movimentos do seu pomo-de-adão. Por alguma razão proeminente, Web imaginou Nemo se apresentando num karaokê, cantando música country e do Velho Oeste... com perfeição, Web olhou para Bates, que disse: — O que queremos neste momento, Billy, é ajudá-lo. Se alguém tentar alguma coisa contra você, queremos estar aqui para impedir.

Canfield correu os olhos pela propriedade, antes de fitar Bates.

— Tenho dez homens trabalhando em tempo integral no haras, e todos eles são muito eficientes com uma arma.

Bates sacudiu a cabeça.

— Entramos direto, e você nem sabia quem éramos. Abriu a porta de casa desarmado e sozinho. Se quiséssemos matá-lo, você já estaria morto.

Canfield sorriu.

— E se eu lhe dissesse que alguns de meus rapazes observaram vocês desde o momento em que entraram na propriedade? E que apontavam para vocês alguma coisa que não era o dedo?

Web e Romano olharam ao redor, sem dar a impressão de que o faziam. Web tinha um sexto sentido sobre pessoas apontando armas em sua direção, e se perguntou por que não se manifestara.

— Nesse caso, eu diria que seus rapazes acabariam atirando em pessoas inocentes — respondeu Bates.

— É para isso que tenho seguro.

— Verifiquei os registros, Billy. Durante o julgamento, você recebeu ameaças de morte, inclusive de Ernest Free, entre outros. O Birô manteve-o sob proteção na época.

A expressão de Canfield tornou-se mais sombria.

— É verdade. E cada vez que eu me virava havia alguém de terno e armado olhando para mim, um lembrete de que meu filho estava morto e enterrado. Por isso, sem querer ofender, já aturei homens assim por tempo suficiente pelo resto da minha vida. É o máximo de clareza que posso ter.

Bates empinou os ombros e aproximou-se de Canfield.

— O Birô está lhe oferecendo proteção de novo. E até que Ernest Free seja recapturado e tenhamos certeza de que você não corre mais perigo, devo insistir.

Canfield cruzou os braços.

— Nesse caso, temos um problema, porque estamos nos Estados Unidos da América, e uma pessoa tem o direito de decidir quem entra ou não em sua propriedade. Assim, estou lhe pedindo que se retire de minha propriedade agora.

Strait se aproximou do patrão. Web percebeu que alguns dos outros homem também se adiantavam. Também notou que Romano estendeu a mão para a pistola.

Um homem enorme cometeu o tremendo erro de pôr a mão no ombro de Romano. No instante seguinte estava estendido no chão, de barriga para baixo, com o joelho de Romano comprimido contra a base de sua coluna. Romano tinha uma .45 encostada no ouvido do homem, enquanto outra .45, tirada do coldre que usava nas costas, na altura da cintura, apontava para os demais homens de Canfield.

— Algum dos caubóis quer continuar na brincadeira?

Web se adiantou no mesmo instante, antes que Romano matasse todos os homens.

— Matei dois dos Frees, Billy, e teria liquidado Ernest também se tivesse a chance. Mas o filho-da-puta teve sorte e só levou um tiro no ombro. Saí de lá sem um lado do rosto e depois de perder metade do meu sangue. Acredito sinceramente que todos queremos a mesma coisa aqui, apenas divergimos nos meios de alcançar o objetivo. E se Romano e eu viéssemos ficar com você no haras? Sem terno, apenas de jeans e botas. Até ajudaremos no trabalho. Em troca, porém, você terá de cooperar conosco. Escutará quando dissermos que pode haver um problema e vai se abaixar quando mandarmos. Ao que tudo indica, os Frees já liquidaram várias pessoas e fizeram isso de maneiras muito engenhosas. Tenho certeza de que seus homens são realmente bons no que fazem, mas isso pode não ser suficiente se os caras estiverem mesmo a fim de acabar com você. Já percebi que você é o tipo de cara que não gosta que os outros lhe digam o que fazer. Mas também não acredito que queira proporcionar aos Frees a satisfação de matá-lo. Você e sua esposa já passaram pelo inferno com o menino. Não creio que você queira que ela lamente tudo de novo.

Canfield fitou Web em silêncio por um longo momento. E durante esse

tempo Web não teve certeza se o homem ia agredi-lo ou talvez ordenar que seus homens abrissem fogo. Finalmente, Canfield baixou os olhos e chutou a terra.

— Vamos voltar para a casa e conversar a respeito.

Ele gesticulou para que Strait e os outros retomassem o trabalho. Romano ajudou o homem que derrubara a se levantar, e até tirou a poeira de suas roupas.

— Não foi nada pessoal, cara. Eu faria isso com qualquer um que me tocasse. Entendeu o recado?

O homem pegou o chapéu e afastou-se apressado. Pela expressão de medo em seus olhos, Web teve certeza de que ele nunca mais "tocaria" em Romano.

Canfield e os agentes entraram no Rover. Ao partirem, Canfield olhou para Web.

— Não vou contestar o que você disse, porque faz muito sentido. Mas também não me sinto ansioso em recordar essa parte da minha vida. E estou odiando os filhos-da-puta que tentam me arrastar de volta para essa merda.

— Posso compreender, mas...

Web foi interrompido pelo som de um celular. Verificou o seu, mas estava mudo. Bates e Romano fizeram a mesma coisa. Canfield tirou um telefone de um nicho no painel do Rover e examinou-o. Não estava tocando. Ele olhou para o chão do veículo, estendeu a mão e pegou o telefone caído ali.

— Alguém deve ter deixado seu celular aqui. Não é de Gwen, e não posso imaginar quem mais entrou no Rover. Deve ser alguém querendo me vender alguma coisa.

Ele já ia apertar o botão de falar quando Web arrancou o aparelho de sua mão, baixou a janela do seu lado e jogou o telefone longe. Canfield o fitou, aturdido.

— O que você pensa que está fazendo?

Eles observaram o celular voar pelo ar e cair no meio de um campo de terra vazio. Nada aconteceu. Canfield parou o Rover.

— Saia agora e pegue a droga daquele celular...

A explosão foi bastante forte para balançar o Rover e enviar uma coluna de chamas e fumaça preta por trinta metros de altura.

Todos os homens ficaram olhando fixamente para o espetáculo por vários segundos, até que Canfield, abalado, olhou para Web e murmurou:

— Quando vocês querem começar?

29

WEB PEGOU A RUA EM QUE FICAVA A CASA DE SUA MÃE.

Ainda não sabia o que fazer com a propriedade. Para vendê-la, teria de arrumá-la primeiro. Seria obrigado a fazer isso pessoalmente, pois sua conta bancária não permitia a contratação de profissionais. Entretanto, não tinha a menor vontade de apertar um parafuso ou trocar uma única telha na casa.

Web fora até ali porque lhe ocorrera que precisaria de roupas se fosse passar algum tempo no haras. Não queria voltar agora para sua própria casa. Era bem provável que os repórteres ainda a vigiassem. Mas também tinha algumas roupas na casa da mãe. Além disso, queria levar de volta para o sótão a caixa que continha grande parte da vida de Harry Sullivan. Como estaria agora em constante movimento, Web não queria correr o risco de perdê-la. Não sabia o que fazer em relação ao pai. Deveria ligar para a prisão? Seria o lugar apropriado para retomar o contato com o pai? Mas tudo indicava que Harry Sullivan, por sua idade, morreria na prisão. Aquela podia ser a única chance de Web. Era curioso como o fato de quase ser explodido em pedacinhos por uma bomba num celular fazia com que uma pessoa reordenasse suas prioridades.

As reflexões sobre o pai cessaram quando seu telefone tocou. Era Claire. Parecia nervosa, mas também determinada.

— Tenho pensado muito a respeito de nossas sessões, Web. Acho que precisamos mudar um pouco a tática. Estou curiosa em relação a algumas coisas e acho que podem ser mais bem tratadas de maneira diferente.

— Isso é vago demais, Claire. A que exatamente está se referindo?

— Pelas nossas conversas até agora, Web, parece-me que muitos dos seus problemas derivam do relacionamento que tinha com sua mãe e seu padrasto. Em nossa última sessão, disse que foi criado na casa de sua mãe e que a herdou recentemente.

— E daí?

— E também comentou que jamais cogitaria morar ali. E que seu padrasto morreu na casa.

— Mais uma vez, e daí?

— Creio que pode haver mais alguma coisa aí. Lembra que eu disse que fico atenta às dicas dos meus pacientes? Pois creio que estou recebendo uma grande dica de você nesse ponto.

— O que uma casa velha tem a ver com meus problemas?

— Não é a casa, Web, mas o que pode ter acontecido na casa.

Ele insistiu: — E o que pode ter acontecido na casa que tenha qualquer coisa a ver comigo, além do fato de meu padrasto ter morrido ali?

— Só você pode saber.

— Estou lhe dizendo tudo o que sei. E não imagino como ficar paralisado na viela pode ter alguma relação com a casa em que fui criado. Já passou muito tempo.

— Ficaria espantado, Web, se soubesse por quanto tempo a mente é capaz de manter alguma coisa em segredo, até que um dia explode. Seu encontro com o menino na viela pode ter desencadeado alguma coisa do passado.

— Estou lhe dizendo que não sei o que é.

— Se estou certa, Web, você sabe, mas seu subconsciente não quer admitir.

Ele revirou os olhos.

— Que tipo de psicobaboseira é isso?

Em resposta, Claire declarou: — Web, eu gostaria de hipnotizá-lo.

Ele fitou aturdido.

— Não.

— Pode nos ajudar a chegar a algum lugar.

— Como me fazer latir como um cachorro, enquanto estou inconsciente, pode ajudar?

— O estado hipnótico é uma forma de percepção aumentada, Web. Estará consciente de tudo ao seu redor. Teria o controle absoluto. Não posso obrigá-lo a fazer qualquer coisa que não queira.

— Não vai ajudar.

— Você não pode saber disso. E talvez permita que trate de alguns problemas que o deixam inibido em circunstâncias normais.

— Há algumas coisas na minha cabeça que talvez eu não queira descobrir.

— Nunca vai saber, Web, até tentar. Por favor, pense a respeito. Por favor.

— Tenho certeza de que você tem muitas pessoas piradas para ajudar, Claire. Por que não pensa nelas durante algum tempo?

Web desligou. Parou o carro no caminho no lado do terreno, entrou na casa e pôs algumas roupas numa mochila. Hesitou na base da escada para o

sótão com a caixa de Harry Sullivan debaixo do braço. Não devia ser tão difícil assim, disse a si mesmo. Um sótão era um sótão. Embora dissesse o contrário a Claire, havia alguma coisa naquela casa que o deixava confuso, no fundo de sua alma. Mesmo assim, estendeu a mão para a corda e baixou a escada.

No sótão, ele largou a caixa e levantou a mão para acender a luz. Mas retirou-a de repente. Olhou para os vários cantos, à procura de ameaças, uma providência que era agora mais instinto do que hábito. Correu os olhos pelo chão de madeira compensada, observou todos os contornos escuros que contavam a história desolada de sua família, sob a forma de prateleiras com roupas, pilhas de livros, montes de refugos, deixados ali para se deteriorarem. O que restava do tapete grená, perto da escada, atraiu sua atenção. Os pedaços estavam enrolados e presos com fita adesiva. Web pegou um. Era pesado e muito duro, rígido do frio e da idade. Os outros pedaços espalhavam-se pelo chão. Web não pôde deixar de se perguntar por que a mãe os guardara.

Mais para o lado, havia antes uma enorme pilha de roupas. Agora, o espaço estava vazio. Web às vezes subia até ali, fechava a porta do sótão e se escondia por baixo das roupas, durante os acessos de fúria do padrasto. Além disso, o padrasto também escondia ali sua reserva de drogas e bebidas especiais, porque receava que a esposa encontrasse tudo. Subia cambaleando para o sótão de madrugada, já chumbado, e procurava meios de causar danos adicionais à própria mente. Era o início dos anos 70, o país ainda saía abalado da Guerra do Vietnã. Pessoas como o padrasto, que nunca haviam pegado em armas pelo país, ou por qualquer outra causa, aproveitavam a angústia geral e a indiferença da época como uma desculpa para levar uma vida de embriaguez permanente. Parte do assoalho do sótão era também parte do teto do quarto de Web. Quando era jovem, já deitado na cama, Web podia ouvir os passos do padrasto por cima, procurando as substâncias que alteravam seu humor. Tinha pavor de que Stockton pudesse cair através do teto, em cima dele, e lhe dar a maior surra. Uma cobra em sua cama; mate-a ou morra. Quando era pequeno e Stockton o surrava, Web queria procurar a mãe, só que ela não estava ali para confortá-lo na maioria das vezes. Saía com frequência para longos passeios pela noite afora. Voltava para casa de manhã, horas depois de Web já ter se vestido, comido e saído apressado para a escola, a fim de não confrontar o velho no outro lado da mesa da cozinha. O rangido de passos ainda o perturbava até hoje.

Ele fechou os olhos e aspirou o ar frio. Em sua mente, a velha e desaparecida pilha de roupas elevou-se pelo ar. E depois, à deixa certa, surgiu um clarão vermelho, os sons o envolveram.

Web abriu os olhos, desceu correndo a escada e fechou a porta do sótão. Já tivera aquela visão mil vezes e nunca fora capaz de entendê-la. Chegara ao ponto em que não queria decifrá-la. Mas, no momento, por alguma razão, sentiu que se encontrava mais próximo do verdadeiro significado do que em qualquer outra ocasião anterior.

Sentou-se no Mercury, pegou o celular e o papel que Big F lhe entregara na noite anterior. Olhou para o relógio. Era a hora em que estava indicado no papel que deveria ligar. Ele teclou os números. A ligação foi atendida no mesmo instante. Ele recebeu uma série de instruções, e depois a ligação foi cortada. Pelo menos eles eram eficientes. Bom, teria uma noite movimentada.

Enquanto partia, ele parafraseou as palavras imortais do COT: — Web London para o resto da raça humana: ninguém tem o controle.

30

WEB FOI ATÉ A CASA DE ROMANO PARA PEGÁ-LO. ANGIE estava parada na porta quando Romano saiu e não parecia muito satisfeita. Pelo menos foi o que Web pôde deduzir ao acenar para ela e receber como resposta o dedo do meio levantado. Romano guardou na mala do carro dois rifles de tocaia, uma MP-5, um conjunto de Kevlar e quatro pistolas semiautomáticas, além de munição para todas as armas.

— Não estamos indo atrás de Saddam, Paulie.

— Você faz da sua maneira e eu ao meu modo. O cara que matou Chris Miller ainda está à solta, e se ele pode acertá-lo de mil metros de distância, quero ter condições de atirar também no filho-da-puta. Capeesh? — Ele se virou e acenou para Angie. — Adeus, meu amor.

Angie também lhe mostrou o dedo do meio, antes de bater a porta.

— Presumo que ela esteja aborrecida — murmurou Web.

— Íamos visitar a mãe dela na terra do Bavou. Em Slidell, Louisiana, para ser mais exato.

— Lamento muito, Paulie.

Romano sorriu, antes de puxar o boné dos Yankees por cima dos olhos e recostar-se no banco.

— Pois eu não lamento.

Seguiram para East Winds, onde foram recebidos no portão por dois agentes do FBI. Mostraram a identificação e tiveram licença para entrar. A presença do FBI alcançara sua glória máxima, depois da tentativa de assassinar Billy Canfield através da explosão do celular. Um furgão do esquadrão de bombas passou por eles, sem dúvida com todos os fragmentos que haviam conseguido recolher dos detritos. Web tinha certeza de que os agentes haviam entrevistado todas as pessoas no haras que pudessem ter alguma relação com o telefone, por mais remota que fosse. Também tinha certeza de que Billy Canfield não estava nem um pouco satisfeito com toda aquela atividade. Mas pelo menos ele conseguira salvar a vida do homem. O que lhes garantira o acesso ao haras.

Acabara de concluir esse pensamento quando um cavalo com uma pessoa montada surgiu em seu campo de visão. Era um enorme e lustroso puro-sangue inglês, uma mistura perfeita de músculos, tendões e ossos, tudo se movendo numa sincronia delicada, que fazia com que parecesse mais

uma máquina do que um animal. Web já montara algumas vezes, mas nunca realmente pegara o jeito. Tinha de admitir, no entanto, que a cena merecia ser contemplada com prazer. Era uma mulher vestindo um culote marrom, usando botas pretas lustrosas e blusa de algodão azul-clara. Tinha as mãos enluvadas. O capacete de montaria preto não cobria por completo os cabelos louros. Ele baixou a janela quando a mulher levou o cavalo até o carro.

— Sou Gwen Canfield. Você deve ser Web.

— Isso mesmo. Este é Paul Romano. Seu marido falou sobre o que combinamos?

— Falou. E me pediu para mostrar onde vocês ficarão.

Gwen tirou o capacete. Empurrou para trás os cabelos, que caíram sobre os ombros. Web olhou para o cavalo.

— Ela é linda.

— É macho.

— Desculpe. Não verifiquei o equipamento. Não queria embaraçar ninguém.

Ela afagou o pescoço do cavalo.

— Não vai se importar, não é mesmo, Baron? Está seguro de sua masculinidade, não é?

— Todos nós deveríamos ter a mesma sorte.

Gwen se inclinou um pouco para trás na pequena sela, ao estilo inglês, uma das mãos segurando as rédeas com firmeza. Olhou ao redor.

— Billy me contou o que aconteceu no Rover. Quero lhe agradecer pelo que fez. Billy provavelmente esqueceu de fazê-lo.

— Apenas fiz meu trabalho.

Web nunca vira Gwen pessoalmente, mas outros membros da ERR que compareceram ao julgamento em Richmond haviam-na descrito como sensível e emocional. Aquela mulher ali mostrava — se muito calma, quase desligada; apesar das palavras de agradecimento, o tom era contido. Talvez ela tivesse se acostumado a todas as emoções que experimentara naquela ocasião.

Web vira as imagens que a mídia mostrara de Gwen Canfield no julgamento. Ao contrário do marido, Gwen envelhecera bem. Web calculou que ela devia ter entre 35 e quarenta anos. Os cabelos louros ainda eram compridos. O corpo era de uma mulher dez anos mais moça, com curvas onde os homens gostavam de apreciar, seios que nunca deixariam de atrair

olhares. As feições eram adoráveis, com malares altos e lábios cheios. Se fosse uma atriz, a câmera teria se apaixonado por ela. Também era alta, com um porte empertigado. A postura de uma amazona, presumiu Web.

— Vamos para a casa das carruagens. Fica para este lado.

Gwen virou Baron para outra direção. Bateu nos flancos do cavalo com as botas, e soltou um grito alto. Para Web foi indecifrável, mas na linguagem dos cavalos devia significar galope o mais depressa possível, pois foi exatamente isso que Baron fez. Cavalo e amazona voaram pela estrada. Em determinado momento, Gwen inclinou-se para a frente, fundindo-se com o animal, enquanto Baron saltava, passando por cima da barreira inclinada de um metro, uma interrupção na cerca para permitir a passagem do cavalo e de quem o montava. Ele caiu num dos padoques e continuou a galopar, sem perder o ritmo. Web buzinou em aplauso e Gwen acenou em resposta, sem olhar para trás.

A casa das carruagens era a construção com as janelas italianas clássicas e o cata-vento com a pátina do tempo que Web vira antes. Gwen desmontou e prendeu Baron num poste. Quando foram tirar as coisas do carro, Web fez um sinal para Romano, avisando-o para não descarregar as armas na frente da mulher.

Ele estudou a localização da casa das carruagens em relação à casa principal. Mal dava para vê-la, através do caminho longo e arborizado. Ele se virou para Gwen.

— Não quero ser mal-agradecido, mas não poderíamos ficar na casa principal? Se alguma coisa acontecer ali, poderíamos levar tempo demais para alcançá-los.

— Billy disse que trouxesse vocês para a casa das carruagens. Se não concorda, vai ter de conversar com ele.

Pois é o que farei, pensou Web. Para Gwen, ele disse: — Lamento por tudo o que está acontecendo, Sra. Canfield. Não deveria ter de passar por isso de novo.

— Nunca mais presumo que o mundo é justo. — Ela o fitou atentamente. — Desculpe. Billy disse que já o conhecemos, mas não consigo me lembrar de onde.

— Eu integrava a Equipe de Resgate de Reféns que esteve na escola naquele dia.

Gwen o fitou por mais um momento.

— Entendo. E agora ele está à solta de novo... o homem que matou

Billy.

— Infelizmente. Mas esperamos que não seja por muito tempo.

— Ele deveria ter sido condenado à morte.

— Não vou questionar esse ponto, Sra. Canfield.

— Pode me chamar de Gwen. Não somos muito formais por aqui.

— Está certo, Gwen. E pode nos chamar de Web e Paulie. Estamos aqui para garantir que você e seu marido permaneçam sãos e salvos.

Ela o fitou nos olhos.

— Há anos não me sinto segura, Web. E não creio que as coisas possam mudar agora.

Ela os levou para dentro do prédio. O andar térreo era ocupado por carros antigos restaurados. Web olhou para Romano, que era fascinado por carros antigos, e pensou que seu parceiro ia sofrer um infarto. Gwen explicou: — Billy os coleciona. Acho que é o seu pequeno museu particular de carros.

— Puxa, mas este é um Stutz Bearcat, com volante no lado direito! — exclamou Romano.

Ele circulou entre os carros atordoado, como um menino da Galeria da Fama do Beisebol.

— Este é um Lincoln LeBaron 1939. Somente nove foram fabricados. Oh, meu Deus!

Ele correu para o canto da sala. Parou ali.

— Web, este é um Duesenberg SSJ Speedster 1936. — Romano olhou para Gwen. — Estou enganado ou apenas dois desses carros foram fabricados, um para Clark Gable e o outro para Gary Cooper? Por favor, diga que não estou enganado.

Gwen balançou a cabeça.

— Você conhece mesmo carros. Esse é o de Cooper.

Romano olhou para Web como se fosse desmaiar.

— É maravilhoso... — Ele se virou para a mulher. — Quero que saiba, Gwen, que me sinto honrado por estar sob o mesmo teto que essas máquinas lendárias.

Web teve vontade de vomitar. Gwen olhou para Web e balançou a cabeça, um pequeno sorriso contraindo os cantos dos lábios.

— Os homens e seus brinquedos. Também tem seus brinquedos, Web?

— Não. E também não tinha brinquedos quando era garoto.

Ela o fitou com evidente curiosidade.

— Há dois quartos lá em cima, cada com um com seu banheiro, além de uma sala e uma cozinha toda equipada. Aqui era o lugar em que se guardavam as carruagens nos tempos coloniais. É uma propriedade histórica. Na década de 1940, o proprietário instalou aqui um posto de bombeiros. Billy a reformou para aposentos de hóspedes quando comprou o haras, embora tenha vinte quartos na casa principal. Sempre achei que uma casa de hóspedes era supérflua.

— Vinte quartos! — exclamou Romano.

— É mesmo um exagero — concordou Gwen. — Fui criada numa fazenda nos arredores de Louisville. Tínhamos dois quartos para sete pessoas.

— Billy também não nasceu rico, pelo que me lembro — comentou Web.

— O transporte rodoviário não é um negócio fácil, mas ele conseguiu ter sucesso.

— Queixou-se de que o haras suga todo o seu dinheiro — disse Romano. — Mas estes carros não são baratos.

Gwen sorriu pela primeira vez. Web sentiu que também sorria para ela.

— Vai descobrir logo que Billy Canfield gosta de se queixar. De tudo. Mas especialmente de dinheiro. Tenho certeza de que ele disse que aplicou até o último centavo aqui. E foi verdade. Mas o que ele provavelmente não contou foi que o primeiro potro que vendemos ganhou o Derby de Kentucky e foi o terceiro no Preakness.

— Qual era o nome do cavalo?

— King David — informou Gwen. — Não tivemos participação nos prêmios, é claro, mas o haras tornou-se conhecido, e ainda temos a égua que pariu King. O garanhão não era grande coisa, o que significa que a linhagem da égua recebeu a maior parte do crédito pelas proezas do King.

— Parece certo, considerando que é a fêmea que faz quase todo o trabalho — disse Web.

Gwen lhe lançou outro olhar demorado.

— Gosto de sua maneira de pensar. Com King a nosso crédito, todo mundo neste país que conhece turfe tomou conhecimento de East Winds. Nossos potros passaram a alcançar bons preços. Agora, temos alguns vencedores de corridas saídos daqui. Nossos preços de cobertura são ótimos. Além de tudo isso, tivemos dois anos de bons animais. Não entendam errado. É mesmo muito caro manter um haras. Por mais que Billy

se queixe, no entanto, acho que estamos indo muito bem.

— É bom saber disso — comentou Web. — Vieram para cá logo depois do julgamento, não é?

Gwen disse bruscamente: — Se precisar de alguma coisa, podem ligar para a casa e providenciaremos. O número está na parede, ao lado do telefone, lá em cima.

Ela se retirou antes mesmo que os dois pudessem agradecer. Eles subiram e olharam ao redor. Os móveis eram todos antigos, e os acessórios, refinados e elegantes. Web teve certeza de que o toque de Gwen Canfield prevalecera ali. Billy Canfield não parecia ser do tipo que se interessava por decoração de interiores.

— É um lugar sensacional — murmurou Romano.

— Mas muito longe das pessoas que deveríamos proteger, o que não me agrada nem um pouco.

— Ligue para Bates e peça que ele fale com Canfield. Assim os dois poderão gritar um com o outro. Somos apenas soldados e fazemos o que nos mandam.

— O que achou de Gwen Canfield?

— É simpática. E muito bonita. Uma dama. Canfield é um cara de sorte.

— Não fique com ideias, Paulie.

— Como se Angie fosse me deixar viver para me divertir.

— Guarde suas coisas e vamos fazer uma ronda. Quero manter contato com Canfield. Se vamos protegê-los, precisamos pelo menos estar perto do cara. E provavelmente teremos de nos revezar, Paulie. Por isso, vamos alternar o sono.

— Como nos velhos tempos de atiradores de tocaia.

— Isso mesmo, como nos velhos tempos. O problema é que você ronca como um trem de carga.

— Não ronco mais. Angie deu um jeito.

— Como foi que ela conseguiu?

— Não quero entrar em detalhes, Web.

Os dois saíram e logo esbarraram com Percy Bates.

— Alguma sorte com a bomba? — perguntou Web.

— Era um artefato bastante sofisticado, pelo que os técnicos me disseram. Estamos falando com todos que podem saber de alguma coisa. Até agora, porém, nada descobrimos. Mas o telefone não foi parar no Rover por si mesmo.

— Portanto, talvez tenha sido um trabalho interno. Talvez um membro da Sociedade Livre empregado no haras?

Bates balançou a cabeça. Parecia bastante preocupado.

— Eles recrutam pessoas em áreas como esta. Brancos da zona rural que gostam de armas e da terra, que valorizam os costumes antigos, mas estão ressentidos porque o mundo muda muito depressa e eles não estão mais no controle.

— Alguma coisa está acontecendo com os Frees no sul da Virgínia?

— Temos gente vigiando-os, mas não houve nada até agora. É bem possível que eles estejam se mantendo discretos depois de tanta atividade. Seria a melhor coisa para fazer. E eles não são estúpidos. Não podem deixar de saber que desconfiamos e os vigiamos. Tudo de que precisamos neste momento é de uma prova qualquer da ligação para podermos agir.

— Onde está Canfield? Gosto de saber onde se encontra o homem que devo proteger.

— Gwen também tem de ser protegida — declarou Bates. — Ela também recebeu ameaças de morte.

Web pensou a respeito por um momento.

— Paulie e eu podemos nos dividir, mas preferia ter mais homens nesta missão. Parece que East Winds é uma propriedade muito grande.

— Dois mil acres e 68 prédios, para ser exato. Conversei com Canfield a respeito. Ele disse que se eu quisesse trazer mais homens para cá ia protestar no tribunal e só tornaria a me ver no inferno. Acredito nele Tudo vai depender de vocês. Mas não estaremos muito longe.

— Estou contando com isso, Perce.

— Mais uma coisa, Web...

— O que é?

— Obrigado por salvar minha vida.

Eles encontraram Billy Canfield no centro equestre, examinando a perna dianteira de um garanhão, enquanto Nemo Strait e dois jovens em trajes de montaria observavam. Canfield disse para um dos homens: — É melhor chamar o veterinário. Pode ser apenas uma distensão, mas não podemos afastar a possibilidade de uma fratura. Torço para que não seja.

Enquanto o homem se afastava, Canfield gritou-lhe: — E avise ao ferrador que mudarei de profissional se ele não arrumar calçados melhores. Temos animais com cascos macios demais para as ferraduras de grudar.

— Sim, senhor.

Canfield afagou o flanco do cavalo, limpou as mãos e foi falar com os homens da ERR.

— Ferrador? — perguntou Romano.

— O ferreiro. Antigamente, cada haras tinha um ferrador em tempo integral. Agora, eles aparecem uma vez por semana, em seu caminhão, com forja, bigorna e martelo. As ferraduras são pré-moldadas. Cobram caro, mas quem quer fazer esse tipo de trabalho? É difícil e perigoso, com esses cavalos malucos tentando arrancar seu cérebro a coices.

— O que são as ferraduras de grudar que você mencionou? — indagou Web.

Foi Strait quem respondeu: — Às vezes as paredes do casco de um cavalo são finas demais para os cravos e podem quebrar. O problema é maior com os cavalos importados da Europa. Por causa do clima e das diferenças no solo, os cascos são muito frágeis. Uma ferradura macia não exige cravos. É como uma pequena bolsa cobrindo os cascos. Dura dois meses, se é feito da maneira certa. E as ferraduras são grudadas, sem cravos.

— Parece que há muito o que aprender neste ramo.

— Sempre aprendi depressa. — Billy lançou um olhar para Strait, depois tornou a fitar Bates. — Precisam falar com meus homens? Tenho um haras para administrar.

— Sairemos daqui em breve.

Canfield olhou para Web, depois apontou para Bates.

— Ele me falou sobre as mortes e todo o resto. Mas mesmo assim sua reação foi muito rápida.

— Também aprendo depressa — disse Web.

Canfield o estudou, curioso.

— E qual é a próxima coisa que você pretende aprender?

— East Winds. Eu gostaria de conhecer cada palmo da propriedade.

— Pedirei a Gwen para lhe mostrar tudo. Tenho outras coisas que exigem minha atenção.

Web olhou para Romano.

— Paulie ficará com você.

Canfield deu a impressão de que entraria em erupção, mas depois se controlou.

— Está certo. — Ele olhou para Romano. — Paul, como você é em cima de um cavalo?

Romano teve um sobressalto. Piscou, olhou para Web e depois para Canfield.

— Nunca montei em nenhum.

Canfield passou o braço pelos ombros do homem da ERR e sorriu.

— Nesse caso, espero que aprenda tão depressa quanto seu parceiro.

31

GWEN ESTAVA NO CENTRO EQUESTRE COM BARON QUANDO o marido lhe pediu para mostrar a propriedade a Web. A mulher levou Web para as baias.

— A melhor maneira de conhecer o haras é a cavalo. Você monta?

— Um pouco. Mas é claro que não tenho a sua classe.

— Nesse caso, acho que tenho o cavalo certo para você.

Boo, explicou Gwen, era um Trakehner, uma raça alemã, cavalo impetuoso, criado para a guerra, um meio-termo entre o arisco e fogoso cavalo árabe e o manso e trabalhador cavalo de tiro. Boo pesava mais de setecentos quilos, tinha mais de 1,80m de altura e olhou para Web como se quisesse arrancar sua cabeça com uma mordida, quando pararam ao lado do animal, na baia.

— Boo foi um grande cavalo de adestramento, mas agora está aposentado e não gosta muito de movimento. Engordou e está feliz. Nós o chamamos de "velho ranzinza" porque é assim que ele se comporta. Mas no fundo é muito meigo, além de flexível. Você pode montá-lo com sela inglesa ou ao estilo do Oeste, como preferir.

— Tenho certeza de que será fácil.

Web ficou olhando para o animal; Boo não parecia nem um pouco feliz por Web estar em seu espaço pessoal.

Gwen ajustou o xairel no dorso do cavalo e depois pediu a Web para ajudá-la a ajeitar a pesada sela ao estilo do Oeste.

— Observe agora enquanto eu prendo a cilha. Ele vai prender a respiração e estufar a barriga.

Web observou, fascinado, quando o cavalo fez exatamente isso.

— Quando você pensa que está apertado, ele solta o ar e a cilha afrouxa. No momento em que você tenta montar, a sela escorrega da cernelha. O cavalo dá uma boa risada, e o cavaleiro acaba com alguns machucados.

— É bom saber que os animais estúpidos são espertos — comentou Web.

Gwen mostrou como pôr o cabresto, enfiar o freio e passar as rédeas sobre a cabeça de Boo. Depois que tudo estava pronto, saíram com o cavalo até um bloco de montaria de pedra.

Web ajustou os protetores que Gwen lhe dera para evitar que a sela

roçasse em suas pernas. Subiu no bloco e montou enquanto Boo se mantinha quieto, paciente.

— O que você acha? — perguntou Gwen.

— A distância para o chão é enorme.

Ela notou a pistola no coldre.

— Tem de levar a arma?

— Tenho.

Eles foram para o piquete, e Gwen levou cavalo e cavaleiro por uma volta ao redor. Mostrou a Web como puxar o pescoço do cavalo para fazê-lo parar, como virar para um lado e outro, como recuar, como usar sons e a pressão das pernas para fazer o cavalo partir e parar.

— Boo conhece todo o haras, Web. Por isso, se você deixar, ele irá para onde deve ir. Sem a menor dificuldade.

Um cavalariço trouxera Baron selado, enquanto trabalhavam com Boo. Gwen montou.

— Boo é o patriarca daqui e nunca antes andou junto com Baron. Por isso Boo pode tentar demonstrar sua ascendência sobre Baron, para mostrar quem é que manda.

— Mais ou menos como os homens com excesso de testosterona — sugeriu Web.

Gwen o fitou de uma maneira estranha.

— Boo é capão. Web.

Ele assumiu uma expressão vazia, sem entender. Gwen acrescentou: — Se fosse homem, nós o chamaríamos de eunuco.

— Pobre Boo.

Os dois cavalos pareceram estabelecer uma trégua relutante. Web observou Gwen tirar um walkie-talkie Motorola do bolso traseiro da calça e ligá-lo.

— Para qualquer emergência — explicou ela.

— É sempre previdente manter a comunicação em aberto — comentou Web.

— Também trouxe meu celular.

— Depois do que aconteceu com Billy, não tenho certeza se algum dia serei capaz de usar de novo um celular.

Web olhou para seu celular e começou a ter algumas dúvidas.

Partiram pela trilha, acompanhados por uma golden retriever chamada Opie, e por outro cachorro, pequeno mas forte, que Gwen chamou de Tuff.

— Strait também tem um cachorro aqui — disse ela. — Chama-o de Old Cuss, a Velha Droga, o que é uma descrição apropriada, porque causa muitos problemas.

O céu estava claro. Enquanto subiam e desciam pelas pequenas elevações da propriedade, Web teve a impressão de que podia ver quase até Charlottesville. Boo se contentava em seguir Baron, mantendo uma passada tranquila, que não exigia muito de Web.

Gwen parou Baron. Web parou Boo ao seu lado.

— Como eu disse, East Winds é uma propriedade muito antiga. O rei da Inglaterra deu a Lorde Culpeper uma concessão de terra que abrangia milhões de acres, no século XVII. Um descendente de Lorde Culpeper deu mil acres dessa concessão à sua filha mais velha, quando ela casou com um homem chamado Adam Rolfe. A parte central da casa foi iniciada em 1765 e concluída em 1781 por Rolfe, que era um competente construtor, além de mercador. Reparou na fachada da casa principal?

Web acenou com a cabeça em confirmação, e Gwen acrescentou: — Foi construída ao estilo georgiano. E as cornijas de madeira, em particular os dentilhões, estão entre as melhores que já vi.

— Eu já imaginava que era georgiana.

Web estava mentindo. Não seria capaz de reconhecer um estilo georgiano mesmo que saltasse à sua frente e o mordesse com os dentilhões.

— A propriedade permaneceu na família Rolfe até o início do século XX. Durante esse período, foi uma plantação em plena atividade. Plantaram-se aqui tabaco, soja, cânhamo e mais algumas coisas.

— E imagino que tinha escravos para trabalhar — comentou Web. — Pelo menos até a Guerra Civil.

— Na verdade, não tinha. A propriedade era bastante próxima de Washington para que seus proprietários fossem simpatizantes nortistas. East Winds até foi parte da Ferrovia Subterrânea, o caminho pelo qual os escravos fugiam para a liberdade no Norte.

Gwen fez uma pausa, antes de continuar: — A família vendeu a propriedade em 1910. Passou por várias mãos, até que Walter Sennick a comprou, no final da Segunda Guerra Mundial. Ele era um inventor e ganhou uma fortuna vendendo suas ideias para os fabricantes de automóveis. Transformou East Winds numa cidade autossustentável. No auge, tinha mais de trezentos empregados trabalhando e vivendo aqui. Tinha também um armazém, posto telefônico, quartel de bombeiros, essas

coisas — Nada como nunca ter de deixar o lar.

Durante todo o tempo em que Gwen falava, Web estudava o terreno ao redor, avaliando de onde possíveis ataques poderiam ser desfechados e quais poderiam ser as melhores defesas. Mas se já houvesse um traidor dentro da propriedade, esse tipo de estratégia poderia ser inútil. Um cavalo de Troia continuava a funcionar tão bem agora quanto há milhares de anos.

— Agora, temos 68 prédios no total, com 43 quilômetros de cercas de madeira — continuou Gwen. — Dezenove padoques. Quinze empregados em tempo integral. E ainda plantamos aqui... o milho é a principal cultura... embora a criação de cavalos seja o interesse principal. No próximo ano, deverão nascer 22 animais. E temos agora um excelente conjunto de animais de um ano para vender muito em breve. É emocionante.

Continuaram a percorrer a propriedade. Logo alcançaram um riacho de margens altas. Gwen instruiu Web a deixar que o cavalo escolhesse o caminho ao passarem pelo terreno lamacento. Ensinou-o a se inclinar para trás, de tal maneira que sua cabeça quase encostava na garupa, quando o cavalo descia pela encosta. Depois, ao subirem no outro lado, disse a Web que deveria se inclinar para a frente, ao longo do pescoço do animal, segurando em sua crina. Web efetuou a travessia sem qualquer dificuldade, recebendo elogios de Gwen.

Passaram por um antigo prédio de madeira e pedra. Gwen informou que fora um hospital na época da Guerra Civil e que estavam pensando em transformá-lo num museu.

— Recuperamos o prédio, acrescentando um sistema de refrigeração e aquecimento. Tem também um quarto e uma cozinha, para que o curador possa residir ali. As mesas de operações e os instrumentos cirúrgicos da época estão bem preservados.

— Pelo que sei, um soldado na Guerra Civil preferia levar um balaço a fazer uma visita ao hospital.

Passaram por um celeiro de encosta com duzentos anos. Tinha esse nome porque fora construído numa encosta, com dois andares, duas entradas, em níveis separados. Havia também um curral em que cavalo e cavaleiro podiam praticar adestramento. O adestramento, Gwen explicou, consistia em uma série de passos especiais e movimentos de cavalo e cavaleiro, muito parecidos com os da patinação artística de competição. Passaram por uma torre de madeira alta, com uma base de pedra, que Gwen explicou ter sido usada para detectar incêndios no mato, além do uso em

corridas de cavalos, que eram realizadas ali há um século.

Web estudou a torre e a área ao redor. Como um antigo atirador de tocaia, sempre à procura do melhor local, ele concluiu que a torre seria um bom posto de observação. O problema é que não dispunha de pessoal suficiente para aproveitá-la direito.

Passaram por uma casa de madeira de dois andares, que Gwen identificou como a residência do gerente do haras.

— Nemo Strait parece fazer um bom trabalho para vocês.

— Ele é experiente e sabe o que faz. Além disso, trouxe uma equipe selecionada, o que foi uma vantagem adicional.

Web não percebeu muito interesse de Gwen nessas informações. Foram examinar os pontos de entrada e saída nos fundos da propriedade, e Web fez algumas anotações mentais a respeito. Em determinado momento, um veado surgiu do meio das árvores. Opie e Tuff correram atrás. Nenhum dos cavalos reagiu ao clamor, embora Web se mostrasse tão surpreso com o súbito aparecimento do veado à sua frente que quase caiu.

Gwen o levou em seguida a um pequeno vale, à sombra do bosque. Ele podia ouvir o barulho de água correndo nas proximidades. Não estava preparado, quando contornaram uma pequena curva, para deparar com uma construção pequena, aberta, pintada de branco, com um telhado de cedro. Achou que era um coreto, até que viu a cruz por cima, o pequeno altar e o lugar para uma pessoa se ajoelhar na frente do altar com uma imagem de Cristo na cruz.

Ele olhou para Gwen, à espera de uma explicação. Ela contemplou o pequeno templo como se estivesse em transe, antes de se virar para Web.

— Esta é a minha capela. Creio que pode chamar assim. Sou católica. Meu pai era ministro eucarístico, e dois de meus tios são padres. A religião sempre fez parte da minha vida.

— Mandou construir esta capela?

— Por meu filho. Venho aqui e rezo por ele quase todos os dias, com sol ou chuva. Você se importa se eu entrar agora?

— Claro que não.

— É uma pessoa religiosa?

— À minha maneira, acho que sou — respondeu Web, vagamente.

— Eu já fui muito mais do que sou agora, para ser franca. Tentei compreender por que aquilo aconteceu com alguém tão inocente, mas não consegui encontrar uma resposta.

Ela desmontou e entrou na capela. Fez o sinal-da-cruz, tirou o rosário do bolso, ajoelhou-se e começou a rezar. Web observou em silêncio.

Depois de alguns minutos, Gwen levantou-se e saiu. Continuaram a cavalgar até que alcançaram um prédio grande, obviamente abandonado há algum tempo.

— A antiga Casa dos Macacos — informou Gwen. — Sennick mandou construí-la. Tinha chimpanzés, babuínos, até mesmo gorilas. Não sei por quê. Diz a lenda que os animais que fugiram das jaulas eram perseguidos pelo bosque por moradores locais, bêbados de cerveja, armados com espingardas, que não queriam os macacos por perto. Por esse motivo, o bosque é conhecido como selva dos macacos. Fico angustiada só de pensar nos pobres animais sendo fuzilados por idiotas embriagados.

Eles desmontaram e entraram no prédio. Havia enormes buracos no teto, abertos pelo tempo e pelos elementos. As antigas jaulas, enferrujadas e quebradas, ainda se alinhavam ao longo das paredes. Havia algumas valas, presumivelmente para escoar os dejetos dos animais e outras sujeiras. Lixo e antigas máquinas quebradas espalhavam-se pelo chão de concreto, junto com galhos de árvores e folhas em decomposição. Raízes de árvores aderiam às paredes externas. Havia o que parecia ser uma plataforma de carga. Web tentou imaginar por que um inventor de acessórios para carros poderia querer um bando de macacos. Nenhuma de suas teorias era agradável. Web só podia pensar em animais amarrados em camas, com cabos elétricos captando a energia dos raios, enquanto o velho Sennick vestia um traje cirúrgico, pronto para fazer seu trabalho sórdido nos símios apavorados. O lugar transmitia um nítido sentimento de melancolia, de desesperança, de morte até. Web se sentiu contente quando saiu.

Continuaram o passeio. Gwen mostrou todos os prédios e relatou a história de cada um, até que Web começou a ter dificuldade para registrar tudo. Ficou surpreso quando olhou para o relógio e verificou que quase três horas haviam transcorrido.

— É melhor voltarmos agora — disse Gwen. — Para seu primeiro passeio a cavalo, três horas é muita coisa. Você vai se sentir um pouco dolorido.

— Estou bem — respondeu Web. — E gostei muito.

O passeio fora pacífico, tranquilo, relaxante, tudo o que ele não experimentara praticamente por toda a sua vida. Mas quando voltaram ao centro equestre e desmontaram, Web ficou surpreso ao descobrir que as

pernas e as costas estavam tão rígidas que mal conseguia andar ereto. Gwen notou. Deu um sorriso e comentou: — Amanhã terá outra parte do corpo doendo.

Web já esfregava as nádegas.

— Eu sinto o que você quis dizer.

Dois cavalariços vieram pegar os animais. Gwen explicou a Web que eles tirariam os arreios, lavariam e escovariam os cavalos. De modo geral, isso era obrigação da pessoa que montava, informou ela. Ajudava a aumentar o vínculo com o animal.

— Você cuida do cavalo, e o cavalo cuida de você — comentou ela.

— É como ter um parceiro.

— Exatamente como ter um parceiro. — Gwen olhou para o pequeno prédio da administração. — Volto num instante, Web. Quero verificar algumas coisas.

Enquanto ela se afastava, Web começou a tirar os protetores de couro das pernas.

— É a primeira vez que passa mais tempo em cima de um cavalo?

Web levantou os olhos e viu Nemo Strait se aproximando. Dois outros homens, com bonés de beisebol, estavam sentados na cabine de uma picape que tinha enormes fardos de feno na traseira. Observavam Web atentamente.

— Como soube?

Strait se encostou no bloco de pedra de montaria. Olhou na direção pela qual Gwen se afastara.

— Ela é uma boa amazona.

— Eu diria que sim. Mas, também, o que entendo dessas coisas?

— Só que às vezes ela exige dos cavalos mais do que deveria.

Web o fitou nos olhos, curioso.

— Mas ela os ama.

— Pode-se amar uma coisa, mas mesmo assim lhe fazer mal, não é?

Web não previra esse tipo de raciocínio de Strait. Pensava que compreendia o Neandertal, enorme e estúpido, mas de repente descobria que o cara era ponderado, talvez mesmo sensível.

— Presumo que conviva com cavalos há muito tempo.

— Durante toda a vida. As pessoas pensam que podem entendê — los. Não podem. É preciso seguir o instinto e não cometer o erro de pensar que se pode controlá-los. É nesse momento que você se dá mal.

— Parece uma boa teoria também para as pessoas.

Strait quase sorriu, notou Web. Quase. Ele lançou um olhar para a picape, onde seus dois homens continuavam a observá-los.

— Acha realmente que o Sr. Canfield pode estar em perigo?

— Não posso ter cem por cento de certeza, mas prefiro me manter seguro do que me arrepender depois.

— Ele é um velho ranzinza, mas todos nós o respeitamos. Não herdou seu dinheiro, como a maioria das pessoas por aqui. Ganhou com seu suor. E isso é uma coisa que respeito.

— Está certo. Tem alguma ideia de como aquele celular foi parar no Rover?

— Estive pensando no caso. Ninguém guia o Rover, exceto ele e a Sra. Canfield. Temos os nossos próprios veículos.

— Estava destrancado quando entramos. Os veículos são guardados na garagem à noite?

— Eles têm muitos carros e utilitários, e a garagem da casa só tem duas vagas, uma delas ocupada por suprimentos.

— Portanto, qualquer um poderia ter acesso ao Rover, principalmente à noite. Não seria difícil deixar o celular lá dentro sem que ninguém notasse.

Strait coçou a nuca.

— Acho que é isso mesmo. Deve calcular que muitas pessoas por aqui nem se dão o trabalho de trancar as portas de casa.

— Até que o perigo passe, avise a todo mundo para trancar tudo. É preciso compreender que a ameaça pode vir de qualquer lugar, de dentro ou de fora.

Strait ficou calado por um longo momento.

— Essa história da Sociedade Livre de que ouvi falar...

— Conhece alguém que possa ser um membro, ou um antigo membro?

— Não, mas posso perguntar.

— Se perguntar, seja discreto. Não queremos assustar ninguém.

— A gente tem um bom emprego aqui, e não queremos que nada de ruim aconteça com os Canfield.

— Isso é ótimo. Há mais alguma coisa de que eu precise saber?

— Se alguém por aqui está envolvido, o senhor precisa entender que uma propriedade como esta pode ser muito perigosa. Enormes tratores, ferramentas afiadas, bujões de gás, equipamentos de solda, cavalos que podem escoicear alguém até a morte se se baixar a guarda, cobras em

encostas íngremes. Tem muitas maneiras de matar uma pessoa e dar a impressão de que foi um acidente.

— É bom saber disso. Obrigado, Nemo.

No fundo, Web não sabia se aquilo era um conselho ou uma ameaça. Strait cuspiu na terra.

— Se continuar a montar assim, vai virar Roy Rogers num instante.

Gwen voltou para junto de Web e mostrou-lhe o centro equestre. Havia um total de onze prédios.

As baias de reprodução foram a primeira parada. Gwen mostrou a Web que eram equipadas com um circuito fechado de televisão para monitorar as éguas prenhes. O chão era de borracha trançada, com uma cobertura de palha para evitar que a poeira levantasse.

— Temos muitas esperanças para algumas crias que vão nascer no próximo ano. Várias éguas nossas foram emprenhadas no Kentucky por garanhões com uma linhagem extraordinária.

— Quanto custa esse cruzamento?

— Uma cobertura pode alcançar uma cifra de seis dígitos.

— É um sexo muito caro.

— Há muitas condições para o pagamento, é claro. A mais importante é a de que o potro nasça vivo e consiga levantar e mamar. Um potro de um ano, de boa aparência, filho de um cavalo bem-sucedido nas corridas, pode render um bom dinheiro. Mas é um negócio muito difícil. Você tem de pensar em todas as emergências, pois um pequeno contratempo pode arruinar suas chances.

Web refletiu que parecia muito com o trabalho na ERR.

— Pelo que Billy nos descreveu, não parece um negócio para os tímidos e cautelosos.

— Dá um bom dinheiro, Web, mas não é por isso que me dedico. É pela emoção que se sente quando se vê um cavalo que criou, cuidou e treinou disparando pelas pistas, a mais linda e perfeita máquina de correr já criada. E observar esse nobre animal cruzar a linha de chegada em primeiro lugar, sabendo que pelo menos por alguns minutos tudo em sua vida é perfeito. Não há outro sentimento parecido.

Web especulou se cuidar de cavalos substituiria o filho perdido. Se fosse o caso, ele se sentia contente por Gwen Canfield ter encontrado outra coisa na vida com a qual podia se sentir bem.

— Acho que provavelmente você sente a mesma coisa em relação a seu

trabalho, Web.

— Talvez eu me sentisse assim no passado.

— Não somei dois mais dois antes. Não imaginei que você era parte do que aconteceu com aqueles homens em Washington. Sinto muito.

— Obrigado. Foi um fato lamentável.

— Jamais entendi como há homens para fazer esse tipo de trabalho.

— Acho que a maneira mais fácil de explicar, Gwen, é que isso acontece porque há pessoas no mundo que nos obrigam a fazê-lo.

— Pessoas como Ernest Free?

— Pessoas como ele.

Ao final da visita ao centro, Gwen perguntou o que Strait queria.

— Apenas me dar alguns conselhos amigáveis. Por falar nisso, ele veio com o haras ou vocês o contrataram?

— Billy o contratou. Ele e sua equipe tinham boas referências. — Gwen olhou ao redor. — E agora?

— Que tal visitarmos a casa principal? Enquanto seguiam para a mansão num jipe aberto, Web ouviu um barulho por cima. Um pequeno helicóptero aproximava-se, em voo rápido e baixo. Passou direto e desapareceu além das árvores. Web olhou para Gwen.

— O que é isso?

Ela franziu o rosto.

— É da propriedade vizinha, Southern Belle. Além do heliporto, eles também têm uma pista para aviões. Quando o jato passa, os cavalos ficam assustados. Billy já conversou com eles a respeito, mas não adiantou.

— Quem são eles?

— O que eles são é uma pergunta mais apropriada... uma empresa, pelo que sei. Dirigem um haras, mas de maneira muito estranha.

— Como assim?

— Não possuem muitos cavalos, e os homens que trabalham ali dão a impressão de que não conhecem a diferença entre um potro e uma potranca. Mas devem estar fazendo alguma coisa certa. A casa em Southern Belle é ainda maior do que a nossa.

— Imagino que eles têm muitos prédios, como vocês.

— É verdade, embora os nossos já estivessem aqui quando compramos o haras. Mas eles construíram novos prédios, enormes, quase como armazéns, embora eu não possa imaginar o que tenham para guardar ali, em tamanha quantidade. Só vieram para cá há dois anos e meio.

— Quer dizer que vocês já estiveram em Southern Belle?

— Duas vezes. Uma como vizinhos, e eles não estavam. A segunda vez para nos queixarmos dos voos em baixa altitude. Não fomos expulsos de lá, mas a visita foi bastante embaraçosa, até mesmo para Billy... e é ele que costuma deixar as pessoas constrangidas.

Web pensou a respeito, enquanto olhava para a direção em que o helicóptero desaparecera.

Levou algum tempo, mas percorreram toda a mansão de pedra. O andar inferior tinha uma sala de sinuca, uma adega e um vestiário. A piscina tinha dez por vinte metros, toda feita do aço de algum encouraçado desativado da Segunda Guerra Mundial. Havia uma cozinha ali, com um fogão Vulcan, de tampo cromado, datando de 1912. Tinha um elevador de comida funcionando e uma lavanderia. Na sala de caldeira, Web encontrou enormes unidades McLain irradiando um calor de vapor. Havia uma sala que só continha repartições de madeira para guardar lenha. Cada repartição tinha a indicação de um cômodo específico.

O andar da sala de jantar tinha cabeças de veados ingleses nas paredes, com uma galhada usada como lustre. A cozinha era enorme, com ladrilhos de Delft nas paredes e um armário para prataria. Havia três salões de baile, salas diversas, salas de visitas e uma academia de ginástica. Nos andares superiores havia dezessete banheiros, vinte quartos, uma biblioteca que parecia não ter fim e numerosos outros espaços. O lugar era enorme, e Web compreendeu que era incapaz de tornar a mansão totalmente segura. Ao terminarem a visita, Gwen olhou ao redor, com uma expressão ansiosa.

— Passei a amar esta casa. Sei que é grande demais, pomposa em alguns aspectos, mas também curativa. Pode entender?

— Acho que sim. Quantos empregados trabalham na casa?

— Temos três mulheres que vêm limpar e arrumar, cuidar da roupa e do resto que for necessário. Vão embora ao final da tarde, a menos que tenhamos convidados para o jantar. Nesse caso, elas ficam para ajudar. São moradoras locais.

— Quem cozinha?

— Sou eu. É uma coisa que gosto de fazer. Temos também o que costumamos chamar de faz-tudo. Ele parece ter um milhão de anos, mas é porque levou uma vida muito dura. Nemo e seus homens cuidam do resto da propriedade. Os cavalos de corrida precisam ser exercitados todos os dias. Por isso, temos também pessoas para montá-los, três moças e um

homem. Todos residem no centro equestre.

— E há um sistema de segurança. Notei o painel de alarme quando entramos.

— Nunca o usamos.

— Passarão a usar agora.

Gwen não respondeu. Mostrou o último aposento a Web.

O quarto principal era enorme, mas curiosamente pouco mobiliado. Web notou que havia uma cama na antessala.

— Billy às vezes trabalha até tarde e não quer me incomodar quando vai dormir — explicou Gwen. — Ele é sempre atencioso a esse ponto.

A expressão de Gwen, ao dizer isso, fez Web pensar que Billy não era tão atencioso assim. Ela acrescentou: — A maioria das pessoas vê apenas o lado duro de Billy. Acho que houve mais do que umas poucas pessoas que se mostraram céticas sobre o nosso casamento. Creio que metade pensou que casei com Billy por dinheiro, enquanto a outra metade pensou que ele apenas se entusiasmou pela minha juventude. Mas a verdade é que combinamos. Gostamos da companhia um do outro. Mamãe estava nos últimos estágios do câncer no pulmão quando começamos a namorar. Billy a visitou todos os dias durante quatro meses. E não se limitava a sentar ali e olhar para minha mãe morrendo. Levava coisas, conversava com ela, discutia sobre política e esportes. Acho que fazia com que ela sentisse que ainda estava viva. Tornou tudo mais fácil para nós, e é uma coisa que nunca esquecerei. Mas ele tem sido tudo o que uma mulher poderia pedir de um marido. Deixou Richmond, uma cidade que amava, e renunciou ao único ramo de negócios que conhecia para começar a administrar um haras porque eu pedi. E acho que ele sabia que tínhamos de escapar de lá, porque havia muitas lembranças terríveis.

Gwen fez uma pausa.

— E foi um pai maravilhoso para David. Fazia tudo com ele. Não o mimava, porque achava que isso tornaria David fraco. Mas amava aquele menino com todas as fibras do seu ser. Acho que perdê-lo foi mais destrutivo para Billy do que para mim. Embora tivesse filhas do primeiro casamento, David era o único homem. Se ele o considera um amigo, não há absolutamente nada que não faça por você. Seria capaz de gastar até seu último centavo para ajudá-lo. Não há muitas pessoas assim hoje em dia.

Web notou as fotos na parede e num armário embutido. Havia muitas de David. Era um menino bonito, que saíra mais à mãe do que ao pai. Web se

virou e deparou com Gwen logo atrás, olhando para o filho.

— Já faz muito tempo... — murmurou ela.

— Sei disso. Acho que o tempo não para para ninguém, nem para qualquer coisa.

— O tempo deveria também ajudar. Mas não ajuda.

— Era seu único filho.

Ela confirmou com um aceno de cabeça.

— Billy tem filhas crescidas do primeiro casamento, mas David foi o único que tive. Quando eu era pequena, tinha certeza de que minha família seria grande. Éramos cinco irmãos. É difícil acreditar que meu filho estaria agora na escola secundária.

Ela virou a cabeça para o outro lado e levou a mão ao rosto.

— Acho que já é o suficiente por enquanto, Gwen. Obrigado por ter me dispensado tanto tempo.

Gwen tornou a se virar, e ele pôde ver as faces dela molhadas.

— Billy queria que eu convidasse você e seu amigo para uns drinques e jantar esta noite.

— Não precisam fazer isso.

— Mas queremos. Afinal, você salvou a vida de Billy. E se vamos passar algum tempo juntos, devemos nos conhecer um pouco melhor. Podem vir às cinco e meia?

— Apenas se você tiver certeza de que é isso mesmo o que quer.

— Tenho certeza, Web. Mas obrigada por perguntar.

— Só para que saiba, não trouxemos roupas elegantes.

— Não somos pessoas elegantes.

32

CLAIRE SE ENCAMINHAVA PARA SEU CARRO NA GARAGEM subterrânea do prédio em que tinha o consultório, quando um homem forte, de terno, interceptou-a.

— Dra. Daniels?

Ela o fitou, cautelosa.

— Isso mesmo.

O homem mostrou sua identificação.

— Sou o agente Phillips, do FBI. Gostaríamos de lhe falar... agora, se não for muito inconveniente.

Claire ficou aturdida.

— Quem quer falar comigo?

O agente Phillips virou-se e apontou para a entrada da garagem, onde esperava uma limusine preta, com as janelas escuras, o motor ligado.

— Tudo será explicado. — Ele pôs a mão no cotovelo de Claire, gentilmente. — Venha comigo, doutora. Não vai demorar muito. Logo a traremos de volta.

Claire deixou que o homem a conduzisse para a rua. Phillips abriu a porta para ela e sentou no banco da frente, no lado do passageiro. A limusine partiu antes mesmo que Claire terminasse de se acomodar.

Ela teve um sobressalto quando o homem sentado ao seu lado inclinou-se para a frente.

— Obrigado por concordar em falar conosco, Dra. Daniels.

— Não concordei em falar com ninguém. Nem mesmo sei por que estou aqui.

Ela notou que a divisória de vidro, que separava o banco traseiro da frente do carro, fora levantada.

— Quem é você?

— Meu nome é John Winters. Sou o chefe do escritório regional de Washington do FBI.

— Muito bem, Sr. Winters...

— Os amigos me chamam de Buck.

— Não sei por que quer falar comigo, Sr. Winters.

Winters se recostou.

— Creio que tem uma ideia. É uma mulher muito inteligente. — Ele

bateu com um dedo numa pasta de arquivo ao seu lado. — Um currículo impressionante.

Claire olhou para a pasta.

— Não sei se devo me sentir lisonjeada ou profundamente irritada por ter sido investigada.

Winters sorriu.

— Por enquanto, vamos presumir apenas que se sente lisonjeada. Mas deve também compreender que, em sua posição, conversa com muitos membros do Birô, seus cônjuges, pessoal de apoio.

— Minha verificação de segurança está em dia. E não se pode dizer que tomo conhecimento de informações ultrassecretas. Todos os arquivos são meticulosamente censurados antes de chegar às minhas mãos.

— Mas como se pode censurar a mente humana, Dra. Daniels?

— Tudo o que os pacientes me dizem é absolutamente confidencial.

— Tenho certeza disso. E também tenho certeza de que pessoas estressadas, pessoas com sérios problemas emocionais e mentais provavelmente descarregam tudo o que têm no coração.

— Algumas mais do que outras. Onde exatamente está querendo chegar, Sr. Winters?

— O fato, Dra. Daniels, é que se encontra em posição de ouvir algumas informações muito importantes, transmitidas por pessoas bastante vulneráveis.

— Sei disso muito bem. E nada vai além do meu consultório.

Winters tornou a se inclinar para a frente.

— Um dos seus atuais pacientes é Web London. Estou certo?

— Não posso responder a essa pergunta.

Winters sorriu.

— Pode se abrir, doutora.

— Quando eu disse que não revelo confidências, falei sério. Isso inclui a informação se alguém é ou não meu paciente.

— Apenas para que saiba, como chefe do escritório regional de Washington estou a par de todo mundo no Birô que anda consultando um psico.

— Preferimos "psiquiatra". Ou, pelo menos, "profissional de saúde mental".

— Por isso, sei que Web London a tem procurado. E também sei que ele procurou outro psiquiatra ali em diversas ocasiões no passado. Um tal de Ed

O'Bannon.

Outra vez, Claire manteve-se calada.

— Portanto, uma das coisas que quero saber é o motivo da troca.

— Repito, não posso responder...

Ela observou quando Winters tirou um papel da pasta ao seu lado, estendendo-o. Era uma declaração assinada por Web London, reconhecida em cartório. Declarava, entre outras coisas, que qualquer pessoa prestando cuidados psiquiátricos a Web London podia discutir os parâmetros do diagnóstico e tratamento com John Winters, diretor do escritório regional de Washington. Claire nunca vira nada assim antes, mas era um documento original, em papel timbrado do FBI.

— Agora podemos dispensar a relutância.

— De onde veio esse documento, e por que não o vi antes?

— É uma nova política. O caso de Web é o primeiro em que a usamos. A ideia foi minha.

— É uma violação da confidencialidade entre terapeuta e paciente.

— Não se o paciente renunciou a isso.

Claire leu o documento com toda a atenção... com tanto cuidado que levou um tempo enorme, a tal ponto que Winters começou a se mostrar irritado. Mas, finalmente, ela devolveu o documento.

— Muito bem. Quero ver um documento de identidade.

— Como?

— Diz aqui que posso revelar determinadas informações a John Winters, chefe do escritório regional de Washington. Tudo o que sei a seu respeito é que anda numa limusine e diz que se chama John Winters.

— Pensei que meu assistente tivesse se identificado.

— Ele se identificou. Mas o senhor não.

Winters sorriu. Mostrou sua identificação a Claire. Ela passou mais tempo do que era necessário a examiná-la, apenas para demonstrar que não gostava nem um pouco daquela situação e que não tinha a menor intenção de torná-la mais fácil. Winters se recostou depois que ela acabou.

— Muito bem, agora fale sobre Web London.

— Ele me procurou porque o Dr. O'Bannon não estava disponível. Tivemos uma boa sessão, e ele decidiu continuar comigo.

— Qual é o seu diagnóstico?

— Ainda não tenho nenhum.

— Sugeriu algum tratamento para ele?

— Isso seria um pouco prematuro, pois ainda não tenho um diagnóstico — respondeu ela, sarcástica. — Seria como operar alguém antes de sequer fazer um exame físico.

— Desculpe, mas a maioria dos psicos que eu conheço... desculpe, psiquiatras... receita algumas pílulas.

— Nesse caso, creio que não sou como os psiquiatras que o senhor conhece.

— Pode me dizer o que aconteceu com ele naquele pátio?

— Não, não posso.

— Não pode ou não quer? — Ele levantou o documento. — Podemos tornar tudo fácil para a senhora, ou extremamente difícil.

— Esse documento também diz que posso reter qualquer informação que me foi dita em confidência por um paciente, além de minhas conclusões baseadas nessa informação, se achar, de acordo com meu critério profissional, que essa revelação seria prejudicial para o paciente.

Winters se aproximou de Claire.

— Dra. Daniels, está a par do que aconteceu naquele pátio?

— Claro. Li os jornais e conversei com Web a respeito.

— O problema vai além do assassinato de seis agentes, por mais terrível que isso seja. Afeta a integridade fundamental do FBI. E sem isso não se tem nada.

— Não sei como emboscar uma equipe de agentes pode diminuir a integridade do FBI. Se qualquer coisa, eu diria que desperta solidariedade.

— Infelizmente, não é esse o mundo em que atuamos. Deixe-me explicar as consequências dessa emboscada. Primeiro, ao exterminarem uma de nossas equipes de elite, os elementos criminosos acreditam agora que somos vulneráveis em todos os níveis. Segundo, a imprensa explorou esse lamentável incidente de forma tão extraordinária, usando uma linguagem incendiária, que a confiança do público ficou profundamente abalada. Até mesmo os legisladores do Capitólio, que deveriam saber que não é assim, começam a ter dúvidas a nosso respeito. E, por último, o moral do FBI, como um todo, está no seu ponto mais baixo, em todos os tempos. É uma catástrofe tripla.

— Acho que posso compreender — comentou Claire, cautelosa.

— Portanto, quanto mais cedo o problema puder ser resolvido, quanto mais cedo compreendermos como aconteceu, mais cedo poderemos reparar tudo. Tenho certeza de que não quer que os criminosos neste país pensem

que podem prevalecer sobre os cidadãos honestos.

— Tenho certeza de que isso não vai acontecer.

— Tem mesmo? — Ele a fitou nos olhos. — Pois eu estou bem no meio de tudo, e não tenho tanta certeza quanto a senhora.

Claire sentiu um calafrio ao ouvir essas palavras.

Winters bateu de leve em seu ombro.

— Agora pode me falar sobre Web, sem violar padrões profissionais, de acordo com seu critério.

Claire começou devagar, detestando o que estava ocorrendo.

— Ele tem alguns problemas. Creio que remontam à sua infância, como em geral acontece. Ficou paralisado naquela viela. Estou certa de que disse isso aos investigadores do FBI.

Ela o fitou à espera de uma confirmação, mas Winters não mordeu a isca e disse apenas: — Continue.

Claire relatou os detalhes do que Web vira e ouvira na viela, inclusive as palavras ditas por Kevin Westbrook, como o haviam afetado, seus sentimentos subsequentes de paralisia e como lutara contra eles, até que acabara vencendo.

— É verdade, ele venceu — disse Winters. — Caiu um momento antes das armas começarem a disparar e conseguiu escapar vivo.

— Posso garantir que ele tem enorme sentimento de culpa por ser o único sobrevivente.

— E deve ter mesmo.

— Ele não se tornou subitamente um covarde, se é isso o que está imaginando. É um dos homens mais corajosos que já conheci. Pode ser até corajoso demais, disposto demais a correr riscos.

— Eu não estava pensando que ele se tornou um covarde; nem mesmo o seu pior inimigo poderia dizer que Web London é covarde.

Claire estava curiosa.

— O que é então?

— Há coisas piores do que ser covarde. — Ele fez uma pausa. — Como ser um traidor.

— Minha opinião profissional é a de que não é esse o caso. A paralisia naquela viela é decorrente de problemas com raízes profundas, derivando de uma infância difícil, os desafios que Web tenta enfrentar.

— Já entendi. Portanto, talvez ele não devesse estar na ERR. Talvez nem mesmo no FBI.

Claire sentiu que ela própria ficava paralisada. O que acabara de fazer?

— Não foi isso que eu disse.

— Não, doutora, não foi. É o que eu digo.

Como prometido, levaram-na de volta à garagem. Quando ela saía, Buck Winters inclinou-se para a frente e pegou seu braço. Claire sentiu que recuava, numa reação instintiva.

— Claro que não posso impedi-la de informar a Web sobre o nosso encontro, doutora, mas lhe peço para não fazer isso. Há uma investigação em andamento no FBI, e os resultados, quaisquer que sejam, abalarão nossa organização mais do que qualquer outra coisa que já aconteceu. Por isso, estou lhe pedindo para manter em sigilo, como boa cidadã, toda a nossa conversa.

— Não posso prometer isso. E confio em Web.

— Tenho certeza de que confia. Há muitas coisas nele para se confiar. Sabe quantos homens ele matou em sua carreira?

— Não. É importante saber disso?

— Estou certo de que os parentes dessas pessoas achariam que é importante.

— Fala como se fosse ele o criminoso. Estou presumindo que se ele matou pessoas foi porque era parte do seu trabalho... o trabalho que vocês esperam que ele realize.

— Acho que o assunto é sempre passível de interpretações, não é mesmo? — Ele largou o braço de Claire e disparou a salva de despedida: — Tenho certeza de que voltaremos a nos encontrar. Quando os dois saíram para jantar na mansão, Romano andava de maneira estranha. Contou a Web que Billy insistira para que montasse, mas caíra no mesmo instante.

— Não sei por que não posso acompanhar o cara numa picape. Os cavalos não me atraem.

— Percorri a maior parte da propriedade a cavalo, e há muitos lugares que não se podem alcançar numa picape.

— Você também caiu?

— Duas vezes.

Por que dizer a verdade e deixar Romano irritado de novo?, pensou Web.

— Com quem você andou? — perguntou Romano.

— Com Gwen. Foi bastante agradável. Você também se divertiu?

— Claro. Nunca imaginei como podia ser divertido cair em cima do

estrume numa baia. Você devia experimentar um dia desses.

Billy recebeu Web e Romano na porta da frente da casa de pedra. Usava um velho casaco de veludo cotelê, com proteção de couro nos cotovelos, calça cáqui, camisa branca de botões um pouco amarrotada e mocassins sem meias. E já tinha um drinque na mão. Desceram por uma escada curva de nogueira que parecia bastante velha para ter chegado às colônias como presente de algum rei há muito falecido. Embora já tivesse visitado a mansão antes, Web se descobriu lançando olhares ocasionais de admiração para as salas imensas, as madeiras trabalhadas, as grossas cortinas e as obras de arte, que pareciam ter a qualidade das de um museu... e provavelmente tinham. Chegaram ao andar inferior. Romano olhava ao redor, murmurando várias vezes "Mas que porra!". Web notou que Billy mancava um pouco. Apontou para a perna do homem e perguntou: — Sofreu um acidente?

— Sofri. Um cavalo de uma tonelada resolveu rolar pelo chão quando eu montava o filho-da-puta.

O chão lá embaixo era de lajes, e as paredes de pedra com vigas para sustentar o teto. Havia sofás e poltronas de couro dispostos com precisão, para encorajar vários grupos de conversa, ou talvez até mesmo facções conspiradoras, pois o lugar parecia mesmo propício para isso, na opinião de Web, embora os Canfield não parecessem o tipo. Se não gostassem de você, não teriam o menor constrangimento em demonstrar, Billy em particular. As paredes eram enfeitadas com mais cabeças de veados, um chita, um leão, um rinoceronte, um alce, além de ampla variedade de aves e peixes empalhados. Em outra parede, havia um enorme lúcio, com quase dois metros. Havia também um urso pardo enorme, numa pose ameaçadora, e um enorme peixe-espada, num salto perpétuo. Numa mesa de exposição, havia uma cascavel enroscada. Via-se também uma imensa cobra-real, de mais de cinco metros, os olhos parecendo em chamas, as presas à mostra, dando a impressão de que estava prestes a dar o bote. Web se manteve a alguma distância das cobras empalhadas. Jamais gostara de cobras, ainda mais depois que fora quase picado por uma enfurecida mocassino-d'água, durante certa missão no Alabama.

Havia um armário com várias armas numa parede. Web e Romano examinaram com inveja a coleção de armas de fogo Churchill, Rizzini e Piotti. Eram armas que poderiam facilmente alcançar cifras de cinco algarismos. Ninguém podia ser membro da ERR sem ser aficionado por

armas como aquelas, embora a maioria dos agentes do FBI carecesse dos meios financeiros para fazer mais do que grudar o nariz no vidro para admirá-las. Web especulou se as armas seriam apenas para exposição ou se alguém ali costumava usá-las. Billy dava a impressão de que ficaria à vontade com uma arma nas mãos, e o mesmo acontecia com Gwen. Se o homem matara todos aqueles animais, devia ser competente com armas de fogo.

Havia um bar completo, de cerejeira, encostado em outra parede. Parecia ter sido arrancado direto de um pub de Londres. A impressão de Web, quando vira aquele lugar pela primeira vez, fora a de que parecia uma sala de um clube britânico, a que se acrescentara alguma coisa do Velho Oeste americano.

Gwen sentava num sofá que parecia bastante grande para aguentar a travessia do Atlântico. Levantou-se quando eles entraram na sala. Usava um vestido bege leve, que descia até os tornozelos, com um decote que mostrava uma porção generosa do vale entre os seios. Uma parte da alça do sutiã branco aparecia por baixo da alça estreita do vestido. Os braços à mostra eram bronzeados pelo sol, firmes e musculosos. Provavelmente de controlar os cavalos pelas rédeas, presumiu Web, que já sentia os próprios braços um pouco doloridos de fazer isso, durante três horas apenas. Calçava sandálias pretas de couro, sem saltos. Mesmo assim, era apenas quatro ou cinco centímetros mais baixa do que Romano. Quando ela tornou a sentar e cruzou as pernas, o vestido subiu um pouco. Web ficou um pouco surpreso ao verificar que ela usava uma corrente de ouro no tornozelo, porque parecia destoar um pouco de seu porte refinado. O rosto também era bronzeado, o que fazia um contraste espetacular com os cabelos louros. Billy Canfield era sem dúvida um homem afortunado, pensou Web, embora se perguntasse o quanto da vida conjugal morrera com o filho.

Web ficou surpreso ao deparar com Nemo Strait, sentado em uma das poltronas. O gerente do haras usava uma camisa polo que realçava o corpo musculoso, calça cáqui e mocassins. Era um homem impressivo, Web não pôde deixar de admitir.

Strait levantou seu copo para Web e Romano.

— Sejam bem-vindos à Casa Canfield — disse ele, com um sorriso largo.

Web olhou para os numerosos troféus de caçadas e perguntou a Billy: — Vieram com a casa?

— Não. Há cerca de quatro anos, tive um forte impulso, pode-se dizer assim, de sair por aí e atirar em animais. Tornei-me um caçador de animais de grande porte e um pescador de águas profundas. Até apareci em alguns programas esportivos na TV. Dei a volta ao mundo abatendo animais como esses.

Ele apontou para a cabeça de um javali com enormes presas e depois para o urso pardo, que devia ter pelo menos três metros de altura. Fora montado numa unidade especial, com as presas à mostra e as garras estendidas, parecendo prestes a retalhar alguém. Ele se adiantou para esfregar o pescoço do urso.

— Este bicho fez o máximo que podia para me matar. Duas vezes. Na segunda, quase conseguiu. Mas acabei levando a melhor. — Ele apontou para o rinoceronte. — Esses bichos parecem lentos e desajeitados. Até que resolvem atacar. Avançam para você a uma velocidade de cinquenta quilômetros horários. Não há nada entre você e seu Criador além de coragem, boa mira e um dedo 304 firme no gatilho. Você mira o cérebro. Se errar e acertar no chifre, a morte é inevitável.

— Pobres animais... — murmurou Gwen.

— Essas coisas me custaram uma fortuna — respondeu o marido, sarcástico. Ele olhou para um dos veados e acenou com a cabeça para Web. — O veado é o símbolo antigo da virilidade, sabedoria e vida. E agora está pendurado na minha parede, morto. Gosto da ironia. Agora eu mesmo empalho os animais. Tornei-me um excelente taxidermista, se me permitem dizê-lo.

Web pensou no surgimento do impulso de matar de Billy. Devia ter ocorrido logo depois do julgamento, que terminara com o acordo feito com Ernest Free, que lhe permitira escapar vivo.

— Quero lhes mostrar uma coisa — acrescentou Billy. — Vem conosco, Nemo?

— Não, obrigado. Já vi sua pequena operação e ainda não jantei.

Billy os levou por um corredor. Destrancou uma porta no final. Entraram. Web olhou ao redor. A sala era grande, com mesas de trabalho e incontáveis prateleiras ocupadas por latas de líquidos e pastas, facas afiadas e bisturis, dezenas de outras ferramentas, tornos, roldanas, um sistema complexo de cordas penduradas do teto. Em um canto, podia-se ver a pele de um alce, parcialmente esticada. Em outro canto, havia um peru selvagem, em toda a sua glória na morte. Havia também diversos peixes e

aves, além de animais de terra de grande e pequeno porte, alguns dos quais Web não pôde reconhecer. Ele já sentira o cheiro de corpos em decomposição, e ali dentro não era tão ruim assim. Apesar disso, Web não gostaria de respirar aquele ar todos os dias.

— Você também matou esses animais? — perguntou Romano.

— Todos eles — respondeu Billy, com evidente satisfação. — Só empalho os animais que eu mato. Não presto favores a ninguém nessa questão.

Ele pegou um pano, esguichou um líquido nele e começou a esfregar em uma das ferramentas.

— Outras pessoas procuram o golfe para relaxar. Eu mato e empalho.

— Acho que tudo é relativo — opinou Web.

— Descobri que é uma atividade terapêutica. Mas Gwen não pensa assim. Nunca entrou aqui, e desconfio que nunca entrará. A taxidermia avançou muito. Você não precisa mais fabricar suas formas. Pode comprá-las prontas, feitas de cortiça comprimida, papel laminado, e assim por diante. Você molda ao animal que está trabalhando. Ainda é um processo complexo, que exige planejamento e medições. É preciso ser ao mesmo tempo açougueiro e artista. Os passos básicos são estripar o animal e preparar a pele. Muitos usam bórax, mas os puristas como eu ainda envenenam a pele com arsênico. É com isso que se obtém uma longevidade maior. E até cuido pessoalmente da curtição.

— Guarda o arsênico aqui? — perguntou Romano.

— Toneladas de arsênico. — Billy fitou-o. — Sempre lavo as mãos depois que concluo o trabalho aqui embaixo... e não cozinho nada.

Ele riu e Romano acompanhou-o, embora um pouco nervoso.

— Depois você monta o crânio, põe os arames, enfia o enchimento final e completa a montagem.

Web olhou para os equipamentos na sala. Parecia a um passo de um matadouro.

— Tem muita coisa aqui.

— É preciso muita coisa para esse tipo de trabalho. — Billy apontou várias peças. — Como eu disse, já há formas prontas perfeitas para os animais. Mas ainda faço pessoalmente alguns moldes, com gesso, argila de modelagem, raspas de madeira, e assim por diante. Nem tudo pode vir pronto, não é mesmo?

— Tem razão — concordou Romano.

— Há também as substâncias químicas, os venenos... e sal, muito sal, para preservar a pele. Precisa-se também de medidores especiais e compassos de calibre para as medidas lineares, a fim de poder alcançar a simetria. Os bisturis pela razão óbvia; uso o que é chamado de faca perfeita, de fabricação alemã. Os desgraçados dos alemães sabem como fazer facas. Servem para esfolar e capear... por exemplo, separar o pescoço da pele do corpo... o trabalho de detalhe em torno dos olhos e da boca, e assim por diante. Você precisa de faca de esfolar, faca de aparar, serra de osso, a faca skife para o couro, a máquina de descarnar... Que é uma grande invenção, diga-se de passagem.

— Ah, este mundo afortunado... — murmurou Web.

— Também providenciei luvas de Kevlar, para não correr o risco de cortar um dedo. Tesouras, puxadores de pele, aparelhos o IV para abrir os lábios, pinças, fórceps, sondas e agulhas cirúrgicas. Não parece um meio-termo entre um agente funerário e um cirurgião plástico?

Ele apontou para tigelas de misturar, pincéis, um compressor de ar e diversas latas.

— Essa é a parte artística da atividade, os retoques de acabamento, para fazer justiça ao animal.

— É engraçado pensar em fazer justiça com um animal que você matou — comentou Web.

— Acho que isso separa pessoas como eu dos filhos-da-puta que matam e vão embora — respondeu Billy.

— Acho que sim.

Billy se encaminhou para uma pele de veado secando numa mesa grande.

— Sabe qual é a primeira coisa que se corta quando se está estripando um veado? — indagou ele, olhando para Web.

— Qual é?

— O pênis.

— É bom saber disso — comentou Web, sarcástico.

— O veado morre como as pessoas. De olhos abertos. Ficam vidrados quase no mesmo instante. Se os olhos estão fechados ou piscando, é melhor atirar de novo. — Billy tornou a olhar para Web. — Imagino que você encontre muito isso em seu ramo de atividade.

— Às vezes não há essa opção com seres humanos.

— Acho que tem razão. Mas devo dizer que prefiro qualquer um dos

animais que tenho em exposição aqui do que a escória humana com que você lida. — Billy tomou um gole de seu drinque. — Esse é um dos motivos pelos quais gosto tanto daqui. As terríveis contradições... e eu mesmo sou uma das maiores. Nasci pobre, mal completei o secundário, ganhei muito dinheiro no negócio pouco atraente de transportar cigarros e outras porcarias para um lado e outro deste lindo país. Casei com uma jovem bonita e inteligente, com um diploma universitário. E agora estou aqui, dono de uma propriedade bem no meio da região rural mais elegante da Virgínia, caçando e empalhando animais. Um homem de sorte. O que me deixa com vontade de tomar um porre. Portanto, vamos providenciar para que isso aconteça.

Voltaram para a sala, onde Gwen esperava. Ela deu um sorriso contrafeito a Web, como se dissesse: Eu sei e sinto muito. Billy foi para trás do bar e perguntou à mulher: — Scotch, querida?

Ela acenou com a cabeça em aceitação. Billy acrescentou: — Vou tomar outro. E vocês, o que vão querer? Não me venham com essa conversa de que estão de serviço. Se não beberem comigo, vou expulsá-los daqui.

— Uma cerveja, se tiver.

— Temos tudo aqui, Web.

Web fez a anotação mental de que Billy dava a impressão de que falava sério.

— Também vou tomar uma cerveja — disse Romano.

— E eu também, Billy — acrescentou Strait.

Ele foi pegar uma garrafa de cerveja estendida pelo patrão e voltou para o lado de Web e Romano.

— Estou mais acostumado a cerveja do que a essas bebidas mais sofisticadas.

— Criado no interior? — perguntou Romano.

— Isso mesmo. Fui criado nos contrafortes da Blue Ridge, num rancho de criação de cavalos. Mas queria conhecer o mundo. — Strait levantou a manga da camisa e mostrou a insígnia tatuada do Corpo de Fuzileiros Navais. — Foi o que fiz, com as despesas pagas pelo Tio Sam. Na verdade, vi apenas uma parte do mundo, a que se costuma chamar de Sudeste Asiático. Mas é difícil gostar de um lugar que está cheio de pessoas atirando em você.

— Não parece ter idade suficiente para ter participado na Guerra do Vietnã — comentou Web.

Strait sorriu.

— Acho que é a minha vida saudável. Mas a verdade é que fui convocado quase no final da guerra, e tinha apenas 18 anos. Durante o primeiro ano na selva, tratei de manter a cabeça, empenhando-me ao máximo possível para que continuasse em cima dos ombros. Fui capturado e passei três meses como prisioneiro de guerra. Os vietcongues faziam coisas terríveis, interferiam em nossas mentes para tentar nos transformar em traidores.

— Não conhecia essa parte de sua vida, Strait — disse Billy.

— Não é uma coisa que eu costume incluir em meu currículo. — Ele soltou uma risada. — Mas finalmente fugi e um psicanalista do exército me ajudou a pôr tudo em ordem.

Strait fez uma pausa e acrescentou, sorrindo: — E mais a bebida e outras coisas que não posso mencionar. Dei baixa, voltei aos Estados Unidos e arrumei um emprego de guarda num centro de detenção juvenil. Posso lhes dizer uma coisa. Alguns dos garotos que eu vigiava ali faziam com que os vietcongues parecessem um bando de frouxos. Casei, mas minha ex não gostava do meu salário de seis dólares por hora. Consegui um emprego burocrático por um tempo, mas não pude suportar. Como eu disse, fui criado ao ar livre, convivendo com cavalos. E isso fica no sangue. — Ele olhou para Billy. — Só pode ser, porque não entra na conta bancária.

Todos riram, exceto Gwen. Ela parecia contrafeita pela presença do caubói em sua casa, pensou Web, que a observava atentamente.

— Assim, voltei aos cavalos — continuou Strait. — E minha mulher me deixou, levando as crianças, um menino e uma menina.

— Você os vê com frequência? — perguntou Web.

— Costumava ver, mas isso não acontece mais. — Strait sorriu. — Pensava que o garoto seguiria os passos do pai, e se tornaria um soldado, ou talvez até trabalhasse com cavalos.

Ele fez outra pausa, dando um tapa na coxa.

— Mas querem saber de uma coisa?

— O quê? — indagou Romano.

— Descobri que o garoto era alérgico a essas coisas. A vida pode ser muito engraçada.

Web o estudou. Não parecia que Strait achasse a vida tão engraçada. No início, classificara Strait como um cara bronco, que fazia o que mandavam. Teria agora de reconsiderar sua avaliação.

— Foi então que Billy apareceu, e agora estou ajudando ele... — ele olhou para Gwen — ... e a Sra. Canfield a construir seu pequeno império aqui.

Billy ergueu seu copo para o homem.

— E está fazendo um excelente trabalho, Strait.

Ao ouvir isso, Gwen desviou os olhos. Apesar das palavras de louvor de Billy, parecia que ele não tinha muita admiração por seu gerente. Web decidiu mudar o fluxo da conversa.

— Os andares de subsolo são geralmente frios — comentou ele, olhando para Billy. — Ainda mais com tanta pedra. Mas é interessante que aqui embaixo parece mais quente do que lá em cima.

— Temos o melhor sistema de aquecimento do mundo — respondeu Billy, que trabalhava no bar como se tivesse nascido ali. — O vapor radiante. Gwen disse que lhe mostrou toda a casa. Pois aqueles três boilers de Weil McLain que você viu aqui embaixo esquentam a água e a transformam em vapor. O vapor flui pelos canos e entra nos radiadores Gurney de ferro batido, encontrados em cada cômodo. O vapor esfria, vira água de novo, retorna pelo sistema, volta a ser vapor, e o processo continua. E não se tem apenas calor, mas também um umidificador.

Ele entregou uma cerveja a Web enquanto continuava a explicar: — Grande parte do vapor passa por canos aqui embaixo. É por isso que esta sala é tão agradável. Eu adoro. E nesta época do ano pode fazer trinta graus durante o dia e cair para dez à noite. Mas com os boilers McLain, Gwen pode usar um vestido decotado e ainda se sentir agradável e à vontade. Não é mesmo, querida?

— Para dizer a verdade, senti calor durante o dia inteiro.

Web passou a mão pelo balcão do bar.

— Este bar é muito bonito.

— Data de 1910 — informou Billy. — O dono naquela época fez uma porção de obras. Foi preciso, diga-se de passagem. Infelizmente, era ainda mais necessário quando compramos a propriedade. Essa é a história da minha vida.

Ele ajeitou todas as bebidas numa bandeja e distribuiu-as. Todos sentaram.

— Gwen me disse que vocês estão com potros de um ano muito promissores.

— É verdade — confirmou Billy. — Podemos ter um ganhador da

Tríplice Coroa aqui. Pagaria as contas de um mês pelo menos deste maldito lugar.

Gwen e Web trocaram sorrisos ao comentário.

— Sempre podemos acalentar uma esperança — disse Gwen. — Mas estar a um passo da miséria durante todo o tempo é pelo menos emocionante.

— Nós estamos indo muito bem aqui — disse Strait, olhando para ela.

Web achou interessante a escolha do pronome. Começava a especular quem era o dono de fato ali. Billy tomou um gole de seu scotch.

— Até que o lugar não é tão ruim assim. Pode-se até caçar uma raposa.

Gwen pareceu repugnada.

— O que é revoltante.

— Acontece que esta é uma região de caça à raposa, e na Virgínia tem-se de fazer o que os virginianos esnobes fazem. — Billy sorriu para Web. — Nossos malditos vizinhos podem ser um pé no saco. Ficaram irritados comigo porque não deixei atravessarem minha propriedade enquanto perseguiam uma raposa. Eu disse a eles que não se caçavam raposas em Richmond, porque tudo conspirava contra a pobre coitada, e que sempre tive a tendência de torcer pelos oprimidos. Os idiotas me levaram ao tribunal. E venceram. Havia um acordo antigo, na linha de propriedade, pelo qual a caça à raposa não pode ser coibida.

Romano estava indignado.

— Isso é demais. E ainda falam de um país livre.

— Mas eles não passam mais por East Winds — informou Strait.

— Por quê? — perguntou Web.

— Billy atirou num dos seus cachorros.

Strait tornou a bater com a mão na coxa, rindo. Billy balançou a cabeça, como se pensasse numa lembrança agradável.

— O cachorro foi atrás de um dos meus cavalos. Um cavalo que valia cerca de trezentos mil dólares. A droga do cachorro devia valer um centavo a dúzia. Por isso, atirei nele.

— E levaram-no de novo aos tribunais? — indagou Web.

— Levaram, só que desta vez eu ganhei. — Ele sorriu, tomou outro gole do uísque e fitou Web. — Gostou da excursão que Gwen lhe ofereceu?

— Ela daria uma excelente guia turística. Interessou-me o fato de a fazenda ter sido uma estação na Ferrovia Subterrânea durante a Guerra Civil.

Billy apontou para o armário com as armas.

— E a estação era bem ali.

Web olhou para o armário.

— Não estou entendendo.

— Mostre a ele, Billy — disse Strait.

Billy gesticulou para que Web e Romano o acompanhassem. Adiantou-se e puxou o que Web presumiu ser uma pequena alavanca escondida no móvel. Web ouviu um estalido. O armário virou em sua direção, revelando uma pequena passagem.

— Não há eletricidade ou janelas aí, apenas dois beliches — informou Billy. — Mas quando se está fugindo por sua liberdade, não se pode ser muito exigente.

Ele pegou uma lanterna, pendurada num gancho na parede, e entregou-a a Web.

— Dê uma olhada.

Web acendeu a lanterna, colocou a cabeça pela abertura e iluminou o lugar. Quase largou a lanterna quando viu um velho sentado numa cadeira de balanço. Quando seus olhos se acostumaram com a pouca claridade, ele constatou que era um manequim, vestido como um escravo, de chapéu e costeletas, o branco dos olhos fazendo um contraste inquietante com a pele pintada de preto. Billy riu e comentou: — Você tem nervos fortes. A maioria das pessoas não consegue evitar um grito.

— Foi Billy quem pôs isso aí, Web, não eu — disse Gwen, com repulsa na voz.

— É uma das minhas brincadeiras doentias — acrescentou Billy. — Mas se não se pode rir um pouco da vida, de que se pode rir?

Eles terminaram os drinques e foram jantar.

Não comeram na sala de jantar formal. Como Billy explicou, a sala era tão grande que as pessoas, quando queriam conversar, tinham de gritar para serem ouvidas, e ele tinha alguma dificuldade de audição. Jantaram numa sala pequena ao lado da cozinha. Gwen murmurou a oração de bênção e fez o sinal-da-cruz, como Romano. Strait, Web e Billy limitaram-se a olhar.

Gwen fizera uma salada Caesar, ponta de filé, aspargos frescos em molho de creme, e o que cheirava e tinha gosto de pão feito em casa. Torta de cereja e café arrematararam a refeição. Romano se recostou, esfregando a barriga dura e lisa.

— Muito melhor do que as rações do exército — murmurou ele.

— Muito obrigado, Gwen — disse Web. — Foi um jantar maravilhoso.

— Costumávamos receber com frequência quando morávamos em Richmond. Agora, quase não convidamos ninguém.

Gwen lançou um olhar rápido para o marido enquanto falava: — Há muitas coisas que não fazemos mais — disse Billy Canfield. — Mas foi um excelente jantar e temos de fazer um brinde à chef.

Ele foi até o aparador, onde pegou um decantador com conhaque, e quatro cálices de cristal.

— Confesso que sou afeiçoado ao uísque Jim Beam, como qualquer bom sulista. Mas um brinde apropriado exige uma libação apropriada.

Ele serviu conhaque para os outros e encheu um copo com Beam. Todos brindaram a Gwen. Ela sorriu e também levantou seu cálice.

— É maravilhoso ser tão popular entre tantos homens.

Na hora da despedida, Web levou Billy para um lado.

— Só quero deixar bem claras as regras básicas. Não deixe de ligar o alarme depois que partirmos. E passe a fazer isso todas as noites, antes de ir para a cama. Há muitas entradas e saídas desta casa. Quero que você e Gwen usem sempre o mesmo caminho. Dessa maneira, não deixarão inadvertidamente uma porta aberta. Se pensarem em sair, mesmo que seja apenas para um pequeno passeio, ligue primeiro para nós, que viremos para acompanhá-los. Se qualquer coisa assustar você ou Gwen, ligue para nós imediatamente. Nada é pouco importante, entende? Aqui está o número do meu celular. Ficará ligado 24 horas por dia. E quero que pense na possibilidade de Romano e eu ficarmos na casa. Se alguma coisa acontecer, até os segundos são importantes.

Billy olhou para o papel com o telefone de Web.

— Prisioneiros em nossa própria casa. A que ponto chegamos. Aqueles filhos-da-puta...

Ele balançou a cabeça, cansado.

— Aquelas armas no armário são apenas para exibição ou você as usa em suas caçadas?

— Quase todas são espingardas. Não se pode usá-las numa caçada quando se quer empalhar o animal, porque a munição arruína a pele e explode a cabeça. Guardo as armas para caçar os animais de grande porte num armário trancado lá em cima. Também guardo ali uma 12mm e um Magnum 357. As duas sempre carregadas. Para os filhos-da-puta de duas pernas que tentarem invadir minhas terras. Gwen também sabe atirar muito

bem. Provavelmente melhor do que eu.

— Ótimo. Mas tome cuidado para atirar apenas nos bandidos. Tem planos para alguma viagem próxima?

— Apenas o transporte de alguns cavalos para Kentucky, dentro de poucos dias. Irei com Strait e alguns dos rapazes.

— Converse com Bates. Ele pode ter outra opinião.

— Aceite o que Web está dizendo — declarou Nemo, que se aproximou ao ouvir a conversa. — Alguém está querendo acabar com você, Billy. Fique onde está para que os federais possam protegê-lo.

— Está pensando que sou frouxo, Nemo?

— Claro que não. Mas se alguma coisa acontecer com você, ficarei desempregado.

— Está esperando visitantes fora do normal? — perguntou Web. Billy sacudiu a cabeça em negativa.

— Quase todos os amigos de Richmond não são mais nossos amigos. Talvez a maior parte da culpa seja nossa. Vivemos muito isolados aqui.

— O que sabe sobre seus vizinhos na Southern Belle?

— Apenas que são mais incivilizados do que eu. — Billy riu. — Para ser franco, não sei muito sobre eles. Não participam das atividades locais... e eu também não, diga-se de passagem. E só falei com um homem que deve ser o gerente.

— O que me diz do helicóptero e do avião? Billy fez uma careta.

— Isso é lamentável. Eles assustam os cavalos.

— Com que frequência o helicóptero e o avião passam por aqui?

Billy pensou por um momento.

— Muitas vezes.

— O que isso representa? Todas as noites? Uma vez por semana?

— Não todas as noites, embora mais de uma vez por semana.

— Na mesma direção todas as vezes? Ou as direções são diferentes?

— São diferentes. — A expressão de Billy tornou-se cautelosa.

— O que está pensando? Web deu um sorriso tenso.

— Estou pensando que é bom ficarmos atentos aos voos do vizinho.

Quando Romano e Web voltaram à casa das carruagens, Web relatou sua conversa com Billy.

— Acha que há alguma coisa estranha na propriedade vizinha? — indagou Romano.

— Apenas tenho o pressentimento de que pode acontecer algo

inesperado.

— Foi uma noite interessante. Mas devo dizer que achei um pouco assustador o passatempo de Canfield.

— Não é como aeromodelismo. E qual foi sua impressão sobre Nemo Strait?

— Parece que é um frequentador habitual da casa.

— Fiquei surpreso por ele ter sido convidado para jantar com o patrão na casa.

— Pense nas origens de Billy. É bem provável que ele se sinta mais à vontade com pessoas como Strait do que com um bando de ricaços que se dedicam a caçar raposas.

— Acho que você está certo. Mas Gwen parece não gostar dele.

— Ela é uma dama. E Billy é mais rude. — Romano sorriu e acrescentou: — Como eu. Não sabia que ela era católica.

— Ela tem até uma pequena capela no bosque, onde reza todos os dias pelo filho... o garoto que deixei morrer.

— Você não deixou o garoto morrer, Web. Se os negociadores autorizassem vocês a agirem antes, é mais do que provável que ele continuaria vivo.

— Tenho um encontro marcado esta noite, Paulie. Assim, você terá de ficar sozinho. Como não preciso partir agora, você pode dormir um pouco. Bates postou agentes nas entradas da frente e dos fundos. Você terá a quem recorrer se alguma coisa acontecer.

— Um encontro marcado? Que tipo de encontro?

— Contarei tudo quando voltar.

— Tem alguma relação com o que aconteceu com a Equipe Charlie?

— Talvez.

— Eu gostaria de entrar nessa, Web.

E eu gostaria de que você fosse para cobrir minha retaguarda.

— Não pode abandonar o posto aqui, Paulie. Voltarei antes do amanhecer. Se eu fosse você, faria uma ronda. Não me surpreenderia se Canfield resolvesse nos testar e saísse de casa para dar uma volta. Embora eu pense que o fato de quase ter morrido esta manhã incutiu nele o temor de Deus. Mas não podemos correr qualquer risco.

— Não se preocupe. Vou vigiar a casa.

— Se o helicóptero ou avião passar por aqui, faça o registro. E eu trouxe vários equipamentos de visão noturna. Sirva-se à vontade.

— Essas drogas me deixam com dor de cabeça e interferem demais com a percepção de profundidade.

— Lembre-se de que "essas drogas" salvaram nossa vida em Kosovo.

— Está bem, está bem. Vou usá-los.

— Mais uma coisa, Paulie.

— O que é?

— Só porque não há um bando de caras com armas enormes nos cercando isso não significa que não é perigoso. Tome cuidado extra. Não quero perder mais ninguém.

— Lembre-se com quem está falando, Web.

— Você e eu tivemos divergências ao longo dos anos, mas também trabalhamos bem juntos. Gosto de ter você ao meu lado, entende?

— Puxa, Web, você realmente se importa comigo.

— Sabe que você é um tremendo sacana, Romano?

33

QUANDO WEB LIGOU PARA O NÚMERO NO PAPEL QUE BIG F lhe deu, a voz que atendeu era a de um homem. Web não sabia se pertencia a Big F, pois seu encontro inicial com o gigante envolvera concussões em vez de palavras. Web torceu para que fosse mesmo Big F, porque a voz era alta e estridente. Era uma sacanagem maravilhosa de Deus dar ao homem enorme uma voz de taquara rachada. Mas a voz exótica não serviu para diminuir o medo de ter outro entrevero com o carvalho ambulante. Big F não batia em ninguém com as amígdalas.

O homem disse a Web para seguir de carro para o norte, pela Ponte Woodrow Wilson, pontualmente às 11 horas daquela noite. Web receberia instruções adicionais na ocasião; pelo celular, ele supunha. Seu número não constava dos registros, mas parecia que nada mais era sagrado hoje em dia.

Web, é claro, fez uma indagação sensata, querendo saber por que deveria ir.

— Se quer saber o que aconteceu com seus companheiros, estará no lugar indicado — respondera o homem. — E se quer continuar a viver.

Como não podia deixar de ser, a ligação foi cortada depois desse comentário final.

Web pensou em dar um pulo em Quantico, pegar um rifle Barrett .50 e bastante munição, umas duas mil balas, no arsenal. Uma das melhores coisas da ERR era o fato de que comprava para seus operadores as armas mais modernas e deixava que fizessem o que queriam com os equipamentos. Era como uma imensa loja de doces para as pessoas propensas à violência. Mas ele acabou chegando à conclusão de que essa iniciativa poderia causar estranheza até mesmo na ERR... a saída de uma arma de calibre .50 com munição suficiente para liquidar uma cidade de bom tamanho. Também pensou em ligar para Bates, a fim de pedir apoio, mas depois compreendeu que isso poderia ter consequências desastrosas. Big F não sobrevivera nas ruas durante tanto tempo por ser estúpido ou ter uma sorte incrível. Farejaria os homens do FBI, com toda certeza, e isso o deixaria numa fúria incontrolável. Mas se ele tinha mesmo informações sobre o que acontecera com sua equipe, Web precisava descobrir quais eram.

Ele passara pela entrada da Southern Belle. Não era tão ornamentada

quanto a entrada de East Winds, mas os portões estavam fechados e trancados. Web tivera a impressão de divisar um homem patrulhando perto da entrada. Mas não podia ter certeza se havia mesmo alguém ou se o homem estava armado. Um lugar interessante. No momento mesmo em que pensava isso, ouviu o helicóptero se aproximando. Levantou os olhos, viu o aparelho passar e desaparecer em seguida. Talvez tivesse pousado em Southern Belle. Talvez terroristas tivessem desembarcado na América. E o pensamento de Web era apenas parcialmente brincadeira.

Ele parou num posto para encher o tanque do carro. Pensou em ligar para Claire, mas decidiu não fazê-lo. O que poderia dizer? Talvez eu a veja amanhã, talvez não.

A Ponte Woodrow Wilson fora durante muito tempo o pior gargalo de tráfego no sistema rodoviário interestadual dos Estados Unidos. Para a maioria dos motoristas locais, mencionar o nome do 28° presidente dos Estados Unidos provocava um acesso de raiva. Um legado e tanto, pensou Web, depois de uma vida inteira de serviço público altruísta. Era melhor ter seu nome ligado a alguma parada para descanso na estrada. Pelo menos assim as pessoas pensariam em você em relação a um alívio físico bastante necessário.

Ele entrou na velha ponte e olhou para o relógio. Faltavam trinta segundos para 11 horas. O Potomac estava sossegado naquela noite, sem qualquer movimento de embarcações, pelo menos ao que se podia notar. A espessa linha de árvores no lado de Maryland contrastava com as luzes intensas de Alexandria, no lado da Virgínia, e com o domo do Capitólio e outros monumentos nacionais ao norte. Ele passou pelo meio da ponte. O tráfego era relativamente leve, fluindo sem qualquer dificuldade. Um carro da polícia estadual da Virgínia passou por Web, seguindo na direção oposta. Web sentiu vontade de gritar: Ei, não quer ser meu amigo esta noite? Tenho um encontro marcado com o Doutor Morte.

Web deixou a ponte e continuou em frente. Olhou ao redor. Nada. A pontualidade não valera nada. E foi nesse instante que um pensamento assustador lhe ocorreu. Seria uma armadilha? Haveria um atirador de tocaia por ali, apontando o rifle para ele através de uma luneta? O assassino estaria agora calculando o possível desvio, enfiando a bala na câmara, ajeitando o dedo no gatilho, respirando fundo pela última vez antes de disparar? Web London seria o maior idiota do mundo?

— Vire à direita na próxima saída. AGORA! AGORA! A voz pareceu

vir de toda parte e do nada. Web ficou tão aturdido que quase pisou no freio para fazer o Mercury dar uma volta de 180 graus.

— Merda! — gritou Web, enquanto o carro passava por três faixas de rolamento.

Buzinas soaram e carros foram obrigados a fazer manobras bruscas para evitar a colisão. Ele chegou tão perto da beira da estrada que o carro quase bateu no guard-rail.

Web estava agora na rampa de acesso para a Interestadual 295.

— Siga para Washington — disse a voz, mais calma agora.

— Avise um pouco antes na próxima vez, para evitar um desastre — resmungou Web, para depois especular se o homem podia ouvi-lo.

Ele também se perguntou como haviam conseguido instalar um artefato de comunicação no carro sem que ninguém visse. Web virou o veículo para o norte, na direção de Washington. Respirou fundo para se acalmar. Naquele momento, desejou nunca mais ouvir outra voz sem ter um rosto para acompanhá-la.

— Continue em frente — disse a voz. — Eu lhe direi onde deve entrar.

Não era mais a voz de taquara rachada. Talvez fosse a voz de Big F. Era o que parecia, pensou Web, por ser uma voz profunda, ríspida, ameaçadora. Combinava.

Web conhecia bem a área em que se encontrava agora. O problema daquele trecho da estrada, vazio, cercado por árvores, era o fato de que um carro enguiçado ali teria desaparecido quando o dono voltasse para buscá-lo. E se o dono ficasse com o carro enguiçado, também desapareceria. Os homens que agiam ali eram criminosos implacáveis. Além disso, ficava perto do St. Elizabeth's, o hospício para doentes mentais famosos, como John Hinckley, o homem que tentara assassinar o presidente Ronald Reagan, e todos aqueles que tentavam pular os muros da Casa Branca, entre muitos outros. A voz disse: — Pegue a próxima saída. Vire à esquerda no semáforo, percorra mil e oitocentos metros e vire à direita.

— Devo anotar ou você pode me mandar por fax? — perguntou Web, porque era assim que se sentia.

— Cale a porra dessa boca!

Pelo menos podiam ouvi-lo. E vê-lo. Ele olhou pelo espelho retrovisor, mas havia faróis demais ali. No entanto, se havia uma coisa que Web não podia suportar era um criminoso sem senso de humor. Por isso, ele arquivou aquela resposta brusca em sua pasta de retaliação. Seguiu as instruções e

logo estava bem no meio da zona da morte, formada pelas zonas nordeste e sudeste de Washington, à beira do Rio Anacostia. Mais de mil pessoas haviam sido assassinadas ali nos últimos sete anos. Em comparação, no outro lado do rio, aparentemente a universos de distância, ficava a próspera zona noroeste, que testemunhara pouco mais de vinte homicídios no mesmo período. Havia, no entanto, um certo senso de equilíbrio perverso, porque o quadrante noroeste tinha muito mais furtos e assaltos. O motivo era simples: os pobres quase nunca tinham coisas que os criminosos queriam roubar, enquanto os ricos as tinham em abundância. O Centro Histórico Nacional Frederick Douglas era o lugar para onde Web seguia. Ele refletiu que Martin Luther King Jr. de seu tempo não ficaria nem um pouco satisfeito com o que havia acontecido ali.

Web recebeu novas instruções e logo estava entrando numa estrada de terra sinuosa cercada por árvores e arbustos densos. Já estivera ali antes. Era um dos vazadouros prediletos para os homens das partes mais violentas da cidade, que não gostavam de emporcalhar seus bairros com pedaços de cadáveres. A ERR já realizara duas operações ali. A primeira seguira todas as normas, sem que um único tiro fosse disparado. A outra deixara três mortos. Todos bandidos, que não puderam aceitar que enfrentavam homens de uma categoria superior, e por isso, estupidamente, sacaram suas armas em vez de levantarem os braços. Talvez pensassem que seriam disparados tiros de advertência. Só que não havia nenhum capítulo sobre tiros de advertência no manual da ERR. Sempre que Web puxava o gatilho, alguém no outro lado morria.

— Pare o carro e salte — disse a voz. — Deixe sua arma no banco da frente.

— Como sabe que tenho uma arma?

— Se não tiver, então tem bosta no lugar do cérebro.

— E se eu não quiser abrir mão de minha arma, o que exatamente tenho no cérebro?

— Se fizer isso, não vai restar cérebro nenhum.

Web largou a pistola no banco da frente e saiu do carro lentamente. Olhou ao redor. Não viu nada além de árvores e um céu sem lua. Podia sentir o cheiro da água do rio, o que não chegava a ser agradável. Os poucos movimentos que ouvia não eram de Big F... deviam ser esquilos, raposas ou criminosos reles, rondando em busca do jantar. Naquele momento, a única coisa que Web gostaria mesmo era de ter trazido Romano escondido na

mala do carro. E é só agora que você pensa nisso!

Ele ficou tenso quando ouviu os homens se aproximando. Ao saírem da cobertura das árvores, Web divisou os três, em fila. Eram todos mais altos do que ele, e todos tinham alguma arma apontada na sua direção. Web não os focalizou, porém, pois o homem maior vinha logo atrás dos três. Web tinha certeza de que veria o gigante naquela noite, mas mesmo assim a visão de Big F deixou-o nervoso. Ele usava roupas diferentes, mas no mesmo estilo do Club Med. A camisa, no entanto, não estava aberta dessa vez. Todos os ferimentos de Web infligidos pelo gigante criminoso pareciam latejar na presença do homem, como se houvesse alguma interação química que acabara de ser desencadeada. Havia um branco ao lado de Big F, o que deixou Web um pouco surpreso, até que reconheceu Clyde Macy, em carne e osso. Pessoalmente, ele era mais esquelético do que na foto. Web recordou sua conversa com Bates, quando haviam especulado quem poderia ser o informante interno de Cove. Macy? Peebles? Macy não parecia um alcaguete, mas quem podia ter certeza? Enquanto o observava, Web notou que o terno de Macy e o rádio no ouvido faziam com que ele parecesse um agente do serviço secreto. Talvez ele tivesse outrora aspirações de se tornar um agente, até compreender que gostava muito mais de matar pessoas. Peebles não estava à vista. A nova raça de criminosos empreendedores não parecia ter a menor disposição para ficar com as unhas sujas.

Os três subalternos cercaram Web enquanto Big F parava e observava. Macy ficou de lado. Parecia alerta e relaxado ao mesmo tempo. Mas era fácil perceber que o homem levava seu trabalho muito a sério. Para Web, os outros sujeitos pareciam um pouco entediados, como se o time principal de futebol americano da universidade estivesse fazendo um jogo-treino com o time dos calouros. O que era um autêntico incentivo para a confiança. Um homem tirou um pequeno objeto do bolso do casaco, que parecia um microfone. Passou-o de alto a baixo pelo corpo de Web, enquanto outro homem o revistava, à procura de armas escondidas. Não encontrou nenhuma, mas confiscou o celular de Web. Outro homem, segurando o que Web sabia ser um detector eletrônico, projetado para descobrir aparelhos de vigilância, fez uma verificação no carro de Web. O detector soou apenas uma vez, perto do banco traseiro, mas o homem não se preocupou com isso. Virou-se e acenou com a cabeça para Big F. Web compreendeu o diálogo silencioso: o cara detectara o artefato eletrônico que haviam plantado no

carro de Web. Depois, os homens recuaram, enquanto Big F se adiantava. Encostou-se no capô. Web teve a impressão de ouvir o carro gemer em protesto... e quem podia culpá-lo por isso?

— Como está o rosto?

A voz do homem não era estridente nem profunda demais. Era de tom médio, calma, sem nada de ameaçadora. Não era a voz desencarnada de dentro do carro. Era como se Web estivesse falando com seu corretor de ações... isto é, se tivesse um corretor.

— A única coisa bastante machucada foi meu orgulho. Presumo que você seja Big F.

O homem sorriu e deu um tapa na coxa. Para Web, soou como a trovoada de uma tempestade iminente. Tudo naquele homem era enorme. Os outros homens riram, obviamente à deixa do chefe.

— Merda! Big F. Claro que sou Big F. Essa é boa. Não foi ótima, pessoal?

Todos acenaram com a cabeça em concordância, disseram que era mesmo sensacional. Macy não exibiu sequer um sorriso. Permaneceu imóvel, olhando para Web, como se tentasse matá-lo pela força de vontade.

— Porque se vai aparecer alguém maior do que você, então acho que prefiro não conhecê-lo.

Web sabia que era sempre melhor despertar o lado bom do criminoso, mostrar que não tinha medo. Os criminosos violentos adoravam o medo. E adoravam mais ainda cortar a garganta de pessoas com medo.

Big F riu de novo. Mas, quando parou, ficou sério, e todos os outros também deixaram de rir. No mesmo instante, notou Web.

— Tenho um problema.

— Estou aqui para ajudar.

Web se inclinou um pouco para a frente. Agora podia acertar dois dos homens com chutes. Big F era muito diferente, mais ou menos como socar o Monte Rushmore. Mas você cuidava primeiro do ponto de menor resistência.

— Alguém está armando para me derrubar por uma coisa que eu não fiz.

— Sabe o que aconteceu com a minha equipe?

— Não preciso dessa merda, está me entendendo?

Ele se empertigou, acima de todo mundo. A expressão em seus olhos fez o coração de Web disparar.

— Que idade acha que eu tenho?

Web lhe lançou um olhar superficial.

— Vinte e dois anos.

— Trinta e dois — anunciou Big F, orgulhoso. — Isso em anos de negro.

Ele olhou para Macy.

— Quanto dá em anos de branco?

— Cento e vinte — respondeu Macy, a voz refinada, como se fosse o Ph.D. daquele ilustre grupo.

Big F tornou a olhar para Web.

— Tenho 120 anos. Sou um velho num negócio de jovens. Não preciso dessa merda. Diga isso ao seu pessoal. Não venham atrás de mim porque eu não fiz nada.

Web balançou a cabeça em concordância.

— Nesse caso, preciso saber quem foi. Sem isso, não posso garantir porra nenhuma.

Big F tornou a sentar no carro. Tirou do bolso uma Beretta de 9mm, com um silencioso atarraxado. As perspectivas não pareciam nada agradáveis.

— Os mensageiros custam dez centavos a dúzia — disse ele, fitando Web calmamente.

— Significará muito mais se partir de mim. Tenho muita coisa investida neste caso.

Web deu um pequeno passo à frente, fingindo que apenas deslocava o peso do corpo de uma perna para outra. Agora podia acertar Big F com um chute em curva no cerebelo. Se o homem pudesse suportar esse golpe, então tinha de ser coroado o rei do mundo.

— E talvez você ache que me deve alguma coisa por salvar Kevin. Afinal, é seu irmão pequeno.

— Ele não é meu irmão.

Web fez um esforço para não demonstrar surpresa.

— É mesmo?

— É meu filho. — Big F coçou o nariz, tossiu e cuspiu. — Temos a mesma mãe, é claro.

Web estremeceu por um instante. Olhou para os outros homens. Era evidente que já sabiam, e pareciam aceitar como um fato normal, ou pelo menos sua versão de um fato normal. Mas por que não deveriam?, pensou

Web. O que era um pequeno incesto dentro da família? Não se podia fazer isso com estranhos. Vovó dissera que Kevin era um pouco lerdo. Com aquela árvore genealógica retorcida, Web podia compreender o motivo.

— Espero que Kevin esteja bem — disse Web.

— O garoto não tem nada a ver com você — declarou Big F, ríspido.

Muito bem, pensou Web, Kevin significava alguma coisa para o homem. Era uma informação valiosa.

— Quem liquidou minha equipe? Responda isso, e seguiremos por caminhos separados. Sem ressentimentos.

— Não é tão fácil assim.

— Claro que é — insistiu Web. — Nomes. Isso é tudo o que eu quero.

Big F examinou sua pistola.

— Sabe qual é o meu maior problema?

Web olhou para a Beretta e se perguntou se ele era o maior problema de Big F. Preparou-se para o ataque.

— A economia está muito aquecida. Não consigo manter os melhores caras comigo. — Ele olhou para seus homens. — Toona-man, dê um passo à frente.

Web observou um dos homens se adiantar. Devia ter 1,94m de altura, os ombros fortes. Usava um terno que parecia muito caro, com bastante ouro e prata no pescoço, nos pulsos e nos dedos para abrir uma joalheria.

— Acha que pode vencer esse cara apenas com as mãos, Toona?

Toona sorriu.

— Não preciso nem das duas mãos para esse garoto.

— Não sei, não, Toona. A maneira como esse garoto me acertou um chute... senti a merda. Mas se acha que pode, largue sua arma e acabe com ele.

Toona tirou a arma da cintura e pôs no chão. Era pelo menos 15 anos mais jovem do que Web e muito maior. Apesar disso, seus movimentos eram tão precisos que Web teve certeza de que o homem era tão ágil quanto forte. E quando Toona assumiu a postura clássica de artes marciais, Web sabia que a luta não seria brincadeira... e ainda não se recuperara da noite anterior. Web ergueu a mão.

— Não precisamos fazer isso. Você acha que pode me dar porrada; eu acho que posso dar em você. Vamos decretar um empate.

Big F sacudiu a cabeça.

— Nada disso, garoto. Ou luta ou leva um tiro.

Web olhou para o homem e sua arma. Suspirou e ergueu os punhos.

Os dois circularam por alguns momentos. Web avaliou o oponente e percebeu poucas fraquezas, mas viu outra coisa que poderia ser útil. Tentou um chute, e Toona pegou sua perna com facilidade. Suspendeu-a por um momento, antes de torcê-la e jogar Web no chão. Web se levantou no mesmo instante e aparou um chute de lado com o antebraço. Doeu muito, mas era melhor o braço do que a cabeça. Os dois simularam e apararam golpes mais algumas vezes, antes que Toona derrubasse Web de novo com um chute de lado. Mas Web levantou-se no mesmo instante.

— Essa é toda a merda de que você é capaz, Toona? — escarneceu Web. — Cara, você é 15 quilos mais pesado do que eu e 15 anos mais moço. Se as posições fossem trocadas, você já estaria na contagem do sono há muito tempo.

Toona desfez o sorriso, e aceitou Web com um antiquado jab de direita. Mas, em resposta, recebeu um cruzado de esquerda na cabeça. Toona não gostou de ficar com o rosto marcado, um fato que Web tratou de aproveitar.

— Uma cara arrebentada não é o fim do mundo, Toona. Sem mulheres para tomarem seu dinheiro, poderá guardar mais alguns dólares para a aposentadoria.

— Você vai cair, cara, e não vai mais levantar — resmungou Toona.

— Não vou, não... não de uma bichinha como você.

Enfurecido, Toona avançou para Web e acertou-o com um soco no rim. Web quase caiu com o golpe, mas estendeu os braços em torno da cintura de Toona e começou a apertá-lo. Toona desferiu mais dois socos em sua cabeça, mas Web continuou a apertar. Como uma jiboia, cada vez que Toona respirava, Web o apertava mais um pouco, sem deixar que o diafragma do homem voltasse à posição normal.

Mais socos na cabeça e mais apertões. Web sentiu que o homem maior começava a tremer. Era um prazer ouvir seus esforços para respirar. E depois Web atenuou a pressão, só um pouco. Foi o suficiente para que Toona também o apertasse, como Web tencionava. Os dois continuaram a se apertar, ofegantes, filetes de suor se encontrando, escorrendo de seus corpos.

Toona tentou derrubá-lo, mas Web resistiu porque tinha outros planos. Finalmente, Toona virou Web, rompendo a pressão de seus braços. Web foi jogado para longe. Na verdade, foi uma queda controlada, pois lhe permitiu alcançar a pistola de Toona, como queria. Web se levantou de um pulo,

adiantou-se para pegar o aturdido Toona numa chave de pescoço, encostando a arma em sua cabeça, tudo num movimento contínuo.

— Precisa arrumar uma segurança melhor — disse Web para Big F. — Não é mesmo, Toona?

Big F levantou sua pistola e disparou. O tiro atingiu Toona bem no meio da testa. O homem caiu e morreu sem emitir qualquer som. A maioria dos tiros na cabeça tinha esse efeito, Web sabia, a capacidade de falar da vítima desaparecendo antes que o cérebro pudesse transmitir o grito. Balas e carne eram como ex-esposas. Nunca se davam bem.

Web olhou enquanto Big F, calmamente, metia a pistola na cintura, impassível, como se tivesse acabado apenas de eliminar uma incômoda toupeira em sua horta. Os homens de Big F pareciam tão atordoados quanto Web. A morte de Toona, obviamente, estava apenas na agenda de Big F. Macy, no entanto, permaneceu impassível, a arma apontada para Web. A morte súbita de um companheiro parecia não lhe despertar o menor interesse. Continuava parado ali, na clássica posição Weaver de tiro, o olhar fixado na arma na mão de Web. E Web especulou onde ele recebera seu treinamento. Provavelmente em alguma organização paramilitar dirigida por ex-mocinhos, que por alguma razão haviam se bandeado para o lado do mal.

Com o refém morto e várias armas apontadas em sua direção, Web largou a pistola.

— Não consigo encontrar bons ajudantes — disse Big F para Web. — Dou a meu pessoal muito dinheiro, roupas, carros e até vagabundas. Mostro como se trabalha, ensino o negócio, porque não quero continuar a fazer essa merda pelo resto da minha vida. Pretendo descontar minhas fichas e sumir até o dia de minha morte. E você pensa que isso torna os caras leais? Nada disso. Continuam a morder a mão que alimenta eles. Toona tinha seu negócio paralelo e pensava que eu não sabia. Desviava dólares e drogas durante todo o tempo. Pensava que eu era um idiota, que não verificava essas porras. Mas não foi essa a maior besteira que ele fez. A grande estupidez foi que Toona passou a consumir os produtos. Você começa a tomar essas merdas e começa a falar com qualquer um sobre qualquer coisa. Com a cabeça voando, desatou a falar para toda uma equipe da DEA. E o filho-da-puta nem sabia disso. Traiu todo mundo. E não posso permitir que alguém me traia. Não pretendo ser o rei das drogas numa prisão, sem poder cair fora. De jeito nenhum. Sem a menor possibilidade. Não vai acabar

assim para mim. Vou fazer o maior estrago antes de ir para a cana dos brancos.

Ele lançou um olhar irritado para seus homens.

— Vão deixar Toona caído aí sem fazerem nada? Demonstrem algum respeito pelos mortos!

Um dos homens indagou, os braços abertos, a expressão furiosa, embora Web pudesse perceber o medo que ele tinha do chefe: — O que você quer que a gente faça com ele?

Web tinha certeza de que Big F também podia sentir o medo. Sem a menor dúvida, contava com isso para controlar seu "negócio". Se queria ensinar lealdade a seus homens, tinha uma razão muito compulsiva estendida na terra, no meio de uma poça vermelha cada vez maior. E a morte de Toona fora provavelmente uma advertência para Web também. Pois ele se sentia muito bem avisado. Big F balançou a cabeça com uma repugnância evidente.

— Tenho de dizer tudo o que vocês precisam fazer, como se fossem bebês? Posso sentir o cheiro de água, e vocês também. Joguem o filho-da-puta no rio. E amarrem alguma coisa no corpo, para que fique lá no fundo!

Cautelosos, os homens pegaram o companheiro morto, reclamando o tempo todo pelos respingos de sangue e fragmentos de carne de Toona que caíam em seus ternos Versace. Macy continuou exatamente no mesmo lugar. Ao que tudo indicava, pensou Web, ele era o círculo interno, e assim tinha permissão para ficar no tempo extra. Depois que os outros desapareceram pela trilha, Big F tornou a olhar para Web.

— Entendeu agora o que eu queria dizer sobre gente competente? Não encontro ninguém que valha a pena. Todo mundo quer ficar rico da noite para o dia. Ninguém mais quer começar de baixo. Só querem começar por cima. Comecei aos oito anos, entregando papelotes aos compradores. Trabalhei muito durante vinte anos e os manés hoje em dia acham que merecem cada centavo que eu ganho só porque estão metidos nisso há alguns meses. Nova economia porra nenhuma!

Se Big F estivesse sentado na cela de uma penitenciária de segurança máxima, usando a mesma camisa de força de Hannibal Lecter, com Web a salvo no outro lado das grades reforçadas, Web bem que poderia cair na gargalhada por aquela tirada contra o capitalismo. Nas circunstâncias, porém, Web só podia imaginar quando finalmente ocorreria a Big F que ele fora testemunha de um homicídio.

— Toona deve ter matado cinco ou seis pessoas. Assim, acabei de poupá-lo do trabalho de vocês o fritarem na cadeira. E não precisa me agradecer.

Web não pretendia mesmo agradecer. Na verdade, não disse nada. Provavelmente poderia ter feito um comentário irônico, mas testemunhar o assassinato a sangue-frio de outro ser humano, por mais que ele pudesse merecer, não era estimulante para o humor de Web.

— Acho que todo mundo tem problemas. — Big F limpou um dos olhos. — Mas acho que o senhor me serviu porções extras. Minha família vive me enchendo o saco, querendo me arrancar dinheiro. Tenho uma tia de noventa anos que não para de me encher o saco.

Ele alteou um pouco a voz na imitação: — "Não pode ajudar a dar um jeito em meus olhos, Francis? Tenho de fazer uma cirurgia de catarata, querido. Nem posso mais jogar bingo. Ajude-me, por favor, querido. Eu costumava ninar você no colo. Trocava sua fralda suja de merda." Dei um dinheiro para a sacana, mas uma semana depois ela voltou para falar sobre a porra da sua gata, que estava com problemas de mulher.

Big F fez uma pausa, com uma expressão de incredulidade.

— Uma porra de uma gata com problemas de mulher! "E só vai custar mil dólares, Francis. Só isso. Lembre-se que eu trocava sua fralda suja de merda quando sua mãe estava presa, ou tomando um pico com aquela seringa que ela não largava." E quer saber o que eu fiz? Dei dez notas de cem dólares para ela e sua gata!

— O F é de Francis?

Big F sorriu. E Web teve a impressão, pela primeira vez, de ver sinais do pequeno Kevin naquele adulto enorme e assassino.

— Isso mesmo. O que você achava que representava?

Web balançou a cabeça.

— Não tinha a menor ideia.

Big F tirou do bolso uma caixa pequena, pegou uma pílula e meteu-a na boca. Ofereceu para Web, que recusou.

— Tagamet, Pepcid Ac, Xantac. Tomo essas merdas como se fossem amendoins. Tenho úlcera. Parece que uma toupeira entrou no meu estômago. Juro que essa porra está me matando.

— Então, por que não se aposenta?

— Falar é fácil, mas fazer é muito diferente. Não vão me oferecer um almoço de despedida e me presentear com um relógio de ouro, no meu ramo

de atividade.

— Lamento dizer isso, mas a polícia nunca vai parar de procurá-lo.

— Com a polícia eu posso lidar. O problema é com alguns caras no negócio. Acham que, se você quer sair, é porque pretende caguetar todo mundo. Não podem compreender por que alguém ia querer se afastar de uma vida como a minha. Com dinheiro saindo pelo rabo. O problema é que você tem de se esconder durante todo o tempo, não pode parar de circular, e ainda assim se perguntar quando alguém, talvez a sacana que você come, talvez seu irmão, ou sua tia-avó que adora gatos, vai abrir um buraco em sua cabeça enquanto dorme. — Ele sorriu. — Não precisa se preocupar comigo. Ficarei bom num instante.

Big F tomou outra pílula e depois fitou Web atentamente.

— Você é um dos caras da ERR?

— Isso mesmo.

— Ouvi dizer que vocês não brincam em serviço. Quando me aceitou naquela noite, garoto, confesso que doeu um bocado. O que é raro, homenzinho, muito raro. Vocês devem ser uma merda fedorenta.

— Na verdade, somos adoráveis, depois que você passa a nos conhecer melhor.

Big F não sorriu ao comentário de Web.

— Então por que você não está morto?

— Por causa de meu anjo da guarda.

Big F deu um sorriso largo.

— É uma boa merda. Diz aí onde posso te encontrar.

Big F mudou a posição, acompanhando a mudança do rumo da conversa.

— Quer saber como as armas entraram naquele prédio?

Web se empertigou.

— Está disposto a testemunhar?

— Claro. Irei correndo até o tribunal. Você vai na frente e me espera sentado.

— Está bem. Como as armas entraram ali?

— Sabe qual é a idade daqueles prédios?

Os olhos de Web se contraíram.

— A idade? Não, não sei. Por quê?

— São da década de 1950. Não sou bastante velho para lembrar, mas minha mãe era. E me contou.

— Era?

— Coca demais. Não o refrigerante. Isso mesmo, década de 1950. Pense, ERR. Pense.

— Não estou entendendo.

Big F balançou a cabeça. Olhou para Macy, depois tornou a se concentrar em Web.

— Pensei que todos os federais passavam pela universidade.

— Algumas universidades são melhores do que outras.

— Se você não pode levar a merda de helicóptero pelo telhado, nem entrar pela porta da frente, o que resta?

Web pensou por um momento, antes que lhe ocorresse.

— Por baixo. A década de 1950. Guerra Fria. Abrigos subterrâneos contra a bomba. Túneis?

— Você é esperto, no fim das contas. Já deu a partida.

— Ainda falta um longo caminho a percorrer.

— É problema seu. Dei alguma coisa a você. Agora, diga ao seu pessoal pra sair de cima de mim. Não tenho nenhuma razão no mundo para liquidar um bando de federais. Volte e dê um jeito para eles compreenderem isso.

Big F fez uma pausa e esfregou algumas agulhas de pinheiro com o pé imenso. Depois fitou Web nos olhos.

— Vocês não estão fazendo algum jogo comigo e escondendo Kevin sem me dizer, não é?

Web considerou a melhor maneira de responder. Ironicamente, diante de sua atual companhia, chegou à conclusão de que a verdade era a melhor solução.

— Não estamos com Kevin.

— Não confio na polícia local, porque posso suborná-la. E muitos irmãos acabam mortos quando a polícia local está envolvida. Os federais também não valem grande coisa, mas pelo menos vocês não matam as pessoas sem razão.

— Obrigado.

— Portanto, se nada mais é diferente, sei que Kevin está seguro se estiver em poder de vocês. E talvez estejam apenas segurando ele até que toda essa merda exploda.

Pela maneira como o gigante fitava-o, Web podia perceber que Big F queria muito que Kevin estivesse sob a custódia do FBI, pois assim estaria relativamente seguro.

— Eu bem que gostaria de que ele estivesse conosco, mas não é o que acontece. Estou sendo franco com você. — Uma pausa e Web acrescentou: — Mas acho que Kevin pode estar envolvido de alguma forma.

— Não diga besteira. Ele é apenas um menino. Não fez nada de errado. Não vai para a cadeira elétrica de jeito nenhum. Não o Kevin.

— Não falei que ele sabia o que estava fazendo. E você tem razão num ponto. Ele é apenas um menino. Um menino assustado. Mas quem pegou Kevin está por trás do que aconteceu. Pelo menos é o que eu penso. Não sei por que Kevin estava naquela viela, mas sua presença ali não foi uma mera coincidência. Quero encontrá-lo tanto quanto você. E também o quero são e salvo. Já salvei a vida dele uma vez, naquela viela. Não quero que tenha sido por nada.

— Você quer o Kevin só pra ele prestar depoimento e passar o resto da vida no programa de proteção de testemunhas. Uma vida maneira...

— Pelo menos é uma vida.

Big F e Web fitaram-se nos olhos por um longo momento, até que o gigante finalmente virou o rosto.

— Farei tudo o que puder para trazer Kevin de volta são e salvo, Francis. Prometo. Mas se ele souber de alguma coisa, terá de contar. Nós o protegeremos.

— Tenho certeza. Fizeram um bom trabalho até agora, não é mesmo?

Eles ouviram os homens voltando.

— Um nome seria ótimo para acompanhar a informação sobre os túneis — pediu Web.

Mas Big F balançou a cabeça.

— Não tenho nenhum para dar.

Quando os homens apareceram, Big F gesticulou para um deles.

— Dê um jeito para que o rádio no carro não funcione mais.

O homem acenou com a cabeça. Foi para o banco da frente do carro de Web e disparou dois tiros no rádio. Depois, arrancou o microfone manual. Também tirou o carregador de munição da arma de Web, disparou para o chão a bala na câmara e devolveu-lhe a pistola. O outro homem tirou o celular de Web do bolso, cerimonioso, quebrou-o contra uma árvore e o entregou a Web, com um largo sorriso.

— Não fazem mais aparelhos como antigamente.

— A gente precisa se mandar agora — anunciou Big F. — E se está pensando em ir atrás de mim por dar um tiro em Toona, pense o seguinte.

Ele fez uma pausa, a expressão sombria.

— A qualquer momento que eu quiser que você morra, você morre. A qualquer momento que eu quiser que seus amigos morram, eles morrem. Se você tem um bicho de estimação e eu quiser que ele morra, ele morre.

Web sustentou firme o olhar do gigante.

— Você não quer seguir por esse caminho, Francis. Tenho certeza de que não quer.

— E o que você vai fazer? Por acaso me dará um chute no rabo? Vai me machucar? Ou me matar?

Big F desabotoou a camisa e aproximou-se. Web já vira muita coisa em suas atividades, mas nunca testemunhara nada parecido.

O peito e a barriga do homem estavam cobertos por ferimentos de faca, buracos de bala, cicatrizes vermelhas e saltadas, marcas de queimaduras e o que pareciam ser túneis de carne cortada e mal curada. Para Web, parecia uma pintura coletiva, produzida por um mundo insano.

— Cento e vinte anos de branco — murmurou Big F.

Ele fechou a camisa. Exibia uma expressão que era, na opinião de Web, de orgulho óbvio por ter sobrevivido a tudo o que aquelas cicatrizes representavam. E, naquele momento, Web não podia negar que a atitude era justificada.

— Se for atrás de mim, é melhor levar alguma coisa pra fazer o trabalho direito — acrescentou Big F. — E ainda assim cortarei o seu pau e o enfiarei pela sua goela abaixo.

Big F se virou, e Web teve de fazer esforço para não atacá-lo. Não era o momento para acertar essa conta, mas mesmo assim Web não podia deixar que o encontro terminasse daquela maneira. E gritou para Big F: — Imagino que está preparando Kevin para herdar seu império. Seu irmão-filho. Tenho certeza de que ele se orgulha de você.

Big F tornou a se virar.

— Eu já disse que Kevin não é da sua conta.

— Compartilhamos uma porção de coisas naquela viela. Ele me contou muitas coisas.

Era um blefe, mas calculado, se Web estava interpretando os sinais direito. Quem trocara Kevin podia ser inimigo de Big F. Se fosse esse o caso, então jogar um contra o outro não seria má ideia. Web estava pensando que Big F seria bem capaz de mentir sobre seu envolvimento. Era possível que o capitalista das ruas tivesse se lançado num empreendimento

conjunto com alguém para exterminar a Equipe Charlie. Se fosse isso, Web queria todo mundo. Sem exceção.

Big F se adiantou e estudou-o de alto a baixo, como se avaliasse se aquela atitude era mesmo coragem ou simples estupidez — Se você quer Kevin de volta, espero alguma cooperação — acrescentou Web.

Ele não mencionou o que Big F lhe dissera. Concluíra que Big F queria manter a informação sobre os túneis em sigilo, só entre os dois, e fora por isso que mandara os homens jogarem Toona no rio.

— E eu espero isto — disse Big F.

Web conseguiu bloquear o golpe parcialmente com o antebraço, mas o impacto do punho de Big F, do tamanho de uma bola de boliche, em seu queixo, ainda foi suficiente para jogá-lo em cima do capô do carro. A cabeça bateu no para-brisa, rachando-o Web acordou meia hora depois. Escorregou lentamente do capô, cambaleou um pouco, o braço levantado, esfregando o queixo e a cabeça. Ao se acalmar, constatou que o braço, o queixo e a cabeça não estavam quebrados. Perguntou-se como isso era possível. Também se perguntou quantas concussões ainda sofreria antes que o cérebro fosse expelido da cabeça.

E, no instante seguinte, Web virou-se, apontando a arma para o homem que saíra de trás das árvores. O homem também lhe apontava uma arma.

— Boa tentativa, mas sua arma não tem mais balas.

O homem se adiantou, e Web pôde vê-lo melhor.

— Cove?

Randall Cove guardou sua arma e encostou-se no carro.

— Aquele cara é muito perigoso. Apagar seu próprio homem daquele jeito foi novidade até para mim. — Ele estudou o rosto de Web. — Terá muitas equimoses amanhã, mas é melhor do que uma visita ao necrotério.

Web também guardou sua arma e massageou a parte posterior da cabeça.

— Presumo que você assistiu de camarote. Obrigado por ajudar.

Cove assumiu uma expressão sombria.

— Também sou um agente, secreto ou não. Tenho a mesma identificação, prestei o mesmo juramento, tenho de suportar a mesma merda no Birô. Se tentassem matá-lo, você tomaria conhecimento de minha presença. Mas não tentaram, e por isso me mantive escondido. Se isso faz você se sentir melhor, afugentei alguns irmãos que apareceram para farejar sua carcaça enquanto estava inconsciente.

— Obrigado, porque ainda pretendo fazer muita coisa com esta carcaça.

— Precisamos conversar, mas não aqui. Ainda pode haver alguns homens de Big F por perto. E este lugar não é seguro nem mesmo para agentes federais armados.

Web olhou ao redor.

— Onde, então? Demoliram o prédio em que você tinha escritório.

Cove sorriu.

— Vejo que conversou com Sonny. E se o velho Sonny Venables acha que você é um cara legal, então você é mesmo. Sonny tem mais faro para carne podre do que qualquer cachorro que conheci no Mississippi.

— Há muitas coisas acontecendo. Tem mantido contatos recentes com Bates?

— Conversamos, mas nenhum dos dois está dizendo tudo o que sabe ao outro. E é melhor assim. Sei de onde Perce vem, e ele sabe onde estou. — Ele entregou um papel a Web. — Encontre-se comigo aqui dentro de meia hora.

Web olhou para o relógio.

— Estou numa missão especial. Tenho de voltar.

— Não se preocupe. Não vai demorar. Ah, mais uma coisa...

Ele entrou no carro de Web e procurou algo por alguns momentos. Saiu segurando alguma coisa.

— Dispositivo de rastreamento por satélite. Tão bom quanto os equipamentos que usamos.

— Eles usam um satélite — murmurou Web. — É confortador.

— Também tem um sistema de comunicação.

O que significava que Web acertara ao deduzir como haviam lhe transmitido as instruções depois que cruzara a Ponte Woodrow Wilson. Cove desligou o aparelho e guardou-o no bolso.

— Uma prova é uma prova. Fico surpreso que eles não tenham levado.

No instante seguinte, Cove desapareceu entre as árvores. Bastante recuperado para manter os dois olhos abertos ao mesmo tempo, em vez de um apenas, e para ver em dobro, em vez de em triplo, Web entrou no carro e partiu. Encontrou-se com Cove no Mali, no centro da cidade, num banco próximo do Smithsonian Castle. Quando Web sentou, ouviu uma voz, mas não reagiu, de acordo com as instruções no papel. Calculou que Cove se escondia por trás da algumas moitas nas proximidades do banco.

— Suponho que Bates o informou a meu respeito.

— Isso mesmo. Lamento o que aconteceu com sua família.

— Sei.

Cove não disse mais nada sobre o assunto.

— Encontrei o recorte em sua casa... o que falava de você e Bates.

— Já vi que você é bom. Aquele esconderijo resistiu durante anos.

— Por que escondeu o recorte?

— Uma pista falsa. Alguém que revistasse a casa encontraria alguma coisa, que não tem o menor significado. Guardo na cabeça todas as coisas importantes.

— Portanto, o recorte era apenas uma manobra diversionária? Não tinha a menor importância?

Cove não respondeu. Web resolveu acrescentar: — Bates disse que você estava atrás de alguns traficantes graúdos, que podem ter preparado a armadilha para minha equipe — Isso mesmo. Mas essa história está longe de terminar. E ouvi Westbrook falar sobre os túneis. Nunca pensei nessa possibilidade. Uma boa maneira de tirar os computadores e levar as metralhadoras.

— Terei de informar Bates a respeito o mais depressa possível, para começarmos a investigar. Você quer participar?

Cove não respondeu, e Web demorou um segundo para perceber o motivo do silêncio. Um homem passava pelo outro lado da rua. Vestia-se como um desabrigado, um sem-teto, cambaleava um pouco, como se estivesse de porre. Era bem possível que as duas coisas fossem verdadeiras. Web, no entanto, não podia correr qualquer risco, nem Cove, obviamente. Web estendeu a mão para sua pistola, mas lembrou que estava vazia. Tinha um carregador de reserva na mala do carro, mas estacionara a pelo menos trinta metros de distância e esquecera de pegar a munição, como um rematado idiota. Como em resposta a seus pensamentos, Web sentiu alguma coisa ser estendida para ele, entre as tábuas no encosto do banco. Pegou a pistola que Cove acabara de lhe entregar. Sussurrou um agradecimento e continuou sentado, a arma ao seu lado, o cano acompanhando cada movimento do homem no outro lado da rua, até que ele se afastou.

— Nunca se sabe que tipo de mendigo está passando — murmurou Cove.

— Bates disse que você podia estar trabalhando através de um dos homens de Westbrook, talvez Peebles ou Macy, que podem ter te enganado.

— Nem Macy nem Peebles eram o meu contato interno. Acho que o

informante estava sendo franco comigo, mas ele também foi enganado.

— Se o cara foi franco com você, há alguma possibilidade de que possamos usá-lo para descobrir a verdade?

— Não há mais.

— Por quê?

— Porque meu informante era Toona.

— Essa não!

— Os homens de Big F sempre fazem isso. Mas ele só me contava coisas triviais. Big F matou Toona pelo pecado supremo, que é colaborar com a polícia.

— Toona achava que havia outros envolvidos, além de Westbrook?

— Toona era basicamente um pistoleiro, mas tinha alguma inteligência. Eu vinha trabalhando com ele há seis meses. Nós o pegamos por uma infração sem muita importância. Mas ele já passara quatro anos na prisão, no início da carreira, e não queria voltar. Falou-me do novo grupo que queria se instalar aqui, ocupando alguns dos pontos dos distribuidores locais. Esse grupo também cuidava da lavagem do dinheiro sujo, através de operações legítimas. O serviço não saía barato, mas quase todos os distribuidores locais concordaram... menos Westbrook. Ele não confia tanto assim em ninguém. Mas até mesmo as quadrilhas de traficantes acabam se cansando de atirar umas contra as outras. Além disso, a consolidação das operações e a redução de custos funciona tão bem nos negócios ilegais quanto nos legítimos. Investiguei esse grupo, mas não consegui descobrir nada. Minha identidade secreta era a de ponta-de-lança de uma quadrilha do Arizona que queria se instalar na região rural da Virgínia. Ouvíramos falar sobre esse grupo, e eu me convidei para conhecer suas operações. A princípio, pensei que tinha uma relação com Westbrook. Mas quando vi o que havia ali, compreendi que era uma operação em grande escala.

— Bates mencionou a parte sobre a Oxycontin.

— É isso que torna essa operação tão especial. Creio que o produto que esse grupo fornecia aos distribuidores locais era o de drogas de receita médica, como Oxycontin, Percocet, e assim por diante. Risco mínimo e enormes margens de lucro. Toona não participava do lado operacional, mas parecia pensar isso também. Seria um novo padrão no tráfico de drogas em Washington. E esse novo grupo não pretendia se limitar a Washington. Creio que já estava entregando as mercadorias por toda a Costa Leste.

— O consumo de Oxy começou na área rural.

— Já ouviu falar da viagem das Montanhas Rochosas? Pois essa é a viagem das Apalaches. Inclui vinte estados, do Alabama até a fronteira canadense. E há muito espaço para criar um novo império de drogas ilegais por trás das drogas legítimas. Foi por isso que fiz contato com o escritório regional de Washington assim que compreendi que a operação naquele prédio era muito maior do que os negócios de Westbrook. Eu poderia continuar a investigar, e talvez descobrisse mais coisas. Mas preferi correr o risco de cair fora. Calculei que se pudéssemos fazer os contadores testemunharem, conseguiríamos pegar toda a turma da Oxy. Mas agora que recordo tudo, sabe o que eu penso?

— Que era bom demais para ser verdade?

— Exatamente. — Cove parou de falar por um momento. — Lamento o que aconteceu com seus companheiros, Web. Nunca farejei uma armadilha. Mas assumirei a responsabilidade, pois a cagada foi minha. E sacrificarei tudo o que me restou, até a própria vida, para reparar os danos causados.

— Eu nunca seria capaz de fazer o que você faz. Não sei como consegue.

— E curioso, porque pensei a mesma coisa em relação a você. Agora procure os túneis, e descubra como eles levaram e tiraram os equipamentos. Talvez encontre alguma coisa que revele quem fez isso. E não estou pensando que foi Westbrook. Há mais alguém por aí se divertindo à nossa custa.

— Já tem alguma ideia mais definida a respeito?

— Ainda estou tateando. Quem quer que sejam, estão ligados a pessoas em postos importantes, porque parecem capazes de se manter sempre um passo à frente de todo mundo.

— Ligados a quem? Acha que é alguém no Birô?

— Foi você quem disse isso, não eu.

— Tem alguma prova?

— Meu instinto. Você também escuta o seu?

— Durante todo o tempo. Presumo que você se sente como o forasteiro, alguém que está excluído do resto do mundo.

— Porque todo mundo pensa que virei traidor e ajudei a liquidar uma porção de companheiros? É verdade, essa perspectiva tem ocupado meus pensamentos ultimamente.

— Não está sozinho nessa situação, Cove.

— De certa forma, Web, somos como irmãos de sangue. Marcados

como traidores por uma coisa que não fizemos. E muitas pessoas não querem nem ouvir nossas alegações.

— É por isso que você não volta?

— Essa é a conclusão. Fui enganado, caí como um otário na armadilha, banquei o ingênuo. Pense o que quiser a respeito. Não sou um traidor, mas fiz a maior cagada. O que, na minha atividade, é quase tão ruim quanto trocar de lado.

— Nesse caso, somos de fato irmãos de sangue, porque fiz a mesma coisa.

— Mas talvez ambos possamos ficar de pé ao final do baile. O que você me diz?

— Digo que farei o melhor que puder.

— Mantenha a cabeça baixa, London, porque esses filhos-da-puta não hesitam em atirar.

— Ei, Cove...

— O que é?

— Desculpas aceitas.

Web foi para Dupont Circle. Pegou o carregador de reserva da pistola na mala do carro. Pôs a arma que Cove lhe dera na cintura, nas costas. Pegou um táxi para o escritório regional de Washington. Bates fora para casa há muito tempo, e Web decidiu que esperaria até a manhã seguinte para fazer o contato. O cara devia estar mesmo precisando de uma boa noite de sono, e aqueles túneis não iriam a parte alguma. Em vez de pegar outro Bucar, Web resolveu fazer uma coisa absurda. Iria buscar seu próprio carro.

O exército da imprensa não estava mais estacionado na frente da casa, mas ainda assim Web preferiu não correr qualquer risco. Entrou na casa pelos fundos, embarcou no Mach, abriu as portas da garagem e saiu com as luzes apagadas. Esperou até se afastar um pouco pela rua antes de acender os faróis. Depois, pisou no acelerador. Durante todo o tempo, olhava pelo espelho retrovisor. Nada. Ele voltou para East Winds.

34

ROMANO NÃO ESTAVA NA CASA DAS CARRUAGENS QUANDO Web voltou. Ele foi até verificar nos carros antigos lá embaixo, pensando que o parceiro podia ter entrado em um deles para admirá-lo e acabara pegando no sono. Também não o encontrou ali. Eram quase quatro horas da madrugada, e o parceiro devia ter saído para fazer uma ronda. Como atirador de tocaia, Romano fora irrequieto, com muita energia natural, apesar de todo o treinamento para fazer as coisas devagar, de forma metódica, a menos que circunstâncias drásticas determinassem o contrário. Mas quando vinha o momento de entrar em ação, quase todo mundo ficava em plano secundário em relação a Paul Romano. Como o celular de Web não funcionava mais, ele usou o telefone da casa para fazer contato com Romano. Deixou escapar um suspiro de alívio quando o parceiro atendeu.

— Como foi seu encontro? — perguntou Romano.

— Chato. Contarei tudo mais tarde. Onde você está agora?

— Como tudo estava tranquilo, resolvi dar uma olhada na propriedade. Há uma velha torre de vigia no lado oeste. Dá para ver por quilômetros ao redor, em todas as direções.

— Sei disso. Já estive lá.

— É onde estou neste momento. Senti vontade de correr um pouco.

— É uma estirada e tanto, Paulie.

— Um passeio no parque. Talvez seja melhor você vir até aqui e trazer o equipamento de visão noturna.

— O que está querendo ver?

— Vai descobrir quando chegar.

Web deixou a casa de carruagens pelos fundos. Prendeu a faixa na cabeça, e pendurou os óculos de visão noturna, que aproveitavam ao máximo toda a luz do ambiente. Ligou-o, e no mesmo instante o mundo se tornou verde etéreo e fluido. Não se podia usar o dispositivo por muito tempo, porque os óculos eram tão pesados que deixavam a pessoa com uma dor lancinante no pescoço. Seguia-se uma dor de cabeça tão intensa que até se esquecia a dor no pescoço. Web sempre mantinha um olho fechado quando usava os óculos de visão noturna, embora isso distorcesse ainda mais a percepção de profundidade; se não se fechava um olho, quando se parava de olhar pelos óculos veria apenas uma bola laranja brilhante em

cada olho. E, nesse momento, até um velho de noventa anos, numa cadeira de rodas, poderia derrubá-lo.

Um atirador de elite precisava usar os equipamentos mais diversos para realizar seu trabalho, da mais alta tecnologia à técnica mais primária, que era a camuflagem. Web gostaria de ter o seu traje Ghillie, uma mistura de aniagem e cordura, que ele cobrira pacientemente com excremento animal e outras substâncias repugnantes, para permitir que se fundisse com o ambiente da selva. Cada atirador de tocaia da ERR dava seu toque pessoal ao traje Ghillie. Web passara anos melhorando o seu, usando o recurso de profaná-lo cada vez mais. O Ghillie fora originalmente projetado pelos escoceses, há mais de quatrocentos anos, durante as incontáveis guerras de guerrilha que travavam contra todos aqueles que tentavam conquistá-los. Funcionava tão bem agora quanto no passado distante. Web ficara escondido sob o seu Ghillie no meio de uma selva, na América Central, enquanto traficantes de drogas circulavam ao redor, armados com submetralhadoras. Nunca souberam que ele estava ali, até que levantara, apontara a arma para suas costas e lhes dissera que direitos tinham.

Ele avançou e clicou os óculos de visão noturna para a posição de infravermelho, o que acendeu uma fonte de luz interna, intensificando a um ponto considerável o campo de visão. Web queria ter certeza de que o equipamento funcionava, pois as baterias dos óculos de visão noturna eram notórias por pifarem no momento em que você mais precisava. Ele não gostava de usar o infravermelho por muito tempo, pois tinha uma grande desvantagem. Para alguém que o estivesse observando quando usava os óculos de visão noturna, o ampliador de infravermelho irradiava uma luz que parecia um farol, como se a pessoa estivesse com uma lanterna no rosto. Web se tornaria assim um alvo fácil. Ele desligou o infravermelho, tirou todo o equipamento e guardou na mochila. Confiaria apenas em seus olhos dali por diante, algo que sempre fizera em todos os riscos que assumira. As vezes não se podia melhorar a natureza.

O ar era fresco e revigorante, os sons do haras e dos bosques ao redor eram muitos e variados. Web partiu num ritmo acelerado e cobriu a distância até a torre de vigia num tempo invejável. Era bom saber que ainda mantinha uma boa forma. Depois de oito anos de incessante treinamento, não se perdia tudo num curto período, raciocinou ele. Gostava do bosque no escuro; parecia tão confortável para ele quanto uma poltrona da La-Z-Boy e uma TV de tela grande para o americano médio.

Ele avistou a torre e parou. Como não tinha um celular, levantou as mãos para o rosto, formou uma espécie de cometa e emitiu um chamado, o mesmo sinal que ele e Romano costumavam usar quando estavam de tocaia. Podia ser o barulho de uma rajada de vento ou o grito de uma ave que se costumava encontrar por toda parte. Web tinha certeza de que Romano lembraria. Poucos segundos depois, ele ouviu a mensagem em resposta. Tudo limpo.

Web saiu do meio das árvores e correu para a torre. Segurou os degraus de madeira e subiu sem fazer barulho. Romano o recebeu na porta um pouco torta, no espaço de observação. Web sabia que Romano não podia ver suas novas lesões, cortesia de Toona e Big F. Era melhor assim, porque não queria perder o fôlego para explicar agora. E é claro que Romano o pressionaria para saber de tudo. Podia até ouvir suas palavras: Mas que merda! Deixou que eles fizessem isso com você?

Web observou quando Romano estendeu uma luneta de potência dez, normalmente fixada num rifle 308 usado em tocaia.

— Alguma coisa interessante? — indagou Web.

— Dê uma olhada. Naquela abertura entre as árvores, para noroeste.

Web olhou através da luneta.

— Presumo que estou olhando para Southern Belle.

— Há uma coisa muito interessante acontecendo num rancho de criação de cavalos.

Web ajustou a luneta a seu olho. A abertura entre as árvores revelava uma boa vista da propriedade vizinha.

Havia dois prédios enormes, que pareciam relativamente novos. Imensos caminhões estavam parados junto deles. Web observou homens com walkie-talkies se movimentando apressados em diversas direções. Uma porta foi aberta no lado de um prédio. Web percebeu que a atividade lá dentro exigia muita claridade. Um caminhão de reboque aproximou-se de ré da porta de levantar, igual a um armazém. Homens transferiam caixas grandes para o caminhão.

— Alguma coisa grande está acontecendo — murmurou Web. — Desmanche de carros, drogas, peças de aviões roubadas, espiões, piratas tecnológicos ou muitas outras coisas.

— Um lugar fascinante. E eu pensando que a região de criação de cavalos da Virgínia era uma chatice só, com um bando de babacas velhos sempre de porre, perseguindo pobres raposas, enquanto suas mulheres

tomam o chá da tarde. Tenho mesmo de aprender muito. — Ele olhou para Web. — O que você acha?

— Acho que a Southern Belle terá de esperar um pouco com tudo o que está acontecendo conosco agora. Mas se alguma coisa estourar, pelo menos estaremos por perto para fazer o que for preciso.

Romano sorriu, obviamente feliz com a perspectiva de entrar em ação, talvez com alguma violência.

— Agora você fala a minha língua.

35

KEVIN WESTBROOK JÁ USARA TODOS OS CADERNOS DE desenho, e agora, sentado, olhava para as paredes. Imaginava se algum dia voltaria a ver a luz do sol. Já se acostumara ao som das máquinas e da água correndo. Não mais afetava seu sono. Mas lamentava ter se acostumado àquela condição de seu cativeiro, como se fosse um presságio de que todas as condições se tornariam permanentes.

Os passos alcançaram seus ouvidos por cima dos outros sons. Ele recuou para a cama como um animal numa jaula do zoológico faz quando visitantes se aproximam.

A porta foi aberta, e quem entrou foi o mesmo homem que já o visitara antes. Kevin não sabia quem ele era, e o homem nunca se dera o trabalho de dizer seu nome.

— Como vai, Kevin?

— Estou com dor de cabeça. O homem tirou do bolso uma carteia de Tylenol.

— Em meu trabalho, preciso ter isto sempre à mão. Ele deu duas pílulas ao menino e um copo com a água da garrafa que estava em cima da mesa.

— Deve ser pela falta de sol — acrescentou Kevin. O homem sorriu.

— Vamos ver se podemos fazer alguma coisa em relação a isso em breve.

— Significa que vou poder ir embora?

— Pode significar isso. As coisas estão caminhando.

— Então não vão mais precisar de mim.

Kevin se arrependeu no instante mesmo em que falou. A declaração podia ser interpretada de duas maneiras. O homem o estudou por um momento.

— Fez um bom trabalho, Kev. Muito bom mesmo, considerando que é apenas um menino. Não esqueceremos.

— Então vou poder voltar para casa em breve?

— Para ser franco, não depende de mim.

— Não vou contar nada a ninguém.

— Nem mesmo para Francis?

— Ninguém significa ninguém.

— Ora, não importa.

Kevin ficou desconfiado no mesmo instante.

— Não vão machucar meu irmão, não é?

O homem levantou as mãos, num gesto irônico de rendição.

— Não disse isso. Na verdade, se tudo correr bem, só pessoas que precisam ser machucadas é que sairão machucadas, entende?

— Mas vocês machucaram todos os homens naquele pátio. Machucaram tanto que eles morreram.

O homem sentou na beira da mesa e cruzou os braços. Embora seus movimentos não fossem ameaçadores, Kevin recuou um pouco.

— Como eu disse, as pessoas que merecem ser machucadas são as que sairão machucadas. Nem sempre é assim, como deve saber. Muitas pessoas inocentes acabam machucadas, durante todo o tempo. Tive muitas lições a respeito, e parece que você também.

O homem ficou olhando para as marcas de ferimentos no rosto do menino. Kevin não tinha nada a dizer. O homem abriu um dos cadernos e olhou os desenhos.

— Esta é a Última Ceia? — perguntou ele.

— Isso mesmo. Jesus. Ele está no meio.

— Também estudei na escola dominical. — O homem sorriu de novo. — Conheço tudo sobre Jesus, filho.

Kevin desenhara o quadro de memória. Fizera-o por dois motivos: para passar o tempo e pelo puro consolo de ter o Filho de Deus bem perto. Talvez o Senhor recebesse a mensagem e mandasse alguns anjos da guarda para ajudar um certo Kevin Westbrook, que precisava desesperadamente de algum tipo de intervenção, divina ou não.

— É um bom desenho, Kevin. Você tem talento.

O homem olhou outro desenho e suspendeu-o.

— O que é isto?

— Meu irmão lendo para mim.

Com a pistola na mesa de cabeceira, seus homens fora do quarto, todos armados, o irmão Francis passava o braço enorme por Kevin, puxava-o ao encontro de seu peito maciço. Ficavam lendo um livro assim, pela noite afora, até que Kevin dormia. Quando ele acordava de manhã, todos os homens haviam desaparecido, assim como o irmão. Mas o lugar do livro em que parara a leitura estava marcado; era um sinal seguro de que o irmão tencionava voltar e terminar o livro. O homem se mostrou surpreso.

— Ele lia para você?

Kevin acenou com a cabeça em confirmação.

— Por que não? Ninguém lia para você quando era pequeno?

— Não. — O homem largou o caderno de desenho na mesa. — Qual é sua idade, Kevin?

— Dez anos.

— É uma boa idade, com a vida inteira pela frente. Eu gostaria de ter essa idade.

— Nunca mais vai me deixar ir embora?

A expressão do homem acabou com as esperanças de Kevin.

— Gosto de você, Kevin. Lembra-me do tempo em que eu era pequeno. Também não tive família.

— Tenho meu irmão!

— Sei disso. Mas estou falando de uma vida normal, mãe, pai, irmãos, irmãs, todos vivendo na mesma casa.

— O que é normal para algumas pessoas não é normal para todo mundo.

O homem sorriu e balançou a cabeça.

— Você tem muita sabedoria nessa cabecinha. Quando se vai ao fundo das coisas, acho que nada na vida é normal.

— Você conhece meu irmão, sabe que ele não é do tipo que se pode enganar.

— Não o conheço pessoalmente, mas nós dois fazemos negócios juntos. E tenho certeza de que ele não é alguém que se possa querer enganar. Obrigado pelo conselho. Mas o fato é que, neste momento, estamos mais ou menos trabalhando juntos.

— Aposto que ele aceitou porque você disse que estava comigo. Ele faz tudo porque não quer que alguma coisa aconteça comigo.

— Tenho certeza quanto a isso, Kevin. Mas, para sua informação, devo dizer que vamos retribuir o favor. Algumas pessoas perto de seu irmão querem prejudicar os negócios dele. E nós vamos ajudá-lo.

— Por que vão ajudar meu irmão? — indagou Kevin, desconfiado. — O que ganhariam com isso?

O homem riu.

— Se fosse um pouco mais velho, Kevin, você se tornaria meu sócio. Digamos que dessa maneira todos saem ganhando.

— Não respondeu à minha pergunta. Vão me deixar ir embora?

O homem se levantou e foi até a porta.

— Continue esperando, Kev. Boas coisas acontecem para as pessoas

que são pacientes.

36

AO VOLTAR PARA A CASA DAS CARRUAGENS, WEB LIGOU PARA a casa de Bates, acordando-o. Relatou seu violento encontro com Big F. Também falou sobre a reunião com Cove. Marcou um encontro com Bates e um punhado de agentes no pátio, na zona sudeste de Washington, uma hora depois. O sol começava a subir pelo céu. Web balançou a cabeça. Ainda nem dormira, e um novo dia de trabalho já começara. Bates lhe deu outro celular, para substituir o que fora quebrado pelo homem de Westbrook. O número era o mesmo, o que seria muito conveniente.

Web agradeceu a Bates, que não fez nenhum comentário sobre os novos ferimentos em seu rosto. Mas era evidente que Bates não estava de bom humor.

— Continue a quebrar os equipamentos do governo desse jeito e vai acabar sendo descontado do salário. E deixei mensagens em Seu velho telefone que você nunca retornou.

— Ora, Perce, às vezes só verifico as mensagens que aparecem na tela um dia depois de recebê-las.

— Nunca tive um problema.

— Mas isso me ajuda muito, não é?

Deixaram um agente para tomar conta dos carros. Naquele bairro, nada era seguro ou sagrado, muito menos a propriedade do Tio Sam. E não eram poucos os jovens empreendedores que adorariam desmontar um Bucar e ganhar um bom dinheiro vendendo as peças. Enquanto andavam, a irritação de Bates parecia aumentar.

— Você tem sorte de estar vivo, Web. — A voz era ríspida, e ele não parecia nem um pouco satisfeito por Web ter tanta sorte. — É isso o que consegue por querer agir sozinho. Não posso acreditar que foi para o encontro sem qualquer apoio. Desobedeceu às minhas ordens. Eu poderia fritá-lo por isso.

— Mas não vai fazê-lo porque estou oferecendo o que precisa. Uma pista.

Bates finalmente se acalmou. Balançou a cabeça.

— Ele estourou mesmo o cara na sua presença por ser um informante?

— Não é uma coisa em que possa haver um equívoco.

— Puxa, os colhões que o cara deve ter!

— Colhões de elefante, para se ajustarem ao resto do corpo Todos entraram no prédio e desceram para o porão. Era escuro e úmido, fedia bastante. Passar de uma mansão de pedra na região de criação de cavalos da Virgínia para uma masmorra em Anacostia fez Web ter vontade de rir. Mas, no fundo, ele tinha de admitir que era um homem mais afeito à masmorra.

— Os túneis, disse o homem...

Bates olhou ao redor. Como não havia um sistema de iluminação ali embaixo, os homens haviam trazido lanternas.

— Já verificamos tudo aqui, Web — acrescentou Bates.

— Pois então precisamos verificar de novo, porque ele parecia saber do que falava. Não havia outro meio de trazer aquelas metralhadoras para cá sem que ninguém visse. Não há plantas no Departamento de Obras Públicas para mostrar a localização dos túneis?

— Estamos em Washington, lembra? Se quiser tentar descobrir qualquer coisa numa repartição municipal, fique à vontade. As coisas de ontem já são difíceis de encontrar, ainda mais o que aconteceu há meio século.

Revistaram por toda parte, até que Web chegou a um amontoado de enormes tambores de gasolina, num canto. Havia uma fileira de dez na frente, com dez de profundidade.

— Para que isto servia?

— A fornalha funcionava com gasolina. O suprimento foi deixado aqui quando fecharam o prédio. A remoção custava muito caro.

— Alguém verificou por baixo?

Em resposta, um dos agentes adiantou-se e tentou puxar um dos tambores. Não se mexeu.

— Não há nada aqui por baixo, Web. Ninguém deixaria diversos tambores de gasolina por cima de um túnel pelo qual teria de entrar e sair.

— Será mesmo?

Web estudou o tambor que o homem tentara deslocar. Bateu com o pé. Estava mesmo cheio. Web fez força no tambor ao lado e no outro. Empurrou tambores na segunda fileira. Todos cheios.

— Está convencido agora? — indagou Bates.

— Tenha um pouco de paciência.

Enquanto Bates e os outros agentes observavam. Web subiu nos tambores e começou a pisar em um depois do outro. A cada vez, ele parava e balançava o corpo para a frente e para trás. Quando chegou ao meio dos tambores, ele quase caiu ao balançar.

— Este tambor está vazio. — Web passou para o tambor seguinte. — E este também.

Ele delimitou uma área de quatro por quatro tambores vazios.

— Todos estes estão vazios. Venham me ajudar.

Os outros agentes se apressaram em ajudar. Removeram os tambores vazios num instante. As lanternas iluminaram um alçapão no chão. Bates ficou olhando, aturdido, para depois fitar Web.

— Filho-da-puta! Como descobriu?

— Trabalhei num caso em que aconteceu algo parecido, quando estava no escritório regional de Kansas City. O cara enganou uma porrada de banqueiros, enchendo um armazém com tambores que supostamente continham óleo de aquecimento, que o cara usava como garantia para um enorme empréstimo. Os banqueiros mandaram seus inspetores verificar. Eles abriram alguns tambores e todos estavam cheios de óleo de aquecimento. Mas só verificaram os tambores da frente, porque caras de terno não gostam de subir em tambores sujos. Ao final, descobriu-se que noventa por cento dos tambores estavam vazios. Sei disso porque verifiquei cada um, quando fomos chamados, depois que o cara fugiu da cidade.

Bates estava mortificado.

— Fico lhe devendo essa, Web.

— E pode ter certeza de que vou cobrar.

Com as armas em punho, eles abriram a porta e desceram para o túnel. Seguia em linha reta por alguma distância, para depois virar num ângulo reto. Web projetou a lanterna no chão.

— Alguém passou por aqui há pouco tempo. Olhem só as pegadas.

O túnel terminava numa escada. Subiram sem fazer barulho, cada homem alerta, pronto para atirar. Abriram devagar a porta destrancada e se descobriram em outro prédio, muito parecido com aquele que haviam acabado de deixar. A área ficava numa propriedade abandonada. Subiram com o maior cuidado. A sala lá em cima era enorme e vazia. Tornaram a descer, saíram do prédio e olharam ao redor.

— Calculo que seguimos para oeste, por cerca de dois quarteirões — comentou um dos agentes.

Web concordou com a avaliação. Todos examinaram o prédio em que o túnel desembocara. Um letreiro desbotado na parede identificava-o como tendo sido outrora o depósito de uma empresa de distribuição de alimentos. Tinha até uma plataforma de carga onde caminhões podiam desembarcar

bananas. Ou metralhadoras. Junto da plataforma, havia dois caminhões abandonados, sem os pneus e as portas.

— No meio da noite, você para um caminhão entre aqueles dois, descarrega os caixotes, leva para o túnel, e pronto. — Web correu os olhos ao redor. — E não há residências por aqui, ninguém para ver qualquer coisa. Provavelmente foi por isso que escolheram o local.

— Mas continuamos a ter Big F como culpado de homicídio Com seu depoimento, ele passará o resto da vida na prisão.

— Precisa encontrá-lo primeiro... e pelo que vi, ele é muito bom no que faz.

— Precisamos pôr você sob custódia protetora.

— Não, não precisam. Também sou bom nisso.

— O que está querendo dizer? Esse cara tem todos os motivos para matar você.

— Se ele quisesse me matar, teria me apagado na noite passada. Apenas fiquei um pouco indefeso na ocasião. Mas tenho um trabalho a realizar... proteger Billy e Gwen Canfield... e vou terminá-lo.

— É isso que não entendo. Ele assassina um cara bem na sua frente e deixa você ir embora.

— Para que eu pudesse transmitir a mensagem sobre os túneis.

— Ele nunca ouviu falar em telefone? Não estou brincando, Web. Quero você sob custódia protetora.

— Disse que me devia uma. Estou cobrando agora.

— O que pode ser mais importante do que permanecer vivo?

— Não sei, Perce. Em meu trabalho, nunca pensei muito a respeito. E não vou começar agora.

— Sou seu superior. Posso obrigá-lo.

— É verdade, acho que pode — murmurou Web, fitando-o com a maior calma.

— Droga! Você causa mais problemas do que vale, London.

— Pensei que já tivesse descoberto isso há muito tempo.

Bates correu os olhos pela plataforma de carga.

— O problema é que não há nada ligando os Frees a este armazém, ou às armas. Sem alguma coisa em que nos basearmos, não podemos atingi-los. Neste momento, eles são como anjinhos, sem nos dar qualquer pretexto para lhes fazer uma visita.

— Não se descobriu nada sobre as mortes em Richmond para ligá-las

aos Frees? Há muitas pistas para investigar.

— Pelo ângulo do tiro que matou o juiz Leadbetter, determinamos que foi disparado de um prédio em construção no outro lado da rua. Há centenas de pessoas ali, os operários entram e saem a todo momento.

— E o telefonema que ele recebeu?

— De um telefone público na zona sul de Richmond. Sem qualquer pista.

— Mas o juiz estava no centro. Portanto, há pelo menos duas pessoas envolvidas. Mantinham um canal de comunicação, pois só assim a ligação seria feita no momento apropriado.

— É isso mesmo. Nunca pensei que estivéssemos lidando com dadores neste caso.

— E o que me diz de Watkins e Wingo?

— Todas as pessoas no escritório de Wingo foram investigadas.

— E o pessoal da faxina? Uma delas podia ter passado a atropina no telefone.

— Também investigamos. São pessoas que entram e saem com frequência. Mas também não encontramos qualquer pista.

— Watkins?

— Vazamento de gás. Era uma casa antiga.

— Ele recebeu uma ligação no momento em que entrava em casa. Outra vez o momento calculado em fração de segundo. E foi por acaso que ele tinha um solenoide no celular, que criaria a faísca necessária para despachá-lo até o paraíso?

— Sei de tudo isso, Web. Mas esses homens também tinham muitas outras pessoas com motivos para matá-los. Um ou dois assassinatos podem ser relacionados, mas talvez isso não aconteça com todos. Pelo menos até agora, tudo o que temos para ligá-los são os telefones e o caso de Ernest Free.

— Estão relacionados, Perce. Acredite em mim.

— Pode ser. Mas temos de convencer um júri, e isso é quase impossível hoje em dia.

— Alguma coisa sobre a bomba em East Winds?

— Um artefato C4, muito sofisticado. Verificamos os antecedentes de todas as pessoas que trabalham ali. A maioria dos peões veio com Strait, quando foi fechado o haras em que trabalhavam antes. Todos estão praticamente limpos. Uns poucos delitos sem qualquer importância, a maior

parte por embriaguez e perturbação da ordem. Em suma, as coisas que se pode esperar de um bando de peões.

— E Nemo Strait?

— Foi como ele disse. Foi criado num pequeno rancho que o pai administrava. Foi assim que aprendeu o ofício. Lutou no Vietnã e foi um soldado excepcional. Muitas condecorações, muitos combates violentos. Passou três meses como prisioneiro de guerra.

— Um homem duro e resistente para sobreviver a isso. Os vietcongues não eram conhecidos por sua hospitalidade.

— Ele teve vários empregos quando voltou para os Estados Unidos, guarda de penitenciária, vendedor de computador. Ao longo do caminho, casou, teve filhos, recomeçou a trabalhar com cavalos e se divorciou. Foi para os Canfield mais ou menos na ocasião em que compraram a propriedade.

— O que me diz do velho Ernest B. Free?

— Ninguém o viu... o que me deixa espantado, para ser franco. Em geral, recebemos milhares de telefonemas, mas com apenas uma ou outra pista válida. Só que desta vez não há nada.

Web, muito frustrado, tornou a olhar ao redor. Os olhos passaram direto pelo objeto, mas logo voltaram, para não se desviarem mais.

— Essa não!

— O que foi, Web? — perguntou Bates.

Web apontou.

— Acho que talvez tenhamos uma espécie de testemunha ocular.

Bates olhou para o sinal de trânsito na esquina, em diagonal para a plataforma de carga. Como outros semáforos na área, havia em cima uma câmera de vigilância. E como as outras câmeras que Web vira em sua última excursão pela área, aquela fora apontada em outra direção, possivelmente por alguém com as piores intenções... e a direção errada era a plataforma de carga.

— Essa não! — repetiu Bates. — Está pensando a mesma coisa que eu?

— Claro. Parece um daqueles modelos antigos no sistema de vídeo que funciona 24 horas por dia. Os mais novos só são ativados pela velocidade de um carro e apenas tiram uma foto da placa traseira.

— Vamos torcer para que o pessoal da polícia não tenha gravado nada por cima.

Bates chamou um homem, para cuidar disso imediatamente. Web disse:

— Tenho de voltar para o haras. Romano deve estar começando a se sentir solitário.

— Não gosto nada disso, Web. E se você morrer antes da prisão e do julgamento?

— Ainda tem Cove. Ele também viu.

— E se ele também morrer? O que é bem provável que aconteça, com todos os riscos a que ele vem se expondo.

— Tem caneta e papel?

Web escreveu um relato completo do assassinato de Toona. O verdadeiro nome de Toona era Charles Towson, Web descobriu, informado por Bates. Ninguém sabia de onde viera o apelido. Mas todo mundo que trabalhava nas ruas, ao que parecia, tinha um apelido. Quem tirasse o corpo de Toona do rio, se é que algum dia isso aconteceria, perderia tudo o que tivesse no estômago. Web identificou o assassino, com certeza absoluta, como Francis "Big F' Westbrook. Assinou o depoimento com um floreio. Dois outros agentes serviram como testemunhas de sua assinatura.

— Está querendo me gozar? — disse Bates. — Um advogado de defesa rasgaria esse depoimento com a maior facilidade!

— É o melhor que posso fazer no momento.

E Web afastou-se.

37

QUANDO VOLTOU A EAST WINDS, WEB FOI FALAR COM Romano e depois seguiu para a casa de carruagens, a fim de entrar numa banheira com água quente. Um cochilo durante o banho, calculou, e estaria tão bom quanto novo. Ao longo dos anos, já aguentara várias vezes com muito menos sono.

Romano viu os novos machucados de Web, e seu comentário foi o previsível: — Permitiu que alguém o enchesse de porrada de novo? Está deixando a ERR com uma péssima reputação, Web.

Ao que Web respondeu que na próxima vez cuidaria para que batessem em lugares que não se podiam ver.

Durante os dias subsequentes, a rotina dos dois foi apenas isso: rotina. Gwen e Billy ficaram impressionados quando viram os ferimentos do encontro com Big F.

— Santo Deus! — exclamou Gwen. — Você está bem?

— Parece que o velho Boo deu um coice na sua cara — comentou Billy enquanto sugava um cigarro apagado.

— Para ser franco, eu teria preferido que fosse Boo — respondeu Web.

Gwen insistiu em pôr um curativo nos cortes de Web. Seus dedos eram delicados no contato com a pele. Enquanto ela cuidava de Web, Billy fez outro comentário: — Imagino que nunca haja um momento de tédio na vida dos agentes federais.

— Acho que não — respondeu Web.

Ele e Romano passaram a conhecer melhor os Canfield. Compreenderam como dava trabalho administrar um haras. Como prometido, os dois contribuíam para o trabalho, embora Romano reclamasse todas as noites para Web. East Winds era vasta e maravilhosa, e Web começou a sentir que talvez devesse experimentar outra coisa para viver. Mas previa que esses sentimentos desapareceriam assim que deixasse East Winds em caráter permanente. Gwen Canfield era uma mulher interessante, fascinante sob muitos aspectos, tão inteligente e reservada quanto bela e bem-educada. Ela e Billy eram como o proverbial fogo e gelo.

Web cavalgava com ela todos os dias, não apenas para protegê-la, mas também para sentir a terra melhor. E tinha de admitir que havia maneiras muito piores de passar o tempo do que cavalgar por uma linda propriedade

em companhia de uma linda mulher. Ela parava e rezava na capela todos os dias. Web ficava sentado em Boo, observando-a. Ela nunca o convidava para entrar na capela, e ele nunca sugeria que deveria fazê-lo. O fato de que David Canfield morrera em seu turno era razão suficiente para se manter a distância da mulher.

Todas as noites, os agentes do FBI iam para a casa-grande e passavam algum tempo com o casal. Billy tivera uma vida fascinante e adorava contar suas histórias. Cada vez que Nemo Strait também comparecia, Web descobria que tinha mais em comum com o ex-fuzileiro do que imaginara. Strait já fizera muitas coisas na vida, de soldado a domador de potros selvagens.

— Vivo pelo cérebro e pelos músculos, embora tenha a impressão de que cada vez conto com menos das duas coisas, à medida que o tempo passa.

— Estamos na mesma situação — comentou Web. — Você se imagina cuidando de cavalos até não aguentar mais?

— Não posso deixar de reconhecer que penso muito no dia em que terei de me afastar do estrume e dos animais ariscos. — Ele lançou um olhar para os Canfield, sorriu e acrescentou: — Estou falando das variedades de duas e quatro pernas.

Em tom normal, ele disse: — Mas, como eu disse, entra no sangue. Há dias em que me vejo cuidando de meu próprio rancho.

— Um belo sonho — disse Romano. — Pois há dias em que eu gostaria de ter minha própria equipe de stock car.

Web olhou surpreso para o parceiro.

— Eu não sabia disso, Paulie.

— Um cara precisa ter alguns segredos.

— Você tem esse direito — disse Strait. — Minha ex me disse numa ocasião que nunca sabia o que eu estava pensando. Sabem o que eu respondi? Que essa era a diferença entre homens e mulheres. As mulheres dizem exatamente o que pensam de você. Os homens guardam segredo.

Ele olhou para Billy Canfield, que estava no outro lado da sala enorme, examinando seu urso pardo empalhado e tomando a terceira cerveja na última meia hora. Gwen subira para cuidar do jantar.

— Embora às vezes o inverso seja verdadeiro — acrescentou Strait.

Web olhou para Canfield e de novo para Strait.

— É isso mesmo?

Estava se tornando cada vez mais evidente que Gwen e Billy passavam muito tempo apartados. Web nunca interrogara Gwen expressamente sobre isso, mas os comentários ocasionais dela davam a impressão de que a opção era mais do marido. Talvez o jogo da culpa por causa de David, pensou Web.

E apesar do que Gwen sugerira antes, era também evidente que Nemo Strait era uma parte importante da operação de East Winds. Em diversas ocasiões, Web vira Billy pedir a resposta definitiva de Strait em questões relacionadas aos cavalos ou à administração do haras.

— Faço isso desde que era bebê — explicara Strait para Web um dia. — Não há muita coisa que eu não tenha visto em matéria de cavalos e de sua criação. Mas Billy está aprendendo depressa.

— E Gwen?

— Ela sabe mais do que Billy, mas é um pouco obstinada em algumas coisas. Venho tentando pôr uma ferradura macia em Baron porque o animal tem os cascos frágeis. Mas Gwen não quer saber. "Conheço o meu cavalo", diz ela. É bastante obstinada. O que foi provavelmente um dos motivos pelos quais Billy casou com ela.

— Apenas um dos motivos... — murmurou Web.

Strait suspirou.

— Tem razão. Ela é mesmo um espetáculo. Mas quer saber de uma coisa? Uma mulher assim torna miserável a vida de um homem. E sabe por quê? Porque há sempre outros homens tentando conquistá-la. Minha ex não ganharia nenhum concurso de beleza mesmo no auge da sua forma, mas eu também não ficava preocupado de ter outro galo ciscando no meu terreiro.

— Billy não parece preocupado com isso.

— O cara é às vezes difícil de entender. Mas pensa muito, com certeza. Não é pouco o que passa por aquela velha cabeça.

— Concordo plenamente — respondeu Web. Web mantinha contato com Bates todos os dias, mas nada fora encontrado ainda na fita da câmera de vigilância.

Certa manhã, bem cedo, Web acabara de sair do chuveiro quando seu telefone tocou. Ele o pegou, em cima da tampa fechada do vaso sanitário. Era Claire Daniels.

— Tem pensado a respeito da minha sugestão de hipnose?

— Estou no meio de uma missão, Claire.

— Se quer mesmo fazer algum progresso, Web, sinto que a hipnose é a

chave.

— Ninguém vai entrar na minha cabeça.

Ela, porém, insistiu: — Podemos começar, e se você se sentir constrangido por qualquer motivo, paramos no mesmo instante. É justo?

— Estou ocupado, Claire. Não posso tratar desse assunto agora.

— Você me procurou em busca de ajuda, Web. Estou fazendo o melhor que posso para ajudá-lo, mas preciso de sua cooperação. Confie em mim. Você já enfrentou algo muito pior do que qualquer coisa que a hipnose possa despertar.

— Pode ser, mas não há a menor possibilidade agora. Sinto muito.

Claire hesitou por um instante.

— Fui procurada por alguém, Web, e talvez você queira saber.

Ele não disse nada.

— Buck Winters. O nome lembra alguma coisa?

— O que ele queria?

— Você assinou uma autorização que permitia a ele me interrogar sobre seu tratamento. Lembra de ter feito isso?

— Acho que sim. Assinei uma porção de documentos nessa ocasião.

— Posso imaginar. E eles trataram de aproveitar.

— O que Buck queria, e o que você disse?

— Houve uma enorme diferença entre as duas coisas. Ele tentou me apresentar uma argumentação convincente para que eu contasse tudo, mas a autorização me proporcionava margem suficiente para me esquivar e ganhar tempo. É bem provável que ele volte a me pressionar mais tarde, mas essa é a situação agora.

Web pensou a respeito por alguns segundos.

— Arriscou seu pescoço por mim, Claire. Agradeço o empenho.

— É uma das razões pelas quais telefonei. Winters parecia decidido a culpá-lo pelo que aconteceu. Até usou a palavra "traidor".

— Não chega a ser uma grande surpresa. Buck e eu não nos damos bem desde Waco.

— Mas se pudermos chegar à raiz de seus problemas, Web, e mostrar para ele e para todo mundo que você não é um traidor, não vejo como isso poderia ser prejudicial.

Web suspirou. Não queria ceder, mas também não queria que as pessoas tivessem dúvidas a seu respeito para sempre. E não queria também ter dúvidas sobre sua capacidade de realizar o trabalho na ERR.

— Acha mesmo que a hipnose pode ajudar?

— Não podemos saber, Web, até tentarmos. Mas tive muito sucesso com a hipnose em outros pacientes.

Ele finalmente disse: — Está certo, talvez possamos conversar mais um pouco a respeito. Pessoalmente.

— Aqui no meu consultório?

— Estou numa missão.

— Posso encontrá-lo onde está?

Web pensou um pouco. Queria mesmo aquilo? O mais certo seria dizer a Claire Daniels para desistir e continuar com sua vida. O problema era que ele nunca recebera a ajuda de que agora começava a pensar que precisava de fato. Em algum momento teria de pagar a conta. E passara a compreender que Claire queria realmente ajudá-lo.

— Mandarei alguém buscá-la.

— Quem?

— O nome dele é Romano... Paul Romano. Um homem da ERR. Não lhe diga nada, porque às vezes ele fala demais.

— Está bem. Onde você está?

— Verá quando chegar, doutora.

— Estarei livre dentro de uma hora. Precisa de mais tempo?

— É tempo suficiente.

Web se enxugou, vestiu-se, procurou Romano, e explicou o que queria que ele fizesse.

— Quem é essa mulher? — indagou Romano desconfiado. — É sua psico?

— Eles gostam de ser chamados de psiquiatras.

— Não sou seu motorista, Web. E estou numa missão.

— Por favor, Paulie. Preciso falar com Billy e Gwen. E você vem suportando toda a carga aqui. Deixe-me assumir um pouco. Se partir agora, ela já estará pronta à sua espera quando chegar lá.

— E se acontecer alguma coisa durante a minha ausência?

— Cuidarei de tudo.

— E se você for apagado?

— O que é isso? Começou a se preocupar comigo de repente?

— Não. Mas não quero entrar pelo cano. Tenho uma família para cuidar.

— Está querendo dizer que Angie o mataria.

— Exatamente.

— Se fizer isso, juro que ficarei grudado nas almas dos Canfield até sua volta.

Romano não pareceu muito satisfeito, mas acabou concordando. Web lhe deu o nome e endereço de Claire.

— Mas quero que saiba, Web, que só vou porque assim poderei pegar meu carango.

— Está falando do Corvette?

— Isso mesmo, o Corvette. Aposto que Billy vai gostar de vê-lo, pois nós dois somos aficionados por carros antigos.

— Vá logo, Paulie, antes que eu vomite.

Romano informara que os Canfield estavam na casa principal. Web foi até lá e bateu na porta. Uma mulher mais velha, vestida de jeans e camisa de malha, com um lenço na cabeça, abriu a porta e levou-o para a pequena copa ensolarada onde Gwen e Billy comiam. Gwen se levantou para recebê-lo.

— Gostaria de tomar um café ou comer alguma coisa?

Web aceitou café, ovos e torradas.

— Romano e eu patrulhávamos a propriedade uma noite quando vimos uma atividade interessante no vizinho.

Gwen e Billy trocaram olhares. Billy disse: — Na Southern Belle? Isso é muito interessante.

— Quer dizer que você também viu algumas coisas?

— Você não tem provas, Billy — interveio Gwen.

— Provas do quê? — perguntou Web.

— Talvez eu não tenha qualquer prova, mas tenho o meu bom senso, e o que está acontecendo por lá faz tanto sentido quanto eu administrar o haras como se fosse um convento.

— O que você viu?

— Conte primeiro o que vocês viram.

Web fez um relato. Billy reconheceu que combinava com o que ele observara.

— Estranhei os caminhões escolhidos — acrescentou ele. — Passei vinte anos no negócio de transporte rodoviário e sei que só se usa aquele tipo de caminhão para transportar cargas importantes por longas distâncias.

— Alguns dos outros vizinhos também se queixaram? — perguntou Web.

Billy balançou a cabeça.

— Sou o vizinho mais próximo. Os donos da outra propriedade passam o tempo em sua casa em Nápoles, ou na outra casa em Nantuckett. Compraram a fazenda só para poderem passear a cavalo quando estão com vontade. Pode imaginar uma coisa assim, gastar oito milhões de dólares com novecentos acres só para poder passear a cavalo duas vezes por ano? E quer saber mais uma coisa? O cara nunca tinha ouvido falar de um estábulo!

Billy balançou a cabeça, antes de continuar: — E os caminhões só trafegam por aqui à noite. Não é nada fácil guiar aquelas jamantas no escuro, por estas estradas estreitas e sinuosas. Não temos postes por aqui. E tem mais uma coisa.

Web se empertigou.

— O que é?

— Lembra que eu disse que a fazenda foi comprada por uma empresa?

— Claro.

— Há pouco tempo, depois de tanta chateação com os helicópteros e aviões, fui ao cartório para investigar. A empresa... de responsabilidade limitada, diga-se de passagem... pertence a dois caras da Califórnia, Harvey e Giles Ransome. Devem ser irmãos... ou talvez sejam casados, nunca se sabe, sendo da Califórnia...

Billy balançou a cabeça em repulsa.

— Sabe alguma coisa sobre eles?

— Não. Mas você é investigador. Achei que poderia descobrir, se quisesse.

— Vou tentar.

— Convidei-os para jantar uma vez, depois que descobri seus nomes. Fui até lá para convidar.

— O que aconteceu?

— Uns homens me agradeceram, muito gentis, mas disseram que eles não estavam. E acrescentaram que transmitiriam o convite... tão certo quanto sou chinês!

Gwen se serviu de mais café. Vestia jeans, um pulôver castanho-claro e botas de cano alto. Antes de voltar a sentar, prendeu os cabelos no alto da cabeça, revelando um pescoço esguio. Por alguns momentos, Web descobriu que não podia desviar os olhos dela. Gwen tornou a sentar e olhou ansiosa de um para outro, antes de se fixar em Web.

— O que você acha que pode ser, Web?

— Tenho minhas suspeitas, mas não passam de suspeitas.

Billy o fitou atentamente, enquanto comia o último pedaço de torrada e depois limpava a boca com o guardanapo.

— Está pensando que talvez sejam mafiosos transportando mercadorias roubadas ou alguma outra coisa. E pode ter certeza de que essas merdas acontecem no transporte rodoviário. Se eu recebesse um dólar para cada italiano que me procurou oferecendo uma mala cheia de dinheiro em troca do transporte de suas coisas em meus caminhões, não precisaria estar trabalhando hoje neste haras.

— É demais! — Gwen bateu na mesa com a mão esquerda. — deixamos Richmond para escapar dos supremacistas brancos assassinos e encontramos um bando de criminosos ao nosso lado!

Ela se levantou, foi até a pia e olhou pela janela.

— Não faz a menor diferença em nossas vidas quem é nosso vizinho, Gwen, certo? — protestou Billy. — Eles fazem o que quiserem e nós também. Se é alguma atividade ilegal, não é nosso problema, porque Web vai acabar com eles, certo? E temos um haras, criamos cavalos, como você queria, certo?

Ela se virou para fitá-lo, ansiosa.

— Mas não era o que você queria? Billy sorriu.

— Claro que era. Até gosto do estrume nas baias. — Ele olhou para Web por um momento. — Remover o estrume é terapêutico.

Para Web, o homem não parecia do tipo que podia dizer isso a sério. Billy desviou os olhos enquanto acrescentava: — Olhe só quem chegou.

Web olhou para a porta e viu Nemo Strait parado ali, o chapéu nas mãos. Fitava Billy, e sua expressão não era das mais gentis, na avaliação de Web.

— Tudo pronto para a partida? — perguntou Billy.

— Tudo. Só vim avisá-lo, antes de pegarmos a estrada.

Todos saíram e foram para a estrada. Havia ali uma caravana de dez trailers de transporte de cavalos, todos com o logotipo de East Winds.

— A maioria dos trailers é nova — comentou Billy. — Custaram uma fortuna, porque tivemos de mandar fazer alguns de acordo com nossas especificações, mas acho que você tem de exibir a melhor aparência possível. Pelo menos é isso que as pessoas sempre me dizem. Não é mesmo, Nemo?

— Você é quem sabe, Billy.

Billy apontou para os trailers.

— Aqueles três foram fabricados sob encomenda, para o transporte de três cavalos ao mesmo tempo. — Ele continuou a apontar. — Temos também dois Sundowner Pro Stock MPs, um Townsmand de três metros, levando o potro Bobby Lee sozinho, dois Sunlite 760s e aquele enorme ali.

Ele indicou o último trailer, de formas suaves, que mais parecia um ônibus para pessoas do que um caminhão para cavalos.

— Aquele transporte é a pequena joia da nossa frota, embora não seja tão pequeno assim. É um Classic Coach Silverado. Tem alojamento para os homens na frente, espaço para os arreios e outros equipamentos no meio, e mais baias para dois cavalos no fundo. É um espetáculo, completamente independente.

— Para onde estão indo? — perguntou Web.

— Kentucky — respondeu Gwen. — Haverá um grande leilão de potros de um ano ali. E esses são os nossos melhores animais, num total de 19.

Ela parecia um pouco triste, pensou Web. Talvez porque fosse para ela como mais filhos indo embora.

— É isso o que separa os homens dos meninos — disse Billy. — Se o leilão correr bem, teremos um bom ano. Também costumo ir, mas este ano o FBI persuadiu-me a ficar.

Ele lançou um olhar rápido para Web, antes de acrescentar: — Assim, se as vendas não forem como deveriam ser, acho que vocês poderiam compensar a diferença.

— Não é a minha área — murmurou Web.

Billy sacudiu a cabeça.

— Sei que não é. Os desgraçados dos compradores separam os cavalos e oferecem lances abaixo do valor real. Se não tomarmos cuidado, estaremos vendendo lápis nas calçadas. Esses potros estão entre os melhores que já saíram daqui. Mas os caras vão regatear, encontrar todos os defeitos possíveis, por menores que sejam, e comprar pelo mínimo possível. E podem estar comprando o próximo grande campeão, como Secretariai. Mas isso não vai acontecer comigo. Já passei por isso antes. Traga os potros de volta, Strait, se não alcançarem os preços mínimos que indiquei. Eles que se danem.

Nemo balançou com a cabeça em concordância.

— Está certo.

Web observou quando Gwen foi até um dos trailers menores e deu uma olhada no interior.

— Aquele é Bobby Lee — informou Billy, apontando para o cavalo dentro do trailer que Gwen observava. — Se tudo correr bem, esse cavalo nos dará um bom dinheiro. É um animal especial e por isso não precisa partilhar a viagem com outro. Eu bem que gostaria de ter esse privilégio. Meu problema é que tenho sempre gente demais ao meu redor.

Web se perguntou a quem ele estaria se referindo, se a alguém em particular.

— É preciso rios de dinheiro para criar e manter puros-sangues de corridas. É por isso que quase todos os haras bem-sucedidos são controlados por empresas ou grupos de criadores. Eles possuem grandes reservas de capital para poderem aguentar os anos ruins. Não podemos competir com isso. East Winds é apenas um pequeno haras e não queremos ser outra coisa. E pode ter certeza de que mesmo isso já é muito difícil. Não é verdade, Gwen? Ela não disse nada. Afastou-se quando Web se adiantou para ver Bobby Lee dentro do Townsmand, o trailer de três metros. As janelas traseiras estavam abertas, e ele ficou admirando o cavalo. Strait veio se postar ao seu lado.

— Detesto ver a partida de Bobby Lee. É um bom cavalo. Já tem mais de um metro e meio de altura, uma linda pelagem castanha, sempre lustrosa, uma musculatura impressionante... olhe só para o peito!... e ainda está crescendo.

— É mesmo um bonito cavalo. — Web olhou para as caixas presas nas paredes internas do trailer. — Para que servem aquelas caixas? Strait abriu o trailer e entrou, afastando Bobby Lee para o lado. Abriu uma das caixas.

— Os cavalos são piores do que as mulheres quando viajam. Ele sorriu e deu um passo para o lado. Dentro da caixa, Web viu cabrestos, cabeçadas e mantas entre os muitos equipamentos de que um cavalo podia precisar. Strait passou a mão pela borracha macia que revestia a parte externa da caixa.

— Acolchoamos os lados para que o cavalo não se machuque num esbarrão.

— Não há muita margem para erros — comentou Web enquanto Strait fechava a caixa.

— Há uma porção de pequenos detalhes que podem não ser óbvios para as pessoas que não lidam com cavalos. Por exemplo, se você viaja com um único cavalo num trailer para dois, tem de manter o animal no lado do motorista, para evitar que o peso extra puxe o veículo para o lado da

estrada. Estes trailers são muito versáteis. As divisórias são removíveis, e você pode configurar o espaço como quiser. Para manter uma égua atrás e o potro na frente, por exemplo. Ele bateu na parede.

— Aço galvanizado especial, que dura mais do que as pessoas.

— Ele apontou para o espaço aberto na frente do cavalo. — E ali fica o cocho de ração e água. E ali... — ele apontou para a porta no lado — ... está a saída de emergência, se você quer tirar o cavalo rapidamente, sem levar um coice no processo.

— E onde está a TV? Strait riu.

— Nem me fale. Eu gostaria de ter viajado pelo menos a metade tão bem quanto esses animais. Mas agora, com o Silverado ali, poderemos viajar em grande estilo. Tem até banheiro e cozinha. Não precisaremos mais do banheiro portátil Porta Pottis e sanduíches na beira da estrada. Billy realmente exagerou com aquele trailer, e todos nós estamos agradecidos. Web olhou para o teto do trailer. A cabeça de Bobby Lee estava bem próxima. Strait sorriu.

— Bobby Lee é bem grande para um potro de um ano, e não podemos fazer o teto mais alto.

— Por que não? — Se você der bastante espaço, os cavalos vão aproveitar. Vi um cavalo que não gostava de andar de trailer dar um salto mortal para trás e cair na estrada, onde foi atropelado por um caminhão, acredita? É por isso que os cavalos ficam na frente do trailer, pois do contrário tentariam saltar. E temos uma porta lateral e uma rampa em todos os trailers para o caso de uma emergência. Assim, podemos tirar o cavalo de frente. É mais rápido e mais seguro. Se você tenta tirar um cavalo assustado de ré, numa estrada, pode ficar sem a cabeça, se ele decidir dar alguns coices. Dá pra entender?

— Dá.

— Como já deve ter percebido, são máquinas complicadas. Mais ou menos como minha ex-esposa.

Strait riu de novo. Web abanou o ar diante do nariz.

— Esses trailers têm um cheiro forte.

— Espere só até passar algumas horas com o cavalo aí dentro para saber o que é fedor pra valer — disse Strait, enquanto afagava o pescoço de Bobby Lee, saía e trancava a porta. — Os cachorros adoram o cheiro de estrume de cavalo, mas o mesmo não acontece com as pessoas. Creio que por isso somos chamados de civilizados. E é por isso que trocamos o chão

de alumínio pelo de madeira, que proporciona uma drenagem melhor, e também o motivo pelo qual espalhamos serragem no chão. Você varre e fica limpo, sem o estrume e o resto. Muito melhor do que palha.

Os dois deixaram Bobby Lee e foram para junto de Billy.

— Está levando todos os documentos dos trailers e dos cavalos para a inspeção estadual? — perguntou Billy.

— Claro. — Strait olhou para Web. — Se você cruza a linha do estado com alguns animais, a polícia pode detê-lo e não deixará que prossiga por mais um metro sequer se não estiver com todos os documentos em ordem, inclusive os certificados do veterinário. Eles se preocupam com a disseminação das doenças equina — E quem pode culpá-los por isso? — indagou Gwen, aproximando-se.

— Tem toda a razão. — Strait inclinou o chapéu. — Bom, está na hora de ganhar alguns dólares para East Winds.

Strait embarcou em um dos caminhões. Web e os Canfield ficaram observando a caravana descer pela estrada principal e deixar East Winds. Web olhou para Gwen, que parecia angustiada. Billy já começara a voltar para a casa.

— Você está bem? — perguntou Web.

— Tão bem quanto sempre estarei, Web.

Ela cruzou os braços e afastou-se para longe de casa. Web ficou parado ali, observando marido e mulher seguirem por caminhos separados.

38

ROMANO PEGOU CLAIRE E SEGUIU PARA EAST WINDS. TEVE o cuidado de verificar se alguém os seguia. Claire olhou para a mão do homem e perguntou: — Quando se formou em Colúmbia?

Romano a fitou, surpreso, e viu que ela olhava para o anel em seu dedo.

— Boa capacidade de observação. Formei-me há mais tempo do que gostaria de admitir.

— Também estudei lá. É a melhor coisa do mundo cursar uma universidade em Nova York.

— Não há nada igual — concordou Romano.

— Qual foi seu curso básico?

— Quem se importa? Mal consegui entrar, e mal consegui me formar.

— Na verdade, Paul Amadeo Romano Júnior, você entrou em Colúmbia aos 17 anos e formou-se três anos depois, como o primeiro de sua turma em ciência política. Sua tese de formatura tinha o título de "Filosofias Políticas Derivativas em Platão, Hobbes, John Stuart Mill e Francis Bacon". E foi aceito na Escola de Governo Kennedy, em Harvard, mas não se matriculou.

O olhar de Romano foi frio.

— Não gosto quando as pessoas me investigam.

— Parte do trabalho de terapeuta é não apenas compreender o paciente, mas também conhecer as pessoas significativas em sua vida. Web deve confiar muito em você e tê-lo em alta conta para pedir que viesse me buscar. Por isso, dei alguns cliques no mouse, à procura de informações sobre você. Nada secreto, é claro.

Mas Romano manteve uma expressão desconfiada.

— Não são muitas as pessoas que recusam um convite para estudar em Harvard.

— Ninguém jamais me acusou de ser como a maioria das pessoas.

— Teria uma bolsa de estudo. Portanto, não foi pelo dinheiro.

— Não fui porque já estava cansado de estudar.

— E entrou no exército.

— Muitas pessoas fazem isso.

— Pessoas que saíram do curso secundário, mas não as que figuram entre os melhores alunos de Colúmbia, com uma passagem gratuita para Harvard.

— Sou de uma família italiana grande e temos nossas prioridades. Tradições. — Uma pausa. — As vezes as pessoas assumem as tradições um pouco tarde, é só isso.

— Então você é o filho mais velho?

Romano lhe lançou outro olhar desconfiado.

— Outro clique no mouse? É por isso que detesto computadores.

— Não foi pelo computador. Você é Júnior, o que costuma acompanhar o nome do filho mais velho. E seu pai já morreu e não tinha um diploma de curso superior?

Romano quase parou o carro.

— Está me deixando nervoso. É melhor parar com isso.

— Não sou mágica, Sr. Romano, mas apenas uma humilde psiquiatra. Mencionou uma família italiana grande, tradições e prioridades. Mas não mencionou expectativas. Os filhos mais velhos nessas famílias costumam enfrentar expectativas a que devem corresponder. O senhor disse que as pessoas às vezes assumem as tradições um pouco tarde. Por isso pensei que o senhor foi para Colúmbia contra o desejo de seu pai. Quando ele morreu, o senhor abandonou o mundo acadêmico para se dedicar à ocupação que seu pai queria. Apesar disso, ainda usa o anel de Colúmbia. Provavelmente é a sua maneira de demonstrar que não capitulou por completo aos planos de seu pai para o senhor. É apenas observação e dedução, Sr. Romano, os mesmos instrumentos que os agentes policiais usam todos os dias.

— O que não faz com que seja mais fácil de suportar.

Claire o estudou por um momento.

— Sabia que fala às vezes como um homem sem muita educação?

— Está apertando todos os meus botões do modo errado.

— Desculpe. Acontece apenas que é um homem muito interessante. Aliás, Web também é muito interessante. Suponho que vem com a profissão. O que fazem para ganhar a vida os transforma em pessoas muito especiais.

— Não tente me adular para sair dessa, doutora.

— Acho que a curiosidade inata por meus semelhantes deriva do que faço para ganhar a vida. Não tive a intenção de ofendê-lo.

Eles viajaram em silêncio por algum tempo.

— Meu velho queria apenas uma coisa na vida — disse Romano. — Queria ser um dos melhores de Nova York.

— Da polícia?

Romano confirmou com um aceno de cabeça.

— Só que nunca terminou a escola secundária e tinha um coração problemático. Passou a vida nas docas, carregando caixas com peixes e detestando cada segundo. Mas queria aquele uniforme mais do que qualquer outra coisa.

— E porque não podia tê-lo, queria que o senhor o usasse em seu lugar?

Romano a fitou de novo, acenando com a cabeça.

— Só que mamãe pensava diferente. Não queria que eu trabalhasse nas docas, mas também não queria que eu usasse uma arma para ganhar a vida. Eu era um aluno inteligente, o melhor nas provas. Entrei em Columbia, fui muito bem ali, pensava em continuar estudando, talvez me tornar professor.

— E foi então que seu pai morreu?

— O coração dele finalmente pifou. Cheguei ao hospital pouco antes de sua morte. — Romano fez uma pausa. Olhou pela janela. — Ele disse que eu, o envergonhara. Disse que eu o envergonhara e morreu em seguida.

— E com ele morreu também seu sonho de se tornar professor?

— Nunca fui capaz de ingressar na polícia de Nova York. O que poderia ter feito, com a maior facilidade. Em vez disso fui para o exército, ingressei na Força Delta, passei para o FBI e acabei na ERR. Nada era demais para mim. Quanto mais tentava me machucar, mais sucesso tinha.

— E acabou se tornando mesmo uma espécie de policial.

— Mas fiz isso à minha maneira. — Romano hesitou. — Eu amava meu pai, não me entenda errado. Mas nunca o envergonhei. E todos os dias me lembro do que ele pensou no momento de morrer. E isso me deixa com vontade de gritar ou matar alguém.

— Posso compreender.

— Pode mesmo? Pois eu não posso.

— O senhor não é meu paciente, é claro, mas gostaria de oferecer um conselho amigável. Em algum momento, terá de viver sua vida da maneira como quer. Caso contrário, o acúmulo de ressentimentos e outros fatores negativos poderá lhe causar profundos danos psicológicos. Vai descobrir que magoará não apenas a si mesmo, mas também às pessoas que ama.

Romano a olhou com um nível de tristeza que a comoveu.

— Acho que pode ser um pouco tarde demais para isso. — Depois ele acrescentou: — Mas tem razão sobre o anel.

— Fale sobre essa hipnose — pediu Web.

Romano deixara Claire na casa das carruagens e fora proteger os Canfield. Claire e Web estavam sentados na sala, de frente um para o outro.

— Sei que não concordou em fazer isso com ele, mas O'Bannon não explicou quando propôs hipnotizá-lo?

— Acho que esqueci.

— Apenas relaxe e acompanhe o fluxo, Web. Deixe o instinto guiá-lo. Você é desse tipo.

— Acha mesmo?

Ela sorriu por cima da xícara com o chá que Web fizera.

— Não é preciso ser psiquiatra para perceber isso, Web. — Ela olhou pela janela. — Lugar maravilhoso.

— Também acho.

— Não pode me dizer o que está fazendo aqui, não é?

— É bem provável que eu esteja violando todas as normas ao trazê-la para cá, mas calculei que Romano descobriria se alguém a seguisse.

E não dava para imaginar que as pessoas por trás daquelas mortes não sabiam onde os Canfield moravam, pensou Web, porque haviam deixado o celular-bomba ali.

— Romano seria um caso muito interessante. Identifiquei cerca de cinco psicoses importantes, uma postura passivo-agressiva clássica e um apetite insalubre para a dor e a violência só na viagem até aqui.

— É mesmo? Eu supunha que havia muito mais coisas.

— E ele é também inteligente, sensível, profundamente emotivo, com uma independência incrível e uma lealdade espantosa. Uma mistura e tanto.

— Se você precisa de alguém para lhe dar proteção na retaguarda, não há ninguém melhor do que Paulie. Ele pode ser rude por fora, mas tem um enorme coração. Por outro lado, se ele não gosta de você, tome cuidado. Sua mulher, Angie, é ainda mais complicada. Descobri há pouco tempo que ela faz terapia com O'Bannon. Assim como algumas das outras esposas. Até encontrei Deb Riner ali. Ela é viúva de Teddy Riner... que era o líder de nossa equipe.

— Temos entre os clientes muitas pessoas do FBI e de outras agências policiais. Anos atrás, o Dr. O'Bannon trabalhava em tempo integral no Birô. Quando abriu sua clínica particular, muitos pacientes o acompanharam. É uma clínica especializada, porque os agentes policiais têm um trabalho singular. O estresse e os problemas pessoais associados a essa ocupação podem ser devastadores se não forem tratados. Pessoalmente, acho tudo

fascinante. E admiro demais o que vocês fazem. Espero que saiba disso.

Web a fitou nos olhos, com expressão inquisitiva e angustiada.

— Há mais alguma coisa que o esteja incomodando? — perguntou Claire.

— Minha ficha no FBI que você recebeu... por acaso tinha informações sobre a entrevista com Harry Sullivan?

Claire demorou um pouco para responder.

— Tinha sim. Pensei em lhe contar, mas achei melhor que você descobrisse por si mesmo. Presumo que isso aconteceu.

— É verdade — murmurou Web, a voz tensa. — Catorze anos tarde demais.

— Seu pai não tinha motivo para dizer qualquer coisa boa a seu respeito. Passaria os próximos vinte anos na prisão. Há um tempo enorme não o via. E, no entanto...

— E, no entanto, ele declarou que eu daria o melhor agente que o FBI já tivera ou teria e que podiam citá-lo por essa declaração.

— Isso mesmo.

— Talvez um dia nós dois devêssemos nos encontrar. Claire o encarou.

— Acho que isso poderia ser traumático, Web... mas também acho que poderia ser uma boa ideia.

— Uma voz saindo do passado?

— Por aí.

— Por falar em vozes, estive pensando no que Kevin Westbrook me disse naquela viela.

Claire se empertigou.

— "Os danados para o inferno"?

— O que você sabe sobre vodu?

— Não muita coisa. Acha que Kevin lançou uma maldição contra você?

— Não ele, mas as pessoas por trás dele. Não sei. Estou apenas pensando em voz alta.

Claire parecia em dúvida.

— Creio que é possível, Web, embora eu não creia que seja essa a resposta.

Web estalou as articulações dos dedos.

— O mais provável é que você esteja certa. Muito bem, doutora, pegue o relógio e comece a balançar.

— Uso uma caneta azul, se não se importa. Mas primeiro quero que

você se sente naquela poltrona e se recoste. Ninguém entra em hipnose quando está de pé, em posição de sentido, Web. Você precisa relaxar e vou ajudá-lo.

Web sentou na poltrona, e Claire postou-se na sua frente, num divã.

— Agora, a primeira coisa de que precisamos falar são os mitos envolvendo a hipnose. Como eu disse, não é um estado de inconsciência, mas sim um estado alterado de consciência. Seu cérebro, na verdade, vai experimentar o mesmo estado de atividade de onda cerebral que teria num estado relaxado, que é o ritmo alfa. Embora você fique num estado incrivelmente relaxado durante o transe, é também um estado aguçado de percepção e sugestibilidade. Mas você mantém o controle total do que acontece. Toda a hipnose, no fundo, é auto-hipnose. Estou aqui apenas para ajudar a conduzi-lo até o ponto em que fica bastante relaxado para alcançar o estado. Ninguém pode hipnotizar alguém que não queira realmente ser hipnotizado. Além disso, você não pode ser forçado a fazer uma coisa que não quer fazer. Ou seja, está completamente seguro. Não precisa haver latidos de cachorro. Claire sorriu, tranquilizadora. — Está me entendendo?

Web acenou com a cabeça, numa resposta afirmativa. Ela levantou a caneta.

— Acreditaria que esta é uma caneta como a que o próprio Freud usava?

— Não, não acreditaria. Claire sorriu de novo.

— Ainda bem, porque não é. Usamos um objeto assim quando hipnotizamos pacientes. Agora, quero que focalize totalmente a ponta desta caneta.

Ela ergueu a caneta a cerca de 15 centímetros do rosto de Web, acima da linha de visão natural. Web ergueu a cabeça para olhar.

— Não, Web. Só pode usar os olhos.

Ela pôs a mão no alto da cabeça de Web, para mantê-la no nível. Agora, Web tinha o olhar quase direto para a ponta da caneta.

— Assim está bom, Web. Muito bom. A maioria das pessoas se cansa muito depressa, mas tenho certeza de que isso não vai acontecer com você. Sei que é muito forte e determinado. Continue olhando, olhando para a ponta da caneta.

Sem dar essa impressão, a voz de Claire baixara para um nível regular, sem ser monótona. Ás palavras saíam firmes e sempre no mesmo tom tranquilizador, de encorajamento.

Um minuto passou. Depois, enquanto Web continuava a olhar para a ponta da caneta, Claire disse: — Pisque.

Web piscou. Claire podia ver que os olhos dele tornavam-se tensos do foco naquele ângulo desconfortável e logo ficaram lacrimejantes. Ele piscara primeiro, e no mesmo instante Claire dissera "Pisque". Mas Web não teria certeza da sequência dos eventos. Estava absorvido demais em se concentrar na ponta da caneta, em manter os olhos abertos. Mas fazia-o acreditar que alguma coisa acontecera, que ela assumia lentamente o controle. Mesmo que já tivesse passado por aquilo antes, ele ainda estaria especulando se a hipnose de fato funcionava. Primeiro, vinha a fadiga dos olhos, depois a confusão da mente. Tudo com o objetivo de deixá-lo bastante relaxado para se abrir.

— Está indo muito bem, Web, quase melhor do que todo mundo. Vai se tornando mais e mais relaxado. Continue a olhar para a ponta.

Claire podia perceber que ele estava determinado a continuar a olhar, para manter o encorajamento. Era um super-realizador clássico, ela deduziu com facilidade, ansioso em agradar e receber elogios. Precisava de atenção e amor, porque obviamente não recebera nenhuma das duas coisas quando era criança.

— Pisque.

Web piscou de novo, e ela compreendeu que isso o fazia se sentir bem, aliviava a tensão. Sabia que a ponta da caneta começava a se tornar cada vez maior, e que ele começava a não querer mais olhar.

— E parece que você quer muito fechar os olhos — disse Claire.

— E suas pálpebras estão ficando cada vez mais pesadas. É difícil manter os olhos abertos e parece que você realmente quer fechá-los. Feche os olhos.

E Web fechou, mas reabriu no instante seguinte. Claire sabia que isso quase sempre acontecia.

— Continue a olhar para a caneta, Web, apenas continue a olhar para a ponta, está indo muito bem. De maneira extraordinária.

Apenas deixe os olhos fecharem naturalmente quando estiverem prontos para fechar.

Os olhos de Web fecharam, lentamente, e permaneceram assim.

— Quero que diga em voz alta a palavra "dez", dez vezes, bem depressa. Pode começar.

Web obedeceu. Depois, Claire perguntou: — De que são feitas as latas

de alumínio?

— Lata — respondeu Web, numa voz orgulhosa, com um sorriso.

— Alumínio.

O sorriso desapareceu. Claire continuou, a voz tranquilizadora: — Você sabe o que é um estropo? É uma tira de couro áspero que os homens usavam no Velho Oeste para afiar as navalhas. Quero que repita a palavra "estropo" dez vezes, muito depressa. Pode começar.

Obviamente cauteloso agora, Web disse a palavra dez vezes.

— O que você faz numa luz verde?

— PARE! — disse ele em voz alta.

— Na verdade, com a luz verde você segue.

Os ombros de Web vergaram, numa frustração evidente. Mas Claire apressou-se em elogiá-lo.

— Está indo muito bem. Quase ninguém dá essas respostas certas. Mas você parece muito relaxado. Agora, quero que conte em voz alta, para trás, a partir de trezentos, de três em três.

Web começou a contar. Chegara a 279 quando Claire disse que passasse a contar de cinco em cinco, também de trás para a frente. Ele passou a fazer, até que Claire o mandou contar de sete em sete, e depois de nove em nove. Ela o interrompeu de repente e disse: — Pare de contar e apenas relaxe. Agora, você está no alto de uma escada rolante, e esse ponto representa mais relaxamento. E o fundo da escada rolante é o ponto de relaxamento mais profundo que pode haver. Você vai descer na escada rolante, está bem? Vai ficar mais relaxado do que jamais esteve. Está bem?

Web acenou com a cabeça. A voz de Claire era tão acolhedora e gentil quanto uma suave brisa de verão.

— Você vai descer lentamente na escada rolante. Vai deslizar como se flutuasse no ar. Para o relaxamento mais profundo.

Claire iniciou uma contagem regressiva, a partir de dez, oferecendo palavras tranquilizadoras no processo. Ao chegar a um, ela disse: — Você parece muito relaxado.

Ela estudou as feições de Web, a cor da pele. O corpo passara de tenso a descontraído. O rosto estava vermelho, indicando aumento do fluxo sanguíneo. As pálpebras estavam fechadas, mas adejando. Ela disse que pegaria uma de suas mãos antes de fazê-lo, para evitar um sobressalto. Pegou-a gentilmente. A mão estava inerte. Ela a largou.

— Você está quase no fundo da escada rolante. Prestes a desligar, a

entrar no relaxamento mais profundo, diferente de tudo o que já sentiu antes. É perfeito.

Claire tornou a pegar a mão de Web, depois de avisá-lo que faria isso.

— Qual é a sua cor predileta?

— Verde — respondeu Web, a voz suave.

— Verde, uma cor tranquilizadora. Como a relva. Vou pôr um balão em sua mão, um balão verde. Estou fazendo isso agora. Pode sentir?

Web acenou com a cabeça em confirmação.

— Agora vou encher o balão com hélio. Como você sabe, o hélio é mais leve do que o ar. Estou enchendo o balão verde. Ele está cada vez mais cheio. Começa a subir.

Mais e mais cheio.

Claire observou quando a mão de Web subiu do braço da poltrona, como se elevada pelo balão imaginário.

— Agora, à contagem de três, sua mão voltará para a poltrona. Ela contou até três, e a mão de Web desceu para o braço da poltrona. Depois de trinta segundos de espera, ela acrescentou: — Sua mão está agora ficando fria, muito fria. Acho que pode ter uma ulceração do frio.

Claire observou quando a mão de Web se contraiu e tremeu.

— Muito bem, acabou agora, a mão está quente, voltou ao normal.

A mão relaxou.

Em circunstâncias normais, Claire não seria tão minuciosa, levando Web a todos aqueles procedimentos, com o aprofundamento das técnicas de relaxamento. Pararia no balão. Mas sentia-se curiosa em relação a uma coisa, e essa curiosidade foi satisfeita porque ela concluiu que Web era provavelmente sonâmbulo. A maioria das pessoas em sua área concordaria que entre cinco e dez por cento da população em geral eram bastante suscetíveis à hipnose, com a mesma porcentagem de alta resistência. Os sonâmbulos iam um passo além. Eram tão suscetíveis à hipnose que podiam ser compelidos a experimentar sensações físicas durante o processo, como acabara de acontecer com Web. Podia-se também esperar, com alguma segurança, que executariam uma sugestão pós-hipnótica. E, surpreendentemente, as pessoas mais inteligentes eram as mais fáceis para se hipnotizar.

— Web, pode me ouvir?

Ele acenou com a cabeça.

— Escute minha voz com toda a atenção, Web. Concentre-se em minha

voz. O balão desapareceu. Continue relaxando. Agora você tem uma câmera de vídeo na mão. É o câmera. O que vê através da lente é tudo o que você e eu podemos ver. Está me entendendo, Senhor Câmera? Outro aceno de cabeça.

— Muito bem. Meu único papel é o de apontar o tempo. Mas você controla todo o resto. Através da câmera, estará olhando para outras pessoas, vendo o que elas fazem. A câmera tem um microfone, e assim podemos também ouvir as pessoas. Está certo?

Web acenou com a cabeça mais uma vez.

— Está indo muito bem, Senhor Câmera. Sinto-me orgulhosa de você.

Claire se recostou e pensou por um momento. Como uma terapeuta que estudara os antecedentes de Web, sabia exatamente a área que deveria focalizar no passado para ajudá-lo. Seus problemas psicológicos mais severos não derivavam da morte de seus companheiros da ERR. Provinham direto do relacionamento triangular entre a mãe, o padrasto e ele. Entretanto, sua primeira escala no passado de Web London seria muito anterior.

— Quero que volte ao dia 8 de março de 1969, Senhor Câmera. Pode me levar até lá?

Web não respondeu por um momento.

— Posso.

— Diga-me o que vê, Senhor Câmera.

Ela sabia que o aniversário de Web era no dia 8 de março. Em 1969, ele estaria completando seis anos. Fora provavelmente o último ano em que estivera com Harry Sullivan. Ela queria estabelecer uma base para Web com o homem, uma recordação agradável e uma festa de aniversário para um menino proporcionaria isso com perfeição.

— Vejo uma casa. Vejo uma sala, uma sala sem ninguém.

— Concentre-se e focalize. Vire sua câmera. Não vê ninguém. Dia 8 de março de 1969.

Subitamente, Claire temeu que não tivesse havido uma festa para Web.

— Espere um instante — disse Web. — Espere um instante. Vejo alguma coisa.

— O que você vê?

— Um homem... não, uma mulher. Ela é bonita, muito bonita. Usa um chapéu, um chapéu engraçado, e carrega um bolo com velas.

— Parece que alguém está tendo uma festa. É de um menino ou uma

menina, Senhor Câmera?

— De um menino. Isso mesmo. Agora há outras pessoas aparecendo, como se estivessem escondidas. Estão gritando alguma coisa, estão gritando "Feliz aniversário".

— Isso é ótimo, Web, um menino tendo uma festa de aniversário. Como ele parece?

— Tem cabelos escuros, é alto. Está soprando as velas no bolo. Todo mundo está cantando "parabéns".

— Esse menino ouve o pai cantando? O que me diz do pai, Senhor Câmera?

— Eu o vejo. Eu o vejo.

O rosto de Web começava a ficar vermelho, a respiração era mais rápida. Claire observou atentamente os sinais físicos. Não podia permitir que Web corresse qualquer risco físico ou emocional. Não iria tão longe.

— Como ele parece?

— É grande, muito grande, maior do que qualquer outra pessoa que existe. Um gigante.

— E o que está acontecendo entre o menino e seu pai gigante, Senhor Câmera?

— O menino está correndo para ele. E o homem o levanta para seus ombros, como se o menino não pesasse nada.

— Um pai forte.

— Ele está beijando o menino, os dois dançam pela sala, cantam uma canção.

— Escute com toda a atenção, Senhor Câmera. Ligue o controle de som no microfone. Pode ouvir algumas das palavras?

Web primeiro sacudiu a cabeça em negativa, mas depois acenou-a numa resposta positiva.

— Olhos, olhos brilhantes.

Claire vasculhou a memória e depois lhe ocorreu: Harry Sullivan, o irlandês.

— Olhos irlandeses. Os olhos irlandeses estão sorrindo?

— É isso! Mas não, ele inventou suas próprias palavras para a canção, e são engraçadas, todo mundo está rindo. E agora o homem está dando alguma coisa ao menino.

— Um presente? É um presente de aniversário?

O rosto de Web se contorceu. Ele se inclinou para a frente. Claire ficou

alarmada e também inclinou-se para a frente.

— Relaxe, Senhor Câmera. É apenas um retrato que você está olhando, mais nada. O que você vê?

— Vejo homens. Homens entraram na casa.

— Que homens? Como eles parecem?

— Estão de castanho, vestidos de castanho, e usam chapéus de caubói. E estão armados.

O coração de Claire disparou. Deveria interromper essa recordação? Ela estudou Web. Ele parecia ter se acalmado.

— O que os homens estão fazendo, Senhor Câmera? O que eles querem?

— Estão levando ele, estão levando o homem para longe. Ele está gritando. Ele está gritando, todos estão gritando. Os caubóis estão pondo coisas brilhantes nas mãos do homem. A mãe está gritando e agarrou o menino.

Web tapou os ouvidos com as mãos. Balançava para a frente e para trás com tanto vigor que quase derrubou a poltrona.

— Eles estão gritando, eles estão gritando. O menino está gritando: "Papai! Papai!"

Web também gritava agora. Oh, droga!, pensou Claire. Coisas brilhantes nas mãos? A polícia fora prender Harry Sullivan no meio da festa do sexto aniversário de Web.

Oh, Deus! Claire tornou a olhar para Web.

— Muito bem, Senhor Câmera, trate de relaxar. — A voz era suave, confortadora. — Vamos para outro lugar. Pegue sua câmera e a desligue agora, enquanto decidimos para onde vamos. Muito bem, sua câmera está ficando escura agora. Relaxe, Senhor Câmera. Você não vê nada. Está relaxado e não vê absolutamente nada. Todos sumiram. Não restou mais ninguém gritando. Todos foram embora. Está tudo escuro.

Web foi se acalmando, devagar. Baixou as mãos e recostou-se. Claire também se recostou e tentou relaxar. Já estivera antes em algumas sessões de hipnose intensa e descobrira coisas surpreendentes sobre o passado de pacientes. Mas cada vez ainda era novidade, ainda era emocional. Por um minuto ou mais Claire hesitou. Deveria seguir em frente? Havia uma possibilidade muito real de que nunca mais conseguiria ter Web em estado hipnótico.

— Muito bem, Senhor Câmera, vamos seguir em frente.

Ela olhou para suas anotações que tirara da pasta guardada sob uma almofada do sofá. Esperara que Web ficasse sob hipnose antes de pegar as anotações. Notara nas sessões anteriores que o uso de uma pasta de arquivo deixava-o perturbado. O que nada tinha de excepcional. Quem haveria de querer que sua vida fosse fixada no papel, para que todos pudessem ver e avaliar? E lembrava como se sentira quando Buck Winters usara a mesma estratégia com ela. As páginas tinham datas indicadas. Extraíra essas datas da ficha de Web e das conversas com ele.

— Estamos passando para...

Claire hesitou de novo. Web seria capaz de aguentar? E ela própria teria condições de enfrentar? Mas tomou uma decisão e comunicou a Web a nova data para a qual deveria seguir. Era a data em que seu padrasto morrera.

— O que pode ver, Senhor Câmera?

— Nada.

— Nada? — Claire lembrou. — Ligue de novo a câmera. O que vê agora?

— Ainda nada. Está escuro. Totalmente escuro. O que era estranho, pensou Claire.

— É de noite? Acenda a luz em seu gravador de vídeo, Senhor Câmera.

— Não há luzes. Não quero uma luz.

Claire se inclinou para a frente. Web agora referia a si mesmo. Isso era sempre perigoso. Punha o paciente no alvo de seu próprio inconsciente. Ainda assim, ela decidiu continuar: — Por que o câmera não quer uma luz?

— Porque estou com medo.

— Por que o menino está com medo?

Ela precisava manter a objetividade nesse ponto, enquanto Web continuava a vaguear para o penhasco da subjetividade. Podia ser uma longa queda, como Claire sabia muito bem.

— Porque ele está lá fora.

— Ele quem? Raymond Stockton?

— Raymond Stockton — repetiu Web.

— Onde está a mãe do menino?

O peito de Web começou a arfar de novo. Ele apertava os braços da poltrona com tanta força que os dedos tremiam.

— Onde está sua mãe?

A voz de Web era estridente, como a de um menino ainda a alguma distância da puberdade.

— Foi embora. Não, ela voltou. Brigando. Sempre brigando.

— Sua mãe e seu pai estão brigando?

— Sempre. Psiu! Ele está vindo! Ele está vindo!

— Como sabe? O que você vê?

— A porta está baixando. Sempre range. Sempre. Desse jeito. Ele está subindo os degraus. Guarda aqui em cima. Suas drogas. E eu vejo. Vejo o que ele faz.

— Relaxe. Está tudo bem. Está tudo bem.

Claire não queria tocá-lo por receio de provocar um sobressalto. Mas estava tão próxima de Web que praticamente não havia espaço discernível entre os dois. Velava por Web como faria por sua mãe, se fosse o último minuto de sua mãe neste mundo. Claire se preparou para encerrar a sessão antes que ela escapasse ao seu controle, mas achava que podiam ir um pouco mais adiante. Um pouco mais.

— Ele está no alto da escada. Posso ouvi-lo. E também ouço minha mãe. Ela está lá embaixo, esperando.

— Mas você não pode ver. Ainda está no escuro.

— Posso ver.

O tom de voz surpreendeu Claire, porque era profundo e ameaçador, não mais o grito de um menino apavorado.

— Como pode ver, Senhor Câmera? O que você vê?

— Droga! Você já sabe disso!

Por uma fração de segundo, ela teve certeza de que Web lhe falava diretamente. Isso jamais acontecera antes numa sessão hipnótica. O que ele queria dizer com aquilo? Que ela já conhecia aquela informação? Mas depois Web se acalmou e continuou: — Levantei um pouco a pilha de roupas. Estou por baixo da pilha de roupas. Escondido.

— Do padrasto do menino?

— Não quero que ele me veja.

— Por que o menino está assustado?

— Não, não estou assustado. Não quero que ele me veja. Ele não pode me ver. Ainda não.

— Por quê? O que está querendo dizer com isso?

— Ele está bem na minha frente, mas de costas para mim. Seu esconderijo é bem ali. Ele se abaixa para pegar.

A voz de Web se tornava mais profunda, como se ele estivesse crescendo de um menino para um homem na frente dela.

— Estou saindo do esconderijo. Não tenho mais que me esconder. As roupas estão subindo comigo. São as roupas de minha mãe. Ela pôs essa pilha aqui para mim.

— Ela é quem pôs? Por quê?

— Para eu me esconder por baixo, esperando por ele. Estou levantando. Estou de pé. Sou mais alto do que ele. Sou maior do que ele.

Havia agora um tom na voz de Web que deixou Claire muito nervosa. Ela percebeu que sua própria respiração saía em ofegante enquanto Web se acalmava. Sentia um medo gelado pelo rumo que seguiam. Deveria tirá-lo do transe. Todo instinto profissional lhe dizia que devia suspender a sessão. Só que ela não podia fazê-lo.

— Os rolos de tapete. Duros como ferro. — Web falava agora na voz profunda de homem. — Tenho um debaixo das roupas. Estou de pé agora, maior do que ele. Ele é um homem pequeno. Muito pequeno.

— Web...

Claire decidiu abandonar o artifício do câmera. A situação escapava ao controle.

— Estou com o rolo nas mãos. Como um bastão. Sou um grande jogador de beisebol. Posso mandar a bola longe, rebater com mais força do que qualquer um. Sou grande e forte. Como meu pai. Meu pai de verdade.

— Web, por favor...

— Ele nem sequer está olhando. Não sabe que estou ali. É hora de bater.

Claire mudou de tática outra vez.

— Senhor Câmera, quero que desligue sua câmera.

— O lançador arremessa. Uma bola rápida. Estou vendo. Fácil. Estou me preparando.

— Senhor Câmera, quero que você...

— Está quase aqui. Ele está se virando. Quero que ele se vire. Quero que ele veja isso. Quero que ele me veja.

— Web! Desligue isso!

— Ele me vê. Ele me vê. Vou rebater para o outro lado da cerca.

— Desligue a câmera. Pare. Você não está vendo isso. Pare!

— Estou iniciando o movimento. Ele me vê, sabe como eu posso bater com força. Está com medo. Está com medo agora! É ele que está com medo, não eu! Não tenho mais medo! Não tenho mais medo!

Claire ficou observando, desamparada, enquanto ele empunhava um bastão imaginário e rebatia a bola para longe.

— Aceitei em cheio. Acertei em cheio. Um risco vermelho, um risco vermelho. A bola está descendo. Está caindo. Posso fazer todo o circuito do campo, marcar todos os pontos. É por aqui. É por aqui. Adeus, Senhor Idiota.

Web ficou calado por um longo momento, enquanto Claire o estudava com todo o cuidado.

— Ele está se levantando. Ele fica de pé outra vez. — Web fez uma pausa. — Certo, mamãe. Aqui está o bastão, mamãe.

Web estendeu a mão como se estivesse entregando alguma coisa. Claire quase esticou a mão para pegar, antes de se controlar.

— Mamãe está batendo nele. Na cabeça. Muito sangue. Ele não está mais se mexendo. Não está. Acabou.

Web se calou. Arriou na poltrona. Claire também arriou, o coração batendo tão forte que ela levou a mão ao peito, como se quisesse impedi-lo de forçar a passagem.

Só podia visualizar Raymond Stockton caindo pela escada do sótão, após ser atingido por um rolo de tapete duro, bater com a cabeça na descida e depois ser liquidado pela esposa, com o mesmo rolo de tapete.

— Quero que relaxe completamente, Web. Quero que durma, caia num sono profundo, mais nada.

Ela observou quando o corpo de Web dissolveu-se ainda mais na poltrona. Quando levantou os olhos, Claire teve outro choque. Romano estava parado ali, fitando-a fixamente, a mão próxima da arma.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

— Web está sob hipnose, Sr. Romano. Ele está bem.

— Como posso saber?

— Acho que terá de confiar em mim. — Claire ainda se sentia abalada demais para argumentar. — Quanto você ouviu?

— Eu voltava para conversar quando ouvi Web gritando.

— Ele está revivendo algumas lembranças muito delicadas do passado. Ainda não sei o que pode significar, mas foi um grande passo chegar a esse ponto.

As experiências de Claire na perícia judicial indicavam várias teorias a serem consideradas. Obviamente, fora planejado que os golpes seriam desferidos com o tapete enrolado. Era de presumir que Stockton tivesse fibras do tapete no ferimento na cabeça, quando batera no chão. E se o tapete no chão fosse igual ao que fora guardado no sótão, a polícia

presumiria que as fibras grudaram no ferimento na cabeça no momento da queda. Ninguém desconfiaria de que ele fora golpeado com um pedaço de tapete enrolado que fora guardado no sótão. Depois das queixas de maus-tratos infligidos pelo homem, todos, inclusive a polícia, provavelmente ficariam agradecidos por ele ter morrido. A parte do padrasto concluída, Claire passou para a mãe.

Web dissera que Charlotte London pusera a pilha de roupas ali. Ela teria também fornecido o tapete enrolado? Instruíra o filho adolescente, alto e forte, sobre a maneira de golpear o marido agressor? Fora assim que a mulher decidira resolver o problema? E depois interferira para liquidar o marido, deixando Web para juntar os pedaços mais tarde, permitindo que reprimisse a culpa, tão profunda que ele não podia sequer se lembrar do evento, exceto sob hipnose? Mas essa lembrança extraordinária reprimida afetaria todos os aspectos de sua existência e de seu futuro. Haveria de se manifestar de várias maneiras, nenhuma delas positiva. Claire podia agora compreender claramente por que Web era como era. Tornara-se um agente policial não apenas para compensar os crimes de Harry Sullivan, mas também por causa de seu próprio sentimento de culpa. Um menino ajudando a matar o padrasto, por instrução da mãe natural; de uma perspectiva de saúde mental, nada podia ser mais perturbador do que isso.

Claire olhou para Web, sentado na poltrona, sereno, os olhos fechados, aguardando sua próxima instrução. Também compreendia agora seu sonambulismo. Crianças de lares com abusos terríveis muitas vezes se retiravam para mundos de fantasia, como proteção contra os horrores da realidade. Essas crianças criavam amigos imaginários para ajudar a combater a solidão. Também inventavam vidas e aventuras maravilhosas para afastar os sentimentos de insegurança e depressão. Claire tratara de sonâmbulos que podiam controlar funções superiores do cérebro a tal ponto que eram capazes de enfeitar ou apagar por completo segmentos inteiros da memória, como Web fizera.

Embora fosse dinâmico, independente e confiante por fora, Web London, ela concluiu, era obediente e dependente dos outros por dentro; daí, sua dependência da equipe de resgate de reféns e a capacidade excepcional de cumprir ordens. Era um homem ansioso por agradar, por ser aceito.

Ela sacudiu a cabeça. O homem era uma confusão total por dentro. E, no entanto, resistira ao assédio psicológico tanto do Birô quanto da ERR.

Web dissera que adivinhara no teste de MMPI e conseguira mentir para ser aprovado. Ele não podia imaginar como estava certo nesse ponto.

Claire olhou para Romano quando uma nova ideia lhe ocorreu. Teria de formular a questão com todo o cuidado, porque não podia revelar confidencias de paciente. Web lhe dissera antes que não estava tomando medicamentos, e ela aceitara sua palavra. com o que acabara de descobrir, no entanto, não podia deixar de imaginar se ele não tomaria alguma coisa para ajudar a combater os traumas interiores que obviamente o corroíam. Ela gesticulou para que Romano a acompanhasse até um canto distante, onde Web não poderia ouvi-los.

— Sabe alguma coisa sobre medicamentos que Web pode estar tomando?

— Web disse que tomava pílulas?

A resposta de Claire foi evasiva: — Apenas me ocorreu essa possibilidade. Perguntar a respeito é um procedimento operacional normal dos terapeutas.

— Muitas pessoas tomam pílulas para ajudá-las a dormir declarou Romano, na defensiva.

Ela não falara em pílulas para dormir. Portanto, Romano sabia de alguma coisa, pensou Claire.

— Não estou dizendo que é errado. Apenas especulei se alguma vez ele comentou com o senhor se tomava qualquer coisa, e, nesse caso, o que tomava.

— Acha que ele pode ter se viciado... é esse o problema? Se pensa isso, a senhora pirou de vez.

— Não estou insinuando isso. Apenas é importante que eu saiba, caso tenha de receitar alguma coisa. Não quero que haja interações perigosas de drogas.

Romano ainda não aceitara sua argumentação.

— Por que não pergunta a ele?

— Tenho certeza de que o senhor sabe que as pessoas nem sempre dizem a verdade aos médicos, ainda mais ao tipo de médica que eu sou. Apenas quero estar certa de que não haverá problemas.

Romano olhou para Web como se quisesse se assegurar de que ele continuava fora do ar. Tornou a fitar Claire e pareceu ter dificuldade para pronunciar as palavras: — Eu o vi outro dia segurando o que parecia ser um vidro de pílulas. Mas ele está abalado agora, provavelmente um pouco

transtornado com a situação. Por isso, talvez precise de alguma ajuda das pílulas. Acontece que o Birô é muito rigoroso nessas coisas. Joga você no mar para afundar ou nadar sozinho. Por isso, nós tratamos de cuidar uns dos outros.

Romano fez uma pausa. Tomou a olhar para Web e acrescentou, um pouco ansioso: — Ele é o melhor que a ERR já teve.

— Sabe que ele também tem a maior consideração por você.

— Acho que eu sabia.

Romano deixou a sala. Claire foi até a janela e observou-o atravessar o caminho e se afastar, até desaparecer. Devia ter sido muito difícil para ele revelar uma confidencia assim sobre o amigo. Era bem provável que se sentisse um traidor por tê-lo feito. Mas, no final, ajudaria Web muito mais do que o prejudicaria.

Ela voltou a sentar na frente de Web. Inclinou-se para a frente e falou devagar, para que ele não perdesse uma só palavra. Em circunstâncias normais, a hipnose era usada para reduzir as inibições e as camadas cobrindo as memórias reprimidas, que impediam os pacientes de falar sobre seus problemas. De modo geral, o paciente era tirado da hipnose lembrando tudo que acontecera durante a sessão. Nesse caso, porém, Claire não podia fazer isso. Seria traumático demais. Em vez disso, ela deu a Web uma sugestão pós-hipnótica. Instruiu-o para que, ao sair do estado hipnótico, lembrasse apenas o suficiente para permitir-lhe lidar com a situação de maneira adequada. O que controlaria o que ele lembraria, se qualquer coisa, seria o inconsciente. Nas circunstâncias, Claire tinha certeza de que ele não se lembraria de quase nada. Web não estava preparado para lidar com aquilo, enterrado tão fundo em seu inconsciente. Lentamente, ela o fez subir pela escada rolante. Antes que ele saísse por completo do transe, Claire tratou de se preparar para enfrentá-lo. Quando finalmente abriu os olhos, Web correu-os pela sala, antes de se concentrar nela. Ele sorriu.

— Alguma coisa boa?

— Primeiro, preciso lhe fazer uma pergunta, Web. — Ela fez outra pausa, para consolidar seu controle, antes de acrescentar: Você está tomando algum medicamento?

Ele contraiu os olhos.

— Não me perguntou isso antes?

— Estou perguntando agora.

— Por quê?

— Você mencionou o vodu como uma explicação para ter ficado paralisado. Deixe-me oferecer outra possibilidade: uma interação negativa de drogas.

— Não tomei nenhum medicamento antes de entrarmos naquela viela, Claire. Nunca faria isso.

— As interações de drogas são estranhas, Web. Dependendo do que você toma, os efeitos podem ocorrer algum tempo depois que parou de tomá-las. — Ela fez outra pausa. — É importante que você seja absolutamente sincero a respeito. É indispensável, se quer saber a verdade.

Os dois se fitaram demoradamente. Web se levantou e foi ao banheiro. Voltou um minuto depois e entregou a Claire um pequeno frasco com pílulas. Tornou a sentar enquanto ela examinava o conteúdo.

— Como está com as pílulas aqui, posso presumir que as tomou recentemente?

— Estou numa missão, Claire. Nada de pílulas. Por isso, aguento a insônia e a angústia ocasional de alguém que tem dois enormes buracos de bala no corpo e ficou sem metade do rosto.

— Então por que você trouxe as pílulas?

— Como um manto protetor. Você é psiquiatra... compreende o manto e o chupar de dedos, não é?

Claire derramou as pílulas e examinou-as uma a uma. Eram todas diferentes. Ela reconheceu algumas, mas outras não. Levantou uma das pílulas.

— Sabe onde conseguiu isto?

— Por quê? — indagou ele, desconfiado. — Há alguma coisa errada com essa pílula?

— Talvez. Recebeu essas pílulas de O'Bannon?

— É possível. Mas devo ter acabado com a receita que ele me deu há muito tempo.

— Se não foi de O'Bannon, então de quem foi? Web caiu na defensiva.

— Tinha de me livrar dos analgésicos que me davam por causa dos ferimentos, porque começava a me tornar dependente. E também não consegui dormir direito durante quase um ano. Alguns caras da ERR têm o mesmo problema. Não tomamos drogas ilegais, ou essas merdas parecidas, mas só se pode passar um tempo limitado sem dormir, mesmo na ERR. Alguns caras me deram essas pílulas, ao longo dos anos. Junto tudo num vidro e tomo à medida que preciso. Essa pílula pode ter vindo de um deles.

Por que é tão importante?

— Não o culpo por tomar medicamentos para ajudá-lo a dormir, Web. Mas é estúpido e perigoso para você tomar um estranho sortimento de pílulas, mesmo dadas por amigos, quando não tem a menor noção das interações que podem ocorrer do seu uso. Tem muita sorte por nada de mais grave ter ocorrido com você. Isto é, talvez tenha ocorrido. Na viela. Talvez essa estranha maneira de tomar pílulas tenha sido a razão para sua paralisia.

Claire também estava pensando que os eventos dramáticos envolvendo a morte de Raymond Stockton podiam ter aflorado no pior momento possível... quando Web estava naquela viela. Talvez, como ela pensara antes, ver Kevin Westbrook desencadeara alguma coisa em Web, deixando-o incapacitado.

Ele cobriu o rosto com as mãos.

— Merda! Isso é incrível! Simplesmente incrível!

— Não posso dizer com certeza que foi isso que aconteceu, Web. — Ela o olhou, compadecida, mas precisava saber de mais uma coisa. — Comunicou que vinha tomando medicamentos a seu supervisor?

Ele descobriu o rosto, mas não a fitou.

— Está certo — murmurou Claire.

— Vai contar?

— Ainda está tomando as pílulas?

— Não. Pelo que posso me recordar, a última pílula que tomei, antes da missão na viela, foi na semana anterior.

— Então não tenho nada a relatar. — Ela tornou a erguer a mesma pílula. — Não reconheço esta pílula, embora conheça quase todas as outras, como psiquiatra. Gostaria de mandar analisá-la.

Como ele se mostrasse alarmado, Claire apressou-se em acrescentar: — Será em total sigilo. Tenho um amigo. Seu nome não vai aparecer.

— Acha mesmo que foram as pílulas, Claire?

Ela examinou a pílula por mais um momento, antes de guardar o frasco no bolso e fitá-lo.

— Infelizmente, Web, nunca saberemos com certeza.

— Quer dizer que a hipnose foi um fracasso?

Apesar da pergunta, Claire podia perceber que ele estava mais interessado nas pílulas e na possível implicação com o que acontecera com a Equipe Charlie.

— Não, não foi. Descobri muita coisa.

— Por exemplo?

— Que Harry Sullivan foi preso durante a festa de seu sexto aniversário. Lembra de falar sobre isso?

Claire tinha quase certeza de que ele poderia recordar esse fato da sessão hipnótica. Mas não da morte de Stockton. Web acenou com a cabeça.

— Lembro. Pelo menos de alguma coisa.

— Você e Harry estavam se divertindo muito antes da prisão. Não podia haver a menor dúvida de que ele o amava muito.

— É bom saber disso — comentou Web, sem qualquer entusiasmo.

— Muitas vezes, Web, as situações traumáticas são reprimidas, como uma espécie de medida de segurança. Sua psique não pode lidar com esse tipo de confrontação. Por isso, basicamente, você a enterra, para que não precise enfrentá-la.

— Mas isso é como enterrar lixo tóxico — murmurou ele.

— Isso mesmo. As vezes o lixo vaza e causa danos consideráveis.

— Mais alguma coisa?

— Você lembra de mais alguma coisa? Web sacudiu a cabeça em negativa.

Claire desviou os olhos por um momento. Sabia que Web não estava em condições de ouvir a verdade sobre a morte do padrasto. Tornou a fitá-lo e conseguiu sorrir.

— Creio que é o suficiente. — Ela olhou para o relógio. — E preciso ir embora.

— Quer dizer que meu pai e eu estávamos nos dando muito bem?

— Cantavam canções; ele pôs você no cangote. E você se divertia muito.

— Estou começando a me lembrar. Quer dizer que ainda resta esperança para mim?

Web sorriu, talvez para mostrar que estava brincando, pelo menos em parte.

— Há sempre esperança, Web — respondeu Claire.

39

SONNY VENABLES ESTAVA DE FOLGA E SEM o uniforme, sentado no carro, esquadrinhando a área ao redor. Houve um movimento atrás, quando um homem enorme deitado no chão esticou as pernas compridas.

— Não fique impaciente, Randy — disse Venables. — Ainda temos algum tempo.

— Confie em mim. Já esperei caras por muito mais tempo e em lugares piores do que o banco traseiro de um carro.

Venables tirou um cigarro do maço no bolso, entreabriu a janela e soprou a fumaça para fora.

— Estava me falando sobre o encontro com London.

— Dei-lhe cobertura, mas ele não soube disso na ocasião. Ainda bem, embora eu tenha a impressão de que Westbrook não estava a fim de matá-lo.

— Já ouvi falar do cara, mas nunca o encontrei pessoalmente.

— Sorte sua. Mas posso lhe garantir que há coisas muito piores do que ele por aí. Pelo menos Westbrook tem uni pequeno código de honra. Tem uma porção de caras por aí que são completamente doidos. Matam apenas por matar e depois se gabam do que fizeram. Westbrook faz tudo por um bom motivo.

— Como exterminar a equipe da ERR?

— Não creio que tenha sido ele. Mas Westbrook informou London sobre os túneis por baixo do prédio que era o alvo da ERR. Ao que tudo indica, foi assim que levaram as armas. London foi verificar com Bates. E ouvi dizer que encontraram os túneis.

— Pelo que você me contou de Westbrook, não me parece que ele seja um simples mensageiro.

— Mas ele é, se a pessoa a quem transmitiu o recado tem em seu poder alguma coisa com que ele se importa... como seu filho.

— Entendido. Portanto, essa pessoa estava por trás do que aconteceu com a ERR?

— É o que eu penso.

— E onde é que a Oxy entra nessa história?

— É a operação que eu vi no prédio naquela noite. Tinham até um

carregamento do produto ali. Nada daqueles tijolos de coca, apenas sacos com pílulas. E vi registros de computador que mostravam tudo. Um negócio de milhões de dólares. E tudo foi removido em dois dias.

— Por que tanto trabalho para armar em cima de você? Por que matar o pessoal da ERR? Só serve para que todo o Birô caia em cima deles como uma tonelada de pedra.

— Sei que não faz muito sentido — concordou Cove —, mas parece que foi isso mesmo que aconteceu.

Venables se empertigou de repente. Jogou o cigarro pela janela.

— O espetáculo vai começar, Randy.

Venables observou quando o homem deixou o prédio que vigiava, desceu pela rua, virou à direita e seguiu por uma viela. Venables ligou o carro e avançou lentamente.

— É o cara que você estava esperando? — perguntou Cove.

— É, sim. Se você quer informações sobre novas drogas chegando à cidade, esse garoto vai saber. O nome é Tyrone Walker, mas atende pelo apelido de T. Pertenceu a três ou quatro bandos ao longo dos anos. Passou algum tempo na prisão, um tempo no hospital e também num centro de reabilitação de drogados. Tem 26 anos, mas parece ter dez anos mais do que eu... e olha que não estou tão bem assim para a minha idade.

— É curioso eu nunca ter deparado com T antes.

— Você não tem o monopólio da informação nesta cidade. Posso ser um simples guarda que faz a ronda pelas ruas, mas circulo por aí.

— Ainda bem, Sonny, porque neste momento sou carta fora do baralho. Ninguém quer falar comigo.

— O velho T falará, com a persuasão certa.

Venables virou a esquina, pisou no acelerador, depois virou à direita, por uma rua paralela àquela em que havia estacionado. Assim que alcançou a esquina, T saiu da viela que cortava essa rua. Venables olhou ao redor.

— Parece que a barra está limpa. Quer fazer seu número? Cove já saíra do carro. Antes de sequer saber o que estava acontecendo, T foi revistado e levado para o carro, estendido no banco traseiro, de barriga para baixo, com uma das mãos enormes de Cove em sua nuca, mantendo-o nessa posição. Venables partiu enquanto T protestava aos gritos. Quando ele se acalmou, já estavam a três quilômetros de distância, numa parte melhor da cidade.

Cove fez T se sentar. O homem olhou primeiro para Cove, depois para Venables.

— Parece muito bem, T — disse Venables. — Tem se cuidado? Cove pressentiu que T estava prestes a tentar sair pela outra porta. Por isso segurou seu braço, perto do ombro.

— Calma, T. Queremos apenas conversar com você. Mais nada.

— E se eu não quiser conversar?

— Então pode sair do carro — disse Cove.

— Jura? Muito bem, pare o carro que eu vou saltar.

— Ora, T, ele não disse que eu ia parar o carro antes de você saltar.

Venables deu uma guinada no volante, entrou numa rampa de acesso e pegou a Interestadual 395, que cruzava a ponte da Rua 14. Entraram no estado da Virgínia. Venables aumentou a velocidade para cem quilômetros horários.

T olhou pela janela, para os carros em alta velocidade. Depois recostou-se e cruzou os braços.

— Meu amigo aqui... — começou Venables.

— Seu amigo tem um nome? Cove aumentou a pressão no braço de T.

— Tenho, sim. Pode me chamar de T-Rex. Explique por quê, Sonny.

— Porque ele gosta de mastigar T no café da manhã, no almoço e no jantar.

— E apenas quero algumas informações sobre um novo produto na cidade. Os distribuidores que compram essas coisas. Sem problemas. Apenas dois ou três nomes, e deixamos você no lugar onde pegamos.

— E pode acreditar em mim, T, quando digo que você não vai gostar de sacanear esse homem — acrescentou Venables.

— Mas vocês são da polícia e não vão fazer nada comigo, ou então eu processo vocês.

Cove o fitou em silêncio por um longo momento.

— Neste momento, T, é melhor você ser muito simpático comigo. Não me sinto bem por causa de uma porção de coisas, e estou cagando se alguém me processar ou não.

— Vá se foder!

— Sonny, pegue a próxima saída à direita. Vamos para a GW Parkway. — Uma pausa e Cove acrescentou, ameaçador: — Há muitos lugares isolados ali.

— Claro.

Em poucos minutos, estavam na George Washington — ou GW

— Parkway, seguindo para o norte.

— Pegue a próxima saída — disse Cove.

Entraram num estacionamento panorâmico da estrada, com uma linda vista de Georgetown e, mais abaixo, do rio Potomac.

Um muro de pedra servia como proteção contra a encosta íngreme. O dia se transformara em crepúsculo. Não havia outros carros no estacionamento. Cove olhou ao redor, saiu e puxou T.

— Se estão me prendendo, quero meu advogado. Venables também saltou. Olhou ao redor. Deu uma olhada no precipício, fitou Cove e deu de ombros.

Cove pegou o pequeno T pela cintura e levantou-o.

— O que está fazendo, cara?!

Cove passou por cima do muro de pedra enquanto T se debatia em vão. Havia uma faixa estreita de terra e depois uma queda de trinta metros para o rio, cheio de pedras.

Mais adiante, no outro lado do rio, havia vários prédios, alojando clubes locais de navegação. Eram pintados com cores alegres. Os sócios remavam pelo rio em canoas, catraias, caiaques e diversas outras embarcações, que exigiam músculos para serem movimentadas, em vez de um motor de explosão. Havia várias embarcações na água naquele momento, e T teve uma vista invertida da cena pitoresca, porque Cove o estendeu de cabeça para baixo sobre o precipício, segurando-o pelas pernas.

— Que porra! — exclamou T, desesperado enquanto olhava para o fundo do abismo.

— Agora, podemos resolver o problema da maneira mais fácil ou pelo caminho mais difícil. Só que você terá de decidir depressa, porque estou sem tempo e sem paciência — declarou Cove.

Venables se agachou no alto do muro, atento à aproximação de outros carros.

— É melhor acreditar no que ele diz, T, porque esse homem não mente.

— Mas vocês são da polícia — balbuciou T. — Não podem fazer essa merda. É inconstitucional.

— Eu nunca disse que era da polícia — ressaltou Cove. T se contraiu todo. Olhou para Venables.

— Mas ele é da polícia, não é?

— Não sou o guardião do meu irmão — disse Venables. — E, de qualquer maneira, já vou me aposentar. Não estou nem aí.

— Oxy — disse Cove, calmamente. — Quero saber quem está

comprando em Washington.

— Você é pirado ou o quê? — berrou T.

— Sou pirado.

Cove afrouxou um pouco as mãos. T desceu alguns centímetros. Agora Cove segurava-o pelos tornozelos.

— Oh, Deus, meu Pai, me ajude! — suplicou T.

— Não fale de Deus, T, não depois da vida que você levou interveio Venables. — Ele pode mandar um raio em você, e estou muito perto.

— Comece a falar — insistiu Cove, sempre mantendo a voz calma. — Oxy.

— Não posso dizer nada. Os caras vão acabar comigo. Cove o deixou descer mais um pouco. Agora segurava o garoto apenas pelos pés.

— Está usando mocassins, T — disse ele. — E os mocassins saem dos pés com a maior facilidade.

— Vá à merda!

Cove largou um dos pés. Agora segurava T apenas por um pé, com as duas mãos. Olhou para Venables.

— Sonny, acho que é melhor largar esse cara e procurar alguém que seja mais esperto.

— Conheço a pessoa certa. Vamos embora. Cove começou a largar o pé.

— Não! — gritou T. — Eu falo! Conto tudo! Cove permaneceu imóvel.

— Me põe no chão que eu digo tudo o que tu quiser saber.

— Sonny, ligue o carro enquanto largo este merdinha no Potomac.

— Não! Eu juro que falo!

— Oxy — murmurou Cove.

— Oxy — repetiu T.

E começou a falar depressa, contando tudo o que Cove precisava saber.

Claire parou o Volvo na entrada de carros de sua casa e desligou o motor. Era um bairro tranquilo, não muito longe do consultório, e ela tivera a sorte de comprar a casa antes que os preços dos imóveis disparassem. Seus rendimentos eram bastante bons, mas o custo de morar no norte da Virgínia estava se tornando absurdo. Os construtores ocupavam qualquer terreno que podiam encontrar, e sempre havia mais pessoas dispostas a comprar as casas.

Sua casa tinha três quartos, ao estilo de Cape Cod, com um gramado na frente, flores em jardineiras nas janelas, telhas de cedro e uma garagem para

dois carros, ligada à casa por uma passagem coberta. A rua era arborizada, e o bairro continha uma boa mistura de jovens e velhos, de profissionais liberais e trabalhadores comuns.

Divorciada há muito tempo, Claire estava quase aceitando que permaneceria sozinha para sempre. Havia poucos homens disponíveis nos círculos sociais que ela frequentava, e nenhum deles atraíra seu interesse. Tinha amigas sempre ansiosas em lhe arrumar um encontro com um minimagnata da alta tecnologia ou um advogado, mas ela logo descobria que eram tão egocêntricos que casar com um deles não seria muito diferente de continuar sozinha. Como censura, ela perguntara a um egocêntrico mago da alta tecnologia, numa festa, seja ouvira alguma vez falar de Narciso. Ele indagara se era um novo tipo de software da Internet e depois continuara a descrever como ele mesmo era fabuloso.

Ela tirou a pasta do carro e se encaminhou para os degraus da frente. Não deixara o carro na garagem porque tencionava sair de novo. O homem que veio do seu quintal dos fundos surpreendeu-a. Era negro e enorme. Parecia ter a cabeça raspada, embora usasse boné. Claire focalizou o uniforme da companhia de gás e o medidor eletrônico que ele tinha na mão. O homem passou por ela, sorriu e foi para o outro lado da rua. Claire se sentiu embaraçada pela desconfiança automática que sentiu de um negro, embora tivesse de admitir, também com algum embaraço, que havia bem poucas pessoas de cor no bairro. Mas quem podia culpá-la por ser paranoica depois de passar algum tempo com Web London e homens parecidos?

Ela destrancou a porta e entrou, pensando na sessão com Web. Fora chocante, sob muitos aspectos, mas pelo menos mais reveladora do que chocante. Largou a pasta e foi para o quarto, a fim de trocar de roupa. Ainda estava claro e pensava em aproveitar o tempo bom para uma caminhada. Lembrou das pílulas no seu bolso. Pegou-as e examinou-as. A pílula desconhecida deixara-a bastante intrigada. Tinha um amigo que trabalhava no Departamento de Farmacologia do Fairfax Hospital. Ele poderia realizar alguns testes e determinar o que havia na pílula. Não parecia com qualquer pílula para dormir que ela conhecia, mas podia estar enganada. Também esperava estar enganada na interação de drogas como a explicação para a paralisia de Web na viela. Isso talvez fosse uma coisa de que ele nunca se recuperasse. Por mais absurda que fosse a teoria de Web sobre o vodu, ela preferia uma maldição do que alguma coisa que ele ingerira inadvertidamente como a causa para que os amigos morressem sem sua

companhia. Mas não... a resposta só podia estar no seu passado, ela estava convencida.

Claire sentou na beira da cama e tirou os sapatos. Entrou no pequeno closet, tirou a roupa, vestiu um short e uma camisa de malha porque o calor voltara. Descalça, voltou ao quarto e olhou para o telefone. Talvez devesse ligar para Web, para conversarem um pouco. Em algum momento teria de lhe contar o que descobrira sobre a morte de Stockton. O momento certo, porém, era essencial. Uma revelação cedo demais ou tarde demais poderia ter consequências desastrosas. Ela decidiu optar pelo caminho da covardia e deixar para pensar a respeito mais tarde. Talvez a caminhada a ajudasse a decidir. Ela abriu uma gaveta e tirou um boné de beisebol. Já ia pô-lo na cabeça quando uma mão lhe tapou a boca. Ela largou o boné e começou a se debater, numa reação instintiva, até que sentiu o cano da arma encostar em seu rosto. Parou no mesmo instante, os olhos arregalados de medo, a respiração ofegante. Lembrou que não trancara a porta ao entrar. Afinal, era um bairro seguro... ou pelo menos até agora. A mente em disparada especulou se o homem do gás era um impostor, voltara, e agora se preparava para estuprá-la e matá-la.

— O que você quer? — perguntou ela, a voz tão abafada pela mão que não parecia ser sua.

Podia sentir que era um homem, embora a mão estivesse enluvada, por causa de sua força. A mão deixou sua boca e envolveu o pescoço.

O homem não respondeu. Claire viu a venda se aproximando e no instante seguinte ficou em total escuridão. Sentiu que era levada para a cama e ficou apavorada, pensando que o estupro estava prestes a acontecer. Deveria gritar ou lutar? E, no entanto, a arma continuava comprimida contra sua face direita. E o silêncio do atacante era mais enervante do que ouvir sua voz.

— Mantenha-se calma — disse o homem. — Só queremos informações de você. Nada mais.

As palavras pareceram bastante claras para ela. Seu corpo estaria seguro. Ou, pelo menos, podia ter essa esperança.

O homem a orientou para que sentasse na beira da cama. Claire disse a si mesma que se o homem a empurrasse para que ficasse deitada de costas teria de lutar, com ou sem arma.

Mas sentiu que o homem se afastava. Ao mesmo tempo, sentiu a entrada de outra pessoa no quarto. Ficou tensa quando essa pessoa sentou ao seu

lado na cama. Um homem corpulento, ela deduziu, porque a cama arriou bastante com seu peso. Mas ele não a tocou, embora Claire sentisse que a fitava, mesmo através da venda.

— Está tratando de Web London?

Claire teve um sobressalto, pois não lhe ocorrera que o problema estivesse relacionado com Web. Agora, perguntou-se por que não pensara nessa possibilidade. Sua vida era bastante corriqueira, rotineira, sem armas, sem assassinatos. Essa era a vida de Web. Agora, quer gostasse ou não, tornara-se parte dessa vida.

— Como assim?

Ela ouviu o homem soltar um grunhido... de irritação, teve certeza.

— Você é psiquiatra e ele é seu paciente. Não é verdade?

Claire teve vontade de dizer que não podia revelar essa informação, por uma questão de ética. Mas teve certeza de que o homem a mataria se dissesse isso. Afinal, ele nunca se importaria com restrições éticas. Para aumentar sua convicção, ela ouviu nesse instante o barulho de uma arma sendo engatilhada. Como perita judiciária em psiquiatria, tinha experiência com armas e sabia como era o som. Uma grande massa gelada formou-se em seu estômago, enquanto as pernas e os braços tornavam-se rígidos. Não podia entender como Web era capaz de lidar com pessoas assim em todos os dias de sua vida.

— É verdade, estou tratando de Web.

— Agora estamos progredindo. Ele mencionou um menino para você, um menino chamado Kevin?

Ela acenou com a cabeça para confirmar, porque a boca se tornara tão ressequida que achava que não conseguiria falar.

— Por acaso ele sabe onde está o menino?

Claire sacudiu a cabeça em negativa. Ficou tensa quando o homem apertou seu ombro de leve.

Ela acenou com a cabeça, mas logo se controlou. Podia senti-lo chegar mais perto. Embora estivesse vendada, fechou os olhos. As lágrimas afloraram.

— As regras básicas são de que não tem mais respostas de movimentos da cabeça. Preciso ouvir palavras, e é a última vez que digo isso. Entendido?

— Entendido.

Claire fez um esforço para reprimir as lágrimas.

— Ele disse mais alguma coisa... sobre qualquer coisa estranha acontecendo quando viu Kevin pela segunda vez?

— Não.

Mas Claire hesitara por um segundo a mais. Pôde senti-lo com absoluta nitidez, como se a pausa durasse um dia inteiro. E teve a impressão de que o homem também percebera. Estava correta nessa suposição, porque no instante seguinte sentiu o cano frio da pistola em seu rosto.

— A gente está com um sério mal-entendido. Vai ver eu não fui bem claro. Só pra que fique tudo esclarecido, sua vaca, vou dizer de novo. Pra ter meu filho de volta, sou capaz de estourar seus miolos e de todo mundo de quem você já gostou em toda a sua vida. Vejo fotos de uma garota bonita por toda parte. Aposto que é sua filha... não é?

Claire não respondeu. Sentiu a mão do homem em seu pescoço. A mão estava enluvada, o que a surpreendeu, até que pensou nas impressões digitais e DNA que as máquinas podiam detectar em cadáveres. Seu cadáver! Ela quase desmaiou ao pensamento.

— Não é?

— É, sim! [

Ele manteve a mão no pescoço de Claire.

— Sua filhinha está confortável e segura. Uma casinha perfeita, num lugarzinho perfeito. Mas eu não estou com meu filho e ele é tudo o que tenho. Por que você está com sua filha e eu não estou com meu filho? Acha isso justo? Acha? Ele apertou um pouco o pescoço de Claire e ela sentiu que começava a sufocar.

— Não.

— Não o quê?

— Não, não acho que é justo — balbuciou ela, a voz trancada.

— É mesmo? Pois é um pouco tarde para isso, meu bem.

— Relaxe, dona. Ninguém vai machucá-la, enquanto cooperar. — Uma pausa e ele acrescentou, sinistro: — Mas se não cooperar, a gente vai ter problema.

Claire o ouviu estalar os dedos. Cerca de um minuto passou em silêncio. Depois, ela sentiu alguma coisa tocar em seus lábios. Recuou.

— É água — disse o homem. — Está com a boca ressequida. As pessoas apavoradas sempre ficam assim. Beba.

A última palavra foi uma ordem, e Claire obedeceu no mesmo instante.

— Agora comece a falar. Não quero mais saber de movimentos de

cabeça como resposta. Entendido?

Ela começou a acenar com a cabeça, mas logo se controlou.

— Está bem.

— O que mais ele disse sobre Kevin? Quero saber de tudo.

— Por quê?

Claire não sabia direito de onde partira a pergunta ousada.

— Tenho meus motivos.

— Quer fazer mal ao menino?

— Não. Quero apenas que ele volte são e salvo.

O homem parecia sincero, mas isso ocorria com frequência com os criminosos, Claire lembrou a si mesma. Ted Bundy fora o rei da conversa insinuante, enquanto metodicamente matava dezenas de mulheres... e sempre com um sorriso.

— Não tenho motivos para acreditar em você.

— Kevin é meu filho.

Ela ficou tensa ao ouvir isso, mas relaxou em seguida. Aquele homem poderia ser o tal de Big F a quem Web se referira? Mas ele dissera que o homem era irmão de Kevin, não o pai. O homem parecia de fato um pai preocupado, mas havia alguma coisa que não estava certa. Claire teria de seguir seu instinto profissional. O que podia sentir com muita clareza era que aqueles homens seriam capazes de matá-la.

— Web disse que viu Kevin na viela. Contou que Kevin falou alguma coisa, e que isso o afetou de maneira estranha. Tornou a vê-lo mais tarde, quando as metralhadoras estavam disparando. Entregou-lhe um bilhete e mandou que saísse dali. Não o viu depois disso. Mas está à sua procura.

— Isso é tudo?

Claire foi empurrada para a cama. Sua promessa anterior, de lutar se tentassem estuprá-la, parecia ridícula agora. Sentia-se tão assustada que mal conseguia respirar.

Um travesseiro foi posto sobre seu rosto. Em seguida, alguma coisa foi comprimida contra o meio do travesseiro. Ela levou alguns segundos para compreender que o objeto duro era a pistola, e que o travesseiro serviria como um tosco silenciador.

Ela pensou na filha, Maggie. Pensou em como seu corpo seria encontrado. As lágrimas escorreram pelas faces. E depois, por um segundo milagroso, ela recuperou o raciocínio.

— Web disse que alguém trocou os meninos na viela.

O travesseiro não se mexeu por alguns segundos, e Claire pensou que perdera, no fim das contas.

Depois o travesseiro foi removido lentamente. Levantaram-na num movimento tão violento que ela teve a sensação de que o braço fora deslocado.

— Diga de novo.

— Ele disse que Kevin foi trocado na viela por outro menino. O menino que entregou o bilhete à polícia não era Kevin. Ele foi tirado da viela antes de alcançar a viela.

— Ele sabe por quê?

— Não. E também não sabe quem fez isso. Só sabe que aconteceu.

Claire sentiu de novo a pistola encostar em seu rosto. Por alguma razão, não parecia tão assustador quanto na segunda vez.

— Se está mentindo, não vai gostar do que vou fazer com você.

— Foi o que ele disse.

Ela sentira que traíra Web para salvar sua vida. Especulou se ele preferiria morrer a fazer isso. Era bem provável. As lágrimas voltaram, mas dessa vez não foi por medo, mas sim por sua fraqueza.

— Ele acha que a presença de Kevin naquela viela foi planejada por quem estava por trás do que aconteceu. Acha que Kevin estava de alguma forma envolvido. — Claire apressou-se em acrescentar: — Mas involuntariamente. Ele é apenas um menino.

A pistola foi afastada de seu rosto. A enorme presença do interrogador também se afastou.

— Mais alguma coisa?

— Isso é tudo o que sei.

— Sabe o que vou fazer com você se contar a alguém que estivemos aqui. E posso localizar sua filha. Revistamos a casa. Sabemos tudo que tem para saber a seu respeito e dela. Estamos entendidos?

— Estamos — balbuciou Claire.

— Só estou fazendo isso para ter meu filho de volta, mais nada. Não gosto de invadir a casa das pessoas e maltratá-las. Não é o meu estilo, ainda mais com mulheres. Mas farei tudo o que for necessário para ter meu filho de volta.

Claire sentiu que acenava com a cabeça ao ouvir isso, mas parou no mesmo instante.

Não os ouviu irem embora, embora sua audição pudesse estar mais

aguçada. Esperou alguns minutos para ter certeza antes de dizer: — Alô?

E disse de novo. Depois, levantou a mão lentamente para retirar a venda. Esperava que alguém a impedisse, mas ninguém interferiu. Tirou a venda e correu os olhos pelo quarto, meio que esperando alguém a atacar. Sua vontade era arriar na cama e chorar pelo resto do dia e toda a noite, mas não podia ficar ali. O homem dissera que haviam revistado toda a casa. Ela pôs algumas roupas numa bolsa de viagem, junto com um par de tênis, e encaminhou-se para a porta da frente. Deu uma olhada lá fora, mas não viu ninguém. Foi para seu carro. Enquanto se afastava, observava a todo instante pelo espelho retrovisor, para verificar se alguém a seguia. Não era especialista nesses assuntos, mas não parecia haver alguém na sua cola. Claire entrou na Capital Beltway e acelerou, sem saber direito para onde ia.

40

ANTOINE PEEBLES TIROU AS LUVAS E RECOSTOU-SE, com um sorriso largo no rosto inteligente. Olhou para Macy, que guiava o carro. O rosto do homem era inescrutável, como sempre.

— Um bom desempenho, se me permite dizer — murmurou Peebles. — Acho que reproduzi muito bem a voz e a dicção do homem. Nunca falei desse jeito em toda a minha vida. O que você achou?

— Parecia mesmo o chefe — concordou Macy.

— E a dona fica furiosa, procura Web London e a polícia, e saem todos à procura de Francis.

— E talvez à procura da gente também.

— Isso não vai acontecer. Já expliquei tudo. Você tem de pensar nos níveis macro e micro, Mace. — Peebles falava como se estivesse fazendo uma preleção para um estudante.

— Já nos distanciamos de Francis. E, ainda por cima, ele não tem mais qualquer produto. Metade de seus agentes já foi embora por causa disso. Seu fluxo de caixa está reduzido a quase nada. Neste negócio, você tem um nível de estoque para dois dias, no máximo. Ele tinha alguma mercadoria escondida, dou-lhe o crédito por isso, mas já acabou. E quando ele atirou em Toona, perdeu mais quatro homens só por isso.

Peebles fez uma pausa, balançando a cabeça.

— E com tudo isso acontecendo, o que ele faz? Passa todos os segundos pensando naquele garoto. Sai para procurá-lo todas as noites, pressionando as pessoas, queimando pontes, sem confiar em ninguém.

— Acho que ele é esperto em não confiar em ninguém — disse Macy, lançando um olhar para Peebles. — Especialmente em nós dois.

Peebles ignorou o comentário.

— Ele poderia escrever um livro sobre técnicas de administração estúpidas, como matar um de seus próprios homens na frente de todo mundo. Na frente de um agente do FBI! É um autêntico desejo de morte.

— É preciso manter seus homens na linha — comentou Macy, calmamente. — Tem de levá-los pela força.

Ele fitou Peebles com uma expressão que indicava claramente que o companheiro, em sua opinião, carecia desse atributo. Mas Peebles não notou, porque ainda exultava com seu triunfo.

— E não se pode culpar o cara por tentar encontrar seu filho acrescentou Macy.

— Não se pode misturar negócios e problemas pessoais. Eleja se estrepou, perdendo capital político, pelo quê? Uma coisa que nunca vai acontecer. Aquele garoto nunca mais voltará. Quem o levou já escondeu o garoto sob sete palmos de terra, se é que sobrou alguma coisa do corpo. Agora, já tenho novas linhas de suprimento e os desertores dele estão comigo.

Peebles olhou para Macy.

— Talvez você não saiba, mas minha manobra é maquiavélica. E venho também recrutando os melhores membros de outros distribuidores nos últimos seis meses. Estamos prontos para entrar em operação, e desta vez será à minha maneira. Tudo dirigido como um negócio legítimo. Contabilidade, remuneração e promoção por mérito, bonificações para desempenho exemplar e recompensas por inovações que trazem mais lucro para o empreendimento. Teremos nossa própria operação de lavagem de dinheiro e reduziremos custos onde for preciso. Nem todos os membros precisam de joias e de piranhas de quinhentos dólares por noite. Estou até prevendo um plano de aposentadoria. Assim, os irmãos não vão mais desperdiçar seu dinheiro em carros e diamantes, ficando sem nada quando se tornarem velhos demais para continuar no serviço. E vou pôr em prática um código de indumentária para o nível de administração. Chega dessa aparência de merda. Um profissional precisa ter uma imagem profissional. Olhe só para você. Tem uma aparência condigna. É isso o que eu quero.

Macy exibiu um dos seus raros sorrisos.

— Alguns dos homens não vão gostar.

— Eles têm de crescer algum dia. — Peebles olhou para Macy. Devo dizer que foi uma sensação incrível ter aquela arma na mão.

— Você teria atirado nela?

— Ficou louco? Eu queria apenas assustá-la.

— Se você empunha uma arma, em algum momento pode ter de usá-la.

— Esse é o seu trabalho. Você é o chefe de segurança, Mace. Meu braço direito. Demonstrou sua competência quando apresentou o plano de pegar Kevin. E fez o trabalho difícil de recrutar os outros distribuidores para se unirem a nós. Agora vamos longe, muito mais longe do que Francis estava nos levando... e muito mais depressa. Ele é da velha guarda, e os novos caminhos são os melhores. Foi por isso que os dinossauros morreram.

Eles entraram numa viela. Peebles olhou para o relógio.

— Tudo preparado no local da reunião?

— Estão todos lá, como você queria.

— E a disposição deles, qual é?

— Boa, mas desconfiada. Você deixou eles preocupados, mas definitivamente interessados.

— É o que eu queria ouvir. É agora que marcamos nosso território, Mace, onde fazemos com que os outros saibam que Francis não é mais a força. Este é o nosso momento. Vamos aproveitá-lo.

Ele hesitou, quando um súbito pensamento lhe ocorreu.

— Do que aquela mulher estava falando quando disse que alguém trocou Kevin por outro garoto na viela?

Macy deu de ombros.

— Não tenho a menor ideia.

— O garoto está em seu poder, não é?

— São e salvo. Por enquanto. Quer vê-lo?

— Não quero nem chegar perto daquele garoto. Ele me conhece. Se alguma coisa sair errada e Kevin se encontrar de novo com Francis...

O medo era quase palpável nas feições de Peebles. Macy parou o carro. Saltou e esquadrinhou a viela nas duas direções, depois olhou para os telhados. Finalmente sinalizou que a barra estava limpa para seu novo chefe. Peebles saltou, ajeitou a gravata, abotoou o paletó trespassado do terno. Macy abriu a porta do prédio para ele e Peebles entrou, decidido. Subiram a escada. A cada degrau, Peebles parecia se transformar numa presença sempre maior. Aquele era o seu momento, pelo qual aguardava há anos. O velho sai de cena e o novo assume o comando.

Ele chegou lá no alto e esperou que Macy abrisse a porta. Haveria sete homens à sua espera ali, cada um representando uma fatia da distribuição de drogas ilegais em Washington. Nunca haviam trabalhado juntos; em vez disso, cada um se contentava com sua pequena parcela e supervisionava o próprio feudo. Não partilhavam informações nem recursos. Quando as divergências surgiam, a solução encontrada era atirar uns nos outros. Forneciam informações à polícia sobre os outros distribuidores quando lhes convinha, e os tiras os transformavam em presuntos. Francis fazia a mesma coisa. Embora parecesse uma disposição favorável a curto prazo, Peebles sabia que o resultado só podia ser um desastre de administração, numa perspectiva a longo prazo. E era tempo de Antoine Peebles intervir e

assumir o comando.

Ele passou pela porta e entrou na sala em que começaria a se tornar uma lenda viva.

Peebles olhou ao redor. E não viu ninguém ali. Nem mesmo teve chance de se virar antes que a pistola fosse encostada em sua cabeça e a bala disparada no cérebro. Caiu no chão, o sangue escorrendo pela linda gravata e pelo terno de profissional de alto gabarito.

Macy guardou a pistola e inclinou-se para o morto.

— Também li Maquiavel, Twan — disse ele, sem nenhuma presunção.

Ele apagou a luz e tornou a descer a escada. Tinha um avião para pegar, porque agora as coisas começariam a se tornar realmente agitadas.

Web levou Boo para a pequena colina e parou ao lado de Gwen, montada em Baron.

Romano estava dando proteção a Billy no centro equestre; na verdade, Web deixara os dois admirando o Corvette de Romano. com a maior parte dos homens do haras ausente, no leilão de potros, Web sentira-se bastante vulnerável. Conseguira arrancar a aprovação de Canfield para a presença de mais agentes na propriedade para vigiar, pelo menos até que os peões voltassem.

— É muito lindo nesta época do ano. — Gwen olhou para Web.

— Acho que você pensa que temos uma vida fácil aqui. Uma casa enorme, muitos empregados, só nos preocupamos em passear a cavalo e admirar a vista, durante o dia inteiro.

Ela sorriu, mas Web sentiu que a conversa era séria. Era difícil entender como uma mulher como Gwen Canfield, depois de tudo por que passara, ainda podia ter a necessidade de procurar a aprovação de alguém, ainda mais de um estranho como ele.

— Acho que vocês dois sofreram muita coisa, trabalharam bastante e agora desfrutam os frutos desse trabalho. Assim deve ser o sonho americano, não é mesmo?

— Acho que sim — respondeu Gwen, sem a menor convicção. Ela levantou os olhos para o sol. — Está quente hoje.

Web podia sentir que a mulher queria lhe falar sobre alguma coisa, mas não sabia direito como abordar o problema.

— Sou agente do FBI há muito tempo, Gwen. Já ouvi quase tudo e aprendi a ser um bom ouvinte.

Ela lhe lançou um olhar rápido.

— Não revelo o que há em meu coração nem mesmo para pessoas que conheço bem, Web... não faço mais isso.

— Não estou lhe pedindo para fazer. Mas se quiser falar estou aqui.

Cavalgaram em silêncio por mais algum tempo. Gwen parou de novo.

— Estive pensando sobre o julgamento em Richmond. Aquelas pessoas horríveis até processaram o FBI, não é?

— Tentaram, mas não conseguiram. O advogado, Scott Wingo, o que foi assassinado recentemente, tentou essa manobra, durante o julgamento de Free, mas o juiz percebeu suas intenções e não permitiu. Mas provavelmente causou bastante dúvida entre os jurados para que o promotor se assustasse e aceitasse um acordo. Ele fez uma pausa. — O promotor está morto agora... e o juiz também.

Gwen o fitou, os olhos enormes e tristes.

— Mas Ernest Free continua vivo e livre depois de tudo o que fez.

— A vida às vezes não faz sentido, Gwen.

— Billy e eu tínhamos uma vida maravilhosa antes que tudo acontecesse. Eu o amo demais. Mas desde que David morreu não é mais a mesma coisa. A culpa provavelmente é mais minha do que de Billy. Foi ideia minha matricular David naquela escola. Eu queria que ele tivesse uma educação de primeira classe e contatos com pessoas diferentes... isto, pessoas de cor e de outras etnias. Billy é um bom homem, mas nasceu e foi criado em Richmond, não com qualquer riqueza ou privilégio, mas num bairro em que nunca se via alguém que não fosse de sua própria espécie. Uma pausa, e ela se apressou em acrescentar: — Billy não é racista ou qualquer coisa parecida. Metade dos motoristas e ajudantes de sua empresa de transporte rodoviário era de negros, e ele os tratava com absoluta igualdade. Se você trabalhava com afinco, tinha um emprego com um salário justo. Muitas vezes o acompanhei em visita à casa dos motoristas que começavam a beber demais. Billy levava comida e dinheiro para as famílias, aconselhava os homens, arrumava ajuda profissional e pagava as despesas, ou insistia para que participassem das reuniões dos AA. Em suma, fazia tudo o que podia para ajudá-los a se recuperar. Podia despedi-los por justa causa, mas nunca o fazia. Disse-me uma ocasião que seu destino neste mundo era ser o Rei da Segunda Oportunidade, porque também tivera a sua. Sei que algumas pessoas podiam olhar para ele e para mim sem perceberem a atração. Mas sei que não há nada que ele não faria por mim. Billy sempre

esteve ao meu lado nos bons e maus momentos... e tivemos nossa quota de ambos.

— Não precisa me convencer, Gwen. Mas se estão com problemas, já procuraram aconselhamento? Conheço alguém que poderia ajudar.

Ela lançou um olhar desanimado para Web, tornou a observar o sol e murmurou: — Acho que vou nadar um pouco.

Voltaram para o estábulo. Web levou Gwen até a casa numa das picapes do haras. Ela vestiu o maio e foi se encontrar com ele junto da piscina. Web explicou que não ia nadar para não molhar sua arma. Ela sorriu pelo comentário. Foi girar uma chave no painel de controle embutido na parede de pedra ao lado da piscina. A cobertura cinzenta da piscina deslizou nos trilhos.

— Pusemos essa cobertura porque sempre encontrávamos tartarugas, rãs e às vezes até cobras na piscina — explicou ela.

Enquanto a cobertura entrava em seu nicho, no outro lado da piscina, Web agachou-se para examinar a máquina que formava uma correnteza. Levantou os olhos a tempo de ver Gwen tirar as sandálias e o roupão. Ela usava um maio inteiro, um pouco decotado nos seios e um pouco alto nos quadris e nas nádegas. O corpo era bronzeado, e os músculos das pernas combinavam com os que ele já vira nos braços e ombros. Não havia as assaduras e arqueamentos nas pernas que as amazonas deviam ter.

— Como esta coisa funciona? — perguntou Web.

Gwen enfiou os cabelos compridos por baixo de uma touca e foi até a extremidade da piscina.

— A água é bombeada da piscina e passa por aquele canhão, que a projeta num determinado nível, proporcionando uma resistência que você pode aumentar ou diminuir, como quiser. Tivemos uma máquina portátil durante algum tempo, mas era difícil de manejar. E eu usava tanto a piscina que fazia mais sentido utilizar o sistema embutido. Como a água é aquecida, uso a piscina durante o ano inteiro.

— Deve ser por isso que está em tão boa forma.

— Obrigada, gentil senhor. Tem certeza de que não quer nadar comigo?

— Provavelmente só serviria para retardá-la.

— Como quiser. Mas não há um grama de gordura em seu corpo.

Ela foi até um painel de controle na parede de pedra no lado da piscina mais próximo da casa. Abriu o painel e apertou alguns botões.

Web ouviu a pressão da água se acumulando. Olhou para a piscina e viu

a água espumando. Saía do canhão por baixo da água e criava a correnteza contra a qual Gwen nadaria.

Ela pôs os óculos de natação e mergulhou. Web observou quando ela aflorou à superfície e iniciou as braçadas. Acompanhou-a durante cerca de dez minutos. A mulher nunca variava o ritmo ou as braçadas. Era como uma máquina, e Web sentiu-se contente por ter recusado o convite para nadar também. Cada homem da ERR tinha de nadar bem e saber como usar equipamento de mergulho; Web era um bom nadador, mas não tinha certeza se seria capaz de manter o ritmo de Gwen Canfield.

Depois de cerca de vinte minutos, a água espumante parou, e Gwen foi para o lado da piscina.

— Acabou? — perguntou Web.

— Não. Armei o sistema para 45 minutos. Não sei por que o circuito desarmou.

— Onde fica a caixa de eletricidade?

Ela apontou para uma porta dupla num muro de pedra, numa pequena encosta.

— Na sala de equipamentos da piscina.

Com a inclinação do terreno, Web calculou que a sala devia ser em parte subterrânea. Ele foi até lá e girou a maçaneta.

— Está trancada.

— É estranho, porque nunca trancamos.

— Sabe onde está a chave?

— Não sei. Como eu disse, nunca a trancamos, e presumi que não havia uma chave. Acho que terei de interromper o exercício.

— Não será preciso. — Web sorriu. — O FBI é uma agência de serviços completos, e uma cliente satisfeita é a nossa melhor propaganda.

Ele pegou o chaveiro em que sempre levava um delgado pedaço de metal com o qual podia abrir 99 por cento das fechaduras do mundo em cerca de trinta segundos. Abriu a porta da sala de equipamentos da piscina na metade desse tempo.

Entrou, encontrou o interruptor e acendeu a luz. Ainda bem que fez isso, porque quase tropeçou, mesmo com a luz acesa, nos poucos degraus logo depois da porta. Aquela escada era o sonho de um advogado especializado em indenizações por acidentes, pensou ele. O lugar era barulhento, com água correndo, máquinas reunindo e bombeando. Ele desceu. Havia prateleiras com material, latões enormes com cloro em pó, peneiras,

escovas, um robô aquático para limpar o fundo da piscina e outros equipamentos variados que provavelmente ninguém usava há anos. Era fresco ali embaixo, e Web calculou que devia estar três metros abaixo da superfície, porque o chão continuava em declive suave mesmo depois que saiu dos degraus.

Web encontrou a caixa de eletricidade. O disjuntor desarmara, como era de esperar. Como a máquina de correnteza era nova, podia estar sobrecarregando o sistema, se a fiação não fora trocada. Deveriam ter verificado isso antes, porque podia haver um curto-circuito e um incêndio. Ele fez uma anotação mental para falar a respeito com Gwen. Ao empurrar o interruptor de volta para o lugar, ouviu a máquina recomeçar a funcionar. Havia mesmo muito barulho ali embaixo. Ao se virar para sair, Web não notou outra porta no final de uni pequeno corredor. Virou-se e deixou a sala, apagando a luz.

No outro lado daquela porta, ao final de um pequeno corredor, havia mais uma porta no labirinto que era aquela área subterrânea. Na sala por trás dessa porta Kevin Westbrook prendia a respiração. Primeiro, ouvira passos; depois, não ouvira mais. Ouvira a máquina entrar em funcionamento, desligar, voltar a zumbir. E havia o cheiro de cloro, pois há muito deduzira que era isso e já se acostumara. Mas os passos se afastando eram uma surpresa.

Sempre que as pessoas desciam, nas ocasiões anteriores, iam vê-lo. E não podia deixar de se perguntar por que isso não acontecera dessa vez.

41

ENQUANTO GWEN TOMAVA UMA CHUVEIRADA, WEB FOI esperar na biblioteca. Uma parede da sala era formada por uma enorme estante embutida com videocassetes e um aparelho de televisão de tela enorme. Havia também cinco prateleiras com fitas de vídeo. Para passar o tempo, ele começou a examinar os títulos, até que os números escritos em uma fita deixaram-no paralisado. Os números eram apenas uma data, mas essa data ele jamais esqueceria. Web olhou ao redor, mas não havia ninguém ali. Pôs a fita no aparelho. A cena era a mesma que ele reconstituíra mentalmente muitas e muitas vezes. A escola em Richmond estava cheia de crianças, espertas e ansiosas, de todas as origens socioeconômicas. Era bastante simbólico, os jornais disseram na ocasião, que a ex-capital da Confederação estivesse tentando um programa ousado para reintegrar suas escolas, depois que a maioria dos tribunais federais e a maioria dos estados admitiram que a situação existente era a melhor que se podia conseguir. Pois Richmond tentara fazer mais e estava conseguindo, o que atraíra a atenção nacional para seus programas. E fora então que Ernest B. Free e vários de seus bandidos homicidas entraram pela porta da frente da escola, usando couraças pessoais e armas automáticas em quantidade suficiente para derrotar a União na Guerra Civil.

Seguira-se o caos, com duas professoras mortas a tiros. Mais de quarenta pessoas tornaram-se reféns, inclusive trinta crianças, de seis a 16 anos de idade. Foram obrigadas a participar de um evento que não interessava a nenhuma delas. Os negociadores agiram pelo telefone sem parar, falando com os homens lá dentro. Tentavam mantê-los calmos, para descobrir o que queriam e se poderiam providenciar. E, durante todo o tempo, Web e a Equipe Charlie esperavam, junto com os atiradores de tocaia da Equipe Zulu, distribuídos por todos os possíveis pontos de ataque. Até que soaram tiros dentro da escola, e Web e seus homens entraram em ação. Cada um tinha o plano de batalha gravado na mente, embora tivesse sido definido durante o voo desde Quantico. Web recordou que, na iminência de receber a ordem para atacar, até esfregara sua .45 para dar sorte.

O pouco que Web sabia sobre os Frees não o fazia se sentir melhor. Eram violentos, mas disciplinados e bem armados. Além disso, estavam

entrincheirados, com muitas vidas inocentes sob seu controle.

Os Frees haviam feito contato com os negociadores através de um sistema telefônico improvisado. Asseguraram que os disparos haviam sido um mero acidente. Naquele momento, Web não gostara da situação. Sentira que alguma coisa terrível era iminente, pelo simples fato de que homens como os Frees não usavam de boa-fé. Mesmo assim, a Equipe Charlie suspendera o ataque. Depois de Waco, mudara a posição do FBI sobre o resgate de reféns. Basicamente, era um jogo de sentar e esperar. O Birô já demonstrara estar disposto a esperar até que um novo ano raiasse antes de forçar a questão, tão profundamente estava enraizada a imagem brutal de crianças morrendo num incêndio no Texas. Mas depois que os Frees suspenderam as negociações, a ERR fora chamada de novo, e dessa vez Web sabia que invadiriam a escola com as câmeras de TV focalizando tudo, para que o mundo inteiro assistisse ao drama que se desenrolava ali, passo a passo, Web e a Equipe Charlie avançaram lentamente até a entrada pouco usada nos fundos do prédio. Para aumentar a surpresa, pois a localização exata dos reféns e dos Frees não era conhecida, decidiram contra o uso de uma carga explosiva para derrubar a porta externa, optando por uma entrada furtiva. Foi o que fizeram, sem qualquer barulho. Desceram pelo corredor na direção do ginásio, onde os reféns provavelmente estavam, segundo as informações disponíveis.

A ERR alcançara a porta dupla e espiara pela janela. Contara metodicamente os reféns e os sequestradores. Parecia que todos se encontravam ali. Pouco antes de se abaixar, Web fizera contato visual com o menino. Tentara mantê-lo calmo, para que ele não revelasse a presença de Web e seus companheiros. Até lhe fizera o sinal do polegar para cima. Na ocasião, Web não sabia que o menino era David Canfield.

A ERR iniciara a contagem regressiva. Cada agente sabia exatamente para onde atirar. Estavam confiantes de que poderiam liquidar todos os Frees sem perder mais reféns.

Mas cada homem sabia também que a situação podia se deteriorar rapidamente, de um momento para outro, por causa de algum fator inesperado.

E foi o que aconteceu.

Pouco antes da invasão do ginásio, soara um som alto e estridente. Não poderia ter ocorrido num momento mais inoportuno. E até hoje Web não sabia sua origem.

A ERR entrara disparando, mas os Frees, alertados pelo som, reagiram no mesmo instante.

E os tiros tinham alvos certos. David Canfield fora baleado no pulmão esquerdo; a bala lhe saíra pelo peito. Caíra no chão. A cada respiração, o sangue saía em golfadas pelo enorme buraco em seu corpo. Embora não pudesse ter durado mais de dois ou três segundos, David Canfield fitara Web com uma expressão que ele jamais esqueceria.

Era como se o menino tivesse depositado toda a sua fé em Web, o seu escudo contra toda a loucura do mundo, mas o homem o decepcionara. com o polegar para cima.

Fora então que a luta de verdade começara. Web precisara esquecer David Canfield e se concentrar nos outros reféns, nos homens que tentavam matá-lo. Fora atingido pelo lança-chamas depois de salvar Lou Patterson, e depois por balas no pescoço e tronco. Em seguida, tornara-se uma máquina de destruição de um homem só. Ao final, nenhum dos Frees estava de pé. Web não fora capaz de acreditar que Ernest Free conseguira sobreviver.

Reviver a tragédia era angustiante, mas Web inclinou-se para a frente enquanto a câmera o focalizava mais uma vez. Era levado numa maca, cercado por paramédicos.

À sua esquerda, seguia Lou Patterson. À direita, um lençol estendido sobre um cadáver. David Canfield fora o único refém que morrera depois que a ERR entrara em ação. Web continuou a se ver na tela da TV, as câmeras alternando entre ele, lutando pela vida, e o corpo imóvel de David Canfield. Uma luz de uma das câmeras continuou focalizada no menino, até que alguém a desligou. Web se perguntara muitas vezes quem fizera aquilo. E, depois, a fita escureceu.

— Fui eu quem desligou aquela câmera.

Web se virou e deparou com Billy Canfield, parado ali, olhando para a TV. Parecia ter descoberto os pensamentos de Web. Ele se adiantou, os passos hesitantes, o dedo apontando para a tela. Web se levantou do sofá.

— Desculpe, Billy. Eu não devia...

— Aquela maldita luz estava projetada diretamente em cima de meu filho. Não precisavam fazer isso. — Ele olhou para Web. Não havia necessidade e não era certo. Meu pequeno Davy sempre foi sensível demais a luzes fortes.

Foi nesse instante que Gwen entrou na biblioteca, de jeans e blusa rosa, os cabelos ainda úmidos. Web lhe lançou um olhar embaraçado, e ela

deduziu prontamente o que acontecera. Pegou o marido pelo braço, mas ele se desvencilhou. Web percebeu alguma coisa próxima de ódio por ela nos olhos de Billy.

— Por que vocês dois não sentam aqui e assistem? — gritou ele para a mulher. — Eu sei, Gwen. Não pense que eu não sei.

Ele saiu da sala enquanto Gwen, sem sequer olhar para Web, fugia na outra direção com um tremendo sentimento de culpa, Web tirou a fita do aparelho. Já ia guardá-la de volta na prateleira quando ficou subitamente imóvel. Olhou para a porta, meteu a fita no bolso do casaco e voltou para a casa de carruagens. Inseriu a fita no videocassete ali e ligou a TV. Assistiu à fita mais cinco vezes. Havia alguma coisa na gravação que não conseguia entender direito, um som em segundo plano. Aumentou o volume e se aproximou da tela, mas não adiantou. Finalmente, telefonou para Bates e explicou o que estava pensando.

— Estou com a fita.

— Sei qual é a gravação — disse Bates. — Foi feita pela afiliada local de Richmond de uma emissora de TV. Temos nos arquivos. Pedirei aos nossos técnicos para examinar.

Web desligou a televisão e tirou a fita do aparelho. Também fora descoberto mais tarde que duas adolescentes negras haviam sido estupradas pelos Frees; aparentemente, o ódio que sentiam contra as pessoas de cor não os impedia de fazer sexo forçado com elas.

Mas o que Billy estava querendo dizer quando declarara a Gwen que sabia? Sabia o quê? O toque do celular interrompeu os pensamentos de Web. Ele atendeu. Era Claire e estava quase histérica.

— O que aconteceu, Claire?

Ele escutou sua voz assustada, antes de dizer: — Fique onde está. Chegarei aí o mais depressa possível.

Web desligou. Em seguida, ligou para Romano, informou-o sobre a situação e partiu minutos depois.

42

CLAIRE FORA PARA UM LUGAR PÚBLICO E SEGURO, UMA subdelegacia de polícia num centro comercial de classe média. Não fizera o registro policial da ocorrência, informou a Web quando ele chegou.

— Por que não?

— Queria falar com você primeiro.

— Pelo que você descreveu, Claire, parece com meu amigo Francis Westbrook e um de seus apaniguados, provavelmente Clyde Macy. Alguém morreu na última vez em que os vi. Você não pode imaginar como teve sorte.

— Mas não posso afirmar com certeza que foram eles porque estava vendada.

— Mas reconheceria as vozes?

— É possível.

Ela hesitou, parecendo perplexa.

— Qual é o problema, Claire?

— Esse Francis... até que ponto você diria que ele é instruído?

— Em matéria de esperteza das ruas, é Ph.D. Em cultura de livro, zero. Por quê?

— O homem que me ameaçou tinha um estranho jeito de falar. Alternava gírias do gueto e com a instrução e vocabulário de um homem instruído. Pude sentir que às vezes se sentia contrafeito com o que dizia, porque saía forçado, como se tentasse pensar nas palavras apropriadas enquanto falava, suprimindo as opções naturais, mas se enganando de vez em quando com o uso de palavras que... você sabe...

— Palavras que seriam mais apropriadas para a pessoa que ele tentava personificar?

— Personificar... exatamente.

Web respirou fundo. A situação se tornava mais e mais interessante. Pensava no segundo homem da quadrilha tentando dar um golpe no chefe, ou empurrando a faca um pouco mais fundo, dependendo da maneira como se avaliava. Antoine Peebles, o candidato a rei das drogas em pele de ovelha. Ele a fitou com uma nova admiração.

— Você tem bons ouvidos, Claire, sempre à espera de dicas assim de nós, pobres coitados de cabeça entortada.

— Estou apavorada, Web. Realmente apavorada. Há anos aconselho as pessoas a enfrentarem o que as assusta, a serem proativas, em vez de reativas. Mas quando isso acontece comigo sinto-me paralisada.

Ele descobriu seu braço protetor em torno dos ombros de Claire, enquanto a levava para o carro.

— Tem o direito de ficar apavorada. O que aconteceu com você deixaria a maioria das pessoas aterrorizada.

— Mas não você.

Web notou que ela falava quase com inveja. Ao embarcarem no Mach, ele comentou: — Não pense que eu nunca fico apavorado, Claire, pois isso me acontece de vez em quando.

— Mas, com certeza, não deixa transparecer.

— Deixo sim, só que de maneira diferente.

Ele fechou a porta do carro. Pensou por um momento, antes de fitá-la e pegar sua mão.

— Pode-se lidar com o medo de duas maneiras diferentes. Fechar-se como uma ostra e esconder-se do mundo ou fazer alguma coisa.

— Agora você fala como um psiquiatra — murmurou ela, cansada.

— Aprendi com a melhor. — Web apertou a mão de Claire. — O que você me diz? Quer me ajudar a deslindar esse caso?

— Confio em você, Web.

A resposta o surpreendeu, em grande parte porque não fora o que perguntara. Ele ligou o carro.

— Vamos tentar encontrar um menino chamado Kevin.

Web estacionou na viela por trás da casa de dois andares em que Kevin morava. Ele e Claire foram para a porta dos fundos, pois sempre era possível que a da frente estivesse vigiada, por exemplo, pelos homens de Bates. E Web não queria se envolver em confusão com alguém do FBI agora. Bateu na porta.

— Quem é?

A voz era de homem, não da vovó, e sem nada de cordial.

— É você, Jerome?

Web podia sentir uma presença no outro lado da porta.

— Quem quer saber?

— Web London, do FBI. E como você está hoje, Jerome? Web e Claire ouviram a palavra "Merda!", murmurada bem alto, mas a porta não foi aberta.

— Ainda estou aqui, Jerome, e ficarei até que você abra a porta. E não tente fugir pela frente, como fez na última visita. Tambem cobrimos esse lado.

Web ouviu correntes sendo puxadas e estalos de fechaduras e cadeados abertos. Um momento depois, deparou-se com Jerome. Ficou surpreso ao ver que Jerome usava uma camisa branca de colarinho, calça bem passada e uma gravata, para acompanhar seu olhar mal-humorado.

— Tem um encontro romântico?

— Você é muito engraçado para um federal. O que você quer?

— Apenas conversar. Está sozinho? Jerome recuou.

— Não estou mais. A gente já contou tudo o que sabe, cara. Por que não para de nos aporrinhar?

Web deixou Claire entrar primeiro, entrou em seguida e fechou a porta. Os dois correram os olhos pela pequena cozinha.

— Só estou tentando encontrar Kevin — disse Web. — Não é o que você também quer?

— O que isso significa?

— Que tenho a tendência de não confiar mais em ninguém. Só quero conversar, mais nada.

— Estou ocupado. Se você quer conversar com alguém, pode procurar meu advogado. — Jerome olhou para Claire. — O que ela é? Sua namorada?

— Não. Ela é minha analista.

— E das boas... dá pra perceber.

— Nem tanto, Jerome. — Claire adiantou-se. — Infelizmente, o Sr. London tem alguns problemas.

— E o que os problemas dele têm a ver comigo?

— Ele tem devotado tanto tempo a esse caso que acho que está se tornando quase obcecado. E esse tipo de obsessão pode às vezes alcançar níveis perigosos, até violentos, se não for resolvido dentro de um prazo razoável.

Jerome olhou para Web enquanto recuava outro passo.

— Se esse cara pirou, não tive nada a ver com isso. Ele já era doido na primeira vez em que esteve aqui.

— Mas não vai querer que aconteça alguma coisa com você ou com outros. O Sr. London está apenas tentando descobrir a verdade. E na minha opinião profissional, descobrir a verdade é muito importante para alguém

com seus problemas específicos. E ele se mostraria muito agradecido, em termos psicológicos, a quem o ajudasse.

Mas tenho certeza de que você não vai querer saber o inverso. — Ela fitou Web com expressão de pesar, misturada com a dose certa de medo. — Já vi antes os resultados dessa situação no caso do Sr. London. É um dos motivos pelos quais estou aqui. Para evitar outra tragédia.

Web não pôde deixar de admirar a eficiência de Claire.

Jerome desviou os olhos de um para o outro por um longo momento, antes de dizer, em voz mais calma: — Já contei tudo o que sei. Juro.

Web interveio, com a maior firmeza: — Não, Jerome, não contou. Quero saber coisas sobre Kevin que talvez nunca tenha sequer pensado. Agora vamos parar a conversa mole e começar a trabalhar.

Jerome fez sinal para que os dois o seguissem. Ele se virou e percorreu o corredor, até a pequena sala onde Web estivera na primeira visita. Antes de deixar a cozinha, Web notou que estava muito limpa, as pias impecáveis, o chão lavado. Ao seguir Jerome, junto com Claire, e entrar na sala, ele notou que o lixo fora recolhido, o assoalho varrido, as paredes lavadas. Dava para sentir o cheiro de desinfetante por toda parte. Havia uma porta encostada na parede ao lado do banheiro, e o lençol que antes cobria a abertura fora retirado. Os buracos no teto haviam sido tapados e escorados. Trabalho da vovó, pensou ele, pelo menos até que Jerome pegou uma vassoura e começou a varrer uma pilha de lixo para um enorme saco.

Web olhou ao redor da "nova" casa.

— Trabalho seu?

— A gente não precisa viver numa pocilga. ?

— Onde está sua avó?

— Foi trabalhar. Na cantina do hospital.

— Por que você também não foi trabalhar?

— Só pego no serviço daqui a uma hora. Espero que não pense em ficar comigo aqui todo esse tempo.

— Você parece muito comportado para planejar o assalto a um banco.

— Cara, você é mesmo hilário.

— Onde você trabalha? Você não tem emprego, Jerome. Por que não admite logo?

Jerome terminou de encher o saco, fechou-o e jogou-o para Web.

— Importa-se de levar isso para fora?

Claire abriu a porta. Web pôs o saco na varanda da frente, ao lado de

vários outros. Quando fechou a porta, viu Jerome tirar uma caixa de ferramentas de um closet. Ele pegou uma chave de fenda, um ViseGrips e um martelo. Deixou as ferramentas junto da abertura do banheiro e pegou a porta.

— Pode me dar uma ajuda?

Web o ajudou a levar a porta até a abertura, depois segurou-a, enquanto Jerome apertava as dobradiças pendentes e usava o ViseGrips para remover os pinos. Levantaram a porta para o lugar certo, e Jerome prendeu as dobradiças no batente com o martelo. Ele fechou e abriu a porta várias vezes, para se certificar de que estava alinhada direito.

— Você é um cara habilidoso, mas esse não é o seu trabalho, a menos que os carpinteiros agora trabalhem de gravata.

Jerome guardou as ferramentas antes de responder: — Trabalho à noite na manutenção dos computadores de uma empresa. Consegui o emprego faz poucos meses.

— Quer dizer que conhece computadores? — perguntou Claire.

— Sou formado em ciência da computação pela faculdade comunitária. Sei alguma coisa.

Web não ficou impressionado.

— Hum... Quer dizer que conhece computadores?

— Tem algum problema de audição? Foi o que eu disse.

— Não parecia ter um bom emprego na última vez em que estive aqui.

— Como eu disse, trabalho à noite.

— Certo.

Jerome fitou Web em silêncio demoradamente, depois tirou uma caixa de computador debaixo do sofá. Abriu a caixa e ligou o computador.

— Você está on-line, cara? — perguntou Jerome.

— O que isso significa? Se sei andar de skate?

— Muito engraçado. Computadores ligados. Internet. Sabe o que é isso, não é?

— Não, não sei. Passei os últimos dez anos viajando pela galáxia e estou um pouco atrasado.

Jerome bateu em algumas teclas. Os três escutaram quando se anunciou a Jerome que "Você tem E-mail", na AOL.

— Espere um pouco — disse Web. — Como pode entrar na Internet sem um telefone?

— Meu computador tem tecnologia sem fio, um cartão que me permite

fazer isso. É como ter um celular embutido. — Ele sorriu para Web e balançou a cabeça num espanto óbvio. — Cara, espero que a maioria dos federais não seja tão ignorante quanto você em matéria de computadores.

— Não abuse de sua sorte, Jerome.

— Sabe o que é um cookie — Um biscoito açucarado que aumenta a barriga da gente.

— Você nunca desiste, não é? Um cookie é um arquivo de texto simples. Um header de HTTP com uma sequência apenas de texto. A sequência tem o domínio, o caminho, a variável de valor que um site na Web determina e um prazo. Muitas empresas usam cookies para personalizar informações, determinar os links populares, ou para propósitos demográficos. Mantêm o conteúdo do site renovado, sempre de interesse para os usuários. Por exemplo... Ele bateu em algumas teclas e a tela mudou.

— Estive nesse site há pouco tempo e ele sabe disso. Por isso não me mostra as mesmas coisas, a menos que eu peça. E estão começando a usar cookies nas interações auxiliares, como armazenar dados pessoais que um usuário deu ao site, como senha e outras coisas.

— Armazenar dados pessoais... parece coisa de Big Brother comentou Claire.

— É possível. Mas os cookies são apenas textos, não programas, e por isso não são sensíveis a vírus. Não podem sequer acessar o disco rígido, embora o browser possa salvar valores de cookie ali, se necessário. Algumas pessoas pensam que os cookies vão lotar o disco rígido, mas isso é praticamente impossível. A maioria dos ISPs impõe limites aos cookies. A Netscape restringe a trezentos. Assim, quando você alcança esse número, os mais antigos são automaticamente descartados. A Microsoft os coloca em seu arquivo de TIF, com um valor máximo predefinido de dois por cento do disco rígido. E os cookies são em geral tão pequenos que são precisos dez milhões de cookies para ocupar um disco rígido de um giga. Para dizer a verdade, estou escrevendo alguns milhões de linhas de código que levarão os cookies a um novo nível, retirando os aspectos nocivos e vão fazer com que sejam muito mais úteis. com isso, talvez eu ganhe milhões de dólares. Jerome sorriu.

— O supremo cookie.

Ele desligou o computador e fitou Web.

— Mais alguma pergunta?

A admiração era evidente no rosto de Web.

— Muito bem, você me convenceu de que conhece computadores.

— Ralei muito na escola, mas finalmente tenho um emprego que não me obriga a andar todo arrumadinho. E é nesse momento que os otários do Serviço Social dizem que a gente ganha muito dinheiro e precisa deixar a casa em que moramos durante os últimos cinco anos.

— O sistema é terrível.

— Não é não. Só as pessoas que nunca estiveram no sistema é que pensam assim. A gente não teria onde morar sem isso. Mas ainda me irrita que eu esteja ganhando apenas um pouco mais do que a rede do Burger King paga. Além disso, a gente é despedido sem a menor cerimônia. E duvido que meu empregador ofereça opção de compra de ações para alguém como eu.

— Ainda assim, Jerome, é um começo. É melhor do que a alternativa por aqui. Sabe disso.

— vou continuar a subir. Tenho de ralar pra cacete, até a gente poder sair daqui... e nunca mais olhar para trás.

— Você e sua avó?

— Ela me acolheu quando mamãe morreu. Tumor no cérebro e falta de seguro de saúde não é uma boa combinação. E papai disparou uma bala de .45 na boca quando estava "viajando" com uma droga qualquer. Claro que vou cuidar da minha avó, como ela cuidou de mim.

— E Kevin?

— Também vou cuidar de Kevin. — A expressão de Jerome se mostrou furiosa. — Se vocês conseguirem encontrá-lo.

— Estamos tentando. Conheço alguma coisa sobre a família dele. Seu parentesco com Big... isto é, com Francis.

— Francis é o pai de Kevin. E daí?

— É um pouco mais do que isso. Conheci Francis de perto... perto demais.

Web apontou para as remanescentes lesões no rosto infligidas pelo homem. Jerome o fitou com uma curiosidade evidente.

— Teve sorte por ele só ter feito isso com você.

— Tem razão. Estou começando a ter essa impressão. Ele me contou como Kevin nasceu. De sua própria mãe e todo o resto.

— Madrasta.

— Como?

— A mulher era madrasta de Francis. Passava a maior parte do tempo chapada. Não sei o que aconteceu com sua mãe verdadeira.

Web deixou escapar um suspiro de alívio. Não fora um incesto. Ele olhou para Claire, que disse: — Portanto, eles não são irmãos, mas sim pai e filho. Kevin sabe disso?

— Eu não contei a ele.

— Mas ele acha que Francis é seu irmão? — insistiu Claire, enquanto Web a observava atentamente. — É assim que Francis queria?

— O que Francis quer, ele consegue. Está bom ou você quer mais?

— Por que Francis haveria de querer que Kevin acreditasse que eram irmãos?

— Talvez ele não quisesse que Kevin soubesse que estava comendo a madrasta... a mãe de Kevin. O nome dela era Roxy. Era viciada e todo o resto, mas também foi boa para Kevin antes de morrer.

— Como Kevin foi baleado?

— Estava com Francis, e foram surpreendidos por um tiroteio entre quadrilhas. Francis trouxe ele para cá. Foi a única vez que o vi chorar. Eu mesmo levei o garoto para o hospital, porque a polícia estava alerta e prenderia Francis se ele aparecesse. Kevin nunca chorou, nem uma única vez, e sangrava como um filho da puta. Mas ele nunca mais foi o mesmo desde então. As outras crianças zombam dele, dizem que é lesado.

— As crianças podem ser cruéis — comentou Claire. — Depois crescem e se tornam ainda mais cruéis. A única diferença é que passam a ser mais sutis.

— Kevin não tem nada de burro. Ao contrário, é muito inteligente. E desenha muito bem... nem dá para acreditar como ele desenha bem.

Claire pareceu interessada.

— Não quer me mostrar os desenhos?

Jerome olhou para o relógio.

— Não posso chegar atrasado ao trabalho. E tenho de pegar o ônibus.

— Para chegar à sua fábrica de cookies Pela primeira vez, Jerome e Web trocaram um sorriso.

— Vamos fazer uma coisa, Jerome. Você nos mostra os desenhos de Kevin e fala mais um pouco, e eu te levarei pessoalmente para o trabalho numa máquina que vai deixar seus amigos se ralando de inveja. Que tal?

Jerome os levou ao segundo andar da casa. Atravessaram um pequeno corredor que terminava num quarto mínimo. Quando Jerome acendeu a luz,

Web e Claire olharam ao redor, espantados. Cada centímetro das paredes e até mesmo do teto estava ocupado por desenhos em papel, alguns a carvão, outros em lápis de cor, e ainda outros em tinta. E numa mesinha, ao lado de um colchão no chão, havia pilhas de cadernos de desenho. Claire pegou um caderno e começou a folheá-lo, enquanto Web continuou a olhar para os desenhos nas paredes. Alguns eram de coisas que Web podia reconhecer, paisagens e pessoas. Jerome e a avó eram reproduzidos em detalhes impressionantes. Outros desenhos eram abstratos no conteúdo, e Web não encontrou sentido em vários.

Claire levantou os olhos do caderno. Correu-os pelo quarto, antes de se fixar em Jerome.

— Conheço um pouco sobre arte, Jerome, porque minha filha está se formando em história da arte. Kevin possui um talento extraordinário.

Jerome olhou para Web como um pai orgulhoso.

— Kevin diz que é assim que ele às vezes vê as coisas. "Eu só desenho o que estou vendo", ele me diz.

Web olhou para o material e os cadernos de desenho na mesa. Havia também um pequeno cavalete no canto com uma tela em branco.

— Tudo isso custa dinheiro. Francis contribui?

— Eu compro o material de arte para Kevin. Francis dá o resto, roupas, sapatos, coisas básicas.

— Ele nunca se oferece para ajudar você e sua avó?

— Claro que sim. Mas não aceitamos. A gente sabe de onde vem o dinheiro. Mas Kevin é diferente. Francis é o pai. E o pai tem o direito de prover o filho.

— O pai aparece com frequência? Jerome deu de ombros.

— Quando lhe dá na telha.

— Acha que pode ser ele quem está com Kevin? Seja franco. Jerome sacudiu a cabeça.

— Por mais que eu não goste de Francis, devo dizer que ele é capaz de cortar a própria cabeça antes de deixar que qualquer coisa aconteça com aquele menino. É capaz de matar alguém só de olhar. Mas é todo derretido com Kevin. Um gigante gentil, acho que se pode dizer assim. Não queria que Kevin morasse com ele porque sabia que seria muito perigoso.

— Imagino que foi um enorme sacrifício para Francis renunciar a alguém que tanto amava — comentou Web. — Mas, na verdade, esse é o verdadeiro teste do amor: o sacrifício.

— O cara sempre muda o lugar em que dorme por causa das pessoas que querem matá-lo. Uma terrível maneira de viver. Mas tinha pessoas vigiando Kevin, para ter certeza de que ninguém pegaria o menino para atingi-lo. Não que muitas pessoas soubessem da ligação, mas Francis não queria correr risco.

— Já o viu depois que Kevin desapareceu? — perguntou Web. Jerome hesitou ao ouvir essa pergunta. Enfiou as mãos nos bolsos. Web sentiu no mesmo instante que o muro tornou a subir.

— Não quero metê-lo em nenhuma encrenca, Jerome. Basta ser franco comigo e prometo que ninguém jamais saberá. Tem se saído muito bem até agora.

Jerome pareceu pensar a respeito por um momento, uma das mãos mexendo na gravata, como se especulasse o que aquela coisa fazia em torno de seu pescoço.

— Na noite em que Kevin não voltou para casa, já era tarde, talvez três da madrugada. Eu tinha acabado de voltar do trabalho, vovó estava acordada, a casa na maior bagunça. Ela me disse que Kevin havia desaparecido. Subi, troquei de roupa, me preparava para sair à sua procura e me perguntava se devia chamar a polícia. Ouvi vovó lá embaixo, falando com alguém... isto é, ele, ele falava... ou melhor, gritava. Era Francis. Estava furioso como eu nunca tinha visto antes.

Ele fez uma pausa. Por um momento, deu a impressão de que poderia se esquivar de novo.

— Francis também procurava Kevin. Tinha certeza de que vovó escondera ele em algum lugar, ou pelo menos essa era a sua esperança. Pela maneira como falava, pensei que ia agredir vovó. Quase desci. Não sou nenhum covarde, mas também não sou burro. O sujeito levaria apenas um segundo pra me matar. Mas pode ter certeza de que eu não deixaria Francis ou qualquer outra pessoa entrar aqui para machucá-la sem tentar fazer alguma coisa. Dá pra entender?

— Claro que dá, Jerome.

— Francis finalmente se acalmou, compreendendo que Kevin não estava aqui. E foi embora. Não vimos mais ele depois disso.

— É a pura verdade.

— Agradeço ter me contado, Jerome. Acho que provavelmente é difícil confiar nas pessoas neste momento.

Jerome fitou Web de alto a baixo.

— Você salvou a vida de Kevin. Isso vale alguma coisa. Web se tornou cauteloso.

— Leio os jornais, Sr. Web London. Equipe de Resgate de Reféns. Kevin estaria morto se não fosse por você. Talvez seja por isso que Francis não esmigalhou seu crânio.

— Eu ainda não havia pensado dessa maneira.

Web tornou a olhar para a pilha de cadernos de desenho.

— Contou essas coisas aos outros agentes que estiveram aqui?

— Eles não perguntaram.

— Revistaram o quarto de Kevin?

— Dois deles deram uma olhada, mas não demoraram muito.

Web olhou para Claire. Pareciam ler os pensamentos um do outro. Ela perguntou: — Importa-se se eu levar estes cadernos emprestados? Gostaria de mostrá-los à minha filha.

Jerome olhou para os cadernos e depois para Web.

— Tem de prometer que vai trazer tudo de volta. E toda a vida de Kevin que está aí.

— Prometo... e também prometo que farei tudo o que puder para trazer Kevin de volta. — Ele pegou os cadernos. Pôs a mão no ombro de Jerome. — Agora está na hora de levar você ao trabalho. Vai descobrir que meus honorários pelos serviços de motorista são bastante razoáveis.

Enquanto desciam, Web fez mais uma pergunta: — Kevin estava sozinho naquela viela, no meio da noite. Ele fazia isso com frequência?

Jerome desviou os olhos, sem dizer nada.

— Vamos, Jerome, não fique de língua presa logo agora.

— Kevin queria nos ajudar... ganhar algum dinheiro para podermos sair daqui. E se angustiava por nunca ser capaz de fazer alguma coisa nesse ponto. Era apenas um menino, mas em algumas coisas pensava como um adulto.

— Acho que um ambiente diferente pode fazer isso com uma criança.

— Kevin se aventurava pelas ruas de vez em quando. Vovó era velha demais para controlá-lo. Não sei com quem ele andava. Toda vez que o encontrava na rua, o trazia de volta para casa. Mas talvez ele estivesse tentando ganhar algum dinheiro extra. E por aqui sempre se pode ganhar algum dinheiro, por menor que você seja. Você entende?

Eles deixaram Jerome no trabalho e foram para a casa de Claire.

— Antes que eu me esqueça, Claire, você se comportou como uma

profissional.

— Acho que é mais mental do que físico, e essa é minha área.

— Ela fitou Web. — Você foi muito duro com Jerome.

— Provavelmente porque já conheci um milhão de caras assim na minha vida.

— Estereotipar é perigoso, Web, para não mencionar que é injusto com a pessoa que está sendo categorizada. O fato é que você só pode conhecer um Jerome de cada vez. E pude perceber que esse Jerome desmontou seu preconceito.

— Tem razão — admitiu Web. — Quando se faz um trabalho como o meu há tanto tempo, acho que fica mais fácil agrupar as pessoas.

— Como os pais?

Web não respondeu a essa pergunta. Claire acrescentou: — É triste a situação entre Francis e Kevin. Pelo que Jerome disse, ele tem um profundo amor pelo filho. E deve ser terrível precisar levar essa vida.

— Não duvido do amor do grandão por Kevin. Mas já vi esse mesmo cara matar um homem a sangue-frio. Além disso, ele já me encheu de porrada duas vezes. Portanto, simpatia tem limites.

— O ambiente de uma pessoa tende a determinar suas opções, Web.

— Posso aceitar em parte esse argumento, mas já vi muitos caras com antecedentes ainda piores se darem bem na vida.

— Incluindo talvez você mesmo? Ele ignorou a pergunta.

— Acho que é melhor você fazer uma mala e encontrarmos uma casa segura, vigiada por alguns agentes, até termos certeza que aqueles caras não voltarão.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Quero que você fique segura.

— Também quero ficar sã e salva. Pode ter certeza de que não tenho o menor desejo de morrer. Mas se você está certo e o homem apenas fingia ser Francis para me assustar e lançar suspeitas sobre ele, é bem provável que eu não corra qualquer perigo real.

— É bem provável que esteja certa, Claire, mas não esqueça que é apenas uma teoria... e pode ser a teoria errada.

— Se minha rotina permanecer a mesma, acho que eles não terão motivos para pensar que sou uma ameaça. E tenho uma coisa em que preciso muito trabalhar.

— O que é?

Ela o fitou nos olhos. Web nunca a vira tão perturbada.

— Estou pensando num homem muito corajoso que entra numa viela, escuta um menino dizer uma coisa fora do comum e depois se torna incapaz de realizar seu trabalho.

Web sustentou os olhos.

— Não pode ter certeza se há uma ligação.

Claire suspendeu uma página do caderno de desenho para que ele visse.

— Mas tenho... tenho certeza absoluta de que há uma ligação. O desenho era bem definido, minucioso, com uma firmeza além da capacidade de um menino. Uma figura que parecia tanto com Kevin que podia ser um autorretrato estava parada no que parecia ser uma viela de muros altos. Um homem que podia ter sido Web, em traje de combate complexo, passava correndo ao lado de Kevin. O menino tinha a mão estendida. E o objeto em sua mão era apontado para Web. Era um artefato pequeno, do tipo que se podia esconder com facilidade no bolso de uma calça. O jato de luz projetado estendia-se através da página e terminava na margem. Era como se o menino empunhasse alguma espécie de arma futurista, como raios de luz, ao melhor estilo de Guerra nas estrelas e Jornada nas estrelas. Na verdade, era um objeto com que todas as pessoas, em particular as crianças, estavam familiarizadas hoje em dia. Era um controle remoto, e aquele irradiava um facho de luz. Podia ter sido para uma TV, um aparelho de som ou algum outro equipamento eletrônico. Mas Web sabia que não era isso. Não vira sequer um aparelho de TV na casa de Kevin, e certamente não havia nenhum em seu quarto. Aquele controle remoto, Web tinha certeza, ativara o laser no pátio, que por sua vez acionara as metralhadoras, no momento em que Web e a Equipe Charlie entraram correndo no espaço. O garoto desencadeara tudo. E alguém preparara o menino para o que veria naquela noite, ou seja, homens com blindagens, bem armados. Porque não era provável que Kevin Westbrook tivesse voltado para casa e fizesse aquele desenho depois do fato. Quem era esse alguém?

Dois carros atrás do Mach de Web, Francis Westbrook guiava o Lincoln Navigator pessoalmente. Sem produto para vender, uma boa parte de sua tripulação já abandonara o navio. As pessoas não deixavam a erva crescer sob os pés no negócio de drogas, e a erva sempre parecia ser mais verde em outro lugar. Quando se chegava a esse novo lugar, é claro, descobria-se que era a mesma merda de sempre. Você vivia e morria por sua esperteza, e os

idiotas não sobreviviam por muito tempo. Para cada traficante que morria, no entanto, havia uma dúzia de pessoas ansiosas para tomar seu lugar. A atração do negócio de drogas era enorme, apesar do alto índice de mortalidade, porque as pessoas no mundo de Francis Westbrook não tinham muitas opções. Esqueçam os cientistas sociais com suas tabelas e gráficos. Westbrook podia ensinar em todos os cursos sobre esse assunto.

Ele sacudiu a cabeça, enquanto seus pensamentos voltavam ao dilema. Peebles não era encontrado em parte alguma, e até mesmo o outrora leal Macy desaparecera por completo. Os homens que lhe restavam não eram os mesmos em que Westbrook realmente confiava. Por isso ele seguira sozinho naquela missão. Vinha observando a casa de Jerome na esperança de que Kevin pudesse voltar. Em vez disso, ganhara outro prêmio. London da ERR e a mulher. Era a tal que cuidava de cabeças, o que conseguira descobrir antes que os homens o abandonassem. Ele guiava com as pontas dos dedos, a mão direita na pistola que deixara no banco da frente. Observara London e a mulher entrarem e depois saírem com Jerome. A mulher trazia os cadernos de desenhos de Kevin, e Francis imaginou por quê. Os cadernos teriam alguma pista do paradeiro do menino? Pessoalmente, ele revistara a cidade de alto a baixo, à procura do filho, ameaçara pessoas, quebrara ossos, inflacionara egos no processo e se despedira de milhares de dólares no trabalho. Mesmo com tudo isso, nada descobrira. Os federais, com toda a certeza, não estavam com Kevin. Não haviam armado nenhuma jogada contra ele, talvez tentando persuadir Kevin a testemunhar contra o pai; disso ele tinha certeza. Francis fora muito cuidadoso nesse ponto. Kevin nada sabia sobre o que seu velho fazia, pelo menos não o tipo de detalhes necessários no banco das testemunhas. Mas se ele sabia, Francis tinha de aguentar firme e enfrentar a queda. Acima de tudo, precisava fazer o que fosse melhor para Kevin. Sob muitos aspectos, levara uma vida intensa e proveitosa, tanto quanto alguém como ele podia esperar. Kevin tinha muito mais por que viver. London era um cara inteligente. O plano de Francis era segui-lo e descobrir para onde isso o levava. E é claro que era para Kevin que esperava ser levado.

43

WEB LEVOU CLAIRE ATÉ SUA CASA, ONDE ELA PEGOU roupas e outras coisas. Depois, seguiu o carro dela até um motel, onde Claire se hospedou. Prometeram um ao outro que se manteriam em contato, relatando tudo o que acontecesse. Em seguida, Web voltou apressado para East Winds. Romano estava na casa de carruagens.

— Os Canfield estão em casa. Não sei o que aconteceu, mas alguma coisa deixou-os abalados. Estão brancos como lençóis. Os dois.

— Sei qual foi a causa, Paulie. Web falou sobre a fita de vídeo.

— Sabe que não havia nada que você pudesse fazer, Web. Só fico chateado de estar no exterior na ocasião. Teria adorado acertar aqueles desgraçados. — Romano estalou os dedos. — Antes que eu me esqueça... Ann Lyle ligou e disse que precisava muito falar com você.

— Por que ela não me ligou diretamente?

— Falei com ela há dois dias. Só para saber como estão as coisas. Dei o telefone daqui, caso ela precisasse fazer contato por uma linha fixa.

Web pegou o telefone. Enquanto ligava para Ann, perguntou a Romano: — Billy gostou do seu Corvette?

— Adorou, cara. Disse que teve a oportunidade de comprar um igual há dois anos por... está preparado para ouvir?... cinquenta mil dólares. Isso mesmo, cinquenta mil!

— É melhor não deixar Angie descobrir. Já posso imaginar um carro clássico se transformando em móveis novos e fundos de investimentos para a faculdade das crianças.

Romano empalideceu.

— Que merda! Nunca pensei nisso. Você tem de jurar que não vai contar a ela, Web. Tem de jurar.

— Espere um instante, Paulie. — Web falou pelo telefone. Ann? Sou eu, Web. O que aconteceu?

A voz de Ann saiu muito baixa.

— Há alguma coisa acontecendo por aqui. É por isso que ainda estou no escritório.

Web ficou tenso. Sabia o que isso significava.

— Uma operação?

— Os caras construíram um novo alvo na área de treino há dois dias e

têm ensaiado como alucinados. Os atacantes prepararam todo o seu equipamento hoje. A porta do comandante passou a manhã inteira fechada. Alguns dos atiradores de tocaia já foram dispostos em suas posições. Sabe como é isso, Web.

— Claro que sei. Tem alguma ideia do possível alvo?

A voz de Ann se tornou ainda mais baixa.

— Uma fita de uma câmera de segurança foi entregue há poucos dias. Mostra que um caminhão estacionou junto da plataforma de carga de um prédio abandonado, perto do lugar em que ocorreu o tiroteio. A fita não estava no melhor ângulo, pelo que sei, mas creio que mostra as metralhadoras sendo descarregadas do caminhão.

Web quase arrancou o telefone da parede. Bates escondera a informação dele.

— O caminhão estava registrado em nome de quem, Ann?

— Silas Free. É um dos fundadores da Sociedade Livre, Web. Foi uma burrice usar o verdadeiro nome.

— Filhos de uma puta! Iam atacar os Frees! — Como estão sendo transportados para o local?

— Aviões militares, partindo da Base Andrews para um antigo aeroporto do corpo de fuzileiros, perto de Danfield. Os caminhões já partiram pela estrada.

— Quem participa da força de ataque?

— Hotel, Golfo, Raios X e Uísque.

— Só isso? Não é a força total.

— Eco, Ianque e Zulu estão fora do país, em missões de proteção VIP. Não há mais uma Equipe Charlie. E, ainda por cima, um dos atacantes de Hotel quebrou a perna durante um treinamento, e Romano está com você, em missão especial. Estamos com pouco pessoal neste momento.

— Já estou a caminho. Não deixe o trem partir antes da minha chegada.

Ele olhou para Romano.

— Peça aos caras nos portões para cercarem toda a casa e assumirem o encargo da proteção.

— Para onde vamos?

— É tempo de entrar em ação, Paulie.

Enquanto Romano chamava os guardas do perímetro, Web saiu para abrir a mala do Mach e verificar o que tinha à sua disposição ali. Era muita coisa. A vida de um agente da ERR exigia que mantivesse várias mudas de

roupa na mala do carro, junto com uma extensa variedade de outros itens, essenciais para as ocasiões em que se era chamado sem aviso prévio para passar uma semana ou um mês fora do país. Web complementara esse suprimento "normal" com vários produtos que tirara do paiol da ERR e com as reservas que mantinha em casa. Era um formidável arsenal. Mesmo com os documentos do FBI, ele teria dificuldade para explicar tudo aquilo a um patrulheiro rodoviário que o detivesse para uma inspeção de rotina. Quando Romano voltou, Web disse: — O sacana do Bates escondeu coisas de mim. Encontraram provas diretas ligando os Frees ao ataque contra Charlie, usando a dica que eu dei. E ele não ia sequer nos convidar para a festa. Deve estar pensando que vamos pirar e atirar nas pessoas desnecessariamente.

— Isso ofende meu senso de profissionalismo — comentou Romano.

— Pois diga ao seu senso de profissionalismo para se apressar, porque não temos muito tempo.

— Por que não disse logo? — Ele pegou o braço de Web. — Se é de rapidez que precisamos, não vamos levar essa lata-velha.

— Do que está falando?

Cinco minutos depois, carregado com um arsenal, o Corvette passou pelo portão aberto de East Winds e pegou a estrada. O percurso até Quantico era quase todo por estradas secundárias, mas Romano manteve a velocidade acima de 110 quilômetros horários durante a maior parte do tempo.

Fazia as curvas tão depressa que Web se segurava na beira do banco, torcendo para que Romano não percebesse. Quando pegaram a Interestadual 95, Romano mudou a marcha e acelerou ainda mais. Ligou o som e passou a guiar no ritmo da música. O ar noturno ressoava com os acordes de Bachman-Turner Overdrive, porque viajavam com a capota arriada. Enquanto Romano guiava, Web verificava suas armas. Mesmo com os faróis na estrada, a escuridão era intensa. Mas seus dedos conheciam cada centímetro das armas.

Ele olhou para Romano, que sorria e cantava em voz alta, acompanhando o BTO, enquanto eles "cuidavam das coisas". O cara balançava a cabeça como se ainda estivesse no curso secundário, exultante com um concerto de Springsteen.

— Você tem uma estranha maneira de se preparar para o combate, Paulie.

— Como você com a esfregada que dá em suas pistolas para ter sorte?

Web o fitou, surpreso, e ele acrescentou: — Riner me contou. Achava muito engraçado.

— Acho que nada é sagrado — murmurou Web.

Chegaram a Quantico em tempo recorde. Ambos conheciam a sentinela na entrada leste, junto do Bureau Parkway. Romano não se deu o trabalho de diminuir a velocidade.

— Triplo oito, Jimbo! — gritou ele enquanto passava.

Era uma referência ao código de crise de três oito, no pager, que determinava que os membros da ERR corressem para Quantico o mais depressa possível.

— Peguem os caras pra valer! — gritou Jimbo em resposta.

Romano estacionou o carro. Os dois pegaram seus equipamentos e foram para o prédio da administração. Romano usou seu cartão de segurança para abrir o portão. Seguiram para a porta da frente, observados por uma câmera de vigilância. Na frente da entrada, seis árvores haviam sido plantadas, em memória dos mortos da Equipe Charlie. Lá dentro, passaram pela sala de Ann Lyle. Ela foi até a porta e trocou um olhar com Web, mas não mais do que isso. Pelas normas, Ann não deveria ter ligado para Web e avisado sobre o ataque. E ele nunca faria qualquer coisa para envolvê-la numa situação difícil. Mas ambos sabiam que era certo o que ela fizera e que se danassem as normas.

Web encontrou seu comandante, Jack Pritchard, no corredor. O homem olhou espantado para Web e Romano, com todos os seus equipamentos.

— Apresentando-me para a missão, senhor — disse Web.

— Como você soube? — indagou Pritchard.

— Ainda sou membro da ERR. Posso farejar coisas assim a um quilômetro de distância.

Pritchard não pressionou para descobrir, embora lançasse um olhar na direção da sala de Ann Lyle.

— Quero participar — acrescentou Web.

— É impossível — respondeu Pritchard. — Você ainda está de licença, e ele... — um dedo foi apontado para Romano — ... foi designado para uma missão especial de que nem tive conhecimento. Agora sumam daqui.

O comandante se virou e voltou para a sala de equipamentos. Web e Romano foram atrás. Os atacantes e atiradores de elite, que ainda não haviam assumido suas posições, estavam reunidos ali, repassando os

últimos detalhes. Os atiradores de tocaia examinavam os novos lotes de munição numerada. Atualizavam os livros de registros, ajustavam o mecanismo de pressão nos gatilhos, limpavam lunetas e canos. Os atacantes inspecionavam as próprias armas, material de arrombamento, mochilas táticas e blindagem pessoal. O pessoal de logística da ERR levava equipamentos para os caminhões, tentando se lembrar de tudo o que seria necessário para ter êxito na mini-invasão.

Todos pararam o que faziam quando Pritchard se intrometeu no espaço deles, seguido por Web e Romano.

— Ora, Jack, não seja assim — disse Web. — Você tem equipes espalhadas por toda parte. Mesmo contando com Paulie, ainda falta um homem em Hotel. Pode aproveitar a ajuda extra.

Pritchard se virou bruscamente.

— Como você soube que faltava um homem?

Era evidente que o comandante da ERR estava cansado de vazamentos. Web correu os olhos pela sala.

— Posso contar. E conto cinco atacantes em Hotel. Acrescente Paulie e eu para ter uma força completa.

— Vocês não receberam as instruções, não treinaram na maquete do alvo e há algum tempo não fazem treinamento de combate. Vocês não vão.

Web se postou na frente do homem, bloqueando sua passagem. Jack Pritchard tinha pouco menos de 1,80m de altura, e Web levava uma vantagem de doze quilos a mais e cinco anos a menos. Mas sabia que as diferenças desapareceriam numa luta. Só que ele não queria brigar, ou pelo menos não com um companheiro.

— Informe-nos durante a viagem. Mostre os pontos de ataque. Temos nosso próprio equipamento. Só precisamos do Kevlar, um traje de voo e capacete. Quantas missões assim Paulie e eu já realizamos, Jack? Não nos trate como um idiota inexperiente que acaba de concluir o treinamento básico. Não merecemos isso.

Pritchard recuou. Fitou Web fixamente por um longo momento. Quanto mais esse momento se prolongava, mais Web pensava que Pritchard podia tomar a decisão de expulsá-lo dali. A ERR, como outras unidades quase-militares, não gostava daquele tipo de insubordinação.

— Vamos fazer uma coisa, Web. Deixarei que eles resolvam. Jack apontou para os atacantes. Jack não esperava por esse tipo de decisão. Mas adiantou-se para fitar os homens de Hotel e Golfo um a um. Lutara lado a

lado com a maioria, primeiro como atirador de tocaia e depois como atacante. Seu olhar finalmente desviou-se para Romano. Os homens aceitariam Paulie sem a menor hesitação. Mas Web era mercadoria estragada, o atacante que ficara paralisado no pior momento possível. Cada homem naquela sala se perguntava se ele faria isso de novo... e se o comportamento custaria suas vidas.

Web salvara a vida de Romano durante o ataque a uma base de milicianos em Montana. Romano retribuíra o favor um ano depois, durante um serviço de proteção VIP no Oriente Médio, quando um soldado de um grupo rebelde marginal tentara atropelá-los com um ônibus vazio que roubara. O rebelde teria alcançado seu objetivo, pelo menos em relação a Web, se Romano não o puxasse para o lado no último instante. Além disso, Romano acertara um tiro no motorista, entre os olhos, com sua .45. Apesar de tudo isso, porém, mesmo com todo o tempo recente que haviam passado juntos, Web nunca fora capaz de entender Romano. Enquanto ele corria os olhos pela sala, parecia que os homens fitavam Romano, na expectativa de que ele resolvesse o impasse. Mas apesar de Romano tê-lo trazido para Quantico, com o intuito de participarem do ataque, Web não tinha a menor ideia do que ele diria agora. Ele apenas observava quando Romano pôs a mão em seu ombro e disse, fitando os companheiros de equipe: — Web London pode cobrir minha retaguarda em qualquer lugar, a qualquer momento.

E na sociedade machista alfa da ERR, um homem como Paul Romano — temido até por alguns de seus companheiros — dizer isso era tudo o que era necessário. Depois que acabaram de se preparar, Pritchard chamou todos os homens para a pequena sala de reunião. Parou na frente, olhando para seus homens, que também o fitavam. Web teve a impressão de que Pritchard passou mais tempo a observá-lo do que a qualquer dos outros.

— Nem é preciso dizer que esta missão é decisiva — declarou Pritchard. — Todas as nossas missões são decisivas. Sei que cada homem aqui vai se conduzir com um profissionalismo absoluto, realizando a missão com o máximo de sua capacidade.

O tom de Pritchard era afetado. Ele parecia nervoso. Já fizera tantas coisas perigosas em sua vida que Web há muito presumia que o homem não tinha nervos.

Web e Romano trocaram olhares. Aquele tipo de discurso de estímulo era um tanto inesperado. Não eram um bando de garotos de uma escola

secundária se preparando para uma partida de futebol americano. Mas a atitude solene de Pritchard se dissolveu de repente.

— Muito bem, vamos cortar a conversa mole. As pessoas que vamos atacar esta noite são suspeitas de terem liquidado a Equipe Charlie. Todos vocês sabem disso. Esperamos pegá-las de surpresa. Em resumo, sem tiros disparados.

Ele fez uma pausa, tornando a correr os olhos pelos homens.

— Vocês conhecem as ordens de contato. Essa Sociedade Livre já teve um confronto conosco antes, em Richmond. A Equipe Charlie também participou daquela operação, e alguns acham que a tragédia naquele pátio foi vingança dos Frees. Não há reféns conhecidos. A logística básica é um pouco complicada, mas já enfrentamos situações muito piores. Seguimos pelo ar, embarcamos nos caminhões à espera e executamos a missão.

Pritchard andava de um lado para outro agora. Parou de repente.

— Se tiverem de disparar um tiro esta noite, não hesitem. Se eles responderem, não preciso dizer a cada um o que fazer. Mas não sejam estúpidos. A última coisa de que precisamos é que a mídia proteste amanhã de manhã que a ERR exterminou caras que não precisavam ser exterminados. Se eles estavam envolvidos no massacre da Charlie, vamos prender todo mundo e deixar que o processo legal faça seu trabalho. Não atirem... repito... não atirem por pensarem no que esses caras fizeram com seis dos nossos homens. Vocês são melhores do que isso. Merecem mais do que isso. E sei que farão tudo o que for certo.

Ele fez mais uma pausa. Pareceu estudar o rosto de cada homem, outra vez se demorando mais em Web, ou pelo menos foi essa a impressão de Web. Pritchard terminou com uma exortação: — Vamos pegá-los.

Enquanto os homens saíam, Web emparelhou com Pritchard.

— Jack, compreendi o que você disse. Mas se está preocupado com a possibilidade de alguém agir sem pensar nas consequências, por que empenhar a ERR na operação? Você disse que não há reféns. Portanto, uma equipe de SWAT do FBI poderia cuidar da situação, com o apoio da polícia local. Por que nós fomos os escolhidos?

— Ainda somos parte do FBI, Web, embora às vezes se possa pensar o contrário, pela maneira como algumas pessoas se comportam por aqui.

— O que significa que a ERR recebeu ordens superiores para realizar essa missão?

— Esse é o procedimento, e você sabe disso tão bem quanto eu.

— Por causa das circunstâncias, pediu uma reconsideração da incumbência da missão?

— Para ser franco, pedi sim, porque pessoalmente acho que não deveríamos realizar essa missão. Não tão pouco tempo depois de perder nossos homens. E concordo com você: uma equipe da SWAT poderia resolver o problema sem maiores dificuldades.

— E eles rejeitaram seus argumentos?

— Como eu disse, somos parte do FBI e fazemos o que mandam. Você queria entrar de qualquer maneira. Pretende recuar agora?

— Vejo você no O.K. Corral.

Poucos minutos depois, eles estavam a caminho da Base Andrews, da Força Aérea, prontos para a guerra.

O Birô, Web soubera por um colega da ERR, cogitara de executar um mandado de busca na propriedade dos Frees, mas decidira que primeiro deixaria a ERR garantir toda a área, para depois efetuar a busca. A última coisa que o Birô queria agora era que dois agentes fossem mortos ao tentarem entregar o mandado de busca. Além do mais, o vídeo das metralhadoras usadas para matar agentes federais sendo descarregadas de um caminhão alugado por Silas Free já era bastante incriminador.

No voo curto e irregular, num jato de transporte militar, Web repassou a ordem de operações, em cinco parágrafos. Ele e Romano foram instruídos sobre os detalhes específicos. Não haveria negociações com os Frees, nem advertências para que saíssem com as mãos levantadas. As lembranças da tragédia na escola em Richmond e do massacre da Equipe Charlie impediam essas opções. Menos pessoas morreriam naquela noite se a ERR atacasse sem avisar; pelo menos era a decisão dos altos escalões.

Web concordava com essa decisão. O fato de não haver reféns conhecidos tornava tudo mais fácil, mas também mais complicado. E era mais complicado porque Web ainda especulava o motivo pelo qual uma equipe de SWAT do FBI não fora chamada para cuidar da situação. Ele torcia para que fosse apenas uma combinação da reputação dos Frees, de serem extremamente perigosos e sempre bem armados, com o fato de que até mesmo os mocinhos tinham direito a aplicar uma doce vingança de vez em quando. Mas havia alguma coisa que não parecia certa naquele caso.

As informações obtidas pelo escritório regional de Washington, ao longo dos últimos meses, situavam os Frees numa propriedade adquirida há dez anos, cerca de 65 quilômetros a oeste de Danville, Virgínia, numa

região remota do estado, com bosques em três lados. Atiradores de tocaia de Uísque e Raios X haviam iniciado a vigilância 24 horas antes, junto com agentes do escritório regional de Washington. Desde então, vinham fornecendo valiosas informações. As plantas do alvo, no entanto, já estavam no computador da ERR havia algum tempo.

A ERR reconstruíra o interior do prédio e ensaiara o ataque com mais alguma coisa além do habitual vigor e determinação da unidade. Embora não houvesse qualquer membro da ERR que pudesse, conscientemente, abrir fogo sem que ele, outro membro da equipe, ou uma pessoa inocente, estivesse em perigo, também não tinha ninguém que não torcesse, pelo menos um pouco, para que os Frees tentassem reagir. Talvez, pensou Web, esse grupo incluísse até o comandante Jack Pritchard, apesar de seu veemente discurso em contrário. Eles pousaram, embarcaram nos caminhões, que haviam acabado de chegar, e seguiram para o ponto de concentração preliminar. Ali, encontraram-se com a polícia local e o pessoal do escritório regional de Washington, que estava liderando a operação. Web virou as costas e ficou mexendo em seu equipamento quando viu Percy Bates sair de um dos Bucars e falar com Pritchard. Web não queria uma confrontação com Bates naquele momento por muitas razões. A principal era a de que não sabia se podia confiar em seu controle para não dar uma porrada em Bates, por não tê-lo informado do ataque. Era bem provável que Bates apenas tentasse proteger Web, talvez de si mesmo. Mas Web teria preferido que essa decisão lhe coubesse.

Os homens foram para o último ponto de concentração, onde receberam as ordens finais. Agora, era o momento de pegar a estrada, a caminho do alvo. Avançaram depressa pelas estradas rurais escuras. A Equipe Hotel estava num Suburban e se aproximava do reduto dos Frees pela retaguarda, enquanto a Equipe Golfo avançava pela esquerda.

A topografia exigia que as equipes de ataque atravessassem os bosques, escuros e densos. O que não chegava a ser um problema, pois eles dispunham de equipamentos de visão noturna. Pouco antes de saltarem do caminhão, Romano fez o sinal da cruz. Web quase falou o que sempre dizia para Danny Garcia, que Deus não aparecia por ali, que estavam agindo por conta própria. Mas não disse nada. Apesar disso, desejou que Romano não tivesse feito o sinal da cruz. Tudo aquilo começava a parecer muito familiar, e pela primeira vez Web se perguntou se estaria mesmo em condições de participar do ataque. Mas as portas se abriram antes que ele pudesse pensar

mais a respeito. Os homens se espalharam pelo bosque. Pararam logo adiante, agachados, fazendo um reconhecimento do terreno à frente.

Através dos fones nos ouvidos, Web ouviu as informações dos atiradores de tocaia sobre o que encontrariam quando avançassem. Web reconheceu a voz de Ken McCarthy, da equipe Raios X. O código de chamada de McCarthy era Sierra 1, indicando que ele tinha o posto de observação mais alto. Devia estar empoleirado num galho grosso de um dos enormes carvalhos no perímetro em torno do conjunto de prédios dos Frees, calculou Web. Isso lhe permitiria avistar toda a área, ter uma boa visibilidade de tiro e contar com um desenfiamento máximo, ou posição de cobertura e ocultação. Os Frees certamente estavam na área. A maioria vivia ali. Os franco-atiradores haviam contado pelo menos dez. Havia quatro prédios, formando o conjunto cercado. Três eram de alojamentos. O quarto era um prédio grande, ao estilo de um armazém.

Era ali que os homens mantinham suas reuniões e realizavam seu trabalho, qualquer que fosse. Por exemplo, sem a menor sombra de dúvida, fabricar bombas e conspirar para matar pessoas inocentes, pensou Web. Havia sempre cães em postos avançados como aquele. Os caninos sempre eram um problema, nem tanto como um perigo pessoal para os membros da ERR. Afinal, nem mesmo o cachorro mais feroz seria capaz de morder através do Kevlar ou conseguiria resistir a uma bala. Mas eram eficientes para alertar as sentinelas. Por sorte — pelo menos até ali — não havia cães na propriedade; talvez alguns Frees fossem alérgicos. O arsenal era quase todo constituído por pistolas e espingardas, embora McCarthy informasse que um rapazola, em torno dos 17 anos, estivesse carregando um MP-5.

Havia duas sentinelas fora do conjunto, uma na frente e outra atrás. Os homens estavam armados com pistolas e exibiam expressões entediadas, comentou McCarthy, irônico. Como era costumeiro da ERR, as sentinelas recebiam os nomes dados pelo primeiro atirador de tocaia que os avistava. O guarda na frente foi chamado de Shaq Pálido, porque tinha alguma semelhança com o enorme pivô do basquete americano. Era branco, é claro, porque os Frees jamais permitiriam a presença ali de pessoas de outra cor. O homem na retaguarda foi batizado de Gameboy, porque McCarthy notara um estojo do jogo eletrônico no seu bolso. Os atiradores de tocaia também observaram que os dois homens usavam celulares com características de walkie-talkie. Isso era um problema, pois podiam sinalizar num instante o aviso de perigo para os cúmplices lá dentro.

A Equipe Hotel se espalhou e avançou pelo bosque com a maior cautela. Por cima dos trajes de voo, os homens usavam uma camuflagem de infravermelho, capas verdes com padrões visuais, que fragmentavam o perfil noturno de cada um. Mesmo que os Frees dispusessem de equipamentos de visão noturna, não teriam uma percepção nítida dos atacantes. Embora os prédios ainda não estivessem à vista, na folhagem densa, os Frees poderiam ter postado vigias adicionais ou armadilhas, que escaparam aos olhos dos atiradores de tocaia, por mais improvável que isso pudesse ser.

Os óculos de visão noturna de Web transformavam a noite em dia, mas ainda assim ele mantinha um olho fechado e presumia que todos os outros faziam a mesma coisa. Só assim seria possível evitar o clarão alaranjado posterior. Fizeram outra parada. Web tirou os óculos e piscou depressa, a fim de reduzir os efeitos da ótica de alta tecnologia. Sentiu que a cabeça já começava a doer. No plano de ataque, Romano seria o homem da vanguarda, enquanto Web estaria na retaguarda. Romano não praticara essa posição com os outros, mas ainda era o melhor atacante entre todos. Web passou a mão pelo cano curto da submetralhadora MP-5 que levava. Não trouxera o rifle SR75 porque, depois de usá-lo no pátio, descobrira que não era mais capaz de tocá-lo. Primeiro, tocou na pistola .45, metida no coldre tático. Depois, tocou na pistola idêntica que estava no coldre no ombro, para ser sacada num movimento cruzado. Sorriu tenso quando percebeu que Romano o observava e fazia o sinal de polegar para cima.

— Agora estamos à prova de balas, cara — murmurou Romano.

A frequência cardíaca de Web ainda não estava em 64, e ele fazia um esforço para chegar lá. Esfregou os dedos contra a palma e ficou surpreso ao sentir suor, pois era uma noite fria. Mas quase trinta quilos de equipamentos e blindagem formavam uma pequena sauna pessoal. Ele levava carregadores extras para as pistolas pendurados no cinto, assim como munição de reserva para a MP-5, ao lado das granadas de flash bang, explosivos e outros materiais, de que poderia ou não precisar naquela noite. Era impossível saber antes. De qualquer forma, ele esperava que o suor não significasse nervosismo, o que poderia lhe causar uma distorção, no momento em que precisava ser perfeito.

Eles tornaram a se adiantar e se aproximaram da beira do bosque. Através dos óculos de visão noturna, Web podia divisar com nitidez o conjunto de prédios dos Frees.

Para garantir que as comunicações fossem curtas e todos permanecessem em sintonia, o primeiro andar de um alvo, no jargão da ERR, era sempre chamado de Alfa, enquanto o segundo era Bravo. A frente do prédio era branca; o lado direito, vermelho; o lado esquerdo, verde; e os fundos, preto. Todas as portas, janelas e demais aberturas recebiam números em sequência, começando com a abertura mais distante no lado esquerdo. Assim, Gameboy estava postado no lado de fora da cerca mais ou menos no nível Alfa preto, abertura três. Shaq Pálido estava no nível Alfa branco, abertura quatro. Web observou Gameboy através dos óculos de visão noturna e logo chegou à conclusão de que o garoto não tinha qualquer treinamento e era bastante descuidado. A acurácia dessa avaliação foi confirmada quando o cara tirou o jogo eletrônico do bolso e começou se distrair.

Havia luzes acesas no prédio principal do conjunto. As luzes deviam ter sido acionadas por geradores portáteis, porque não havia uma rede elétrica aérea. Se houvesse, a ERR precisaria encontrar o transformador da energia elétrica e desligá-lo, um momento antes do ataque. Passar da claridade para a escuridão era desorientador e proporcionaria uma vantagem mínima para a ERR, necessária para prevalecer sem perda de vidas.

Como só havia duas equipes de atacantes, os atiradores de tocaia estavam de sobreaviso para vestir seus trajes pretos, Nomex, e ajudarem no ataque. Cada franco-atirador tinha também, além do rifle de tocaia, um rifle de ataque CAR-16 com um visor noturno Litton de terceira potência. O plano era atacar pela frente e pelo lado, ao estilo de blitzkrieg, contendo os Frees no prédio principal. A essa altura, os agentes regulares do FBI entrariam em cena, leriam para os presos seus direitos e executariam os mandados de busca. As escalas seguintes para os Frees seriam o tribunal e a prisão.

Havia elementos suficientes para tornar a operação interessante, pensou Web. Os Frees não podiam deixar de saber que o FBI os observava. Aquela era uma área rural, a notícia da presença de estranhos se espalharia num instante e o Birô já os vigiava há algum tempo. A ERR tinha de presumir que sua arma principal, o elemento de surpresa, estaria no mínimo reduzida naquele caso.

Aprendida a lição com o extermínio da Equipe Charlie, eles haviam trazido dois enormes e pesados projetores de imagens térmicas, muito eficientes. Romano ligou um deles e efetuou uma varredura em cada prédio

no lado em que se encontravam. O aparelho podia divisar através de uma janela escura, até mesmo de uma parede, para identificar a imagem irradiando calor de qualquer pessoa à espreita, armada com um simples estilingue ou qualquer arma de fogo. Romano completou a verificação e deu o sinal de que estava tudo limpo. Não havia armas preparadas para disparar automaticamente dessa vez. Todos os prédios, com exceção do principal, estavam vazios. A operação poderia transcorrer sem qualquer problema.

Pelos óculos de visão noturna, Web olhou ao redor e notou as luzes piscando em meio às árvores. Aquelas luzes pulsando indicavam os atiradores de tocaia, que usavam o chamado Vaga-lume, aparelho que irradiava um brilho infravermelho do tamanho de um isqueiro. Podiam piscar a intervalos de dois segundos, num espectro de luz que só era visível com a ótica noturna. com isso, os atiradores de tocaia podiam se manter em contato uns com os outros sem denunciar sua posição. Se por acaso desconfiava-se de que um alvo também dispunha de visão noturna, os Vaga-lumes nunca eram usados, por motivos óbvios. Os atacantes nunca os usavam. Cada pulsação de luz representava um corpo amigo, com um rifle 308, postado ali para apoiá-lo. Era confortador quando não se tinha certeza se o ingresso seria numa sorveteria ou num ninho de vespas. Web presumia que naquela noite seria a segunda opção.

O plano era um pouco incerto. Os atiradores de elite não abririam fogo contra as sentinelas. Metralhar a sangue-frio pessoas que ainda não haviam sido condenadas por qualquer coisa era algo que os agentes da lei não costumavam fazer com frequência; Web, com certeza, nunca fizera. Seria preciso uma situação de reféns de alto risco para justificar esse tipo de aprovação de Washington. O diretor e provavelmente o secretário de Justiça teriam de endossar uma operação assim. Aqui, eles tencionavam flanquear os guardas, saltar em cima deles e cuidar para que não tivessem tempo nem oportunidade de alertar seus companheiros dentro do conjunto para o ataque iminente. Os atacantes poderiam usar um explosivo diversionário ou talvez atrair as sentinelas para o bosque. Ali seriam recebidos pelos atacantes em Ghillies. Mas o plano de flanquear as sentinelas baseava-se em informações prévias sobre os Frees. As informações demonstravam ser corretas pelo comportamento descuidado das sentinelas. O plano podia dar certo, pensou Web.

Se os pontos de entrada externos estivessem trancados, teriam de ser arrombados com explosivos, é claro. O que alertaria o resto dos Frees. Só

que a essa altura a ERR já teria penetrado no alvo, e a batalha estaria praticamente terminada; isto é, a menos que ocorresse algum fator extraordinário, uma possibilidade que Web nunca mais poderia excluir. Hotel atacaria pela retaguarda e Golfo pelo lado, de maneira muito explosiva. As equipes de ataque sempre tentavam atingir o alvo de ângulos diferentes, nunca frente-retaguarda, ou lado a lado, a fim de evitar as baixas do fogo amigo.

Web ficou tenso, enquanto Romano pedia ao COT a concessão de autoridade, o que foi obtido no mesmo instante. Agora, Web fez mais uma respiração de purificação. Assumiu o foco total de uma das mais eficientes equipes policiais de elite já formadas. com a pulsação em 64, Web sabia com precisão como era o funcionamento interno de seu corpo.

Romano fez o sinal e seguiu para a esquerda, junto com Web, enquanto os outros dois agentes esgueiravam-se para a direita. Um minuto depois, os agentes estavam nos flancos de Gameboy, ainda absorvido na tela do jogo eletrônico, dando a impressão de que se divertia muito. Quando ele levantou os olhos, havia duas pistolas .45 comprimidas contra seus ouvidos. Antes que tivesse sequer uma chance de dizer "Merda!", ele foi arrastado para o chão. as algemas Peerles presas em seus pulsos e tornozelos. Um lacre de plástico foi preso entre as algemas, de tal forma que ele ficou completamente imobilizado, como um novilho numa competição de rodeio.

Ao mesmo tempo, uma tira de fita adesiva foi grudada em sua boca. Tiraram-lhe a pistola, o celular e uma faca encontrada na bainha em um tornozelo. Web deixou que ficasse com seu precioso Gameboy.

Os atacantes passaram pelo alojamento do grupo e seguiram agachados para o ponto de crise, a porta externa posterior. Romano tocou na porta, cauteloso, depois pegou a maçaneta e virou-a. Através de sua máscara, Web observou-o fazer uma careta. A porta estava trancada. Romano chamou o arrombador, que se adiantou no mesmo instante, instalou a carga explosiva com o fio, que foi desenrolado e ligado ao detonador. O resto da equipe protegeu sua retaguarda, mesmo enquanto recuava em busca de cobertura.

A essa altura, Romano comunicou ao COT que estavam entrando na fase verde. Web ouviu a confirmação do COT. Trinta segundos depois, os membros de Golfo fizeram a mesma coisa. com isso, Web soube que eles haviam removido Shaq Pálido da frente e avançado para o lado do prédio, prontos para a invasão. O COT declarou que tinha o controle, uma expressão que deixou Web ainda mais irritado do que antes. Vocês disseram

a mesma coisa para a Charlie, não é mesmo ? Três atiradores de tocaia juntaram-se aos homens da Golfo no lado. Ken McCarthy veio da posição da Sierra 1 e também se tornou um atacante junto com dois outros atiradores da Uísque, que se juntaram a Web e à Equipe Hotel. Web não pôde registrar a expressão de Ken quando o viu, mas teve certeza de que foi de surpresa. Todos tiraram os óculos de visão noturna, pois os clarões dos tiros e explosões os tornariam inúteis; poderiam até deixá-los ofuscados e indefesos num ambiente com tanta claridade. Dali em diante, teriam de usar os cinco sentidos normais. O que era até melhor para Web.

A contagem regressiva começou. Os batimentos cardíacos pareciam se tornar ainda mais lentos a cada número. Quando o COT chegou a três, Web já estava na zona de ataque.

À contagem de dois, todos os agentes desviaram os olhos, para não serem ofuscados pela explosão. No mesmo momento, os dedos de cada homem também soltaram a trava de segurança das armas e esticaram o dedo indicador para o gatilho. Lá vamos nós!, pensou Web. A carga explodiu, as portas caíram para dentro e Web e os outros atacantes entraram no prédio.

— Atacar! — gritou Romano enquanto tirava da bolsa de cordura uma granada de flash bang, arrancava o pino e a jogava.

Três segundos depois, uma explosão de 180 decibéis ressoou pelo corredor, acompanhada por um clarão de um milhão de velas.

Web estava à direita de Romano, procurando por ameaças de qualquer fonte, o olhar deslocando-se primeiro para os cantos distantes e voltando em seguida. Havia uma pequena sala interna, com um corredor seguindo para a esquerda. A informação, confirmada pelas imagens térmicas, era de que os Frees estavam reunidos na sala principal, nos fundos do prédio, no lado esquerdo. Era um espaço grande, talvez de doze por doze metros, quase todo aberto. Assim, não precisavam se preocupar com recantos em que a resistência poderia se entrincheirar. Ainda assim, era um espaço bastante amplo para se manter seguro no mesmo instante, e sem dúvida haveria móveis e outros equipamentos por trás dos quais os Frees poderiam se esconder. Eles deixaram um homem para garantir a primeira sala em que entraram. As normas de combate eram para nunca entregarem um terreno conquistado e nunca permitirem um ataque pela retaguarda. O resto da força de ataque seguiu adiante.

Até agora não haviam visto ninguém, embora soassem gritos à frente. Web e o resto da Hotel avançaram pelo corredor. Mais uma volta e

alcançariam a porta dupla que dava acesso ao alvo.

— Atacar! — berrou Web.

Ele tirou o pino de uma segunda granada de flash bang e jogou-a além da última curva. Agora, qualquer um que estivesse à espera só poderia emboscá-lo enquanto estivesse surdo e cego.

Quando alcançaram a porta dupla, ninguém se deu ao trabalho de verificar se estava trancada. Romano prendeu uma carga explosiva no batente. Era uma tira de borracha de três centímetros de largura por quinze de comprimento, com o explosivo C4 conhecido como Detasheet. Na base do artefato havia um tubo e um detonador. Os homens recuaram, e Romano sussurrou no microfone. Depois de alguns segundos, a carga explodiu e a porta caiu para dentro.

Nesse exato momento, a parede lateral da sala principal explodiu para dentro, e a Equipe Golfo atacou através da abertura.

Haviam usado uma carga linear flexível — uma tira de chumbo e espuma, em formato de V, carregada de explosivos, grudada na parede. Derrubara quase toda a parede, projetando detritos pela sala. Um dos Frees já estava no chão, segurando a cabeça ensanguentada e gritando.

Hotel avançou pela porta principal, avançando para as zonas de perigo, que eram basicamente qualquer espaço em que alguém com uma arma poderia se abrigar e abrir fogo contra os homens da ERR.

— Atacar! — gritou Romano enquanto corria pelo lado direito da sala.

A explosão da flash bang ressoou segundos depois. A sala foi dominada pela fumaça, com um clarão ofuscante. Os gritos eram ensurdecedores, enquanto os Frees esbarravam uns nos outros, tentando escapar. Mas não havia tiros, e Web começou a pensar que a operação poderia acabar pacificamente, pelo menos nos padrões da ERR. Ele seguiu Romano, correndo os olhos por toda a área, procurando ameaças nos cantos mais distantes. Viu homens, jovens e velhos, tentando se esconder por baixo das cadeiras viradas, estendidos no chão ou comprimidos de costas contra as paredes, todos de olhos fechados e tapando os ouvidos, atordoados com o ataque planejado com tanto cuidado. As lâmpadas no teto haviam sido alvejadas pelos homens da ERR assim que entraram na sala. Todos se moviam no escuro agora, exceto pela explosão ocasional de uma flash bang.

— FBI! Todos no chão! Mãos atrás da cabeça! Dedos entrelaçados! Façam o que estou mandando! Agora! Ou todo mundo morre! Romano gritava a plenos pulmões, com seu sotaque do Brooklyn. O berreiro foi tão

grande que até atraiu a atenção de Web.

A maioria dos Frees, em seu campo de visão, começou a obedecer, semi-incapacitados como estavam. Foi nesse instante que ele ouviu o primeiro tiro. Foi seguido por outro, que atingiu a parede ao lado da cabeça de Web. Pelo canto dos olhos, Web divisou um Free se levantando com uma MP-5 nas mãos, apontada em sua direção. Romano devia ter visto a mesma coisa. Eles dispararam juntos as MP-5s armadas para rajadas múltiplas. Todos os oito tiros atingiram o homem, na cabeça e no tronco. Ele tornou a cair no chão, com sua arma, e não se mexeu mais.

Os outros Frees, ofuscados e desorientados, mas também enfurecidos pela morte de um dos seus, sacaram suas armas e abriram fogo, detrás de qualquer baluarte que conseguiram encontrar. Os homens da ERR fizeram a mesma coisa. Mas eram pistolas e espingardas, homens sem qualquer proteção, bancando soldados contra agentes com blindagem pessoal e submetralhadoras, treinados para o combate, prontos para matar. O tiroteio não durou muito. Os Frees, tolamente, fitaram seus oponentes nos olhos. Web e seus companheiros observavam calmamente mãos e as armas que empunhavam, enquanto disparavam rajadas sucessivas, avançando, fixados em seus alvos. Os pontos vermelhos de laser da mira das armas procuravam direto o inimigo. Todos mantinham seus campos de fogo, os pontos vermelhos deslocando-se ao redor como se fosse uma dança de magnífica coreografia. Os frenéticos Frees disparavam em desespero, sem qualquer disciplina, longe do alvo. Os homens da ERR atiravam com precisão, derrubando um oponente depois de outro. Agentes da ERR foram atingidos duas vezes, mais por falta de sorte do que por habilidade do adversário. Mas foram tiros no tronco, com balas comuns de pistola, detidos pelo Kevlar de última geração. Claro que o impacto das balas doeu muito, mas a única consequência foi uma equimose profunda. A ERR mirava na cabeça e no peito, e a cada impacto mais um Free morria.

Com o inimigo obviamente em confusão, Web cansou da carnificina. Mudou a MP-5 para fogo automático e passou a atirar nas mesas e cadeiras, lançando lascas de madeira prensada e coberta de verniz pelo ar, junto com fragmentos de metal. As paredes no outro lado ficaram crivadas de chumbo, enquanto sua arma expelia balas num ritmo de quase novecentas por minuto. A ERR não dispara tiros de advertência, mas não havia nada nos manuais ou em qualquer treinamento feito por Web que dizia que você tinha de massacrar sem qualquer razão um inimigo em total inferioridade. Os

Frees restantes não eram um perigo para mais ninguém. Só precisavam de um pouco de persuasão extra para desistir oficialmente. Romano passou a fazer a mesma coisa com sua arma. A destruição resultante fez com que a oposição se estendesse no chão, de barriga para baixo, as mãos na cabeça, os desejos de lutar e talvez vencer obviamente desaparecidos. Ao mesmo tempo, Web e Romano inseriram mais munição em suas armas, com movimentos e rapidez de máquina.

Tornaram a abrir fogo, mais uma vez mirando por cima das cabeças do inimigo intimidado. Continuaram a disparar até que os últimos Frees ainda vivos fizeram finalmente a única opção sensata. Dois rastejaram para fora dos escombros de cadáveres, mesas e cadeiras destruídas, as mãos no ar, as armas no chão. Pareciam atordoados, não paravam de chorar. Outro Free fitou sentado no chão, olhando fixamente para as mãos, ensanguentadas de tocar no enorme buraco sangrando na perna, com manchas de vômito na camisa. Um agente se adiantou, algemou-o, deitou-o de costas no chão, gentilmente, pôs luvas cirúrgicas e começou a cuidar do ferimento; era um guerreiro que se transformava de repente no salvador de seu inimigo. Os paramédicos foram chamados do veículo que acompanhava cada operação de ataque da ERR, a fim de cuidar dos feridos. O cara provavelmente viveria, concluiu Web, depois de examinar a perna ensanguentada, quanto menos não fosse para passar o resto da vida na prisão.

Enquanto Romano e outro atacante algemavam os dois primeiros Frees a se renderem, vários outros operadores circularam pela sala, verificando se os mortos estavam mesmo mortos. Mas Web tinha certeza de que os homens no chão eram agora apenas cadáveres. Os humanos não eram feitos para resistir a um tiro na cabeça, muito menos a meia dúzia.

Web finalmente baixou sua arma e respirou fundo. Esquadrinhou o campo de batalha à procura de sobreviventes. Alguns pareciam nem ter idade suficiente para guiar um carro, vestindo enormes jeans de camponês, camisa de malha e botas sujas. Um deles tinha uma penugem de adolescente no queixo, outro até acne. Dois dos mortos pareciam ter idade suficiente para serem avôs, e talvez tivessem recrutado os netos para se juntarem aos Frees... morrendo juntos. Não se qualificavam como oponentes respeitáveis. Não passavam de um bando de idiotas com armas e vidas frustradas que depararam com o pior de seus pesadelos e, na maior insensatez, escolherem o caminho errado. Web contou oito cadáveres, o sangue escorrendo, abundante e espesso, para ser absorvido depressa pelo carpete ordinário. E

embora os Frees pudessem contestar, todo e qualquer sangue, independentemente de origem étnica ou racial, escorria vermelho do corpo. Nesse nível, todos eram iguais.

Ele se encostou na parede, no momento mesmo em que ouvia as sirenes se aproximando. Não fora uma luta justa. Mas a luta também não fora justa na vez anterior. Em parte Web deveria pelo menos sentir algum nível de satisfação. A única coisa que Web London sentia, no entanto, era uma náusea profunda. Matar nunca fora fácil, e talvez fosse isso o que o separava de homens como os Ernest B. Frees do mundo. Romano se aproximou.

— De onde partiram aqueles tiros?

Web se limitou a balançar a cabeça.

— Não foi exatamente assim que eu calculei que aconteceria.

Web notou o buraco de bala na roupa camuflada de Romano, deixando à mostra o Kevlar por baixo. O buraco era perto do umbigo. Romano acompanhou o olhar de Web e deu de ombros como se fosse uma mordida de mosquito.

— Um pouco mais abaixo e Angie teria de procurar suas emoções em outras bandas — murmurou Romano.

Web fez um esforço para recordar exatamente o que vira, o que ouvira e exatamente quando. Sabia de uma coisa com certeza: todos precisariam responder a muitas perguntas, e nenhuma dessas perguntas teria uma resposta fácil. A advertência de Pritchard aflorou em sua mente. Haviam acabado de aniquilar numerosos membros dos Frees, o grupo suspeito de exterminar uma equipe da ERR. O que Web e os outros haviam feito, na verdade, fora abrir fogo e matar um bando de garotos e velhos por causa de tiros disparados de uma fonte que não podiam determinar e porque Web vira alguém levantando uma arma e apontando em sua direção. Web tinha toda a justificativa para fazer o que fizera, mas não era preciso ser um mestre em distorcer os fatos para juntar tudo numa história que federia até os confins do mundo. E em Washington D.C. havia mais mestres em distorcer histórias per capita do que em qualquer outro lugar do planeta.

Web podia ouvir alguém correndo na direção deles. Os regulares estariam aparecendo em breve, os homens do mundo de Bates. Assumiriam a tarefa de determinar o que acontecera. Como Romano dissera, a ERR estava no negócio de atacar e bater. E talvez acabassem batidos dessa vez. Web começou a sentir o que não experimentara enquanto as balas voavam:

medo.

Havia movimento a um quilômetro de distância, no bosque por trás do conjunto, além do perímetro da ERR. O terreno pareceu se elevar. Era um homem se agachando, o rifle de tocaia com luneta na mão direita. Era o mesmo rifle que ele usara para matar Chris Miller na frente da casa de Randall Cove, em Fredericksburg. O FBI provavelmente achava que Web London era o alvo, mas estava enganado. A morte de Miller fora apenas outro meio de aumentar o sofrimento de Web London. E o que aquele homem acabara de fazer, instigando a luta entre os infelizes Frees e a ERR, fora simplesmente outro método de aumentar os crescentes problemas de London. O homem pôs de lado a roupa que cobrira de terra, lama, fezes de animais, folhas e outras coisas, destinadas a ajudá-lo a se fundir com o ambiente, o seu próprio traje Ghillie. Há muito concluíra que se deve copiar apenas dos melhores. E, pelo menos por enquanto, a ERR era a melhor. E Web London era considerado o melhor desse grupo de elite. Essa distinção deixava-o na mira do homem. Era uma questão pessoal para ele. Muito pessoal. Ele dobrou o material e prendeu-o na mochila. Depois, Clyde Macy escapou sem fazer qualquer barulho. Apesar de sua natureza normalmente estoica, não podia deixar de sorrir. Missão cumprida.

44

COMO NÃO FORA CAPAZ DE DETERMINAR A ORIGEM DO GRUPO que fornecia Oxy e outras drogas de tarja preta para a área de Washington, Randall Cove mudou de estratégia.

Decidiu passar a atacar o lado do recebimento, em vez de se concentrar na parte do fornecimento. Usara o que lhe dissera o informante T para agarrar um pequeno traficante que vinha trabalhando com essas drogas. Eram espantosos os resultados que se podia obter de um alcaguete pelo recurso de suspendê-lo pelos pés, de cabeça para baixo, sobre um precipício de trinta metros. Cove calculava que, em algum momento, eles teriam de pegar mais mercadoria.

Essa nova tática trouxera-o até ali naquela noite, e ele esperava que proporcionasse enormes dividendos.

O bosque era denso e Cove atravessava-o tão silencioso quanto um ser humano era capacitado para fazê-lo. Parou perto da linha das árvores, agachou-se e esquadrinhou o terreno. Os veículos estavam estacionados numa estrada de terra que serpenteava pelo bosque, perto da fronteira entre o Kentucky e a Virgínia Ocidental. Se Cove pudesse chamar qualquer apoio para a operação, não hesitaria em fazê-lo. Pensara em trazer Venables. Mas Sonny já fizera o suficiente, tinha mulher e filhos com que se preocupar e se preparava para a aposentadoria. Cove não podia interferir nessa situação. Era um homem corajoso, acostumado a enfrentar situações perigosas. Mas ainda assim havia um tênue limite entre coragem e burrice, e Cove sempre se mantivera no lado certo dessa precária linha divisória.

Ele se abaixou ainda mais quando vários homens reuniram-se em torno de um dos veículos. Levantou a luneta de visão noturna para observar melhor. Os itens em invólucros de plástico carregados pelos homens confirmaram as suspeitas de Cove. Não eram tijolos de cocaína, mas sim dezenas de milhares de pílulas. Ele pegou a câmera que dispensava o flash e bateu algumas fotos. Depois refletiu sobre o que fazer em seguida. Havia pelo menos cinco homens perto, e todos estavam armados. Não poderia efetuar uma prisão sem se expor a um grande risco. Enquanto Cove cogitava seu próximo movimento, não notou que o vento mudou um pouco de direção. Não percebeu nada até que o cachorro, deitado no outro lado da picape, fora de seu campo de visão, deu a volta para avançar em sua

direção.

Cove resmungou baixinho, virou-se e fugiu pelo bosque. O cachorro, porém, aproximava-se a cada passada, porque os joelhos avariados de Cove não podiam mais sustentá-lo direito numa corrida. E ele ouviu outra coisa que também não lhe proporcionou qualquer esperança. Havia animais de duas pernas correndo em seu encalço.

Acuaram-no numa área pantanosa do bosque. O cachorro avançou com os dentes à mostra. Cove apontou sua pistola e matou-o. Foi a última vez em que ele atiraria, pois descobriu várias pistolas viradas em sua direção. Levantou a pistola, em rendição.

— Largue a arma — ordenou um dos perseguidores.

Cove obedeceu. Os homens se adiantaram. Um deles revistou Cove e encontrou outra arma, escondida na manga do casaco. Também tirou a câmera.

Nemo Strait se ajoelhou ao lado do cachorro e acariciou-o, gentilmente. Depois, olhou para Cove como se fosse o homem que acabara de cortar a garganta de sua mãe.

Strait levantou sua pistola e se adiantou.

— Eu tinha Old Cuss há seis anos. Um bom cachorro.

Cove não disse nada. Outro homem golpeou-o nas costas, com sua arma, mas arrancou apenas um grunhido de Cove. Strait adiantou-se e cuspiu na cara de Cove.

— A culpa foi minha por não ter verificado se você havia morrido mesmo quando empurramos seu carro pela encosta. Deveria ter pensado que era o seu dia de mais sorte na vida e deixado a cidade.

Cove não disse nada, mas deu um passo mínimo na direção de Strait. Olhou para alguns dos outros homens. Os compradores daquelas drogas farmacêuticas eram da cidade grande, todos negros. Cove não esperava ajuda de sua própria raça. O dinheiro prevalecia sobre todo o resto no mundo do crime.

Strait olhou para trás, na direção do trailer de cavalos em que estava Bobby Lee. Tornou a fitar o prisioneiro e sorriu.

— Cara, você sempre se intromete nos negócios dos outros? Hem? — Ele encostou a arma no rosto de Cove e depois a bateu com força nele. — Responda quando lhe faço uma pergunta!

A reação de Cove foi cuspir na cara do homem. Strait limpou o rosto e encostou o cano da pistola na têmpora de Cove.

— Pode dar um beijo de despedida em seu rabo.

A faca saiu da mesma manga em que Cove guardava a segunda pistola. Nunca ninguém o revistara à procura de armas no mesmo lugar em que já encontrara alguma. Ele visou o coração, mas escorregou na lama, e Strait foi um pouco mais rápido do que previra. Por isso a faca entrou fundo no ombro de Strait, que caiu na água pantanosa.

Cove ficou imóvel, olhando para os homens ao seu redor.

Por uma fração de segundo, todos os sons no mundo deram a impressão para Cove de que cessavam. Em sua mente, avistou a mulher e os filhos correndo em sua direção através de uma campina em que só havia lindas flores. Os sorrisos e abraços antecipados dissolveram todas as coisas terríveis que haviam acontecido ao longo de sua vida. E havia muita coisa para dissolver.

E, depois, as armas abriram fogo. Cove foi atingido várias vezes e caiu. No mesmo instante, todos os homens olharam para o céu, porque podiam ouvir o zumbido de um helicóptero. Segundos depois, as luzes apareceram, por cima da copa das árvores. Strait se levantou de um pulo.

— Vamos sair daqui!

Mesmo com o ferimento, o vigoroso Strait foi capaz de erguer seu cachorro morto e carregá-lo. O helicóptero continuou a subir, as pessoas que transportava aparentemente alheias ao que acontecera lá embaixo. Strait se enganara; o helicóptero apenas levava um grupo de executivos, ao final de uma reunião que terminara muito tarde.

Enquanto os sons da noite recomeçavam, um gemido soou na escuridão. Randall Cove tentou se levantar. Por mais forte que fosse, no entanto, não conseguiu. A blindagem de corpo absorvera três dos cinco tiros. Mas os dois que o atingiram diretamente cobravam seu tributo. Ele arriou no chão, e o sangue deixou vermelha a água.

Claire Daniels estava no consultório, trabalhando até tarde. A porta externa do conjunto estava trancada e o prédio tinha segurança. Por isso, ela se sentia mais segura ali do que no hotel em que se hospedara. Seu amigo farmacêutico transmitira o que descobrira sobre a pílula de aparência estranha que ela tirara de Web. Claire presumira que era algum poderoso barbitúrico, porque ainda pensava que fora uma interação de droga, com efeito retardado, que incapacitara Web na viela. Sob certo aspecto, podia parecer forçado, mas cobria os fatos como ela os conhecia, e naquele

momento nada mais chegava perto disso. O telefonema mudara tudo isso.

— É um placebo — informara o amigo. — Como os que usam para os grupos de controle em testes de drogas.

— Um placebo? Claire ficara aturdida. Todas as outras pílulas eram o que pareciam ser.

Sentada agora no consultório, Claire tentou entender a situação. Se não fora uma interação de drogas, o que poderia ter sido? Recusava-se a acreditar que Kevin Westbrook lançara uma maldição sobre Web com as palavras "os danados para o inferno". E, no entanto, sem qualquer dúvida, as palavras haviam causado efeito em Web. Ele simplesmente perdera o controle?

Claire examinou alguns dos cadernos de desenho de Kevin que Web lhe permitira levar. O que mostrava Kevin apontando o controle remoto fora direto para o FBI, e não havia outros desenhos parecidos no resto dos cadernos. Claire estudou os desenhos em seu poder, muitos dos quais feitos com extrema habilidade. O menino possuía um excepcional talento artístico.

Em nenhum dos cadernos haviam sido escritas as palavras "os danados para o inferno". Não eram fáceis de encontrar, refletiu Claire. Era uma frase que parecia antiga, da época da Guerra Civil, talvez antes. "Os danados dos torpedos, todo vapor à frente", ou algo parecido, teria dito o almirante Farragut, numa batalha naval durante a guerra.

Claire escreveu as palavras num papel. A era da Guerra Civil, pensara Web. Escravidão. Negros e brancos. Supremacistas brancos. Ela franziu a testa, enquanto pensava a respeito, até que teve uma ideia. Mas o pensamento seguinte de Claire foi o de que não podia ser.

A Sociedade Livre? Os danados para o inferno. Ela procurou no seu computador. Era bem possível. Uns poucos cliques no mouse e alguns minutos deram a resposta. A Sociedade Livre tinha um site na Internet. Era um instrumento de propaganda, repulsivo, impregnado de ódio, presumivelmente usado no recrutamento de ignorantes e perturbados para suas fileiras. Quando ela o abriu, o ar ficou preso na garganta.

Foi nesse instante que sua sala mergulhou numa total escuridão. O momento do blecaute somou-se ao que ela acabara de ver para fazê-la soltar um grito. Pegou o telefone no mesmo instante e ligou para o balcão da segurança.

A voz tranquilizadora do guarda entrou na linha. Ela explicou o que

acontecera.

— Não é no prédio, Dra. Daniels. As luzes aqui embaixo estão acesas. Deve ter sido um disjuntor que foi desarmado. Quer que eu suba para verificar?

Claire olhou pela janela e constatou que os prédios ao redor também estavam iluminados.

— Não precisa. Acho que tenho uma lanterna aqui. Se for apenas um disjuntor, posso resolver o problema.

Ela desligou. Procurou nas gavetas e finalmente encontrou uma lanterna. Depois saiu de sua sala e foi para a área de recepção, às escuras. Parou diante do closet em que ficava a caixa de eletricidade do conjunto de salas. Virou a maçaneta. Estava trancada. O que era um pouco estranho, pensou Claire. Mas depois lembrou que ali ficavam também os painéis de telefone e segurança, cujas linhas precisavam ser protegidas de qualquer interferência. Mas, neste caso, como poderia consertar o disjuntor? Ela pensou em arrumar suas coisas e ir para o hotel. Mas todas as suas anotações estavam ali e não tinha no hotel um laptop que lhe permitisse acessar a Internet.

Claire projetou o facho da lanterna na fechadura. Foi para a pequena cozinha e encontrou uma chave de fenda. Voltou à porta do armário, prendeu a lanterna na axila e começou a trabalhar na fechadura. Demorou cinco minutos, e o resultado foi mais sorte do que habilidade, mas conseguiu finalmente abrir a porta. Iluminou o interior com a lanterna e localizou a caixa de luz. O disjuntor do circuito principal desarmara. Ela o empurrou de volta para o lugar e as luzes acenderam. Já ia fechar a porta quando uma coisa atraiu sua atenção. Havia um pequeno artefato ligado aos cabos de energia que subiam pela parede. Claire não sabia muito sobre essas coisas, mas ainda assim aquilo lhe parecia deslocado, quase como um grampo de escuta.

Talvez fosse por causa do que acabara de descobrir, ou porque se tornara subitamente paranoica, mas uma possibilidade ocorreu-lhe num relance. Ela saiu correndo da área de recepção, sem notar o pequeno botão no batente que era ativado sempre que alguém abria a porta do armário em que ficava a caixa de luz.

Claire foi para sua sala. Olhou ao redor. Examinou a porta, depois as paredes, deslocou sua atenção para o teto. E parou ali. Puxou a cadeira da escrivaninha, tirou os sapatos e subiu para alcançar o detector de fumaça.

Trabalhava com agências policiais há tantos anos que sabia que os detectores de fumaça se destacavam entre os pontos prediletos para esconder aparelhos de escuta.

Ela tirou a peça do teto e verificou que havia fios que não deveriam estar ali. Seria apenas em sua sala ou as outras estariam grampeadas também? Ela deixou o detector pendendo do teto, desceu da cadeira e correu para a sala ao lado, que era de O'Bannon. Estava trancada. Só que a fechadura era igual à do armário.

Usando a chave de fenda, ela conseguiu abri-la também. Entrou, acendeu a luz e olhou para o teto. Havia outro detector de fumaça ali. Ela o removeu e encontrou os mesmos fios suspeitos. Já ia correr para outra sala quando viu uma pasta de arquivo aberta em cima da mesa.

Era contra toda a sua ética profissional examinar um arquivo de um colega, mas as circunstâncias eram excepcionais, ela disse a si mesma. Pegou a pasta. O nome escrito nela era Deborah Riner. Web a mencionara; era a viúva de um dos homens de sua equipe. Claire passou os olhos pelas muitas páginas.

Riner consultava O'Bannon há bastante tempo, a intervalos frequentes. O que surpreendeu Claire foi a quantidade de anotações de sessões de hipnose que haviam realizado. O'Bannon hipnotizara a mulher em quase todas as ocasiões em que ela o procurara.

Ocorreu a Claire que havia alguma coisa terrível, quando ela notou as datas das sessões com Riner. Três dias antes do massacre da equipe de Web no pátio... essa foi uma data que se destacou.

Largou a pasta e foi verificar o arquivo. Também estava trancado, mas era de fabricação ordinária e ela o abriu num instante, com a chave de fenda, sem se importar mais com a ética profissional. Começou a tirar as pastas. Havia muitos agentes e cônjuges de agentes do FBI, de muitos setores do Birô. Claire examinou algumas pastas. Como a de Riner, envolviam quantidade excessiva de sessões de hipnose.

Os pensamentos de Claire dispararam. A hipnose era uma coisa engraçada. O terapeuta podia, em circunstâncias excepcionais, usá-la para levar alguém a fazer uma coisa que não faria em circunstâncias normais. Mas o que também se podia fazer na hipnose era deixar a pessoa relaxada, confortável e confiante, para depois, sutilmente, arrancar informações sobre o que a pessoa ou o agente estava fazendo... ou, nos casos de cônjuge de agente, o que o marido ou esposa fazia. Claire podia imaginar O'Bannon

arrancando de Debbie Riner, hipnotizada, vulnerável, talvez angustiada, todos os detalhes que conhecia sobre o trabalho de seu marido. Inclusive o alvo que seria visado pela ERR, quando exatamente, se Teddy Riner partilhava essa informação com a esposa. E alguns homens faziam isso, apesar das normas profissionais proibirem. Muitos casamentos, Claire sabia, prevaleciam sobre todas essas políticas, quanto menos não fosse para manter a paz doméstica. Ou podia ser tão simples quanto um deslize verbal de um dos homens da ERR que a esposa hipnotizada passava adiante involuntariamente.

Tudo seria muito simples para alguém tão experiente quanto Ed O'Bannon. E, como ela fizera com Web, O'Bannon sempre podia dar uma sugestão pós-hipnótica formulada com toda a habilidade para apagar da memória da pessoa qualquer coisa suspeita que poderia ter ocorrido durante a hipnose... até mesmo o fato de que a pessoa fora hipnotizada. Oh, meu Deus!, pensou Claire. Debbie Riner pode ter ajudado involuntariamente no assassinato de seu marido.

E, ainda por cima, o sistema de escuta registrava todas as informações confidenciais que eram dadas pelos pacientes que vinham ali. Seriam informações valiosas, que poderiam ser usadas mais tarde para chantagem ou para preparar armadilhas, como acontecera com a equipe de Web. Sem entrar em detalhes, Web mencionara que as coisas estavam saindo erradas no Birô. Se Claire tinha razão sobre o que O'Bannon vinha fazendo, o psiquiatra podia estar por trás de muitos desses problemas.

Ao examinar o arquivo, Claire teve sua atenção atraída para uma coisa que não estava ali. Na letra L havia diversas pastas para pessoas com o sobrenome começando por essa letra. Mas havia um enorme espaço indicando a falta de uma pasta. Claire especulou que podia ser o lugar em que estivera a pasta de Web. Só que a pasta que O'Bannon lhe entregara não era tão grande quanto o espaço vazio que encontrava agora. Podia não ser toda a pasta. Seria possível que O'Bannon tivesse lhe escondido uma parte? O'Bannon era um homem muito confiante, até arrogante, ela sabia. Na opinião do próprio, ninguém era mais inteligente ou mais experiente do que ele. Por isso, era bem possível que ele estivesse retendo informações, só para mantê-la no escuro. Talvez ele tivesse uma razão ainda mais poderosa, além da vaidade profissional, para manter Web como paciente.

Ela começou imediatamente a revistar a sala. Verificou na mesa e em outros espaços em que as informações desaparecidas podiam estar

escondidas, mas nada encontrou.

Levantou os olhos de novo. O teto era rebaixado. Subiu numa cadeira, com a lanterna. Levantou um dos painéis do texto rebaixado. Na ponta dos pés, podia ver por cima. Projetou o facho da lanterna ao redor e quase no mesmo instante avistou uma pequena caixa em cima da estrutura de metal que sustentava o teto rebaixado. Levou a cadeira até a posição e pegou a caixa. Lá dentro estava o resto da pasta de Web. Ao sentar para examinar tudo, ela descobriu que era um autêntico tesouro. Claire balançava a cabeça a todo instante, à medida que cada nova página trazia uma revelação surpreendente.

O'Bannon, ela sabia, era organizado a ponto da obsessão, algo de que os dois haviam rido muitas vezes. E mantinha anotações meticulosas. Essas anotações, embora enigmáticas e indecifráveis para um leigo, revelavam a Claire que ele hipnotizara Web em numerosas ocasiões, até mais vezes do que Debbie Riner, quando Web o procurara depois da morte da mãe. A cada vez, O'Bannon usara uma sugestão pós-hipnótica, como Claire fizera, para suprimir a sessão da consciência de Web. Claire se empertigou, abruptamente, quando descobriu que, durante uma sessão hipnótica, Web revelara a O'Bannon todo o episódio sobre a morte do padrasto. As anotações estavam quase em código, mas Claire viu referências a "Stockton", "sótão" e "PAPAI QUERIDO", em letras maiúsculas, o suficiente para convencê-la de que O'Bannon ouvira a mesma história que Web lhe contara. Agora o grito de "Droga! Você já sabe disso!" fazia sentido. O subconsciente de Web revelara tudo uma vez, só que apenas para O'Bannon, não apenas para ela. O uso dos placebos também era tratado nas anotações. Claire calculou que provavelmente serviam para avaliar a firmeza com que O'Bannon insinuara suas ordens no subconsciente de Web. E ela constatou, enquanto continuava a ler, que O'Bannon anotara que o placebo fora associado a uma sugestão pós-hipnótica para Web de que aquelas eram as pílulas para dormir mais potentes no mercado. Depois Web comunicara, convenientemente, que as pílulas estavam quase funcionando. Web também falara para O'Bannon sobre a competição entre os membros da ERR com as armas Taser.

A verdade do que acontecera com Web naquela viela finalmente ocorreu a Claire. Era engenhoso, pensou ela, porque não havia a questão problemática de forçar Web a fazer uma coisa que ele não queria fazer, como matar alguém a sangue-frio, o que Claire não acreditava que fosse

possível. Em vez disso, O'Bannon ordenara que Web não fizesse uma coisa.

Ela pensou em ligar para Web e contar o que descobrira, solicitar sua ajuda. Mas não podia ligar dali, com todos aqueles equipamentos de escuta. Teria de deixar o consultório para poder falar à vontade.

Claire continuou a folhear o material. O aspecto mais cruel daquele relacionamento médico-paciente era revelado na última página. Mostrava que O'Bannon desenvolvera para um nível de certeza o fato de que Web teria o desempenho determinado. O'Bannon escrevera, à sua maneira enigmática, que estabelecera excelente relação de confiança com Web. Também anotara que um psiquiatra (sensatamente, O'Bannon não alegava que ele próprio fizera aquilo) podia incluir na sugestão hipnótica que era uma figura de pai, para um paciente como Web, e o protegeria contra o padrasto. E se Web falhasse em cumprir as ordens do psiquiatra, então o padrasto voltaria para matá-lo; para todos os efeitos, só havia segurança em fazer tudo o que era ordenado. O'Bannon concluíra que Web seria um excelente candidato para a sugestão pós-hipnótica, e por isso representava um risco de segurança. Era somente o conhecimento pessoal e a familiaridade com o caso de Web que permitiam a Claire ler nas entrelinhas do relatório de O'Bannon. com sua nítida compreensão da constituição psicológica de Web, Claire sabia que seria impossível para ele contrariar a ordem. E, no entanto, apesar de tudo isso, Web ainda conseguira superar temporariamente a sugestão pós-hipnótica, entrar no pátio e destruir as metralhadoras, mesmo com uma potente barragem mental lhe dizendo para não fazer isso. O que fora o mais extraordinário desempenho de Web naquela noite.

Claire tinha de admitir que O'Bannon escrevera seu relatório com extrema habilidade e obviamente empenhara-se em encobrir tudo. O que era mais um motivo para que ela tivesse a maior cautela. O'Bannon previra todas as possibilidades, menos a de que Claire trataria de Web. Nem que ela descobriria o que O'Bannon já sabia, sondando as profundezas do subconsciente de Web, e agora encontraria os grampos e aquele arquivo. Não era de admirar que O'Bannon tivesse se esforçado tanto para manter Web como seu paciente.

Era tempo de chamar as pessoas que sabiam como lidar com aquelas coisas. Claire estava além de sua esfera de atuação.

Ela se virou, para voltar à sua sala, pegar suas coisas e sair dali. Um homem estava parado na porta, observando-a. Ela segurava uma chave de

fenda, mas o homem lhe apontava uma arma de fogo.

E Ed O'Bannon dava a impressão de que não teria a menor hesitação em usá-la.

45

DE VOLTA A QUANTICO, WEB GUARDOU OS EQUIPAMENTOS E fez seu relatório, junto com os outros homens. Não podiam explicar muito. Web achava que os tiros podiam ter sido disparados de fora do prédio. Nesse caso, as balas deveriam estar em algum lugar da sala. Como havia muitas balas nas paredes, todas teriam de ser separadas e combinadas com as respectivas armas. Os atiradores de tocaia também estavam fazendo seus relatórios, mas Web não sabia o que eles haviam visto ou ouvido. Se os tiros haviam sido disparados de fora, os franco-atiradores deviam ter percebido alguma coisa; afinal, mantinham o alvo mais ou menos cercado. Ninguém saíra do prédio, até onde Web sabia. Mas se os tiros vieram de fora, isso significava que o atirador já se encontrava em posição quando a ERR aparecera... e indicava que, mais uma vez, houvera um vazamento de um ataque da ERR. Nada disso era boa notícia.

O escritório regional de Washington estava vasculhando a propriedade à procura de provas adicionais que ligassem os Frees ao massacre da Equipe Charlie. Web esperava que pudessem encontrar o suficiente para explicar tudo, embora duvidasse que fosse possível. Como se podiam explicar garotos e velhos com tanto ódio no coração?

De banho tomado e roupa mudada, Web e Romano desciam pelo corredor do prédio da administração quando Bates apareceu na frente deles, fazendo sinal para que o seguissem até uma sala vazia.

— Acho que estou numa maré de azar, Perce — murmurou Web. Não foi um simples gracejo. Ele se perguntou se não se tornara subitamente um azarado.

Romano interveio: — O azar seria perder alguns de nossos homens, não eles. Nunca pedirei desculpas por sair vivo de algum lugar. É a mesma coisa que viajar de avião. Qualquer pouso é um bom pouso.

— Calem a boca vocês dois. A imprensa vai cair de pau em cima da gente por causa disso, mas podemos aguentar. O que não suporto de maneira nenhuma é dois caras que desobedecem às minhas ordens.

— Eles estavam com deficiência de pessoal, Perce — argumentou Web. — E não posso acreditar que você não tenha me contado. Afinal, fui eu quem lembrou da câmera.

Bates o encarou.

— Não contei para você, Web, exatamente para evitar que acontecesse o que aconteceu.

Web não recuou um centímetro.

— com ou sem a minha presença, o resultado teria sido o mesmo. Se atiram em você, você atira de volta. E eu não podia deixar que meus companheiros entrassem enfraquecidos no confronto. Pode me mandar embora do Birô, se quiser, mas eu faria a mesma coisa outra vez.

Os dois se fitaram fixamente, furiosos, por um longo momento, até que se acalmaram um pouco. Bates sentou e balançou a cabeça. Olhou para os dois e gesticulou para que sentassem também.

— A situação não pode piorar — murmurou ele. — Então por que devo me preocupar?

— Se estava tão preocupado com que algo assim pudesse acontecer, por que não mandou uma equipe da SWAT em nosso lugar? — perguntou Web.

— Não foi uma decisão minha. As ordens vieram de cima.

— Quanto de cima?

— Isso não é da sua conta.

— Passa a ser, pois é meu rabo que vai fritar. Bates, também obstinado, balançou a cabeça.

— Se os tiros vieram de fora, alguém sabia do nosso ataque disse Romano.

— Uma ideia brilhante, Romano — resmungou Bates, ríspido.

— Lembre-me de incluí-lo na próxima lista de promoção.

— Os vazamentos podem vir de qualquer parte, de baixo ou de cima — murmurou Web. — Não concorda, Perce?

— Já chega, Web.

— Há mais alguma coisa que possa nos dizer?

— Na verdade, a noite não foi um desperdício total. — Ele se virou e abriu uma pasta em cima da mesa. — Encontrei um material interessante sobre os Frees. Silas Free estava entre os mortos. E, com ele, morreram vários companheiros na casa dos sessenta anos, além de quatro rapazes que ainda não tinham idade suficiente para votar. Acho que os Frees perderam prestígio depois daquele tiroteio na escola e agora têm problemas de recrutamento.

— Mas não aconteceu nada com Ernest B. Free — ressaltou Web. — Eu verifiquei.

— Tem razão, não houve nada com Ernie. — Bates tirou alguns papéis

da pasta. — Mas encontramos, escondido no assoalho de um dos prédios, uma grande quantidade de materiais para fabricação de bombas e três pastas com informações sobre o juiz Leadbetter, Scott Wingo e Fred Watkins.

— Uma pista das mais claras — comentou Romano.

— E isso não é tudo. Também encontramos Oxycontin, Percocet e Percodan, com um valor de venda nas ruas de dez mil dólares.

Web ficou surpreso.

— Os Frees operam no mercado negro de drogas de tarja preta?

— Se diminuem os recrutados, os recursos também diminuem. A Oxy dá muito dinheiro nas áreas rurais. Faz sentido.

— Acha que essa é a ligação com a investigação de Cove? Os Frees montam um falso centro de operações de drogas em Washington, enganam Cove e a ERR é mobilizada e exterminada em seguida.

Bates acenou com a cabeça em concordância.

— E talvez sejam eles que estão pressionando Westbrook e os outros traficantes a formarem uma associação — acrescentou ele.

Embora também balançasse a cabeça aceitando essa alegação, Web ainda tinha a sensação de que havia alguma coisa que não batia direito.

— Descobrimos mais ainda — continuou Bates. — Listas dos membros antigos e atuais da Sociedade Livre. Adivinha quem já foi um Free, Web?

Web sacudiu a cabeça.

— Estou cansado demais para pensar. Pode falar.

— Clyde Macy.

Web esqueceu tudo sobre a Oxycontin.

— Fala sério?

— Durante dez anos, até cerca de dois meses depois do tiroteio em Richmond. Os Frees mantêm registros em ordem, talvez para usar em chantagem contra ex-associados, quando o dinheiro for curto. A KKK provavelmente faz a mesma coisa.

— Macy é um Free e depois se torna chefe da segurança de um traficante negro no gueto de Washington. Epifania ou o homem está apenas procurando trabalho onde consegue encontrar?

— Não sei. E agora perdemos a pista de seu paradeiro. Temos de pensar também no outro cadáver.

— Que outro cadáver?

— Antoine Peebles. Levou um tiro na cabeça. Encontramos o corpo ontem à noite.

— Acha que Westbrook estava por trás?

— Faz sentido embora nada neste caso faça sentido até agora. Web se perguntou se deveria contar a Bates sobre o encontro de Claire com alguém que se fazia passar por Big F, mas finalmente decidiu contra. Não acreditava que o gigante estivesse por trás da morte de Peebles. Mas não tinha qualquer motivo para ajudar Big F e poderia confundir as coisas se dissesse a Bates. Web estendeu a mão para a pasta.

— Importa-se se eu der uma olhada?

Bates o fitou em silêncio por um longo momento, antes de dizer: — Claro que não. Mas se encontrar alguma coisa que ache estranha, agradeceria se me informasse antes de ir embora.

Enquanto Romano saía da sala para falar com outro membro da Equipe Hotel que passava, Web folheou as páginas da pasta. Havia uma foto de Clyde Macy mais jovem, em traje de combate, com uma metralhadora numa das mãos e uma espingarda na outra, exibindo uma cara tão feia que seria capaz de afugentar ursos. Enquanto lia, Web viu os registros das multas por excesso de velocidade que Bates mencionara antes. Ele levantou os olhos.

— Um cara assim só tem multas por excesso de velocidade na sua ficha?

— A vida é assim. Ele é um filho-da-puta de sorte ou cuidadoso... talvez as duas coisas.

— O que sabe sobre a locação do caminhão que levou as metralhadoras?

— Foi Silas Free quem alugou. Verificamos na agência de locação. Lembravam dele. Mas cerca de uma semana depois da locação ele apresentou um registro de veículo roubado.

— Muito conveniente.

— É um procedimento comum para pessoas que estão tramando coisas mais sérias. Alugam o veículo e depois dizem que foi roubado. Escondem-no em algum lugar e o enchem de explosivos... nesse caso, de metralhadoras.

— O aluguel do caminhão é uma prova direta da ligação dos Frees com o que aconteceu com a Equipe Charlie.

— E depois da noite passada vamos precisar muito disso comentou Bates, sombrio.

A folha seguinte deixou Web com a boca ressequida. Ele olhou para

Bates, mostrando o papel.

— O que é isto?

— É o boletim dos Frees. Acho que querem manter os associados informados de seus diversos assassinatos e vandalismo. Deve ser uma coisa recente, porque eu nunca tinha ouvido falar a respeito antes. Agora eles têm até um site na Internet, dá pra acreditar?

Web não ouviu o comentário de Bates. Olhava fixo para o cabeçalho do boletim, no alto da primeira folha. Os Danados para o Inferno. Era esse o nome do boletim da Sociedade Livre. E eram também, exatamente, as palavras que Kevin Westbrook lhe dissera na viela.

Web e Romano se encaminharam para o Corvette. Web ainda pensava no que acabara de descobrir. Era tudo muito confuso, como os contornos de um pesadelo. Você sabia que alguma coisa formidável estava à espreita, mas não conseguia determinar o que era.

Web guardou seus equipamentos no Corvette e se preparou para embarcar no banco do passageiro.

Romano o fitava com uma expressão que era provavelmente a mais próxima da simpatia que ele já oferecera.

— Ei, Web, estive pensando numa coisa. Durante todos esses anos em que trabalhamos juntos nunca deixei que você guiasse este carro.

Web não entendeu direito.

— Como?

— Que tal você guiar na volta para a fazenda? Confie em mim. Quando você está se sentindo na pior, nada como um passeio nesta máquina para se recuperar.

— Obrigado, Paulie, mas acho melhor não.

Em resposta, Romano jogou as chaves para Web, que as pegou no ar.

— É como uma garrafa de um vinho caro, Web. Você tem de recostar e deixar que a experiência aconteça. — Romano foi sentar no banco do passageiro e fitou-o. — Não se deixa uma linda mulher esperando, Web.

— Não me diga que também deu um nome ao carro, como fez com suas armas?

— Entre logo. — Ele piscou para Web. — Se acha que é bastante homem.

Partiram. Antes de pegarem a estrada, Romano disse: — Regra número 1: se deixá-la com um só arranhão, vai se dar mal comigo.

— Só depois de oito anos pulando de helicópteros durante a noite com

você, cheios de explosivos, é que você confia em mim o suficiente para me deixar guiar seu carro estúpido.

— Regra número dois: se chamá-lo de novo de carro estúpido, vou quebrar a sua cara. O nome dele é Destiny.

— Destiny?

— Isso mesmo, Destiny.

Quando chegaram à Interestadual 95, Web seguiu para o sul. Passaram por um patrulheiro preenchendo uma multa. Ainda era muito cedo e seguiam na direção inversa do volume maior de tráfego. Por isso estavam quase sozinhos na estrada.

— Temos agora espaço para respirar e uma longa reta pela frente — disse Romano. — Vá fundo nele agora ou esqueça as gônadas para sempre.

Web lançou-lhe um olhar e depois pisou fundo no acelerador. O carro disparou para 160 quilômetros horários tão depressa que Web sentiu que era comprimido contra o encosto pela força da aceleração. Passaram voando pelo único outro carro na estrada, que deu a impressão de estar estacionado.

— Nada mau, Paulie... e ainda falta muito para chegar ao fundo. Vamos descobrir do que ela é capaz.

Web tornou a pisar no acelerador e o carro disparou ainda mais. Aproximavam-se agora de uma curva na estrada. Ele observou Romano pelo canto dos olhos. O cara olhava calmamente para a frente, como se andasse tão depressa assim todos os dias. O que talvez acontecesse de fato. Web acelerou para 210 e depois 230 quilômetros horários. As árvores nos lados da estrada eram apenas uma mancha verde, com uma curva bem à frente. Não havia como fazer a curva naquela velocidade.

Web tornou a olhar para Romano. Viu uma pequena gota de suor aparecer na testa do homem. Só isso já valia dez milhões de dólares.

Estavam a segundos do beijo da morte, prestes a bater num paredão de pinheiros.

— Está bem, está bem... — murmurou Romano. — Pode diminuir a velocidade desta droga.

— Está me pedindo para diminuir a velocidade de Destiny?

— Faça isso logo!

Web pisou no freio. Passaram pela curva a mais de 130 quilômetros horários.

— Diminua mais um pouco. Acabei de trocar o óleo.

— Aposto que Destiny adorou quando você entrou nele. Foi bom para

você também?

Web diminuiu para 110, encontrou uma saída e foi parar na frente de um restaurante. Entraram e pediram café. Enquanto a garçonete se afastava, Web inclinou-se para a frente.

— Espero que esteja preparado para as críticas que vamos receber por causa dos Frees.

Romano apenas deu de ombros, sem dizer nada.

— É inevitável — acrescentou ele.

— Podem dizer o que quiserem. Aqueles filhos-da-puta mereciam. Pelo massacre da Charlie.

— Eles ainda não foram condenados, Paulie.

— Os chefões no Birô não autorizariam o ataque se não tivessem certeza de que eles eram culpados. — Uma pausa e ele acrescentou, em tom confiante: — Pelo menos é o que espero.

Web se recostou.

— O que me incomoda em toda essa história é o fato de que esperam que acreditemos que os caras que acabamos de matar eram bastante sofisticados para organizar uma tocaia automática, com metralhadoras roubadas do exército, trabalhando tão bem que ninguém viu nada. E ainda por cima assassinaram um juiz, um promotor e um advogado, usando os equipamentos mais modernos, e também estiveram a um passo de acabar com Billy Canfield, você e eu? E agora estão também comandando uma operação de drogas em larga escala, envolvendo toda a cidade de Washington? E tudo isso é feito como vingança por uma coisa que aconteceu há muitos anos? Ora, a maioria dos caras que acabamos de liquidar ainda estava na sexta série quando Ernie e seus companheiros atacaram aquela escola. A sentinela idiota se distraía com um videogame. E havia uma única submetralhadora para todo o grupo. Essa merda não faz sentido, Paulie. Ou será que não estou percebendo alguma coisa?

— Tem razão, não faz mesmo sentido. Mas há provas concretas, Web, o suficiente para levar ao tribunal e ganhar. E quem se importa com os Frees? Eles são uns bostas.

— Isso mesmo, quem se importa com os Frees? Eles são uns perfeitos otários. E todo mundo está pensando que eles tiraram Ernest B. Free de uma prisão de segurança máxima a três mil quilômetros daqui. Só que ele não estava lá. E começo a pensar que aqueles perdedores teriam tanta chance de capturar a Casa Branca quanto de tirar Ernie da prisão.

Romano o fitava com evidente espanto.

— Muito bem, você tem minha atenção. O que está pensando?

— Estou pensando no motivo pelo qual um traficante de drogas nas ruas se daria ao trabalho de me falar sobre aqueles túneis. E também por que um caminhão alugado em nome de Silas B. Free, mais tarde registrado como roubado, é filmado no lugar exato pelo qual achamos que as metralhadoras entraram, depois que tomamos conhecimento dos túneis. Você não ouviu Bates dizer isso porque havia saído da sala. Talvez Silas tivesse dito a verdade. Talvez o caminhão tenha sido mesmo roubado. Mas você está certo, é hora de ligar os pontos. Tudo parece se ajustar. O caso pode ser líquido e certo do ponto de vista de um promotor, mas não creio que o velho Silas seja tão estúpido assim, e não creio que meu bom e velho amigo Francis Westbrook seja tão caridoso. Web olhou pela janela suja do restaurante, por onde começavam a passar os primeiros raios do sol. Não seria ótimo se tudo tivesse uma clareza absoluta em sua cabeça? Ele tornou a olhar para Romano.

— Você nasceu no chamado berço de ouro?

— Fui um de dez filhos num cortiço no Brooklyn. Mas é claro que tinha meu mordomo particular.

— Também não nasci em berço de ouro, mas meu instinto diz que nos enganaram direitinho e caímos como patinhos. Acho que alguém queria que os Frees fossem exterminados, e fizemos isso por eles.

46

QUANDO VOLTARAM PARA EAST WINDS, WEB LIGOU PARA O celular de Claire, mas a moça não atendeu. Tentou o telefone do consultório, mas também não houve resposta. Ligou para o hotel em que ela estava hospedada. Também não teve sorte. Largou o telefone, sem gostar nem um pouco da situação. Remoeu se deveria ou não dar um pulo até o hotel. Claire poderia estar tomando banho. Ele decidiu ligar mais tarde.

A próxima coisa que ele e Romano fizeram então foi algo que nenhum dos dois podia evitar: tiraram algumas horas para dormir. Depois, foram para a casa principal e substituíram os agentes de patrulha ali. Gwen os recebeu na porta, muito pálida.

— Assistimos ao noticiário — murmurou ela. Gwen os levou para uma sala ao lado do vestíbulo.

— Onde está Billy? — perguntou Web.

— Lá em cima. Não quer sair da cama. Há anos ele não via aquela fita. Eu nem sabia que estava no escritório.

Web viu que ela estava com o rosto molhado de lágrimas.

— A culpa foi minha, Gwen. Não sei o que estava pensando quando assisti àquela fita na sua casa.

— Não se preocupe, Web. Era inevitável que acontecesse, mais cedo ou mais tarde.

— Há alguma coisa que possamos fazer?

— Vocês já fizeram mais do que o suficiente.

Todos se viraram para a porta. Billy estava parado ali, num jeans velho, descalço, a camisa para fora, os cabelos despenteados. Sua aparência era a pior possível, pensou Web. Billy acendeu um cigarro. Usou a mão em concha como um cinzeiro, enquanto se adiantava. Web notou que Gwen não fez qualquer tentativa de impedi-lo de fumar.

Billy sentou na frente dos dois homens, os olhos penetrantes observando-o do outro lado da nuvem de fumaça. Mesmo de longe, Web podia sentir o cheiro de álcool. Presumiu que Gwen também sentia. Ela se levantou e foi ao encontro do marido, mas Billy fez sinal para que recuasse.

— Vimos tudo na TV — disse ele.

— Gwen nos contou — informou Web.

Billy o fitou com os olhos contraídos, como se tivesse dificuldade para

ver através do meio metro que os separava.

— Matou todos eles?

— Nem todos. A maioria.

Web manteve os olhos fixados em Billy. Em parte ela achava que Billy poderia brindar pela morte dos Frees, enquanto por outro lado pensou que ele poderia expulsá-lo e a Romano por terem deixado algum escapar vivo.

— Qual é a sensação?

— Billy! — exclamou Gwen. — Você não tem o direito de perguntar isso. Estamos falando de pessoas que foram mortas.

— Sei de tudo sobre pessoas sendo mortas, meu bem.

Billy lhe deu um sorriso sinistro. Tornou a olhar para Web, à espera de uma resposta.

— Eu me senti um merda. Quase todos eram garotos de escola secundária e idosos.

— Meu filho tinha dez anos.

Ele falou sem qualquer emoção, apenas enunciando um fato claro e incontestável.

— Sei disso.

— Mas entendi o que você está querendo dizer. Não é fácil matar alguém, a menos que você seja pirado, para começo de conversa. É sempre difícil para os mocinhos. — Ele apontou para Web e Romano. — Para homens como vocês.

Gwen seguiu apressada para junto do marido, antes que ele pudesse detê-la de novo. Passou o braço por seus ombros.

— Vamos subir. Billy a ignorou.

— No noticiário foi dito que Ernest B. Free não estava entre os mortos. É verdade?

Web confirmou com um aceno de cabeça. Billy sorriu.

— O filho-da-puta continua com sorte, não é mesmo?

— É o que parece. Mas se ele planejava vir se encontrar com seu grupo, terá de procurar outro lugar para viver.

Billy pensou a respeito por um momento.

— Já é alguma coisa. — Ele olhou para Gwen. — Onde está Strait?

Gwen ficou aliviada pela mudança de assunto.

— Voltando do leilão. Ligou da estrada. Tudo correu muito bem. Todos os potros foram vendidos, e cada um rendeu o que queríamos.

— Isso merece uma comemoração. — Ele olhou para Web e Romano.

— Vocês querem comemorar? Pois vamos esperar o velho Nemo voltar esta noite e poderemos fazer uma pequena festa aqui. O que vocês acham?

— Duvido que eles estejam com disposição para comemorar, Billy — murmurou Gwen.

— Mas eu tenho a maior disposição. Vendemos todos os potros, os Frees morreram e temos de dar uma festa de despedida para Web e Paul. Afinal, com aqueles homens mortos, não precisamos mais de proteção, não é mesmo? Vocês podem pegar suas coisas e ir embora.

A voz saiu muito alta.

— Billy, por favor... — murmurou Gwen.

Web já ia dizer que o júri ainda não decidira sobre a segurança de Gwen e Billy, mas fez um esforço para se conter.

— Podemos fazer uma coisa, Billy. Deixe-nos ficar mais dois dias e participaremos da sua festa esta noite.

Gwen o fitou com expressão espantada, enquanto Billy balançava a cabeça e sorria, dando uma longa tragada no resto do cigarro. Apagou-o na palma curtida, sem sequer estremecer. Web notou as mãos do homem pela primeira vez. Eram grandes, fortes, manchadas pelo que parecia ser um ácido ou algo parecido. Foi então que ele lembrou da oficina de taxidermia. Matar e empalhar.

— Até à noite — disse Billy.

Gwen os acompanhou à porta. Disse a Web, em voz baixa, que ele não precisava fazer aquilo. Em resposta, ele disse apenas: — Eu a verei esta noite, Gwen.

Ela fechou a porta lentamente, depois que os dois saíram.

— Que porra foi aquela? — indagou Romano. — E ainda dizem que você é uma aberração.

Antes que Web pudesse responder, seu telefone tocou. Ele atendeu no mesmo instante, torcendo para que fosse Claire. Mas era Bates.

— Acho que está na hora de levantar acampamento de East Winds — disse ele.

— Pode dizer aos outros para irem embora, mas os Canfield pediram que Romano e eu ficássemos mais um pouco.

— Fala sério?

— Claro que sim. E, para ser franco, acho uma boa ideia. Os Frees que estavam no conjunto estão liquidados, mas quem pode saber se não tem mais alguém por aí? E Ernie continua desaparecido.

— Tem razão. Muito bem, continuem aí, mas avisem-me se acontecer alguma coisa... e tem de ser no segundo em que acontecer, não na hora escolhida por Web London.

— Combinado. Alguma notícia de Cove?

— Nada. É como se ele tivesse desaparecido da face da Terra. Web pensou em Claire.

— Também tenho alguém na mesma situação.

Mais ou menos na ocasião em que Web exterminava os membros da Sociedade Livre, no sul da Virgínia, Claire estava sentada com uma venda nos olhos e uma mordaça que a machucava. Podia ouvir homens ao fundo discutindo, ou melhor, argumentando, presumivelmente a seu respeito. Podia reconhecer a voz de Ed O'Bannon e se arrepiava cada vez que a ouvia. O desgraçado mantivera a arma apontada para ela na descida até a garagem subterrânea. Ali prendera suas pernas e braços com fita adesiva e a jogara na mala do carro. Claire não tinha a menor ideia do lugar em que se encontrava agora. Enquanto piscava para conter as lágrimas, ainda não podia acreditar que trabalhara ao lado daquele homem durante tanto tempo, sem jamais desconfiar do que estava acontecendo.

As vozes cessaram e ela ouviu um movimento em sua direção. Tudo o que pôde pensar naquele instante foi que outra pistola seria encostada em sua cabeça, e dessa vez a pessoa puxaria o gatilho e a mataria. Claire foi puxada com tanta violência que até pensou que seu braço saíra do lugar. Sentiu que era levantada e posta no ombro de alguém. E quem a carregava era forte; o homem nem sequer respirava com dificuldade, e parecia duro como ferro no ponto em que a barriga de Claire encostava em seu corpo.

Poucos minutos passaram; ela foi largada em algum lugar e ouviu a batida de metal contra metal. Outra mala de carro. Vendada e transferida de um lugar para outro, Claire perdera o senso de equilíbrio, além de se sentir nauseada. O carro foi ligado, e ela sentiu que estava em movimento. Tentou escutar sons que poderiam dar uma pista do lugar em que se encontrava, mas logo desistiu, porque havia muitos barulhos confusos e todos eram abafados. Viajavam há cerca de uma hora quando o movimento do carro pareceu indicar que haviam passado de caminhos retos e planos para sinuosos e ondulantes.

Levavam-na para alguma área de bosque isolada, a fim de matá-la e deixar o corpo para ser destruído lentamente por animais, insetos e os

elementos naturais? Em seu trabalho com agências policiais, Claire vira o que restara do corpo de uma mulher que fora estuprada, assassinada e deixada na floresta por duas semanas. Além dos ossos, quase não restara mais nada. Claire ficara nauseada ao ver. Seria assim que a encontrariam?

O carro passou a andar mais devagar, ela sentiu uma curva fechada e outra redução da velocidade. Seguiam agora por uma estrada de terra esburacada, e ela era jogada de um lado para outro da mala. Bateu com a cabeça duas vezes, uma delas com tanta força que lhe arrancou lágrimas. O carro parou de novo, o motor foi desligado, as portas foram abertas. Claire se contraiu toda. Sentiu passos se aproximando da traseira do carro. Ficou ainda mais tensa, o sentimento de desespero e desamparo muito pior do que jamais experimentara antes. Qual seria a sensação de morrer? Uma bala na cabeça causaria muita dor? Web fora baleado duas vezes. Ele sabia como era pensar que ia morrer. Mas sobrevivera porque era um sobrevivente. Sofrerá coisas muito piores do que ela ao longo da vida. Claire aconselhava as pessoas em suas dificuldades. Exceto por um divórcio, que fora amigável, não tivera problemas significativos na vida. E agora, pela primeira vez, ela se perguntou o que lhe dava o direito, além de seus diplomas, de dizer às pessoas como enfrentar seus problemas. Web sobrevivera a muita coisa; Claire não pensava que fosse tão forte assim.

Ela respirou fundo quando a mala do carro foi aberta. Mãos fortes a pegaram e levantaram. Não era O'Bannon. Claire sabia que ele era um homem de pouca força física. Podia ouvir ao redor os sons da floresta, dos animais que viviam ali, predadores que poderiam em breve se banquetear com seu corpo. A princípio, ela resistiu às lágrimas, mas depois decidiu soltá-las. Aquelas pessoas não se importariam. Sentiu o homem caminhando por um terreno irregular, tropeçando de vez em quando, mas logo recuperando o equilíbrio. Os pés dele passaram de terra para outra superfície, de madeira, tijolo, ou talvez pedra, Claire não tinha certeza, mas percebeu a mudança nos sons. Depois uma porta foi destrancada e aberta. O que a surpreendeu, porque presumira que se encontravam no meio do nada. Talvez fosse uma cabana. Mas logo ouviu o barulho de máquinas em funcionamento e o que pensou ser um fluxo de água. Estavam perto de um regato ou um rio? Havia uma represa nas proximidades ou uma estação de tratamento de água? Seria ali que seu corpo acabaria? Foi nesse instante que ela experimentou a sensação de subir ou descer, não sabia direito qual dos dois, pois também perdera a noção de direção com seu senso de equilíbrio

arruinado. Na verdade, ela pensou que podia estar passando mal, o que era agravado pela barriga comprimida contra o ombro duro do homem. Havia também um forte cheiro químico, que parecia familiar, mas que ela não era capaz de identificar, tão distorcidos estavam seus sentidos.

Por um instante, pensou que vomitar no homem lhe proporcionaria um pequeno prazer, um sentimento de triunfo... mas também poderia impeli-lo a apressar o momento de sua morte.

Outra porta foi aberta, e eles passaram para o que devia ser outra sala. O homem se abaixou e largou-a em alguma coisa mole, talvez uma cama. A saia levantara, numa altura embaraçosa, enquanto era carregada no ombro do homem, e com as mãos amarradas ela não tinha como baixá-la. Ficou tensa quando sentiu as mãos do homem subirem por suas pernas. Pensou que ele ia arrancar sua calcinha e acrescentar o estupro à lista de crimes. Mas o homem apenas puxou a saia para a posição normal.

Em seguida, ele levantou as mãos de Claire acima da cabeça. O retinido de metal fê-la pensar que as mãos haviam sido algemadas a alguma coisa, talvez na cama, ou numa argola na parede. Assim que ele se afastou, Claire tentou baixar as mãos, mas não conseguiu. Não poderia escapar do lugar a que fora algemada.

— Receberá comida e água mais tarde. Por enquanto, tente apenas relaxar.

Ela não reconheceu a voz. O homem não riu pelas palavras insanas, mas Claire pôde facilmente reconhecer a ironia insinuada.

A porta foi fechada, e ela ficou sozinha de novo. Isto é, sozinha até que sentiu um movimento no outro lado da sala.

— Está bem, dona? — perguntou Kevin Westbrook.

47

WEB SE SENTIA CADA VEZ MAIS PREOCUPADO. CLAIRE NÃO ligara de volta. Ele telefonara para o hotel, mas ninguém atendera em seu quarto. Ninguém a vira no consultório; ela não tinha pacientes marcados, porque era o seu dia habitual de folga. Talvez tivesse saído para um passeio em Blue Ridge ou qualquer outro lugar, pensou Web.

Mas mesmo que isso tivesse acontecido, por que não atendia o celular? Todo o instinto profissional dizia a Web que havia alguma coisa errada.

Ele deixou Romano em East Winds e foi até o hotel. Não era o tipo de lugar em que alguém notaria necessariamente as idas e vindas dos hóspedes, mas Web decidiu que devia tentar. Mas os empregados que podiam tê-la visto na noite anterior ainda não haviam entrado de serviço. E ninguém com quem ele falou se lembrava de uma mulher parecida com Claire passando pelo saguão no dia anterior. O carro dela não estava no estacionamento. Ele foi até a casa de Claire, encontrou uma janela aberta nos fundos e entrou. Revistou a casa meticulosamente, mas nada encontrou que pudesse indicar para onde ela fora. Encontrou um caderno com o endereço e telefone da filha.

A garota estudava na Califórnia, por isso não era provável que Claire tivesse resolvido passar o dia em sua companhia. Web pensou em ligar para a filha, mas um telefonema do FBI para ela poderia provocar uma histeria desnecessária se fosse comprovado que não acontecera nada de errado com a mãe. Ele foi para o consultório de Claire.

O'Bannon não estava, mas outra pessoa que trabalhava ali informou que não vira Claire naquele dia e não sabia para onde ela poderia ter ido.

Web foi até o balcão da segurança. Mostrou sua insígnia e perguntou se acontecera alguma coisa fora do normal na noite anterior. O guarda da empresa de segurança quase assumiu posição de sentido ao ver a insígnia do FBI. Folheou as anotações deixadas pelo guarda do turno da noite. Web já passara pela segurança antes, quando fora ver Claire, porque os visitantes tinham de se identificar, mas não reconhecera aquele guarda. Era bem provável que houvesse uma rotatividade entre os vários prédios.

— Aqui está. Houve uma ligação da Dra. Daniels à meia-noite e meia. Ela disse que a luz apagara em sua sala. O guarda a informou que todos os sistemas elétricos do prédio estavam funcionando e que podia ter sido um

disjuntor que desarmara no painel do consultório. Perguntou se ela precisava de ajuda.

O jovem guarda leu tudo isso numa voz pomposa, embora um pouco trêmula, provavelmente não muito distante da puberdade.

— Ela respondeu que não, e isso foi tudo. — O guarda levantou os olhos. — Quer que eu faça alguma coisa?

Os olhos grandes do jovem suplicavam a Web que o mandasse entrar em ação. Estava armado, o que talvez não devesse acontecer, pensou Web.

— Sei que vocês mantêm um registro dos visitantes que entram e saem do prédio. Tive de assiná-lo ao entrar.

— É isso mesmo.

Web esperou, paciente, por alguns segundos, mas o jovem não fez menção de pegar o livro.

— Posso ver o registro? — perguntou Web.

O guarda quase saltou da cadeira. Web notara que o jovem estudara seu rosto e podia tê-lo reconhecido do noticiário na TV. Talvez estivesse pensando que Web era meio louco e devia ser atendido a qualquer custo, se a pessoa queria evitar uma morte violenta. E naquele momento Web achava ótima essa percepção.

— Sim, senhor.

Ele entregou o livro. Web correu os olhos rapidamente pelas páginas. Houvera muitos visitantes durante o horário comercial no dia anterior, mas os registros terminavam às seis horas. Ele olhou para o guarda.

— Qual é o procedimento depois do final do expediente? Os visitantes não precisam mais assinar o registro?

— Temos um sistema de cartão magnético. As portas fecham automaticamente às seis horas. Se alguém quer entrar depois das seis, o ocupante do escritório tem de avisar antes à segurança. Quando o visitante chega, ligamos para a pessoa, que desce para abrir a porta. Ou o visitante pode usar o interfone, identificar-se e informar com quem deseja falar. Ligamos para a pessoa, que desce para abrir a porta. Se a pessoa não atende, ou não está esperando o visitante, ele não entra. Essa é a norma.

Há algumas repartições do governo no prédio, e temos de ser rigorosos. Acho que tem até alguma coisa do Pentágono. — Havia agora um certo orgulho na voz do guarda. — É um prédio muito seguro.

— Tenho certeza — murmurou Web, distraído, enquanto continuava a folhear o livro de registro. — O prédio tem garagem subterrânea?

Web sempre estacionara na frente.

— Tem sim, senhor, mas só funciona com cartão magnético, 24 horas por dia. O acesso é apenas para os condôminos.

Web fez a anotação mental de verificar se o Volvo de Claire estava lá embaixo.

— Quer dizer que os condôminos podem entrar e sair pelo elevador da garagem sem conhecimento da segurança?

— Isso mesmo. Mas só os condôminos.

— O elevador comum desce até a garagem?

O guarda acenou com a cabeça em confirmação.

— O que me diz de alguém que entre na garagem sem um carro? Pode pegar o elevador sem o cartão magnético?

— Não depois do expediente.

— E durante o horário comercial?

— Hum... é possível.

O guarda falava agora quase num fio de voz, como se a observação de Web tivesse destruído toda a sua vida profissional.

— Há alguma forma de eu falar com o guarda que estava de serviço aqui ontem à noite, o que conversou com Claire?

— Tommy Gaines. Ele é meu amigo. Ingressamos juntos na empresa quando saímos da escola secundária. Ele trabalha no turno de dez da noite às seis da manhã. — O jovem sorriu. — Deve estar em casa agora, num sono profundo.

— Ligue para ele.

O tom de Web levou o jovem a fazer a ligação no mesmo instante. Tommy atendeu. Web pegou o fone e identificou-se. Percebeu que o sonolento Gaines ficou alerta no mesmo instante.

— Como posso ajudá-lo?

Web explicou o que procurava.

— Posso presumir que não viu Claire Daniels sair?

— Não, não vi. Calculei que ela saiu pela garagem, como sempre faz. Trabalhei no turno do dia aí durante um ano, e por isso sei quem ela era. Uma mulher muito simpática.

— Ela ainda não morreu, filho.

— Sei disso, senhor. Não foi essa a minha intenção.

— Diz aqui que ela ligou à meia-noite e meia. Claire trabalhava até tão tarde com frequência?

— Não posso dizer, senhor, porque ela não passava necessariamente pelo saguão.

— Sei disso. Só queria saber se alguma vez a viu no consultório a essa hora.

— Não, senhor, nunca a vi.

— Ela parecia estranha quando ligou?

— Parecia assustada, mas acho que eu também ficaria se as luzes apagassem de repente. Além do mais, era uma mulher e estava sozinha.

— Tem razão. — Web conhecia mulheres que eram agentes do FBI, do Serviço Secreto e da DEA que seriam capazes de partir o jovem Sr. Gaines ao meio sem derramar uma gota de suor. — Ela disse que estava sozinha?

— Como? Não, pensando bem, não disse. Mas tive essa impressão porque ela ligou para a segurança.

— E as luzes aqui embaixo estavam acesas?

— Estavam. E olhei para os prédios no outro lado da rua. Também tinham as luzes acesas. Foi por isso que eu disse que um disjuntor podia ter desarmado. O prédio foi construído para que cada unidade tenha sua caixa de força. Assim, se uma sala está sendo reformada ou precisa ter a energia interrompida por algum motivo, isso não afeta o resto do edifício. Há uma caixa de força geral para todo o prédio, mas está sempre trancada, e só o engenheiro encarregado tem a chave.

— Você propôs subir, mas ela disse que não precisava, pois podia verificar o disjuntor pessoalmente.

— Isso mesmo.

— E, depois, ela não ligou de novo.

— Isso mesmo.

Web pensou por um momento. As luzes estavam acesas no consultório agora. Mas podia valer a pena verificar de novo.

— Ah, agente London... — disse Gaines. — Agora que pensei a respeito, estou lembrando que notei uma coisa cerca de vinte minutos depois que Claire ligou.

Web ficou tenso.

— O que foi? E conte exatamente o que lembrou, Tommy.

— Um elevador começou a subir. O que só pode acontecer depois do expediente se alguém tem um cartão para ativá-lo.

— De onde o elevador partiu?

— Da garagem. Pude ver no indicador de andar. Estava no P2 e

começou a subir. Eu fazia a ronda naquele momento e vi com toda a clareza.

O outro guarda disse para Web: — Talvez tenha sido Claire Daniels chamando o elevador para ir embora.

Web sacudiu a cabeça.

— A maioria dos elevadores, ainda mais depois do expediente, é programada para voltar ao térreo. Se Claire apertasse o botão de chamada, o elevador sairia do térreo, não da garagem.

— Tem razão — murmurou o jovem, desanimado.

Tommy Gaines obviamente ouvira a conversa, pois disse agora: — Acho que também pensei que era a Dra. Daniels, porque ela havia ligado pouco antes. Calculei que ficara assustada quando as luzes apagaram e por isso decidira voltar para casa. Mas tem razão sobre os elevadores. Alguém deve ter chamado da garagem, e passei para ver no momento em que começava a subir. Meti na cabeça que fora a Dra. Daniels quem chamara.

— Mas viu onde o elevador parou? — perguntou Web. — Se me lembro corretamente, o conjunto de salas em que ela trabalha ocupa quase todo o andar.

— Não vi nada porque continuei a fazer a ronda. Também não sei quando o elevador desceu. Mas a pessoa não saiu pelo saguão, pois nesse caso eu a teria visto. — Uma pausa e ele acrescentou: Lamento, mas é tudo o que sei.

— Não se preocupe, Tommy. Você me ajudou muito. — Ele olhou para o jovem guarda na recepção. — E você também.

Ao apertar o botão do elevador e tornar a subir, Web tinha muito em que pensar. Podia ser coincidência o fato de outro condômino ter subido cerca de vinte minutos depois de Claire Hgar para o guarda, talvez apenas mais algum profissional sem conseguir dormir à meia-noite. Ou então alguma outra coisa estava acontecendo.

Nas circunstâncias, Web tinha de presumir que era a segunda opção.

Quando chegou ao conjunto de salas em que Claire trabalhava, Web perguntou à mesma mulher que o ajudara antes se podia ver o armário em que ficava a caixa de luz.

— Acho que é ali — informou ela, indecisa.

— Obrigado.

— Será que aconteceu alguma coisa com Claire? — perguntou a mulher, nervosa.

— Tenho certeza de que ela está bem.

Web descobriu que a porta do armário estava trancada. Olhou ao redor, mas a mulher já voltara a seu consultório. Ele tirou do bolso o equipamento de arrombamento para abrir a porta num instante. Percebeu logo que alguma coisa fora arrancada da parede. Havia um espaço vazio óbvio na caixa de luz, com pedaços de fita isolante e outros detritos no chão. Não dava para determinar se isso era recente ou acontecera há muito tempo. Esperava que não tivesse acontecido na noite passada. Ao virar a cabeça, seus olhos experientes notaram o que escapara à atenção de Claire: o botão de aviso, sem fio, no lado interno do batente, igual ao que era usado em casas para acionar um alarme se a porta fosse aberta e o contato rompido. Web já vira muitos desses artefatos, mas nunca na caixa de luz de um prédio de escritórios. Ele foi até a porta da frente do conjunto de salas e abriu-a. Não havia um botão de alarme ali; mais do que isso, ele não encontrou nenhum painel de sistema de segurança.

Por que ter um sistema de segurança na caixa de luz, mas não para o ingresso nas salas? Um calafrio de medo percorreu Web ao olhar para as portas fechadas das salas. Claire lhe dissera que muitos agentes do FBI, cônjuges e outros membros de agências policiais procuravam ajuda ali. E muitas informações íntimas, confidenciais, eram reveladas por trás daquelas portas.

— Merda!

Web foi até a sala de Claire. A porta estava trancada. Ele a abriu e entrou. Viu a lanterna no chão. Já ia revistar a mesa quando por acaso levantou os olhos e reparou no detector de fumaça pendendo do teto. Estendeu a mão para pegá-lo, mas retirou-a no último instante, lembrando-se do manual de treinamento do FBI. Local de crime em potencial, impressões digitais; não contamine as pistas. Ele ligou para Bates e explicou a situação. O FBI emitiu um boletim de alerta geral de busca por Claire; e Bates e uma equipe de técnicos apareceram no consultório meia hora depois.

Três horas, todo o consultório foi meticulosamente revistado, as pessoas interrogadas. Web passou o tempo todo sentado na sala de espera. Bates saiu muito pálido.

— Não acredito, Web. Não posso acreditar.

— Os detectores de fumaça eram aparelhos de escuta, não é mesmo?

Bates confirmou com um aceno de cabeça.

— E de vídeo. Câmeras mínimas.

— Tecnologia PLC?

Outro aceno de cabeça em confirmação.

— Como os espiões usam. Coisa sofisticada.

— Acho que acabamos de descobrir nosso vazamento. Bates olhou para a lista que tinha na mão.

— Se você olhar só para isso, vai encontrar um agente aqui, um cônjuge ali, nada muito importante. Mas verificamos no escritório central, onde ficam os registros, porque o Birô paga a conta. Pode acreditar que quase duzentos agentes, cônjuges e outras pessoas relacionadas com o Birô são pacientes aqui? E estou falando de gente de todos os escalões. E quem sabe o pessoal de quantas outras agências, como DEA, Serviço Secreto e polícia do Capitólio?

— Procurar um psico para aconselhamento já não era popular entre os agentes antes disso. Agora acho que ninguém mais vai querer.

— O'Bannon tinha todas as autorizações de segurança. Foi psiquiatra do exército, conselheiro do Birô, um sujeito inatacável. Ou, pelo menos, era o que pensávamos.

— Um oceano de informações. — Web balançou a cabeça. Debbie Riner, Angie Romano e muitas outras. Os homens não deveriam falar com as mulheres sobre o trabalho, mas acontece. Afinal, todo mundo é humano.

— Deve ter sido assim que eles descobriram que vocês atacariam o prédio naquela noite, talvez mesmo onde cada equipe estaria. Foi um ataque planejado com bastante antecedência. Um dos homens pode ter falado com a mulher, que contou para O'Bannon, e os grampos captaram. — Bates cobriu o rosto com a mão. — Como posso dizer a Debbie Riner que ela pode ter ajudado a matar o marido?

— Não diga, Perce, simplesmente não diga.

— Mas se eu não disser, ela pode descobrir por outra fonte. E pense no potencial de chantagem, Web. Como podemos saber que isso já não aconteceu?

— Enfrente os fatos, Perce. Estamos diante de um polvo com tentáculos que não param de crescer. — Web olhou ao redor. — Já verificou o paradeiro de todo o pessoal daqui?

— De todo mundo, exceto Claire Daniels.

— E O'Bannon? Bates sentou.

— Tudo indica que ele está mesmo envolvido. Seus arquivos foram

removidos. Revistamos sua casa. Também não encontramos nada. Emitimos um alerta geral de busca. Mas se tudo aconteceu ontem à noite, ele tem uma dianteira considerável. Num avião particular, é possível até que já tenha deixado o país. — Bates esfregou a cabeça. — Isso é um pesadelo. Sabe o que vai acontecer quando a mídia tomar conhecimento? A credibilidade do Birô ficará arruinada.

— Se conseguirmos pegar as pessoas por trás de tudo isso, poderemos recuperar um pouco da credibilidade.

— O'Bannon não vai ficar esperando que o prendamos, Web.

— Não me referia a O'Bannon.

— Quem, então?

— Em primeiro ligar, deixe-me fazer uma pergunta que provavelmente vai deixá-lo com vontade de me dar uma porrada, mas preciso de uma resposta direta para conseguir ajudá-lo.

— Pode perguntar, Web.

— Há alguma possibilidade de que O'Bannon estivesse trabalhando com o Birô para grampear as salas, a fim de que a administração soubesse quais eram os problemas dos homens?

— Para ser franco, isso me passou pela cabeça. E a resposta é não. Havia também homens dos altos escalões vindo aqui, não apenas o pessoal de baixo. E me refiro a pesos-pesados... e a suas mulheres também, diga-se de passagem... que poderiam destruir todo mundo no Birô se isso estivesse acontecendo.

— Nesse caso, vamos presumir que foi O'Bannon quem organizou todo esse esquema de coleta de informações. Por quê? Não pela emoção. Pelo lucro. No final, tudo se resume a dinheiro. Ele vende informações a diferentes pessoas e, em consequência, muitas operações, por toda parte, fracassam por completo. E talvez alguém tenha comprado informações de O'Bannon para preparar a armadilha contra Charlie. Como você disse, ele pode ter obtido os detalhes de uma das esposas a quem atendia como paciente. Quero pegar quem está por trás disso.

— Pensei que soubéssemos quem eram. Os Frees. E já os pegamos.

— Acha mesmo?

— Você não acha?

— Tudo parece se ajustar, quase com perfeição demais. Temos mais informações sobre o que pode ter acontecido com Claire?

— Temos, sim, e não são nada boas. Menos de meia hora depois de as

luzes apagarem na sala de Claire, O'Bannon chegou à garagem. Usou seu cartão magnético para entrar, o que nos forneceu sua identidade e a hora exata.

Web se sentiu ainda mais desanimado.

— Ela acionou o alarme. O'Bannon devia ter uma unidade de controle remoto em casa e recebeu o sinal. Veio imediatamente para cá.

— E encontrou Claire.

— Isso mesmo.

— Sinto muito, Web.

Web voltou para East Winds tão deprimido quanto se sentira nos piores momentos de sua vida. Embora a situação no Birô fosse terrível naquele momento, ele não se importava nem um pouco. Só estava interessado em encontrar Claire viva.

Romano limpava uma de suas pistolas. Levantou os olhos quando Web subiu a escada da casa de carruagens.

— Cara, você parece arrasado.

— Fiz a maior cagada, Paulie.

— Não é a primeira vez.

Romano sorriu, mas era evidente que Web não tinha a menor disposição para brincadeiras. Romano largou a arma e fitou o amigo.

— Pode falar comigo.

— Claire Daniels.

— Sua psico.

— Minha psiquiatra. — Web fez uma pausa. — E minha amiga. Alguns caras ameaçaram-na, mas depois a soltaram. Estão ligados ao meu caso, e por isso ela corre perigo por minha causa. Pediu-me ajuda, e o que eu fiz? Não ajudei.

— Ofereceu proteção?

— Ofereci, mas não foi aceita. Achava que a ameaça não era pra valer, e seu argumento parecia muito lógico. Mas agora descobrimos que o tal de O'Bannon, com quem ela trabalhava, grampeava as salas de todos os psiquiatras, obtendo informações dadas pelos pacientes durante as sessões. Muitos desses pacientes eram pessoas que trabalhavam no Birô. E outras pessoas ligadas a elas.

Web não sabia se Romano tinha conhecimento de que Angie era paciente de O'Bannon. E, se ele não sabia, Web não queria ser o encarregado de informá-lo.

— É provável que ele vendesse as informações a quem pagasse mais, para usar na frustração de operações policiais por toda parte — acrescentou Web.

— Mas que merda! Acha que Claire estava envolvida?

— Tenho certeza de que não. Ao que tudo indica, ela descobriu a verdade e desapareceu.

— Talvez tenha se escondido.

— Teria telefonado. — As mãos de Web contraíram-se em punhos. — Sou um idiota por não ter providenciado proteção para ela 24 horas por dia. Agora é tarde demais.

— Não tenha tanta certeza. Pelo pouco que vi de Claire, é o tipo de mulher que sabe se defender. Conversamos um pouco na vinda para cá, e posso dizer que ela é muito esperta.

— Está querendo dizer que tentou obter um conselho psiquiátrico gratuito?

— Eu não procurava por nenhum, mas todo mundo tem problemas, não é mesmo? A conversa com Claire me levou a compreender algumas coisas. Como o meu relacionamento com Angie.

Web o fitou com maior interesse, quanto menos não fosse para afastar seus pensamentos da situação angustiante de Claire por uns poucos momentos.

— O que há com você e Angie?

Romano pareceu bastante embaraçado, agora que abordara o assunto.

— Ela não quer que eu continue na ERR. Cansou da minha ausência durante a maior parte do tempo. Acho que isso não chega a ser uma grande surpresa. — Uma pausa. — E os meninos estão ficando mais velhos. Merecem ter o pai em casa mais do que um mês por ano.

— Foi isso que ela disse? Romano desviou os olhos.

— Não. Foi o que eu disse.

— Ou seja, está pensando mesmo a sério em pendurar suas .45s? Romano tornou a fitá-lo.

— Nunca pensou a respeito? Web recostou-se.

— Conversei com Debbie Riner, e ela disse mais ou menos a mesma coisa em relação a Teddy. Mas é diferente para mim. Não tenho esposa e filhos, Paulie.

Romano se inclinou para a frente.

— Nos últimos oito anos, perdi quatro Natais, a primeira comunhão dos

dois meninos, todos os Dias das Bruxas, dois Dias de Ação de Graças e até o nascimento de Robbie. Além disso, não dá para dizer quantos aniversários, jogos de beisebol e de futebol, coisas especiais desse tipo. Meus filhos ficam surpresos quando estou em casa, Web, não quando viajo, porque minha ausência tornou-se normal para eles.

Ele tocou num ponto perto do umbigo.

— E o tiro que levei ontem à noite? Estou com uma equimose terrível, que vai doer durante algum tempo. Mas o que aconteceria se a bala acertasse cinco centímetros abaixo ou dois palmos acima, atingindo a cabeça? Eu teria morrido. Mas quer saber de uma coisa? Não seria muito diferente do tempo em que eu estava vivo, pelo menos para Angie e os meninos. E, depois, o que aconteceria? Angela tornaria a casar, você sabe disso, e os meninos talvez tivessem um pai de verdade e esquecessem tudo sobre Paul Romano, até mesmo que eu era seu pai. Prefiro levar uma rajada de Barrett na cabeça a pensar nisso, Web. Juro. Puxa, cada vez que imagino... merda!

Web pôde ver as lágrimas nos olhos de Romano. A visão de um dos homens mais decididos e corajosos que ele já conhecera se desmanchando por amor à família atingiu Web com mais força do que Francis Westbrook jamais poderia fazer. Romano se apressou em desviar os olhos e limpar o rosto. Web pôs a mão em seu ombro.

— Isso não vai acontecer, Paulie. Você é um bom pai. Seus filhos nunca o esquecerão.

Assim que falou, Web lembrou. Esquecera completamente seu pai. Uma festa de aniversário, quando ele tinha seis anos. Claire dissera que Web e o pai estavam se divertindo muito. Até que os policiais entraram em cena.

— E também não esqueça que você estava defendendo seu país — acrescentou ele. — Ninguém se importa mais em prestar serviços ao país. Todo mundo apenas se queixa de que tudo é podre, sem fazer o menor esforço para melhorar. Mas no instante em que precisam de você, é melhor comparecer.

— Servir ao meu país... liquidando um bando de garotos caipiras e velhos peidorrentos que não seriam capazes de atingir a Estátua da Liberdade com uma bazuca a um metro de distância.

Web se recostou e não disse nada, porque não tinha mais nada a dizer sobre o assunto.

— Claire vai aparecer, Web. E, quem sabe, talvez vocês dois possam se

tornar mais do que apenas amigos. Ter uma vida real.

— Não acha que é tarde demais? Parecia uma realização impossível.

— Se não é tarde demais para mim, também não é para você, Web.

Web achou que Romano não parecia muito confiante. Os dois se fitaram, angustiados. Web levantou-se.

— Sabe, Paulie, nós dois entramos no clima de pobre coitado. E quer saber o que mais?

— O quê?

— Agora estou ansioso pela festa desta noite.

48

PERCY BATES ESTAVA NO CENTRO DE OPERAÇÕES ESTRATÉGICAS do escritório regional de Washington quando o homem entrou. Buck Winters não vinha sozinho. Tinha os dois escoltas gêmeos habituais em sua esteira, além de vários outros homens. Bates reconheceu um deles como um jovem advogado do Birô e o outro como um investigador do Setor de Responsabilidade Profissional, que cuidava dos erros cometidos pelos agentes do FBI. com solenidade exagerada, todos sentaram na frente de Bates. Winters bateu no tampo da mesa com o dedo indicador.

— Como vai a investigação, Perce?

— Vai muito bem. — Perce olhou para os outros dois homens. O que isso significa? Estão iniciando uma investigação por conta própria?

— Teve notícias recentes de Randall Cove? — perguntou Winters. Bates tornou a olhar para os outros.

— Com o devido respeito, Buck, acha que é certo que os outros ouçam esse nome?

— Todos têm autorização de segurança, Perce. Confie em mim.

— Winters o encarou. — Sabe que é um desastre total.

— A ERR foi enviada ao local, os alvos atiraram e nossos homens responderam ao fogo. As normas de combate são as mais claras possíveis. Não há nada na Constituição que determine que os agentes devem ficar de braços cruzados para serem fuzilados.

— Eu não me referia especificamente ao massacre da Sociedade Livre.

— Não foi um massacre, Buck. Os Frees também tinham armas e resolveram usá-las.

— Oito mortos, velhos e garotos, e nem uma única perda da ERR. Como acha que a imprensa vai reagir? Bates largou a pasta de arquivo que tinha nas mãos, perdendo a pouca paciência que ainda lhe restava.

— Acho que não muito bem, se o Birô persistir em sua política de avestruz, enfiando a cabeça na areia para fingir que nada aconteceu, deixando que os outros controlem os fatos e a história. O que temos de fazer para que a nossa "imagem" não seja prejudicada? Perder alguns homens em cada missão?

— Outra vez Waco — murmurou o jovem advogado, balançando a

cabeça.

— Não tem nada igual — protestou Bates. — Você não sabe do que está falando. Ainda estava na faculdade, com o polegar enfiado no rabo, quando Waco aconteceu.

— Como eu disse, não me referia expressamente aos Frees reiterou Winters, calmamente.

— O que é então?

— Não sei... talvez o fato de que toda a segurança do FBI foi comprometida.

Bates respirou fundo.

— Pelo que descobrimos no consultório do psiquiatra? Winters explodiu: — Isso mesmo, Perce, isso mesmo! Porque só Deus sabe há quanto tempo agentes, secretárias e técnicos, não sei quem mais, mas parece que todo mundo por aqui que tem um problema de cabeça vem falando tudo ali. E alguém recolhia as informações e usava só Deus sabe com que propósito. Eu diria que isso é uma falha da segurança.

— Estamos à procura de O'Bannon neste momento.

— Os danos já foram causados.

— É melhor do que nada sermos nós a descobrir o que acontecia ali.

— Mas não é mesmo. Creio que você sabe que está nos registros que há muito tempo sou contra o uso de psiquiatras e psicólogos de fora, por uma questão de segurança.

Bates avaliou o homem, com a devida cautela. E agora vai usar esse desastre para subir mais uns degraus na carreira, não é mesmo, Buck? Talvez até o cargo de diretor?

— Não, Buck, eu não sabia disso.

— Está tudo registrado nos arquivos — declarou Winters, confiante. — Pode verificar.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso, Buck. Você sempre foi o melhor dos melhores no empenho de deixar tudo na chamada trilha de papel.

Embora não tenha mais nada a ver com um verdadeiro agente do FBI.

— Cabeças vão rolar por causa disso. Mas não a sua.

— Por que eu li que London participou do ataque? Por favor, diga que foi apenas um erro de digitação.

— Ele estava presente — admitiu Bates.

Winters deu a impressão de que ia entrar em erupção de novo. Depois,

Bates percebeu um pequeno sinal de satisfação na expressão do homem, e finalmente compreendeu o rumo da conversa.

— A imprensa pode nos crucificar agora — disse Winters. — A ERR vinga-se em velhos e garotos. Essa será a tônica das notícias amanhã. Quero que escute uma coisa, Bates, e preste toda a atenção. London está afastado do serviço, uma decisão que entra em vigor imediatamente.

— Não pode fazer isso, Buck. O caso ainda está em revisão. Para aumentar o efeito, Winters pegou um lápis na mesa e partiu-o ao meio.

— Claro que posso. Ele entra em licença oficial, na dependência de um inquérito interno.

Winters gesticulou para um de seus assessores, que lhe entregou uma pasta. Winters não se apressou ao pôr os óculos de leitura. Olhou por cima da pasta.

— E agora também descobri que London, enquanto estava em licença remunerada, foi designado para a proteção de um certo William Canfield, que possui um haras no condado de Fauquier. Quem autorizou isso?

— Fui eu. O filho de Canfield foi morto pelos Frees em Richmond. Três pessoas relacionadas com esse atentado foram assassinadas, e achamos que os Frees são os culpados. Você sabe de tudo isso. Não queríamos que Canfield se tornasse a quarta vítima. Web estava disponível e Canfield confia nele. Na verdade, Web salvou a vida dele. E a minha também. Por isso, pareceu o melhor a fazer.

— Nesse caso, não posso dar muito crédito ao julgamento de Canfield.

— E temos provas concretas ligando um caminhão alugado por Silas Free às metralhadoras que foram usadas para emboscar a ERR. Tínhamos todo o direito de atacá-los. E a operação foi aprovada por todas as partes apropriadas. Pode procurar no que você chama de trilha de papel.

— Sei disso. Também assinei a autorização.

— É mesmo? — A expressão de Bates era de curiosidade. — Eu queria uma equipe da SWAT, Buck. Não foi você quem insistiu na participação da ERR, não é mesmo?

Winters não respondeu. Nesse momento, Bates compreendeu exatamente por que a ERR fora enviada. Winters queria que uma coisa assim acontecesse como munição para sua cruzada contra a Equipe de Resgate de Reféns. E Bates também sabia que Winters era tão astucioso que ele nunca seria capaz de provar isso.

— Não fui informado de que Web London participaria do ataque —

continuou Winters.

— Isso só foi decidido mais tarde.

Bates estava indefeso nesse ponto e sabia disso.

— Obrigado pela explicação. Isso esclarece tudo. E quem autorizou a participação de London?

— Seu comandante, Jack Pritchard, teria de autorizar.

— Então ele também está afastado. A partir deste momento. Bates levantou-se.

— Não pode fazer isso, Buck. Pritchard tem 23 anos de serviço no Birô. E um dos melhores homens que já tivemos.

— Não é mais. A partir de agora é um dos piores. E isso será devidamente registrado em sua ficha. Recomendarei que ele seja despojado de tudo, inclusive da pensão, por insubordinação, ação prejudicial para o Birô e meia dúzia de outras coisas. Pode ter certeza de que será fácil persuadir o pessoal lá de cima de tudo isso depois que o escândalo estourar. Haverá uma enorme necessidade de bodes expiatórios.

— Por favor, Buck, não faça isso. Ele pode ter extrapolado um pouco neste caso, mas tem uma lista de condecorações e menções honrosas maior do que a minha. Arriscou a vida mais vezes do que posso contar. E tem esposa e cinco filhos, dois deles na universidade. Isso vai arruiná-lo. Vai matá-lo.

Winters baixou a pasta.

— Faremos um acordo, Perce, porque gosto de você e o respeito.

Bates sentou, com uma desconfiança imediata, enquanto a cobra se preparava para o bote.

— Que tipo de acordo?

— Se Pritchard ficar, London cai fora. Sem perguntas. Sem brigas, sem defesas. Ele simplesmente sai. O que vai ser?

Percy Bates ficou sentado em silêncio enquanto Buck Winters observava-o, à espera da resposta.

Há anos Claire tinha o hábito de ranger os dentes, a tal ponto que seu dentista fizera um protetor que ela usava à noite para evitar que os dentes fossem desgastados até as gengivas. Ela sempre especulara de onde vinha esse sintoma de ansiedade. Talvez fosse de escutar os problemas de seus pacientes. Agora, sentiu-se grata pelo hábito, porque desgastou a mordaça a tal ponto que pôde finalmente cuspi-la. A maneira como as mãos estavam

presas por cima da cabeça, no entanto, tornava impossível a remoção da venda nos olhos. Tentou esfregar a cabeça contra a parede para arrancá-la, até sentir que conseguira apenas arrancar muitos cabelos. Exausta, deixou o corpo pender.

— Não se preocupe, dona — disse Kevin. — Eu vou ser seus olhos. Também estou preso aqui, mas tento me livrar.

Sem a mordaça, haviam começado a conversar. Claire descobrira que o garoto era Kevin.

— Web London me falou de você — disse ela. — E estive em sua casa. Conversamos com Jerome.

Kevin pareceu ansioso.

— Aposto que eles estão preocupados. Aposto que vovó está morrendo de preocupação.

— Eles estão bem, Kevin. Mas muito preocupados. Jerome tem muito amor por você.

— Ele sempre foi bom para mim. Ele e vovó.

— Sabe onde estamos?

— Não.

Claire respirou fundo.

— O cheiro é de substâncias químicas. Como se estivéssemos perto de uma lavandeira ou de algum tipo de fábrica.

Ela fez um esforço para recordar os detalhes de sua chegada ali. As estradas e o terreno pelo qual o homem a carregara pareciam mais remanescentes do campo que da cidade grande.

— Há quanto tempo você está aqui?

— Não sei. Os dias se misturam.

— Alguém vem vê-lo?

— Sempre o mesmo homem. Ele me trata bem. Mas vai me matar. Eu vejo nos olhos dele. É com os mais "legais" que a gente precisa tomar cuidado. Eu prefiro os que gritam e sacodem o punho em vez dos que são muito quietos.

Se não estivesse tão nervosa pela perspectiva de ser assassinada, Claire poderia sorrir à percepção madura do menino sobre a natureza humana.

— Como você se meteu nessa história?

— Por dinheiro — respondeu Kevin, com a maior simplicidade.

— Vimos o desenho que você fez, com o controle remoto.

— Eu não sabia o que ia acontecer. Ninguém me contou. Apenas me

deram o controle e me disseram o que eu devia falar.

— Os danados para o inferno?

— Isso mesmo. Depois, eu devia seguir os homens pela viela, até chegar perto do pátio, quando apertaria o botão do controle remoto. Vi aquele homem, Web, parar de repente, enquanto os outros corriam para o pátio. Web não me viu atrás dele. Levantou e foi atrás de seus companheiros. Mas andava como se estivesse de porre, uma coisa assim. Apertei o botão e depois esperei.

— Porque você queria ver o que ia acontecer?

— Aquele pessoal não me falou nada sobre armas. Juro pela minha mãe morta!

— Acredito em você, Kevin.

— Eu tinha de voltar para o lugar em que estava antes, mas não podia. Vendo todos os homens morrerem daquele jeito. E depois Web gritou comigo. Quase morri de medo. Ele salvou a minha vida. Eu ia correr para o pátio, se não fosse por ele, e ia morrer também.

— Web disse que alguém trocou você por outro garoto.

— É verdade. Não sei por quê.

Claire respirou fundo, e o cheiro da substância química tornou a invadir seus pulmões. Pôde agora identificar o cheiro de cloro. Mas não tinha a menor ideia da fonte. Sentia-se totalmente desamparada.

49

WEB E ROMANO ENCONTRARAM-SE COM NEMO STRAIT a caminho da festa na mansão.

— O que aconteceu com você? — perguntou Romano, porque Strait tinha um braço numa tipoia.

— Deixei que um cavalo me pegasse de jeito. O desgraçado me deu o maior coice. Senti a clavícula entrar pela garganta.

— Fraturou alguma coisa? — indagou Web.

— Fizeram uma radiografia no hospital no Kentucky e disseram que não viram nada. Mas mandaram que eu usasse a tipoia por algum tempo. Agora sou um gerente de haras de um braço só, o que provavelmente vai deixar Billy irritado.

Foram recebidos na casa por Billy. Web ficou surpreso pela maneira como ele se vestia. A calça esporte estava bem passada, e vestia um blazer azul-marinho. Ele penteara os cabelos e até fizera a barba. Contudo, ao passarem, Web pôde sentir, pelo bafo de álcool, que Billy já começara a festa.

Billy os levou para um andar inferior.

Ao lado do bar havia dois homens que Web não conhecia. Os trajes eram caros, embora informais, Armani, com sapatos Bruno Magli, sem meias, relógios Tag Heuer. Usavam colares de ouro, visíveis porque as camisas estavam com dois botões abertos, ou mais. Tinham um bronzeado especial, eram esguios, as unhas bem tratadas, os cabelos impecáveis. Por muitas razões, a impressão inicial de Web foi a de que eram gays. Billy levou Web e Romano até os dois.

— Quero apresentá-los a dois novos amigos meus, Giles e Harvey Ransome. São irmãos, não casados. — Billy foi o único que riu do comentário. — São meus vizinhos, donos da propriedade ao lado. Finalmente consegui convencê-los a aparecerem para um drinque.

Web e Romano trocaram um rápido olhar.

— Estes são Web London e Paul... ou melhor, Paulie. — Billy deu uma piscadela. — Do FBI.

Os irmãos Ransome pareceram prestes a fugir quando ouviram a informação. Harvey Ransome, pensou Web, deu a impressão de que ia desmaiar. Web estendeu a mão.

— Estamos de folga esta noite.

Os irmãos Ransome também estenderam a mão, cautelosos, como se temessem ser algemados.

— Billy não nos disse que o FBI estaria aqui esta noite — comentou Giles, lançando um olhar hostil para o anfitrião.

— Adoro surpresas. Desde que era garoto. — Billy olhou para Strait. — O que aconteceu com você?

— Um cavalo me acertou.

— Este é o gerente do haras. Nemo Strait — disse Billy aos Ransome. — Ele acaba de ganhar uma pequena fortuna para mim no Kentucky, vendendo um bando de cavalos para alguns otários.

— Tivemos ótimos resultados — murmurou Strait.

— Mas como sou mal-educado! Vocês precisam de drinques.

— Billy apontou para Web e Romano. — Sei que vocês são bebedores de cerveja. E você, Nemo, o que vai querer?

— Uísque com água, o melhor analgésico que existe.

Billy foi até o bar. — Vou acompanhar seu pedido, Nemo. — Ele olhou para a escada. — Desça para entrar na festa.

Web olhou para a escada, esperando ver Gwen. Em vez disso, deparou com Percy Bates.

— Billy foi muito gentil e me convidou também — explicou ele ao se aproximar.

Ele sorriu para Web. No sorriso, porém, Web percebeu alguma coisa que não lhe agradou muito.

Todos com um copo na mão, eles se dividiram em pequenos grupos. Web foi conversar com os irmãos Ransome, e se pôs a sondá-los sutilmente sobre o que acontecia na Southern Belle. Mas os homens mantiveram-se excepcionalmente cautelosos, o que deixou Web ainda mais desconfiado. Nemo e Romano examinavam a coleção de espingardas de Canfield, enquanto Billy ficava sozinho, olhando de cara amarrada para o urso pardo no canto.

Um a um, todos viraram a cabeça quando ela desceu. Se Billy se vestira com mais esmero do que o habitual, a esposa dava a impressão de que ia comparecer a uma première em Hollywood; estava tão distante quanto era possível da personalidade cotidiana de amazona, sempre de jeans e botas. O vestido vermelho era longo, justo no corpo, e descia até os tornozelos; a abertura lateral subia até o meio da coxa, parando no ponto exato em que a

decência ainda era resguardada, mas obrigando a fantasia masculina a disparar. Os sapatos eram abertos até os dedos, com tiras nos tornozelos. Para Web, pelo menos, sugeria o conceito de servidão, se alguém já não estivesse pensando a respeito. O vestido não tinha alças, deixando à mostra os ombros bronzeados e musculosos, que ainda assim conservavam a atração feminina. O decote era bastante profundo para tornar difíceis os movimentos sem revelar demais, e talvez fosse justamente essa a intenção. Os cabelos estavam em camadas no alto da cabeça, as joias de bom gosto... e era o tipo de mulher que não precisava de muita maquilagem.

Houve um silêncio total enquanto ela descia, até que Web ouviu Romano sussurrar "Amore", para depois tomar um gole de cerveja.

— Agora a festa pode realmente começar — declarou Billy. — O que vai beber, Gwen?

— Ginger ale.

Billy a serviu. Olhou para os irmãos Ransome.

— Ela é deslumbrante — comentou Harvey.

— Uma deusa — acrescentou Giles.

— E é também minha esposa. — Ele levou o copo para Gwen. — Nemo teve um atrito com um cavalo.

Web notou que Gwen mal olhou na direção do homem.

— Já percebi. — Ela acenou com a cabeça para os Ransome. Acho que ainda não fomos apresentados.

Harvey e Giles disputaram ansiosos qual dos dois se apresentaria primeiro.

Web permaneceu apartado, observando tudo. Não podia haver a menor dúvida de que a mulher tinha uma beleza excepcional. Contudo, a maneira como se vestia, a atitude arrogante que assumia, pareciam totalmente fora de sincronia com Gwen Canfield, ou, pelo menos, a mulher que ele conhecera. Mas talvez tivesse se enganado.

Web não notou Bates ao seu lado, até que o ouviu dizer: — Uma festa de despedida, pelo que ouvi.

— Isso mesmo. Caso encerrado. Os mocinhos vencem de novo. É tempo de beber, afagar nossos egos... pelo menos até que a merda volte a aparecer amanhã.

— Precisamos conversar mais tarde. É importante.

Web o fitou. Para alguém que o conhecesse superficialmente, Bates daria a impressão de que não tinha a menor preocupação no mundo. Para

Web, que o conhecia muito bem, o homem parecia prestes a implodir com o que tinha dentro da cabeça.

— Não me diga que ganhei na loteria?

— Creio que tudo depende da maneira como você considera. Deixarei que decida. Quer sair e conversar agora? Web olhou firme para Bates. Era evidente que se tratava de uma situação muito grave.

— Não, Perce. Neste momento, quero apenas saborear minha cerveja e conversar com uma linda mulher.

Ele deixou Bates e conseguiu afastar Gwen dos fascinados Ransome. Sentaram em duas poltronas de couro. Gwen ajeitou o copo no colo. Olhou para o marido.

— Ele já começou sua festa particular há cerca de seis horas.

— Dá para perceber.

Web a estudou de maneira discreta. Ou pelo menos foi o que ele pensou, até que Gwen lhe lançou um olhar direto.

— Sei que o traje é um pouco diferente daquele a que você está acostumado.

As faces de Gwen coraram um pouco quando ela fez o comentário.

— Se você tem, deve mostrar. Estou contente por não haver outras mulheres aqui, porque estariam muito abaixo do seu nível. Não se limitariam a tomar chá de cadeira, pois seriam a própria cadeira, pelo menos para os homens aqui presentes.

Ela afagou a mão de Web.

— Você é muito gentil. Mas a verdade é que me sinto tão desconfortável neste vestido, preocupada que possa cair a qualquer momento e de passar a maior vergonha. E meus pés já estão me matando. Estes sapatos italianos são lindos de ver, mas absolutamente insuportáveis para usar quando se tem os pés um pouco maiores.

— Então por que se vestiu assim?

— Foi Billy quem escolheu para mim. Claro que ele não é o tipo de homem que determina o que sua esposa deve fazer ou vestir. Muito ao contrário. De modo geral, sou eu quem escolho suas roupas. Mas ele disse que queria que eu estivesse espetacular esta noite.

Web ergueu seu copo.

— Considere que a missão foi cumprida. Mas por quê?

— Não sei, Web. Juro que não sei o que passa pela cabeça de Billy neste momento.

— Talvez tenha alguma relação com aquela fita. Mais uma vez, sinto muito.

Gwen balançou a cabeça.

— Não é apenas isso. O problema vem fermentando há algum tempo. Billy tem mudado muito ao longo dos últimos meses, e não sei direito por quê.

Web teve a impressão de que a mulher sabia o motivo, mas não tinha a menor intenção de revelar para um quase desconhecido como ele.

— O comportamento de Billy tem se tornado mais e mais bizarro.

Web ficou curioso.

— Como assim?

— Ele está obcecado por animais empalhados, fica sempre lá embaixo, trabalhando nisso. É a coisa mais repulsiva que se pode imaginar.

— É um pouco macabro.

— E ele tem bebido cada vez mais. — Ela fitou Web. Baixou a voz para acrescentar: — Sabe o que ele me disse enquanto nos vestíamos? Gwen fez uma pausa, tomando um gole de ginger ale.

— Que deveríamos pôr a cabeça de todos os membros da Sociedade Livre na ponta de lanças e levá-las pelas ruas num desfile, como costumavam fazer há centenas de anos.

— Por quê? Para enviar uma mensagem?

— Não.

Os dois levantaram os olhos e depararam com Billy parado na frente. Ele tomou o resto de seu uísque.

— Faz-se isso porque o melhor lugar para pôr seus inimigos é bem na sua frente. Só assim se pode saber onde estão durante todo o tempo.

— Nem sempre é fácil fazer isso — comentou Web. Billy sorriu.

— Tem razão. E é por isso que os inimigos das pessoas caem em cima delas com mais frequência do que se pode imaginar.

Foi apenas um rápido olhar, mas Web teve quase certeza de que Billy olhou para Nemo Strait quando disse isso. Billy levantou seu copo.

— Aceita outra cerveja?

— Ainda não acabei com esta.

— Pois avise-me quando quiser mais. Gwen, já está pronta para uma libação de verdade?

— Vestida desta maneira, numa sala cheia de homens, acho que preciso manter todo o meu controle esta noite — disse ela, com um sorriso

recatado.

Web notou que o marido não retribuiu o sorriso. Pouco antes de subirem para o jantar, Web ouviu um grito. Olhou à procura da origem. O armário de armas estava aberto, revelando a sala secreta. E Harvey e Giles tinham a mão no peito, depois de descobrirem o manequim de escravo de Billy. E Billy estava encostado na parede, rindo tanto que até engasgou. Web ? não pôde deixar de sorrir.

Depois do jantar, café e conhaque, que Billy insistiu em que todos deveriam experimentar, os convidados se retiraram. Gwen deu um abraço em Web, que sentiu os seios macios comprimidos contra seu peito duro. Os dedos de Gwen pareceram segurá-lo por um segundo a mais do que o necessário. Ele não sabia exatamente como considerar isso e limitou-se a murmurar algumas palavras de despedida.

Todos saíram. Strait embarcou em sua picape e foi embora, guiando com apenas uma das mãos. Uma limusine parou na frente da casa e Harvey e Giles Ransome entraram.

Os dois haviam bancado os idiotas diante de Gwen, pensara Web, o que ela aceitara com toda a gentileza. Devia estar lá em cima agora, tirando os sapatos que machucavam os pés, o vestido desconfortável. Era bem provável que estivesse nua naquele momento, e Web descobriu-se a olhar para as janelas lá em cima... na esperança de quê? ele perguntou a si mesmo. Um vislumbre? Não aconteceu. Bates se aproximou junto com Romano.

— Romano, Web e eu precisamos conversar.

Bates falou num tom que fez Romano se virar no mesmo instante e seguir para a casa de carruagens. Web e Bates se fitaram.

— O que aconteceu? — perguntou Bates.

Bates relatou tudo. Web ouviu em silêncio, até o final.

— E qual é a situação de Romano? — perguntou Web.

— Buck não o mencionou. Por isso, presumo que não há nenhum problema com ele.

— Vamos deixar assim.

— Não sei o que fazer, Web. Estou entre o mar e o rochedo.

— Não está, não. Facilitarei tudo para você. Pedirei demissão.

— Está querendo me sacanear?

— É tempo de seguir adiante, Perce, fazer outra coisa. Não sou mais jovem. E, para dizer a verdade, gostaria de descobrir como é ter um

emprego em que as pessoas não ficam atirando em você.

— Podemos lutar contra isso, Web. Winters não tem a palavra final.

— Estou cansado de lutar, Perce. Bates ficou desolado.

— Eu não queria que acabasse assim.

— Romano e eu encerraremos o serviço aqui e iremos embora.

— Sabe que a morte dos Frees terá a maior repercussão. E sua saída da ERR neste exato momento levará as pessoas a presumirem que você é o bode expiatório. A situação vai se tornar imprevisível. A mídia irá atrás de você. Até já começou.

— Houve um tempo em que isso teria me incomodado. Agora não.

Os dois homens ficaram parados ali, em silêncio, por mais alguns segundos, enquanto muitos anos de combater o bom combate juntos pareciam chegar a um fim súbito e abrupto, para o qual nenhum dos dois parecia preparado. Depois, Web virou-se e afastou-se.

50

ERAM DUAS HORAS DA MADRUGADA. OS ÚNICOS MOVIMENTOS em East Winds eram dos cavalos nos pastos e da vida selvagem na floresta ao redor. Depois soaram passos pelo caminho que levava através das árvores.

Havia uma luz acesa na casa, com a silhueta de um homem delineada na janela. Nemo Strait encostou uma lata de cerveja gelada no ombro ferido, fazendo uma careta quando o metal embaçado fez contato com a pele avariada. Usava uma camisa de malha e uma cueca tradicional. As pernas grossas e musculosas forçavam a abertura nas coxas. Sentou na cama, pegou a pistola semiautomática e enfiou o carregador. Mas com uma das mãos apenas teve dificuldade para puxar a culatra, a fim de inserir uma bala na câmara. Frustrado, largou a arma na mesa de cabeceira, deitou de costas e tomou um gole da cerveja.

Nemo Strait, por natureza, não parava de se preocupar. E naquele momento tinha muito com que se preocupar. Ainda pensava no helicóptero que surgira do nada na floresta escura. Observara seu voo. Não pousara na floresta e não parecia ser da polícia. Strait pensara em voltar até o lugar em que haviam atirado em Cove, para ter certeza de que o homem morrera mesmo. Mas ele não podia deixar de ter morrido. Haviam acertado cinco tiros, e ninguém seria capaz de escapar a isso. Mas mesmo que conseguisse sobreviver de alguma forma, seria apenas um vegetal, incapaz de dizer a qualquer um o que acontecera. Ainda assim, Strait não estava satisfeito.

Acompanhara os noticiários na esperança de ser informado de que um agente secreto do FBI fora encontrado morto. E também queria ouvir a informação de que não havia pistas dos assassinos. Ele esfregou o ombro. Deixara seu sangue no local, é claro, mas precisariam ter alguma coisa para comparar o DNA, e o seu não constava dos arquivos em qualquer lugar, ao que pudesse lembrar. Exceto no exército! Mas depois de mais de 25 anos, ainda guardariam? O material ainda prestava? Ele duvidava.

Mesmo assim, podia sentir que se aproximava o momento em que teria de partir. Conseguira tudo o que queria. A transação da noite passada deixara-o com dinheiro suficiente para se aposentar quase em qualquer lugar que escolhesse. A princípio pensara em comprar uma propriedade nas Montanhas Ozark Passaria o resto da vida pescando e gastando dinheiro de

modo a não despertar suspeitas. Agora estava reformulando a estratégia Começava a pensar que outro país poderia ser um local para desfrutar a aposentadoria muito melhor. E ouvira dizer que pescar na Grécia era maravilhoso.

Se ouviu a porta dos fundos abrir, Strait não deu a menor indicação Fora um dia longo e o efeito do analgésico já estava passando. Ele tomou outro gole da cerveja e enxugou os lábios.

A porta do quarto foi aberta lentamente. Outra vez Strait pareceu não notar. Uma pessoa entrou no quarto, adiantou-se devagar. Strait pegou o rádio na mesinha de cabeceira e ouvia música A pessoa aproximou-se da cama. Ele finalmente interrompeu o que fazia e virou-se para olhar.

— Não pensei que você viesse esta noite — disse ele — Por achar que eu não seria mais bastante bom com um braço só.

Ele tomou outro gole da cerveja e largou a lata. Gwen o fitou. Usava o vestido vermelho da festa, mas os sapatos de saltos altos haviam sido substituídos por sandálias; a corrente de ouro no tornozelo faiscava. Ela se adiantou, olhando para o ombro de Strait.

— Dói muito?

— Apenas cada vez que respiro.

— Que cavalo foi?

— Bobby Lee.

— Ele nunca foi de dar coices.

— Todo cavalo sabe dar coices.

— Esqueci que você é o conhecedor de cavalos Ela deu um sorriso tímido, mas havia alguma coisa por trás do olhar que não era tão divertida.

— Não sou, mas cresci com esses desgraçados. E não se aprendem essas coisas em um ano, ou mesmo em dez. Veja o caso de Billy. Ele aprende depressa, mas ainda não sabe basicamente porra nenhuma sobre a administração de um haras — Tem razão. Foi por isso que contratamos você e seus homens. — Gwen fez uma pausa. — Você é o nosso cavaleiro branco, Nemo.

Strait acendeu um cigarro.

— Essa é das boas.

Ela o surpreendeu ao se inclinar, pegar a lata de cerveja e tomar um gole.

— Não tem nada mais forte do que isto, Nemo?

— Bourbon.

— Vá pegar.

Enquanto ele pegava a garrafa e os copos, Gwen sentou na cama e esfregou a panturrilha. Tocou na corrente de ouro no tornozelo, um presente de Billy. Tinha os nomes dos dois gravados. Strait estendeu o copo cheio. Ela tomou de um gole só e estendeu o copo de volta para outra dose.

— Vá com calma, Gwen. Isso não é um refresco.

— Para mim é. E não bebi na festa. Eu me comportei direitinho.

O olhar de Strait desceu pelo corpo longo, admirou as pernas bem torneadas, subiu para os seios firmes.

— Todos os homens ali queriam pular em cima de você. Gwen não sorriu pelo elogio.

— Nem todos.

— Billy já não atende à demanda. Também estou chegando a esse ponto, mais depressa do que gostaria.

— Não tem nada a ver com idade.

Ela se inclinou, pegou o cigarro, deu uma tragada e devolveu-o.

— E quando seu marido não toca em você há anos, isso leva a mulher a procurar outras fontes. — Gwen fitou-o nos olhos. — Espero que você reconheça seu papel limitado neste caso.

Strait deu de ombros.

— Um homem tem de aproveitar o que pode conseguir. Mas não é certo que ele ainda culpe você pelo que aconteceu com seu filho.

— Ele tem todo o direito. Foi por minha causa que David estudava naquela escola.

— Mas não foi você quem ordenou que aqueles malucos dos Frees atirassem em todo mundo, não é mesmo?

— Não, não fui eu... e também não pedi que o FBI mandasse um bando de homens muito covardes ou incompetentes para salvarem meu filho.

— É muito estranho ter o FBI aqui no haras.

— Sabíamos que havia essa possibilidade. Strait sorriu. — Vim até aqui para protegê-la.

Gwen murmurou, sarcástica: — De nós mesmos.

— A bomba no telefone de Billy, que eu detonei quando Web a jogou pela janela do Rover, afastou-os da pista para sempre. Não estão nem pensando em nós.

— Web London é muito mais inteligente do que você provavelmente pensa.

— Sei que ele é muito inteligente. Não vou subestimar ninguém neste caso.

Gwen tomou um gole da segunda dose de bourbon, tirou as sandálias e se estendeu na cama. Strait acariciou seus cabelos.

— Tenho sentido sua falta, dona.

— Billy pode não se importar muito, mas é um pouco difícil circular com o FBI patrulhando a propriedade.

— Agora só restam Web e Romano. Ele é outro com quem precisamos tomar cuidado. Ex-SWAT e Delta, o cara pode ser um perigo. Percebo nos seus olhos.

Gwen virou de barriga para baixo, soergueu-se, apoiada nos cotovelos e fitou-o. Ele olhava para os seios, que agora quase saltavam do vestido. Gwen notou o olhar, mas aparentemente aquela atenção não a interessava.

— Eu queria lhe perguntar sobre os trailers dos cavalos.

A pergunta fez com que Strait desviasse os olhos dos seios para o rosto de Gwen.

— Qual o problema com eles?

— Também fui criada num rancho, Nemo. Você mandou fabricar sob encomenda alguns dos trailers de maneira especial. Quero saber o motivo.

Ele sorriu.

— Um homem não pode ter segredos.

Gwen ficou de joelhos e chegou mais perto dele. Começou a beijar seu pescoço. A mão de Strait foi primeiro para os seios, depois desceu. Levantou o vestido até a cintura e descobriu que ela não usava nada por baixo.

— Boa ideia. Estou com tanto tesão que acabaria rasgando a calcinha.

Ela gemeu no ouvido de Strait quando os dedos a acariciaram. Levantou uma das mãos para tocar o rosto dele, depois baixou-a para o pescoço, sob a camisa de malha.

Num movimento brusco, Gwen rasgou a camisa e inclinou-se para trás.

O movimento foi tão surpreendente que Strait quase caiu da cama. Acompanhou o olhar de Gwen para a bandagem ensanguentada em seu ombro.

— Um estranho machucado para um coice de cavalo, Nemo.

Os dois ficaram se olhando. E antes que ele pudesse impedi-la, Gwen pegou a pistola de Strait, pôs uma bala na câmara e mirou para vários pontos do quarto. Olhou para a arma.

— O equilíbrio nesta arma está péssimo. E você deveria ter um visor de lítio, Nemo. Faz a maior diferença com o fogo noturno.

Uma gota de suor apareceu na testa de Strait.

— Você sabe manejar uma arma.

— Os cavalos não foram a única coisa com que fui criada no Kentucky. Meu pai e meus irmãos eram membros ativos da Associação Nacional do Rifle. Só não entrei porque meus pais acharam que não era uma atividade apropriada para uma moça.

— É bom saber disso. Também sou sócio.

Strait soltou um suspiro de alívio quando ela puxou a trava de segurança... mas não largou a arma.

— O que você leva nos trailers? — indagou Gwen. — Drogas?

— Escute, meu bem, por que não bebemos mais um pouco e começamos...

A pistola tornou a subir, destravada.

— Vim até aqui para trepar com você, Nemo, não para ser sacaneada. Já é tarde e estou começando a ficar cansada. Se quer um pouco de diversão esta noite, é melhor acabar com essas merdas.

— Está bem, está bem... você não é fácil. — Ele tomou um gole da cerveja e limpou a boca com a mão. — Levo drogas, mas não do tipo que está pensando. Uma droga de farmácia, com o dobro do efeito da morfina. Sem laboratórios clandestinos, sem problemas na fronteira. Basta roubar ou fazer um acordo com um farmacêutico para aviar as receitas. Esse negócio de Oxycontin começou na área rural. Mas estou levando para as cidades grandes. Já estava na hora de o pessoal do interior, como nós, ficar com uma fatia do bolo. E é sensacional!

— E você usa East Winds como sua base e nossos trailers para transportar o produto.

— Já estávamos distribuindo as drogas há algum tempo, quase sempre em picapes, pontos de entrega combinados, até mesmo pelo correio. Foi então que tive a ideia de usar os trailers dos cavalos. Levamos os cavalos pelas fronteiras do estado toda hora. E se a polícia nos para, pedindo a documentação dos veículos e dos animais, o cheiro evita que descubram onde está a mercadoria. Não sei se há cachorros treinados para farejar drogas médicas. Tenho tomado o maior cuidado para que você e Billy não percebessem. A última viagem para o Kentucky foi a maior entrega.

Strait levantou a lata de cerveja em saudação, aparentemente para si

mesmo. Gwen olhou para o ferimento.

— Mas o sucesso não foi total.

— Quando você faz uma coisa ilegal, deve estar preparado para enfrentar algum risco.

— Esse risco veio da sua rede de demanda ou da polícia?

— Ora, meu bem, que diferença isso faz?

— Tem razão. De qualquer forma, você nos expôs ao risco. Deveria estar trabalhando para nós, Nemo, em horário integral.

— Um homem tem de cuidar de si mesmo. Era uma oportunidade boa demais para desperdiçar. E não pretendo me matar de tanto trabalhar em haras pelo resto da vida, entende?

— Contratei você para um propósito específico, por causa de sua experiência e qualidades excepcionais.

— É verdade. O fato de que tenho uma boa cabeça nos ombros, conheço pessoas que não se importam de matar e posso armar alguns explosivos sofisticados. Já fiz tudo isso, meu bem. Ele contou nas pontas dos dedos. — Um juiz federal, um promotor federal e um advogado de defesa.

— Leadbetter, Watkins e Wingo. Um juiz sem espinha dorsal, um promotor sem coragem e um advogado de defesa que teria defendido com o maior prazer o assassino da própria mãe se o cara tivesse dinheiro bastante para pagar. Considero que prestamos um serviço à sociedade ao encerrarmos suas vidas patéticas.

— E também atacamos a ERR e depois os atraímos para exterminar os malditos Frees. Enganamos um agente secreto veterano, fazendo-o pensar que descobrira uma operação de drogas para acabar com todas as operações de drogas. Armamos tudo como se fosse uma cena do filme Golpe de mestre.

Ele a fitou, sua expressão se tornou sombria, antes de acrescentar: — Portanto, fiz tudo o que pediu, dona. Mas o que faço nas horas de folga é só da minha conta. Não sou seu escravo, Gwen.

Ela manteve a pistola apontada para Strait.

— Web London ainda está vivo.

— Você disse para deixá-lo vivo e fazê-lo passar por covarde. A gente teve sorte quando descobri que o psico que o atendia é um velho conhecido meu do Vietnã. Por isso todo mundo acha que Web é um cara podre por dentro. Tudo isso exigiu muito planejamento, muito risco, mas devo dizer que executamos as operações quase com perfeição. E conseguiu fazer tudo

por uma ninharia, porque acho que foi terrível o que aconteceu com seu filho. Strait a fitou com expressão magoada. — E não me lembro de você ter dito obrigado uma única vez.

A voz de Gwen era profissional, a expressão indecifrável.

— Obrigada. Quanto dinheiro você ganhou com as drogas?

Surpreso, ele baixou a lata de cerveja.

— Por quê?

— Depois do que lhe paguei e do que enterramos aqui, Billy e eu estamos no vermelho. Virão buscar muito em breve sua coleção de carros antigos, porque tomamos emprestado dando os carros como garantia. Podemos precisar de um fluxo de caixa, porque vamos vender tudo e ir embora também. O que é mais urgente, agora que você sofreu esse ferimento, porque me diz que muito em breve alguém virá bater em nossa porta com perguntas para as quais não tenho respostas. E, para ser franca, já cansei da região rural da Virgínia. Estou pensando que nossa próxima escala pode ser numa ilha em que nunca faz frio e na qual não há telefones.

— Quer que eu lhe dê uma parte do meu dinheiro das drogas? — indagou Strait, incrédulo.

— Na verdade, exigir seria o termo mais apropriado.

Nemo abriu os braços.

— Eu não estava brincando, querida. Conseguimos bons preços por aqueles potros.

O tom foi sincero, mas Gwen riu.

— Esta propriedade nunca rendeu dinheiro antes de ser comprada por nós, e não vai render agora. com bons potros ou não.

— O que você quer de mim?

— Muito simples. Quero que me diga quanto ganhou com as drogas.

Ele hesitou por um instante, antes de responder: — Não muito, para dizer a verdade.

Gwen ergueu a pistola, apontando para ele.

— Quanto?

— Cerca de um milhão. Está satisfeita? Ela segurou a pistola com as duas mãos, apontando com todo o cuidado para a cabeça de Strait.

— Última chance. Quanto, Nemo?

— Está bem, está bem, não precisa rasgar a calcinha... — Ele deixou escapar um suspiro. — Dezenas de milhões.

— Então quero vinte por cento. E depois seguimos por caminhos

separados.

— Vinte por cento é demais!

— Depositados numa conta no exterior. Estou presumindo que um grande executivo como você abriu contas secretas em algum lugar para esconder seus milhões. Desculpe, dezenas de milhões.

— Mas tive muitas despesas.

— Sei que teve, e provavelmente pagou com pílulas, pois quase todos esses caras são estúpidos demais para saber o que vale a pena. E como traficar drogas médicas significa custo baixo, risco reduzido, imagino que suas margens de lucro são bastante altas. Além disso, não creio que você esteja pagando impostos sobre esse dinheiro. Também não vamos esquecer que você usa os equipamentos que pagamos para transportar o produto e utiliza mão de obra que recebe salários do haras. Como bem pouco capital saiu de seu bolso, o retorno sobre o investimento é ainda maior. Por isso, quero a minha parte. Podemos chamar de honorários de locação dos equipamentos e mão de obra. E tem sorte porque só estou cobrando vinte por cento. — Gwen desceu uma das mãos pela frente de seu corpo, sedutora. — Isso mesmo, você é afortunado porque eu estou em meu ânimo generoso neste momento.

Strait se limitou a sacudir a cabeça.

— Seu pai também era um executivo financeiro?

— Billy e eu ficamos com a pior parte do negócio por tempo demais. Mas pelo menos ainda estamos vivos. Meu filho só tinha dez anos. Isso parece justo para você?

— E se eu recusar sua proposta?

— Atiro em você.

— A sangue-frio? Uma mulher religiosa como você?

— Rezo por meu filho todos os dias, mas não posso dizer que minha fé em Deus continue a ser absoluta. E posso chamar a polícia.

Nemo sorriu e balançou a cabeça.

— E diria o quê? Que sou traficante de drogas? E que matei uma porção de pessoas por você? Qual é o poder que você pode ter sobre mim? Qual é a sua vantagem?

— Minha vantagem, Nemo, é que não me importo mais com o que possa me acontecer. O que é a melhor de todas as vantagens. Não tenho mais nada a perder porque já perdi tudo.

— E Billy?

— Ele não sabe nada sobre isso. E agora minha taxa passou para 25 por cento.

— Puta merda! com a arma apontada para Strait, ela levantou-se, abriu o zíper do vestido e deixou-o cair no chão. Deu um passo para o lado, completamente nua.

— E aqui está o adoçante, Nemo. Dou-lhe uma, dou-lhe duas...

— Fechado! — gritou Nemo Strait, estendendo os braços para ela.

O sexo foi vigoroso e deixou os dois ofegantes. Strait arriou de costas depois, massageando o ombro dolorido, enquanto Gwen baixava e estendia as pernas. Strait quase a espremera entre as molas do colchão e virará suas pernas para posições que nunca deveriam assumir. Passaria dois dias dolorida, mas seria uma dor maravilhosa, que o marido se abstinha de infligir-lhe há muito tempo. E não era apenas sexo que ele deixara de lhe proporcionar, mas também amor, o que era muito pior. Em público, ele ainda exibia uma simulação de afeto; em particular, nem se dava o trabalho. Billy nunca fora abusivo com ela: ao contrário, havia no relacionamento uma extrema insegurança, uma melancolia irreversível; ser ignorada nunca foi tão doloroso.

Gwen se recostou na cabeceira da cama. Acendeu um cigarro e soprou anéis de fumaça para o teto. Ficou deitada assim durante cerca de uma hora. Depois, estendeu a mão para o peito cabeludo de Strait, procurando excitá-lo.

— Foi maravilhoso, Nemo.

— É...

— Acha que pode repetir antes do amanhecer?

Ele abriu um olho.

— Mais devagar, mulher. Não tenho mais 19 anos e estou com a asa arrebentada. Se me arrumar o tal do Viagra, posso dar um jeito.

— Em seu ramo de atividade, eu pensaria que estava cansado das pílulas.

Strait ergueu um pouco a cabeça e fitou-a.

— Por que você não pensa na possibilidade de ir para a Grécia comigo? Seria muito divertido. Garanto.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso, mas meu lugar é ao lado de meu marido, quer ele saiba disso ou não.

Strait tornou a arriar na cama.

— Já imaginava que você ia dizer isso.

— E eu sei que, no fundo, você está querendo tirar meus 25 por cento.

— Desisto.

— Nemo...

— O que é?

— O que você acha que aconteceu com Ernest B. Free?

Ele sentou. Usou o cigarro de Gwen para acender o seu. Recostou ao lado dela e passou um braço por seus ombros.

— Não tenho a menor ideia. Fiquei surpreso. Pensei que ele estaria no local que a ERR atacou, mas não estava. A menos que os federais estejam mentindo... mas por que eles mentiriam? Se o tivessem prendido, estariam apregoando para o mundo. E o cara que usei para armar contra os Frees também plantou drogas e outros materiais no local, inclusive alguns arquivos fabricados sobre o juiz e os dois advogados. Ele até conhece o velho Ernie. Poderia identificá-lo se ele estivesse lá. Mesmo que o tivessem escondido muito bem.

Ela passou os dedos pelos cabelos de Strait.

— Web e Romano estão prestes a partir.

— Sei disso. Boa viagem. Eles estão prejudicando minhas operações, embora eu deva dizer que foi muito excitante passar com cinquenta mil pílulas roubadas pelo nariz dos federais. Mas, para dizer a verdade, até que gosto daqueles caras. Se descobrissem o que fizemos, tentariam nos mandar para o corredor da morte. Mas, exceto por isso, eu não me importaria de tomar algumas cervejas com eles de vez em quando.

Strait olhou para Gwen e ficou surpreso com a expressão que ela exibia.

— Odeio Web London — murmurou ela.

— Escute, Gwen, sei o que aconteceu com seu filho e todo o resto...

Ela explodiu nesse instante, batendo com os punhos no colchão.

— Fico enojada de ver o rosto dele. Esses homens são piores do que os Frees. Vêm correndo para salvar o mundo, e pessoas inocentes começam a morrer. Aquelas pessoas juraram para mim que ninguém mais morreria depois que a ERR chegasse. E depois apresentaram Web London como o grande herói, enquanto meu filho está morto, na sepultura. Eu adoraria matar todos eles pessoalmente.

Strait engoliu em seco, nervoso, pela voz desvairada, as palavras furiosas, enquanto ela se mantinha ajoelhada na cama, os cabelos sobre o rosto. O corpo nu, esguio, cada músculo contraído, faziam-na parecer uma pantera prestes a dar o bote. Ele olhou para a arma que Gwen pusera na

mesa de cabeceira. Preparou-se para pegá-la, mas a mulher foi mais rápida. Apontou a arma para todos os lados do quarto, enquanto Strait observava, no maior nervosismo. Ao final, ela apontou o cano para si própria. Ela olhou para a arma, aturdida, como se não soubesse direito o que havia ali. O dedo se contraiu no gatilho.

— Então por que você mesma não faz isso? — indagou Strait, olhando para a arma. — Mate Web. Como você disse, acidentes acontecem. Ainda mais num haras.

Gwen pensou a respeito. A expressão furiosa finalmente desapareceu de seu rosto. Ela sorriu e baixou a arma.

— Talvez eu faça isso mesmo.

— Só não estrague a oportunidade, porque está na reta final. Ela se meteu por baixo das cobertas, aconchegou-se contra Strait, beijou-o no rosto. Estendeu a mão por baixo do lençol, acariciando-o lá embaixo.

— Só mais uma vez... — sussurrou ela, a voz baixa e gutural.

Gwen tirou o lençol de cima dos dois, olhou para baixo e sorriu.

— Quem precisa de Viagra, Nemo?

— Mulher, você está me pondo para funcionar mais do que um campeão maratonista!

Mesmo sem a droga da potência, Strait conseguiu satisfazê-la mais uma vez, embora isso quase o matasse.

Mais tarde, enquanto Gwen se vestia, ele a observou.

— Você parece uma gata selvagem.

Ela puxou o zíper do vestido e segurou as sandálias com uma das mãos. Strait se levantou e começou a enfiar a camisa pelo braço ferido, cauteloso. Gwen fitou-o.

— O que pretende fazer amanhã de manhã?

— Sabe como é a vida num haras. Há sempre alguma coisa para fazer.

Ela se virou para sair.

— Não é nada pessoal ou qualquer coisa assim, Gwen, mas nunca é bom para uma pessoa ter tanto ódio no coração. Terá de parar com isso em algum momento, ou essa ira vai acabar por destruí-la. Foi o que aconteceu quando minha ex levou as crianças. Em algum momento, é preciso ser light.

Ela tornou a se virar, lentamente, para fitá-lo.

— Quando você vê seu único filho morrer na sua frente, Nemo, com um buraco ensanguentado no peito, e depois perde a única outra pessoa que ama por causa disso, quando chega ao ponto mais baixo do desespero que

uma pessoa pode alcançar, e depois cai ainda mais baixo... quando tudo isso acontecer com você, então poderá falar comigo sobre renunciar ao ódio.

51

CLAIRE DESPERTOU SOBRESSALTADA DE UM SONO PROFUNDO em que mergulhara pela exaustão, apesar do terror. Sentiu dedos em sua pele e já ia atacar a pessoa quando uma voz a fez parar.

— Sou eu, Claire — murmurou Kevin, tirando-lhe a venda. Como não havia qualquer luz, Claire teve de deixar seus olhos se ajustarem à escuridão. Olhou para Kevin, sentado a seu lado, as mãos nas algemas que a prendiam na parede.

— Pensei que você também estava preso.

Ele sorriu e mostrou um pequeno pedaço de metal.

— E estava mesmo. Mas tirei isto de uma das canetas que me deram para desenhar. E consegui abrir as algemas. Sou bom com as mãos.

— Estou vendo.

— Espere só mais um minuto e solto você também.

Kevin conseguiu soltá-la em menos tempo ainda. Ela esfregou os pulsos e sentou. Olhou ao redor, fixando-se na porta.

— A porta está trancada?

— Sempre esteve. Talvez não agora, se eles pensam que estamos algemados.

— Um bom pensamento.

Claire se levantou. Demorou um momento para recuperar o equilíbrio, depois de passar tanto tempo sem ficar de pé, um problema agravado pela escuridão. Tornou a olhar ao redor.

— Tem alguma coisa aqui que possamos usar como uma arma, caso haja alguém no outro lado da porta? — sussurrou ela.

Kevin foi até a mesinha. Virou-a de lado e desatarraxou duas pernas de metal. Entregou uma a Claire e ficou com a outra.

— Você bate em cima e eu bato embaixo — disse ele.

Claire acenou com a cabeça em concordância, embora sem muita confiança. Não tinha certeza se seria capaz de agredir alguém. Kevin pareceu sentir sua apreensão, porque acrescentou: — Só vamos bater neles se tentarem machucar a gente, está bem?

— Combinado — disse Claire, com muito mais firmeza.

Os dois se aproximaram em silêncio da porta e tentaram abri-la. Estava trancada. Escutaram atentamente por algum tempo, mas não puderam ouvir

ninguém no outro lado, mesmo os sons de máquinas não sendo tão altos agora.

— Acho que só vamos sair daqui quando eles quiserem — murmurou Claire.

Kevin examinou a porta. Deu um passo para trás.

— Eu nunca notei isso antes.

— O que foi?

— As dobradiças da porta ficam no lado de dentro. Claire se sentiu esperançosa, mas apenas por um instante.

— Mas precisaríamos de uma chave de fenda e um martelo para tirá-las.

— A gente tem o martelo. — Kevin suspendeu a perna de metal da mesinha. — E olhe ali a chave de fenda.

Ele foi até as algemas que haviam prendido Claire numa argola na parede. com a ajuda de Claire, conseguiram soltar a argola da parede. Kevin tirou as algemas. Examinou-as.

— Aqui tem uma ponta fina, como uma chave de fenda.

— Outra boa ideia, Kevin.

Claire não pôde deixar de sentir admiração. Sentia-se totalmente desamparada, mas Kevin tirava da cartola um milagre depois de outro.

Levaram algum tempo, parando a todo instante para prestar atenção à possível aproximação de alguém, mas finalmente os parafusos das dobradiças foram retirados. Conseguiram entreabrir a porta e saíram. Estava escuro ali fora também e tropeçaram algumas vezes, tocando nas paredes do corredor estreito para se orientar. O cheiro de cloro era muito forte. Encontraram outra porta trancada, que Kevin conseguiu abrir com o prendedor da caneta. Havia mais outra porta, só que essa, graças a Deus, não estava trancada. Claire respirou fundo, assim como Kevin. O menino sorriu para ela.

— É bom estar de novo ao ar livre.

— Mas vamos embora, antes que voltem para nos prender de novo.

Os dois passaram pela piscina coberta, esgueiraram-se entre as moitas e desceram por um caminho relvado sinuoso. Ao se aproximarem do final do caminho, Claire avistou um prédio à frente. Era a mansão. Já a vira em sua visita anterior. Estavam no Haras East Winds!

— Essa não! — exclamou ela.

— Psiu! — disse Kevin.

Claire sussurrou no ouvido dele: — Sei onde estamos. Tenho amigos

que estão aqui. Só precisamos alcançá-los.

O problema era que, no escuro, tornava-se difícil determinar em que direção ficava a casa que Web e Romano estavam ocupando, mesmo com a mansão como ponto de referência.

— Se eles estão no lugar em que ficamos trancados, como pode saber que são amigos?

— Tenho certeza. Vamos embora.

Ela pegou a mão de Kevin e partiram. Seguiram na direção que Claire julgava ser a da casa de carruagens. Muito antes de poderem alcançá-la, no entanto, os dois pararam e ficaram imóveis, quando ouviram um veículo se aproximar. Correram para o meio das moitas e espiaram. Era um caminhão, não o Mach ou o Corvette de Romano. Claire ficou desesperada quando o caminhão parou e vários homens armados saltaram. Ao que tudo indicava, a fuga dos dois fora descoberta. Ela e Kevin embrenharam-se pelo bosque, de tal maneira que ela perdeu o senso de orientação. Pararam finalmente, para recuperar o fôlego. Kevin olhou ao redor.

— Nunca vi tantas árvores no mesmo lugar. Não dá para saber o caminho.

Claire respirou fundo, tentando controlar os pulmões e os nervos. Acenou com a cabeça.

— Tem razão.

Ela estudou a disposição do terreno desconhecido. Tentava decidir a direção em que deveriam seguir quando ouviram passos. Claire puxou Kevin para junto dela e abaixaram-se por trás de uma moita.

A pessoa seguia pela trilha e passou direto por eles, obviamente alheia à presença de Claire e Kevin. Claire a observou. Não conhecia Gwen Canfield, e por isso não tinha a menor ideia do motivo pelo qual uma mulher num vestido vermelho longo estaria passando descalça pelo bosque àquela hora. Claire ainda pensou chamá-la, mas finalmente decidiu contra. Não sabiam quem eram seus captores. Aquela mulher poderia participar do grupo.

Depois que Gwen ficou fora de vista, Claire e Kevin recomeçaram a andar. Chegaram a uma casa escura, mas havia uma picape estacionada na frente. Claire tentava decidir se deveria entrar e usar o telefone para chamar a polícia quando um homem saiu apressado da casa, entrou na picape e partiu a toda a velocidade.

— Acho que aquela pessoa acaba de descobrir que fugimos sussurrou

ela para Kevin. — Vamos embora.

Os dois correram para a casa. Claire notara que o homem, na pressa, deixara a porta aberta. Já iam entrar quando Claire ouviu um som que deixou seu estômago embrulhado.

— Ele está voltando! — gritou Kevin.

Os dois correram de volta para o bosque, no momento mesmo em que a picape chegava.

Enquanto corria pelas moitas densas, Claire logo perdeu os sapatos. Suas roupas e as de Kevin eram rasgadas pelos espinhos e galhos mais firmes. Alcançaram um terreno aberto. Pararam um instante, para recuperar o fôlego, mas recomeçaram a correr ao ouvirem passos no meio do mato.

Seguiram para um espaço aberto. Claire viu um prédio assomar da escuridão.

— Depressa, Kevin! Vamos entrar aqui!

Eles subiram numa plataforma de carga e entraram na Casa dos Macacos, através de um buraco na parede. Claire e Kevin correram os olhos pelo interior em ruínas do prédio. Claire estremeceu ao ver as jaulas enferrujadas. Kevin tapou o nariz.

Os sons de homens e agora os latidos de cachorros se aproximavam.

— Venha comigo! — disse Claire, frenética.

Ela subiu numa caixa, puxou Kevin, ajudando-o a entrar num buraco na parede em que outrora devia haver um ventilador.

— Fique escondido aqui e não faça barulho, Kevin.

— Para onde você vai?

— Não muito longe. Mas, se me encontrarem, não saia daqui. Não importa o que digam que farão comigo, não saia. Está entendendo? Kevin acenou com a cabeça, lentamente.

— Claire...

Ela se virou.

— Por favor, tome cuidado.

Claire sorriu, apertou a mão do menino e desceu. Olhou ao redor por um momento e depois saiu por uma abertura na parede dos fundos. Lá fora, os sons dos cachorros eram ainda mais assustadores. Deviam ter mandado os animais farejarem alguma coisa com o cheiro dela e de Kevin. Ela rasgou um pedaço do vestido, pegou uma pedra pequena, amarrou-a dentro da tira e jogou tão longe da Casa dos Macacos quanto podia. Depois correu na direção oposta. Tornou a entrar no bosque, escorregou por uma encosta e

parou no fundo. Olhou ao redor, tentando determinar a direção de onde vinham os sons dos homens e cachorros. Infelizmente, por causa da topografia, os sons ecoavam por toda parte. Ela atravessou um pequeno córrego, tropeçou, caiu e ficou encharcada. Conseguiu escalar a encosta no outro lado e se descobriu em terreno plano. Sentia-se tão cansada que desejou deitar ali mesmo e esperar que a encontrassem. Mas continuou a correr. Quando alcançou outra encosta íngreme, segurou numa árvore nova, deu impulso e subiu. Lá em cima, examinou a área em torno. A distância, avistou uma luz, depois outra e mais outra, sempre aos pares. Uma estrada.

Claire respirou fundo várias vezes e depois começou a correr. Tinha os pés cortados e sangrando, mas não permitiu que a dor diminuísse sua velocidade. Tinha de obter ajuda. Tinha de obter ajuda para Kevin.

Os sons dos homens e cachorros haviam silenciado. Ela se permitiu a pequena esperança de que talvez conseguisse escapar. Arrastou-se pelos últimos metros até a estrada.

Sentou na vala por um momento, as lágrimas escorrendo, em parte por exaustão, em parte por medo e em parte por ter recuperado a liberdade. Ouviu um carro se aproximando, levantou-se e correu para a estrada, acenando com os braços e gritando por socorro.

A princípio, nem parecia que o veículo ia parar. E Claire compreendeu que sua aparência devia ser a de uma lunática. Mas o veículo finalmente diminuiu a velocidade e parou. Sua primeira visão foi de Kevin sentado no banco da frente, amordaçado, pernas e braços amarrados. A segunda foi de Nemo Strait lhe apontando uma arma.

— Ei, doutora, precisa de carona?

***

Esticou o corpo comprido. Teve um tremor involuntário. A noite era um pouco fria, e a umidade parecia envolver seu corpo. Aconchegou-se mais no cobertor. Francis Westbrook não estava acostumado a acampar ao ar livre. O que fazia agora era tão próximo de um acampamento quanto poderia chegar em sua vida e não estava gostando nem um pouco. Bebeu um pouco d'água e depois colocou a cabeça para fora do esconderijo. O sol levantaria em breve, calculou ele. Não dormira muito bem; na verdade, não dormia direito desde que Kevin desaparecera. Um mísero telefonema fora tudo o que tivera. Encontrara-se com London, como tinham mandado, informara-o sobre os túneis, como haviam mandado. De passagem, acertara as contas com Toona. Ao contrário do que dissera a Web, Westbrook podia tolerar os

que desviavam algum dinheiro, até os que consumiam o produto. Se não o fizesse, não encontraria ninguém disposto a trabalho no negócio das drogas. Era simples assim. Mas não podia tolerar um traidor. Macy o alertara para o que Toona vinha fazendo. Ele verificara pessoalmente e confirmara que Macy tinha razão. Portanto, Toona, que também significava atum em inglês, virará comida para peixe. Nada mais apropriado. Às vezes a vida era justa, pensou Francis.

Através da rede de informações das ruas, ele soubera que Peebles fora assassinado. O garoto não tinha o que era necessário para sobreviver naquele mundo. Mas Westbrook também soubera, embora tarde demais, que Peebles organizara o desvio de seu pessoal e a união de outras quadrilhas na área. Isso o pegara de surpresa. Não pensara que o velho Twan tivesse essa capacidade. E Macy também desaparecera. Essa deslealdade o deixara furioso. Westbrook deu de ombros. Merecia a lição por confiar num branco.

Agora, quem matara Twan podia tê-lo como o próximo alvo. Westbrook precisaria se manter na sombra e confiar apenas em si mesmo, até que a poeira baixasse. Contar apenas consigo mesmo... era assim nos velhos tempos. Tinha duas pistolas, alguns carregadores, cerca de mil dólares no bolso. Abandonara o Navigator quando viera para aquele lugar. Sabia que a polícia ainda o procurava. Pois que procurasse. Vira os federais patrulhando o lugar, mas passara tempo bastante esquivando-se da polícia para saber como esconder sua carcaça, por maior que fosse, fundindo-se no lugar em que se encontrava. Vira coisas estranhas acontecendo ali. E ouvira os sons de cachorros latindo, a distância. No caso, cachorros significavam perigo.

Ele se encolhera ainda mais em seu esconderijo, cobrira-se com galhos e folhas, até eles se afastarem. Segundo sua estimativa mais favorável, London ainda se encontrava por perto, e se London achava que aquele lugar era importante, Westbrook também achava. Ele verificou sua arma e recostou-se. Tomou outro gole d'água, ouviu os grilos e especulou o que o novo dia traria. Talvez trouxesse Kevin.

Cid O'Bannon andava de um lado para outro do espaço pequeno e vazio. Há anos não fumava, mas agora consumira quase um maço inteiro em duas horas. A descoberta do seu esquema era uma coisa que ele sempre cogitara, mas à medida que o tempo passara sem que nada transpirasse, seus medos foram diminuindo, enquanto a conta bancária aumentava. Ele ouviu alguém se aproximando. Virou-se para a porta. Estava trancada. Por isso ficou surpreso quando viu a maçaneta virar. Tratou de recuar. Quando o homem

entrou, O'Bannon deixou escapar um suspiro de alívio.

— Faz muito tempo, doutor.

O'Bannon estendeu a mão e Nemo Strait apertou-a.

— Não tinha certeza se você conseguiria, Nemo.

— Já o decepcionei alguma vez?

— Tenho de partir o mais depressa possível. Os federais estão fechando as fronteiras.

— Não precisa ficar tão preocupado. Temos muitos meios de facilitar sua fuga, com aviões, documentos e as pessoas necessárias para tirar você do país. — Strait mostrou os documentos em sua mão. — Através do México para o Rio, e depois Johannesburgo. De lá tem a opção de ir para a Austrália ou a Nova Zelândia, que é o caminho preferido por muitos fugitivos. Ou talvez seguir para o nosso antigo centro de atividades, o Sudeste Asiático.

O'Bannon olhou para os documentos e soltou outro suspiro de alívio. Sorriu e acendeu mais um cigarro.

— Parece que isso aconteceu há cem anos.

— Jamais esquecerei. Você me salvou depois que os vietcongues destruíram minha mente.

— Não foi tão difícil assim desprogramá-lo, para alguém que sabe o que está fazendo.

— Sorte minha que você soubesse. — Strait fez uma pausa, sorrindo. — E ainda a de participar daquela operação paralela de drogas que você mantinha. Era uma atividade secundária lucrativa.

O'Bannon deu de ombros.

— Todo mundo fazia isso naquele tempo.

— É verdade... inclusive eu, embora apenas para o consumo pessoal.

— Mas tenho de tirar o chapéu para você pela sugestão de grampear os consultórios e vender as informações. Foi uma ideia genial.

Strait sorriu.

— Os federais dispõem de todos esses recursos. Só fizemos igualar um pouco os lados. Mas foi vantajoso para nós dois. Você providenciava as informações e eu arrumava as pessoas que precisavam daquelas coisas para conduzir seus negócios. Inclusive eu. Você ganha dinheiro, eu ganho dinheiro e os federais saem perdendo. O que poderia ser melhor?

Quando Gwen lhe revelara seu plano de se vingar de todas as pessoas envolvidas na morte do filho, Strait começara a investigar a Equipe de

Resgate de Reféns e Web London. Ser criado num rancho tornara-o metódico, como há muito compreendera. Você tem de obter todas as informações que puder, formular um plano e executá-lo. Até ser capturado pelos vietcongues, Strait fora excelente soldado, levando e tirando sua companhia de muitas situações infernais. Tinha o peito cheio de medalhas. Só que isso não tinha a menor importância para ele. Descobrira que o Ed O'Bannon que conhecera no Vietnã era o mesmo O'Bannon que tratava de Web London. Isso lhe dera a ideia de preparar uma armadilha para London e a ERR, porque sabia o que Ed O'Bannon era capaz de fazer com a mente de alguém. A princípio, no entanto, O'Bannon não queria participar. Mas quando Strait soubera quantas pessoas de agências policiais ele tinha como pacientes, tornara a procurar O'Bannon e repetira sua oferta de grampear todos os consultórios. As informações seriam vendidas a criminosos e os lucros divididos com o bom doutor, meio a meio. com esse incentivo, O'Bannon aceitara sem hesitar. A passagem dos anos não diminuíra sua ganância. Algumas das sessões gravadas do psiquiatra proporcionaram a Strait todas as informações de que precisava para a armadilha contra a ERR. Ele nunca revelara a O'Bannon que também traficava com Oxycontin, porque não tinha a menor dúvida de que o homem haveria de querer participação nisso também. E, agora, Strait tinha uma sócia, Gwen Canfield. Vinte e cinco por cento, o que era muito. Mas ele tinha de admitir que a noite passada valera tudo isso.

— Fiquei surpreso quando você nos trouxe Claire Daniels, mas não deveria ficar, é claro. Quando você me disse que London passara a ter sessões com ela, tive certeza de que teríamos algum problema pela frente.

— Tentei persuadi-lo a continuar comigo. Mas, como eu disse, não podia pressionar demais sem levantar suspeitas. Mas guardei a maior parte das informações sobre ele. E você era o único a quem eu podia recorrer.

— Você fez o que era certo. Posso garantir uma coisa: ela nunca vai testemunhar contra você num tribunal.

O'Bannon balançou a cabeça.

— É difícil acreditar que acabou.

— Tínhamos uma operação perfeita.

— O verbo no passado é o certo — comentou O'Bannon, desconsolado.

— Creio que você também não morre de amores pelo Governo Federal.

— Depois do que eu vi no Vietnã? Claro que não. E trabalhar no Birô não contribuiu em nada para mudar essa opinião.

— Mas aposto que você dispõe de muitas economias, para durar pelo resto de seus dias.

O'Bannon acenou com a cabeça.

— Fui previdente nesse ponto. Agora só espero ter a oportunidade de aproveitar o que guardei.

— Quero lhe agradecer, doutor, por toda a sua ajuda. Fez um trabalho perfeito com London.

— Com os antecedentes dele, foi um caso fácil. Nem mesmo precisei usar drogas. — O'Bannon sorriu. — O homem confiava em mim. O que isso diz sobre o poderoso FBI?

Strait bocejou e esfregou os olhos.

— Foi dormir tarde? — perguntou O'Bannon.

— Pode-se dizer que sim. Fiz tanta coisa que estou no maior cansaço.

Houve uma suave batida na porta. Strait disse: — Entre. — Ele olhou para O'Bannon. — Este é o seu piloto. Meu melhor homem. Ele cuidará de tudo.

Clyde Macy entrou. Olhou primeiro para O'Bannon, depois para Strait.

— Meu relacionamento com esse garoto é antigo. Mostrei-lhe os erros de seus costumes. Não é isso mesmo?

— O velho que eu nunca tive — murmurou Macy. Strait riu.

— Acertou em cheio. Dá pra acreditar que esse garoto infiltrou-se num bando de traficantes negros de Washington? Armou para que levassem a culpa do que fizemos. Um deles, um cara chamado Antoine Peebles, estava tentando se apoderar do território de um tal de Westbrook. Mace usou isso em nosso plano. Peebles ajudou a gente quando nós precisávamos. Depois, Mace matou Peebles.

O'Bannon ficou perplexo.

— Por quê?

— Porque eu quis. — Os olhos frios e impiedosos de Macy fixaram-se em O'Bannon. — Foi uma missão que determinei para mim mesmo. E nem o sucesso foi total.

Strait riu.

— Depois ele fez com que a ERR e a Sociedade Livre atirassem entre si. O homem é muito valioso. Mace, este é Ed O'Bannon, o amigo de quem lhe falei.

Ele entregou os documentos a O'Bannon. Deu um tapinha nas costas e apertou sua mão.

— Falei sério, doutor. Fez tudo perfeito para nós. Obrigado mais uma vez. Espero que seja um fugitivo da justiça que saiba se divertir.

Strait se virou e saiu. Ao fechar a porta, ouviu o primeiro tiro abafado, depois mais outro. Macy era mesmo eficiente. Ensinara ao garoto muito bem. Mas ele tinha alguns defeitos. O problema da competição de Macy com o FBI era às vezes inconveniente. Uma das concessões que ele fizera para manter o cara feliz fora bastante arriscada, mas em tudo e por tudo Strait não conseguiria realizar aquela operação sem Clyde Macy.

Ele nada tinha contra Ed O'Bannon, mas fios soltos eram fios soltos. Muito bem, um problema resolvido. Restavam mais dois: Kevin Westbrook e Claire Daniels. Haviam escapado uma vez, mas não teriam a chance de fazê-lo de novo. E, depois, era tempo de encerrar a carreira. As ilhas gregas pareciam uma perspectiva cada vez melhor. Nada mau para um menino que crescera na miséria e vivera graças à sua inteligência desde então. A América era de fato a terra da oportunidade.

Ao entrar na picape, Nemo Strait se perguntou se haveria haras na Grécia. Esperava que não.

Na casa de carruagens, Web abriu os olhos. Olhou ao redor. Não ouviu Romano se mexendo. Quando viu o relógio, compreendeu o motivo. Ainda não eram seis horas.

Ele se levantou, abriu a janela e aspirou a brisa da manhã. Tivera um sono excepcionalmente pesado. Muito em breve sairia dali. Parte dele sentia-se contente por isso, outra parte não.

O que mais o preocupava naquele momento, porém, era Claire. A experiência lhe dizia que havia pouca possibilidade de que a mulher ainda estivesse viva. E o pensamento de nunca mais tornar a vê-la era angustiante.

Enquanto olhava para fora, viu Gwen descer pela estrada, vindo da mansão, num jipe com a capota arriada. Ela parou no pátio de calçamento de pedras da casa de carruagens e saltou. Vestia-se para montar, de jeans, botas e suéter; os cabelos compridos emolduravam o rosto da maneira mais graciosa possível. Não usava chapéu. Quando se encaminhou para a porta, Web gritou: — O cheque do aluguel já foi enviado pelo correio. Pode suspender o despejo.

Gwen levantou os olhos, sorriu e acenou.

— Pensei que poderíamos fazer um último passeio a cavalo. Ela olhou para o céu clareando. — No momento em que partirmos nos cavalos, será a

melhor hora do dia para percorrer as trilhas. Não quer me acompanhar, Sr. London?

Montaram nos cavalos, Gwen em Baron e Web num ruão menor, chamado Comet. Gwen explicou que Boo estava com uma infecção na perna.

— Espero que o grandão fique logo bom.

— Não se preocupe. Os cavalos se recuperam depressa. Percorreram uma boa distância em uma hora e meia. Enquanto cavalgavam, Gwen pensava que nunca matara ninguém.

Blefara com Nemo Strait na noite anterior. Mas quando chegasse o momento decisivo, seria capaz de fazê-lo? Ela olhou para Web, cavalgando ao seu lado. Empenhou-se ao máximo em projetá-lo como seu pior inimigo, seu pesadelo mais assustador. Mas era difícil. Durante anos, sonhara em matar cada um e todos os membros daquele bando de agentes federais supostamente heroicos, que todos haviam lhe garantido ser o melhor que existia. Tirariam seu filho e todos os outros reféns vivos da escola; fora o que haviam lhe incutido, até que o medo de Gwen diminuíra, enquanto as expectativas aumentavam. Era como ser informada que tinha câncer, mas era absolutamente curável. Você acreditava até que fechavam seu caixão e o largavam sob sete palmos de terra. Quase haviam conseguido alcançar o objetivo de salvar todos os reféns, deixando apenas que seu filho morresse. E depois ela assistira, fervendo de raiva, enquanto o rosto de Web London aparecia nos jornais, revistas, programas de TV, seus feitos heroicos ressaltados em detalhes nauseantes. Ao final, ele até recebera uma medalha, entregue pessoalmente pelo presidente dos Estados Unidos. Gwen não podia pensar em seus horríveis ferimentos. Não sabia das provações terríveis que ele sofrerá em seu esforço para voltar à ERR. Não que isso pudesse fazer qualquer diferença para ela. Tudo o que podia pensar era que Web estava vivo e seu filho morto. Um herói e tanto...

A visão do filho morto estendido ao lado de Web London fizera estalar alguma coisa em seu cérebro. Podia ainda lembrar o estrondo que parecera se projetar por todos os nervos de seu corpo, como se um raio tivesse caído; nunca mais fora a mesma desde então. Não se passara um único dia em que não visse o corpo ensanguentado do filho estendido no chão. Também não podia esquecer a imagem dos homens prontos para o combate que entraram para resgatar seu filho. Haviam conseguido trazer todos vivos, menos David. Ela tornou a olhar para Web, que lentamente assumiu tonalidades

negras, como o mal encarnado. Ele era o último homem. E é claro que ela era capaz de matá-lo. Talvez assim seu pesadelo finalmente terminasse.

— Você e Romano vão embora hoje?

— Parece que sim.

Gwen sorriu e balançou os cabelos. Apertava as rédeas com toda a força, pois tinha medo de que a mão começasse a tremer.

— Sua boa ação foi cumprida?

— Mais ou menos isso. Como está Billy?

— Vai bem. Ele tem oscilações de ânimo, como todo mundo.

— Você não me parece do tipo depressivo. Dá a impressão de que absorve os golpes da adversidade e segue em frente.

— Se pensa assim, ficaria muitas vezes surpreso.

— Foi uma festa e tanto na noite passada.

— Billy sabe dar uma festa. Os irmãos Ransome não eram exatamente o que eu esperava.

— Não acredita que seja o verdadeiro nome deles, não é?

— Nem por um segundo.

— Quando fui apresentado, pensei que eram gays. Até que você entrou na sala, quando a orientação sexual deles se tornou evidente.

Gwen riu.

— Aceitarei isso como um elogio.

Eles passaram pela entrada da pequena clareira em que Gwen construíra sua capela.

— Não vai à capela hoje?

— Não, hoje não.

Gwen desviou os olhos da abertura entre as árvores. Hoje não era um dia para orações. Quando Web não estava olhando, no entanto, ela fez o sinal da cruz. Perdoe-me, Deus, pelo que estou prestes a fazer. Mesmo no momento em que formulava silenciosamente as palavras, ela não acreditava que pudesse ser atendida.

Alcançaram uma encosta íngreme com árvores no topo. Nunca levara Web por ali antes. Talvez, no fundo de sua mente, soubesse que este dia chegaria.

Gwen chicoteou Baron e subiu a encosta a galope. Web e Comet foram atrás, logo passando um pouco à frente. Pararam lá em cima e contemplaram os campos ao redor, enquanto os cavalos sugavam enormes quantidades de ar. Gwen olhou para Web verdadeiramente admirada.

— Estou impressionada.

— Tive uma grande mestra.

— A torre de vigia é ali. A vista de lá é ainda melhor.

Web não disse que já estivera lá em cima com Romano, quando haviam observado a propriedade dos Ransome.

— Parece uma boa ideia.

Foram para a torre. Amarraram os cavalos num poste de madeira e os deixaram pastando. Gwen levou Web para o alto da torre. Observaram o sol nascer e o bosque adquirindo vida lá embaixo.

— Acho que nada pode ser melhor do que isto — comentou Web.

— Você apenas pensa que não — murmurou Gwen.

Ele se encostou na mureta, da altura da barriga.

— Problemas entre você e Billy?

— É tão óbvio assim?

— Já vi casos piores.

— É mesmo? — Uma pausa e Gwen acrescentou, com uma raiva súbita: — E se eu lhe dissesse que não tem a menor ideia do que está falando?

O tom de Web permaneceu calmo.

— Seria compreensível, porque jamais conversamos de verdade. Ela evitou o olhar de Web.

— Conversei mais com você do que com a maioria das pessoas. E mal o conheço.

— Em termos de conversa irrelevante, é possível. E não sou tão difícil assim de conhecer.

— Ainda não me sinto totalmente à vontade com você, Web.

— Nosso tempo está se esgotando. Não creio que nossos mundos voltem a se encontrar. Mas acho que é até melhor assim.

— Também acho. Não tenho certeza se Billy e eu continuaremos em East Winds por muito mais tempo.

Web ficou surpreso.

— Pensei que gostavam do haras. Por que ir para outro lugar? Podem ter problemas, mas são felizes aqui, não é mesmo? E esta não é a vida que você queria?

Gwen falou devagar: — Há muitos fatores que entram na equação da felicidade. Alguns são mais evidentes do que outros.

— Acho que não posso ajudá-la nesse ponto, Gwen. Não sou

especialista em felicidade.

Ela lançou-lhe um olhar curioso.

— Eu também não.

Os dois se fitaram, contrafeitos, por um longo momento.

— Você merece ser feliz, Gwen.

— Por quê? Por algum motivo, ela queria de fato ouvir o raciocínio de Web.

— Porque sofreu demais. É mais do que justo... isto é, se alguma coisa neste mundo é justa.

— Você sofreu? Havia certa rispidez nas palavras, que ela se apressou em disfarçar com um sorriso de simpatia. Queria ouvir que ele sofrerá. Mas não podia chegar nem perto do que ela passara.

— Tive a minha quota de maus momentos. Minha infância não foi exatamente o sonho americano. E minha vida adulta não compensou o que não tive na infância.

— Sempre quis saber por que as pessoas fazem o que você faz. Assumir o papel de mocinho.

Gwen disse isso com uma expressão impassível.

— Faço as coisas que faço porque preciso fazer, e porque a maioria das pessoas não pode ou não quer fazê-las. Claro que eu gostaria que minha ocupação se tornasse obsoleta, mas não vejo qualquer possibilidade de que isso possa acontecer.

Web baixou os olhos.

— Nunca tive a oportunidade de lhe falar sobre isto, Gwen, e é provável que não tenha outra. — Ele respirou fundo. — O que aconteceu em Richmond... Era praticamente a minha primeira missão como atacante, os caras que entram no local e salvam os reféns.

Web fez uma pausa.

— Depois de Waco, o FBI se apavorou e passou a ser ultraconservador nessas situações. Não estou dizendo que era certo ou errado, apenas que era diferente. Esperamos pelos negociadores, ouvindo todas as mentiras pelo telefone. Parecia que sempre era preciso que alguém morresse antes de nos deixarem fazer o que fazemos. A essa altura, sempre tínhamos de recuperar o tempo perdido. Mas essas eram as novas regras e tínhamos de agir de acordo.

Ele balançou a cabeça.

— Eu sabia que alguma coisa estava para acontecer quando os Frees

romperam as negociações. Pude sentir. Era um franco-atirador há muitos anos. De tanto observar as coisas acontecendo, você desenvolve um sexto sentido para o que está por vir. É inevitável.

— Ele fitou Gwen.

— Jamais lhe contei isso antes. Quer ouvir?

— Quero.

Gwen falou tão depressa que nem teve tempo de pensar a respeito.

— Billy sabe de uma parte. Contei quando ele foi me visitar no hospital.

— Lamento nunca ter podido ir.

— Nunca esperei que você me visitasse. E, para ser franco, fiquei espantado quando Billy apareceu.

Web demorou alguns momentos para organizar seus pensamentos. Enquanto o fazia, Gwen olhou para os contrafortes da Blue Ridge, a distância. Agora que pensava a respeito, não queria mais ouvir a história, mas também não podia dizer não.

— Chegamos à entrada do ginásio sem qualquer dificuldade. Olhei pela janela. Seu filho me viu. Fizemos um contato visual.

A informação surpreendeu Gwen.

— Eu não sabia disso.

— Não contei a ninguém, nem mesmo a Billy. O momento certo nunca ocorria.

— Como ele estava? A pulsação ressoava nos ouvidos de Gwen enquanto esperava pela resposta.

— Assustado, Gwen. Mas também parecia determinado, desafiador. Não é uma coisa fácil quando se tem dez anos e se enfrenta um bando de psicóticos armados. Acho que agora vejo de onde David tirou a força.

— Continue — murmurou ela num fio de voz.

— Gesticulei para ele se acalmar. Fiz o sinal de polegar levantado, porque queria que ele mantivesse o controle. Se ficasse assustado e reagisse, eles poderiam matá-lo no mesmo instante.

— E ele manteve o controle?

Web confirmou com um aceno de cabeça.

— Era um menino inteligente. Sabia o que eu estava tentando fazer. E esperou por mim, Gwen. com tudo o que estava acontecendo, ele foi tão corajoso quanto qualquer um poderia ser.

Gwen viu lágrimas nos olhos de Web. Tentou dizer alguma coisa, mas descobriu que não era capaz de falar. Os anos terríveis de sua vida

começavam a parecer apagados pelas palavras de Web.

— Estávamos prestes a entrar. Sem fazer barulho, sem explosivos. Víramos pela janela onde se encontrava cada um dos Frees, íamos acertar todos ao mesmo tempo. Iniciamos a contagem regressiva. E foi então que aconteceu.

— O que aconteceu?

— Um som lá dentro. Como um grito de pássaro, um apito, um alarme ou qualquer outra coisa parecida. Era alto, estridente, e não poderia ter ocorrido num momento pior. Os Frees entraram em alerta no mesmo instante e abriram fogo quando passamos pela porta. Não sei por que atiraram em David, mas ele foi o primeiro a cair.

Gwen não olhava para Web agora. Seu olhar parecia fixado nas colinas distantes. Um apito?

— Vi quando o tiro o atingiu. — A voz de Web era trêmula agora. — Vi seu rosto. Seus olhos. Web fechou os olhos. As lágrimas escorreram de baixo das pálpebras. — Ainda estava olhando para mim.

Os olhos de Gwen também estavam cheios de lágrimas agora, mas ainda assim ela não olhava para Web.

— Como ele parecia naquele momento?

Web se virou para fitá-la.

— Parecia traído. — Web tocou no rosto avariado. — Meu rosto e os dois buracos de bala que tenho no corpo... nada me doeu mais do que a expressão no rosto de seu filho.

Uma pausa e ele repetiu: — Traído.

Gwen tremia tanto agora que teve de se apoiar na grade, enquanto as lágrimas escorriam. Ainda assim, não foi capaz de olhar para Web. Um apito?

— Talvez tenha sido por isso que participei agora do ataque aos Frees. Custou minha carreira, Gwen. Estou sendo expulso do Birô por isso. Mas faria de novo. Talvez tenha sido a maneira de expiar o que aconteceu. Seu filho merecia mais do que eu podia lhe dar. Vivo com isso todos os dias. E lamento muito ter falhado com David e você. Não espero perdão, mas queria que você soubesse.

Gwen murmurou: — É melhor voltarmos.

Ela desceu na frente e se encaminhou para Comet, em vez de Baron. Levantou a perna dianteira do animal. Todos os nervos no corpo de Gwen pareciam estar pegando fogo. A pulsação ainda ressoava em seus ouvidos.

Mal conseguia ficar de pé, mas tinha de fazer aquilo. Apesar de tudo o que fora revelado, tinha de fazer aquilo. Esperara por tempo demais. Fechou os olhos por um instante, mas logo tornou a abri-los.

— Algum problema? — perguntou Web.

Ela não conseguiu fitá-lo.

— Tive a impressão de que ele estava com um problema na perna dianteira. Não vi nada. Mas terei de ficar de olho.

Gwen estendeu a mão para afagar o pescoço de Comet. No momento em que Web não estava olhando, enfiou o objeto que tinha na mão por baixo da sela.

— Este será o seu maior teste, Web. Vamos descer galopando pela encosta, na direção das árvores. No final, terá de puxar as rédeas no último momento, porque o caminho entre as árvores é muito estreito e só dá para ir a passo. Entendido?

— Estou no jogo.

Web também afagou o pescoço de Comet.

— Eu não imaginava que você pudesse responder de outra forma. Vamos embora.

Os dois montaram e se encaminharam para as árvores.

— Quer ir na frente? — perguntou Web.

— Vá você. Quero observar a perna de Comet...

O cavalo disparou de repente, quando Web ainda não estava preparado. Desceu a encosta a galope, a caminho das árvores.

— Web!

Gwen foi atrás, mas sutilmente contendo Baron. A distância foi aumentando. Enquanto ela observava, Web perdeu um estribo e quase caiu. As rédeas escapuliram de suas mãos, e ele segurou a maçaneta da sela, em desespero, enquanto diminuía cada vez mais o espaço que o separava das árvores. Ele não sabia, mas cada salto na sela cravava ainda mais no corpo do cavalo a pequena tacha que Gwen enfiara por baixo.

Web nunca olhou para trás. Se o tivesse feito, veria uma mulher num terrível conflito. Gwen Canfield queria desesperadamente ver cavalo e cavaleiro se chocarem contra as árvores. Queria ver Web London morrer diante de seus olhos, ser derrotado para sempre. Queria ser liberada da dor que a atormentara por tanto tempo. Não podia mais suportar. Estava além de seu limite. Alguma coisa tinha de ceder. E ela só precisava se manter bem atrás. Em vez disso, porém, chicoteou Baron e partiu atrás de Web. Quinze

metros separavam Web das árvores e Comet fazia jus ao seu nome. A doze metros, Gwen ficou um pouco de lado em seu cavalo. A dez metros, começou a se inclinar, a mão estendida no ângulo certo. Estavam a sete metros das árvores, e agora Gwen ligara seu destino ao de Web. Se não conseguisse parar Comet, ela e Baron também bateriam naquelas árvores.

A três metros, ela conseguiu se inclinar o bastante para segurar as rédeas. E puxou com uma força que vinha da agonia reprimida dentro dela durante todos aqueles anos. Quase sozinha, conseguiu conter um cavalo de meia tonelada, numa velocidade vertiginosa, a menos de dois metros da linha das árvores.

Ofegante, ela olhou para Web, arriado na sela. Ele finalmente fitou-a, mas não disse nada. No entanto, Gwen experimentava a sensação de que a carga de sofrimento coletivo do mundo fora removida de seus ombros. Há muito a imaginara como cracas grudadas em sua alma, impossíveis de remover; agora, porém, havia desaparecido, como areia soprada pela brisa. E ela se espantou ao descobrir que renunciar ao ódio podia ser maravilhoso. Contudo, a crueldade da vida não deixara de atormentá-la, porque agora o ódio de Gwen fora substituído por algo ainda mais corrosivo: o sentimento de culpa.

52

GWEN SE MANTINHA ESTRANHAMENTE SILENCIOSA QUANDO deixou Web na casa de carruagens. Ele tentou lhe agradecer por salvar sua vida, mas a mulher interrompeu-o e se afastou. Gwen Canfield era mesmo uma criatura muito curiosa. Talvez se culpasse, por alguma razão, pelo que acontecera com Comet.

Mas pelo menos Web realizara seu objetivo de finalmente contar o que guardara durante todos aqueles anos. Pensou em subir até a mansão e contar a Billy também, mas talvez fosse melhor se ele ouvisse de Gwen... isto é, se ela se desse o trabalho de contar ao marido.

Ele entrou e encontrou Romano absorvido no café da manhã.

— Você parece um pouco atordoado — comentou Romano.

— Fiz um passeio difícil.

— Quer dizer que vamos encerrar oficialmente a missão aqui, não é? Angie deve estar muito braba. Terei de voltar para casa em algum momento e ouvir a ladainha.

— É verdade, não temos mais nada para fazer aqui.

— Ei, Web, eu o levarei até Quantico. Vamos descobrir do que o seu Mach é capaz.

— Escute, Paulie, a última coisa de que preciso neste momento é de um pega entre nossos carros...

Ele parou de falar de repente e ficou imóvel. Romano o fitou com uma curiosidade evidente.

— Qual é o problema? Não é o fim do mundo ser detido por excesso de velocidade. Basta mostrar sua insígnia e os guardas deixam você ir embora. Cortesia profissional.

Web tirou o celular do bolso e teclou os números. Pediu para falar com Percy Bates, que não estava.

— Onde posso encontrá-lo? Aqui é Web London.

Web conhecia a secretária de Bates, June, que reconheceu sua voz.

— Sei que é você, Web. Lamento muito o que aconteceu.

— Perce não está?

— Se quer saber a verdade, ele resolveu tirar dois dias de folga. O pessoal de relações com a mídia enlouqueceu. Queriam chamar você para entrevistas, mas Perce não deixou. Tem visto a TV ou lido os jornais?

— Não.

— Alguém pode pensar que matamos o papa por engano pelo clamor da imprensa sobre o que aconteceu.

— Muitas pessoas morreram, June.

— Pessoas com armas atirando em outras pessoas correm esse risco, Web. — Ela falou com firmeza, reiterando a linha oficial do Birô. — Seja como for, Perce disse que precisava escapar por dois dias. Sei que ele sentia-se horrível pelo que houve com você.

— Sei disso, June, mas talvez haja um raio de esperança para mim.

— Espero que sim, com toda a sinceridade. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

— Clyde Macy trabalhou para uma das quadrilhas de traficantes locais. Vi algumas multas por excesso de velocidade em sua ficha. Preciso descobrir onde exatamente e quando ele recebeu essas multas.

— Tenho de ligar para alguém e pedir a informação, mas não deve demorar mais que uns minutos.

Web deu seu número para a ligação de retorno. Como prometera, June ligou logo depois. Deu a informação. Web agradeceu e desligou. Olhou para Romano com expressão aturdida.

— O que foi? — perguntou Romano, enquanto engolia o último pedaço do sanduíche de pastrami em pão de centeio.

— Clyde Macy recebeu três multas por excesso de velocidade durante um período de seis meses. Quase perdeu a licença.

— Não tem nada demais. Ele apenas gosta de andar depressa.

— Adivinha onde ele foi multado.

— Onde?

— Todas num raio de um quilômetro e meio da Fazenda Southern Belle, uma delas a menos de cem metros da entrada. Diga-se de passagem, a entrada foi o ponto de referência do policial do condado de Fauquier que aplicou a multa. Foi por isso que me lembrei.

— E por isso não voltarei para Angie hoje?

— Claro que voltará. Mas esta noite vamos dar uma batida na Southern Belle.

Eles levaram seus equipamentos para os carros.

— Vai avisar que estamos partindo? Romano gesticulou na direção da mansão.

— Eles já sabem. — Web olhou para a casa de pedra e murmurou: —

Boa sorte, Gwen.

Foi nesse instante que Nemo se aproximou em sua picape. Diminuiu a velocidade e parou. Web notou que Nemo pareceu surpreso em vê-lo.

— Não querem tomar uma cerveja? — perguntou ele.

A capota do Corvette estava arriada, e Romano sentava no encosto.

— Vou cobrar o convite em outra oportunidade.

Strait sorriu para ele.

— Quando quiser, Delta.

— Obrigado por sua ajuda, Nemo — disse Web.

— Acho que estão levantando acampamento.

— É verdade. Mas fique de olho nos Canfield. O velho Ernie ainda está à solta.

— Pode deixar.

Enquanto Web e Romano se afastavam, Nemo observou-os, pensativo. Depois olhou para a mansão. Ao que parecia, a gata selvagem perdera a coragem.

Angie Romano não estava de bom humor. Cuidara sozinha dos filhos durante todo aquele tempo, e a viagem ao Bavou Country não devia ter sido muito agradável. Web tentou lhe dar um abraço amigável quando foi buscar Romano, mas parou ao olhar furioso de Angie, que dava a impressão de que poderia quebrar seus braços se tentasse.

E, assim, o mais duro integrante da Equipe Hotel e o único sobrevivente da Equipe Charlie fugiram da casa dos Romano tarde da noite, embarcando no Mach para o que poderia muito bem ser a última missão que fariam juntos. Web não falara a Romano sobre o pedido de demissão, mas a notícia se espalhara. Romano descobrira ao voltar para casa. Ficara irritado com Web por não lhe ter contado, mas agora estava ainda mais furioso com o Birô.

— Você dá tudo o que tem e isso... e é assim que eles agradecem. Quase me dá vontade de ir trabalhar para um cartel na Colômbia. Pelo menos você sabe qual é sua posição com os caras.

— Esqueça, Paulie. Se tudo correr bem, abrirei uma empresa de segurança, e você poderá trabalhar comigo.

— E usarei um sutiã por baixo do Kevlar.

Os dois estavam preparados para a guerra, com suas .45, MP-5s, blindagem do corpo e até mesmo os rifles de tocaia 308, porque não sabiam

o que encontrariam na Southern Belle. Não podiam chamar o Birô, porque nada tinham para dizer, exceto algumas multas por excesso de velocidade e umas poucas teorias de conspiração. Mas o lado favorável era o fato de Web não estar mais oficialmente no Bureau. Um cidadão honesto podia às vezes entrar em lugares e fazer coisas que um policial não podia. Web tivera restrições sobre a ida de Romano. Mas quando manifestara suas preocupações, Romano respondera que se ele não fosse, Web também não iria... porque Romano acertaria um tiro em Web num lugar em que nenhum homem queria ser alvejado. E Web decidiu que era melhor não testar a determinação de Romano.

Web estacionou o Mach numa estrada de terra ao longo da linha divisória entre East Winds e Southern Belle. Ao atravessarem a densa floresta, Romano começou a se queixar: — Estes óculos de visão noturna estão me deixando com dor de cabeça. Odeio os filhos-da-puta. Pesam uma tonelada, E não, se pode atirar quando se está usando essas merdas. De que adianta então?

— Tire os óculos, Paulie, ou pare de se queixar, antes que eu fique com dor de cabeça.

Mas Web também tirou os óculos e massageou o pescoço. Enquanto os sons da floresta os cercavam por todos os lados, Romano comentou: — Não há atiradores de tocaia para cobrir nossa retaguarda. Estou me sentindo um pouco nervoso e solitário, Web.

O homem estava apenas brincando, Web sabia. Não havia nada no mundo que assustasse Paul Romano, pelo menos ao que Web soubesse. Isto é, com exceção de Angie.

— Vai superar.

— Ainda não me disse o que espera encontrar esta noite, Web.

— O que quer que seja, será mais do que sabemos neste momento.

Sem os recursos do Birô, Web não fora capaz de acionar o sistema de verificação do FBI para descobrir o que fosse possível sobre Harvey e Giles Ransome. Poderia ter ligado para Ann Lyle, mas não queria falar com ela agora. com ele fora da ERR, seria muito difícil, porque Ann com certeza ficaria emocionada e perderia o controle, o que também aconteceria com Web.

Os dois avançaram entre as árvores até que conseguiram divisar os prédios observados da torre de vigia. Web sinalizou para Romano esperar, enquanto ele se adiantava.

Sorriu quando alcançou a beira das árvores. Havia muita atividade na Southern Belle naquela noite. Um enorme caminhão estava estacionando junto de um dos prédios que pareciam armazéns, a rampa abaixada. Homens tiravam equipamentos do caminhão. Web observou cada um atentamente, à procura de armas, mas não avistou nenhuma. Um caixote grande foi levado numa empilhadeira para o armazém. Quando a porta abriu, Web tentou divisar o que acontecia lá dentro. Não conseguiu. Só pôde ver as luzes ofuscantes, antes da porta ser fechada. A um lado, havia um trailer de cavalos, com um homem fazendo alguma coisa. Pelo ângulo em que se encontrava, no entanto, Web não podia conferir se havia ou não um cavalo.

Ele falou pelo walkie-talkie e chamou Romano para sua posição. Romano veio se agachar ao seu lado um minuto depois. Examinou o que Web vinha observando e sussurrou: — Qual é seu palpite?

— Pode ser qualquer coisa, de drogas a um desmonte de carros. Não sei.

Nesse momento, a porta do prédio foi aberta e a empilhadeira tornou a sair. Foi quando eles ouviram o grito da mulher. Cada vez mais alto. Web e Romano trocaram um olhar.

— Ou um leilão de escravas — sussurrou Romano.

Eles puseram as MP-5 em fogo automático e saíram do bosque. Cada um segurava a coronha da arma contra o lado direito do peito, o cano firmado pelo indicador.

Conseguiram chegar ao lado do armazém sem serem vistos. Web avistou uma porta lateral e apontou-a para Romano, que acenou com a cabeça. Web fez mais sinais, dizendo a Romano com os dedos, na linguagem especial do atacante, o que planejava. De certa forma, era como a comunicação entre o lançador e o agarrador no beisebol. A grande diferença, no entanto, era a de que enfrentariam algo muito mais perigoso e sinistro do que um batedor com um Louisville Slugger, o melhor taco do beisebol.

Web virou a maçaneta. Surpreendentemente, a porta estava destrancada. Ele a abriu um pouco. Ouviram a mulher gritar de novo, a voz meio trancada, como alguém que tivesse alguma coisa enfiada pela garganta.

Web e Romano entraram, as armas em prontidão para atirar. Avaliaram a cena em segundos. Pelo canto dos olhos, Web pôde ver Giles Ransome sentado numa cadeira. Web berrou: — FBI! Todos no chão, os dedos entrelaçados atrás da cabeça! Obedeçam logo ou vão se foder! Romano

ficaria orgulhoso, pensou Web. Soaram mais gritos, em todos os cantos, enquanto as pessoas se jogavam no chão. Web teve o vislumbre de alguém correndo à sua esquerda e apontou a arma nessa direção. Romano atacava em linha reta. Parou de repente.

Harvey Ransome estava de pé no meio do que parecia ser um quarto, com um maço de papéis na mão. Na cama, havia três lindas mulheres, realçadas pela cirurgia plástica, totalmente nuas, e um jovem em excitação evidente.

— Mas que merda está acontecendo aqui? — berrou Harvey.

Quando viu que era Web, ele empalideceu.

Web e Romano olharam ao redor. Notaram as câmeras, refletores, geradores, técnicos, o falso quarto de suíte, que era um de quatro cenários. Os outros eram um escritório, o interior de uma limusine e até mesmo, para surpresa de Web, uma igreja. Então era isso? Southern Belle era a cobertura para um estúdio de filmes pornográficos? Os gritos ouvidos eram de simulação de orgasmo? Web baixou a arma, enquanto Harvey avançava em sua direção, com o roteiro na mão.

— O que está acontecendo, Web?

Web sacudiu a cabeça para desanuviá-la. Olhou furioso para o homem.

— Você é que vai me dizer.

— É um empreendimento absolutamente legalizado. Pode verificar. Temos todas as autorizações e licenças. — Ele gesticulou para as pessoas nuas na cama enorme. — E todos aqui são atores profissionais, maiores de idade. Pode verificar.

Romano se aproximou da cama e Web também foi até lá.

As mulheres olharam para os dois com expressão de desafio, enquanto o homem tentava se esconder por baixo dos lençóis, sua característica profissional mais proeminente agora completamente murcha.

As mulheres não fizeram qualquer menção de se cobrir na presença de estranhos armados.

— Todos estão aqui voluntariamente? — perguntou Romano.

— Pode apostar que sim, benzinho — respondeu uma mulher de seios tão grandes que quase cobriam a barriga. — Não quer participar do filme? Eu gostaria de lhe mostrar o que posso fazer voluntariamente.

— Tem outra arma tão grande por trás da calça? — perguntou outra mulher.

— O que você quer fazer agora, Web? — perguntou Romano,

desamparado.

Giles se juntou ao irmão.

— Este é o território da Primeira Emenda, Web. Não vai querer entrar nessa. Levaremos você e o Birô aos tribunais durante anos e no final ganharemos.

— Se o negócio é legalizado, por que a cobertura da fazenda?

— Temos de pensar nos vizinhos. Se soubessem o que fazemos aqui, poderiam nos criar problemas. São ricos e conhecem pessoas poderosas em cargos públicos que poderiam nos prejudicar.

— Tudo o que queremos é que nos deixem em paz para criarmos nossa arte — acrescentou Harvey.

— Arte? — Web acenou com a mão para os corpos nus. — É isso o que você chama trepar num cenário ordinário com Barbies siliconadas? Arte? Uma das mulheres empertigou-se, em toda a sua nudez e glória siliconada. Parecia mal ter completado vinte anos.

— Quem você pensa que é?

— Sem ofensa. Estou apenas dizendo o que penso.

— Você não sabe do que está falando!

— Tem toda a razão, mas posso apostar que sua mãe ficaria muito orgulhosa de você.

Harvey pôs a mão no ombro de Web.

— Todo o nosso trabalho é legalizado, Web. Pagamos os impostos e fazemos tudo dentro da lei. Pode verificar; não fazemos nada por fora. Meu irmão e eu passamos trinta anos fazendo isso na Califórnia.

— E por que se mudaram para cá?

— Cansamos de Los Angeles — respondeu Giles. — E este lugar é muito bonito.

Romano olhou para o ator e as atrizes nus.

— Duvido que eles tenham admirado a paisagem.

— Não queremos problemas, Web — disse Harvey. — Como eu disse, ganharíamos nos tribunais. Mas não queremos entrar nessa. Não estamos prejudicando ninguém aqui. E muitas pessoas, quer admitam ou não, consomem nossos produtos. E não são apenas malucos e tarados, mas também papais e mamães da melhor sociedade americana. Sabe o que eles dizem: que o sexo é bom para a alma e que assistir ao sexo de profissionais pode ser ainda melhor.

— É fantasia, cara, tudo fantasia — acrescentou Giles. — Apenas

damos às pessoas o que elas querem.

— Está bem, está bem, já entendi.

Não era de admirar que os dois irmãos tivessem se mostrado maravilhados com Gwen Canfield. Provavelmente queriam contratá-la para sua próxima produção.

— Há alguma coisa que possamos fazer por vocês? — indagou Harvey, ansioso. — Como agradecimento por manter nossa atividade aqui em segredo?

— Cartas na mesa, Harv: vou mesmo verificar tudo. E se mentiu para mim, ou qualquer desses "artistas" for menor de idade, eu voltarei. E se está pensando em fugir enquanto isso, nem tente, porque vocês serão vigiados.

— Acho que é justo.

— E há uma coisa que você pode fazer por mim.

— Basta dizer.

— Pare de passar com seus aviões e helicópteros por cima de East Winds. Está incomodando alguns amigos meus.

Harvey estendeu a mão.

— Tem a minha palavra.

Web não apertou a mão estendida. Em vez disso, olhou para as mulheres.

— E para vocês, toda a minha solidariedade...

Romano e Web encaminharam-se para a saída, acompanhados por risadas estrondosas.

— Eu diria que a missão foi um sucesso espetacular — comentou Romano.

— Cale a boca, Paulie.

Ao se encaminharem para o bosque, Web viu o mesmo homem parado ao lado do trailer de cavalos que observara antes. Web se aproximou. O homem se vestia como um vaqueiro. Mostrou-se alarmado quando viu as armas. Web mostrou sua insígnia.

— Não quero problemas — disse o homem, que parecia ter em torno de cinquenta anos. — Mas bem que mereço por aceitar esse trabalho.

— Imagino que você proporciona a cobertura legal.

O homem olhou para o armazém... ou estúdio, como Web sabia agora.

— Muitas coisas precisam de cobertura por aqui. Se minha pobre esposa ainda estivesse conosco, ela me esfolaria vivo. Mas acontece que eles pagam o dobro do que se costuma ganhar para fazer esse tipo de coisa.

— Deveria ter pensado duas vezes — disse Web.

— Tem toda a razão, mas um homem se torna ganancioso. E trabalho como vaqueiro faz muito tempo... talvez até tempo demais.

Web olhou para o trailer. Havia um cavalo lá dentro. Web podia ver sua cabeça.

— Vai levá-lo para algum lugar?

— vou sim. Uma longa viagem. Para um leilão de potros. Temos de encenar a farsa de que sabemos o que fazemos por aqui, e por isso eu trouxe o animal. Mas é um bom potro de um ano.

Web se aproximou do trailer.

— É mesmo? Ele me parece pequeno.

O homem olhou como se Web fosse louco.

— Pequeno? Ele tem mais de um metro e meio de altura. Não é nada pequeno para um potro de um ano.

Web deu uma espiada no interior do trailer. O teto ficava quase meio metro acima da cabeça do cavalo. Ele olhou para o homem.

— Este é um trailer especial?

— Especial... como assim?

— Pelo tamanho. Não é muito grande?

— Não. É um Townsmand normal de dois metros.

— Um Townsmand normal? E esse potro tem um meio e meio de altura? Tem certeza?

— Tanta certeza quanto a de que estou parado aqui.

Web apontou a lanterna acesa para o interior.

— Se este é um trailer normal, onde estão as caixas com arreios e equipamentos?

Ele olhou para o homem, desconfiado, enquanto iluminava os lados do interior do trailer. O homem acompanhou a direção da lanterna.

— Em primeiro lugar, filho, nunca se põe aí nada que possa ferir a perna de um cavalo. Afinal, uma perna machucada liquida qualquer possibilidade de venda.

— Pode acolchoar as caixas — murmurou Web.

— Em segundo lugar...

O homem apontou para a frente do trailer. Web avistou um compartimento grande com arreios, vidros de remédios, cordas, mantas e várias outras coisas.

— E em segundo lugar é que levo tudo ali — acrescentou o homem. —

Então por que instalar alguma coisa especial que pode acarretar o risco de machucar o cavalo?

O homem fitou Web como se o considerasse um caso perdido de insanidade. Mas Web não estava mais prestando atenção, porque uma coisa começava a aflorar em seu cérebro. Se fosse verdade, acrescentaria um novo aspecto a tudo o que havia acontecido. Ele tirou do bolso algumas fotos, guardadas num envelope. Eram as fotos que Bates lhe dera. Web pegou uma e estendeu para Romano, iluminando-a com a lanterna.

— Este é o cara a quem você entregou o garoto naquela noite? Pense nele como um louro de cabelos curtos, não um careca. Sei que é difícil, porque ele usava óculos escuros. Mas tente lembrar.

Romano examinou a foto por um longo momento.

— Acho que é ele.

No mesmo instante, Web saiu correndo para a linha das árvores, com Romano em seu encalço.

— O que deu em você, Web?

Web não respondeu. Apenas continuou a correr.

53

A PORTA PARA A SALA SUBTERRÂNEA FOI ABERTA. NEMO STRAIT entrou. Claire e Kevin estavam algemados a uma enorme argola de ferro na parede, braços e pernas amarrados com uma corda grossa. Strait amordaçara os dois, mas não os vendara.

— Já viu demais, doutora — explicara ele a Claire. — Não vai fazer mais qualquer diferença.

O significado assustador fora absolutamente claro. Agora seus homens entraram por trás e se aproximaram de Claire e Kevin com cobertores e mais cordas.

— Socorro! Socorro!

Os apelos de Claire saíram incompreensíveis, quase inaudíveis, por causa da mordaça. Ela se debateu em vão contra os homens. Kevin apenas olhava para seus captores, em silêncio, como se a expectativa da morte finalmente se consumasse.

— Vamos logo — disse Nemo Strait. — Não temos a noite inteira e há muita coisa para fazer.

Quando saíram com Kevin, Strait afagou afetuosamente a cabeça do menino.

Web olhou em cada uma das janelas nos fundos da casa de Nemo Strait. A picape não estava estacionada na frente, mas Web não queria correr qualquer risco. Romano verificou os lados e a frente. Ao se encontrarem, Romano balançou a cabeça.

— Nada. A casa está vazia.

— Não por muito tempo — murmurou Web.

Ele precisou de vinte segundos para abrir a porta dos fundos. Entraram. Revistaram a casa, metodicamente, até chegarem ao quarto de Strait.

— O que exatamente está procurando, Web?

Web estava no closet e não respondeu de imediato. Saiu com uma caixa de sapatos.

— Isto pode ser o começo.

Ele sentou numa cadeira ao lado da cama e começou a examinar as fotos antigas. Suspendeu uma.

— Lá vamos nós. Lembra que Strait disse que foi guarda num centro de recuperação de delinquentes juvenis quando voltou do Vietnã?

— E daí?

— Adivinhe quem estava detido ali por ter metido um cutelo de açougueiro na cabeça da avó? Vi a ficha quando me encontrei com Bates no escritório regional de Washington.

— De quem está falando?

— Clyde Macy. É o cara na outra foto que lhe mostrei, o que fingiu ser agente do FBI. Gostaria de ter lhe mostrado a foto antes. Posso apostar que vamos descobrir, se verificarmos as datas, que Macy e Strait estiveram no tal de centro de recuperação na mesma ocasião.

— Mas Macy esteve com os Frees depois disso.

— E talvez Strait o descobrisse ali, persuadindo-o a trabalhar para ele.

— Mas você disse que Macy era segurança de Westbrook.

— No fundo, Macy é um policial em potencial. Acho que trabalhava na organização de Westbrook como parte da rede de tráfico de drogas de Strait.

— Rede de tráfico de drogas de Strait?

— Oxycontin. Trailers de cavalos, a maneira perfeita de transportar a mercadoria. O trailer que encontramos na Southern Belle é um Townsmand normal. Strait tinha um em East Winds, mas com um fundo falso, de tal forma que a cabeça do potro de um metro e meio de altura quase batia no teto. E tinha caixas de equipamentos para levar ainda mais drogas. As multas por excesso de velocidade? Não era para Southern Belle que Macy vinha, mas para cá. E aposto que foi ele quem descobriu que Toona estava dando informações para Cove. Preparou uma armadilha para Cove e depois contou a Westbrook, que eliminou Toona.

— Acha que foi Macy quem disparou os tiros de fora e desencadeou com isso o massacre dos Frees?

— Também plantou as drogas ali e todas as outras provas, para que nós achássemos, de maneira tão conveniente. É bem provável que tenha sido ele quem roubou o caminhão de Silas. E aposto que foi ele quem atirou em Chris Miller, na frente da casa de Cove. Strait foi do exército e talvez tenha sido assim que conseguiu aquelas metralhadoras. E deve saber alguma coisa sobre a fabricação de bombas.

— Mas isso significa que os dois estavam ligados de alguma forma para atingir a ERR. Por quê?

Durante todo esse tempo, Web continuara a examinar as fotos. Parou de repente e separou outra do bolo.

— Filho-da-puta!

— O que foi?

Web mostrou a foto de Strait de uniforme, no Vietnã. Ao seu lado estava um homem que Romano não reconheceu, mas Web sabia quem era. Embora fosse muito mais jovem na foto, o cara não mudara tanto assim.

— Ed O'Bannon. Foi o psiquiatra do exército que tratou de Strait depois que ele fugiu dos vietcongues.

— Porra!

— E isso significa que eles podem estar com Claire, até mesmo com Kevin, em algum lugar por aqui. A fazenda seria um lugar perfeito para escondê-los.

— Mas ainda não consigo entender, Web. Por que Strait, O'Bannon e Macy iam querer exterminar a Equipe Charlie? Não faz sentido.

Web pensou a respeito, mas a resposta não lhe ocorreu. Pelo menos até que baixou os olhos e viu. Largou a caixa de sapatos, abaixou-se lentamente e pegou o objeto no lugar em que caíra, debaixo da cama.

Ergueu a corrente de ouro para usar no tornozelo e iluminou-a com a lanterna. Mas ele já sabia a quem pertencia. Arrancou a colcha e examinou os travesseiros à luz da lanterna. Levou apenas alguns momentos para encontrar fios de cabelos louros compridos.

Olhou para Romano, com total incredulidade.

— Gwen…

O trailer foi levado de ré para a sala de equipamentos da piscina. A rampa foi baixada. Um dos homens de Strait levantou a peça de metal comprido, revelando o espaço do fundo falso, que era bastante amplo para um carregamento de muitas pílulas... ou para ocultar os corpos de uma mulher e um menino.

Strait supervisionava a transferência de Claire e Kevin para esse compartimento. Os dois se debatiam vigorosamente, além de fazerem muito barulho... barulho demais.

— Abram a piscina — ordenou ele. — Será mais fácil se afogarmos eles primeiro. E um trabalho mais limpo do que atirar nos dois aqui.

A cobertura da piscina foi removida. Os homens tiraram parcialmente os cobertores e cordas de Claire e Kevin. Começaram a arrastá-los para a água.

Foi quando ouviram uma voz gritar: — O que pensam que estão fazendo?

Strait e seus homens viraram-se no mesmo instante. Gwen estava parada ali, empunhando uma pistola.

— O que está fazendo aqui, Gwen? — perguntou Strait, com ar inocente.

Ela olhou para Claire e Kevin.

— Quem são eles, Nemo?

— Apenas dois problemas que preciso resolver, e depois todos partiremos a cavalo no pôr-do-sol.

— Vai matá-los?

— Não. vou deixar que testemunhem contra mim e me mandem para o corredor da morte.

Vários homens de Strait riram. Ele chegou mais perto de Gwen, sem desviar os olhos da arma.

— Deixe-me fazer uma pergunta, Gwen. Você disse que cuidaria de London. Mas vi quando ele partiu hoje, respirando normalmente.

— Mudei de ideia.

— Ah, isso é ótimo, você mudou de ideia. Imagino que perdeu a coragem. Quando chega o momento decisivo, Gwen, você não tem disposição para ir até o ato final. Matar alguém. É por isso que precisa de homens como eu, para matar por você.

— Quero que se retire agora. Você e todos os seus homens.

— É o que estou planejando fazer.

— Mas sem os seus problemas.

Strait sorriu e chegou ainda mais perto da mulher.

— Ora, querida, sabe que não posso fazer isso.

— Deixarei que você tenha uma dianteira de 12 horas antes de soltá-los.

— E depois? Terá muitas explicações a dar. E eu arcarei com toda a culpa?

— Não permitirei que você os mate, Nemo. Já houve mortes demais. E a culpa é minha. Você tinha razão. Eu deveria ter me livrado do ódio há muito tempo. Mas sempre que eu tentava, só conseguia ver meu filho morto.

— O problema é que, se eu os deixar vivos, eles vão falar e a polícia nunca deixará de me procurar. Mas se eu os matar, ninguém se importará com minha ausência. E essa diferença é enorme, porque depois que assento num lugar, gosto de continuar lá. Não pretendo passar minha aposentadoria fugindo do FBI.

Ele olhou para um de seus homens, que estava rodeando Gwen por trás. Ela apontou a pistola para a cabeça de Strait.

— Estou lhe dizendo pela última vez: saia daqui!

— E a sua parte no dinheiro das drogas?

— Foi você que ganhou esse dinheiro. Não quero mais nada. E arcarei com as consequências por tudo. Agora saia daqui!

— O que deu em você, mulher? Viu Deus ou qualquer coisa parecida?

— Saia da minha propriedade, Strait! Agora!

— Cuidado, Gwen! — gritou Web.

A voz surpreendeu todo mundo, mas ainda assim o homem por trás de Gwen atirou. Errou o alvo, porque ela se abaixara ao aviso de Web.

O rifle de tocaia de Web entrou em ação. O homem caiu morto na piscina; a água cheia de cloro ficou vermelha no mesmo instante.

Nemo e seus homens foram se abrigar por trás do trailer de cavalos e abriram fogo enquanto Gwen desaparecia nas moitas.

Depois de deixarem a casa de Strait, Web e Romano haviam seguido para o centro equestre, porque Web queria verificar uma coisa. Como já esperava, encontrou o pequeno ferimento no lombo de Comet. Gwen conspirara para matá-lo, mas depois mudara de ideia. Por causa da conversa entre os dois? Se assim fosse, Web desejou ter conversado com a mulher anos antes. Não tinha qualquer prova, mas parecia evidente que Gwen recrutara Nemo e seus homens para vingá-la pela morte do filho. Mas ele não sabia se fora a negligência de Billy Canfield que a levara à cama de Strait.

Encaminhavam-se para a mansão quando ouviram um barulho na área da piscina. Foram correndo, a tempo de ouvir o diálogo entre Gwen e Strait, a tempo de ouvir Gwen admitir que as pessoas haviam sido assassinadas por culpa sua, por vingança. Agora estavam no meio de um tiroteio, sem a menor possibilidade de pedir reforços. E o maior problema era que Claire e Kevin se encontravam no meio dos tiros. E Strait compreendeu a situação, porque gritou: — Ei, Web, por que você não se rende agora? Se não fizer isso, vou atirar na mulher e no garoto.

Web e Romano trocaram um olhar. Strait não sabia que Romano também estava ali. Romano se virou e seguiu para a esquerda. Web foi para a direita, mas parou logo depois.

— Você não tem a menor chance, Nemo. Os reforços já estão a caminho.

— Por isso mesmo. Sou um homem desesperado, sem nada a perder.

Ele disparou um tiro bem perto da cabeça de Claire, estendida ao lado de Kevin no deque da piscina.

— Mais duas mortes não vão ajudá-lo em nada, Nemo. Strait riu.

— Mas também não vão me prejudicar além do que já tenho a pagar.

— Diga-me uma coisa que ainda não consegui entender, Nemo. Por que a troca de garotos na viela?

— Mas o que é isso? Está querendo que eu me incrimine? Strait riu de novo.

— Olhe ao redor, Nemo. Já tenho todas as provas de que preciso.

— Por isso, se eu contar o que me pede, vai interceder junto ao juiz em meu favor, não é mesmo? Strait riu de novo.

— Posso tentar.

— No meu ramo de atividade, Web, a gente se relaciona com umas pessoas interessantes. E um certo camarada tinha algumas exigências. Ele é o tipo de sujeito que não se pode deixar de atender. E preciso que ele fique sempre feliz. Entende o que estou querendo dizer?

— Clyde Macy?

— Não vou citar nomes, Web. Não sou dedo-duro.

— Pois então deixe-me ajudá-lo. Macy tem o sonho de ser policial. Está sempre querendo provar que é o melhor. Queria se vestir como um agente do FBI, entrar na dança e tirar o garoto de nossas mãos. Apenas para mostrar que era capaz.

— Porra, Web, você daria um bom detetive.

— Mas talvez você não se sentisse tão confiante. Precisava de Kevin e não podia correr o risco de Macy se vingar no garoto. Precisava usar Kevin na viela, em primeiro lugar, para lançar as suspeitas sobre Big F. Mas também precisaria de Kevin mais tarde, como instrumento de pressão contra ele. Por isso, trocou Kevin pelo outro garoto. Assim, Macy poderia se divertir à custa do Birô, e se ele fracassasse, você ainda teria Kevin. Estou certo?

— Acho que nunca vamos saber.

— Mas onde está o outro garoto?

— Como eu disse, acho que nunca vamos saber.

O walkie-talkie de Web crepitou. Romano já assumira sua posição.

— Muito bem, Nemo, vou lhe dar mais uma chance. Você tem cinco segundos para se render.

Web não se deu o trabalho de contar até cinco. Passou a MP-5 para fogo automático e começou a atirar, metralhando o trailer por trás do qual Nemo e seus homens haviam se abrigado.

Strait e os outros jogaram-se no chão no momento mesmo em que Romano se aproximava por trás.

— Larguem as armas! Agora! — ordenou Romano.

Web viu, mas Romano não, porque estava de costas: um pouco de condensação que se elevava pelo ar entre as árvores. Condensação causada pelo frio se elevando do cano de uma arma. Era um erro clássico de alguém que conhecia de observação de campo e tocaia, mas não estava a par dos detalhes pequenos e decisivos que faziam a diferença.

Como atirador de tocaia, Web usaria seu bafo para esquentar o cano e eliminar a condensação.

— Seis horas, Romano! — gritou ele.

Mas era tarde demais. O tiro atingiu Romano na base da coluna, e o impacto da bala de alta velocidade derrubou-o.

— Paulie!

Outro homem rolou e apontou para Romano, mas Web liquidou-o com o 308. Prendeu a MP-5 no peito e sacou uma .45 com a outra mão.

— Romano!

Ele deixou escapar um suspiro de alívio quando Romano começou a se levantar. A bala passara pela blindagem, mas não pudera atravessar Link, a terceira .45 que ele mantinha ali, num coldre especial.

Outro tiro passou perto de Web, que se jogou no chão, no momento em que Romano entrava no bosque. Strait aproveitou a oportunidade para sair correndo, pegar Claire e meio carregá-la, meio arrastá-la para a picape ligada ao trailer.

Web levantou os olhos e viu o que Strait tentava fazer. Atirou nos pneus da picape. Strait gritou um palavrão e afastou-se com Claire pela escuridão. Web pegou seu walkie-talkie.

— Paulie, Paulie, você está bem?

Vários segundos ansiosos passaram antes que Romano respondesse. Sua voz estava um pouco trêmula, mas era o mesmo Romano de sempre.

— Quem atirou em mim não sabe porra nenhuma sobre queda de balas numa longa distância. Mirou muito baixo.

— Sorte sua. Só avistei a condensação do cano quando já era tarde demais. Aposto que é Macy, em algum lugar nas proximidades. Strait pegou

Claire. vou atrás deles.

Kevin Westbrook ainda está à beira da piscina.

— Tenho tudo protegido aqui, Web.

— Tem certeza?

— São apenas quatro contra um. Pode ir.

Web se virou e correu atrás de Claire e Strait.

Romano perdera a MP-5 e o rifle de tocaia não seria muito eficiente de perto. Ele sacou as .45s. Imitando Web, passou a mão por uma delas, para dar sorte. Apesar da bravata, quatro contra um não era uma boa possibilidade. Ele podia liquidar três e ainda ser morto pelo quarto homem. E ainda tinha de se preocupar com o atirador que o acertara. Ele se agachou e foi contornando as moitas que cercavam a área da piscina. Tiros foram disparados, mas ele não respondeu porque passaram muito longe.

Mas os clarões dos disparos indicavam onde estavam os adversários. Ele continuou a se mover e observar. Cada vez que um tiro era disparado, ele anotava a posição.

Os caras eram amadores, mas até mesmo os amadores têm sorte, ainda mais quando contam com superioridade numérica. Ele se agachou e viu o menino perto da piscina.

Kevin não estava se mexendo, e Romano pensou que talvez um dos tiros tivesse acertado o alvo. Mas depois o garoto ergueu ligeiramente a cabeça. Romano pôs os óculos de visão noturna. Podia ver agora qual era o problema de Kevin: ainda estava com as pernas amarradas.

Romano continuou a se deslocar, aumentando a distância que o separava do inimigo. Queria ter espaço suficiente para usar o rifle. Tinha uma luneta noturna e só precisaria de um pedaço de cabeça para trabalhar. Reduzir o número de inimigos a três, ou talvez um, para depois avançar com suas pistolas. Um a um, Romano derrotaria todos.

Seu plano era simples, de acordo com o manual. Observar os clarões dos canos. Continuar em movimento. Flanquear o inimigo. Depois entrar em ação, liquidar um ou dois. Os outros perderiam a coragem e se renderiam. Talvez decidissem fugir. Ele usaria então o rifle de tocaia. Esperaria que entrassem na zona da morte e acabaria com tudo. Uma voz gritou: — Ei, Romano, venha até aqui, sem a arma!

Romano não disse nada. Ocupou seu tempo em determinar o local exato de onde partira a voz, a fim de poder silenciá-la. Achou que era do peão que derrubara no primeiro dia no haras, mas não podia ter certeza.

— Romano, espero que você esteja me escutando. Porque tem cinco segundos para sair ou vou meter uma bala na cabeça do garoto.

Romano resmungou baixinho, enquanto se aproximava de onde vinha a voz. Não tinha o menor desejo de deixar o menino morrer, mas se se levantasse agora, a realidade é que tanto ele quanto Kevin Westbrook morreriam. Romano nunca entrara nesse jogo. Sua única opção era tentar matar todos, antes que atingissem o garoto, o que era praticamente impossível.

— Sinto muito, garoto — murmurou ele, para si mesmo, enquanto se adiantava e assumia a posição de tiro.

O homem que fizera a ameaça era mesmo o que Romano derrubara no centro equestre. Rastejava para a frente, de barriga no chão, empunhando a pistola. Parou, contou silenciosamente até cinco e gritou de novo: — Última chance, ERR.

Ele esperou um momento, deu de ombros, levantou-se e apontou para a cabeça de Kevin Westbrook, da cobertura das moitas. O homem não era um grande atirador, mas a execução não exigiria um alto nível de habilidade.

Todo o ar escapou de seus pulmões quando o gigante saiu do esconderijo e atingiu-o, com tanta força que ele foi cair a mais de dois metros de distância no deque da piscina. O gigante avançou para o menino e o pegou com um braço enorme. Depois, Francis Westbrook correu com o filho pela noite, disparando a pistola para trás.

Outro homem saiu,do esconderijo e apontou para as costas largas de Westbrook. Já ia disparar quando Romano surgiu e acertou-o.

Ele não sabia que o grandalhão era Francis Westbrook, mas não pretendia ficar de braços cruzados e deixar que alguém fosse baleado pelas costas. O único problema foi que assim revelou sua posição e levou um tiro na perna por ser tão altruísta. Romano tentou se afastar, mas no mesmo instante descobriu que havia várias armas apontadas para ele. Foi arrastado pelos três homens para o deque da piscina.

— O cara da ERR não é tão bom assim, no fim das contas disse um dos homens.

— Vamos dar um tiro na sua bunda — sugeriu outro.

Romano ficou com o rosto vermelho e contraiu as mãos em punhos.

— É melhor meter a cabeça dele na água e afogar o filho-da-puta, bem devagar.

Romano levantou os olhos e descobriu que a sugestão partiu do homem

que Westbrook jogara no deque da piscina. Era o mesmo cara que Romano derrubara em seu primeiro dia em East Winds. Tinha dificuldade em respirar e havia sangue em seu nariz, de arrastar na pedra.

— O que você acha, Romano? — indagou ele enquanto cutucava Romano no lado com a bota.

— Parece uma boa ideia — respondeu Romano.

Foi nesse instante que ele entrou em erupção, batendo com o ombro na barriga do homem. Os dois caíram na água, o que Romano esperava. Os outros atiraram, mas Romano e o homem haviam afundado tanto que as balas não podiam causar qualquer dano.

Um dos caras teve uma ideia que parecia brilhante. Correu para apertar o botão que fechava a cobertura da piscina. Enquanto se estendia sobre os dois homens na piscina, Romano não ficou nem um pouco preocupado. Sabia agora que tinha condições de sobreviver àquela batalha. Ele pegou a faca e cortou a garganta do homem, que ainda lutava. O sangue espalhou-se pela água. Romano virou o corpo. Empurrou-o pelas pernas, até sentir a cabeça do homem bater na cobertura, como se estivesse tentando aflorar à superfície para respirar. Ouviu então o que esperava, as armas disparando na cabeça. Ele baixou o corpo, mudou de posição e tornou a empurrá-lo para cima.

As armas tornaram a disparar, levantando pequenos esguichos. Agora, os homens lá em cima não tinham a menor dúvida de que os dois estavam mortos. Pelo menos era o que Romano esperava; mais até, contava com isso para sobreviver.

Ele tornou a baixar o corpo e soltou-o. Afundou lentamente até o fundo da piscina, a fim de se juntar ao que já se encontrava ali, o homem em quem Web atirara antes.

Agora Romano tinha de assumir a parte mais arriscada de seu plano. Deixou escapar a maior parte do ar restante nos pulmões, flutuou para cima e prendeu o braço na abertura do filtro, como se tivesse sido sugado para aquela posição, depois de ser morto com os tiros na cabeça. Enquanto a cobertura era aberta, ele torcia para que os homens não compreendessem a física de cadáveres recentes na água, ou seja, a de que afundavam, em vez de flutuarem para a superfície. Se abrissem fogo contra ele agora, estaria morto. Mas não foi o que aconteceu. A cobertura arrastou um pouco seu corpo. Romano não mexeu um músculo sequer. Ainda não chegara o momento.

Quando mãos se abaixaram e agarraram-no, para tirá-lo da água, ele também não se mexeu. Estenderam-no no deque, de barriga para baixo. Romano podia senti-los, um de cada lado. E foi então que ele ouviu. Todos ouviram. Sirenes. Alguém chamara a polícia. Um dos homens gritou: — Vamos sair daqui!

Foi a última coisa que ele disse. Romano se levantou de um pulo e acertou os dois sujeitos no meio do peito, com as facas que escondera nas mãos. As lâminas penetraram até o cabo, perfurando o coração.

Os homens o fitaram, aturdidos, enquanto caíam na água. Romano esquadrinhou o campo de batalha. Rasgou a camisa e usou um galho pequeno de uma árvore para improvisar um torniquete. Pescou a Link da piscina, a pistola que bloqueara a bala disparada para suas costas. Levantou a arma avariada.

— Mas que droga!

54

WEB SEGUIA STRAIT E CLAIRE DA MELHOR FORMA QUE podia. Alternava entre os óculos de visão noturna e os próprios olhos. Mas era muito escuro ali e até mesmo os óculos de visão noturna precisavam de alguma claridade ambiente para funcionar direito. Na verdade, ele confiava mais na audição do que nos olhos, mas não podia atirar em qualquer coisa baseado nisso, porque poderia muito bem acertar Claire, não apenas Strait.

Ele se aproximou da Casa dos Macacos, diminuiu a velocidade e finalmente parou. O prédio em ruínas parecia sinistro durante o dia; agora, era angustiante. Havia um problema. Se Strait estivesse lá dentro e Web passasse direto, sem revistar o prédio primeiro, poderia ser flanqueado.

Web avançou em silêncio, segurando a MP-5 com toda a firmeza. Entrou no prédio pelo lado sul, passando pelos destroços espalhados pela antiga prisão de animais. Raios de luar entravam pelos buracos no teto, à medida que as nuvens se deslocavam. A estranha claridade iluminava as jaulas arrebentadas. O cenário era um teste até mesmo para os nervos calejados de Web.

Era impossível atravessar o espaço sem fazer qualquer barulho. Web olhava em todas as direções, na esperança de ver alguma coisa que lhe proporcionasse o instante de que precisava para salvar sua vida e a de Claire... e acabar com a vida de Strait ainda por cima. Tinha de pensar também na presença de Macy, em algum lugar. Era um problema, porque o homem possuía habilidade tática.

Web tombou no chão de repente, ao ouvir um rangido à sua esquerda. Pôs os óculos de visão noturna e esquadrinhou o espaço metodicamente. Também olhou para cima, porque havia um passadiço. Foi quando ouviu o grito trancado.

Ele rolou no chão, e o tiro acertou no lugar em que se encontrava um instante antes. Levantou-se, a arma pronta para disparar. Parecia a voz de Claire, alertando-o.

Ele ouviu pés se arrastando no outro lado do prédio e depois correndo para fora. Já ia partir atrás quando viu a mesma coisa que observara antes, a condensação no cano da arma. Jogou-se no chão antes da arma ser disparada. A bala acertou uma das jaulas e ricocheteou, inofensiva, numa parede.

Era bom saber... Macy, se fora mesmo ele, não era bastante esperto para compreender seu erro anterior.

Web disparou uma rajada da MP-5 na direção de onde partira o tiro, levantando lixo pelo ar e acertando jaulas vazias. Quando parou e pôs um novo carregador, ouviu outra pessoa correndo. Ele saiu e recomeçou a perseguição, grato por deixar para trás a Casa dos Macacos.

Sentiu que estava se aproximando. Ao perceber um movimento à sua esquerda, tornou a se jogar no chão. O tiro acertou numa árvore diretamente por trás de sua posição.

Tiro de rifle, não de pistola, calculou Web. Portanto, era Macy de novo, não Strait. Provavelmente ele ficara para trás, cobrindo a retaguarda do chefe.

— O imitador contra a coisa real — murmurou Web. — Pois ele vai ver só.

Como franco-atirador, Web permanecia completamente imóvel quando estava de serviço. A norma dizia que, numa situação de equilíbrio, o primeiro homem a se mexer revelava sua posição e morria. Por isso, ele era capaz de permanecer deitado em total imobilidade, esperando para matar alguém. Era capaz de diminuir a pulsação e até controlar a eficiência da bexiga, a fim de poder passar longos intervalos sem urinar. Era como uma anaconda esperando no meio do mato pelo jaguar. Quando o animal se aproximava, a anaconda explodia em movimento, e não havia mais jaguar.

Deitado ali, Web se perguntou como Macy pudera localizá-lo de maneira tão eficaz. Começou a pensar no equipamento que o homem podia ter. Bates fornecera informações adicionais sobre o ataque aos Frees. Duas balas de 308 haviam sido retiradas das paredes. Se Macy dispunha do mesmo equipamento que a ERR usava, talvez tivesse também outra arma parecida com a que Web usava. Web recordou a foto de Macy no traje paramilitar. Todos aqueles elementos combinavam com alguém que sonhava em ser um agente.

Web deslizou para a frente, de barriga, fazendo apenas um barulho mínimo. Queria testar uma coisa, e denunciar sua posição parecia ser a melhor maneira de fazê-lo.

Um tiro passou perto dele.

Muito bem, era a confirmação, pensou Web. O cara também tinha visão noturna.

Ele pôs seus óculos de visão noturna e fez um reconhecimento da área.

Foi quando viu, apenas por um instante, mas era suficiente. Mais do que suficiente.

Clyde Macy se sentia satisfeito com sua estratégia. Sabia que os membros da ERR eram muito hábeis, mas sempre desconfiara de que eram também superestimados. Afinal, ele violara seu perímetro na base dos Frees. E alvejara um deles na área da piscina. Não ficara tempo suficiente para ver Romano se levantar. Quando Strait pegara Claire e fugira, Macy, sempre o subordinado leal, afastara-se para dar cobertura ao chefe. Strait fora bom para ele, tomando-o sob sua proteção no centro de detenção.

E quando Macy saíra e se desencaminhara no mundo dos Frees, Strait o procurara e o fizera entender a situação. Os Frees eram amadores. O desastre em Richmond mostrara-lhe isso. E Strait ressaltara que os Frees não lhe pagavam nada. e ainda esperavam que ele ajudasse a sustentá-los. E para quê?, indagara Strait, incisivo. Pelo privilégio de se associar com pessoas estúpidas? Ele aceitara o conselho e trabalhava para Strait há vários anos. O empreendimento atual fora o mais lucrativo. Ganharam uma fortuna com o tráfico de drogas, e Macy até acertara as contas com a Sociedade Livre como bonificação. Isso e mais a morte do velho Twan... tudo valera a pena. Agora que o plano se desvanecia tão depressa quanto as sirenes que se aproximavam, Macy tinha mais um objetivo: matar London. Isso provaria sua superioridade. De certa forma, Macy treinara durante toda a sua vida adulta para aquele momento.

Ele pôs os óculos de visão noturna e esquadrinhou a área em que vira London pela última vez. Era evidente que o homem estava perdido, movimentando-se daquele jeito.

Era superconfiante, mas de repente encontrara um inimigo à sua altura... na verdade, melhor do que ele. E agora era tempo de acabar com aquilo. No instante mesmo em que pensou isso, ele viu um farol verde apontado em sua direção. Por um segundo, Macy ficou aturdido, porque não sabia o que era. E depois compreendeu que devia ser um reflexo dos óculos de visão noturna de London. Ele mirou. Exalou todo o ar. Concentrou-se no dedo no gatilho. Ficou absolutamente imóvel. E disparou. A bala atingiu o centro do farol e a luz apagou. Foi só então que Macy compreendeu que seu próprio visor noturno, ligado na potência máxima, provavelmente projetava o mesmo farol.

Mas era preciso olhar por óculos de visão noturna para ver a luz, e ele

acabara de destruir o aparelho de London. Fora uma fração de segundo mais rápido, e por causa disso estava vivo, e London não. Era o que sempre acontecia.

Antes que Macy pudesse respirar outra vez, a bala atingiu-o em cheio na testa. Por um milésimo de segundo, a mente não reagiu ao fato de que metade da cabeça estava faltando. Depois a arma escapuliu de suas mãos e Clyde Macy caiu na terra.

Web se levantou de trás de uma pequena encosta, perto do lugar em que pusera os óculos de visão noturna no toco de uma árvore, ligando-o na potência máxima. Não dependera do farol verde que se irradiava do visor noturno de Macy. Assim que Macy disparara, no que pensava ser a cabeça de Web, o clarão do cano revelara sua posição.

Um segundo depois, tudo acabara. Resultado final: profissional, um; imitador, morto.

Só que ele não tinha tempo para refletir sobre sua vitória, porque o barulho de pés correndo pelo mato fez com que se jogasse no chão e apontasse o 308. Quando a dupla saiu da linha das árvores e entrou na zona da morte, Web hesitou por um instante. Depois, ficou de joelhos, o rifle apontado para o peito enorme do homem.

— Largue a arma, Francis.

Westbrook teve um sobressalto. Correu os olhos pela escuridão. Através da luneta do rifle, Web viu quando o gigante empurrou Kevin para trás, protegendo-o com seu corpo daquela nova ameaça.

— Sou eu, Francis, Web London. Largue a arma. Agora!

— Fique atrás de mim, Kev — disse Westbrook, enquanto se afastava da voz de Web.

— Último aviso, Francis. Largue a arma e deite no chão ou vai cair de outra forma.

— Estou tirando Kevin daqui, cara. Isso é tudo o que quero fazer. Sem problemas, sem problemas.

Web mirou um galho três metros acima da cabeça de Westbrook. O galho se partiu e caiu por trás deles. Era o primeiro tiro de advertência que Web disparara em toda a sua carreira, e ele se perguntou por que se dera esse trabalho. Kevin gritou, mas Westbrook não disse nada. Apenas continuou a recuar. E fez uma coisa que surpreendeu até a Web. Largou a arma, ajoelhou-se e levantou Kevin para suas costas. A princípio, Web pensou que ele usaria o menino como escudo. Mas Westbrook manteve seu

corpo entre Web e o garoto. E continuou a recuar.

— Sem problemas, ERR. Quero apenas sair daqui. Tenho coisas para fazer.

Web disparou outro tiro, na terra, à esquerda dele. Um segundo disparo de advertência. Merda! O que havia de errado com ele? Pegue o cara. Ele é um criminoso. Um assassino.

— Sem problemas — repetiu Westbrook. — Só quero sair daqui levando o garoto.

Web mirou a cabeça do homem. Mas compreendeu que não podia atirar em Westbrook com a munição que usava, porque era provável que a bala passasse até mesmo por aquele corpo enorme para atingir Kevin. Mas podia acertar nas pernas e derrubar o gigante. Pensava em fazer isso e procurava a melhor posição possível quando ouviu a voz de Kevin: — Web, por favor, não atire no meu irmão. Por favor! Ele só está me ajudando.

Através da luneta, Web podia ver o rosto do menino, ao lado do rosto do pai. Ele segurava no pescoço grosso com as duas mãos, o rosto cheio de medo, as lágrimas escorrendo pelas faces. Francis Westbrook parecia calmo, como se estivesse preparado para enfrentar a morte. Web recordou todas as cicatrizes na barriga do homem.

Era evidente que ele já encarara a morte muitas vezes. Tinha 120 em anos de branco. O dedo de Web deslizou pelo gatilho. Se Web atirasse na perna, Kevin poderia pelo menos visitá-lo na prisão. Era a coisa certa a fazer. Ele era um policial. O homem era um criminoso. Era assim que as coisas tinham de ser. Sem exceções. Sem a interferência de deliberações internas. Apenas atire.

No entanto, Web permitiu que os dois se afastassem entre as árvores e desaparecessem. O dedo de Web afastou-se do gatilho. E ele gritou: — Leve-o para casa, Francis. E depois é melhor começar a correr o máximo que puder, porque vou caçar você, seu filho-da-puta!

55

STRAIT TAMBÉM OUVIU AS SIRENES. NÃO PODIA ACREDITAR como tudo desandara rapidamente. A história de sua vida. Ele encostou a arma na cabeça de Claire e arrancou a mordaça. Já a desamarrara, para não ter de carregá-la.

— Lamento, dona, mas você é a minha garantia de sair daqui. Talvez nem assim eu consiga. Mas para que não tenha grandes esperanças, quero avisar que se pensar que vão me pegar vou atirar em você primeiro.

— Por quê? — balbuciou Claire, desesperada.

— Porque estou puto, só por isso. Porque dei o maior duro por nada, só por isso.

Ele a arrastou a caminho do centro equestre. Havia picapes e caminhões ali. Talvez ele pudesse pegar um veículo para escapar. Aproximavam-se do centro pelo lado leste. Ao avistar o enorme celeiro de feno, Strait sorriu. O haras era vasto e tinha uma topografia complexa. A polícia entraria pela frente, com toda a certeza, mas ele sairia pelos fundos. Quando compreendessem o que estava acontecendo, eleja teria se livrado da picape e alcançado a casa segura que montara para uma emergência. Desapareceria em seguida, não com todo o dinheiro, mas com uma boa parte.

Subiram por uma pequena elevação e começaram a descer para as baias dos cavalos. O homem surgiu da escuridão. A princípio, Strait pensou que era Macy, mas depois as nuvens passaram e o luar revelou Billy Canfield parado ali, com uma espingarda na mão. Strait puxou Claire para a sua frente no mesmo instante, encostando a arma em sua têmpora.

— Saia da frente, velho. Não tenho tempo para você.

— Porque a polícia está chegando? Fui eu mesmo que chamei.

Strait balançou a cabeça, com um olhar ameaçador.

— E por que fez isso?

— Não sei o que você fez na minha fazenda, mas sei que foi para a cama com a minha mulher. Deve pensar que sou idiota ou coisa parecida.

— Alguém tinha de trepar com ela, Billy, porque você não trepava.

— Isso é só da minha conta, não da sua.

— Claro que era da minha conta, e devo lhe dizer que foi muito bom. Não sabe o que perdeu, velho.

Canfield ergueu a espingarda.

— Quero ver você atirar, Billy. Os estilhaços matariam também esta simpática jovem.

Os homens se fitaram em silêncio, até que Strait consolidou sua vantagem. Ainda usando Claire como escudo, ele apontou a pistola para Billy e preparou-se para atirar.

— Billy!

Strait olhou a tempo de ver Gwen e Baron galopando em sua direção. Ele gritou, empurrou Claire para o lado e disparou dois tiros rápidos. E no instante seguinte uma bala acertou-o na cabeça, derrubando-o.

Web saíra correndo do bosque, avaliara de imediato a situação e atirara, matando Strait. Baron empinou. Os cascos da frente caíram em cima do corpo de Strait.

Web correu para Claire. Não precisava verificar Strait. Sabia que o homem estava morto.

— Você está bem, Claire?

Ela acenou com a cabeça. Sentou e começou a chorar. Web abraçou-a. Olhou para o lado e viu que Billy Canfield se encaminhara para uma massa escura, junto da qual caiu de joelhos. Web se levantou e foi até lá. Gwen estava estendida no chão, o peito coberto por uma poça de sangue, onde pelo menos uma das balas de Strait deixara sua marca. Ela fitou os dois, a respiração saindo em arrancos dolorosos. Web ficou de joelhos, rasgou a blusa e viu o ferimento. Lentamente, tornou a cobrir o peito e fitou-a. Sua expressão dizia a verdade. Ela pegou sua mão.

— Estou com medo, Web.

Web se inclinou, assim como Billy, ajoelhado ali, olhando para a esposa agonizante.

— Você não está sozinha, Gwen.

Isso foi tudo o que ele pôde pensar em dizer. Queria odiar aquela mulher pelo que fizera com ele, com Teddy Riner e todos os outros. Mas não podia. E não era apenas porque ela salvara sua vida, a de Claire e a de Kevin. Era porque Web não sabia o que faria se estivesse no lugar da mulher, com tanta raiva e ódio se acumulando ao longo dos anos. Talvez ele fizesse a mesma coisa, embora esperasse que não.

— Não estou com medo de morrer, Web, mas sim com medo de não encontrar David.

O sangue escorria da boca e as palavras saíam um pouco truncadas, mas Web podia compreender.

Céu e inferno; haveria isso? Talvez nem mesmo o purgatório fosse uma opção.

Os olhos de Gwen começaram a perder o foco. Web sentiu que a mão dela afrouxava a pressão.

— David... David... — Ela olhou para o céu. — Perdoe-me, Pai, porque eu pequei...

A voz definhou e ela começou a soluçar. Web presumiu que a mulher teria se arrastado para sua pequena capela se tivesse força. Ele olhou ao redor à procura de alguma coisa, qualquer coisa. E foi então que apareceu, sob a forma de Paul Romano, andando em passos desajeitados. Viera na picape presa ao trailer junto da piscina, apesar dos pneus que Web furara a tiros. Web correu em sua direção, olhando para a perna ensanguentada.

— Você está bem? — Apenas um arranhão. Obrigado por perguntar.

— Paulie, pode escutar a última confissão de Gwen?

— O quê?

Web apontou para Gwen, estendida na relva.

— Gwen está morrendo. Quero que você ouça sua última confissão.

Romano deu um passo para trás.

— Ficou doido? Por acaso pareço um padre?

— Ela está morrendo, Paulie. Não vai saber a diferença. Acha que vai para o inferno e não verá o filho.

— É a mesma mulher que planejou o extermínio da Equipe Charlie... e você quer que eu a perdoe por tudo o que fez?

— Isso mesmo. É importante.

— Não farei isso de jeito nenhum.

— Isso não vai te matar, Romano. Romano olhou para o céu por um momento.

— Como sabe?

— Por favor, Paulie. Sei que não tenho o direito de lhe pedir isso, mas devo insistir. Por favor. Não resta muito tempo. É a coisa certa a fazer. — Uma pausa e Web acrescentou, incisivo: Deus compreenderá.

Os dois fitaram-se em silêncio por mais um momento. Depois Romano sacudiu a cabeça, adiantou-se claudicando e ajoelhou-se ao lado de Gwen. Pegou sua mão, fez o sinal da cruz sobre ela e perguntou se queria fazer a última confissão. com a voz cada vez mais fraca, ela disse que queria.

Terminada a confissão, Romano levantou-se e afastou-se.

Web tornou a se ajoelhar ao lado de Gwen. Os olhos dela começavam a

ficar vidrados. Mas por um breve momento ela foi capaz de focalizá-lo, e até sorriu, como se agradecesse. A cada respiração, mais sangue saía de seu corpo. A semelhança com o ferimento que causara a morte de seu filho era impressionante.

Ela apertou a mão de Web com uma força renovada e balbuciou as palavras: — Sinto muito, Web. Pode me perdoar?

Web fitou aqueles lindos olhos, que se tornavam mais foscos a cada segundo. Naqueles olhos e nas feições da mulher ele viu uma imagem diferente, a de um menino que confiara em Web, mas com quem ele falhara.

— Eu a perdoo — murmurou Web para a mulher agonizante, na esperança de que David Canfield, em algum lugar, de alguma forma, estivesse fazendo a mesma coisa por ele.

Com isso Web recuou e entregou a mão de Gwen a Billy, que a pegou e tornou a se ajoelhar ao lado da esposa. Web observou enquanto o peito subia e descia, com rapidez cada vez maior, até que parou de repente. A mão ficou inerte. Enquanto Billy chorava baixinho sobre o corpo da esposa, Web ajudou Claire a se levantar, passou o braço pelo de Romano para ampará-lo, e os três se afastaram juntos.

Um estouro provocou um sobressalto neles. Quando se viraram, Billy estava se afastando do corpo de Strait, a fumaça saindo do cano da espingarda.

56

DURANTE OS DIAS SEGUINTES, A POLÍCIA E O FBI REVISTARAM tudo em East Winds, recolhendo provas, removendo cadáveres e tentando de modo geral entender o que acontecera.

Mesmo nas melhores circunstâncias, no entanto, isso levaria algum tempo. O corpo do menino que substituíra Kevin na viela foi encontrado numa cova profunda no bosque em East Winds. Foi identificado como um garoto que fugira de sua casa em Ohio e tivera o infortúnio de se encontrar com Nemo Strait e Clyde Macy, que com certeza lhe fizeram promessas de ganhar um dinheiro fácil.

Enquanto andava pela propriedade, Web só conseguia balançar a cabeça pela rapidez com que o cenário rural do haras se transformara num campo de batalha. Bates interrompera suas férias e supervisionava tudo pessoalmente.

Romano estava no hospital, tratando do ferimento na perna. Mas a bala não atingira osso nem artéria, e os médicos previam uma recuperação rápida e total para alguém que tinha as condições físicas excepcionais de Paul Romano. Web, no entanto, tinha certeza de que Angie fazia o marido passar por maus momentos por ter sido quase morto. Não havia a menor dúvida de que se alguém fosse matar Paul Romano ela queria ter essa honra.

Ao subir o caminho para a mansão, Web avistou Bates saindo pela porta da frente. Billy Canfield ficou parado na varanda, com o olhar perdido no espaço. Nada restara para esse homem, pensou Web. Bates viu Web e foi ao seu encontro.

— Que terrível confusão... — murmurou ele.

— Está bastante claro agora que a confusão começou antes de tudo isso acontecer.

— Tem razão. Descobrimos registros na casa de Strait e fomos atrás de seus fornecedores. Á bala que matou Antoine Peebles foi disparada de uma arma que encontramos com Macy. O corpo de Ed O'Bannon também já apareceu, jogado numa caçamba de lixo. Foi morto pela mesma arma. E o rifle que Macy usava quando você o matou era o mesmo que atingiu o juiz Leadbetter e Chris Miller.

— Um passe de mágica da balística. Você não adora quando as peças começam a se ajustar em seus lugares?

— Também examinamos a gravação do tiroteio em Richmond, como você nos pediu.

Web virou o rosto para fitá-lo.

— O que descobriram?

— Você tinha razão. Havia um som estranho na gravação. Um telefone tocando.

— Não era o som de uma campainha. Era mais como...

— Um apito?

É isso mesmo. Era um telefone celular. Você pode fazer com que a campainha soe como quiser. Esse tinha um som de passarinho. Ninguém jamais se preocupou com esse fato antes. Não era necessário como prova contra Ernie Free.

— E de quem era o telefone?

— De David Canfield. Um celular que a mãe lhe dera para qualquer emergência.

Web ficou aturdido, enquanto Bates acenava com a cabeça numa tristeza profunda.

— Era Gwen ligando. Ele nunca atendeu. Provavelmente foi a única maneira que ela encontrou para falar com o filho na ocasião. Só que escolheu o pior momento possível.

Não sabia que a ERR invadiria a escola, é claro.

— Então você acha que era por isso que havia telefones relacionados com todas as mortes?

— Nunca saberemos com certeza, mas parece que sim. Talvez ela achasse o seguinte: como não conseguira falar com o filho, queria que um telefone fosse a última coisa que aqueles homens vissem. Também deixou uma declaração por escrito em que eximia Billy de qualquer culpa. Creio que Gwen pensava que não sobreviveria, e tinha toda a razão. Confirmamos a inocência de Billy por outras fontes. E também conseguimos prender alguns homens de Strait que não estavam na fazenda naquela noite.

Contaram tudo o que sabiam.

— Ainda bem. O homem já sofreu demais. Bates balançou a cabeça.

— Os homens confirmaram que Gwen não participava do esquema das drogas. Mas tenho a impressão de que ela descobriu mais tarde e queria uma parte. E ela parecia tão normal...

— E ela era normal. Mas o que aconteceu com o filho acabou com a sua vida. — Web suspirou fundo. — Tenho todos os motivos para odiar essa

mulher, mas a única coisa que sinto é compaixão. Lamento que ela não pudesse aguentar. E em parte não posso deixar de pensar que se eu tivesse salvado seu filho, nada disso teria acontecido. Que talvez eu tenha causado mais mal do que bem.

— Não pode carregar esse fardo, Web. Não é justo com você.

— A vida também não foi justa com Gwen Canfield, não é mesmo? Os dois homens puseram-se a andar.

— Também tenho boas notícias. Foi reintegrado no Birô. Buck Winters está disposto a pedir desculpas pessoalmente, se você solicitar. E estou contando com isso.

Web balançou a cabeça.

— Preciso de algum tempo para pensar a respeito, Perce.

— Sobre as desculpas de Buck?

— Sobre a volta ao Birô. Bates parou, espantado.

— Está brincando? Sabe que toda a sua vida está ligada a nós.

— E é justamente esse o problema.

— Tire todo o tempo que quiser. Depois de tudo o que aconteceu, o consenso no Birô é o de que você deve obter qualquer coisa que quiser.

— É muita gentileza deles.

— Como está Romano?

— Mal-humorado e reclamando. Ou seja, está bem.

Eles pararam de novo e olharam para a mansão. Billy Canfield se virava naquele instante para entrar. Bates apontou para ele.

— Ali está a pessoa de quem sinto a maior pena. Ele perdeu tudo.

Web acenou com a cabeça em concordância.

— Lembra que ele comentou na festa que se devem manter os inimigos em campo aberto para poder vê-los todo o tempo?

— Bates balançou a cabeça e olhou ao redor. — Os inimigos dele estavam ao redor durante todo o tempo, e o pobre coitado nunca soube.

— É verdade.

— Precisa de uma carona para voltar?

— Vou ficar por aqui mais um pouco.

Bates e Web trocaram um aperto de mãos.

— Obrigado por tudo, Web.

Bates se afastou enquanto Web continuava a andar, sem rumo certo. Mas parou de repente, olhou na direção de Bates e depois para a mansão. Subitamente, Web saiu correndo para lá. Entrou direto e desceu a escada até

o nível mais baixo. Foi à oficina de taxidermia de Billy. A porta estava trancada. Web a arrombou e logo encontrou o que procurava. Pegou o pequeno pote com uma das mãos, foi até o armário de armas e acionou a mola oculta. Entrou na sala secreta. O manequim o espiava. Web virou o ponto de luz na parede para que iluminasse o boneco. Tirou a peruca e as costeletas. Abriu o pote e começou a aplicar o removedor de tinta no rosto. Saiu num instante.

Web continuou a trabalhar, até que a pele escura se tornou branca. Sem a peruca e as costeletas, a pele na cor original, Web recuou. Vira aquele rosto tantas vezes que seria capaz de reconhecê-lo no sono. Mas os poucos artifícios que Canfield usara para disfarçar o rosto haviam funcionado com perfeição. O homem cumprira o que dissera. Mantivera seu verdadeiro inimigo onde sempre poderia encontrá-lo.

Web sabia que olhava para Ernest B. Free pela primeira vez desde o tiroteio em Richmond.

— Sabe aqueles italianos de quem lhe falei?

Web se virou e deparou com Billy Canfield.

— Aqueles italianos que me ofereciam muita grana para transportar suas mercadorias roubadas? Lembra que eu lhe falei a respeito?

— Claro que lembro.

Canfield parecia envolto por um nevoeiro. Nem mesmo olhava para Web. Fitava Ernie, talvez admirando a sua obra, pensou Web.

— Ao contrário do que falei, aceitei uma das ofertas e fiz um bom trabalho para eles. Há cerca de quatro meses, eles me procuraram e ofereceram um favor, em reconhecimento pelos anos de lealdade à família.

— Tirar Ernest Free da prisão e entregá-lo a você?

— Os italianos dão muita importância aos laços de família. Depois do que aquele homem fez com meu filho... — Billy fez uma pausa. Esfregou os olhos. — Imagino que Gwen lhe mostrou o pequeno prédio que serviu como hospital durante a Guerra Civil.

— Mostrou.

— Foi lá que fiz o trabalho. Mandei Strait e seus homens buscarem alguns cavalos e despachei Gwen de avião para visitar a família no Kentucky. Usei alguns dos instrumentos cirúrgicos do tempo da Guerra Civil.

Ele se adiantou e tocou no ombro de Free.

— Cortei a língua primeiro, porque ele fazia o maior barulho. Já

esperava por isso de um verme como ele. Adorava fazer os outros sofrerem, mas não era capaz de suportar a menor dor. E quer saber o que fiz em seguida?

— O que foi?

Billy sorriu, orgulhoso.

— Estripei-o como faria com um veado. Cortei primeiro os ovos. Pensei que alguém capaz de fazer aquilo com um menino não podia ser considerado homem. E se ele não era homem, para que precisava dos colhões? Entende meu raciocínio?

Web não disse nada. Estendeu a mão para a coronha de sua pistola, embora Billy não estivesse armado. Canfield não notou ou, se notou, deu a impressão de que não se importava. Ele inclinou a cabeça e examinou sua obra de diferentes ângulos.

— Não sou um homem instruído. Não li muitos livros. Mas me pareceu uma espécie de justiça poética, creio que se pode chamar assim, que o velho Ernie B. Free ficasse trancado num compartimento em que escravos caçados procuravam pela liberdade. Mas ele nunca terá a sua... nunca terá liberdade. E eu sempre sabia onde se encontrava o filho-da-puta, em cada minuto de cada dia. Poderia mostrá-lo às pessoas, assustá-las, como se fosse uma aberração que atrai o público de um parque de diversões.

Ele fitou Web com a expressão de um homem que não pertencia mais ao mundo dos sãos.

— Não acha que é certo?

Web não disse nada. Billy balançou a cabeça.

— E eu faria tudo de novo, sem a menor hesitação.

— Como se sentiu ao matar um homem, Billy?

Canfield o fitou em silêncio por um longo momento.

— Foi uma merda.

— Isso aliviou um pouco o sofrimento?

— Nem um pouco. E, agora, não me resta mais nada. — Ele fez uma pausa, os lábios tremendo. — Eu a excluí de minha vida. Minha própria esposa. Empurrei ela para a cama de Strait, ignorei-a. Ela sabia que eu sabia, mas não dizia nada a respeito. E é bem provável que isso doesse mais do que se eu a espancasse. No momento em que ela mais precisava de mim, eu não estava presente. Talvez, se minha atitude fosse diferente, ela pudesse aguentar.

— É possível, Billy. Mas agora nunca saberemos.

Eles ouviram passos descendo a escada. Os dois saíram do compartimento. Era Bates. Mostrou-se surpreso ao ver Web ali.

— Esqueci que precisava lhe perguntar mais algumas coisas, Billy.

Bates olhou para o rosto pálido de Web.

— Você está bem? — Ele olhou para o angustiado Billy e voltou a fitar Web. — O que está acontecendo aqui?

Web olhou para Billy e depois virou-se para Bates.

— Está tudo bem. Por que não deixa para fazer as perguntas mais tarde? Billy precisa de algum tempo sozinho.

Web tornou a olhar para Canfield. Depois passou o braço pelos ombros de Bates, e os dois subiram a escada. Haviam alcançado o andar principal quando ouviram o estrondo. Um disparo da exclusiva espingarda Churchill.

Web já sabia.

57

WEB FOI VISITAR KEVIN WESTBROOK DOIS DIAS DEPOIS QUE Billy Canfield se matou. O menino voltara a morar com Jerome e sua avó, graças ao pai. Em parte Web torcia para que Francis "Big F" Westbrook conseguisse se aposentar. Pelo menos ele deixara o filho fora de suas atividades. A avó, cujo nome Web descobriu que era Rosa, estava na melhor disposição do mundo. Todos almoçaram juntos. Web levara a foto de Kevin e a entregara a Rosa. Devolvera também os cadernos de desenhos de Kevin que Claire havia levado. E teve uma longa conversa com Jerome.

— Nem vi o homem — disse Jerome. — Num minuto Kevin não estava aqui, e no minuto seguinte apareceu.

— Como vai o grande evento dos cookies!

Jerome sorriu.

— Estão no forno e estou prestes a aumentar a temperatura. Antes de Web ir embora, Kevin lhe deu um desenho que fizera. Mostrava um menino e um homem enorme, lado a lado.

— É você e seu irmão? — perguntou Web.

— Não. Você e eu.

E Kevin deu um abraço apertado em Web.

Quando voltou ao carro, Web teve um choque e tanto. Havia um papel no para-brisa. E o que estava escrito no papel fez Web olhar em todas as direções, uma das mãos na pistola. Mas o homem há muito desaparecera. Ele olhou de novo para o papel. Dizia apenas: "Eu lhe devo essa. Big F."

Outra boa notícia foi a descoberta de Randall Cove, encontrado por alguns garotos brincando no bosque. Fora internado no hospital como indigente, pois não trazia identificação. Passara vários dias inconsciente, mas finalmente recuperara os sentidos, e o Birô fora avisado. Também se esperava que se recuperasse totalmente dos ferimentos.

Web foi visitá-lo depois que Cove voltou de avião para Washington. O homem estava coberto de ataduras, emagrecera muito e não se encontrava no melhor dos ânimos. Mas estava vivo. O que era um motivo para se sentir bem, disse Web, recebendo um grunhido em resposta.

— Já estive no seu lugar — comentou Web. — Só que no meu caso não tinha metade do rosto. Você escapou fácil.

— Nada parece fácil. Nem um pouco.

— Dizem que os ferimentos de bala dão caráter à pessoa.

— Nesse caso, tenho caráter suficiente para durar pelo resto da minha vida.

Web correu os olhos pelo quarto.

— Quanto tempo vai ficar aqui?

— Não tenho a menor ideia. Sou apenas um paciente. Mas se me espetarem com mais uma agulha que seja, alguém além de mim ficará dolorido.

— Também não gosto muito de hospitais.

— Se eu não estivesse usando o Kevlar, teria ido para o necrotério. Tenho duas equimoses no peito que devem ficar comigo para sempre.

— A primeira regra de combate diz que sempre se deve acertar um tiro na cabeça.

— Ainda bem que eles não leram suas regras de combate. Quer dizer que você desbaratou a quadrilha que traficava Oxy?

— Eu disse que nós fizemos isso.

— E liquidou Strait?

Web acenou com a cabeça em confirmação.

— E depois Billy Canfield acrescentou um cartucho de balas de espingarda. Não creio que fosse necessário, mas provavelmente fez com que ele se sentisse melhor... mas nem tanto assim.

Cove balançou a cabeça.

— Posso compreender.

Web se levantou para sair.

— Fico lhe devendo essa, Web. E devendo muito.

— Não deve nada. Ninguém me deve nada.

— Ora, ERR, você fez todo o castelo de cartas desabar.

— Fiz apenas meu trabalho. E, para ser sincero, estou começando a me cansar de fazê-lo.

Os homens trocaram um aperto de mãos.

— Vá com calma, Cove. E quando sair daqui, deixe que o Birô lhe ofereça um bom e seguro cargo burocrático, em que as únicas coisas ruins serão as pessoas lhe enviando memorandos o tempo todo.

— Memorandos? Parece muito chato.

— Não é mesmo?

Web estacionou o Mach junto do meio-fio e atravessou a calçada. Claire

Daniels não estava vestida para o trabalho naquele início de noite quente. Usava um vestido leve, muito bonito, e sandálias. O jantar foi saboroso, o vinho, um bom acompanhamento para a comida, e as luzes, suaves e convidativas. Web não tinha a menor ideia do motivo pelo qual estava ali, com Claire sentada à sua frente, no sofá, as pernas encolhidas por baixo do corpo, junto da lareira vazia.

— Já se recuperou plenamente? — perguntou ele.

— Acho que isso nunca vai acontecer. Em termos profissionais, estou ótima. Pensei que o escândalo de O'Bannon arruinaria a clínica, mas o telefone não para de tocar.

— Muitas pessoas precisam de uma boa psico... desculpe, de uma boa psiquiatra.

— Na verdade, tenho tirado muito tempo de folga.

— Prioridades diferentes?

— Mais ou menos. Estive com Romano.

— Ele já saiu do hospital. Foi visitá-lo em casa?

— Não. Ele foi ao consultório. com Angie. Acho que ela contou que andava consultando um psiquiatra. Estou ajudando-os a enfrentarem seus problemas juntos. Eles disseram que não se importariam se você soubesse.

Web tomou um gole do vinho.

— Todo mundo tem problemas, não é mesmo?

— Eu não ficaria surpresa se Romano deixasse a ERR.

— Veremos.

Claire o fitou nos olhos.

— Você vai deixar a ERR?

— Veremos.

Ela largou o copo de vinho.

— Eu queria lhe agradecer por salvar minha vida, Web. É um dos motivos pelos quais o convidei para jantar.

Ele tentou manter a conversa inconsequente.

— É isso que eu faço, resgatar reféns. — A expressão jovial desapareceu. — O prazer foi meu, Claire. E me sinto contente por ter estado lá na hora. Um dos motivos... Quais são os outros?

— Não percebeu a minha linguagem corporal? Não leu nas entrelinhas?

Ela se esquivou a fitá-lo. Web pôde sentir o nervosismo por trás da atitude afável.

— O que é, Claire?

— Vou apresentar em breve meu relatório ao FBI. O relatório detalhando o que acho que aconteceu naquela viela, quando você ficou paralisado. Queria primeiro conversar a respeito com você.

Web se inclinou para a frente.

— Pode falar.

— Acho que O'Bannon fez uma sugestão pós-hipnótica. Uma ordem, uma instrução para que você parasse de fazer seu trabalho.

— Mas você disse que não se pode obrigar alguém a fazer uma coisa que não quer fazer ou que normalmente não faria, enquanto estiver sob hipnose.

— É isso mesmo. Mas há exceções a essas regras. Se a pessoa sendo hipnotizada tem um relacionamento muito forte com a pessoa que a hipnotiza, ou se essa pessoa é um poderoso símbolo de autoridade, a pessoa pode fazer alguma coisa fora do seu âmbito normal de ação, até mesmo machucar alguém. A razão pode ser o fato de a pessoa sentir que o símbolo de autoridade não obrigaria ninguém a fazer uma coisa que fosse errada. E segundo as anotações dele, O'Bannon estabelecera um relacionamento de confiança com você.

— Como se pode passar da confiança para a minha paralisia? Ele me fez uma lavagem cerebral? Como no filme Sob o domínio do mal — Lavagem cerebral é uma coisa muito diferente de hipnotismo. Exige tempo e é mais doutrinação. Através da privação do sono, tortura física e manipulação mental, muda-se a personalidade de alguém. Faz-se com que a pessoa se torne totalmente diferente, quebra sua vontade e seu espírito, para depois remodelar como quiser. O que O'Bannon fez foi incutir uma ordem em seu subconsciente. Quando você ouvisse a frase "Os danados para o inferno", a reação começaria.

Claire fez uma pausa.

— Foi acoplada à frase uma válvula de segurança, na possibilidade de que você a ouvisse ou outra parecida em circunstâncias diferentes. No seu caso, creio que a válvula de segurança foi ouvir a comunicação pelo rádio quando se encontrava na viela. Lembre-se que você disse que foi a ocasião em que ficou paralisado. Nas anotações de O'Bannon, havia um registro da história da arma Taser que você me contou. Portanto, a reação física que ele programou deixaria você paralisado. "Os danados para o inferno" e mais a comunicação pelo rádio fariam com que ficasse paralisado, como se tivesse sido atingido por um dardo Taser.

Web balançou a cabeça.

— E O'Bannon pôde fazer tudo isso com a minha mente?

— Creio que você é sonâmbulo, Web, uma pessoa muito suscetível à sugestão hipnótica. Mas quase foi capaz de superar a sugestão. Tenho certeza de que não deveria ser capaz de levantar e entrar naquele pátio. Aconteceu pela sua pura força de vontade, se isso faz com que se sinta melhor. Provavelmente foi seu feito mais extraordinário naquela noite, mais até do que a destruição das metralhadoras.

— E usaram a frase "os danados para o inferno" a fim de incriminar ainda mais a Sociedade Livre, porque esse era o nome do boletim da organização.

— Isso mesmo. Quando vi isso no site da organização na Internet, muitas coisas começaram a fazer sentido.

— É muita coisa para absorver, Claire.

Ela se inclinou para a frente, as mãos no colo. Subitamente, Web sentiu que estava de volta ao consultório, suportando outra sessão.

— Tenho uma coisa para lhe dizer, Web, uma coisa ainda mais desconcertante. Deveria ter falado antes, mas não tinha certeza se você estava pronto para lidar com a questão. E com tudo o que aconteceu, acho que fiquei com medo de contar. Em comparação com você, não sou muito corajosa. Para ser franca, em comparação com você ninguém é muito corajoso.

Ele ignorou o elogio e olhou fixo para ela.

— O que é?

Claire o encarou.

— Quando o hipnotizei, descobri muito mais além do fato de que seu pai foi preso na sua festa de aniversário de seis anos. Ela fez uma pausa. — Mas não podia lhe contar na ocasião. Teria sido traumático demais.

— Contar o quê? Não me lembro de nada acontecendo além da festa, e mesmo isso é um tanto vago.

— Por favor, Web, escute com toda a atenção.

Ele se levantou, angustiado.

— Pensei que você tinha dito que eu teria o controle total. Que era um estado de consciência aguçada. Foi o que você disse, Claire. Mentiu para mim?

— Geralmente é como falei, Web, mas eu tinha de fazer diferente. Por um bom motivo.

— O único motivo pelo qual deixei que entrasse na minha mente foi porque disse que o controle seria meu.

Web tornou a sentar. Fechou as mãos para que parassem de tremer. O que ele lhe contara sob hipnose além do fracasso da festa de aniversário?

— Há ocasiões, Web, em que você tem de tomar a decisão de não permitir que o paciente sob hipnose se lembre do que ocorreu. Não assumo essa decisão levianamente, e não foi assim que aconteceu no seu caso.

Web não pôde deixar de admirá-la. Na voz e na atitude, ela mantinha o controle. Ele não sabia se devia se inclinar e beijá-la ou esbofeteá-la.

— O que exatamente você fez comigo, Claire?

— Dei uma sugestão pós-hipnótica. — Ela baixou o olhar. — A mesma técnica que O'Bannon usou para fazê-lo ficar paralisado na viela. Assim, você não se lembraria de algumas coisas da sessão de hipnose.

— Tudo isso é ótimo, Claire. Sou fácil, a porra de um sonâmbulo... e não é problema interferir com a minha mente, não é mesmo?

— Web, fiz o que achei que era melhor...

— Conte logo, Claire! — explodiu Web, impaciente.

— Tem a ver com sua mãe e seu padrasto. Como ele morreu, para ser mais precisa.

O rosto de Web corou por um instante. Ele sentiu um súbito medo. E odiou Claire naquele instante.

— Já contei como ele morreu. Ele sofreu uma queda. A informação consta de sua preciosa ficha. Leia de novo.

— Tem razão. Ele caiu. Mas não estava sozinho. Você não me falou sobre uma pilha de roupas perto da entrada do sótão?

— As roupas não estão mais lá. Foram tiradas há muito tempo.

— Era um grande esconderijo para um garoto apavorado e maltratado.

— Como assim?

— Um grande esconderijo, a pedido de sua mãe. Ela sabia que Stockton subia para pegar drogas no sótão.

— E daí? Eu também sabia disso. Contei essa parte quando não estava hipnotizado.

— Também me falou dos rolos de carpete velho. — Ela fez uma pausa. — Disse que eram duros como ferro.

Web se levantou e recuou como uma criança apavorada.

— Isso é oficialmente uma loucura, Claire.

— Ela o forçou a fazer isso, Web. Era a sua maneira de lidar com o pai

abusivo.

Web sentou no chão. Pôs a cabeça nas mãos.

— Não estou entendendo nada, Claire. Absolutamente nada! Claire respirou fundo.

— Você não o matou, Web. Bateu nele com o carpete e ele caiu. Mas sua mãe...

— Pare! — gritou ele. — Pare com isso! É a maior besteira que já ouvi em toda a minha vida!

— Estou dizendo a verdade, Web. Se não fosse assim, como eu poderia saber dessas coisas?

— Não sei! — berrou ele. — Não sei de nada!

Claire se ajoelhou na frente dele. Pegou sua mão.

— Depois de tudo o que você fez por mim, eu me sinto horrível por tudo isso. Mas, por favor, acredite que só agi assim para ajudá-lo. Também foi muito difícil para mim. Pode compreender isso? Pode acreditar? Pode confiar em mim?

Ele se levantou tão abruptamente que Claire quase caiu para trás de surpresa. Web se encaminhou para a porta. Ela gritou: — Web, por favor!

Ele saiu. Claire foi atrás, as lágrimas escorrendo por seu rosto. Web entrou no Mach e ligou-o. Claire se aproximou com passos trôpegos.

— Não podemos nos separar desse jeito, Web.

Ele abaixou a janela e fitou-a enquanto os olhos inquisitivos de Claire o sondavam.

— Ficarei algum tempo longe, Claire.

Ela ficou espantada.

— Vai embora? Para onde?

— Vou visitar meu pai. Por que não analisa isso durante a minha ausência?

E ele partiu, sob um céu com os sinais de uma tempestade iminente. O Mach preto logo desapareceu na escuridão. Web olhou para trás uma vez, avistando Claire Daniels parada ali, iluminada pela luz que se projetava de sua casa aconchegante. E, depois, Web olhou pelo retrovisor e continuou a seguir em frente.

*

Sobre o Autor



DAVID BALDACCI, americano da Virgínia, formado em Ciência Política e Direito, é autor de best-sellers internacionais como Poder absoluto, Controle total, A vencedora, A verdade pura e simples, A protegida, O poço dos desejos e Por uma fração de segundo. Todos publicados pela Rocco.

Para outras informações, consulte o site do autor: www.david-baldacci.com